# Águas de Homens Pretos

## Imaginário, Cisma e Cotidiano Ancestral (São Paulo, séculos 19 ao 21)

Allan Santos da Rosa

Tese de Doutorado em Cultura e Educação

Orientador: Marcos Ferreira-Santos

Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo/USP
Maio/ 2021

Catalogação da Publicação
Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

RrosÁ

Rosa, Allan
Águas de Homens Pretos - Imaginário, Cisma e Cotidiano Ancestral (São Paulo, séculos XIX ao XXI) / Allan Rosa; orientador Marcos Ferreira-Santos. -- São Paulo, 2021.
390 p.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação Cultura, Filosofia e História da Educação) -- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Antropologia educacional. 2. Negros. 3. Intertextualidade. 4. Epistolografia. 5. Imaginário coletivo. I. Ferreira-Santos, Marcos , orient. II. Título.

Resumo: O vasto manancial simbólico das ***Águas*** compõe cada texto das cinco cartas destinadas a um ancestral. O princípio é contemplar veredas e movimentos de homens pretos na capital paulista, considerando um ancestral também o rio que se torna um córrego suburbano. As imagens aquáticas organizam o enredo. Nutrição, higiene, trombas d'água, estagnação, fluidez, fervura, regeneração, amolecimento, diluição, afogamento, reflexo e profundidade são orientes para compreender a sensibilidade, o cotidiano e legados negros na cidade de São Paulo, no Brasil e nos espaços de presença afro-atlântica. Por isso, também é necessário deslindar e decifrar as vigas e expressões da Branquitude, esmiuçar seus eixos que envolvem e atravessam os passos de pessoas negras. Para o lápis, para o jeito de observar, roçar, escutar e farejar cada trilha, a Cisma é elementar. É matriz estilística e fundura filosófica de cicatriz, de espera e de curiosidade. Ela se firma em bases históricas concretas; em fundamentos espirituais e comunitários pretos antigos; nos labirintos frutíferos da personalidade e na imaginação duvidosa, trocando ideias com vivências modeladas em raiva, sereno, desolação, traquinagem e sonho. Criando ninhos e revides.

Palavras-chave: História. Cultura. Educação. Ancestralidade. Imaginário. Símbolo. Homens Pretos. Identidade. Racismo. Branquitude. Negritude. Cidade de São Paulo. Cisma. Hidrografia da Cidade de São Paulo. Rios. Córregos. Esgotos. Segregação Racial. Periferia. Diáspora. Afro-brasilidade. Antropologia Social.

Abstract: The vast symbolic fountainhead of the Waters composes each text of the five letters destined to an ancestor. The principle is to contemplate the paths and movements of black men in the capital of São Paulo, considering the river that becomes a suburban stream as an ancestor. The aquatic images organize the plot. Nutrition, hygiene, waterspouts, stagnation, fluidity, boiling, regeneration, softening, dilution, drowning, reflection and depth are guidelines to understand the sensitivity, daily life and black legacies in the city of São Paulo, in Brazil and in spaces of Afro-Atlantic presence. Therefore, it is also necessary to unravel and decipher the beams and expressions of Whiteness, to break down its axes that involve and traverse the steps of black people. For the pencil, for the way of observing, brushing, listening and sniffing out each trail, the Cisma is elementary. It is a stylistic matrix and philosophical foundation of scarring, waiting and curiosity. It stands on concrete historical bases; in ancient black spiritual and communal foundations; in the fruitful labyrinths of personality and doubtful imagination, exchanging ideas with experiences modeled on anger, serene, desolation, mischief and dream. Creating nests and fights.

Key-words: History. Culture. Education. Ancestry. Imaginary. Symbol. Black Men. Identity. Racism. Whiteness. Blackness. Sao Paulo City. Schism. Hydrography of the City of São Paulo. Rivers. Streams. Sewage. Racial segregation. Periphery. Diaspora. Afro-Brazilianness. Social Anthropology.

ALFAZEMAS E ALECRIM

Dedico a Daruê o que há de amor, fortaleza e leveza nessa tecelagem. Cada milímetro, cada pedaço de história. Com felicidade e gratidão por seu existir, por cada momento e todo o conjunto. És um beijo do Tempo. Um milagre. O sumo do brincar e o cerne de lutar.

Agradeço a Dona Ana da Pureza dos Santos, Mãe. Mestra em Educação. Pela vida, por sustentar a pisada quando as toneladas gargalhavam amargas e a leveza era apenas um fiapo de sonho perdido. À bença.

À Njila, Pai, irmão, amante e filho do verbo. Ponte e carne de toda linguagem. Aranha, teia, vento e intersecções balanceiras. Regência.

À Mutalambô – Professor, chão e bússola. Fio luminoso na mata. Obrigado por me retesar o arco e mirar a flecha.

Ao meu orientador e amigo Marcos Ferreira-Santos. Se não fosse o senhor, creio que ninguém em nenhuma outra universidade desse país hoje teria me acolhido para essa estrada, para essa tecelagem. Tua confiança, luta, ternura, teimosia e doidice, teu ninho tão frutífero e pelejeiro, são os responsáveis pela linha que teci e pela régua agraciada que foi minha medida. Para sempre sou grato com doçura lacrimejada. Celebro.

À banca: Analu Silva Souza, Kiusam de Oliveira, Salloma Salomão e Tiganá Santana. Que honra! Muito obrigado pela gentileza, compreensão, generosidade, carinho, oriente e incentivo. Por cada sopro em minha caminhada.

Luciane Ramos. Por tua rara perseverança e sensibilidade. Inspiração e referência de movimento e peleja. Que o mundo mereça o baile da tua inteligência. Sorriso e suor doce de meu peito. Poesia, cada poro teu.

A Seu Luiz Carlos, Seu Waldir Dicá, Seu Oswaldo Faustino. Faróis, poços férteis. Resistência e anunciação são muito mais do que meras duas palavras. Obrigado por cada prosa e por ter pintado, afofado e lapidado os pedregulhos pontiagudos dessa cidade para nós. Apesar de tudo e de tanto, ela está mais possível para nosso passo.

Ao Quintal – Teu espírito, faculdade. Onde tudo foi preparado, deslindado, lacrimejado e enfrentado. Teto céu.

À Americanópolis, Jabaquara e todo esse berço rasgado, amado e problemático.

A Taboão da Serra, Angoleira eterna de minha cabeça.

A todas as quebradas que seguem cultivando no árduo, que me receberam bem e me ensinaram em São Paulo e pelas muitas cidades desse Brasil, das Américas e África onde estive.

Ao Berimbau, a Roda, Mestre Marrom e Mestre Pinguim. Infinito e imensurável a profundidade de suas escolas. A letra seja angoleira ou seja nada.

Às forças e invenções de Toni Morrison e dos caras Marku Ribas, Itamar Assumpção, Luiz Melodia, James Baldwin, John Coltrane, Mano Brown e Bob Marley. Com seus ardidos e serenos. A gana da criatividade e a coragem amorosa de mergulhar em nossas profundidades e dedilhar nossos labirintos e horizontes em suas artes. Por me comoverem nos abismos floridos de voar.

Vagnão da Brasa, Akins Kintê, Michel Yakini, Fábio Mandingo. Cada leitura foi uma vitamina. Fogo de cozimento, boca de colher temperada, farol e vereda.

Muniz Sodré, pelo manancial e pelo carinho. Pela dedicação aos detalhes, profundidade, traquinagem e gana da forma.

Edimilson de Almeida Pereira, Lígia Ferreira, Rafael Galante: Obrigado pela nutrição de suas pesquisas e por cada sugestão, indicação, sopro e porteira.

Leppe Hoji Kala, Tata Lemba Dyala e o Muna Nzo Kongo Dya Mayala Mavuemba Nkosi Biolê, pelo cultivo, guarda e traço. Nobreza.

Ao Samba, ao Reggae, ao Jazz, ao Rap. Pelo sentimento e confecção, pela guarida e rumo dados para a raiva.

Deivison Nkosi, Marcelo D´Salete, Allan Abbaddia, Adriana Moreira, Renato Gama, Melvin Santanna, Mariana Per, Nohora Arrieta Fer, Vitor Trindade, Cizinho Afreeka. Honras e alegrias me tomam a musculatura com suas presenças e obras.

Guinho, Mateus Subverso, Jeff, Nanal, Dugueto, Rômulo e Kenya. Mocambagem vibrante pra sempre.

Bruna Tamires, tua intuição e talento fertilizem os poros do vento. Obrigado por cada roda e por batalhar leituras.

Ilu Inã, Alabê e toda a turma. Obrigado por permitirem afinar e afiar o verbo da melodia e do pulso.

Movimentos Negros desde o século XIX; Movimentos e artistas das periferias, favelas e guetos de São Paulo e do Brasil. Minha intenção e obsessão é honrar, propor as dúvidas necessárias, desatolar dos alçapões brilhantes e das ponteiras enferrujadas. Integrar essa roda

Às 300 pessoas que participaram da defesa da tese. Momento encantado. Carne e suor vibrando na digitália. Cada uma trouxe uma palha e uma gamela pro ninho.

Ao Lápis. Madeira e grafite. Por tudo que permite em seu baile e fertilidade.

ÍNDICE


1 CARTA AO RIO, O CÓRREGO, O ESGOTO 6

*Escangalhado ainda canta, desenha e trança*

Veias d´águas quebradas na cidade 7

Vasto oceano, miúda gotinha. Dimensões de razão sensível. 16

Branquitude: cultura tradicional 38

A transparência alumiosa que aniquila. E os chorumes da degeneração 48

Regência das frestas, logísticas do terror e diluição envergonhada 64

2 UMA CARTA A SEU CLARO 80

*Cismar com o escriba de veredas e derrames*

Caldas do medo e do rancor - congelam ou borbulham? 83

Manancial bakongo – Tempos, mortes. 94

Águas da Palavra. Tinta e saliva. Cartas, segredos e cartilhas 106

Da fluidez de nadar e das águas estagnadas 137

Água e óleo - relações insolúveis, mesclas tétricas? 151

3 CARTA PARA MARIANO GAMA 168

*Letra ao sagaz deslibertado.*

A excelsa benevolência 171

Reflexo, águas que se esgueiram e profusão de claridade 191

Águas de regenerar, águas de se espraiar 201

Dilemas do espelho 217

4 CARTA A SEU DITINHO 252
*Uma missiva ao craque do São Geraldo*

Pé de terreiro, Balanço e Frescor 268
Águas que amolecem – matéria para suavizar dureza e esculpir gente 276
Traçada a preto ancestral: a modelagem das pessoas na pessoa 286
Águas que nutrem – a sustança do sublime 302
Lugar: cumbuca forte, tecido molhado, fronteira porosa 307

5 CARTA A JOÃO CARLOS DA ROSA, MEU PAI 318
*Ao terno e bruto sobre as Águas da Violência*

O vapor dos laços: dadivoso, peguento e perfumado 321
O banheirinho do quintal 329
Trombas d'água: prazer, pedagogia e domínio 334
A umidade da ironia 341
Lógicas do vagalhão e da gota fervente 349

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 370

# 1 – CARTA AO RIO, O CÓRREGO, O ESGOTO

Escangalhado ainda canta, desenha e trança

*“Todo o tempo não é um”*

(Verso de capoeiragem)

*“O cheiro horrível de esgoto no quintal*
*Por cima ou por baixo, se chover será fatal*
*(...)*
*Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual.*
*Calor insuportável, 28 graus.*
*Faltou água, já é rotina. Monotonia.*
*Não tem prazo pra voltar.*
*Já fazem 5 dias”*

“Homem na estrada” (Mano Brown - Racionais MC´s)

**Veias d´águas quebradas na cidade**

Salve, Rio! Salve, Córgo! Desculpe te chamar assim, e se te ofende não digo mais, mas também te nomeio de outra forma, tão falada pelas bocas infantis e anciãs por aqui, porque desse modo contemplo teu movimento e até prefiras: Salve, Esgoto! Para te nomear assim recordo o nobre e imenso capoeira Santugri, primeiramente batizado como *Heraclo*. Ele dizia que com esse chamamento não lhe poderia caber grandeza na roda e no cosmos do jogo. Recordo dele não pela história da iniciação que o destino lhe proporcionou, oferecendo na ocasião mais afiada seu nome de *Santugri*. Não, o que me vem à veia é o que ele dizia de seu mestre, o velho Quim-quim, que lá no começo do século 20, vivente do Recôncavo Baiano também em uma beira de rio assim como eu e já alforriado, já liberto para zanzar e escolher morada, suador entre cargas no cangote e enxadas na mata e talagadas de uma cana cristalina nos botecos de Acupe, proclamava que ainda preferia mesmo ser chamado de escravo, para “não perder a revolta”.

Pois, atentando à penúria e à soberania de tua presença, mesmo que infectada pelas formas como a cidade se fez agredindo águas, vou enveredar nesse mistério.

Com licença, Senhor Rio. Vou pisar leve e firme, vou sentir tua passada contínua e também vou farejando, injuriado por tua condição. Deitado pertinho da janela do meu quarto, nos fundos de minha morada, a que se abre ou se cerra por teu aroma desgracento. Caminhando cotidiano em sua beirada e esforçando a boca do estômago ao contrair a narina para aguentar o vapor das fezes e detritos que há décadas te compõem, vou ofendido por esse avesso de encanto, mas ciente que não és tu que me acutila com esse fedor estupendo e sim o desenho de porqueira que foi e que é a história das escolhas urbanísticas de nossa cidade. A São Paulo que decidiu transformar rios em bueiros, a que se habitua a anomalias. Isso se entrosa com o que se fez e se faz também com as pessoas pretas daqui, que são tema e vida neste caderno que escrevo: tornada a vida e a integridade um atoleiro, mas testemunhar e ser ainda resistência e anunciação, com a gana e a graça, com a ira e a ternura de quem persiste em fluir, em desenhar seu curso, mesmo que encalacrado e poluído em seu cerne.

O senhor ... Rio... Sinto que já és ancião e és menino, és rapaz e és homem feito. Nossa intimidade é desde minha infância, eu tão pequeninho e que nunca te presenciei imaculado. Imagino a tua esfera familiar, seu moço. Depois de tanto eu rodar as beiradas e miolos de São Paulo, me pergunto como se comunicam, tu e tua estirpe. Como poderia eu nomear tua família, a dos rios urbanos, dos córregos centrais, suburbanos e periféricos nesta São Paulo alastrada de águas, com vasto leque hídrico por todo seu perímetro? Cidade primeiro chamada de Piratininga, que significa “Peixe seco”, aquele que restava nas calhas e bordas após as tantas cheias. São Paulo: mananciais, mangues, desemboques. Portos, represas, canais. Chuás da Leste e da Norte, da Sul e da Oeste. Princípio dos nomes de vários bairros: Cachoeirinha, Rio Pequeno, Rio Comprido, Riacho Grande, Vila Gamelinha, Interlagos, Água Rasa, Água Funda, Barra Funda. Ou em sua lábia indígena, que prolifera nativa no chamamento de Jardim Guaraú, de Vila Jacuí, do Anhangabaú machucado de guerra, ainda emanando seus mistérios de Anhanga. Por todos os treze cantos da metrópole, extravasando mesmo os limites munícipes: serra dos cântaros, a Cantareira. Águas Espraiadas. Rios Aricanduva, Juqueri, Itapecerica, Tamanduateí, Ipiranga, Tietê, Pinheiros. Ou o Caminho do Mar, aqui do Jabaquara abaixo, avisando que vai cruzar Diadema para descer a Mata e viver o Oceano, zanzar pelo ar salobro.

Do fundo do quintal, com as vistas atravessando matagal e palafitas, fitilhos de rabiola e varais coloridos de fiapeiras, assistindo a sabiás, galos, ratazanas e gatos que pousam nos muros de rebôco despencado ou que se esgueiram entre cercas cambaias de pau, penso na mulecada do outro lado de ti, Senhor Córrego. Penso nas casas do lado-de-lá que emanam às nossas orelhas seus programas de rádio e seus xingos amorosos, suas gargalhadas e estralos de pancadas, suas conversas com as plantas e os cachorros, os riscos de discos nas vitrolas e também o despejo de detritos em ti, derramando baldes. Vez ou outra vêm ainda os gemidos de amantes que tocam nossa audição do lado-de-cá da pontezinha; vêm as tosses que acompanham as fumaças ilícitas baforadas pelos meninos ocultos entre touceiras, denunciados pelo silêncio repentino dos grilos e das cigarras, silêncio que grita do lado de cá das beiradas e barreiros. Recordo até a rivalidade entre nossos times na infância, a coleta de moedas e as pedinças para comprar troféus, medalhas ou mesmo guaranás: prêmios aos vencedores do jogo, do desafio da bola com as

traves de chinelo ou das disputas épicas sob o temporal que te unia ao campinho, desfazendo limites laterais e fronteiras fixas, movimento que reconheço na história das artes negras, tantas vezes rasgando ou desmanchando limites territoriais nacionais.

Enfim, do outro lado do córrego, na outra linha de barracos, janelas e lajes, os rivais. Rival etimologicamente é “quem habita o outro lado do rio”, o da outra margem. É espelho e relação, aquele com quem divisamos a história partilhada, como Ailton Krenak ensina na definição de “inimigo tradicional” que atribui às divergências entre o seu próprio povo Krenak ou com o povo Maxakali, gente com quem comungam o mesmo horizonte e leito de rio. Se há rivalidade nesse grau dizemos que há respeito e equidade, porque baseiam até união nas lutas e nos memoriais de seus tratos internos, superando tensões históricas perante quem desembarca, trama, queima e devora viventes sem os mesmos princípios, seja com tratores e espingardas ou por outro comum e brutal hábito de matar nativos tão estabelecido em nosso continente: contaminando nascentes. Envenenando tua família, meu parente Rio, para exterminar a gente, tudo que é ser vivente.

Entre rivais, com dignidade e ancestralidade orientando, há encontros de chefes diante de ameaças de fora que aportam com máquinas devastadoras e propostas infames. Há rivalidade e assim traçam suas identidades, compõem o jeito de se observarem e desenharem um ao outro e a si mesmos, com complementaridade sadia, contando histórias pontilhadas das relações traçadas com o “do lado de lá” em casos de guerras e de colheitas nas mesmas épocas. Isso se distingue absolutamente da forma como o olhar branco pintou os nativos, os negros e os que desqualificou como não-humanos ou de estirpe inferior e periculosa, geralmente porque lhes remetia a uma figura projetada em si, pertinente ao que seriam seus próprios “estágios primitivos”. Destas molduras entalhadas para colonizar despontam fobias e pingam obsessões. Preto aí é o que merece mutilação, cárcere, correia e desconfiança plena. O que é tição de volúpia e de repelência. O que se consome até o bagaço. Um rio feito esgoto.

Pois então, licença, Córgo. Que nem eu nem tu nos iludamos e pensemos que eu apresentando doutorado ou com passaporte pra palestrar em universidades internacionais, com selos de editora para publicar literatura ou estadias volta-e-meia garantidas em castelos e hotéis chiques, contemplava isso no meu *script* inicial. Eu

nada disso pressentia (talvez o senhor, sim). Não traçava em meus passos mais do que as corridas dentro de ti atrás de bolas e pipas catadas entre pedras, fezes, garrafas e às vezes cobras brancas e verdes. Tu te lembras aquela que amarrei em uma linha e fiz relo, rodando e arremessando ao alto para descer uma rabiola enganchada entre galhos? Não me pensava conhecendo teto mais alto que o destas mangueiras e jaqueiras ou que os sobrados da vila, nem fixado com mais aprumo do que aquele com que eu me fincava em teu lodo, vestido com grandes botinas que me passavam dos joelhos ou quase sempre descalço temendo cacos de vidro, receando cair de boca e ficar epilético como dizíamos que aconteceu com Édson Baianinho. É, meu mano Baianinho… aquele que nos temporais subia nos travessões dos gols para dançar só de cueca e gritava com a chuva enquanto lutávamos pelos troféus. O primeiro menino que vi de cabelo pintado de amarelo naqueles fins dos anos 1980. Onde andará?

Depois, na adolescência e juventude da fervente e baleada década de 1990, resvalando cadáveres quando ia buscar pão de manhãzinha, esquivando de tiroteios nos campos de bola e desencontrando amigos encarcerados, eu em movimentos entre o lícito e o ilícito alteava as vistas para as nuvens e perguntava se passaria de 22 ou 24 anos. Foi assim no cume daquele escadão da Rua dos Beija-Flores, sabe? Desespero, desalento, vontade de mergulhar em tudo em um mesmo dia, incerto de atravessar mais meses ou primaveras.

***

Se minha tia, minha vizinha, meu povo maloqueiro e minha gente do bairro e dos cortiços, favelas e quebradas não podem se matricular na USP, diante de tantas muralhas sutis ou correntes invisíveis que prendem pulsos e pulsações; se a linguagem e a espraiação deste texto não puderem alcançar quem as teses subestimam e afastam por seu hermetismo e empáfia; se estes escritos não puderem ser compreendidos pela leitura atenta e desejosa de quem nem mesmo adentrou a uma universidade, talvez terei fracassado.

Se eu não tiver umedecido a linguagem quadrada, se não estiverem aqui, no texto diluído ou vitaminado, fluente ou espelhado, as tantas ervas, frutas e aromas das mil leituras e referências teóricas e culturais em que mergulhei, terei fracassado.

Se os conceitos não tiverem sido redesenhados, saboreados e mesmo aprofundados em imagens, mantendo a massa maleável para a continuidade da modelagem por quem lê nos subúrbios e nas vielas, ou por seus filhos que teimosos adentrem no mundo da letra, terei sido derrotado por mim mesmo.

E também por isso recorro a ti, Seu Córrego. À benção.

Sabe? ... Me perguntam porque escrevo tanto sobre córguinhos, essa saliva cariada da cidade. Não sei. Talvez seja por isso aqui.. minha eterna parede de trás, o fundo de casa onde enchente já levou em tua canga até nossa máquina de lavar; onde cama boiou e moleques surfávamos em tábuas de passar roupa. Minhas primeiras letras foram com o dedão nessa tua silhueta, na fofa e barrenta beirada, hoje ainda mais fedorenta, porém ainda o caminho para a feira da rua Guian, onde às quintas-feiras eu vendia bananas na barraca da Dona Tereza. Era a primeira das quatro feiras da semana, contando as duas outras de sábado e domingo no Jardim Miriam e mais a de sexta-feira nas bandas da Fonte São Bento, histórica mina em que ao redor construíram a hoje igreja notória. Ainda semanalmente te atravesso, indo leve e voltando arfante com as sacolas pesadas de verduras e frutas na ponte bambeante de madeira, temeroso. Antes pulávamos rochas, hoje nelas há galinhas ciscando e meninos fumando sobre seus detritos.

Tem noite que o teu aroma vem em postas no ar e aperreia, invade os vãos da janela, mas teu som é o mesmo dos rios límpidos das montanhas. Corredeira de chiadinho bom.

Porém, com o aprendizado de teu curso e de teu jeito, com a experiência de ser contigo, com tuas políticas e estéticas, com os imãs e ninhos que essa cidade me abriu desde a adolescência, fui cambando pra muitos outros cantos e leitos suburbanos. Me movimentando na levada de lugares integrados aos seres de tua categoria, bem chegado ou respirando o sinistro, escorei e amei entre outras pinguelas de pau que balançam e trincam. Também enraiveci e gargalhei entre passagens d’água que hoje já são artérias subterrâneas de avenidas de quatro pistas ou linhas de favelas que eram estreitas e se encorparam, atuais labirintos densos. Pois é tanta a tua família paulistana, sim?

Na Zona Leste, na Vila Antonieta, colada na Vila Santa Isabel, o senhor sabe que há a grande avenida Rio das Pedras, que homenageia a água mais larga do

lugar farto de córregos, como aquele que o povo da área chama de Petrobrás, um entre os que desembocam na avenida. Do lado leste ainda, na Vila Carrão tem o Rio Rapadura, testemunha de tantas olarias e destilarias pretéritas da região. E por essas longitudes tão respeitáveis da capital também voga o distrito da Ponte Rasa, passagem antiga sobre o Córrego São Tomé, que nomeia a favela local, também conhecida como favela da Vila União. O São Tomé corre sinuoso até o começo da Penha, onde se junta com o Franquinho, que nasce onde hoje é a estação Artur Alvim. A junção dos dois forma o Tiquatira, famoso com seu nome tupi. E para atinar a compreender as contradições entre nome e percurso, pelas atmosferas dessas bandas desce também o Córrego Itaquera, termo que significa “pedra dura”, que nasce na Cidade Tiradentes, atravessa Guaianazes e deságua no Tietê sem jamais se desenhar justamente pelo bairro de Itaquera. Como será que se alastrou então, pelas solas e orelhas, transbordando e orientando coordenadas, essa palavra que nomeia teu primo? E como a Zona Leste é gigante, ainda cabe recordar Ermelino Matarazzo, das vielinhas sem saída que formam boca banguela pro córrego canalizado na época da prefeitura de Luiza Erundina, em obra negociada e dialogada com a comunidade Santa Inês, onde Pedro Peu, mestre do Batakerê orienta a jangada da dança de Angola. Ali colado por onde o córguinho Manganguá em dias de chuva trovejante já tinha engolido metade do quintal do meu camarada Dica Marx, poeta e violeiro. Projeto de canalização dali foi feito de jeito que a terra ainda consegue absorver a água, sem a batelada inteira de concreto. Manganguá, riozinho antes chamado de Tipijica, donde os mais velhos ainda gargalham lembrando as pescas de enguias, cascudos e bagres.

Na Zona Sul há o Córrego dos Freitas, que flui por baixo da Vila Prel. Quando chove com vigor, por toda sua casca hoje impermeabilizada, alaga na frente da AABB, na estrada de Itapecerica. Há um monte de teus familiares correndo para o Ribeirão do S, ao lado da hoje avenida Carlos Caldeira, picadilha antiga de peregrinos do Capão Redondo. E tem aquele Córrego tão formoso que corre paralelo à BR 116, na altura do km 291, na Estrada dos Godóis, cruzado por quem segue para Potuverá, na zona rural de Itapecerica. E aquele outro ao lado do terreno do CEU Guarapiranga, no Jardim Kagohara, o Córrego Itupu que corre para a represa. Ainda nessas bandas da Sul, quebrada amada e problemática, há o Córrego dos Mirandas, que brota da estrada do Campo Limpo na altura do Piscinão da Sharp,

artifício construído para acolher o chuvaréu que desemboca enchente - córrego que vai descendo para a avenida Giovanni Gronchi: parte aberto pro céu, parte já correndo por baixo de pedregulhos e asfalto. E tem mais tanto rio que desce do Campo Limpo e do Capão Redondo, pedaço bordado de terrenos baldios, matagais e barracos, repleto de riozinhos canalizados, como aquele que divide Capão e M'Boi Mirim, no ponto mais baixo do Parque Santo Antônio, antes do Sacolão das Artes para quem sobe do Terminal Capelinha. Tem tanta e tanta gente habitando nas suas beiradas, com casas no fio de desbarrancar. São dali também, com suas borbulhas e fundurinhas, que partem os que se juntam com mais córregos, como o Uberaba, e formam o notório Ribeirão do S, vizinho do Parque Arariba, onde anciãos também contam histórias de pescar por ali até mesmo peos anos de 1970.

No Butantã é aguaceiro. A fonte que a população luta para ser parque no Morro do Querosene. Mais o Córrego do Sapé, que nasce no Parque Raposo Tavares e deságua no Rio Jaguaré, canalizado pela construção da Avenida Escola Politécnica. Córrego ocupado pelo povo da renda miudinha, dos tetos e das mesas precárias, alocado nas margens ou mesmo sobre o Córrego, que luta pelo Parque Linear do Sapé, com construção de moradia para as famílias que foram arrancadas dali. E vizinha dali é a região do Rio Pequeno, de tantas corredeiras como o Córrego da Água Podre que passa por baixo do CEU Butantã. Ainda das bacias dali, pegado no Parque da Previdência, ondulou-se o Rio Tapera, canalizado quando foi feito o loteamento e o parque, calha esquecida na mata por quarenta anos e que se destubulou por conta própria, afluente do Rio Pirajussara, que por sua vez foi nomeado "Rio Jacarezinho" por quem ali brincou ou tirou areia para levantar seu barraco. Jacarezinho... imagino o porquê... E ainda dali, mas nas latitudes do Jardim Peri, desce o Córrego das Vertentes. Lembramos que mais adiante, rumo sul, brotam as notórias quatro minas d'água do Morumbi, na pracinha do ponto final da favela do Jardim Colombo. E as calhas dos córregos de Paraisópolis, onde tudo enche menos o antigo campo do Palmeirinhas, hoje chamado de Arena, iluminada com holofotes e com a drenagem que os amantes do time dizem com orgulho ser melhor que a do Estádio do Morumbi, pois ali nem tempestade breca o jogo.

Da mescla de Zona Oeste com Zona Norte, tem o Ribeirão Vermelho que corta o distrito de Pirituba, cruza a Vila Piauí, as quebradas do Jardim Rochedale, já em Osasco, e deságua no Tietê. Esse ribeirão presencia a fortaleza e a Poesia do Sarau

Elo-da-Corrente, no Bar do Santista, pois passa na sua porta. E no alto da bússola, na gloriosa, traquinas e sofrida Brasilândia, ali nas baixadas do Jardim Guarani, sabidos pela turma que desce do Jardim Damasceno e pisados pelos calejados do Carumbé, tem os córregos da Onça, do Canivete e do Bananal, que já ouviram tantas batucadas. Rios que batizaram e foram batizados... Me percebo sorrindo ao saber que um rio dali foi assim nomeado em razão da lida de um senhor que morava na sua beirada e ali confeccionava suas faquinhas. Ainda na Brasilândia também ressoa o glorioso Samba do Congo, no Jardim Vista Alegre, em homenagem ao Rio Congo que cortava a fazenda também assim intitulada e escoava por onde hoje é avenida Elísio Teixeira Leite. Que mistério se chamar assim... e como um nome vibra e mantém fundamentos. Também pelas galerias de lá flui o Córrego do Cabuçu de Baixo (porque o “de Cima” adentra Guarulhos), que percorre toda a avenida Inajar de Souza (salve, Fúria do Índio! Ê torcida fabulosa do sofrido e garrido Inajar Futebol Clube, celeiro de grandes goleiros e da bateria puxada pelo jovem Mestre Tô), córrego Cabuçu que desemboca no Tietê, na ponte da Freguesia do Ó.

E ainda para a zona Norte, proveniente da alta Cantareira e afluente do Tietê, como o Córrego Carandiru íntimo do pessoal da Favela Zaki Narchi, muitos cursos líquidos vão cantando aos ares ou seguem ocultos sob vias trepidadas pelos ônibus, como as sinuosas bordas do Rio Guapira que beija o Tucuruvi e rege os chiados aquáticos do Jaçanã ao Jardim Brasil, espalhado pelos vales que são pés de ladeira. É de muita presença hídrica o desenho das picadilhas e a demanda para as pontes das avenidas. Aliás, Guapira significa isso mesmo: “lugar onde começa um vale”. É da turma que borbulhava pela Vila Ede e Vila Constança, onde pivetezinho eu ia buscar dezenas de caixas de sapatilhas para minha mãe tentar revender nos hospitais em que ela trabalhava. Minha referência nessa travessia menina da cidade era chegar na famosa rua do Tanque Velho, íngreme e sinuosa, que reunia gente para suas torneiras, mote para higiene de peles e lavação de roupas, daí desenvolvendo para brinquedos, namoros e horizontes de criatividade, solidariedade e também de disputa por cantos mais favoráveis do tanque ou das pedras de quarar os panos. O senhor sabe como é, como somos nós humanos… Tu, testemunha antiga.

Mais para o centro, entre a alta avenida Paulista e o baixo Centro, importante demais o Ribeirão da Saracura, clássico do Bixiga, fluência da Bela Vista como o

Itororó que ainda desguia para o Córrego do Sapateiro, já no Parque do Ibirapuera, em memória do ofício de buscar no rio pedaços de couro dos bois, os do matadouro onde hoje é a Sala Cinemateca. Couros para os pisantes martelados e lapidados pelos mestres e seus aprendizes. São subterrâneos das avenidas Nove de Julho e da 23 de Maio, ainda tão celebrados pelos versos da Vai-Vai. Ali minha mãe saltava pedras atravessando o Rio Itororó, na lida entre os serviços em casas grã-finas ainda nos anos 1950 e recém-chegada de Minas Gerais, até trabalhar de costurar aventais e lençóis no hospital Beneficência Portuguesa, no pedaço que foi chácara do senador Vergueiro e onde hoje está o Centro Cultural São Paulo. Vergueiro, o bambambã da imigração no Brasil, na época do branqueamento como projeto oficial de Estado e de país, buscava na Europa trabalhadores no intuito maior de rarear a negritude daqui, em prol de uma astuciosa, envergonhada, autoritária e racista noção de “Ordem e Progresso” na virada dos séculos 19 pro 20. Mas depois falaremos melhor disso. Que por ali também fluía o Córrego do Lavapés, perto do centro mas então periferia, tangenciando o bairro da Aclimação que por sua topografia, verdejança e águas ganhou esse nome por causa da aclimatação que oferecia nas bandas do Glória, angariando gente vinda do Cambuci ou até do Glicério, socorrendo quem subia serras e estradas. Lavapés, córrego que originou e ratificou o nome da primeira escola de samba da cidade. Água de limpeza e frescor às solas que chegavam perto da cidade inchadas, descascadas e pontilhadas de vermelho. Lavapés: lugar e vitalidade, eixo e guarida, concentração e espraiação.

Quem sair da capital encontra muita água. Recordo o Córrego dos Meninos, na divisa de Santo André com a tão plena de águas São Bernardo do Campo, ali perto da Sacadura Cabral. E se adentrar mais para Mauá, da vasta comunidade do Jardim Zaíra, o córrego que beira muitos barracos, ruas e quintais é o chamado Corumbé. E isso de águas da Grande São Paulo vai dos próprios nomes de Caieiras a Rio Grande da Serra, e aflora de Arujá a Embu Guaçu por tudo que é terra e asfalto que faz fronteira com a capital. Águas precisadas de consideração também nessa mirada, nesse farejo, porque as páginas e pesquisas que puxaram elos entre rios e ruas se concentram demais no centro e quando muito atentam para os subúrbios. É muito rio e córrego em volta da capital, sim, Seu Córgo?

Há tanta água e há esse balancê entre os nomes oficiais dos rios e os conferidos pela gente do convívio. Nesse vau são infindos os sentidos e cortinas que se abrem. Pois é...

Acho que já rodei um tiquinho por essa cidade. Vivi camaradagem e também desdém, mordi amor e mastiguei desilusão. Me entrancei a várias brincadeiras e recitais. Congelei e sussurrei xingos em enquadros da polícia. Sorri aulas em bancas de educação popular e acionei a palma da mão em batuques, aniversários e ao carregar bandejas em almoços comunitários repletos de crianças metendo seus dedinhos nas vasilhas. Meus olhos vermelhos já foram manhãs inaugurando padarias autônomas com cafezinhos fumegantes, após brindar o que havia molhado as palavras noturnas. Já passei boemias e canseiras com o tornozelo moído e feliz, suei em bailes e lacrimejei em funerais, salivei em quitandas e sangrei em lajes, sempre pertinho de alguém de teu naipe, Senhor Córrego. Quentei minhas águas do corpo, meus humores. Aliás, os estudiosos da imensidão hídrica de São Paulo, essa cidade que giro e me fortalece, que me contraria e me comove, afirmam que não há ponto na capital em que possamos ficar mais do que 280 metros distantes de um rio ou um córrego, seja água exposta ou em galerias.

Tua família é imensa aqui. E em mim.

**Vasto oceano, miúda gotinha. Dimensões de razão sensível.**

Como foi se transformar em fezes, balneário de tintas químicas, garrafas e sacos plásticos? Corpo que não sente o envelhecer mas sim o conspurcar e que segue fluindo, chiando e transborda? O que leva, o que lava, o que ferve? O que guarda subterrâneo, o senhor? Me vem juvenil, me soa infantil, me sopra ancião. Também te sinto um mano. Te vejo íntimo e percebo na pele os seus mistérios, tuas decisões e dúvidas.

Sou um córrego feito gota a gota por ancestrais? Inclusive os que encontrarei à frente, os que ainda virão mas que já são? E feito pelos que ainda crianças já florescem maestrias, trazendo ensinamentos aos mais velhos, como vaticinam as africanias? E minha sombra a umidade, nesse tempo intangível que se espalha e que se grava móvel em meu passo e meu escoar? Opacidade positiva enquanto a visibilidade de meu corpo emana luz, seja nas afrontas para não ser esmagado, na delicadeza dos cultivos ou na posição declarada que aparece no tabuleiro de uma

sociedade que lima pessoas por sua cor. Opacidade para lidar com a vulnerabilidade de ser alvo e ser vitrine, bailando para não sermos meros peões descartáveis.

Aí para tua linha mais profunda o senhor encontra a altura do pico ancestral, o sol da meia noite, o que brilha no cume do ponto mais baixo da cruz kalungueira grafada no *Dikenga*, diagrama da nossa fonte kikongo, que é a língua do povo Bakongo. Diagrama que margeado pelo redondo percurso do sol em volta do planeta encruzilha todas as forças dos mundos e grafa a sensibilidade dos encontros de cada instante entre mortos, vivos e vindouros. Como sabes, o *Dikenga* traça ângulos e posições para nossa vida de acordo com os movimentos e posições do Sol, contemplando caminhos, desejos e possibilidades por correspondência com as imagens e momentos solares do surgimento matutino, do ápice do meio-dia, da descida do crepúsculo e do que voga insondável no invisível da atmosfera noturna, principalmente no cume da meia-noite. Ainda há algumas três décadas nós moleques aprendíamos a jogar o lixo no córrego, mandados pelas mães, aqui na vila sem a recolha das sobras pela Cia Vega Sopave. Recordo meu repuxo, meu arremesso do peso por cima da cerca e meu cinema de ficar assistindo os sacos boiando para longe ou se atracando num tijolo ou num galho. Te emporcalhando, eu, cheio de convicção. Inocente e soberbo. Em uma nesga de consciência me percebo quase ruminando a mesma soberba agora... Que pretensão minha seria, pequenino dos tempos, te interrogar se o senhor sabe de Kalunga, de branquitude, de modernidade, de negritude e hombridade, de ancestralidade. O senhor, testemunha vivente de mistérios, reviradas e épocas imersas nisso tudo. O senhor, próprio Kalunga.

Na teia simbólica das águas, no teu caos ordenado em cosmos, cabe o tapão e o carinho, o aço e a pluma, o duvidoso e o explícito, o fluente e o estagnado. O lugar comum e a profundidade. O atolar ou o refresco de quem te pisou em fuga ou em férias, no cotidiano lavadeiro ou no ritual brincante. Atalhando ou se espatifando. Penso em teu veio mais profundo e central, que guia toda a harmonia. A tua linha melódica primal, o traço que conduz teu desenho. Tu, escritor e escrita. Grafia. E penso na *middle passage*, a famigerada passagem do meio, o cerne da travessia atlântica, a linha guia para cada navio traficando gente sequestrada rumando entre África e Américas. Observo e escuto tua linha central, teu sulco mais escondido. Centro meus sentidos nos teus cursos que descem das colinas, os baixios que nos vales recebem favelas e que alinharam passagens e veredas onde se emendaram

trilhos de ferro e caminhos asfaltados. O tacho para o tal do progresso rechear, blindar e encouraçar.

Como recebe minha letra sobre tuas feridas e tumores, sobre nossas picadilhas e encantos? Sorrindo ou amuando para as ironias do vasto Tempo, essa teia de lugares dos acontecimentos? Se eu frisar o esmerdeado e o catinguento tantas vezes insuportável, confesso que em ti há o que me repele e o que amaldiçoo. O que talvez nenhuma descrição possível entre a petulância e a malungagem comporte, comprovando os limites e riscos da linguagem, diante de tamanho fedor e visco de esgoto, diante de tantos detritos e escombros em teu corpo. Te observo íntimo das ratazanas. E em teu escoar boiam melancolia e acidez, espumas e plásticos, excrementos e brinquedos espatifados. Perder tua saúde foi perder teu curso passado? Era rio que sabia de mar? Como passa e ao mesmo tempo se mantém? É mina sempre brotante o que te compõe com esses entulhos e sobras químicas e plásticas? Teu movimento te auxilia a esquecer ou te permite e te autoriza a recordar, inventor de novos minutos? Como é ser mercantilizado e desprezado ao mesmo tempo? Qual é a tua sede, Senhor Rio?

***

Essa é uma obra que faço sobre os símbolos como fundamento de pensamento e sobre o imaginário como esfera especial de compreensão, de razão sensível e de presença nos poros e líquidos do nosso corpo. É um texto sobre a matéria e suas imagens que permitem a decifragem e a ponte aos mistérios do coração humano, esse que guia e que aperta, que inflama e que se enamora à cabeça. Coração que na etimologia kikongo chama-se *Muxima* e significa também memória, bombeando e ritmando o movimento da vida pelas veias do corpo. As cartas para ti e as outras que vou enviar para outros homens, meus antepassados, são sobre Imagem, que não é apenas o que se vê e sim, bem além disso, tudo o que toca o coração e sugere planos, atmosferas e entendimentos.

Cismo com o símbolo Água para as solas que palmilham a cidade, para as unhas paulistanas que se sujam arranhando os muros e hortas da vida, que se quebram com as louças lavadas de cada história, para os faros e escutas que se acendem e fluem, que se murcham e se iluminam acarinhando a pele dos tempos.

Símbolo, no cosmoentendimento Bakongo, por exemplo, se entrosaria à arquitetura das ideias de uma comunidade, contemplando seu tecido vivo, seu organismo, suas bases e sua espraiação vencendo fronteiras e mantendo princípios que se adaptam a temporadas e lugares além-mar. Símbolo também é o que compõe um sistema, seja o que é chamado pela língua kikongo de *Fu (*que diz respeito ao funcionamento interno de qualquer sistema) ou ao que é nomeado como *Kimpa (*que é um sistema visto e apreciado de fora). Assim, o símbolo da água, molhada em musculaturas e com seus vapores pelos pensamentos de cada pessoa, bem figura a interdependência do que é plenamente orgânico, tangível, e do que é ideia, do que é abstração.. Água, universo plural e plurais universos em cada gota e bacia, é a constelação simbólica escolhida porque é vasta a gama dos horizontes que tu oferece para nos compreender, nos traduzir e nos expressar. És feito um saxofone de John Coltrane ou uma marimba de currulao tocada pela turma do Socavón, já pelos lados do mar Pacífico colombiano. Flui, sua, afoga, nutre, balança, regenera.

Água é ninho e é projeção pro nosso entendimento de ser humano, nós que pulsamos o ordinário e o misterioso bem trançadinhos. Água é cosmos para filosofar ardido e para a comoção e a sapiência que me capturam enquanto te escrevo e me comunico com ancestrais. A linguagem, que sonha ser água por desejar ser fluidez, abrir canais e ter direção e fundura, faz da morte algo reversível, assim como operam o rito, o culto e a … Imagem. Se ainda não há volta para o corpo de uma pessoa tornada cadáver, com a palavra plena desabrocham sentidos que não cabem em calendários rígidos que só andam em linha fixa para frente ou para trás. Com a palavra, com a linguagem, cismo que se entrelaçam os dedos dos tempos milenares e seculares, do concreto e do intangível.

Matuto sobre o Imaginário, Senhor Esgoto, esse novelo que se trança entre Temporalidades, é também uma encruzilhada entre o tempo histórico (regente desses fluxos que desembocam em tantos valores que carregamos no cotidiano, nos portos da política e nas contingências sociais) e o tempo ancestral, maestro do Destino, esta travessia que se desenha e que se colore com nossa ancestralidade em movimento, este tacho que enchemos com as caldas de nossas decisões. O Imaginário no corpo, na criatividade, no etéreo da ideia, no legado, pulsando em cada movimento com fundamento e também nas distrações; vibrando e conduzindo o nosso trato para cada objeto considerando seus sentidos, funções, silhuetas e as

sanhas que nos despertam na cozinha, no caderno, na praia, na ladeira, no quintal. Imaginário fundamentado na travessia atlântica e na pisada em territórios inóspitos e hostis, lidando com uma ordem que finca desprezo, desencanto e extração de força vital. Em nosso imaginário preto fulgura, mesmo que íntimo da sombra e do que se realiza oculto, o fundamento da mocambagem. Daí, improvável e fascinante, o prezar lutar e brincar, porque Alegria é a plena afinação e sintonia com o mundo, é o *álacre*, o ser alado com os pés sentindo o chão. Resistindo e anunciando. Cultivando com gana e graça o que vem de longe. Inventando. Aí também habita a Paz Quilombola, destacada gana de pesquisa de nossa ancestre Beatriz Nascimento. Em se tratando de Palmares, sempre recordando a base guerreira da linhagem Jaga/Imbangala que compôs o pensamento suado palmarino, ela ressaltava a dúvida sobre como se cultiva o tempo na comunidade que se organiza pela guerra em plena teia da truculência e da desumanização dos decretos e castigos coloniais. Como se desenvolve a vida em estado bélico quando se dedilha a paz possível? Penso nessa paz aflorando em vários momentos e lugares, festejos e refrescos, hortas e serenos, mantendo sempre um cílio, pelo menos um cílio, atento à porteira e aos precipícios. Ou um campana, mesmo o que depois sabemos que trai e entrega a passagem guardada. Cismo que essa sensibilidade é que se cultiva no nosso corpo de mandinga, relaxado em jogo mas também ativo no milésimo do ligeiro, conjugando o passo solto e o fio cabreiro. Tensão e leveza, fio elétrico que aprende a cantar com os ventos e com os sabiás que pousam em sua linha e voltagem. Sublime responsabilidade dadivosa.

Água compõe uma infindável bacia de interpretar a magia e a simplicidade do viver, orientando, arribando e demonstrando sensibilidades do Imaginário, Senhor Rio. As instâncias de nosso passo por esse planeta, com nossas obsessões e nossos sonhos, nossos gestos delicados, sublimes e patéticos, cheios de galhardia ou de hipocrisia, de coragem ou de hesitação, podem ser muito melhor compreendidas com o que o senhor oferece e ensina em cada uma das tuas formas e condições. Obrigado. O que acontece com tua matéria acontece com nosso espírito nas escolhas e arapucas de viver. Isto também nos propicia quando te observamos e te vivemos.

Água já baseou muitos discursos, ideologias e políticas. Neste caderno, por exemplo, reflito sobre sua potência de diluição e de dissolução quando recordo o

discurso oficial dos governantes brasileiros que mal ocultavam o desejo de aniquilamento de pretos e previam ao futuro desse país o branqueamento da população como item obrigatório ao que chamavam de progresso, na segunda metade do século 19 e nas primeiras décadas do século 20. Sabe que um mote dos mais usados era o “dissolver as águas negras e indígenas no caudaloso rio de matriz portuguesa”? Essa toada recheava editoriais e coretos parlamentares. Com esse texto, bacharéis, jornalistas e deputados apresentavam planos institucionais de ordem e de reformulação da população brasileira até nos Congressos Internacionais, naquele período que antecedia em algumas décadas o 13 de maio da dita Abolição da Escravatura e passando mais adiante ainda do que se chamou, com predomínio paulista, de Modernismo, pelas eras de 1922? Previam que hoje, ano 2020 depois de Cristo, seríamos uma diluída população ínfima, mera vírgula acanhada no parágrafo vivo desse país. Pois erraram bem, apesar de tudo.

Sobre tua característica de se ajuntar com outros seres e ocasiões, percebo o teu poder de amolecer a matéria dura, sendo composição com a terra para ser barro, ser argila, e penso na nossa versatilidade na modelagem de nossos objetivos, além de matutar também sobre o engessamento do que se resseca. Ainda observo sua habilidade misteriosa em se combinar com o álcool para ser fogo e compreendo o combustível e a ignição dentro do peito, a quentura que um líquido aciona, buscada por quem entorna a bebida que saboreia as companhias, que sarava tambores e mocambos sagrados, que celebra o bem viver mas que também se vazou para incendiar milhares de favelas e casas de pretos nesse país em seus recorrentes e incontáveis despejos em chamas suspeitas. Te penso, Água feita de fogo iminente, Água misteriosa do álcool, na sanha e nas atmosferas dos pensamentos que abre, nos prazeres e nas graças que abençoa, mas também sei na minha carne familiar o que é beber a cachaça por vício ou pelas correias em ti, quando apenas no álcool parece ser possível se encontrar a única e lamentável guarida. Sei assim, por dentro de casa e na pele, dos abismos e infernos que também são a piscina da pinga esponjando na alma e da força das enchentes nas cacetadas temperadas pelo bafo possesso da cachaça, na lagoa pegajosa que incha e não larga os pés saturados de tua força traiçoeira. Assim, se contradição for a constituição intrínseca de ser humano, enorme professor tu és. Penso também na tua junção com o ar para ser vapor que pode refrescar ou queimar e cozinhar, ser a força que explode balões ou

grãos de milho de pipoca. Ah, Seu Córrego… quanto essa habilidade de se compor nos mostra o que é vida e o que é Ser...

Porém, da tua família das águas, talvez dos preceitos mais básicos são o nutrir e o hidratar, e seus inversos ocorrem na fome, na sede e na secura que murcham, definham e matam, mostrando nossa fragilidade e nossa precariedade orgânica apesar de qualquer musculatura avantajada ou alta metragem. Expõem a necessidade de sobrevivência e ganham por isso inúmeros sentidos, que vão do mero gole de subsistência ao prazer da partilha, da dignidade da refeição solidária à chantagem orquestrada, abrangendo ainda a autoconsciência do comando dos meandros urbanos por parte de quem dominasse a provisão e controlasse a circulação das tinas e o abastecimento dos barris, como fizeram tantos escravizados urbanos nas capitais brasileiras encarregados de encher e carregar as águas no século 19. No naipe de alimentar veias e de evitar a sede da pele estão também o desfrute sorvido no paladar das bocas de amor, na doçura de chupar o sorvete ou até de extrair o tutano dos talos e ossos saborosos de um prato, garimpando e extraindo com os dentes cada jazidinha de arranhar e sugar.

Pela alimentação e pela hidratação, águas retratam e expandem o que gente faz, tanto pelas invenções com a cumbuca cheia de caldo quentinha nas mãos quanto pelas esferas que alcançamos ao dar substância às pelejas do coração, revigorando e alentando com as seivas do afeto. Cozinhamos muitas forças no viver, bebemos em inúmeras fontes para criar, resistir e anunciar. Regamos muitas plantas magníficas e também cultivamos muitas ervas imperfeitas e imprescindíveis, aprendendo a cuidar e legando esperança aos nossos dentros e arredores. Contemplamos a chuva e o orvalho, a terra porosa que bebe em seu tempo de assimilação, sem pressa mesmo que ávida. Já se ouve há muitos anos pelos becos e antenas que “água demais mata a planta”, como disse aquele verso do samba eterno de Totonho, pois a saturação é tão fatal como o abandono. Assim o senhor e tua família também nos ensinam do conforto, da boniteza e da praticidade de regadores, colheres, mangueiras e panelas. Exercemos o singelo e até instintivo movimento de beber, de molhar para viver. Nessa memória generosa, salve os poços! Poços que são das mais significativas faces da história dos povos negros paulistanos, pela provisão e pelo prazer em juntar turmas em sua beirada ao mesmo tempo em que não se esquecem os riscos e as mortes caídas em seus sumidouros.

A palavra é água? Senhor Córrego, ouço teu canto diário e teu sussurro noturno, contínuo. Flui o teu murmúrio, brada o teu grito em momentos de nervo aceso. Musical, a natureza das águas, sonora. Sobre expressão e escuta, sobre comunicação, sinto que é Escrita o teu traço na terra, o teu desenho de rio grafando na terra, linha que vejo quando trepo no alto dos muros ou me estabeleço na ponte. O senhor conhece por dentro duas varandas dessa sensibilidade: a *Soni* e a *Sona* do palavreado Kongo-Ngola. Em kikongo, *soni* é aquela dimensão mais profunda, a subterrânea inversa ao Sol do meio-dia, aquela banda por onde o Sol se firma quando nas alturas daqui é meia-noite. O ponto do ápice. Sentido e destino do que é inconcebível completamente para a gente de cá, imagem da morte em seu enigma e movimento. Cume dos ancestrais lá por debaixo do chão, lá por onde o senhor penetra Rio. E *sona* é palavra parente que significa escrita, grafia e é jogo que se pratica até hoje no nordeste de Angola pelos mestres que ensinam contando histórias em tabuleiros, escrevendo diagramas na terra e na areia onde não se pode cruzar por duas vezes com o dedo o mesmo traço, em complexidade e nitidez mais estudadas por lá hoje em livros de geometria do que nos tratados do verbo. *Sona*, verbo de escrever, alinhar mistérios e por eles tocar as funduras da sensibilidade e das histórias, assim como é teu risco na terra. Nada difícil entender porque a mesma raiz dançante para essas duas palavras, sim? De ti traçando no chão, não carece observar apenas do avião, pois já criança do alto dos morros da Vila Clara e da Vila do Encontro eu perscrutava teu delineamento no rumo entre o asfalto e o barreiro. Com as íris mais próximas contemplo a escrita do filete de água na rocha, na sarjeta e nas bases das palafitas. Calígrafo no barro, tu és ancestral da saliva, umidade que garante a fala. És símbolo da prosa e da poesia, água que flui. Todo o canto e toda tinta no caderno é neta do que me diz. Aqui na esquina da rua de baixo, te encontro, Córrego de minha vida, Esgoto de minha constituição. Na esquina aqui da Rua dos Guassatungas com a Rua das Cruzadas te admiro a linguagem, te ouço e me captura pelo som, primeiro me perguntando malicioso se aceito o convite, como um livro entreaberto ou um forró escapando de uma bodega por onde eu passe desavisado.

Me mostra íntimo a prova de esperança, persistente em enfrentar nojeiras. Me conta arrelias e lamentos em melodia repetitiva, feito um violino funk de Tim Maia numa vibração de uma nota só, até que alterna timbres e alturas ali, para se abrir outra nota acolá, ao esbarrar num bocado de lixo ensacado e jogado em teu leito, em

teu peito. Num único tom persistente e leve, me chia limpo e conta como é simples crer e sentir o futuro novamente cristalino. Te testemunho e sentindo tua força singela me pergunto se chega a ser de teu querer permanecer assim, fingindo-se de morto. E que retomará o curso, a força e a claridade quando fizer a hora. Será maestria na arte da opacidade? Porém, logo reencontro o asfalto, menos convincente. E a seguir fito os seres humanos, cada qual uma encruzilhada de sete caminhos, que te imitam talvez sem saber. Quanto invento enquanto te escuto? O que eu crio ao te ler, independentemente de tua intenção discursiva?

Mesmo imundo, tua musicália se espalha. Sutil prevalece na atmosfera madrugueira. Possesso em horas de aguaceiro, ribomba também em humores imprevisíveis para mim. Mescla distinções entre grave e agudo, silva roçando em semi-colcheias. Roça nas orelhas, ainda que distante, o senhor. Adentra suave em climas propícios a flertes ou urra pelas janelas, envolvendo os temerosos de teu sotaque bravo. Talvez ressoe pelos vales e bueiros porque também és boca que engole e cospe, que assovia e canta. Compondo cenários de arredias divergências ou adoçando paqueras, marcando presença que se propaga em alto volume feito uma marra maloqueira de quem perde o código da postura da quebrada. Penetra frequências radiofônicas e muitas vezes é o miolo em movimento da favela. Levanta tua voz e espalha tua assinatura no vento. A desarmonia entre teu cheiro e tua voz será um segredo que eu ainda não soube desvendar? Talvez nos iluda e goze como os cascateiros, os inventores de histórias e chacotas. Talvez por serem aprendizes de tua lábia é que os pescadores bordam suas clássicas menti... opa, seus clássicos exageros, glórias e certezas do que ninguém viu.

Outra instância tua tão presente em nossas narrativas é a da instiga em mergulhar e lidar com o oculto, o profundo, porque a imersão também é marca e metáfora de tantos gestos e ímpetos, sejam os desbragados ou os controlados por medo ou sabedoria. Quilômetros e quilômetros de submersão nos simbolizam a profundeza dos sentimentos e dos segredos, os traumas e os deleites de pessoas com quem nos relacionamos e são sempre mais do que estereótipos ou do que previsões simplistas. Neles afundamos, contemplamos cavernas, floras e faunas abissais de nós mesmos, aprendemos a controlar a respiração e nos descobrimos em natureza de ser peixe, remetidos de volta a alguns princípios da vida, seja como zigotos ou girinos ou ainda como acolhidos em placentas. Na fundura dos metros

aquáticos a pressão tão grande na respiração pode fazer desmaiar, estourar o prumo e as narinas imersas. É sapiência em torneios ribeirinhos e marítimos de mergulho a difícil e necessária habilidade em subir bem vagaroso, enquanto o corpo avisa que está estourando e acena que vai se apagar. Que ensinamento de lidar com a profundidade este que na borda do desespero exige o autocontrole de nadar bem devagarinho até a superfície, centímetro por centímetro acima sem acelerar nem um átimo de movimento.

Tua pedagogia de funduras é matriz de pensamento de espaço, vivido ou desenhado como cinema que ainda não se viu. Afundar como derrocada ou como imersão em um desafio é exercício de delicadeza e maestria, de descoberta na lida com o mais escondido em nós e no ambiente abissal. Reencontrar navios e defuntos tão nossos, colher o que na superfície e na terra firme será prêmio à memória ou até mesmo às mãos do povo. Do título de parvo ao de herói, do estatuto de ser besta ou ser vencedor, a linha de divisa pode ser tênue como um fio de água mas também pode ser imensa como o fundo dos poços. Assim, saber emergir é senha nossa, ruidoso desafogo, seja se desgarrando de situações difíceis ou aparecendo de surpresa aos incautos, para jorrarmos sendo o próprio jato de libertação do grito solto.

A libertação após a ameaça do sufocamento é metáfora que amacia a boca do estômago, a garganta presa e a fronte oprimida. Nos perfaz com perfeição em tantos instantes terminados com sequelas ou com abraços de alegria incalculável, tão extasiados que quase novamente nos sufocam, mas pelo júbilo. Nesta obra que escrevo, o teu transbordar, descarregar e vazar de calhas de córrego, de bacias de banhar ou de taças a brindar ficou escancarado para mim como um modo humano de viver, rompendo limites, libertando feras das goelas e do que espreme o coração, mesmo que na forma de um afago ao deslizar tua ternura, jeito por vezes mais árduo e difícil do que jorrar um murro e transbordar o grito.

Ah, essa tua família… O mar e sua vastidão, tanto quanto a piscina e os chafarizes, nos orientam penetrando-se em sabedorias caladas de quem foi aos teus recônditos e retornou. Nos apresenta a situação do ser de paradeiro desconhecido que angustia quem espera sua aparição ou daquele que se busca sem pistas. Daí se remói a saudade de quem sumiu em profundezas do mar da noite ou pelas águas extensas dos tempos. Desafio de navegante abandonado ou de quem se prostra à espera na beira da praia é equilibrar esse conhecimento ardido, essa nostalgia entre

as decisões cotidianas, no trato memorioso com amores perdidos e também no equilíbrio dos desafetos com os inimigos que por vezes até declaram que sequestraram ou abateram nossos entes mais queridos.

É no mais íntimo e asqueroso de nossa história que também mora o tema pulsante da travessia. O senhor já escutou de quem brincava de barquinho algumas confidências desse naipe? O tráfico escravista através do Atlântico que marcou as diásporas africanas formiga no peito e é pilar de nossa consciência hoje e talvez para sempre. As tão distintas e contraditórias maneiras de navegar, de sobreviver a porões infectos, de se comunicar além das praias e de aprender a pisar ao descer da jangada balanceira conferiram ensinamentos transmitidos e partilhados por inúmeras gerações, trocas varando limites territoriais alastrando-se como infiltração na muralha, alagamento que encharca peregrinos ou poça crescente que breca passagens.

A noção da transformação e da adaptação após cruzarmos distâncias gigantescas ou mesmo as que exigem apenas alguns pulos nos educa a cada mudança exigida, vencida ou adiada. A travessia na rota dos tubarões combinou largura e fundura, as vistas não davam conta de encontrar margens e nem amparos seguros em alto-mar, o que baseou movimentos desconsolados, arreios agoniados, saltos desesperados e também façanhas de ousadia e resistência, como a tomada de naus pelos famélicos e esfiapados. A lida com esse trauma do arrebatamento, da travessia coagida, muitas vezes enferma e com episódios de lamentável superação, pode encontrar seu paralelo nas nossas relações com amarguras e problemas que parecem distâncias estarrecedoras. Também desponta esse temor da travessia quando sem a companhia e o pilar de nossa gente do peito, pelejamos com grandes inimigos que habitam nossa cabeça, de aparência inóspita e invencível. Nos deparamos com nós mesmos e profundidades amedrontadoras, em plena sensação de travessia a cada dia.

Ainda existem as pedagogias do ato de nadar. Há quantas primaveras ninguém nada em ti, Seu Córrego? Enfrentar com os braços a água que convida ao desafio, seja ela plácida ou remexida em ressacas, também é dessa seara simbólica que mescla o orgânico e o psíquico, o ideológico e o carnal, sim? Há quantas ondas e corredeiras já passadas o senhor não sente alguma pessoa repousar contente em ti, ofegando perplexa ou sorridente após superar a experiência desafiante da

travessia, aportando em tua borda para desfrutar a visão dos trechos nadados e sentir a força muscular ainda latejante? Digo desses movimentos que estão na veia do entendimento da nossa presença pessoal, a comunitária ou a da solitude. Assim como ficam as tatuagens na memória após sobrevivermos a um afogamento ou ao atrevimento de enfrentar águas bravas, vivências que começam com um impulso inicial desbravador, um pulo decidido a encarar um grande desafio. Vencermos na braçada a mudança drástica nas condições da água que surgem após o mergulho nos ensina sobre o corpo, as surpresas e a integração ao ambiente. É uma metáfora porosa para a lida com muitos ribeirões da vida. E a tranquilidade de boiar é inteligível para muitas outras esferas do viver em que a paz de flutuar encontra o balanço macio do colo, do sossego que é contrário à guerra, da calmaria que nos dota o avesso dos redemoinhos, das correrias e aflições.

Porém, deparar-se com águas intransponíveis e perceber que não há braços ou técnica suficiente para as vencermos a nado ou conduzindo uma barca que se percebe frágil, nos impele para a atenção plena no manejo das navegações ou a encontrar pontes e construir passarelas. Isso há muitos séculos nos orienta a engenhar e a criar técnicas de construção que garantam solidez e permanência, além de dar substância ao nosso filosofar quando exercitamos a intuição diante dos desafios. Teus e meus parentes oceanos, o riozinho, a lagoa ou até mesmo a poça nos pedem a ação de cruzar ou de arrodear o que não se pode atalhar, assim como em momentos de barreiras da vida, daqueles que nos desenham dimensões do tempo ao tramarmos o jeito, a condução e até o prazer em pisar um caminho sensivelmente arquitetado por nós ou nossos ancestrais.

Sim, Senhor Esgoto, é generosa a lição que oferece a Água às pessoas sobre a pequenez e a pujança, sobre a persistência e a desistência. O senhor sabe que negociar com dignidade também foi importante em uma história marcada por conflitos e interdições brutais como a nossa, negra diaspórica em país truculento e fatal. Pois em rios e terrenos ariscos ou em lagos e seios amigos, construir pontes foi estratégia e é também tática de alargamento de possibilidades. Apesar de tantas passagens de traições que nos trincaram a ponte em pleno passo, tantas passagens em que a lealdade trocada por interesses mais vantajosos rachou ou desparafusou eixos das pontes e conhecemos o que é despencar para experimentarmos a queda, também foram nas pontes trazidas pela precisão das pessoas cruzarem as águas que se

fertilizaram e se conquistaram meios de autonomia, de ascensão ou de chegada a novos territórios.

Da violência de tuas enxurradas e do indomável de tuas ondas, da fúria de teu arrastão e dos rodamoinhos que puxam para o ralo ou que jogam frágeis seres humanos às pedras e às lâminas corais, o que sabemos e reconhecemos é o próprio de nossa agressividade. Iguala-se à moenda em que nossas costas foram arremessadas e ao arranque de ancestres obrigados a mal se abrigar em porões defecados de um metro e meio ao abandonarem suas paragens nativas. Encontramos na mais angustiante imagem de teus maremotos a purulenta pancada duradoura de cinco séculos de escravismo em nossa nuca, a saraivada descarregada pelas metralhadoras em nossos jovens e meninos, e o despejo de inúmeras famílias acobertado por fardas e marretas. Reconhecemos a punição chicoteada, disparada ou esbofeteada como uma instituição consolidada em escolas, casas grandes, porões de delegacias, pelourinhos, transmissões de programas de tevê e chacinas celebradas na excitação da perversão, da suposta defesa perante os que se teme, da libido acesa e do gozo expectador. Tuas borrascas traduzem o arrebatamento. Porém, nos deparamos conosco também emanando e expelindo a violência que reconhecemos de ti. Ela borbulha no revide daquele que devolve murros com pedradas e pernadas, daquilo que se traçou em quilombagens, daquela que troca socos e cabeçadas defendendo sua mercadoria prestes a ser apreendida nos vagões de trem pelos guardas e, ainda mais, no sadismo ainda mais complexo tão dirigido de nós a nós mesmos.

Senhor Rio, em teus caminhos o senhor já presenciou a violência que se estabelece como termômetro de hombridade entre os pretos? Digo da que se ergue como valor e como prática de correção ou da que se proclama até mesmo como ética e torna-se um código de manutenção da coletividade. Da que em multidão aflora também indigna, valente porque animada entre muitos braços do mesmo time contra alguém tido como inimigo e em posição mais frágil. Da violência que se impõe em covardia tão exercida também pelas mãos de homens pretos contra as mulheres negras. A porrada de quem é a iminente bola da vez para morrer matado e que revida e mata, como último recurso de sobrevivência, como plano de jogo, como espasmo ou instinto contemplado. A de quem devolve o escarro recebido no nariz, virando o rosto para cuspir com força na cara ao lado. A violência que é pau e músculo mas

também a fala voraz que humilha, o jorro fervente da voz. A agressividade no gesto de retruque de quem decide devolver a ira, mesmo que em gana suicida. Feito a força da enchente que leva pessoas, automóveis e árvores em suas espirais drásticas que são refletidas em movimentos da gente, os dos ingredientes do castigo e do inchaço. Borrascas e maremotos são também revoltas e coices em nossos chacoalhos diários. Temporais rugem em nossa cabeça até romperem passionais espancando ossos e dentes, quebrando moveis e imóveis. Avassaladores vêm até mesmo planejados, iniciados os seus traços como garoas e borrifos que se encorpam até que se tornam tufões. Tempestades somos.

Pois com tuas faculdades, Senhor Córrego, e com os dons e atributos de tua família, traduzo vitalidades e jeitos humanos. Ao me limpar das crostas dos pensamentos e das melecas agarradas nos peitos de dentro e de fora, reencontro teus ensinamentos do banho. Contemplo a higiene da palavra que eu proferir, a que também desinfecta e asseia. Ao me regenerar e refrescar a pele e o dia com águas e molhadas essências, me aprumo purificado por alguns momentos, retomando revigorado as fases dos percursos. Ao batizar nossos guris e nossas pequerruchas, ou ainda ao nomear lugares como nomeamos as crias, recordo elementar o banho que inicia terreiros e cabeças, assim como os compadrios que entrelaçamos para seguir mais equilibrados e fortes e para limpar desavenças familiares passadas. Revitalizar é de tua natura e da nossa. Me compreendo pedaço de teu mapa.

Com tuas características, Água, posso aprender e compreender o corpo e o ser dos homens pretos em São Paulo? Posso entender pesos e voos? Aliás, o que demarca alguém como sujeito negro? Sua pele, seu sexo, sua linguagem? O seu ponto na cidade, sua flutuação, suas intersecções no Tempo? A história, a memória, a consciência? Seriam talvez seus papéis no tabuleiro da rua, no mundo do trabalho e nos espelhos dos discursos que definem uma nação? A ausência de lugar, as frestas das relações em movimento ou o que se finca e territorializa? Com as sensibilidades da imensa constelação da Água, poderia eu conceber e interpretar como derivam e se empedram no mapa de um homem preto situações semelhantes às de ser batelado jurídica e psicologicamente como um morto social, um não-vivo ou até mesmo um não-humano? Posso deslindar como o terror racial histórico

estabeleceu as próprias vigas para as lajes de um capitalismo que destroça e reinventa constantemente vampiragens?

Poderia eu atinar, Senhor Córrego, pela dimensão simbólica que tu ofereces, como seria possível o nado de um homem preto em uma lagoa de águas paradas ou o seu equilíbrio na tempestade que seriam as ideias de virilidade e de hombridade, padronizadas há tanto tempo pela medida de um suposto homem branco, concatenadas pela colonização europeia que construiu para seus homens uma percepção de si como herdeiros dos helenos? Sairiam desses mananciais águas doces ou salgadas para uma garganta sedenta? Daí brotariam e escaldariam águas que comprimem o peito e sufocam a garganta desse homem, afogado em gelo, ou que perfumam veredas como um vapor de alfazema? Com os ensinamentos de teus ciclos e jorros, com as travessias e espelhos que propicias, com a placidez e a fervura que qualificam também nossos passos e perdas, mais as composições e a brotação das águas desse corpo quando me percebo sangue, suor, esperma, saliva e lágrima, como eu poderia distinguir e entender melhor os nossos caminhos, as nossas delicadezas e travas, a nossa reciprocidade e as desarmonias, contendas e sintonias com as mulheres?

Sinto que contigo e com tuas sugestões há frutos fortes a vislumbrar e há terras a adubar com saúde quando refletimos sobre as contradições do companheirismo, da violência, da serenidade, da covardia e do erotismo em nossa história e nosso imaginário, Senhor Rio. Se teu sonho e tua nostalgia do cristalino, assim como os teus aspectos elementares da nutrição e do frescor, abrem entendimentos do amor, do respeito e do usufruto partilhado, sinto que tuas bifurcações também apresentam sentidos de autonomia. Isso ocorre em um córrego que segue seu fluxo e nas afluências, parcerias estratégicas que conjugam e misturam afetos. Acontece também na separação que mantém elos saudáveis, como a dos igarapés que brotam dos rios, e voga nas trombas d’água que tonteiam e derrubam como as desavenças vorazes, a solidão desamparada e o banzo em nossas vidas humanas. Pois sim, percebi que nos repentes de teus caminhos se refletem a sagacidade, o sereno, a malícia e a inocência. E a vastidão das águas nos traduz e orienta para a reverência e a contemplação dos mistérios.

Água. Contigo vem o discernimento de solidariedade na mescla de suores em uma mesma empreitada, quando arregimentamos a própria força d’água e

partilhamos a vontade ao sermos cada braço uma pá que move o moinho. Contigo está o companheirismo humano nascente na ação de umedecer o árido e de irrigar o campo seco a quatro, a oito ou a oitenta mãos. Está a colaboração e a empatia no resgate dos caídos no sumidouro e a consciência da amizade traduzida pela paz das águas calmas e da leveza da placidez no coração tranquilo. Contigo e em ti podemos conhecer a união perante os borbotões e as funduras, ao saborearmos o fascínio em chegar a elas acompanhado por outra pessoa, dividindo o encanto. Por tuas condições, realizamos aliança ao remar na mesma sincronia e vencemos o medo na confiança mútua que brota diante dos vagalhões de um mar revolto. Ainda na experiência da amizade, acalora-se em tua intimidade o jeito de gozarmos a quentura e o conforto da xícara fumegante partilhada com calma e prazer, mesmo quando é pouco o café ou chá. Contigo saudamos o pouco, repartido, e os momentos de fartura da intimidade desfrutada sem a escassez se escarafunchando em nossas costelas.

Ensinas também da humilhação, com a queima das gotas ácidas na boca do estômago, com as lágrimas de fogo e com a busca vã por uma água inexistente quando a secura da vergonha domina a goela. És a tromba d'água do vexame, porrada intestina sentida às vezes em segredo, que esmurra e afoga quando tudo parecia em sossego. E o esgoto alheio empoçando e se alastrando dentro.

Distinguir solidão de solitude: me instruí nisso com tua família. Qual o prazo da valia ainda não sei, por esse hábito de aprender e desaprender que levo, escolado em cicatrizes, teimosias e vacilos. Saber da solidão de um rio sem afluentes, sem peixes, sem rochas, sem lama, sem folhas que pousem presenteadas pelas árvores, sem passarinhos, sem aranhas andando em sua superfície, sem vento… apenas o rio descendo pela gravidade, por inclinação, mas sem sopro. Sem mar no seu desemboque. Solitude da soberania do rio e da vastidão do mar no reconhecimento do próprio cristalino ou na compreensão aprumada dos vagalhões que nos compõem e vêm à fonte. Entendimento da própria unicidade e da sapiência da autossuficiência que não é empáfia nem máscara de indiferença.

Pois é abençoado e instigado por essa racionalidade que não exclui o simbólico que te pergunto da gente em São Paulo. Esse ninho que se alicerça no voo. Esse aperto de cortiço que indigna e exaspera. Essa hostilidade a cada esquina nas íris policiais, nos pulsos e dedos que seguram veementes as bolsas ao nos ver no caminho. Essa placenta paulistana que brinca de cristalino aconchego, diluída em

bueiro embostelado. Tu, como ninho primordial que acolhe e como mina que regenera, como essencial necessidade de uma casa, me levas a recordar sanzalas e a ressaltar a relevante lei brasileira de terras, a de 1850, vinda para acachapar em nossa cangalha o impedimento do abrigo e também do livre e aberto plantio. Lei quase ao mesmo tempo nos impulsionando a querermos ser os tais agregados, os dependentes bajuladores, os moradores do favor e da obediência temerosa tão bem escritos pelo bruxo Machado de Assis. Empurrados para perdermos nossas ganas, gostos e modos da “propriedade” coletiva, com o passar dos anos sendo fragmentados e dissolvidos como cubos de gelo no sol.

Muitas vezes lamento quando o senhor extravasa seu leito e arrasta vidas e coisas, mas aprendi a louvar a desobediência que o senhor ensina quando transborda margens. E penso no teu jeito, o maroto em alardes ou o que sapeca sábio em artimanhas silenciosas até que se anuncia trovejante. Isso me remete à busca dos pretos pela conquista ancestral dos quintais, para o cultivo de um espaço guardado dos olhos da rua, das leis abusivas estipuladas pela segregação e da coerção que desempenha seu arbítrio atribuindo crimes simplesmente ao porte da pele. É de ninho e de desobediência frutífera que se ergueram as já ancestrais sedes de coletividades negras, as que enfrentam até hoje invasões militares, incêndios plantados e despejos. Táticas de continuidade driblando a interdição, a proibição e a expulsão. Pelo ninho e placidez que tua família inspira, Senhor Rio, nasceram teatros, musicais, socialidades religiosas, escolas e festas glutonas de compadrios, festas abertas ou escondidas no cultivo de marginalidades estratégicas e de escorrências adentrando meandros e formando novos centros acolhedores, novos deltas bordando territórios, vencendo pedreiras e tabiques. Na linha circular entre os teus sentidos elementares do ninho, do jorro e do cultivo que pede a rega, contemplo três camadas apontadas por nossa história nas terras brasileiras, principalmente nos últimos trezentos anos de urbanidade: a luta contra a escravidão e sua desumanização, a luta por cidadania e direitos, a luta por espaços autônomos de convívio e pensamento.

Porém (e como dizem os nêgo véio, “sempre tem um porém”), teu jorro me remete ao cuspe, ao escarro que expele e lança longe o que decreta não caber mais no corpo. Assim penso na vagabundagem que acometeu tantos ancestrais após a proclamada abolição da escravatura, a notória de 1888, sabe? Aquele povaréu de

homens que não cabia nos cartazes e nas exigências dos ofícios industriais que começavam a rebentar de bocados com os lucros do café paulista; aquela enxurrada de negros que mal escarrada do escravismo não era aceita para trabalhos. População considerada gentalha que recebeu a pecha de vagabundos porque não aceitava continuidade de grilhões escravistas e que sem sindicatos e redes de proteção oficiais conjuminou suas confrarias, cazuás, zungus e terreiros para amenizar o abandono, os aleijamentos e as barreiras maciças que impediam com cassetetes a sua circulação por várias ruas e parques da cidade ou mesmo o mero caminhar nas horas da penumbra noturna. Suspretos.

Recordo a malandragem também porque à margem do sistema trabalhista da época, enfronhada em acessos negados, era a turma que se agrupava e consolidava sua própria ética criativa e filosófica, às vezes vagabunda resoluta e pagando caro por seus jeitos de resistir a se integrar nas moendas metropolitanas do capitalismo. Em meio às cicatrizes e nojeiras entre o mundo do trabalho e os serviços provisórios, essas maltas tantas vezes capengaram e tombaram, mas noutras ocasiões organizaram times, escolas, jornais e rodas de ritmo e melodia. Imagino essas rodas de harmonia e de briga, em plena inferioridade demográfica e política na cidade que difundia e vulgarizava sem piedade a ideia de se higienizar branqueando-se, pois a pretice nas cútis e nos hábitos era tida como doença a se curar e a se diluir nas águas trazidas das fontes europeias. Mal a erradicar no país que os diplomados tabeliães, os sacerdotes, os professores e os engenheiros governantes salivavam por chamar de ordenado e progredido. Em meio a essa orquestra de bofetadas e interdições, nessa toada do desprezo, quantas pessoas pretas criaram cantos de gozar, de lapidar revolta e de lacrimejar amargo, apurando os jeitos de mostrar que esse sistema continuava errado, pesado de injusto, mesmo que sem a estampa da escravidão em sua testa. Usina de iniquidade em profusão, gerando contraditória marginalidade ao pessoal que pendulava na finura entre o honrado e o ilícito.

Ai ai… “Ser marginal/ todavia/ só interessa à paixão?” perguntou nosso poeta e escriba Paulo Colina, versando já pela década 1980.

Senhor Esgoto, vou escrever para outros ancestrais neste caderno também. Para Claro, homem escravizado no meio do século 19, um negro que pedestres estranhavam por demonstrar ser alfabetizado usando seu tinteiro nas laterais da

Praça da Sé. Rapaz que experimentou no papel as letras que o conduziram à solidariedade, a suspeitos planos de liberdade e à cadeia. Claro, escriba de cartas alheias atuando nas demandas de Theodora, uma mulher que buscou incessantemente pelo esposo separado à força pelo escravismo e jogado em lidas e estradas do interior enquanto ela seguiu sonhando juntar a família. Vou escrever também para Mariano, jovem alforriado por um padre, moço preto que em plena festa da celebração da caridade, entre brindes dos brancos autonomeados libertadores e diante de jornalistas e desembargadores, com uma só palavra afrontou e regenerou caminhos, escolhendo para seu sobrenome o chamamento do inimigo maior daquelas casas. Outra carta que escreverei será para Ditinho, craque do time de futebol do São Geraldo, equipe de pretos proibidos de jogar em times de brancos, time que lidava com a segregação e com a ambiguidade das notícias de jornal da própria imprensa negra e suas matérias que adaptavam as práticas de corpo que condenavam em seus patrícios para que as letras fossem tapas na alta roda dos magnatas paulistanos especialistas em animalizar, rebaixar ou negar a humanidade de pessoas negras. E vou escrever também para o Ninha, o Joãozinho, meu finado pai. Tenho essa missão dadivosa, pois colhi entrevistas com outros mais velhos da geração dele e preciso e desejo atravessar com elegância nossa prosa para trocar ideias sobre São Paulo, sobre cachaça (essa água ardida de tantos efeitos e quereres) e também para conversar da violência, da peraltice, da provisão paterna e das agruras do isolamento de penitenciária a quem está preso e sabe que sua família sente sequelas.

É a esses homens pretos, Senhor Esgoto, que escreverei aqui outras missivas para compreender como também foram água, como lavaram e regaram os dias, como espraiaram seus movimentos e o que a cidade absorveu de suas caldas, o que ela purgou e expurgou. Me cabe escrever em trancelim, compondo o bordado com suas experiências, com as bases, as ganas e os abismos de suas vivências, ponteando entre nossos diferentes momentos históricos a grande rede que nos trança, considerando a semelhança e as diferenças de nossas bonitezas, sonhos, obsessões e medos. O senhor e sua família, que cantaram e cantam para nós todos, certamente tem suas considerações fluidas sobre o que nos emparelha na história de nossa cidade, desse país Brasil e das pretices e Áfricas alastradas pelo globo, vertendo frinchas por fronteiras nacionais e manando presenças e feições temporais

tantas vezes engavetadas e secas nos protocolos oficiais por suas condutas consideradas impertinentes e pela melanina, tida como pestilenta pelos legisladores, pelas cartilhas e pelas antenas parabólicas.

***

Seu Córrego, o que já te pareceu em tua vida antiga a maior pretensão, aquilo sentido entre aspiração e presunção? Terá sido portar-se como mar, saciar tua sede ou contaminar um bairro inteiro? Ser o céu que reflete, ser a inspiração da música que ressoa ou uma vereda que atalha? É cada encasquetação que nos pega, sim? Pois seria demais pretensioso bancar este texto como algo que definisse o que, como e quem são homens pretos, já que são tantos os labirintos, glórias e abismos e são milhões os viventes e antepassados com suas seivas de tantas espessuras diferentes que traçaram com pus e gozo o chão de São Paulo, entre a indigência e a nobreza, a violência e a ternura, o nojo e a limpidez. Milhões tabelando entre os orvalhos da partilha e os atoleiros da mesquinharia. E também aprecio dizer que não trago desejos de corresponder a ditames que se encaixem em determinismos sociológicos ou psicológicos. Por isso, a imaginação e a subjetividade que porejam na matéria do corpo e se espraiam surpreendentes no ser humano são a grande carne de lidar nesse encontro, para que se deslindem as condições, dúvidas e respostas que transbordam dos tachos rasos dos estereótipos. Determinismos não me aprazem porque minha gente escapa às barreiras no cortante e fértil invento de si e da cidade. Recria o mundo nas suas orelhas e costelas negras, troca confidências e traquinagens e mostra seus vergões cotidianos e seus pesos antigos. É a notória diferença entre negro-tema e negro-vida, sabe?

Guerreiro Ramos, tratando da paranoia que acometia pálidas vergonhas em homens que evitavam a todo custo reconhecer forças de ser negro, em 1954 escreveu no seu texto “Patologia Social do Branco Brasileiro” algo que vou até te transcrever: *“Uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escalpelação perpetrada por literatos e pelos chamados “antropólogos” e “sociólogos”. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. O negro-tema é uma*

*coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção. O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, profético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje"*

Guerreiro Ramos já lançava que para uma pessoa preta aqui o autorreconhecimento como ser humano passava antes pelo reconhecer-se negro, condição posta e carimbada pela colonização mas ainda uma ponte necessária para o espelho não enforcar a si mesmo, negando qualquer gaveta e limitação que queiram chafurdar em nosso cangote. Aí, no pêndulo, a vivência preta e sua experiência imaginativa. Na encruzilhada. Num lugar sempre entre lugares. No mínimo cheia de plurais, porém mais sagaz do que qualquer cansativa e infinda negociação de identidade que não mire estruturas e se limite às vitrines e varandas.

São talvez insondáveis as águas de homens pretos. Assim é a Kalunga, ancestral maior que é lugar e alma, Tempo e ponte, rio que se pode percorrer com os olhos mas não com as pernas, como ensina o mestre Fu-Kiau que bebe cristalino na fonte Bakongo. Por isso minha teima em conceber fabulando, baseado em fatos históricos mas na baliza de caminhos não provados de homens pretos. Eis a chama de possibilidades vastas de cismar e conjecturar, de matutar com base e penetrando nos vãos das pesquisas historiográficas e demográficas. Não se trata de conceber ficção ou sequer de escrever um ensaio em total soltura. É apenas a modelagem de uma teoria colocada em ângulo móvel na confecção de um ambiente e de um prisma firme, fundamentado e à altura de nossos peitos, desencontros e enigmas. É um sonar e um canto o que pensante escrevo e que tocado leio e imagino para o senhor e aos destinatários de minhas cartas.

Saúdo a fabulação necessária e fértil, a que por exemplo Joel Rufino dos Santos, grande historiador já também ancestral, se referia ao dizer que a literatura oferece e que alimenta a historiografia por poder discernir mais e melhor das personalidades, contradições e surpresas do proceder humano marcado por breques, aceleradas e derrapagens entre as curvas. Joel Rufino, quando compôs a biografia da escritora Carolina de Jesus bordou alguns rumos imaginados para personagens dos diários e romances dela, perguntando se aquele amante, aquele amigo do barraco ao lado ou aquele concorrente por papelão na trilha de uma

catadora poderia ter se tornado um torturador do DOPS ou quiçá um professor, alguns anos após a saída apedrejada de Carolina da favela do Canindé, naquela despedida bicuda que as moradoras que permaneceram no gueto legaram à escritora, nos soprando mais sobre os quebra-cabeças e as roletas que somos nós, pessoas, assim como é Carolina e cada uma das muitas faveladas que a atacaram e lhe ofenderam. Cismando, imaginando e desabrochando possibilidades absolutamente pertinentes por seus contextos mas que não se pode nem se deseja provar, o biógrafo arejava entendimentos daqueles momentos, reais vertentes para os pesos e mágoas de quem teve a intimidade escancarada nas notórias páginas do *"Quarto de Despejo"*. Surgiu então uma biografia a costurar contradições, bailar nos devaneios e pulsões, esmerar os jeitos de sentir as mentalidades da época e também as censuras crassas ou as esquivas que arriaram tanto peso na nuca da carreira da escritora. Também Toni Morrison, a escritora de ficção que mais me atordoou, magnetizou e vitaminou, deu esse voto ao frisar que a forma literária do romance seria a maior condição para perscrutar os recônditos e as borbulhas da história das gentes negras de seu país. Ficção fundamentada seria a forma de escrita que poderia encontrar dobras, escorregões e agasalhos nas almas de mulheres negras em seus vários pontos comuns e, mais ainda, em suas tantas diferenças. Pois então, é nos legados desses ancestrais que planto e colho com quem escreveu, pisou e tombou seus calos pelas ladeiras e buracos paulistanos.

Se é reflexão contestatória sobre enquadros rígidos, aqueles que em várias pesquisas e textos sobre nós costumam mais ressecar e mutilar nossas tantas dimensões do que nos pinçar as charadas, lutas e vaidades; se é sobre o que possa nos alimentar a compreensão de nós mesmos e não o reducionismo que os *slogans* enformam; se é a tal descolonização do pensamento que hoje prolifera em ditos de cartazes e de programas bem patrocinados, mas que metralha exclamações ainda impermeáveis ao que alguém contempla quando se envereda pelos becos e vielas da História; se é afofamento e umidade aos pisos secos o que pleiteamos, então que nossas formas de pensamento não conspurquem nem cimentem o que ainda é vigorosa fluência, mesmo que escoada em suavidade e vagareza. Por isso e por ser medição dos calendários de minha e de nossas vidas e por ser afluente grande em nossos espelhos e mapas, aprendi que Água pode ser um baita eixo, miudinho e graúdo, para reflexão sobre e com homens pretos, para que não continuemos

encarados e carimbados como alvo fácil, lambuzados de estereótipos, acusações e projeções simplistas.

O texto desses capítulos aqui, Senhor Rio, dessas cartas que vem para ti e para ancestrais que palmilharam essa cidade, é a busca de apresentar tanto para a favela quanto para os salões acadêmicos a fluência da consciência e a umidade da subjetividade, como o imaginário e os símbolos nos propiciam. Se nessa seara forem compreendidos alguns eixos e fissuras da condição de ser homem preto em São Paulo, neste continente e nesta diáspora negra, a intenção terá sido realizada.

**Branquitude: cultura tradicional**

Quase molhando meu pé, te observo e confiro a linha de barracos. É um tabuleiro esburacado e tomado de alçapões, esculpido em sequelas escravistas repleta de favorecimentos e desvantagens logo de saída na partida, distribuídas ainda no talo às pessoas por suas cores de pele, CEPs, sotaques e proveniências. Sem justiça nas regras deste jogo, conforme é nítido e terrível há muito tempo em qualquer mirada atenta e honesta e em tantas pesquisas e estatísticas referentes ao acesso a saúde pública, moradia, mercado de trabalho, renda e escolaridade, é necessário considerar as botinadas constantes que garantem as graves contusões em nosso campo.

Decidi então tratar contigo sobre o que constitui essa moldura que delimita as tintas. E a forma que contém o recheio do bolo e visa controlar sua fermentação e sua liga é oficialmente o que podemos chamar de Branquitude. Devemos esmiuçar e demonstrar como ela abrange em suas estruturas políticas e simbólicas um arco de cinco séculos que ainda rege detalhes cotidianos contemporâneos, materiais e psíquicos. Branquitude pode ser também uma grande poça de água estagnada que às vezes movimenta-se estrategicamente e solta uma grande bolha ou que gira um torvelinho criando uma ilusão de abertura, necessária para preservar seu ecossistema. No plano graúdo do país assim podem se estruturar as condições econômicas, sociais e cognitivas de uma esponja já encharcada que não para de chupar águas do ambiente que diz limpar, sujando, ressecando ou emplastrando o que mantém em seu domínio e jurisdição.

O senhor já escutou quantas vezes a expressão “culturas tradicionais”? Eu vivo escutando porque é bastante comum qualificar assim as formas de convívio e de lidar com a realidade acionadas e maneiradas pelas populações negras. O que em si não é um descalabro, ao contrário, pois ressalta as vigas simbólicas balanceadas pelos povos marcados aqui pela escravização, apesar de a africania anteceder em muitos séculos o tráfico negreiro e desautorizar para si com muita pujança e sofisticação qualquer pecha dominante de pobreza e de selvageria, ainda tão propaladas também como instrumento de sustentação ao racismo. “Culturas tradicionais” então é um conceito utilizado de inúmeras formas e que se adequa bem, também, ao costume de idealizar, rechaçar ou modelar em discursos uma instância de conforto diante da maceração que sistemas colonizadores neurotizados, que evitam mergulhar nas próprias contradições sobre sua racialidade, tanto aplicam nas cabeças tidas como inferiores em seu sistema de pensamento, considerado e anunciado por si mesmas como bem-educado, civilizado e que é cultivado em suas mentalidades desde a primeira infância com sentimento de superioridade.

Me cabe refletir contigo então sobre os aspectos da cultura tradicional da Branquitude, o que florescem e o que esmagam.

Não é raro se referir à nobreza da presença negra ressaltando seu teor comunitário e isso diz muito em tempos de exaltação ao individualismo. Por isso vale tanto pensar em expressões e artistas contemporâneos africanos e mesmo brasileiros que não cabem nas imposições em nome de um neofolclore ou nas expectativas de uma idealizada coesão grupal, pessoas que pleiteiam e ressaltam a esfera da sua autoria e da sua responsabilidade pessoal nas escolhas e poéticas da própria criação, sem que desabonem características estéticas e filosóficas ou reneguem categorias tradicionais do pensamento e do procedimento de ascendências africanas. Afinal, há milhares de anos, diferentes escultores de linhagens familiares incumbidas de entalhar obras que presentifiquem ou representem forças sagradas habitam comunidades que pelo traço, tom, talhe e expressividade singular de cada artista sabem bem quais são as mãos que desenham uma obra. Isso difere bastante dos museus repletos de obras saqueadas, ratificadas por antropólogos coletores bancados por coronéis e duques que ostentaram butins ou que ainda expõem obras das coleções que recheiam seus salões com o nome genérico de “arte geledé”, “arte peul” ou mesmo “arte marajoara”,

da imensa gama ameríndia etc. Já é notório que muitas peças portam legendas colocadas de modo estreito e generalizante, vistas pelos óculos de cima e de fora que carimbam criações que, dentro da sua comunidade originária, são atribuídas a uma pessoa específica e reconhecidas pelo seu âmbito social. Pois, encorpando linhagens de ofícios, famílias se distinguem por seus afazeres e suas responsabilidades comunitárias diante da demanda e da graça de manter a formação dos novos que vêm, sejam famílias de caçadores, ferreiros, médicos, músicos, artesãos, artistas do verbo ou de tantos outros feitos. E assim, da diferença percebida em estilos e temas entre seus caçulas, primos e veteranos, compõem-se autorias em diálogo com a fortaleza e a história de uma comunidade, abertas às estradas e irradiações dos mundos.

Em linhagem de compreensão dos fundamentos de matriz nagô, kongo-ngola, jeje ou ainda vinda de fontes moçambicanas ou que se denotem afro-brasileiras, a concepção de ser *pessoa* é algo que se constitui coletivamente e de acordo com as obrigações e oferecimentos de alguém em prol de sua comunidade, que engloba seres vivos e mortos e vindouros, até que tal pessoa faça sua passagem ao fim da vida biológica e possa de acordo com suas realizações adentrar a esfera da ancestralidade. Como ensinam Fu-Kiau e Muniz Sodré, em matrizes africanas ou afro-brasileiras ancestrais tornar-se pessoa ou ancestral não é propriamente nenhuma garantia a uma mulher ou a um homem simplesmente por terem nascido. Já no que se costuma classificar como modernidade, a partir das óticas ocidentais, vibra um aspecto que pode se esfacelar em sua contradição básica: o sujeito considera-se indivíduo livre e solto para concatenar seus planos e procedimentos ao mesmo tempo em que se entrelaça a vários fatores que o privam de uma condição autônoma plena, conjuminados social, cultural, política e economicamente.

Mire só, Seu Rio, como encontraram o pontinho nevrálgico dessa questão decisiva sobre o que pensamos de nós mesmos, humanos. Te transcrevo exatamente o que traduzi do que Ferry e Renaut, dois franceses críticos ao que a Europa firmou como humanismo e que apresentaram a contradição espinhosa e inescapável desse ninho lanhado. Mire, mire: “O próprio da modernidade se mantém precisamente à maneira cujo sujeito não dispõe de uma liberdade absoluta de criar suas normas, mas, no entanto, se reconhece o direito soberano de submetê-las a um livre exame e, nesse momento do exame crítico, coloca-se e pensa-se ele mesmo

como o fundamento último da argumentação pela qual ele as legitima ou as recusa". Eis a coceira, sim? A cada minuto se propala e se firma na mente o discurso da ampla liberdade individual, enquanto o arame farpado se enrola em volta do corpo..

Bem, talvez por esses sufocos há também várias apreciações e fascínios com as chamadas "culturas tradicionais" de matriz africana, de protagonismo preto e de assunção diaspórica negra no Brasil, em feituras similares às que agasalharam a ira e a esperança pelo Caribe, pelos Estados Unidos e pela América do Sul. São coletividades pulsando políticas e estéticas, urdindo lugares e formas propícias ao ninho e às lutas, que por vezes são contundentes e que, noutros momentos, são de gingar arrodeando caminhos em vez de atalhar cortes em conflitos abertos. Porém, além de frisar a criatividade que renova a casa e os rumos com fundamento, tais conformações e contingências também balançam certezas fixas. Há as delicadezas e os rasgos costumeiros no seio comunitário de afetos e desafetos entre as próprias populações negras pelo convívio das trocas, discórdias e desejos. Afinal, é bom frisar outro ditado bakongo: "A comunidade é veneno e é mel". E há também as inflamações que se medram nos jogos de contatos com outras figuras sociais que envolvem ou que penetram a comunidade, trazendo valores, dúvidas e apertos de uma sociedade com hierarquias raciais bem marcadas.

Caberia então, por outro lado, questionar quais seriam as muito firmes tradições que se garantem enquanto nos esfaqueiam o pensamento e ofendem o corpo há cinco séculos? Quais seriam as linhas tão arraigadas e mesmo oficializadas dessa tecelagem que estrutura o racismo por nossas terras? Ou seja, se por real necessidade já tanto se destaca e ainda se debate a fortaleza e o balanço dos elementos que qualificariam e estruturariam uma Negritude, até mesmo balizando diferenças entre si, o quanto caberia cismar com o que caracterize historicamente uma Branquitude? Como podemos compreender suas bandeiras fincadas nos campos psicológico, geográfico, econômico, filosófico e histórico? Pois, se tradicionalmente oferecendo revides ou cedendo aos bombardeios as culturas negras giram dentro (e ao mesmo tempo à margem) de sistemas regionais e de um tabuleiro nacional de ideias e forças que visam dominar, definhar ou arrefecer gente negra, não seria tradicional também a cultura do racismo? Quais colunas se maquinaram através de cinco séculos na modelagem dessa Branquitude que, escancarada ou até mesmo aparentemente branda, aloja-se nas mentes e em

âmbitos poderosos que abarcam palacetes, edifícios empresariais e quartéis, assim como prevalecem na lógica que estabelece os estreitos das celas e a miséria das pinguelas?

Que nos valha não apenas louvarmos a tão pajeada boniteza, galhardia e inventividade negra (o que se faz tantas vezes de modo interesseiro ou deslumbrado), mas refletirmos sobre o pano de fundo e os traçados do mapa que delineiam e metem cor, mesmo que pálida ou cinza-chumbo, no sufoco de um país em que, exatamente cem anos após sua esfrangalhada “abolição da escravatura”, 98% das pessoas diziam haver racismo, mas 97% afirmavam não ser racistas. Então orna trazer águas dessa bacia e atentar a fios vislumbrados nessa lâmina que tanto escalpela quanto corta rente e sutil, base tão recorrente que passa despercebida para muitos, mas que em nossa sociedade firma pilastras e pavimenta estradas aos comportamentos de pessoas brancas e veredas apertadas aos movimentos de pessoas pretas.

Veja o que pode ser apresentado como algumas vertentes tradicionais (e letais) da Branquitude, elencadas aqui só para começo:

- Perceber-se como humano “universal”, e não como sujeitos e conjuntos de pessoas também racializadas em uma sociedade que distribui oportunidades e condições específicas pela corporeidade e pela proveniência de seus indivíduos.
- Forjar alianças intrarraciais pela negação, mudez e manutenção de hierarquias diante do racismo excludente (o chamado pacto narcísico).
- Defesas da retorsão discursiva, que carimba a pecha de racista em quem denuncia o racismo.
- Organização de um imaginário regido por símbolos de dominação ou de tutela benevolente.
- Aspectos de perversão, pânico e terror mental, cultivados em esquemas cognitivos e pedagógicos que moldam seres desde a infância para exercer superioridade e desprezo.
- Crises de uma identidade fascinada pelo “outro” e em catalogar, controlar ou mercantilizar esse “outro” e suas faces, consumindo de modo efêmero ou duradouro o que pinta como “exótico” ao desfrute de seu olhar ou ao seu tecnocapital.

- Projeções de hiperssexualização, brutalidade e incapacidade atribuídas às pessoas pretas.
- A parcialidade, autorização de uma visão segmentada que define pelos comportamentos de uma pessoa negra o que seria próprio de toda sua suposta comunidade ou, ainda, a representação da totalidade de uma pessoa apenas por uma parte fragmentada, selecionada e estereotipada de seu corpo, como a genitália, o cabelo, a boca etc.
- Definição de jurisprudências de validades distintas para lugares e pessoas diferentes (como as metrópoles faziam com suas colônias e hoje os centros poderosos fazem com as periferias e morros) determinando quais vidas valem menos e quais decisões são tomadas por viaturas e tribunais de acordo com o fenótipo e o CEP dos sujeitos em questão.
- Racionalização que dita lógicas de estado de exceção e de sítio a espaços de destacada população não-branca.
- Normalização de poderes médicos e discursos que estabelecem noções de patologia social e desembocam em práticas de “higienização” e encarceramento.

O senhor decerto testemunhou que os movimentos de consciência negra também marcaram em sua peleja fundamentos, estudos e rebentos que em laboratórios científicos, páginas de bibliotecas, versos de terreiro ou em adivinhas de encruzilhada elaboraram reflexões profundas e dúvidas férteis sobre o racismo brasileiro. Preciso destacar essa busca de consciências em desejo de liberdade e subjetividades que abordaram suas cicatrizes e rombos, dedicando-se a pensar os espelhos trincados e as minas explosivas dos percursos, porém ainda bordando cultivos ancestrais e oferecendo golaços em uma sociedade que demonstra ansiar por masmorras, valas, elevadores de serviço e quartinhos de empregada para nós ou por uma poluição mortífera por dentro, como a que o senhor concebe tão bem. Se há resistência e celebramos a anunciação, a sensibilidade e a sapiência de matrizes africanas é porque isso se confronta com aspectos sólidos plantados nesse chão que ainda gera suas flores de sangue.

Mestras em dilemas pesados, as culturas negras brasileiras e suas africanias entrelaçadas do lado de cá do Atlântico (o maior cemitério da história da humanidade, pela infâmia que ainda nos sequela) lidam com o hiper encarceramento que é um

grandioso plano gerencial de Estado e mais o avassalador miserê, a escassez de políticas públicas, o empilhamento de nossos jovens em cemitérios, os salários desiguais, a escolaridade rala e o coração em permanente alerta para escarros, depreciações, acusações e mesmo corriqueiros fuzis que disparam em nossa nuca e depois alegam que a câmera fotográfica, o caderno ou o guarda-chuva em nossas mãos parecia ser uma arma. Sei que nisso o senhor é escolado, pois vi cadáveres desovados e acolhidos em seu leito aqui em Americanópolis.

Assim, bordamos contestações às fronteiras, emblemas e troféus nacionais, postulando como os problemas comuns aos povos pretos e peculiaridades do racismo vazam dos mapas e superam limites de territórios instituídos como países. Amparados em várias formas estéticas ancestrais, contestamos também os limites para as linguagens nas artes, sejam as plásticas, as da palavra ou as do corpo, que pulsam quando atentamos ao manancial de nossas matrizes antigas, ainda tão estereotipadas e pasteurizadas. Celebramos também a teimosia de esmiuçar por dentro muitos conceitos e práticas da dita modernidade, como as diretrizes do urbanismo e do que se chamou de democracia, direito civil, penal e internacional, educação etc e as bases que regraram o que se qualificou como ideais de moral, razão, liberdade e família desenvolvidos na dobradiça temporal entre os séculos 19 e 20, em conjunto com a própria concepção dominante do que seria uma pessoa, tudo isso coberto por teorias e disciplinas tramadas sobre nossos cangotes para nos fixarem como o avesso de uma tal humanidade evoluída e bela ou como portadores de um tal “estágio cultural” a se superar. Enunciamos também possibilidades de viver o tempo para além da primazia de uma linha única que nos direcione apenas ao futuro e que impõe a novidade como valor absoluto, pois lidamos com formas de conceber o tempo que cultivam o princípio da ancestralidade e as várias dimensões temporais da memória, dos traumas e dos sonhos, desde suas formas difusas até as mais objetivas. Essas gingas do pensamento, por necessidade e gosto, também são legados de cultura negra. Estão aí, por exemplo, no construir e no retinir de um berimbau, na botânica de um terreiro e nos improváveis doutorados pretos trincando os chicotes disfarçados em currículos e cartilhas escolares.

Por isso também celebramos mocambos, comemoramos a dignidade, a vitalidade e a memória salobra que insiste em ajardinar mesmo no lodo, escrevendo nossas contradições, filosofando nossos enigmas e cantando nossas matrizes.

Seguimos com os dedos trançados em mãos que se negam a ser decepadas e que, apesar dos bueiros mentais e das valas da mortandade, pontearam glórias nas artes, nas ciências e no cotidiano umedecido de sonhos, pesquisando o tacho que nos enclausura para descobrir como arrebentar seus cadeados. E, sobre o que se chama de disciplina e categoria científica de estudo, comprovaram como uma perspectiva só não pode dar conta do que seja conhecimento. Por isso, Senhor Esgoto, neste meu intento de pesquisar histórias de homens pretos de São Paulo, enveredei em geografia, literatura e crítica literária, filosofia, história, ciências políticas e da educação, psicologia e estudos de crítica cultural. Um caldeirão de vapores para anuviar, talvez um caldeirão sem fundo, como canta o caxambu, afinal várias das autorias que me nutriram nem mesmo cabem em apenas um campo disciplinar. Fixar Lélia Gonzalez em psicologia custaria sua retirada do tabuleiro das reflexões da sociologia e da antropologia. Inaicyra dos Santos adequa-se perfeitamente nos campos das Artes Cênicas e da Educação, ao mesmo tempo que lhes transborda. Afinei meu instrumento inspirado pelos movimentos ancestrais que desmancharam, lacearam e encheram de cor as fronteiras nacionais riscadas para controlar o que se alastrasse pelos ventos, águas e terras.

Grada Kilomba, discorrendo sobre imaginário e intelectualismo, sobre história das disciplinas e das ciências que surgiram balizadas no racismo, como por exemplo a antropologia, destacou isso bem. Observe aqui: “Não sei se é possível descolonizar a antropologia. Muitos autores e artistas pós-coloniais, da diáspora africana, nós já criamos um outro saber que não tem a ver com disciplinas clássicas. Eu não estou interessada em descolonizar a antropologia. Antropologia não serve ao meu conhecimento, ao que eu quero construir no meu discurso. Já há mais de muitas décadas, artistas e intelectuais da diáspora criam um discurso que não obedece a nenhuma dessas disciplinas. É uma transgressão das disciplinas. Fala-se para além das disciplinas e cria-se um trabalho que é interdisciplinar. Portanto, isso que é descolonização”..Chamo essas frases teóricas como chamo versos e lembranças da esquina que também cristalizam e sopram pólen de compreensão. Te cito esses parágrafos e análises como assovio nomes e ditos antigos em uma conversa na fogueira. Teoria quente e suada, palpitante.

*Epistemologia* é outra palavra bastante reproduzida hoje em dia, sabe? Vem quando mostramos que urge reposicionarmos elementos fundamentais dos saberes,

tanto pelas estruturas do que foi considerado conhecimento quanto pelos princípios e contextos do que foi desqualificado como acessório ou de segunda importância. Então precisamos esmiuçar os métodos e as hastes das bandeiras de conhecimento que se arrogaram como mais alto patamar de saber. Kilomba também, por exemplo, sugere epistemologia basicamente como "ciência de aquisição do conhecimento" e episteme como a relação entre conhecimento e ciência que determina: "**1 - os temas,** por quais tópicos merecem atenção e quais questões são dignas de serem feitas com o intuito de produzir conhecimento verdadeiro; 2- **os paradigmas,** por quais narrativas e interpretações podem ser usadas para explicar um fenômeno, isto é, a partir de qual perspectiva o conhecimento verdadeiro pode ser produzido e 3 – **os métodos** e quais maneiras e formatos podem ser usados para a produção de conhecimento confiável e verdadeiro".

Daí, Seu Rio, perceber, por exemplo, se tua prima, a água de alta montanha, proclamasse o que deve ser chamado de específico para que ela fosse galgada à posição central de água universal, sim? Bem, minha intenção é que essa teia deslindada colabore para dedilharmos criticamente os esteios do sistema da Branquitude e entendermos as posições e dramas dos córregos e dos homens pretos da cidade, conspurcados e que ainda ressoam e fluem. Refletirmos sobre o que estabelece tronos, pancadas, desprezos e também estratégias de resistência criativa, além do que é tranquilamente colocado como humano e seus reversos ou subalternos. Matutarmos sobre as imagens tétricas que baseiam ódio e supremacia. Na cabeça da Branquitude, o pavor e a paranoia da imagem de um homem negro construída na manutenção da escravidão e na continuidade sanguessuga capitalista firmada em bases raciais, viriam como nascente do ódio racista que inventa e alimenta continuamente a figura de um preto aterrorizante que deve ser destruído ou violentamente controlado.

Por sua vez, o ódio negro viria em resposta nascida no medo e na raiva, a que revida na percepção dessa *detenção sem muros*, como cantou Eduardo Dum-Dum no rap do Facção Central? Ódio minando na penitenciária aberta em que se vive a cada dia, a que nas ruas tranca passagens e entope os horizontes de quem pode zanzar controlado, a que engata cadeados na mente e que é tantas vezes letal. Senhor Rio, sabe o Luiz Melodia, aquele da voz que ponho na vitrola para ouvirmos quase todo dia? Na década de 1970, na música chamada *"Ébano"*, ele já versava em

duas linhas sobre a ausência de perspectivas para quem pode tombar fácil ao passar por uma esquina agourenta. Cantou sobre si e quem pode ser agarrado de repente pela brutalidade que lhe forja crimes não cometidos ou espanca acusando de qualquer ato imaginável, sem necessidade de provas e tranquila em relação a represálias, justamente porque isso cabe na projeção de uma erva daninha que precisa ser pisoteada ou arrancada do jardim. Sobre esse latejante problema mental da Branquitude que impede a mirada limpa e adoece observadores e observados, Luiz Melodia assim versou com elegância ferida: “O couro que me cobre a carne não tem planos/ A sombra da neurose te persegue há quantos anos”.

Esse é um ponto cabal, mas apenas um e integrado numa teia pegajosa para entender a criação, a construção contínua e a manutenção de uma ideia de homem negro a civilizar, controlar ou destruir. Isso influencia feito uma foice em nossas caminhadas e expectativas os tratos com nossas famílias e os mapas que decidimos traçar. Necessitamos mesmo descortinar mais coisas tidas como normais, desvendar mais do assoalho, da mobília e da divisão dos cômodos dessa casa. Compreender como sutilmente se arquiteta a voracidade de um redemoinho e detectar o arrasto de tantos aspectos de perversão, que bailam pontiagudos entre os estímulos corporais e as ideologias. O que arrebata o corpo entre o instintivo da mão, que se retira num milésimo de segundo ao tocar uma chaleira em brasa, e os ditames ecoados no megafone. Pois entre o pé que tira a sola imediatamente se é picado por um prego no chão e os valores martelados em tantas estampas e doutrinas, vociferados nos coretos com ideologias que sirvam como filtro e lente para o mundo, voga a nossa agressividade, babando segura por um manancial de ideias que justifiquem o pânico e a forca, contemplando sanhas humanas de brutalidade e de cólera, amparadas em esquemas cognitivos que orientam para o menosprezo e a aniquilação do que é considerado inferior. Apenas vale sempre recordar, em um ato de esperança que não seja ilusão, que da direção dessa relação entre os estímulos e a ideologia pode florescer também solidariedade, ninho e partilha, gamas de construção para além de destruição, em ímpetos que contemplem outras chamas do corpo e suas labirínticas vertentes e desejos que não apenas os da violência e da eliminação.

**A transparência alumiosa que aniquila. E os chorumes da degeneração**

Esse imaginário da Branquitude que é orientado com afinco para a ideia de contaminação, de água poluída e de nojeira a se limpar ou para a repulsa que elimina os dejetos é regido pelos símbolos e arquétipos da Luz, que exaltam a nitidez, a transparência e a claridade que deve permitir que se distinga tudo muito bem e que remete, não raramente, à maestria dos iluminados. Um imaginário diurno que orna com o passo do heroico, do purificador e de quem, na ponta do sabre ou do facho de sua lanterna, dita que pode esmiuçar quem domine com sua ponta de lança ou vigiar coibindo brechas suspeitas de penumbra ou de breu. É uma matriz dominante que privilegia a visão e a ideia de limpeza, que determina como lixo o que não pode utilizar como degrau, firmando pretextos para o uso da força na sua contenção e filtragem.

Podemos constatar isso na gama dos símbolos presentes nas bandeiras hasteadas pelos governantes coloniais, nos seus brasões e brados retumbantes, repletos de gládios, espadas e sóis laureando suas cruzadas ou tantas tomadas de terras e despejos. Ou em alto volume nas narrações que irradiam dos programas vespertinos de busca policial e de apreensão e imobilização dos chamados delinquentes. E nos objetos e falas dos mocinhos das novelas quando vestem o papel de quem tirará do perigo quem represente a fraqueza nas tramas. Em um caso são revólveres, algemas e grades, predominantes nos discursos de higienização da sociedade vitimada pelos vilões, capturados em ambientes soturnos ou em esquinas “suspeitas”, sombrias, que potencialmente ocultam algo clandestino e temeroso, principalmente se acusados de venda de substâncias que alterem a consciência que se quer absolutamente centrada e lúcida. Sirenes girando faroletes protagonizam a cena enquanto furam os ares com seus uivos agudos. Reportagens são armadas com holofotes que clareiem a resolução dos casos, limpeza semelhante ao modo de dar cabo das pragas nas hortas. Em outros casos, nos novelescos, centrados em protagonistas audaciosos e íntegros, distantes de contradições profundas que abalem seus sólidos princípios, o herói vai descobrindo pistas e as câmeras em *close* apresentam o que vilões mantinham em segredos guardados nas gavetas ou nos bolsos, até que os mocinhos se demonstram intrépidos e enfim exerçam a salvação dos frágeis, dos iludidos e do mundo representado por um enredo que deve se desanuviar pelo bem, iluminado bem.

Essa é uma vertente básica de um imaginário que se sustenta no macho dominador e em seu papel de conquista, de solidez e de pioneirismo, atuante como o piloto que conduz a locomotiva sempre para a frente diante de trilhos quebrados e tortuosos, abrindo clareiras e vencendo obstáculos do caminho a desbravar, extinguindo sujeiras em prol do que deve ser conduzido por seus vagões. A organização e a administração desse imaginário pleiteiam um plano sem sombras para seu cuidado paternal absoluto, estipulando junto com a dominação agressiva também um espaço proveitoso para projetar uma tutoria a princípio altruísta e condescendente, pretensiosamente curativa, mas garantida sob armas ou desinfetantes, mortíferas aos desqualificados como vírus e vermes do sistema. O jato d'água é um projétil no paredão, mas casa com a espuma purificadora do sabão e até remete aos banhos dados sem brandura nos cães que fogem da água disparada em seu pelo e que se chacoalham tentando se livrar do peso que se empapa no corpo. Muitas marcas de sabonete e alvejantes utilizaram em suas estampas corpos negros perdendo suas tintas e sendo deformados na exclusão de suas melaninas ( e um bocado dessas embalagens foram despejadas em ti, sim?). Aí se propalava o efeito arrasador das químicas dos produtos anunciados e do ato de esfregar sem piedade a pele escura em um banho que funciona como uma sentença definitiva de higienização.

Históricas, essas fachadas de magnitude e de autossuficiência (mal) ocultaram inúmeras crises de identidade fascinadas pelo "outro" e em catalogar, dominar e doutrinar quem não coubesse exatamente em seus moldes. Baseiam estupros e aldeamentos, exploração e servilidade, escravismo em labutas infindas e extração intensa de força vital até que restem bagaços de seres de toda espécie, sejam humanos mutilados e esgotados com poucas décadas de vida ou seres vivos como o senhor integrados à lógica que se habituou denominar como exploração de "recursos naturais". (Mas se já classificados como "recursos", já na mira do controle humano intencionado de extrações, como ainda ser "naturais"? Eis uma dúvida porreta que nos ensinou Milton Santos). Estruturaram um ideário e uma gestão concreta, material, alimentada por fantasias do "outro" e de si que lega à Branquitude imagens bem esquemáticas e traumáticas. Vide as crises de identidade que estouram pregando que é necessária a mão forte e decidida que conduza algumas

“culturas” à iluminação ou que as mercantiliza, baseada em medos da perda de controle ou em fetiches e desfrutes efêmeros, porém espetaculares.

Frantz Fanon escreveu do fascínio “ocidental”, isso que se arrogaria ser de uma matriz baseada em livre-pensamento, progresso científico, individualidade e fraternidade, herdeira de uma “civilização” fincada há séculos na oposição cristandade x islamismo e que na Europa se afirmou como herdeira da Grécia e da Roma antigas, portando valores transcendentais e a missão de ser espalhada e ensinada pelo globo terrestre. Esse termo, “ocidental”, e essa capa cheia de furos foram lustrados ainda com mais força durante aquela época quente chamada de Guerra Fria, mas tal fascínio já atuava bem antes sobre o que tanto foi qualificado como primitivo. Fanon também analisou como isso reverbera lancinante no olhar do preto para si mesmo, em uma tese intitulada “Pele Negra, Máscaras Brancas”, que marcou muitos cantos, estudos e pelejas desse planeta, com suas reflexões sobre o ser humano em suas concretas e mais íntimas lutas por independências. Sabia que o texto de Fanon foi negado em uma universidade francesa por “excesso de subjetividade”? Sim, por escorrer uma linguagem que combinava análise meticulosa, riqueza de fontes teóricas e uma ironia que não se entrosaria à suposta galhardia entoada como padrão científico objetivo. Deram o veredito de que aquele raciocínio poroso e deslizante não servia para alcançar o nível de saber de uma cátedra que propunha examinar contradições da psique humana. Seu estudo foi também rotulado como politicamente engajado demais, sem o distanciamento considerado adequado para tal universo. Ah, Fanon… que pretensão apresentar pilares subjetivos e temperar sua expressividade em uma real usina de desencanto...

Com leitura profunda e refinada, com atrevimento nos pormenores, Fanon publicou em 1952, demonstrando como tantas regras consideradas impecáveis pela psicologia mal ponderavam sobre as minúcias e o conjunto da racialização que a Branquitude operava em protocolos estabelecidos nas suas colônias ou nos seus próprios espelhos e linguagens. Ele escutou e verificou bem as fantasias esquemáticas da Branquitude que reforçavam situações de mando e gerenciavam a subordinação, definindo e limitando percepções mais profundas de si, vide as projeções sexuais de um animalesco, primitivo e desordenador corpo negro e as projeções de uma mente astuta, atribuída ao judeu, ou ainda a projeção de preguiça e ingenuidade atribuídas ao indígena nativo das Américas. Mira cá, Senhor Esgoto,

o funcionamento de um coador que determina a água e o sumo que devem passar no crivo e, no mesmo gesto, designa o que é sujo para se dispensar da ideia de “civilizado”. Imagine, além das vantagens do mando, quanto fervo e gastura garantiram essa contenção de si e essa falta de se observar e de se sentir com menos pretensão.

Fanon colocou assim na janela o desate dessa bomba, veja só: " O branco civilizado conserva a nostalgia irracional de épocas extraordinárias de permissividade sexual, cenas orgiásticas, estupros não sancionados, incestos não reprimidos. Essas fantasias, em certo sentido, respondem ao conceito de instinto vital em Freud. Projetando suas intenções no preto, o branco se comporta “como se’ o preto as tivesse realmente. Quando se trata do judeu, o problema é nítido: desconfia-se dele, pois ele quer possuir as riquezas ou se instalar nos postos de comando. O preto é fixado no genital, ou pelo menos aí foi fixado. Dois domínios: o intelectual e o sexual. O pensador de Rodin em ereção, eis uma imagem que chocaria. [...] O preto representa o perigo biológico. O judeu o perigo intelectual".

Mas também imagine quanta violência essas projeções garantiram, justificativas para penetração invasora do corpo de quem recebia a chancela de ser grotesco. Essas atribuições de hipersexualidade, brutalidade, promiscuidade, incapacidade de raciocínio, permissividade, tendência à selvageria e descontrole soberano dos desejos ilustram ainda fartamente nosso cotidiano, empapam nossas vestes feito o vapor que turva a vista e que embaça espelhos e estradas. No leque de ideias da Branquitude, projetado pelo seu canhão de luz tantas vezes estreito mas com vastas pretensões globais, a violência dos maremotos e dos vagalhões para fora de si, mais o deslizamento e o desequilíbrio que confundem o passo, são considerados como dons naturais do preto. Porém, ao mesmo tempo que esses “dons naturais” são execrados, também são considerados algo arriscadamente recreativo, algo que se possa frequentar sem compromisso e que possa ser integrado por um instante para que, acionados, sejam usufruídos, absolutamente gozosos desde que se bem maneje o que se considera excepcional e o que porventura escape à normalidade da racionalidade que coloniza. De novo é a imagem do gelo a que surge, mas dessa vez como o que não quer derreter, a não ser que apto a recompor sua solidez na volta à sua suposta normalidade, a mesma normalidade que não é

atribuída a quem não caiba no encaixe e no molde determinados como corretos, limpinhos, sérios, regrados.

Trançada à normalização desses critérios vigora a chancela de poderes médicos e a imposição de discursos e receitas que estipulam noções de patologia social. Das medidas de conduta atadas aos corpos e ao que representam em um engenhoso degradê, desembocam as práticas de “higienização” e de encarceramento que vieram de cambulhada. Dos mecanismos de purificação e de filtragem até o represamento e as barragens de contenção, pinta-se apenas um rastro. Não é difícil vislumbrar o medo básico da Branquitude brasileira, que apresentou tanta energia nas políticas de imigração europeia e que permanece há décadas peneirando acessos com o que instituiu como padrão de “boa aparência”, escorraçando a massa negra dos trabalhos nas indústrias e comércios e muralhando canais de escolaridade. Cismo que o senhor, nêgo véio e menino novo, testemunhou lamentos em sua beirada daqueles que jogavam pedrinhas em ti mastigando indignação. Presenciou os excluídos do jogo por suas características corporais que justificaram desabonos. Os tais “inferiores”, os mais vigiados pelas escoltas, os subalternos nas cartilhas.

E a dissolução e a derrubada de territórios e bairros de preto? Pois há tempos essa faina tem em seu afã sanitário mais um aspecto chave: o confinamento psiquiátrico e carcerário dos negros, algo que ocorre atualmente mas que já estralava na divisa entre os séculos 19 e 20, quando foi pintado com nuances ligeiramente diferentes e embasadas na eugenia, que se afirmava ciência determinando virtudes ou supostos defeitos à “biologia das raças”. Esse poder médico rubricou em muitos cantos do planeta medidas de trancamento ou de experiência laboratorial violenta a pessoas negras, como nas investigações obstétricas arrasadoras de fertilidades com mulheres falashas, que são judias etíopes que habitam em Israel e foram feitas cobaias de medicamentos. “Vênus Hotentote” foi o nome dado na Europa a Saartjie Baartman, uma mulher khoisan exposta a multidões e aprisionada em Londres e Paris no começo do século 19, como tantas outras pessoas africanas ou indígenas da América do Sul mandadas para zoológicos, circos e laboratórios europeus. Ela foi mais uma das muitas cobaias dos experimentos médicos que conferiam se mulheres negras, tidas como algo monstruosas e anomalias da humanidade, teriam testículos

e pênis dentro de suas vaginas. Traço uma linha entre essa calculada aberração e as recorrentes invasões à mínima privacidade de peles e casas. A imposição bem dirigida às arraias miúdas da capital fluminense, predominantemente pretas, foi um dos fatores que culminou na “Revolta da Vacina”. As determinações de vacina que foram interpretadas por habitantes dos morros no Rio de Janeiro do começo do século 20 como mais uma violência, receberam revides categóricos que extrapolaram a própria questão e a entenderam em uma teia maior, já que essas pessoas se sentiam saturadas de decretos que as retiravam de suas moradias, as impediam de atuar em certos trabalhos tidos como atrasados ou determinavam que servissem em batalhões. Isso voga até hoje em propostas de esterilidade compulsória escancaradas ou disfarçadas como ideias para projetos de controle de natalidade, sempre voltados a negras e faveladas. Esses experimentos com o corpo de pessoas pretas é base de preceitos que definiram por muitas décadas o que seria um corpo são.

A degeneração pela Branquitude e sua decorrente atribuição a si mesma do papel de purificadora, que nomeia o que seja patologia social, fica nítida quando nos deparamos com métodos de treinamento policial que ensinam recrutas e cabos a abordarem com mais frequência e veemência jovens negros. Imagens da água que se agita e que sempre periga transbordar ou contaminar a ordem desejada, ou da água ácida que pinga como gota de gangrena, inspiram atrocidades como as que Maria Clementina Pereira Cunha apresentou em seu livro “O Espelho do Mundo - Juquery, a História de um Asilo”. O Juquery é uma instituição manicomial que foi criada justamente num período próximo ao Treze de Maio da abolição da escravidão e os arquivos da casa mostram que suas mulheres internas eram quase todas negras, citadas em laudos como degeneradas em razão das suas características raciais: “Os estigmas de degeneração física que apresenta são comuns à sua raça: lábios grossos, nariz esborrachado, seios enormes e pés chatos”.

Quando eram encontradas viajando sozinhas, essas mulheres recebiam o diagnóstico de ninfomaníacas. Referendos como esse serviram e indiretamente até hoje funcionam como legitimidade para a clausura e tratamentos truculentos. Gente negra era a maioria absoluta das pessoas internadas no Hospital Colônia de Barbacena, o “Holocausto Brasileiro” em Minas Gerais, assim como no Hospital Manicomial do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Pessoas como Bispo do

Rosário e Stella do Patrocínio eram recolhidas das ruas ou depositadas ali pelas próprias famílias, No Engenho de Dentro foram abolidas técnicas de choque e de agressão física quando frutificou a arte-terapia de Nise da Silveira, que era acompanhada por pessoas como Dona Ivone Lara, a *Dama do Samba,* e Maria Margarida Trindade, professora de danças no Teatro Popular Brasileiro comandado pelo poeta Solano Trindade e por ela, mãe da artista Raquel Trindade.

Acompanhando esse prisma, pesquisas detalhadas já demonstraram que jovens pretos acusados de tráfico de drogas recolhidos pela polícia enfrentam uma disparidade entre a aceitação de seus pedidos de soltura e os concedidos a rapazes brancos enquadrados na mesma situação. A negação é costumeiramente carimbada a pretos quando as fotos nos autos do processo que chegam aos juízes são as únicas diferenças substanciais no histórico de cada um dos acusados. Se somamos a isso a cruel estatística que aponta que mais de 60% dos presos no Brasil nem sequer passaram por julgamento em primeira instância, além das dezenas de milhares de pessoas que permanecem detidas mesmo por muitos anos após o fim de sua pena e do fato que a imensa maioria dos sentenciados são negros, conferimos como permanecem atados feito nós molhados os referenciais que amedrontam setores poderosos da sociedade e que despertam respostas vorazes em tribunais, baseadas no que o corpo preto inspira na Branquitude brasileira há várias gerações. O sistema imaginário que carimba sanções em laudos médicos e agências de emprego não foge à sua regra em fóruns e alçadas judiciais. O racismo virulento não é uma falha do sistema nem um lapso cometido por um ou outro de seus agentes, o que poderia ser configurado como uma degeneração do sistema, mas é sua própria arquitetura e substância.

É cabal nessa teia pegajosa o peso da chamada *Parcialidade,* Seu Esgoto. Lélia Gonzalez sistematizou o racismo como a grande neurose cultural nacional, articulada ao sexismo, sabe? Demonstrou como uma das esferas desse ardil e um dos sintomas dessa neurose é a redução de uma pessoa negra a categorias prévias que a enquadram racialmente, subscrita apenas ao que já é definido como próprio e característico do rol limitado de imagens que a Branquitude dispõe. Ou seja, um preto necessariamente passa a representar todos os pretos, sendo preteridas todas as camadas e modulações que constituem essa pessoa. Toda a sua experiência, sua

formação e suas marcas de personalidade distintas são escanteadas. Por exemplo, seja um jovem médico, um gari, um sociólogo ou um marceneiro, os direcionamentos, as definições e as expectativas dadas de antemão a esse homem preto serão as mesmas, fortemente influenciadas pelo bombardeio de imagens rasas fornecidas pela cultura tradicional da Branquitude, que racializa a toda gente mas não se percebe racializada. E, assim como a parcialidade de um elemento pode se espichar para estereótipos físicos relacionados ao psicológico e como podem ser retratados de forma idêntica todos os que integram uma população composta por imensa variedade de pessoas, partes do corpo mais estereotipadas recebem uma lente de aumento e passam a ser chaves dessa visão redutiva e excludente. Considerando que Freud conceituou como objeto parcial o que é visado pelas pulsões parciais, aquelas que negam o conjunto e despedaçam as condições de compreensão e relação entre pessoas, Lélia Gonzalez constatou como fragmentos do corpo, reais ou fantasmados, são pinçados no atacado para representar o que demarcaria e avalizaria uma pessoa preta em sua inteireza. Os casos das genitálias ou da bunda são os mais recorrentes alegorias que se entrelaçam ao que já conversamos sobre a hiper-representação sexual atribuída às gentes negras, mas o cabelo considerado “ruim” ou “exótico”, a musculatura apta aos esforços hediondos (própria de quem ainda recebe a estampa de cavalo de carga) e os lábios marcados como exagerada marca de tagarelagem ou de fome insaciável são também frequentes nessa segmentação que mutila socialmente a presença e a potência de uma pessoa. Como sumariar um rio que atravessa muitas regiões, climas, altitudes e ambiências humanas a partir de um conta-gotas ou de uma enchida de cuia?

A autorização de uma visão parcial que define pelos comportamentos de uma pessoa negra o que seria próprio de toda uma comunidade firma uma degeneração que formula bem um desejo, um pensamento ou um sentido até aí recalcado e que continua a defender-se dele, negando que isso lhe pertença ou lhe frequente. E se esses são processos em que se perde a singularidade de ser, percebemos que isso acontece com quem é definido e também com quem define, pois captura tanto quem passa a se atribuir o papel social de árbitro como enquadra aqueles que esse juiz passa a delimitar. Nesse balaio, Lélia Gonzalez estendeu os seus estudos psicanalíticos para a obra de Lacan e dali recuperou o conceito de *infans*. Observe: na psicologia lacaniana, “infans” é aquele que não tem fala própria, é o incapaz de

formular discurso, e no caso de análise da Branquitude serviu para demonstrar como o preto passa a ser tratado como uma criança sem autonomia de linguagem, um ser que apenas balbucia ou que deve se referir a si mesmo sempre em terceira pessoa, a partir do modo como um adulto o chama, abrindo uma larga vereda para a tutela exercida por quem veste nesse teatro de máscaras o papel de adulto, responsável e condutor.

***

Senhor Córrego, licença. Voltei. Busquei um lenço para me cobrir as narinas, que o teu cheiro de repente ficou mais forte e envolveu nossos varais em uma lufada vigorosa. Eu estava no maior papo teórico mescladinho com os poros e quenturas cotidianas… talvez tenha sido por isso que o senhor começou a exalar daquele jeito. Há décadas sei que és assim e que às vezes impregna com mais espessura no ar, mas hoje o senhor está mais levado. Ou mais macambúzio… Talvez seja nesses momentos que você assovia mais agudo e murmura mais chiado. Fiquei imaginando de novo o que será que já exalou perfumoso em tuas épocas passadas de curvas de bosque. E imaginei cada pedaço do enredo que em bem menos de um século te impôs a condição de Esgoto, teimoso em escorrência e música de Rio, mas Esgoto. Volto a te firmar minha desconsideração a esse emaranhado de leis e de agressões que faz parecer normal o cristal se trincar, o corpo se amaldiçoar e a fonte se emporcalhar.

Te escrevia sobre elementos do que chamamos de Branquitude, para aprender como isso influencia nosso caminho de modo deformador ou letal, mas que produz para quem manda nas rédeas também as suas prensagens difíceis de apagar. Definindo-se pela régua da vastidão e da unicidade, a Branquitude, como quem se nomeia mar diante de doses de água salgada em colherzinhas ou como quem aplica a si a suposta solidez de um gelo que não pudesse derreter, forjando para seu próprio espelho o reflexo de um ideal geral e de uma concretude universal, acarretou pilares que se enferrujaram e se corroeram, mas que continuam vigas de projetos rotos de nação, de cultura, de civilidade e sobretudo de humanidade. Projetos que ainda crivam e perfuram em muitos âmbitos da vida quem não se chancele adequado por seu termômetro. Isso a princípio teria ocorrido emaranhado

à imposição de uma religião que valesse obrigatoriamente a todo ser do planeta, na conversão e na arrumação de qualquer um considerado estranho por espelhos europeus, analisado em debates nas altas cúpulas eclesiásticas, naturalistas ou acadêmicas até que pudesse ser reconhecido como algo mais do que um bicho, pelo menos oficialmente..Isso avançou nas demarcações de um fenótipo que representasse o padrão de humano belo e “normal”, instituindo parâmetros raciais que permeiam cada camada do cotidiano e que renderam um paradoxo pesado: o sujeito que se define central e modelar pelas regras da Branquitude ainda hoje não se concebe também como pessoa racializada em uma sociedade que distribui oportunidades e condições baseadas na corporeidade de seus indivíduos.

Quantos já se fitaram na tua borda, Senhor Córrego, desde quando foste cristalino? Quantas pessoas procuraram admirar a própria face em tua superfície, feito Ndandalunda, *nkisi* das águas doces? *Nkisi* é princípio de medicina. Será que o senhor contemplou quem se fitou em hora de banzo, em querença de afogamento saltando em ti? E quantas se fitaram hipnotizadas por si mesmas como o Narciso do mito grego? Pois é nessa dimensão da água como espelho que se firma o que a psicóloga Maria Aparecida Bento chamou de “Pacto Narcísico da Branquitude”,, um acordo que descreveu como o “que implica na negação, no evitamento do problema com vistas a manutenção de privilégios raciais. O medo da perda desses privilégios, e o da responsabilização pelas desigualdades raciais constituem o substrato psicológico que gera a projeção do branco sobre o negro, carregada de negatividade. O negro é inventado como um ‘outro’ inferior em contraposição ao ser branco que tem a si mesmo como superior; e esse ‘outro’ é visto como ameaçador”. Observe que prédio suntuoso e ao mesmo tempo de fácil desmanche o medo monta como sustança...

Na transformação de tua própria história, Seu Córrego, o senhor notou que equilibrando e alargando os círculos de preservação de privilégios, sem declarar a racialidade que envolve a todos, mas que especialmente fustiga uma parcela da sociedade, são modeladas alianças internas entre pessoas brancas? São alianças maciças e a princípio invisíveis, mas que ratificam identificações afetivas em prol de vantagens e regalias. Seja em situações especiais de convulsão ou ainda quando se coagula o que escorre no caldo rotineiro dos dias, no Pacto Narcísico se recorre ao

silêncio ou aos atos evasivos, ambíguos e hesitantes até que o fervor se acalme diante de uma adversidade baseada na raça, instruindo que é necessário se calar ou se negar esse pedaço de realidade. Assim se conservam as barreiras que excluem pessoas pretas de espaços de poder, numa interdição constante balizada num pacto fértil entre iguais, que reproduz escudos incessantes contra os transtornos que ameacem a supremacia da Branquitude.

Gostaria de saber como o senhor observa quem se encara sobre ti. Nesse caso, o espelho d'água e o movimento de exaltação à própria feição aqui harmonizam bem com o que se considera manter a si mesmo em posição conveniente, admirando-se narcísico mas mantendo-se pretensiosamente seguro na fixação de seus proveitos. Em tal caso não há a dissolução, e sim a contenção. E o mergulhar em si mesmo exclui o que sejam espelhos ou águas que não se adequam à enxerga congelada de si. Onde parece prevalecer o estático, pulsa o movimento do esforço de negação chancelado em um pacto.

O racismo e o olhar afloram com pujança e combinam-se nas íris e remelas desse sistema ideológico chamado Branquitude que, tão sólido, é fonte e ponte de libido. Desde a escravidão oficial houve para o povo preto a proibição histórica de ver e a imposição de ser visto. Prestando atenção à arquitetura e seus giros, podemos considerar as senzalas (em geral sem aberturas além das portas de entrada) e depois examinar os quintais de famílias pretas nas capitais, frequentemente no fundo das casas, protegidos dos olhares da rua em um entrelugar que defende seus moradores e convidados das malícias e dos perigos de fora, mas preservando a intimidade e os segredos dos quartos e da cozinha, seus interiores. Ainda levemos em conta a profusão de janelas no princípio do século 20 nas casas de preto, já sem sinhô. Nesse leque histórico, há tantas formas de coibição do olhar quantas são as várias buscas de se esquivar das miradas punitivas ou de implodir as visadas que são setas e pântanos. Mesmo nesses barracos daqui, enfileirados em tuas beiradas e feitos sobre seus vapores fedorentos, vê como a janela é uma peça querida e nela se cultiva a boniteza, a esperança e o trato das mãos nos vasinhos de verdejanças?

Em um livro chamado *"Olhares Negros"*, bell hooks discorre sobre esse desejo que lambuza o olhar da Branquitude, esse tesão combinado à repulsa. No texto "Comendo o Outro", ela alia o olhar ao apetite e apresenta como as ofertas da

comunicação de massa e a direção da Branquitude em câmeras e holofotes, expondo e mirando corpos negros, visam manter distinções e hierarquias mesmo que tracejando as imagens de gente preta com propalada simpatia, cobertas de estereótipos mas abrindo espaço para que pessoas brancas sejam retratadas como alguém que desfruta de elementos culturais atribuídos a negros. Aí mora também o já clássico protagonismo do personagem branco que deseja se integrar ou mesmo ser o seu “outro”, mas apenas por um breve momento ou em um período que demonstre sua aparente sagacidade e ateste sua suposta falta de preconceitos negativos. Ele atua sem responsabilidade comunitária ou invisibilizando de fato o outro, o preto, que é mais sugerido e tomado em focos do que efetivamente apresentado em movimentos que transbordem qualquer expectativa inicial, mantendo assim o que assegure que a Branquitude seja representada com leveza, como quem traz uma amiga galhardia. Então, portando uma “natural” simpatia magnética ou uma bélica contrariedade, acolhida superficialmente ou vencida pela inteligência e força, essa diminuída presença negra abriga uma compreensão apenas do que seja palatável, já que são apagadas as vivências que trazidas para a consciência da Branquitude provocariam angústia. Haveria aí uma “nostalgia do imperialismo”, quando o desejo não é conhecer o “outro” nas suas imagens sortidas, mas sim tornar-se o próprio Outro num ato, num instante, num enredo com começo, meio e fim previsível e seguro, bem afeito à manutenção de projetos de colonização. Lembro de vários natais e páscoas e confiro agora os doadores de cestas nessa época de pandemia, em 2020 e 2021, que chegam aqui nos becos primeiro com as câmeras e depois, no movimento seguinte, com os brinquedos, o macarrão e os chocolates.

A fascinação antiga do Ocidente com um “primitivo” tem a ver com suas próprias crises de identidade no espelho e com sua própria necessidade de claramente demarcar sujeitos e objetos. Enquanto a Branquitude permanece apenas flertando com o “outro”, caminha-se da exploração do trabalho, da concepção de medonho e da acumulação escancarada de bens para a projeção de um novo sentido de plenitude direcionado ao preto, limitando-o também a um campo dos doces sonhos, contemplado como ninho da ternura, da estética vibrante em profusão, da façanha sexual ou como o tablado de uma beleza alienígena e uma espécie de terreno baldio da aventura controlada, área de risco, mas de onde provavelmente a

Branquitude deverá sair sempre ilesa. Assim, aliada a um olhar que se propõe como parceiro, prevalece a deglutição e o vômito que não compreende mas que, sim, exotiza e vampiriza, esquivando-se de entender o preto por dentro porque isso pode transformar o que era visto desdenhosamente apenas como lúdico para o que passaria a ser visto com temor. Isso iria diferir bastante do apaziguamento e da resolução superficial de crises e de tensões que essas alteridades mercantilizadas plantam e dessa combinação de prazer e de perigo para exibir, iscar e vender que ao mesmo tempo pode tornar o travesseiro mais fofo para um sono tranquilo. Afinal, assim não mais se evita a presença do outro mas essa passa da condição de repulsiva para o estado de um objeto utilitário psíquico e mercadológico, meramente interessante, saciando fomes de representação aventureira. E, se a distância envergonha, então a proximidade que controla lentes e respostas, representando como se fosse um mergulho o que é apenas a ponta do próprio pé colocado na beirada de um vasto rio, passa a oferecer oportunidades de gozo e de marionetagem. Em lugar de uma ameaçadora insurgência, de uma apreciação crítica sensível às dimensões comunitárias e de atentas mudanças efetivas de posicionamentos, cultiva-se um fugaz reconhecimento e uma cômoda promessa de reconciliação. Fanon explanou bem sobre isso. Confere: “Esse “olhar”, do – por assim dizer – lugar do Outro, nos fixa, não apenas em sua violência, hostilidade e agressão, mas na ambivalência do seu desejo”...Ou seja, no âmbito do grande capital tecnológico e suas peripécias, o exótico é transformado em matéria prima para usufruto do que se preserva hegemônico.

Mas ainda vale muito tocar no que hooks estudou a partir de depoimentos de pessoas negras em seu texto “Representações da Branquitude na Imaginação negra”. Dali, Seu Córrego, pode se afirmar que mesmo os pretos que imitam brancos adotando seus valores e discursos continuam a ver esses brancos com suspeição, medo e até ódio. E que as tentativas de copiar seus hábitos de ser ocorrem por inúmeros motivos: pode ser tanto uma admiração real combinada a um desprezo de si, como meras estratégias de sobrevivência para galgar posições sociais. Contrariando a fantasia da Branquitude de ser vista como quer aparecer, pretos assumiram que costumam fingir estar confortáveis nesses momentos de proximidade efêmera até que, ao darem as costas, sentem que aliviam intensos níveis de contração e rancor. Acompanhando a complexidade de movimentos que não se

encaixam facilmente em uma moldura protetora, o branco é visto nos limites pretos das cidades segregadas como terrível ou como alguém a temer. Mais do que ser categorizado como belo, inteligente e fino, nas visões partilhadas no gueto ou nas camadas da classe média negra por diferentes faixas etárias, predominam em relação aos brancos os adjetivos “cruel, esperto e frio e sem paixão”.

Na luta pela resistência psicológica e pela anunciação autônoma de si, pretamente borda-se o mínimo ou o crescente poder de quem não aceita ser marionetado em seus anseios e táticas, interessado no protagonismo e na autonomia da sua própria sensibilidade ao reivindicar e cultivar a consciência de lugar, de história e de ser sujeito. Isso politiza as relações do olhar e aprendemos a observar para não desabarmos. Foi isso que hooks qualificou como necessário “olhar opositor”, criado e fortalecido com a interrogação de expectadoras negras no cinema, dadas as condições de dor diante de filmes que apresentavam heróis e heroínas que não ornavam minimamente com as vivências das mulheres pretas e que, ao contrário, apenas as destituíam de dignidade. Por isso, o questionamento viria como um real fundamento do prazer estético. Do olhar crítico que evita a idolatria, seria cultivada a forma possível e desejável de abstrair com saúde e inteligência até o cinema conduzido pela Branquitude.

***

Sabe, Senhor Rio... quando comecei a pousar em lugares que daqui de Americanópolis eu pouco imaginava existir, depois que conheci a universidade, outros estados e países por conta de minha arte e por causa da minha atuação pedagógica e dos meus estudos, experimentei ser recebido em âmbitos chiques e poderosos que emitem leis, estabelecem parâmetros e assinam orçamentos. De estadia em hotéis que hospedavam até chefes de Estado; de universidades nacionais ou estrangeiras que me abrigavam com pompa para que eu oficinasse e palestrasse; de estúdios de televisão e de rádio onde apresentei quadros e programas ou concedi entrevistas; de restaurantes onde debati e assinei contratos de edição, me vieram momentos e filtros em que percebi a propriedade da Branquitude em lidar muito bem com a ideia de “representatividade”. Essa aspiração e reivindicação tão cara para nós chega a ser modelada quase como um ápice, arranjada até como um item próprio

da democracia liberal e que emerge como infalível resolução de problemas escamosos. Cismo se essa representatividade, sendo tão fundamental quanto insuficiente, não seria isca jogada e fisgada com tanto entusiasmo justamente por garantir um acesso vigiado, controlado e por espraiar a ideia de uma chave distribuída a iluminados que passaram no filtro.

Sempre que retorno para a nossa quebrada e usufruo o transporte público após a macia condução pilotada por motoristas particulares; sempre que após os cafés da manhã fartos e tão coloridos de estadias deslumbrantes voltei à rotina dos ovos da quitanda e das feiras onde vendi bananas, sem depreciação nem idealização das bordas de cá, mas com calejada e ampliada percepção de mundo, compreendo como é fácil e simplista o agenciamento dos capitais da Branquitude, seja o econômico ou o simbólico, ao garantir vagas específicas e bem vigiadas para o que chama de diversidade. Ele acerta os volumes e modula o que a princípio lhe pareça ofensivo, mas assimilando e dando função frequentemente encaixotada ao que se movimenta para passar a acolher. Até aí talvez não haja nenhuma novidade no que escrevo para o senhor, mas o que presenciei com os poros abertos, além das abordagens de “seguranças” desavisados que em metrópoles do norte do planeta me incomodavam por eu estar no saguão de entrada e nas áreas VIP de hotéis, guardas que fugiram ligeiros após minhas respostas que portavam xingamentos e cartões de hospedagem, foi o que Lia Vainer Schucman, mulher branca descendente de judeus, psicóloga estudiosa da Branquitude brasileira, apresentou como *retorsão*, algo que ela diz ser usado largamente pelas retóricas que dominam orçamentos, redações, palcos e valas administradas e difundidas pela “elite” nacional.

Retorsão é o gesto que utiliza e retorce o discurso do preto para argumentar contra o próprio preto quando este apresenta as lâminas e as cicatrizes do racismo diário. É o que exclama que racista é o próprio movimento negro ou a pessoa que abalaria a suposta placidez de um convívio harmonioso com discursos que instaurariam um clima bélico e separatista onde a fraternidade é regente. Lia Schucman, inconveniente à Branquitude ao analisar tanto a invisibilidade que acomete pessoas pretas em cargos braçais subalternos quanto as respostas de intelectuais brancos às agruras do discurso de militantes de movimentos negros, expõe o que passei inúmeras vezes. Fui visto como ingrato, como “racista reverso” e nunca mais convidado por alguns lugares após eu explanar elegantemente que a

estética e a poética eram muito valorizadas nos auditórios cheios pelos interessados em minhas palestras sobre a encantadora presença cultural negra, mas que as bases da história política, econômica, geográfica e psicológica também são centrais nesse problema e correntemente evitadas nos debates “artísticos”. Causavam constrangimentos minhas apresentações das ligas, fundamentos e minúcias do que compõem o que é chamado de estético, aquilo que desejavam apreciar em separado das agruras ou das suas propostas mais críticas. Nessa teia, Lia Schucman e Mônica Gonçalves com contundência mostraram o borbulhar da retorsão na lábia irada da Branquitude, quando dizem que:

*“A segregação começa quando ela é nomeada e não na corrente cotidiana que arde e desintegra socialmente. Seja a espacial na cidade ou a que repense uniões afetivo-sexuais interraciais ou intrarraciais, como a de homens brancos, categoria que mais escolhe parcerias dentro de sua categoria étnico-sociorracial. [...] A segregação não começa na escravidão, não começa no genocídio, não começa nos 2% de pretos vivendo em Pinheiros, a subprefeitura de maior IDH do Munícipio de São Paulo, contra 65% de pretos vivendo em Parelheiros (aquele bairro que, de tão longe, muitos leitores nem ouviram falar; bairro que as pessoas nunca frequentaram, nem conhecem ninguém de lá, porque lá não tem transporte, nem aparelhos de cultura, lazer ou esporte, esse bairro que tem apenas gente preta morando). A segregação não começa no risco três vezes maior de jovens negros morrerem quando comparados aos brancos. A segregação começa quando os negros, reunidos, pensam em estratégias de superação dessa condição, estratégias que não envolvam as pessoas brancas, com meios e métodos que caminhem de encontro ou à revelia das considerações dos brancos. É um incômodo, alarde e polemização que não vemos quando pretos são assassinados. A isso, os pensadores antirracialistas seguem bastante indiferentes”.*

Pulsam aí os ressentimentos de uma Branquitude temerosa, que sente o risco de perder posições centrais e dominantes no terreno político e seus patamares simbólicos. Porém, esse ressentimento que aflora diante do que considera uma ameaça costuma vir apenas como culpa de consciência e não é metabolizado. Essa reverberação acontece na universidade também, Senhor Rio. É da mesma sintonia que estrila se partimos de fontes e reflexões escritas em sua maioria por autorias negras, logo desqualificadas como “militantes” e não como “ponderadas”, sabia? Mas

ela não problematiza a imensa maioria ou a total presença de autorias brancas ou europeias em seus programas e notas de rodapé, em seu rol de referências absolutas e canonizadas.

A retorsão, destacada e colhida em divãs psicanalíticos, que pulula quando os fatos podem ferir se considerados como verdade que carece de trato, me parece também ser o que altera e reverte o curso dos rios, impondo o avesso à sua direção. Ou aquilo que entope a fluência e ainda tenta tapar o que vaza indesejado de um tanque sujo quando, ao retorquirem as dúvidas e proposições que mostram o espelho trincado, acusam as próprias tais de estilhaçarem o espelho, até então supostamente intocado. Eis uma forma de se defender das tormentas, acusando as mãos que acenam sobre a iminência de uma tempestade de serem as mesmas que criam os vendavais; de serem as que chacoalham a pele da água e desordenam o que esteja tranquilo, mesmo que as ondas já estremeçam sustentáculos e as corredeiras arremessem para longe quem atravessa as águas tidas como brandas e complacentes. Retorcer é virar do avesso o aviso da tormenta, como se fosse o próprio aviso o que cancela a existência de uma calmaria inexistente mas desejada, enquanto o turbilhão já afunda as turbas e afoga as tropas.

## Regência das frestas, logísticas do terror e diluição envergonhada

O senhor é leito, então é margem, é fresta no chão, é vão na terra grande por pequenino que seja seu sulco ou maior que se apresente, como se fosse amazônico ou despontasse em largura de Tietê antes da retificação, em amplidão de Pinheiros antes de lhe desnaturalizarem o curso invertido. E, nisso de ser leito que desenha curvas dialogando passagens com chapadas e pedreiras, concebe não apenas a malandra criação e a ginga no precário, tantas vezes comemorada, mas as tensões raciais que aqui neste país são sementes do insalubre e rendem os danos mentais e ataques cardíacos de milhões. Entendo que isso voga na regência das frestas, sabe? Angela Alonso, socióloga que pesquisa as altas elites senhoriais desde o Brasil Império, após analisar os arranjos praticados há séculos pelas classes dominantes no país, especialmente publicando sobre seus vacilos e seus brados nas décadas de reivindicações populares que culminaram na abolição da escravatura de 1888, ensina sobre uma lógica que é coluna dorsal da Branquitude brasileira: a de manter

essa possibilidade da fresta, regendo a configuração dos espaços de poder no jogo político e econômico, oferecendo também a impressão de abertura dos portões trancados e uma cara de mobilidade no sistema após acolher os movimentos que a princípio chegam a ser ameaçadores.

Penso em margem e fresta especialmente porque são ideias tradicionais em nossos horizontes e movimentos negros. São temas que surgem com recorrência em muitos livros e em muitos papos de esquina, comentando vitórias e resiliência, sapiência e intuição. O senhor já deve ter escutado muito. Com razão, celebramos e louvamos nossa capacidade ancestral de abrir frestas. Porém, se a Branquitude também é uma “cultura tradicional”, aqui a noção de fresta aberta é fundamental, um real eixo ideológico, conforme ensina Angela Alonso. E como isso se relaciona com aqueles versos que Colina apresenta para a gente negra sobre marginalidade e paixão? Eis um dilema de escolha de posição, uma questão sedutora que freia ou que anima. Ele fertiliza a dúvida se a criação de frestas e a exaltação de tal talento são tidas como habilidade negra justamente enquanto, para a habilidade da Branquitude em manter esta mesma possibilidade da fresta, seria apenas abertura e controle do vão que confirma o bloqueio, mesmo que a gente sonhe com o seu desmoronamento como consequência daquilo que lhe mine por dentro.

Manutenção da fresta seria um engenho histórico e astuto da Branquitude, agraciando tanto suas necessidades ideológicas e econômicas quanto a projeção preta de caminho e mobilidade. O alargar das gretas não acompanha o encorpado preto real, uma considerada maioria demográfica e seus variados conjuntos de ideias. Seria isso uma otimista ilusão de ótica, refração decepcionante e muito mal equilibrada? Poderia ser um truque discursivo que ratifica um contínuo funcionamento da engrenagem. Então, seria a fresta mesmo o possível, dada a densidade da muralha, ou o limite alcançável de nossas realizações, que são compreensíveis e que não requerem tribunal nem desdém, mas sim reflexão? Frestas indicam larguras das reivindicações ou limites de aspirações? Onde, após séculos de escravidão como a desse país, se reverteu plenamente em vitória, em justiça e equilíbrio a condição afrodescendente? Como então fazer das e nas fendas o coletivo, o promissor e alvissareiro, mais do que algo meramente excepcional? Como operar nessas brechas e criar outras de baixo para cima na muralha, no querer da ampliação e da mexida estrutural, se esse é o princípio do jogo e a relação

assimétrica dada de começo por quem joga de mão distribuindo o naipe das cartadas na mesa? Afinal, são garantidos também por armados brucutus, leões de chácaras e peões de guarda que portam desproporcional aparato bélico.

A “oportunidade” individual disposta pela elite brasileira que é violenta e se vê generosa, também é da natureza das frestas, do movimento nas franjas e da greta orquestrada na rocha. Angela Alonso aponta em “O Sono dos Cidadãos de Bem” que “esta fresta para o alto não altera os mecanismos de distribuição de recursos e acessos. Mas é o suficiente para os cidadãos de bem, reconfortados pelo argumento liberal de que oportunidades individuais bastam para corrigir problemas estruturais”. A professora demonstra meticulosamente como essa “elite” pensa a si como líder, como guia, defendendo mordomias hereditárias e a manutenção dos impedimentos que garantem os alicerces e carcaças das relações raciais no país, renovando a seu gosto e conforme a sua precisão alguns aspectos da arquitetura social enquanto sopra a ilusão da relativa mobilidade social. Assim, aproxima-se de fato da constituição de uma robusta casta que apresenta a si mesma como motores e maquinistas da locomotiva que publicizam gerenciar com visão. Essa “elite” divulga a eventual integração e ascensão social de representantes da manada, os que ela retira e acolhe vindos dos cochos, como um hábil fruto cultivado pela gama de bem-intencionados que premiam os dotados de talento e humildade. Aliás, a humildade é um elemento essencial dessa falácia, melhor ainda se confundido com gratidão servil e com a paciência que é gêmea da passividade, mas que também assimila o que venha a figurar como algo tocado pela sagacidade e apresentado como real força de vontade.

A elite social brasileira seria branca, “educada” e cosmopolita (ou pelo menos assim se considera) desde os princípios do oficial país Brasil, reatualizando-se. É também agressiva e mesmo irascível, belicosa, embora se veja e costume se propagar como generosa em relação aos seus subordinados ou aos petulantes que se atrevem a garimpar veementemente novos domínios no tabuleiro, geralmente pretos tratados como rebeldes sem compostura e que não poderiam receber a afeição dedicada “aos da família”. Assim, alinha Alonso, “o horizonte desta elite não é uma sociedade justa, é uma economia pujante. Para obter a segunda, abre mão da primeira. Nunca titubeou em pagar o preço, fosse a escravidão, regimes de trabalho avizinhados ou ditaduras”.

Senhor Esgoto, para reger a fresta essa “elite” mantém as maciças e impiedosas guardas que a protege de quem pareça ameaçador. Assim recorre aos capangas, fardados e concursados ou não, que rosnam e massacram conforme a ocasião, já que, segundo Alonso “aos remanescentes, resta a prontidão das forças da ordem, a postos para abater suspeitos. Suspeitos naturalmente negros, como muitos dos executores, como negros eram tantos capitães do mato. Estão a serviço, mas tampouco serão admitidos às fortificações medievais onde a gente de bem dorme tranquila”.

Essa violência escora e equilibra o que atualmente passou a se denominar Necropolítica, mas que há décadas é denunciada minuciosa e urgentemente por muita gente negra em canções, cadernos, júris populares, esculturas, trágicas anedotas e em manifestos coletivos realizados em favelas, passeatas e até corregedorias. Necropolítica, política da morte, gerenciamento refinado que se espalha a grosso, feito uma enchente que ordena quais barrancos e barracos devem arriar, quais barcos devem virar e que delibera jurisprudências de validades distintas para lugares e pessoas diferentes (como as metrópoles faziam com suas colônias e hoje os centros poderosos fazem com periferias, becos e morros) determinando quais vidas menos valem e quais decisões são tomadas por governos, viaturas e meritíssimos de acordo com o fenótipo e o CEP dos sujeitos em questão. O filósofo camaronês Achille Mbembe esmiúça a racionalização que dita lógicas de estado de exceção e de estados de sítio impostos a espaços de destacada população não-branca.

Senhor Rio, pode até parecer o senhor no inverno, escorrendo e chiando plácido, mas apesar das águas calmas na superfície e de uma serenidade que tende a encobrir o rebuliço, várias técnicas e arranjos de vigia e de opressão que se estabeleceram como verdades, necessidades ou ofícios sangrentos, têm como fontes formas de administração similares à gerência dos mecanismos da revolução industrial do século 19 e seus usos na governança nazista e na imposição do apartheid sul-africano, por suas maneiras de engenhar custos, otimizações e resultados.

No Brasil e em outras paragens do mundo onde o racismo que balizou a escravidão foi integrante soberano do capitalismo, a morte e as sentenças de tortura ou de mutilação foram e são gerenciadas pela Branquitude a fim de uma maior

exploração e da manutenção de uma desejada estabilidade por parte de barões e fazendeiros. Mas essa estabilidade já foi bem arranhada ou mesmo revirada por imprevisíveis respostas negras na recriação possível de suas vidas em territórios fúnebres. Senhor Córrego, leia isto aqui que Toni Morrison escreveu, confere a lábia de uma personagem inesquecível do romance *"Amada"*:

"Aqui neste lugar, nós somos carne; carne que chora, ri; carne que dança descalça na relva. Amem isso. Amem forte. Lá fora não amam sua carne. Não amam seus olhos; são capazes de arrancar fora os seus olhos. Como também não amam a pele de suas costas. Lá eles descem o chicote nela. E, ah, meu povo, eles não amam as suas mãos. Essas que eles só usam, amarram, prendem, cortam fora e deixam vazias. Amem suas mãos! Amem. Levantem e beijem suas mãos. Toquem outros com elas, toquem uma na outra, esfreguem no rosto, porque eles não amam isso também. Vocês têm de amar, vocês! E não, eles não amam sua boca. Lá, lá fora, eles vão cuidar de quebrar sua boca e quebrar de novo. O que sai de sua boca eles não vão ouvir. O que vocês gritam com ela eles não ouvem. O que vocês põem na boca para nutrir seu corpo eles vão arrancar de vocês e dar no lugar os restos deles. Não, eles não amam sua boca. Vocês têm de amar. É da carne que estou falando aqui. Carne que precisa ser amada. E, ah, meu povo, lá fora, escutem bem, não amam o seu pescoço sem laço, e ereto. Então amem o seu pescoço; ponham a mão nele, agradem, alisem, endireitem bem. E todas as suas partes de dentro que eles são capazes de jogar para os porcos, vocês têm de amar".

Essa é uma fala de Baby Suggs, personagem de um romance que é um entremeado de histórias fascinantes, doces e asquerosas. Trama fantasmagórica que aflige uma mulher que matou sua filhinha para não vê-la tomada por escravistas. Mbembe marca em seu conceito de Necropolítica a engenhosidade do sistema da *plantation*, ainda alastrado nas Américas após as abolições oficiais da escravatura. O filósofo retoma uma clássica noção sociológica que aponta a política como algo que se faz para não se fazer a guerra, pautando assim compromissos e direitos civis, sejam os internos ou os que vão além de fronteiras nacionais. Mas, a partir daí, ele pensa como a propalada noção de democracia, colorida por pincéis colonialistas, projetou práticas de soberania que instrumentalizam e destroem os corpos considerados inimigos ou entraves, apontando-os como seres considerados incivilizados ou nocivos à sociedade.

Me eriçam os poros e ardem as vistas estas letras, Seu Córrego. Nessa carreira, as ideias de Mbembe são atravessadas por novas questões, como o movimento da personagem Sethe, a protagonista de “Amada”, e de outras mulheres que inflamam e subvertem sentidos de maternidade e de amor ao matarem seus nenês (tantas vezes gerados em recorrentes estupros), confundindo pelo menos no plano miúdo a servidão e a autonomia diante da morte em plena escravidão, que lhes retira seus direitos políticos, arrebata seus corpos e pesa seus coágulos ao pretender lhes impedir de se autodeterminarem no coração do horror que formou as nações modernas. Me recordo do capoeira Mestre Armandinho no Ceará conversando comigo no pé da calçada sobre as regras maleáveis de uma roda, questionando origens: “Ética, meu filho? Qual ética você pode pensar ou querer ditar para uma pessoa escravizada?”. Conversa que vai longe. Vou escrever mais cartas para meus ancestrais a seguir porque preciso desenvolver entendimento sobre isso.

Mbembe repassa ainda as categorizações do racismo baseado no conceito de biopoder que buscou em outro filósofo, um francês chamado Foucault, notório por pensar a fundo em nossos corpos e ideias as pequeninas agulhas da opressão no cotidiano e suas relações com os portentosos castelos. Mbembe traça as relações entre razão e terror na Revolução Francesa e considera as práticas de primazia da força, encontradas em regimes políticos totalitários que determinaram diretrizes de coesão social e intentaram a superação das noções de ser sujeito e ser objeto também pela militarização. Ele suscita o cerne da racionalização na definição de categorias raciais que instituiu o sistema do apartheid por suas lógicas casadas de segregação de espaço e de trabalho. E explica por essa via como a lógica de gestão do maquinário e das populações negras, subordinadas desde a colonização escravista e passando pelos tempos incipientes da revolução industrial, foram gérmens que auxiliaram os mecanismos nazistas de gestão dos territórios amaldiçoados, guetos e campos de concentração. Considero isso lógicas históricas da Branquitude, em seus escancarados usos extremos de gerenciamento do que considerou produtivo, descartável ou daninho.

Agora, Senhor Esgoto, lê comigo esse trecho de um conto chamado “A Historiadora Obstinada”, que é uma das peças de um grande livro de ficção intitulado “No seu Pescoço”, escrito por Chimamanda Ngozi Adichie. Nessa história a autora apresenta tabus, pelejas familiares e relações espinhosas entre crenças diferentes

através da caminhada de uma mulher tachada como maldita por parentes interesseiros que ambicionam suas terras exatamente enquanto chegam colonos e missionários ingleses na Nigéria. Surge nesse momento o que Mbembe qualificou como uma chave colonial: lugares onde a jus pública europeia pode ser deixada de lado, territórios onde a lei pode ser desprezada e a terra ser arrasada em função de projetos maiores de fixação e consolidação de domínio. Será que esses modos de desconsiderar lugares em que a lei pode ou não valer, recorda e orienta sobre o que acontece hoje em quebradas, aldeias e muitas beiradas brasis? Atente para esse trecho do conto:

*"Ayaju voltou de uma viagem em que fora trocar mercadorias com mais uma história: as mulheres em Onicha estavam reclamando dos homens brancos. Elas tinham ficado felizes quando eles construíram um posto de troca, mas agora os brancos estavam querendo ensiná-las como fazer negócio e, quando os anciãos de Agueke, um clã de Onicha, se recusaram a colocar os polegares num pedaço de papel, os homens brancos vieram à noite com os homens normais que os ajudaram e arrasaram a aldeia. Não tinha sobrado nada. Nwamgba não entendeu. Que tipo de arma esses brancos tinham? Ayaju riu e disse que as armas deles eram bem diferentes daquela coisa enferrujada que seu marido tinha. [...] E então, a chegada de missionários que pareciam indefesos e eram da cor de albinos, frágeis e delgados que falavam igbo, fizeram a mãe pensar em depois de muita relutância entregar seu filho a educação cristã. [...] Eram todos da Congregação do Espírito Santo; haviam chegado a Onicha em 1885 e estavam construindo sua escola e sua igreja lá. Nwamgba foi a primeira a fazer uma pergunta: eles por acaso haviam trazido suas armas, aquelas que tinham usado para destruir o povo de Agueke, e ela podia ver uma? O homem disse que infelizmente eram os soldados do governo britânico e os mercadores da Royal Niger Company que destruíam aldeias; já eles traziam boas novas. Ele falou de seu deus, que viera ao mundo para morrer, e que tinha um filho, mas não tinha esposa, e que era três mas também era um. [...] Semanas depois, Ayaju voltou com outra história: os homens brancos tinham construído um tribunal em Onicha, onde julgavam disputas locais. Tinham vindo, de fato, para ficar"*

Todas essas letras, lamentáveis pelo que abordam como herança e apresentam como prática ainda vibrante a cada dia em nossos corpos, soam como oportunidades sensíveis para tocarmos na subjetividade de nossos dramas

cotidianos. Desenham e se equiparam às formas como a ideia de nação aqui utilizaram a imagem das Águas Caudalosas, as que comporiam as “três raças” em nossa constituição como país. Com o tempo, conforme a direção tomada pelos líderes da Branquitude, viriam da primazia das águas lusitanas e europeias as ações que dissolveriam as águas “de cor”, vexatórias e atrasadas.

Houve um naturalista chamado Karl von Martius. Ele era um cientista como os demais da safra oitocentista que chegaram da Europa para cá com seus diplomas irrefutáveis e cumpririam encomendas. Ofereceriam ao país a pretendida altura intelectual e estudiosa desejada pelos imperiais que envergavam um dito amor à ciência. Porém, esses estrangeiros pouco sabiam das atmosferas de cá, sejam as topográficas ou as políticas, assim como demonstravam ignorar também história geral. O bávaro Martius, como a absoluta maioria dos que vinham empenhados em relatar sob seus prismas a riqueza e os rumos iluminados que pudessem ser detectados e habilitados nesse vasto chão, firmou a tese da importância da mescla de povos para o Brasil. Segundo ele, ocorria aqui uma mistura inigualável em quaisquer outras paragens do planeta e da história. Eram meados do século 19, de plena escravidão negra e inúmeros de casos truculentos de servidão indígena. Enquanto a costa, as serras e os sertões estavam coalhados de revoltas, despontava a narrativa-mestra tão decorada ainda em qualquer creche ou gabinete brasileiro: aqui estavam as três raças humanas que em reciprocidade exemplar dotariam para a humanidade a lição da harmonia. Eram assim raças aperfeiçoadas por seu convívio pois foram “colocadas uma ao lado da outra, de uma maneira desconhecida na história antiga, e que devem servir-se mutuamente de meio e fim”. Eis os termos de científica exaltação proferidas por Martius sob a guarida do imperador anfitrião.

As águas caudalosas advindas da galhardia portuguesa, presentes na peleja civilizadora e auspiciosas no arrancamento glorioso dos minérios e das matérias primas, da extração do sangue e do suor dos que seriam purificados com trabalho, reza e chicote, higienizariam o país ao “limpar e absorver os pequenos confluentes das raças índia e etiópica”, conforme Martius, e findariam a labuta da benção da mestiçagem. Imaginemos, Senhor Esgoto, os métodos dessa dissolução feliz, nivelada pela inquestionável natureza paradisíaca e pela bonança de tal encontro insuspeito. Observo novamente como as Águas são descomunais mananciais de compreensão e fontes da tradução perfeita dos quereres e do tino humano...

realmente à altura de tão portentoso e afortunado projeto. Afinal, nossa glória e felicidade é a capacidade, cantada em tom fraterno, de angariarmos e aglutinarmos com harmonia as diferenças. Eis nossa habilidade singular, que rendeu tantos hinos e carros alegóricos. Ao te olhar assim, lixento como estás hoje, inclusive engulo a gana de te perguntar sobre qual papel nessa dissolução o senhor teria.

Essas imagens suscitadas por Martius deslindam com vigor várias sapiências sentidas no corpo. Para ser compreendido em seu galardoado pensamento, ele desenhou com esplendor o que acontecia em um Brasil cortês, empenhado na ternura, sugerindo dóceis tratamentos horizontais em meio a amável hierarquia escravista. Ainda previa o que resultaria de um tão gentil processo civilizador realizado no naipe desejado pela corte que mandou buscá-lo. Esse naturalista já havia proclamado em 1832, no ensaio "*O Estado do Direito entre os Autóctones no Brasil",* que os indígenas sumiriam, mas ainda ampliou sua ótica ilustrada, recitando com a colaboração textual das Águas que a brancura, em sua vastidão e espírito voluntarioso, restaria soberana após dissolver os igarapés pretos do povo brasileiro. Cometeu um deslize grosseiro por ignorar as condições do lugar ou, a depender dos óculos, entre tantas colaborações inestimáveis nos deixou apenas essa lacuna de pormenores insignificantes, agradáveis aos mandantes das pesquisas, talvez até pela dimensão do interesse em ratificar a superioridade de uns e desvantagem de outros. Em sua caneta-tinteiro alemã, o volume dos rios que significariam a Branquitude eram pujantes e praticamente infindos, reais caldas abençoadas pelo gigantismo, em contraste com os outros dois rios pretos, considerados diminutos e passageiros. Adequados assim para uma pátria de destino plácido, desde que ela soubesse laborar por seu próprio desenvolvimento salutar.

Nem por isso o Império abriu mão de selecionar um projeto que fazia as pazes com o passado e com o seu presente do Brasil. Compôs um plano que, em lugar de introduzir dados históricos que mostrariam a crueldade do cotidiano vigente no país, apresentou uma nação cuja "felicidade" era medida pela capacidade de vincular diversas nações e culturas, acomodando-as de maneira homogênea. Um texto, enfim, que apelava para a "natureza" exuberante e tropical do Brasil, um éden acima de qualquer suspeita ou contestação. Quanto o senhor considera que esse texto ainda soa como parâmetro para as relações modeladas pela sacra e ilustrada Branquitude de nosso tão bem hidratado chão?

Uma monta de autores referendados como grandes pensadores da nação, adestrados no direito ou na literatura, patronos de ministérios, faculdades e quartéis, seguiu a corrente dessa exaltação iniciada na época da monarquia brasileira, a que imaginou e projetou o país como um rio grandioso que receberia os afluentezinhos e que se corrigiria com a dissolução. Imagine como esse discurso tocou o cartão postal de um Brasil feliz ritmado em pandeiro que pousou mundo afora e praias adentro. E como essa cadência foi assimilada em um planeta acometido a cada volta da Lua com guerras e guerras, supremacias raciais e colonialismo. Pois então, quem poderia ser aqui os azedumes que estragariam o molho disso que luzia como pendão da esperança, não apenas das fronteiras internas, mas também do que se abria como modelo aos além-mares? O Brasil aparecia segundo a conveniência dos valores da democracia racial, anunciada como nosso real ensinamento ao globo, conforme asseguravam os grandes ideólogos do caminho. Pois tudo se orquestrava tão bem, azeitada uma harmonia de dar gosto, até que repicaram com força nas orelhas daqui e de encontros internacionais importantes as vozes que entre murmúrios e cantos já questionavam essa ladainha havia décadas. E na década de 70 do século 20, também inspirados pela luta pelas independências dos países africanos e pelos direitos civis nos Estados Unidos da América, ali na época em que eu lambuzava as fraldas, o nosso movimento negro apresentou com muita força a hipocrisia dessa orquestra, a perversidade dessa litania, os abusos e arregaços de um concerto ainda muito afinado pela sinfônica da Branquitude.

Tua família aquática, em encontros de pororocas, comenta de gentes e bichos que demoram a saltar no teu colo molhado, mesmo salivando de vontade? Dizem daqueles que pulam apenas empurrados? Pois Lélia Gonzalez, um dos bastiões dessa geração que questionou verdades tão mal arranjadas, refletiu sobre a necessidade do mergulho difícil e doloroso. Afirmava o embate entre consciência e memória, que é “o lugar do desconhecido, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber – vai por aí a presença do discurso ideológico”. Entendo que sob a borbulha da superfície do consciente, há as brenhas e grutas das águas ocultas. Na consciência da mentalidade nacional, na trela e na gola da ideologia da Branquitude, pinica o inconsciente negro que ao aflorar abala a batalha cultural nacional, a que agarra e torce a materialidade do cotidiano. Para Lélia Gonzalez, sem o mergulho na profundidade dos séculos do país, não há a possibilidade de a

Branquitude aprender a trazer à tona e mesmo beber o que há de misterioso no que insiste em ocultar ou pintar como ameno. Pois assim pode seguir a controlar a canalização dos poderes, a distribuição dos copos e o jato das mangueiras violentas. Manter submerso o teor que interessa não se verificar.

A recusa ao mergulho nas águas submersas de nossos cinco séculos é a repulsa a lidar com as sombras que a própria história oficial paralisa. Há autoindulgência e há pretensão de inocência. Tal hipocrisia é minuciosa no acerto de seus freios e esmigalha possibilidades de transformação significativas e do esboço de outros rumos e sentidos. Ela se adequa muito bem às ideias e aos procedimentos estruturais da ideologia da democracia racial, principalmente quando aponta que as oportunidades de estabelecimento e de desenvolvimento da própria vida seguem o mesmo termômetro e dispõem as mesmas chances para toda gente na cidade ou no país.

Sem pretensão de te ensinar coisa nova, Senhor Esgoto, sabes bem que em toda sua constituição como país o Brasil plantou a Pretitude como uma praga, como uma péssima inscrição nas suas instâncias abstratas e concretas, um vírus a se desinfectar das suas esferas ideológicas e materiais entrançadas no que chamo de dimensão simbólica. Este país engessou a presença negra como um negativo grau de si mesmo, algo a controlar com temor ou asco, até que desviou o incômodo como quem reverte o curso de um rio e passou a anunciar o que era coceira como uma nova oportunidade, tida até como altruísta e renovando a crosta do olhar sobre o que desqualificava, para que seu espelho e suas descrições de si se elevassem, lapidando a própria feição. Eis que a partir do começo do século 20 aqui se empreendeu o esforço oficial de uma requalificação das “presenças de cor”, negras e indígenas. Veio como um diferencial dengoso o que até então se classificava como xucro, primitivo, degenerado ou bestial, integrado assim à gama nacional, desde que devidamente dominado e preenchendo vagas subalternas. Compreender esse percurso colabora no entendimento dos porquês de pretos e pretas estarmos de monte aqui ao teu redor todo o dia, sem saneamento, sem futuro digno no radar para nossos meninos e sem presente digno para nossas anciãs que te miram tão próximas todas as manhãs. Entender por que é falácia a parolagem de inclusão à sociedade e como foi tão distinta a recepção a outros grupos chegados, muitas vezes convidados, naquele momento histórico depois da tal abolição da escravatura ou ainda em outras

épocas adiante. E por que um país tão obviamente avassalador com a maioria de seu próprio povo empenhou-se em construir repetidamente percepções tão inocentes ou fraternais de si mesmo nas ilusões de seu próprio ninho imaginativo.

Com artimanhas retóricas e chicotes, com negações orquestradas ao usufruto de equipamentos públicos e de oportunidades de trabalho, moradia, saúde e educação, ou de partilha de posições de poder político e econômico, tornou-se menos difícil encarar um espelho que propiciasse uma alternativa de fuga ao iminente mergulho no lodo sob o cristal, entre vagalhões e rodamoinhos de águas que nada tiveram de plácidas.

Isso posto, e só agora colocado talvez inteiramente, cabe girar outra pergunta: e nós, gente preta, conseguimos mergulhar nas contradições e corredores profundos de nossa história, enquanto a reconsideramos? Dissolver, limpar a pele e as nebulosas de dentro da cabeça, sabendo que desde o início ser preto aqui é encruzilhada, sem cair facilmente numa tentadora visão idílica de um tempo pré-conspurcação, seja em África ou no passado daqui, paulistano ou brasileiro. Alcançamos mergulhar e nadar na compreensão de nossas contradições contemporâneas diante das ilusões e tentações do presente tão bem controlado pelas grandes ordens que nos violentam com fardas, cartilhas e antenas? Descemos longe e subimos sadios, trazendo o que encontramos de complexidade das nossas quimeras, trançadas a bandeiras de autonomia e de bem viver? Quanto de ardido se anuncia no aflorar de nossas batalhas mais íntimas, por vezes sem testemunha ou aparentemente sem lastro? Daí, diante de inúmeros pântanos racistas, como nos relacionamos com o fosso e os fogos de artifício da Branquitude e também com muitas de nossas perspectivas e realizações sobre superação? Enfim, como organizar a memória que integra o mergulho e também sua emersão?

Vou deixar de importunar o Senhor. Desculpe qualquer estorvo e tanto verbo, tantas faíscas de mim e tantos percursos sinuosos. Vou escrever para outros ancestrais que passaram por estas e por outras épocas para compreender melhor, para dialogar sobre as agulhas e plumas que moram em meus poros. Sujo e poluído o córrego de mim, eu talvez outro desgraçado rio, minando e apenas por isso intuindo uma vasta gama de corredeiras e de canções no caminhar. Emporcalharam nossa compleição e nosso espelho, mas recolho às gotas de orvalho. Estaremos mesmo incorrigíveis e são irrecuperáveis nossos lençóis freáticos? Nos vejo encaixados em

tanta sujeira, margeados e recebendo no peito o lixo dessa história, sim, mas os sabiás ainda pousam aqui, bicam o mamão e voam rasantes. Ali a meninada ainda gargalha enquanto se xingam e pescam detritos coloridos entre os tijolos e tuas corredeiras. Confere só.

E o senhor, Ancestral. Deveria eu beber a esparrela de te manter como documento histórico? Te catalogar como faz um típico olhar colonial perante o viço e a riqueza? Te considerar paisagem que separada de mim me sirva para marcar distância, vontade de domínio e por vezes um respiro de deslumbramento ou de nojo? Diante de tua imundície, deveria eu interditar passagens e nados ou abrir a chancela para que o ácido na pele e os redemoinhos vertiginosos sejam sempre um caderno de lição para se folhear, mesmo que os inúmeros cacos de vidro de teu leito venham cortar nossos dedos e tornozelos? Para trás de tua curva sutil ladeada de barrancos e barracos, de muretas e arbustos, quando te escuto o senhor continua com o nome indefinido e triplo: Rio, Córrego, Esgoto.

Muito obrigado.
Com admiração, Allan da Rosa.

Das referências fundamentais da Carta ao Córrego:

Da força de se manter a revolta aceitando o termo “escravo”, está no conto “*Santugri”*, que intitula o mesmo livro saboroso de Muniz Sodré. Já sobre a linguagem tornando a morte algo reversível, vem do banho tomado em tantas passagens de *“O Terreiro e a Cidade”*, acompanhado com a janta de *“Pensar Nagô”*, obras também desse mestre tão amplo e profundo que permanece ainda inestimável para nós.

Sobre ser pessoa e comunidade, sobre as relações temporais entre vivos, mortos e vindouros, e ainda sobre as vivências de se considerar energias materiais

e imateriais, é relevantíssima a brilhante tese de Tiganá Santana, *“A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil”*, defendida em 2019. Também a própria fonte luminosa original, *“African cosmology of the Bantu-Kongo: tying the spiritual knot: principles of live & living”*, me recebeu e ensinou por anos antes de ser traduzida.

Sobre símbolo, é semente verdejante em muitas hortas tratadas no pensamento sensível de Marcos Ferreira-Santos.

Sobre três camadas interpostas de lutas negras desde o escravismo nas Américas, considero as categorias oferecidas pelas preces pontiagudas da *“Critical Prophetic”*, filosofia de Cornel West.

Sobre cismar, descobri a boa conversa com o fabular que é método básico e afiado nos livros doídos e esperançosos de Saidiya Hartman, que esmiuçam e extraem imprevistas forças dos documentos gerados na barbárie escravista, como por exemplo os referentes às mortes em navios, ao encarceramento de mulheres negras na virada do século 19 para o 20 e também às formas destas mulheres afrontarem correias cultivando o gozo e o desfrute da vida, improváveis em seus contextos. Estas obras apresentam a potência da fabulação como sonda de compreensão profunda dos poderes institucionais, da relutante existência criativa de detentas e de passeadoras negras, compondo elos para questões ainda inflamadas e graves no nosso cotidiano mental.

Sobre Consciência e Memória, aproveita-se a envergadura nobre e sapiente das maloqueragens vindas do Pretuguês de Lélia Gonzalez, especialmente em seu texto “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, pronunciado em 1984, e dali colhemos as arestas e alergias que acometem a Branquitude quando tratamos de racialidade.

Da contradição nevrálgica e medular da modernidade, apresentadas por Ferry e Renaut, estão no livro *“Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo”*.

Dos brasileiros que afirmam haver racismo cavalar, mas se esforçam para firmar que o racista nunca está em si mesmos, aqui uma fonte: *Folha Explica – Racismo no Brasil,* de Lilia Moritz Schwarcz (São Paulo: Publifolha, 2009) sobre a

pesquisa “Racismo Cordial”, realizada pelo mesmo jornal em 13 de maio de 1988, pelo centenário da Lei da Abolição da Escravatura. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/2007/04/01/quase-pretos-quase-brancos/ )

Sobre antropologia, intelectualismo, limites disciplinares e epistemologia esgarçada por escamas coloniais, colhi na palestra de Grada Kilomba intitulada “Descolonizando o pensamento”, realizada em março de 2016, no Centro Cultural. Ali ela sintetiza e espalha o que já pronunciou em inúmeras entrevistas.

Sobre o ódio que nos impregna, a palavra de Baldwin está na carta para o seu sobrinho, original de 1962 e encontrada aqui: https://progressive.org/magazine/letter-nephew/

Das reflexões cortantes de Fanon vem muitos eixos. Entre eles, as noções de primitivo, o olhar que fixa o preto à moldura do desejo colonizador e a projeção do branco sobre judeus como cabeçudos astutos e sobre pretos como hiper-genitais. Isso se colhe em *“Pele Negra, Máscaras Brancas”*.

Sobre o confinamento psiquiátrico, Machado de Assis talvez tenha chegado a um nervo da reflexão em “O Alienista”. Mas especificamente a face eugenista da questão e como isso ainda se introjeta na mente e nos vereditos dos tribunais contemporâneos, o deslindado por Gomes & Laborne em 2018 ajudou bem. E dos estigmas corporais atuantes nessa seara antiga manicomial, tomamos na obra de Maria Clementina Cunha sobre o Juquery.

Do passo de negros resistindo ao estatuto de sub-humanidade e, principalmente, do legado amoroso e esperançoso refazendo tais parâmetros em comunidades negras, bebi no belo e crítico diálogo entre bell hooks e Cornel West. Machuca, anima e reflete com fé e sem condescendência sobre a própria comunidade negra. Está no livro *“Breaking Bread”*, de 1991.

E das formas de representar, estimar ou criticar a Branquitude, seja no convívio das classes médias, nas feridas do gueto ou através dos aprendizados com o cinema, hooks discorreu no livro *“Olhares Negros”*, editado em 2018 aqui no Brasil.

Da ideia de “Pacto Narcísico”, conceito que voltou à tona com força, mesmo que ainda usado tão superficialmente, fui à clássica obra de Maria Aparecida Bento.

A crítica fértil e aguda de Lia Vainer Schucman é encontrada sobretudo em seu livro "*Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo: Raça, Hierarquia e Poder na Construção da Branquitude Paulistana*", mas irrompe vulcânica na carta escrita com Mônica Gonçalves sobre os ataques de Antonio Risério à luta antirracista no Brasil. Ali, elas bordam com ira e lucidez o tema da retorsão. Está acessível aqui: https://www.geledes.org.br/resposta-a-riserio/

Sobre características da classe dominante brasileira, uma pseudo-elite, além dos detalhes argutos alinhados nos livros de Alonso, estão também diretamente em seu texto "O ideal escravista da elite brasileira", disponível aqui: https://outroladodanoticia.com.br/2019/04/14/7822/

2 - UMA CARTA A SEU CLARO

*Cismar com o escriba de veredas e derrames*

De Antonio de Carvalho.—Indeferido.

# PARTE POLICIAL

**Capital**

*Dia 9 de Dezembro*

Forão recolhidos á cadêa, a 7 do corrente mez, os réos Ignacio Gomes de Lima, e Claro, escravo do conego Fidelis Alves Sigmaringa de Moraes, á ordem do dr. chefe de policia, o primeiro é autor de uma morte na villa de Apiahy, e o segundo é pronunciado nesta capital no art. 269 do codigo criminal.

Estes réos forão presos na provincia do Paraná, em virtude de requisição e precatoria das autoridades desta provincia.

Caetano Lobo de Araujo, e Benedicto José Antonio, á ordem do dr. juiz municipal.

Estes réos vierão da cidade de Jacareby, para cumprirem a pena de quatro annos de prisão com trabalho.

Por ordem da mesma autoridade, forão removidos da cadêa para a casa de correcção os réos Joaquim Marinho da Silva e Fabricio de Góes Pacheco.

Por ordem do dr. chefe de policia, foi remettido para a villa de S. João da Boa-Vista o réo Joaquim José Candido, afim de alli responder ao jury.

Por ordem do dr. juiz municipal, foi posto em liberdade o sentenciado da casa de correcção, Salvador Pereira Garcia.

**Lorêna**

Pela subdelegacia desta cidade, a 24 do mez passado, procedeu se a auto de corpo de delicto em Antonio Soares de Moraes, que havia sido ferido por Antonio Celestino, sendo os ferimentos considerados leves.

Diário de S. Paulo (SP) 11.12.1872 p.1

**Jury**.—Sessão de 26.

Presidente, dr. Antonio Candido da Rocha.

Promotor interino, dr. Brasilio Machado.

Escrivão, Firmino Lyrio.

Comparecerão 45 jurados.

Foi submettido a julgamento o réo Claro, escravo do conego Fidelis Alves Sigmaringa de Moraes, indiciado nas penas do art. 269 do codigo criminal.

O jury de sentença ficou assim composto:

Joaquim Antonio Procopio.
Alferes Carlos Augusto Bresser.
Capitão Fortunato José dos Santos.
Commendador Felicio Pinto Coelho de Mendonça e Castro.
Capitão José Moreira da Cruz.
Tenente Julio Nunes Ramalho.
Capitão Marcellino José do Nascimento.
Antonio Joaquim Ferreira de Moraes.
Alferes Antonio José de Abranches.
João da Silva Machado Sobrinho.
Capitão Joaquim Alves da Silva Lopes.
Bento Corrêa Dias.

A defesa do réo foi encarregada ao dr. Luiz de Oliveira Lins e Vasconcellos, curador do mesmo.

O réo foi absolvido, tendo sido o delicto desclassificado.

Levantou-se a sessão ás 6 3/4 horas da tarde.

Diário de São Paulo (SP) 27.12.1872 p.2

**Versos de pergunta, em desafio:**

*“Eu comprei um lençol novo que custou sete milhão*

*O lençol era tão grande que arrastou ponta no chão*

*ilaiê lalaiê laiê…”*

**Desate, em versos de resposta**

*“Cerração nasce na serra*

*E morre na beira d´água… e morre na beira d´agua...*

*Ilaiê lalaiê laiê”*

(Ponto de Jongo)

***

*“Se manda, Mané*
*Que daqui a pouco os homi vem aí*
*E quem ficar de touca não escapulir*
*Vai entrar em cana se não se mandar (não sou eu que vou ficar)*
*E além disso, quem vem na caravana é o Fu Manchu*
*Que leva o caboclo lá pro Rio Guandu*
*E faz dançar twist, rock e chá-chá-chá (eu vou me mandar!)*

*Já falei com o Jojoca, com o Chico da Maloca e com o Zé Bambu*
*Que foram grampeados pelo Fu Manchu*
*E deram um passeio lá no Rio Guandu*
*Eles me responderam*
*Que quando prenderam o pobre do Zé*
*Levaram pra um lugar que não dá pé*
*Lugar onde muita gente virou picolé*
*Na boca do jacaré!”*

(“Se Manda, Mané – Samba de Padeirinho da Mangueira, 1974)

**Caldas do medo e do rancor - congelam ou borbulham?**

Salve, Seu Claro. Licença. Te encaminho esta carta desejoso que ela chegue oferecendo conforto, como talvez teria pousado em tua ávida mão de detento há 170 anos na cadeia do bairro da… Liberdade. Pois é, nomes e ironias do destino ou lógicas do espaço em uma cidade que parece tanto mudar quanto manter suas estruturas de inflamar e moer. Daqui mentalizo para ti uma condição feliz, enredado ou flutuando feito pluma no vento dos mistérios ancestrais. Umedeço tua existência novamente ao cultivar teu nome e teu gesto antepassado, então te saúdo e peço fortaleza. Ignoro muitos caminhos que o senhor traçou, porém esta carta te vai com fome de camaradagem e de alento.

Quando eu soube da história de teus movimentos surpreendentes pela cidade de São Paulo bem no meio do século 19, no princípio me pasmei. Depois, incentivado por tua lavra na escrita, marcante mesmo que às vezes cambaia, pesquisei contextos e textos de tua mão aprendiz, empenhada em vencer os obstáculos das sílabas no papel. É pouco o que daqui de minha época poderia deslindar certeiro sobre tua infância, tua lida carpinteira e tua presença antes de ser documentado em arquivo policial e além do que se seguiu ao teu encarceramento, fatos que colho nas descobertas de minuciosas investigações historiográficas. Mas farejando frestas, comparando canais, desanuviando pistas e lendo pencas de pesquisas, abrem-se algumas paisagens sem tantos embaços. São as que me permitem cismar com fundamento, cabreiro com detalhes, oferecendo horizonte.

Devo conjeturar, dedilhar o lodo e o aroma de alfazema dos acervos, abrir travessias na espinheira. Me baseio nos arquivos que apresentam pedaços de tua passagem, Seu Claro, mas implico interessado nas lacunas gigantes sobre teus antecedentes e teus rumos que mal constam nos registros feitos pelos donos dos contratos, das espingardas e dos escritórios oficiais. Vou desconfiado do ressecado desses arquivos e dos valores e ambições que os organizaram, confinando nossas histórias a mapas de marteladas, fuligens de correntes e protocolos de delegacia. Mas também vou atento a absorver o que há de sumo nesses resquícios, separando podridão e filtrando corantes. Devo manter viçoso o que seja brecha e ausência, emaranhando nas teias humanas e nos teus giros de ser pessoa, baseado na matéria da história. Escrever como quem leva água na concha da mão e imagina suas fontes,

caminhos e sais. Ciente das cachoeiras, das tubulações, dos orçamentos de engenharias hidráulicas e das goteiras nas lajes precárias da cidade. Ciente das represas, das avenidas marginais aos rios, das fábricas de copos e chuveiros, mas também sondando sem cessar os labirintos dos seres humanos com quem essa água citadina tratou. Será possível reencontrar nutrição e prover nossa gama com esses documentos que nos engavetam não apenas em números, mas quase sempre nos congelam como estátuas ou nos estorvam como se fossemos insetos nocivos nascidos em poças podres? Não desejo preencher as lacunas para lhes fechar as hipóteses, mas sim, como o movimento da água fresca que ocupa cada vão, hidratar as perguntas possíveis neste abraço suado que te envio. Nem é o método de arquivamento a questão, pois como um poceiro devo escavar entre manilhas e valetas para encontrar teu chorro e me banhar em tua subjetividade, a quem também quero oferecer frescor. Devo descobrir onde ela mina, como são teus veios e com que força jorraria. Compreender a partitura de tua sobrevivência, de tua anunciação, de teus desejos e borbotões.

A carta é sobre a imaginação que demanda nossos corpos presentes em cada palavra que escrevo. É sobre o quintal de brincar a sério e descobrir os elementares poços de viver, as gotas de orvalho que renovam o dia e discernir onde o pranto infantil seja presença para a vida, compreendido intimamente pelo adulto e pelo ancião. Sobre cismar, a minha demanda é fabular fundamentado, mesmo que não possa recuperar integralmente a vereda que o senhor cavucava, mas buscando o fio de tua foice para melhor entender a pressão de tua pegada. Assim, me cabe te escrever imaginando e refletindo sobre a própria imaginação, a que se trança a memórias, traumas, intuições, dúvidas e crenças, estimulada pelas perversões que nos arrodeiam e lambuzam entre as ideologias e as sanhas físicas ou eriçada pelas instigas de solidariedade e de bem viver.

Te escrevo sobre fabular emaranhado na teia da história política, esse arranjo retesado pelas bases de pensamento e pelas maneiras de compreensão das relações entre as pessoas nos seus vários mundos, tensão que orientou o teu jeito de sentir tua época e de propor até mesmo avessos imprevisíveis para quem te via de fora, mas talvez orientados para ti pelas forças enigmáticas que te umedeciam e revitalizavam o passo. Para que eu seja minimamente compreendido por ti, é esse horizonte de histórias que se adentram que necessito colorir para que o cotidiano, a

ficção e o imaginário se entrelacem e para que a concepção de ti como ser humano e como força se faça, assim como o que seja o passado, para que eu também melhor me compreenda e entoe, afague e cutuque a minha época. Pretendo e preciso matutar sobre o que poderia ter existido, isso que pode nos preencher ainda mais do que um próprio fato concreto carimbado. Devo te escrever flutuando e adentrando proibições, autorizações e cenas possíveis. Pensar as modelagens pertinentes e mesmo as que são de pasmar, entreabertas e atentas para as contradições e os furos, mas nem por isso meramente incoerentes. Conceber o que nos seja solidário e mesquinho, corajoso e covarde, teimoso e maleável, englobando até o que vaze ou grite em teu silêncio e estrangulamento nos documentos impregnados da catástrofe escravista e o que eles encadeiam. Cismo cogitando ranhuras nas gavetas de aço mais triviais e nos novelos ancestrais que pareceram fantásticos, supersticiosos ou rancorosos e ruminantes para quem pensa ter chancelado as molduras e as legendas das nossas pinturas. Faço isso porque não se esgotaram as combinações de tintas e os rasgos na tela, justamente porque quem se empoleirou nos pedestais e pódios da contação carimbada da história quase sempre nem triscou na compreensão do que são nossos pinceis. Me cabe desemporcalhar a lente dos óculos que montaram e monitoraram a disciplina repressora da catástrofe escravista e entucharam até as fontes documentais com suas gotas de amoníaco. Contornar com passos de giro os álbuns quadrados e atalhar pelo florido despercebido da vasta planície seca. Farejar o porão dos mapas, as estrelas sobre o teto de zinco e o submerso no túnel sob a piscina vigiada, ali onde os afogamentos não foram poucos. Imaginar os dedilhados surpreendentes de teu caminho e também das estradas aqui a se palmilhar.

O que chamo de cismar aflora por necessidade e gosto, intuição e inteligência, entre a desconfiança e a proposição. É sobre viajar o pensamento, não esgotar um entendimento apenas no que seja objetivo. Girar os ângulos, matutar nos aromas e pestilências possíveis de um canal. Traçar uma crítica que não se encerre no domínio meramente racionalizado e conceitual de uma questão e que seja porosa como um verso que pede seu desate, embasada em fundamentos que oferecem e exigem inventividade. Cismar como quem sabe dos tropeços e topadas. Cismar é a cabreiragem de quem se defende e ainda assim desenvolve a mandinga, apresentando o jogo que cruza a atmosfera de um ambiente com os traços de

personalidade de quem nessa hora joga. Cismar como nos atos em transe que germinam momentos que trançam instâncias temporais. Cismar é manter a defesa em riste, em punga, ao mesmo tempo relaxada na mandinga. Cismar é a guarda de si porejando o duvidoso e ainda mantendo o respiro ao leque do peito e do pensamento, abertos, livres a matutar horizontes e vias encruzilheiras. Cismar é se enveredar no fumacê que se exala de uma xícara ou de um pito, como naquele momento de meu avô que, após o trabalho com a enxada nas valetas que margeavam ruelas e avenidinhas do Jabaquara a Diadema, depois da passagem pelas casas onde se rezava às seis da tarde abrindo a porteira da noite, chegava no começo do escuro em seu barraco, abria a portinhola de madeira da cozinha que ele mesmo construiu, ia ao fundo do quintalzinho e após lavar de leve seu barreiro das roupas, braços e pescoço, acendia seu pito e cismava com o mundo e a vida. Nesse instante cotidiano, Seu Manoel respondia ao assédio brincante da netaiada de que tanto gostava dizendo para aguardarmos um pouco. Era o momento de pronunciar o eterno “Esperem. Tô comigo” e ali fumar o dia, cismar com cores, atmosferas, obras e memórias que logo partilharia com a gente na janta, até onde achasse ser conveniente o assunto para a molecada. Ali vogava, me recordo bem, a variada gama das possibilidades de se pensar um assunto, girando lembranças de pessoas, coisas e lugares. “Eu tava ali agora no quintal cismando...”. Cismar como se espreita a intuição diante de um terreno, o limite de uma situação ou uma parceria que pede atenção e também uma soltura vagarosa na compreensão. Cismar como quem desconfia e encena ou persiste e cavuca. Cismar enveredando a razão sensível pelas várias causas de um acontecimento e travessias que desata. Cismar, dedicar, implicar. Cismar é um movimento de montagem sensível, é enovelar dedicado e delicado mesmo que em gesto vigoroso, é elaborar o rumo imaginando a integração da matéria dos caminhos, do jeito dos pés, do ambiente e das suficiências e buracos da linguagem que se bola para dar sustança e expressar a cisma. Nesse traquejo não é pouco o que se propõe manter guardado, cifrado ou apenas triscado, seja por defesa ou pelo cultivo do fundamento do mistério, da adivinha. Porque da raspa pode se conceber o tronco em sabor, espessura e aroma, feito a caneleira dos quilombos do Sul. Ou colher a seiva vinda do miolo da bicuíba, que veda hemorragias humanas com o que sangra de seu tronco viçoso, isso que se descobre cismando com a vermelhidão.

Me deu ganas saber de ti um escriba, Seu Claro. Saber da tua mão preta equilibrando a pena durante o holocausto preto. Conceber teu encontro com Theodora, a mulher que te buscou clamando pela confecção de cartas a enviar para seu marido desaparecido, cartas encomendadas à habilidade imprevista de tua mão e ditadas entre a irritação e a esperança. Conhecer tua passagem como um espantoso homem negro que ziguezagueava no centro de São Paulo com um caderno e como um profissional da marcenaria, um bamba em assoalhar pisos de sobrados que não poderia frequentar e menos ainda habitar. E eu tomando tenência que depois, também por esse encontro em torno e adentro do alfabeto, o senhor foi encalacrado tornando-se um presidiário. Homem da água da tinta da escrita e de sua hidratação fértil. Depois, um homem detido, feito água estagnada.

Quais seriam tuas alegrias, Seu Claro? Teus anseios e aspirações sinto que se igualam ao leque das vontades e sonhos de tanta gente escravizada: a liberdade de decidir ambientes e horários, invenções e folgas, lugares e nomes, caminhos e companhias. A condição de ser reconhecido e respeitado como gente e de não portar a pele nem a própria ascendência familiar como um fardo fervente de espinhos. Já das reivindicações, se eu não erro grosseiro, também contemplo no cinema de minhas pálpebras baixadas o rol dos pleitos firmes da tua época: direitos sociais que leis baronesas mal resvalavam, conforme a conveniência de seus bolsos e mansardas, preocupados em garantir ao máximo as suas posições de mando, adiando com assinaturas a “ventres livres” e a “sexagenários” o que pudesse de fato alargar a autonomia e a justiça às pessoas como o senhor. Por isso me peguei cavucando sobre tuas alegrias possíveis, as mais sutis, e me perguntei por algumas noites até que decidi te escrever. As alegrias respiradas e as piscadas comovidas, as tuas alegrias de modificar o pulso, os músculos da face e as veias da garganta: quais foram, Seu Claro?

E quais devaneios borbulhavam no teu peito entre a brincadeira e a raiva? Também minou água na tua boca, Seu Claro, pelo apetite de liberdade? Ou a raiva e a coceira da vingança mais ressecavam tuas gengivas? Penso no faro e na fome da possibilidade de campo aberto que temperaram tuas narinas e como imaginavas a tal liberdade, se ela na tua cabeça mais te aflorava a alegria inspiradora ou a melancolia a se desvencilhar. Sinto que o senhor, incomum homem escravizado que

sabia ler e escrever, cultivaria um íntimo gozo, semi secreto, mostrando claramente a quem observasse atento mas sem alarde os teus horários de descanso da trabalheira pesada, quando escrevia sentado à porta da obra ou no passeio público. Haveria em ti uma alegria pacata, nada desbragada, de se postar sem peso para caligrafar em folhas de papel que eram materiais caros e pouco acessíveis em teu tempo? Teria espremido os teus lábios em um sorriso genuíno e até solitário, em uma graça talvez até partilhada com quem fosse camarada real de teu colo ou de tua mão, ao receber e decifrar notícias de gente íntima distante e envolvida em revoltas de quebrar paredes, incendiar fazendas e enforcar sinhozinhos? Ou temias te envolver com essas fornalhas e execuções? Te imagino também se alvoroçando com os relatos de amizades fugidas e já calejadas em secretas hortas florescentes. Que notícias teriam aguçado em ti aquela alegria que faiscava fugaz em tantos pretos que vadiavam ao redor dos chafarizes, territórios negros por excelência nas capitais? Que ânimo te brotaria com informações expedidas em gráficas incipientes e chegadas pelo trem, máquina veloz e então uma novidade fascinante que diminuía distâncias entregando notícias de outros vales e litorais? Ou ainda, será que algum entusiasmo em ti despontaria com anunciações proféticas chegadas em patuás no pescoço de fugidos de jazidas mineiras ou vindos aos milhares do Nordeste brasileiro em um crescente tráfico interno de escravizados ordenado entre as províncias? Prazeres controversos te chegariam improváveis nos rabiscos dos amuletos, nos breves e nas rezas guardadas nas algibeiras de peregrinos ou nas capangas coladas nas axilas de alforriados vindos das praias? Seria possível raiar uma alegria tua na praça dos pregões, no beco ensolarado, na vingança ciente aos barões condenados ou em teu caderno que rompia atrevido e manhoso uma barragem do escravismo? Ou, dúvida ainda mais fustigante para mim: haveria alegria possível para ti, um marceneiro escravizado, ao entregar um ofício realizado com martelo e formão nas madeiras desempenadas, serradas e engatadas dos batentes de edifícios da capital? Como o senhor cheirava, ouvia e olhava a feitura daquelas propriedades de quem iria mais e mais se enricar pelos efeitos do café plantado à larga no vale do Paraíba ou, depois do esgotamento da terra, no chão roxo do Oeste paulista? Será que te afinavas com uma certa fluência leve do mundo ao entornar brindes em um porão ou em algum largo com amigos, com mais velhos que te guiaram no abecê ou mesmo com rivais

de ofício e de namoro em um eventual acerto de paz maliciosa e nisso respiraste alegria?

Retumbam em mim essas questões sobre tua paz possível, Seu Claro. E também sobre tua raiva. Se ela germinou e cozinhou diante de traidores e de quem roubou pedacinhos de ti, o que a zanga alimentou? Penso no que ela teria estilhaçado, se teu ímpeto ruminou e explodiu por causa de alguém que te zombou de frouxura ou se ela irrompeu por você desafiar o que parecesse uma impotência em virar de vez tanta privação e recomeçar novos jogos nas esquinas, nas matas ou nas camas da cidade. Que cólera te deixaria contrariado a ponto de tu mastigar a língua e entalar a goela, de contrair a barriga e mascar desejos de tombos quebradeiros alheios? Tua ira explodiu em alguém que teria te humilhado exatamente enquanto te letrava? Seria de pura gratidão ou continha rancor o vapor da xícara em que você bebia o legado da alfabetização? Ah, essa raiva… a que flechamos ou cuspimos em gosma pegajosa a quem nos acompanha de perto. Conheço. Sinto que muitas vezes nós a despejamos e espocamos mais a quem nos ladeia os ombros, Seu Claro, mesmo que desenhemos na cabeça a sua calda para quem não está ao nosso lado e nem partilha de nosso convívio. Será que o senhor vibrava tua aversão mais aos concorrentes pretos por amores e curtas vantagens ou aos sinhozinhos de pequeno plantel e de miúda empreitada? Ou a canalizava aos poucos guardas do município e aos grandes empreiteiros aliados do escravismo que, tantos patamares acima de ti, mantinham suas feições quase invisíveis ao teu cotidiano, enquanto assinavam atributos de chicotes e decretavam orçamentos municipais favoráveis aos próprios comparsas? Será que o senhor ofereceu teu pior a quem dividiu contigo o hálito dos dias, os humores nítidos, a impaciência e os gracejos indelicados? Percebi que despejamos nosso lixo perto demais de nossa porta e vazamos nossas águas fétidas perto demais de nossa fonte e de nossas bacias. Ou o senhor conseguiu modelar teu rancor e tua fúria em sonhos de estradas livres, em querer de paz consigo e em amor de lapidar planos de ser leve e solto? Tua raiva gerou disciplina e astúcia visando se tornar um desprendido, um perpétuo passante sem pouso certo ou projetou ser um homem amigado e amocambado? Será que tua raiva amarga também nutriria força para o doce plano de ser diretoria de alguma confraria de ofícios ou irmandade religiosa em que talvez tenhas aprendido a ler?

Te pergunto de ressentimento, Seu Claro, porque esses dias, em uma palestra que ofereci, uma ouvinte disse que se emocionou e que queria um livro meu, queria mudar o Brasil etc… mas que gostou mesmo foi de não ter percebido ressentimento na minha fala. Fiquei ligeiro, cabreiro, desconfiado comigo. Na resposta lhe disse que cuido muito do meu ressentimento, ele é dos mais velhos, é da idade dos tataravós. Vamos de mãos dadas, faço cafuné em sua cabeça e ele me vitamina a língua, mas tem hora que devo mesmo botá-lo para dormir senão me adoenta e me trava tão ciumento, pois quer as portas e sobremesas todas para ele. Aí ele dorme andando, dorme na cozinha, dorme na chuva. Horas muitas de transformá-lo em amor. Na letra, no gesto, no estudo, no balanço. Ele dança o jazz mais vulcânico sonhando, fica levezinho e fértil. Cala-se com os desenhos da minha gente da mão colorida e aqui, na beira do rio sujo, borda sua lagarta na borboleta de nossos carinhos.

Revolvendo meus medos mordo os lábios, Seu Claro. Alguns me sopram borrascas para a frente, bancando tombo ou exigindo voo. Outros se apequenam quando seus motes e seus porquês agigantados aparecem reais para minhas vistas. Sei que alguns são antigos, históricos, como os que me arrepiam e congelam a boca do estômago ou trincam meu maxilar ao pensar nas esquinas ocupadas por fardados, ali onde caminho altivo mesmo que temeroso e onde meu filho pode correr desavisado. Há muitas primaveras já me encaram como ameaça, como periculoso, como réu, e nem se melindram em demonstrar, o senhor sabe bem disso e melhor do que eu. Recebermos a pancada na nuca, na orelha ou no lombo e sermos arremessados para dentro de camburões é tão normalizado que um eventual assombro entraria na fila fria da praga dos cidadãos, no protocolo esgarçado das manchetes corriqueiras. O senhor conhece plenamente o que estou escrevendo, provavelmente ainda mais rasgado. Outros medos são o do súbito abandono, da perda de habilidades fundamentais ou do enrosco pesado das acusações injustas em âmbitos coletivos, do naipe daquelas que lincham e escalpelam sem encostar, expiando hipocrisias. Há também em nós o grande temor das acusações que produziram tantos corpos pretos pendurados pelo pescoço, como os cantados pelo blues. Ou o medo das presepadas fatais que pretos cubanos passavam na mão e nas balas dos *guajiros*, os brancos responsáveis por aniquilar os denunciados por supostos assobios às mulheres brancas de Havana e Camaguey. Esses são receios e pavores que se irmanam aquele medo que nos eletriza a espinha em uma qualquer

andada noturna, ao se ver na mesma calçada que uma mulher que caminha alguns metros adiante. Ela, por suas muitas razões, te teme, o coração se alarma pensando em roubo e você é encaixado nas piores projeções mentais que te amedrontam ao imaginar ou recordar violações e violências. Ela gela e você gela. Teu azar pode fazê-la correr, lacrimejar, gritar ou chamar a polícia, enquanto você amaldiçoa a vida, a hora, a mulher e qualquer indigno covarde que as espanca e submete. Em um átimo você pergunta a si mesmo se indignou-se das outras vezes que foi noticiado sobre porradas e curras que rasgaram e inflamaram mulheres. Ela à sua frente imagina assalto e estupro, você raivoso e injuriado sente vontade de xingar e até de humilhar moralmente, demonstrando sonoro que há um racismo e uma estupidez encruada ali, minimizando as razões da desconfiança, do passo acelerado ou do pânico que a arrebata. Você toca o seu pescoço e imagina que logo vai receber uma chave de braço de quem desembarcar da viatura ou arribar de algum boteco ou casa já sumariando a acusação, até que logo tira os dedos do próprio gogó porque pressente que se ela olhar isso vai conceber que é o que você intenta fazer na jugular dela. Você imagina o tribunal que voga pelas bocas das esquinas, mídias e até no fórum criminal, pensando em tua família e na vergonha talvez maior que a raiva. Você sabe que parar e deixá-la se distanciar pode ser ainda mais suspeito, quase uma confissão do que não cometeria, então desguia a pisada para atravessar a rua e lá, com os braços bem visíveis e talvez abertos ou ao alto, anda mais rápido para ultrapassá-la e deixá-la o mais para trás que você conseguir. Dentro do sapato lépido e decidido você sente no calcanhar preto a botinada do coturno militar. Na testa que sua, você sente o muro onde ela será colada e espremida pelo averiguador que te empurra a nuca ou o cocuruto contra a parede. Na orelha quase se acende por si o berro dela que te denunciará pedindo socorro desesperado às forças da noite. Eis que tua mente tão embaçada tapava o que tu enfim percebeu: ela mesma mudou para o lado da rua em que você já está, ali para onde foi tentando se desvencilhar do fervo. Você de novo pensa em estacionar, todo seu querer é resolver a situação que não domina e esfarelar aquele medo que te mastiga, mas e se ela mora ali? Então você chega a uma sagrada esquina e ali poderá perceber se ela fez a curva, se voltou ou se entrou em alguma residência e daí você pode se distanciar nitidamente para longe de quem tem um medo equiparado ao teu. Fosse uma abençoada encruzilhada você teria ainda mais alternativas de sossego. Então percebe que optou por parar e num

relance te faísca outra gota de medo: tua presença estanque ali é suspeita na madrugada. Você está encarcerado na detenção sem muros. Água estagnada que pergunta se há fervura ou se são bombas que se diluem verminosas dentro da poça que és.

Seu Claro, quanta intimidade temos com o medo, sim? Ele lambe cílios, baba nas costas, é lambuzo de escorrego que estatela no caminho e é pedrada de gelo no nariz. Experimentei um outro trago de pavor ainda criança em sala de aula, acusado em brados por uma professora e por uma turma inteira de ser o ladrão do estojo de uma coleguinha. Ao paralisar pensando que seria trancado, surrado ou que simplesmente carregaria nos ombros a tonelada daquele veredito e o isolamento voraz oferecido aos párias, de entre os sapatos de uma menina, chutado e arrastado sob uma cadeira, o estojo surgiu como uma cachoeira doce, refresco inigualável em um deserto acachapado por um sol causticante. Me imaginei como a ponta do lápis atravessada na goela do jantar da professora, recordo. Também cultivei a voltagem infantil de arranhar todo seu automóvel e colocar pregos sob seus pneus, o que não fiz.

Outro medo que obriga ao colo da peste é o de ser eleito o Judas, o traidor do mocambo ou o inimigo que veste a camiseta (ou a pele, ou a língua) do considerado e aniquilado adversário mortal, o das rixas letais. Esse naipe de querelas e desavenças mortais é como o que fechava o punho dos murros e envolvia os *fire necks*, pneus encharcados em álcool enfiados pelas cabeças em jovens xhosas e zulus de Soweto para incendiá-los em volta do pescoço, quando as etnias de negros se esfalfavam e se digladiavam nos rebotes arquitetados pelo apartheid sul-africano, que orquestrava migalhas, discórdias ancestrais e pinçava apoios estratégicos e contraditórios à manutenção da sua primazia. Tenho temor contundente de algumas dessas lajes da desilusão. Seriam inevitáveis aos vivos? Tenho temores do tombo que aleija e tenho medos da miséria que possa definhar nossas crias e amores. E o senhor, Seu Claro? Que espécie de pavor o senhor carregaria como dura íngua ácida ou como estopim para desate? Se conheceu as águas do medo, como lidou? Foi das que congelam a água do pensamento, das borbulhas que instigam ao pinote e às investidas ou foi daquele tipo de medo que mantém o coelho atento quando bebe na beira do rio que é território da onça, medo combinado à prontidão e ao movimento?

Daqui penso em tua condição por São Paulo, matriz de tanto sofrimento psíquico. O senhor se agredia? Cismava em espancar os outros? Imaginava deleites brutais? Quais águas de ácido te corroíam? Como lidava com desafetos em plena aberração de viver em escravidão? Reflito sobre os relatos que li e ouvi vindos de homens escravizados daqui e de outras paragens brasis, americanas, africanas, atlânticas, caribenhas e andinas. Pois é, Seu Claro: seriam o medo e o sonho irmãos gêmeos e avessos? Recordo a angústia recorrente dos ancestrais escravizados: o medo de desaparecer na água profunda da escravidão, esse misto de atoleiro, enchente e grande mar tétrico. Recordo esse medo, mas também a estratégia do salto no sumidouro, o poço onde despencavam aleijados e anciãos dispensados, arremessados por seus proprietários. E também as crianças bastardas, malquistas por sinhás ou ainda por suas mães pretas, que repeliam a ideia de parir e de criar alguém que se tornasse uma mera peça, tida como um objeto arrebentado de uma lista de pertences qualquer. Essas mães, com a repulsa pela possibilidade de crianças trituradas pela escravidão, trincavam a pecha de maternidade encastelada nos quadros da Virgem Maria.

Ah, a profundidade, a queda, a vertigem. Parenta do suicídio tão recorrente, o do mergulho machucado pelo grave banzo, tantas vezes cometido pelo afogamento propositado de si por quem, desistido da vida escravizada, em seu procedimento derradeiro buscou a Água e chamou a linha horizontal da Kalunga, essa encruzilhada fluida entre mundos, espaços e vibrações, esse possível ninho da ancestralidade, da morte e da energia vital em curso. Salto firmado pela seara de crença e de sapiência banta que instrui que tudo está em movimento, considerando que nem a lama do fundo das águas estaria inerte e que lá, em momento adequado, também os mortos ou vindouros dançariam, e o encontro seria mais auspicioso do que a depressiva e hedionda condição da vida sob o jugo da escravidão.

***

Seria de Congo a tua ninhada, Seu Claro? De lá, onde ainda em tua época vigorava milenar para seus viventes ou para quem de lá vinha e aqui educava seus pequenos e parceiros, a concepção de *Mwela-Ngindu*, o par alma/mente trançado de um ser que permaneceria na comunidade de origem de uma pessoa (ou até fora dela) mesmo após a morte de seu corpo físico. *Mwela-Ngindu,* que orienta que o ser há de

seguir conversando, atuando e compondo a vida da comunidade através de seus sonhos, suas radiações e seus afazeres se bem conduzido, por não haver fim no *Dingo-Dingo*, que é o contínuo ir-e-vir, o infindo vai-e-vem da vida. E que assim, como um rio aéreo, como o vapor subido e condensado dos gestos e das floras do chão compondo as alturas, o ancestral também chove na vida terrena do agora e do antigo. Ê água de beber, água de banhar, camará!

**Manancial bakongo – Tempos, mortes.**

Seria o senhor chegado do Congo a saber que ancestral é quem se tornou *Nganga*, aquela que chegou a ser pessoa provedora ou marcadora de sua comunidade; aquela que após seu começo e seu preparo, pelo domínio e legado oferecido à sua gente alcançou seu terceiro ponto, seu *Luvemba*, seu equilíbrio de descida de crepúsculo. Ancestral aquele que compôs o traço em descendência de um ápice, de um vértice, como o Sol que vindo do leste perfaz seu arco até que toca o chão do oeste, para atravessar a linha horizontal e nesse ponto reencontrar a linha do seu surgimento nesse plano, contemplando o que tem base, centro e emana força, seguro e amplo. Minha letra seja Sol, seja Cumbe, seja Kalunga, Seu Claro, e meu ancestral escriba o senhor. Nganga. Pois se, além ou até mais do que procriar por gametas e se proliferar por uma descendência celular, o ancestral é feito e continuado por seus frutos no mundo, então te tenho assim, Seu Claro: ancestral. Crescido e desenvolvido apesar de tantos rasgos e estreitezas. Ancestral, portador de destino a desenovelar, de verbo a soprar e de mapa a desenhar e preencher nas picadas do próprio passo e compasso. Nganga: seja no ano de 1860 ou em 2020, seja para quem já te sonhava ainda antes da construção dos primeiros casebres e capelas paulistanas ou para quem, futuro em nossa teia, ainda vai nascer no chão da comunidade e se referenciar em tua história. É que, apesar das toneladas de penúria, de provação e das interrupções escravistas, sinto que tua passagem foi maturada, encorpada e adentrada na linhagem dos bem inclinados. E nisso, conforme se ensina pela sintonia dos antigos bakongo, o senhor se difere de quem tenha passado pelos relevos e atmosferas de cá em estado de cegueira e permanecido com sensibilidade atrofiada e contraída em si. Já que aprendemos que

mortos nos tornamos obrigatoriamente, mas ancestrais, não. Carece ter tecelagem. Carece dessa cachoeira que somos ter banhado comunidade, cada qual a seu modo.

Te imagino as veias da fronte em tua primeira fuga da prisão. Gelo ou nervosia latejando? Sei que o senhor se picou pro vale do Ribeira, isso até foi noticiado no Diário de S. Paulo. Lá ficaste até ser capturado e voltar novamente cativo para a cadeia na capital. Te imagino cruzando matas, as que matam. Pisando a sola inteira ou as pontas dos pés esfacelados, acenando e pedindo as licenças para chegar, com três palmas ou com o *Ntima*, o coração, percutindo no peito encostado no chão, abraçando com três toques de ombro ou cumprimentando ajoelhado e, enfim, adentrando em um dos quilombos do Eldorado, de Iporanga e de Iguape, recebendo água fresca da moringa. Coração fermentado em múltiplos ritmos de tormento, reverência e sossego, atento para a estrada pisada e dedicado aos aromas quilombolas. Ali o teu entusiasmo no território de antigos pretos, sempre louvados os importantes na fundação do lugar, Seu Ignácio e Seu Gregório, os dois de sobrenome “Marinho”, esse chamamento que me abre a matutar sobre o oceano e a travessia dos africanos para o lado de cá, a inesquecível rota da formação de malungos, companheiros de embarcação ou, no sentido ainda mais visceral, parceiros na jornada da Kalunga, a que por sua tamanha força e sentido poderia liquidar inimizades comunitárias. *Nlungus*, ulungus, malungos. Gente raptada e chegada ao *Mputu,* que para o povo bakongo antigo é a terra dos mortos ou dos brancos. Qualificada no cruzo das águas, ou seja, no que nos remete a esse morrer que qualifica o ser a renascer em outra chegada. Gente que venceu a travessia atlântica que chegava a finar de uma só vez 250 pessoas sequestradas e empilhadas em seus porões pumbeiros, percurso mais evitado que a própria loucura, cantado em tantos pontos de congado nas Minas Gerais distantes do mar e também nos *Mambo* cubanos, os pontos ativados pelo *Mête*, a saliva poderosa, verbos rituais que tanto versam essa passagem do oceano.

Ê, Rio Ribeira... Movimenta 520 quilômetros desde sua nascença na Serra de Paranapiacaba, um dos picos da Serra do Mar, até desaguar no Atlântico ao extremo sul da antiga província de São Paulo, quase Paraná. Eis um imã sereno para tua presença, Seu Claro. Avesso de jaula o horizonte comprido do rio, gêmeo do Rio Kuanza, familiar do Rio Congo. Como para o vale do Ribeira foram cativos demais, muitos ambundos e bakongos comprados nos portos do Rio de Janeiro, detecto o

imaginário africano nas experiências dali, gerando a mescla das águas doces de dois continentes distintos, feitos gamela sem fundo e vastidão pelos toques dos pretos chegados de Angola e os tantos saídos de Benguela. Por que será que teu faro te soprou para ali, Seu Claro? Mão de pai, pestana de avó, olfato de tio… qual ponteio de amor ou de socorro te levava para aquele ambiente? Ali, uma terra e uma beirada de gente africana onde entre roças inóspitas e lavouras de arroz existiu tão forte o Congado dos “Caboclinhos da Xiririca”.

E será que teria ali o senhor escrito também, mas sentado ao batente de teu bangalô? Com teus calos e gretas, com tua cor e tuas marcas de terra, teria o senhor ali caligrafado a vida ao respirar a pausa da carpina ou talvez engenhando a serraria dos troncos? Escreveste enquanto digeria o almoço com a cumbuca entre as coxas? E, antes mesmo de tua chegada ao Ribeira, balançando em jangada, tropicando em lombo de tropeiro ou mesmo andando lento com a zagaia em riste, à espreita de quem passava pela trilha de tua fuga, teria o senhor escrito com mão aquilombada?

Será que o senhor conheceu Seu Ignácio ou Seu Gregório, que o povo do lugar até hoje tanto recorda, ilustres ancestrais que são lembrados como negros d’água? *Bisimbi* eles, seres encantados que vieram das profundidades no gesto de renascer da noite, emergindo do espaço dos mortos que é oposto ao cume do Sol, espelho lá nos mais baixos recônditos molhados do percurso solar que se traça no Céu sobre a Terra de leste até oeste. *Bisimbi*, naipe de ancestrais dos que perdiam sua liberdade aquática quando pegos com anzóis e tarrafas. Seres que tinham seus pés de pato cortados para vedar sua circulação, deixados imóveis então nessa tecelagem de ideias tão conjuminada com as malditas passagens do sequestro escravista que é também uma metáfora em memorial miúdo. Pois os *Bisimbi* seriam ancestrais que conforme a tradição preta do Ribeira teriam comido o sal que os amansava e domava quando já zanzavam sobre a terra, sal que também congoleses de toda estirpe (principalmente seus chegados e descendentes na Jamaica, como cantam os batuques da *Kumina*) evitavam consumir para não perder forças, acompanhando o que já se ensinava havia centenas de anos ainda em África. Abstinência do sal então decidida também entre as plantações do Caribe para manterem a potência de conseguir ler os caminhos de volta ao território original da liberdade. (Afinal ler é alicerce e eixo de muitas veredas, sim, Seu Claro?) O sal que poderia ter vindo aos corpos pretos mesmo antes, com intenção de borrar, anular e

rejeitar passados em um ato muitas vezes forçado como o do batismo católico, sacramento chancelado a milhões de africanos em que o sal misturado com água é fundamento de uma conversão frequentemente traumática. Será que o senhor no Vale do Ribeira ou até na cidade de São Paulo ouviu de alguma lábia kikongo o batismo ser chamado de *didimunga*, termo que justamente significava “comi sal”? Sal que expulsaria a pedra do estômago dos *bisimbi* negros d’água, como se propala nas histórias dos quilombos do Ribeira. Tensão para esse mote e esse desconjuro é pouco, eu falaria mesmo em hipertensão.

Mas o senhor bem sabia que batizar nas africanias do interior paulista era também firmar novos elos, garantir compadrios, coisa forte em nossa história. Organizar batismo de criança servia também para sumariar picuinhas e resolver com harmonia alguns amargores antigos de pais, tios, avós e bisavós. Aquelas brigas antigas “que deviam vir desde lá da África” como ainda se diz em sombras de cerca de pau suburbano aqui nos terreiros da capital. Batizar, ali no Vale do Ribeira ou nos quintais periféricos paulistanos, até hoje é angariar família, encorpar solidariedade e sorrir laços comunitários. Te imagino ali. Desconfiado talvez de quem buscasse ávido a comilança de doces, dito antídoto malicioso dos negros d’água para que pudessem voltar às suas grotas submersas levando gente encaixada no covo de ar de suas costas. É como se diz ainda ali…

Nas curvas que bordam o Rio Ribeira, rio de tanta cura e jogos de adivinhação, os negros d´água ainda hoje são debatidos nas casas de pau e de barro. Os primos ambundos, que são rivais e camarás, não contam que seus primeiros ancestrais nasceram da Kalunga e em terra firme começaram a habitar e plantar? Daí, da mesma teia, vêm os mais antigos *bisimbi*, capazes de peripécias generosas e de arrombos fatais aos navegantes. Quando os imbangala se conluiaram com os portugueses lá no norte do Rio Kuanza, essa feitura aprisionou ambundos demais, demais. Que catástrofe. Pessoas aos milhões sequestradas, traficadas abastecendo o suadouro do Brasil, maioria vinda dali até que o Reino do Dongo se dissociou do Mani Congo e, autônomo em relação ao antigo soberano, os arredores de seu arraial também se tornaram a mira da falsa amizade portuguesa sedenta de escravaria.

Do poder sobre as águas e as relações entre esses ancestrais, a rainha Nzinga marcou épocas tramando alianças. Em um momento, era aliada de lusitanos, e já noutro instante se emparceirava com holandeses, após jogar seu sobrinho morto

no Rio Kuanza, aquele rapaz que ela apresentou a toda gente sob sua tutela de cuidadora regente. Nzinga mandando décadas nos mercados de cativos no território delimitado entre as linhas e ilhas dos rios Kuanza e do Kunene, espaço que se tornou Angola. Pois em todo canto dali, nas pequenas comunidades tributárias a ela, vigorava o poder de quem regia os *Lunga*, os bonecos de pau em forma de gente que representavam os seres d'água. Poder de quem dizia fazer chover, abrir o rio no meio, controlar a fertilidade feminina e ser designado para chefiar por causa de seu verbo e o dom de dialogar com os rios e suas forças. Lungas que perderam vez para os Ngola, os caçadores que em vez de madeira dominavam pedaços encantados e majestosos de ferro. Lungas que então aferrados tomaram rumos que os trouxeram com sua gente em grandes turmas até o Vale do Ribeira, submetidos entre o apetite de portugueses e as desavenças dos agricultores ambundos com os guerreiros imbangalas que capturavam, arriavam e até assimilavam também novos integrantes, tomados dos povos que subjugavam ao passar, atendendo a pedida forte pela escravaria que zarpava para o porto de Benguela e que de lá vinha para as Américas.

Qual radiação te chamou para o Vale do Ribeira, Seu Claro? Encontraste ali algum remador ou marinheiro negro, foragido também, como os vários que se estabeleciam como ajudantes de barqueiros e canoeiros pelas costas recortadas das capitais ou pelos estuários e angras de cantinhos deste país? O senhor amigou-se com algum navegante ou tarrafeiro refugiado, úteis aos donos de barcos que os empregavam para usufruir dos saberes sobre picadas, atalhos e ventos que aqueles adquiriam nas suas fugas? Reencontraste camarada antigo em uma função mais adequada a esconderijos, vivendo mais a remar e flutuar do que pisando na terra firme de hortas, paróquias ou burburinhos urbanos? Ou será que no Ribeira se deparaste com algum sacerdote da linhagem dos *nganga-itiqui*, os que recolhiam a primeira água depois das estações de seca e ofereciam aos deuses e ancestres? Será que o senhor escutou e observou, desbastando e cultivando a roça, algum *Ntini-a-mazua*, que para as bandas de Angola significava "O rei do rio", aquele que lançava um frasco ou uma gamela aberta na água para recolher amuletos invencíveis e curativos? Será que ouviu sobre o Ribeira como se dizia do Rio Congo, o rio mais profundo do mundo com seus até 230 metros de calha, rio das margens evitadas por causa das cheias incomensuráveis das épocas de chuva, onde se ensinou que as lágrimas dos homens gigantes formaram os lagos e que do pranto das femininas

ancestrais imensas fizeram-se os rios? Aqui no Brasil, país onde está 12% da água doce do mundo, entre São Paulo e Paraná te imagino encontrando pretos que se amotinavam e se negavam a continuar trabalhando se a cabeça de algum peixe específico, como o tucuxi, por exemplo, entrasse e permanecesse na embarcação onde faziam suas lidas. Porque para eles o tucuxi poderia ser um encantado a se respeitar ou temer, como os *bisimbi* contrariados que viriam das moradias submersas de pedra ou surgiriam nas correntezas para entornar as naus de quem atravessava sem pedir licença ou apenas retira peixes sem nada escambar, sem oferecer o engambelo. Como terá sido tua presença nos ares do Ribeira, Seu Claro? Aguardo tua resposta, em uma gota ou em um cintilo que me chegar, sobre as tuas razões de escolher aquela geografia como abrigo para teu cotidiano clandestino.

As desavenças eram várias entre os pretos, sou ciente. Como também sei que na província de São Paulo antiga, como em diversos becos e paróquias das Américas, semelhanças culturais entre as pessoas originárias ou descendentes próximas da África Central serviram para contornar e reparar contendas pesadas, como as que já espinhavam famílias desde as razias por escravaria acontecidas ainda no Congo e em Angola. Aqui, com suas maneiras de compreender e praticar as energias da vida, tinham aguçado entendimento da diferença de suas peles e de seus estatutos sociais em relação aos brancos mandantes. De africanias se serviram para resolver várias inimizades, ajeitando novas camaradagens e mantendo o que se azeitasse bem, versáteis e, ao feitio dos anfíbios, buscando se adaptar o máximo possível ao ambiente e procurando coletivamente podar o que prejudicasse a sobrevivência já precária. Porque, como o senhor atinou, tentando pela via individual o rasgo geralmente era muito mais difícil de se costurar. Conhece a lâmina melódica daquela cantiga de tantas rodas macumbeiras e capoeiras? “Apanha a laranja, menino, apanha a laranja no chão. Proteja teu reino sozinho, com a força do seu coração”…?

Imagino pessoas em um ambiente perverso e completamente antagônico vivendo a solidão de um rio sem afluentes, sem peixes, sem rochas, sem lama, sem folhas pousando dadas de presente pelas árvores, sem passarinhos, sem aranhas caminhando em sua superfície, sem vento e sem sopro, sem mar no seu

desemboque. Mas também sorrio à presença na grandeza da solitude de um rio, pela perfeição biológica de uma bacia hidrográfica. Compreender o solidário e autônomo que sabe da inteireza e que se concentra no que desenha e trança com soberania nas águas que recebem e oferecem, águas que integram um sistema e são fundamento de uma teia, elo de corrente. Que nos conflitos de um reinado encontram seus dilemas e deslindam suas responsabilidades.

Penso nessas gamas ao te imaginar vencendo vigilâncias e grilhões para marcar presença nos circuitos das irmandades negras, as confrarias nascidas no seio ou nas margens das igrejas. Te imagino na busca do pulso coletivo também com quem afiasse jeitos de decifrar os *bisimbi* entre as frestas das pregações aos santos das capelas, santos não necessariamente tão estranhos às íris de pretos, já que havia séculos as gerações africanas conviviam com elementos simbólicos pertinentes a leituras amplas do catolicismo, mesmo antes da chegada dos lusos, como por exemplo a encruzilhada bakongo do diagrama Dikenga, que aninhou a recepção e a leitura da cruz cristã, seja por parecença visual ou pela função de ligação entre mundos, a despeito de tantas diferenças de ordenamento da vida que entre si elas ofereçam, guiem ou doutrinem.

Penso teu giro, tua pisada suave e até teu bailado na ocasião de uma coroação de rei e rainha do Congo, com gente familiarizada a uma crença nos moldes das hierarquias eclesiásticas e também na atuação ritual dos líderes dos reinados. Pessoas tão habituadas à cruz e à encruza, afeitas às demandas ancestrais, conflitando, conciliando e lapidando jeitos de recriar africanias nos solos brasileiros. Gente negra aqui rezando e tramando, se beijando ou se xingando, musicando ou plantando, mas necessariamente convivendo e formando maltas e conluios. Nessa maneira até flagro também o teu entrelace com Theodora e tua amizade com os pretos que acionaste por carta quando estava detento, os amigos que tua necessidade primeira chamou para o encontro pela escrita mas que iriam conjuminar tua confiança apenas quando atendessem a teu chamado ao encontro corporal, quando viriam a ti para que o senhor confidenciasse o que não poderia arriscar expor na folha tintada, pela potência da conversa próxima e pelo risco de as informações de seu inventário serem lidas em um confisco de mãos brancas.

Recorro à água, essa realidade simbólica completa, elemento singular e fecundo, para sintonizar anseios negros do Brasil de minha época à tua voz silenciada, murmurosa de tramas ou ainda áspera em gritos que ecoam. A profusão da linguagem me permite contemplar a morte como um abismo florido, onde nossos pensamentos sejam borboletas e gaivotas planando e pousando em paragens aparentemente inacessíveis. E assim, entrelaçando idades e temporadas, mas nos mantendo jogadores em tabuleiros que persistem, como o da cidade e o da finitude física humana, continuemos aprendizes do dueto fundamental próprio dos discursos bailados no *jogo-de-dentro* e no *jogo-de-fora*, comuns à Capoeira, à Ladja e ao Danmyé martiniquenhos, brincadeiras manhosas de luta. Espero contemplar a escuta crítica e úmida de quem passeia pelas circunstâncias de duas valências, como as de ser imigrante e anfitrião ou a de ser membro de academia e também autodidata, para assim esquentar teorias e sensibilidades gotejando no veio autobiográfico através dos tantos jeitos de compreender os tempos. Será que o senhor esboçava na ponta dos dedos receber minha mensagem? E se me responder que apenas me aguardava e eu te disser de cá que soube de teu susto?

Seu Claro, se cada ser humano for um rio, onde a mina? Onde a foz? No sêmen, no útero, no parto, na vila da infância, na história de sua gente? Na história das correias que o cerceiam como as margens que bordejam a água? Se nós compusermos um grande rio, um mar, um ressoar da Kalunga, aprenderei que tecer futuros contigo é soprar a porteira onde pulsa o ancestral de amanhã. E não é de mim que falo, mas do ancestral que se reconhece já presente mas futuro, o vindouro. Limpo, nutritivo e que ainda mais adoço com nossas harmonias, mas que também salgo com nossas divergências e dúvidas. Se a partícula de água que corre foi nascida na mina, escoou, fluiu e chegou no desemboque, tendo margeado ou coberto os incidentes do caminho, ela também já e ainda é o Rio ali de trás ou ali da frente de sua passagem e de cada momento de seu movimento. E é o que se mescla com as águas que se derramem ou respinguem sobre ela. O futuro é onde ela nasceu, o presente é nos metros adiante, nas curvas onde passará agüeira e também em sua foz. O passado é constante, cheio e contínuo em si, em seu pedaço e na inteireza que preenche, corta o rumo e compõe o leito, feito também no que recebe das relações, sejam as quebras de espelho d’água ou os calores para vapor, seja a pisada de bota que espalha ou o fundo com lodo que segura o pisante. Aí o passado

passante, o passado presente e o presente sendo futuro, como o futuro a lamber e modelar o passado. O ancestral ali no que vem. Águas da água como há pessoas na pessoa.

Tempo é água. Tempos são água. Tempos são águas. Na capoeira cantamos que “Todo tempo não é um” e nunca mesmo hei de votar certeiro sobre essa espiral. Destino do rio será mesmo correr para o mar, Seu Claro? Talvez não, mas a fluidez me ensina sem esforço e me demonstra algo de plenitude, de perfeição sentida. Movimento que contempla o cheiro e a vista. Tato do corpo que roça, arranha e pega, tato do corpo que recebe o gole d’água escorrendo por dentro. Audição que acompanha o assovio da água pássara. Na escorrência de uma água que desfila há o imaginário da completude da natureza, a harmonia entre a forma, a ideia e a matéria. É como também se demonstram inteiras, suficientes e plenas uma roda, uma encruzilhada ou um horizonte aberto entre vales e montanhas. Será que assim pode ser a morte, que se apresenta como uma das faces do tempo total? Apenas conjeturo, pequenino e sapiente dos meus limites minúsculos. É insondável.

Quantas narrações de navios fantasmas vi nos desenhos animados com suas caveiras roucas e nos pesadelos mal-assombrados de tela de cinema… Nem comparáveis aos flagelos dos tumbeiros atlânticos. Mas posso atinar sobre outras mortes também transportadas em águas, como as rezadas e celebradas dançantes como as festivas antigas do Congo, no despacho dos cadáveres postos nas barcas feitas do tronco das árvores que abençoaram e acompanharam uma pessoa desde sua infância até sua acolhida durante a travessia misteriosa, a do fim da passagem da vida física. Imagino que sabes, Seu Claro, e muito mais traquejado que eu, dos funerais que ainda hoje levam o morto em um caixão. É o modo mais corrente aqui para enterrar um finado. Esse caixão antigamente teria sido a árvore que regeu a energia vital do sujeito por essa vida, sim? Uma árvore plantada, crescida, frutada em intimidade com quem faleceu e então, quando chegado o momento funeral, um tronco entalhado para aninhar o morto em seu retorno à terra. Mas também, além de a árvore poder se tornar a fogueira onde as brasas fúnebres fariam do corpo morto suas cinzas ou de poder ser o cocho que seria elevado com o defunto para os ares, se preparado para proteger e ao mesmo tempo expor e atiçar o morto às aves que viriam lhe bicá-lo para subi-lo às alturas, ainda haveria a possível matéria do elemento Água para realizar essa viagem. O imenso lago africano que foi renomeado

como lago Vitória após a colonização europeia há séculos era conhecido como Placenta pelos povos do centro e sul do continente. Árvore e Água, que para tantos povos configuram símbolos maternais como seivas e placentas, hospedeiras em partidas e renascenças, também acolheriam a hora derradeira da pessoa por este mundo. Pois na despedida mortuária, o corpo recheia a Árvore que se torna canoa, a penetra novamente e segue em caixão flutuante nos rios da travessia, na jangada reapresentada à Kalunga, o entre-lugar cósmico. Pois imagine ataúde assim, Seu Claro, hoje aqui: derivando pelas águas da cidade uma barca conhecedora de Sol e de Lua, de entranhas, de intenções, memórias e reminiscências do morto, das suas respirações e sonhos nas horas grandes do meio-dia e da meia-noite. E a tal ocidental modernidade e seu tal desenvolvimento, essas palavrinhas-chave para tantas leis, termômetros e portas rachadas de minha época, lidando com jeitos de despedir que não cabem nas regras predominantes dos velórios nem no protocolo do Instituto Médico Legal. Quais os porquês da história que as criminalizaram? Seria apenas pela higiene das águas?

Quantas mortes tivemos como a do eterno Pato n'Água, mestre apitador do samba e da tiririca, o jogo de pernada paulistano dos malandros das rodas de batuque e carteado, ritmista maestro que segurava as desavenças entre os cordões (depois escolas) do Camisa Verde e Branco e da Vae-Vae com seu carisma e valentia, tamanho e majestade. Chamado de Pato n'Água por ser nadador exímio, foi encontrado defunto boiando em uma lagoa de Suzano com a jaqueta repleta de furos e arquivado pela polícia como "suspeito de afogamento". Sumido após ser enquadrado pelo Esquadrão da Morte em plena ditadura militar brasileira, a que malhava ensaios e esvaziava bailes, dava safanões corriqueiros e visava cabelos black-power, rasgava couros de instrumentos e bochechas maloqueiras, derramava em baldios os suspeitos ratificados por ela como marginais, julgados pelo boletim de ocorrência que portavam já em sua pele e em seu CEP. A costela quebrada perpétua de Seu Carlão do Peruche; a panturrilha de Seu Zé Maria varada de bala na notória invasão da Peruche em 1977 e o samba "Se manda, Mané", de Padeirinho da Mangueira cantando os sequestros e desovas também no fluminense Rio Guandu em 1974, são alguns registros doídos da resistência, da pancada e até da sátira nobre e maloqueira em plena ditadura militar. Os córregos e lagoas suburbanos conhecem esse derrame, Seu Claro.

E da morte acenando, pedindo socorro, como a de Nossa Senhora do Rosário, essa *bisimbi* forte, negra d'água? Em balançante naufrágio, avistada por um negritinho iluminado e desacreditado pelos senhores, salva pelos pretos de fé, os que louvam os seres aquáticos, celebrada na musicália abauloada e cheia de texturas da andada coroada maçambiqueira, a da missão deliberada e presenteada aos pretos de carregar a sua santa. A potência de revide está ali no Rosário das contas que "são balas de canhão", como se canta nas graças e enigmas dos reinados de Congo e Maçambique mineiros, da santa retomada das águas e para sempre cantada e louvada também em bentas aspersões.

Sabe a morte da água da chuva, a que desce em linhas das alturas que braço não alcança, para horizontal se desfazer esparramada no chão? Conheci ainda a história da onda fatal que o pântano sorrateiro preparava aos desavisados de sua beirada, namorados ou pescadores. Isso eu ouvia muito de José Olímpio, ancião escuro como o breu de sua habilidade baloeira nos campões de futebol da Vila Campestre e da Vila Santa Catarina. Ele contava de uma Água que saía de seu leito e pulava sua margem para matar, surpreender cobrindo e arrastando desatentos para o seu colo profundo. Quanto mais morta a Água parecesse, quanto mais parada fosse, mais se desconfiasse. E então até encarávamos de outro jeito o córrego que era nosso camarada, caminho e brinquedo.

Eis que da morte, silenciosa e sombria ou festeira e iluminada, dormente ou onisciente, insondável e talvez restrita aos detentores dos dons e decifradores de vaticínios, quantos ensinamentos materiais temos na Água para uma reflexão sobre seus limiares porosos ou impenetráveis, Seu Claro. Da morte em vagalhões e remoinhos, manifesta em borrascas ou em torvelinhos e empuxos de rio que arrastam. Da morte da gota infecta bebida. Pois, dentre a combinação de sonhos profundos e de tradições aprendidas, o cotidiano também se dá a um passo ou a um abismo do limite da morte, talvez imerso mesmo nessa Água forte que atravessa épocas de sofrimento, de paixão e de glória. Água fronteiriça que também oferece sentido ao nosso jeito de pisar na terra firme ou na borda.

Como será que o senhor morreu? Se intento reviver tua força ancestral e me tecer enquanto te teço, medito sobre tua morte. Teria sido tua morte um fim e uma passagem aquática? Um salto na Kalunga, água que feito a tinta de tua pena também

grafa a morte, a vida e os entretempos? Faleceste sufocado em plena fuga, nas águas subterrâneas? Morreste usando um caderno no colo ou como travesseiro? Tombaste castigado pela guarda? Despencado no peso de uma laje ao trabalhar para o sinhô? Mutilado sem socorro como os inúmeros pedintes pretos das portas e escadarias de igrejas de seu tempo? Incendiado na sequela de um raio sem escapatória? Embolorando na cela em gelada penumbra ou faiscando em taquicardia festeira, entre puítas e animadas cayumbas em “ritos de cura e gozo”, como versou Luiz Gama em suas trovas burlescas? O senhor teria se finado velho, em obsessão clarividente e missão mística, escrevendo o que chafurdou na lama ou o que virou húmus na folhagem e fertilizou nossas letras? Morreste remoído em degredo para alguma tétrica galé, contraído úlceras e aleijado nos trabalhos forçados, a punição mais temida? Ou terias sido picado de cobra? Se assim, foi nas veredas de matas em alguma debandada ou no dente de uma serpente jogada na cela para te beijar?

Talvez tenha morrido por ter recebido alguma praga por ti muito bem acreditada e por isso sentida, assim contigo introjetando nas veias e nos nervos o quebranto, o que desmorona a força psíquica, e baqueou. Praga daquelas proclamadas entre babas cáusticas e olho engordado, soltas em sussurros ou em brados volumosos. Daquelas que um flecha a quem acusa de urinar no seu poço, de espezinhar sua horta, de furtar pobre ou mesmo de vencer uma disputa concorrida com justiça, mas acometida pelo despeito dos derrotados. Daqueles esconjuros que espetam e se alastram no futuro do acusado ou do invejado, coisas como “vai ficar gago”, “vai comer moscas enquanto dorme”, “vai tropeçar e cair em uma ribanceira” ou pragas que em intenções ainda mais pegajosas despejam o chorume nas pessoas próximas do alvo bradando que “o filho vai inchar de bicheira na barriga” e “a filha vai sumir em um vau de ponte”. E mesmo há daquelas que mesclam a desgraça com uma anterior fortuna, vinda apenas para que se sinta a murchação dolorosa, como na clássica “que fique rico e gaste tudo em médicos e remédios”. Pragas são primas dos *kingana*, os provérbios essenciais e insubstituíveis em tribunais congoleses e africanos em geral, então podem ter sido coceira em tua gola, pancada em teus ouvidos e turbulência em teu sono. São da seara que prova que palavra é força e a língua quebra os dentes.

**Águas da Palavra. Tinta e saliva. Cartas, segredos e cartilhas**

Enviei há pouco outra carta para um mais velho, que mesmo muito sujo canta como cantavam os mais límpidos por aqui, desde muito antes até do que a tua passagem, Seu Claro. Eu te dizia disso, das Águas da Palavra. O senhor, escriba, é música dessa orquestra. Se a água é senhora da linguagem fluida, rege os ritmos que escorrem e deseja os sentidos dos caminhos sem brusquidão, os contínuos, é também matriz e irmã da poesia que escoa das fontes. Sonho de linguagem não será mesmo ser fluxo de livre corredeira, sem travanques? Cultivo essa questão em mim. Pois penso no senhor e nas trombas d´água, nas rajadas líquidas tempestuosas que são ouvidas, assimiladas, desejadas e compreendidas como guia para os revides. Penso em teu aprendizado e tua pena, nas leituras que quis e não alcançou. Nos gritos e nas caricaturas que teriam sido caldo na esponja de tuas páginas. Nos escarros, vômitos e injúrias guturais da água de teu verbo, entre intervalos de paz e lentidão. Penso em teu olhar e tua escuta para a água dos chafarizes e córregos da cidade, modelos de serenidade e silêncio mas também de euforia e de potência de enchentes, água professora de discurso. Penso em tuas passagens e devaneios pelas beiradas quentes de nosso litoral, pelo oceano inchado e farto como a boca encharcada de saliva e a caneta repleta da seiva do tinteiro. E se devaneio é assim profundo, se é mar moroso, quente e despertador de turbilhões, quais ondas e limos viriam de ti, de tua condição de movimento em uma cidade que te despreza e te monta na cangalha? De onde o leite, as escorrências da excitação, as lágrimas azedas, as babas de sorrir ou de nervoso para um homem preto como tu em uma cidade, um país e um continente dirigidos pela morbidez de arquitetar cada palmo de si em pleno pântano do escravismo? Como inventariam realidades teu comichão e teu cultivo de escrever, mais do que deixava a tua pena nas cartas ditadas por outras pessoas e nas métricas restritas às contas do teu ofício de pedreiro? Se abrissem comportas de ficção e de memórias, flutuando entre a recordação fiel e a invenção sedutora e até mesmo desapercebida, como rodopiaria a tua intimidade em garatujas pelas águas de tua tinta? Aqui, onde para além da vampiragem econômica já prevalecia a economia da libido que garante as fantasias de ódio, de domínio e de violação como princípios para quem se arrogue ser ‘A humanidade’, o que tu conseguirias pelo verbo no papel para recompor sua vitalidade?

O que o senhor gostaria mesmo de escrever com gozo, com afinco? Será que o senhor usaria o balanço das águas das tintas como esquiva para não receber ponteiras nas costelas, mesmo que numa incipiente e manca caligrafia, difícil para outro leitor, mas em um idioma de inteira compreensão para ti? Os espaços entre tuas letras, que para os estudiosos e investigadores indicaram fragilidade na técnica do letramento, seriam das frestas que pausam, interrompem e embaralham respiros dos outros leitores mas não de ti? Ou as lacunas das letras seriam também valetas onde tua leitura tropicava, como a de tantos educandos adultos e jovens que encontrei em sala de aula e que aprendiam a ler já com cabelos brancos na fronte? O senhor relataria destrinchando cru e brabo o cotidiano ou até brincaria com as letras, amolecendo os espinhos do deslocamento forçado de seus ascendentes, buscando os escudos do humor e as contradições do sorriso que afofa e ameniza reveses? Narrava para si mesmo, em sigilo, as rachaduras de resistir ao austero e ferrenho termômetro da desumanização? Utilizaria no lápis ou quem sabe em uma pequenina lasca de carvão a ladina ironia, essa marca tão talhada na expressão negra no Brasil, para ponderar sobre os desmanches da extrema vulnerabilidade? As tintas, tuas águas de traço, assim em troça contida poderiam se fazer mais filtradas e límpidas, mais vitaminadas, sendo no mesmo momento pus e néctar? Será que escreveste algo que ninguém viu e que o senhor desejava intensamente partilhar ou será que guardaste com esmero e orgulho algum texto, alguns versos, que você temesse com ponteiras no fígado que fossem descobertos?

Justamente um dos fascínios da escrita é não saber se a letra será mesmo lida. E se decifrada, sim, por quem? Chegará a carta realmente ao destinatário proposto e brotará ao seu “leitor ideal” ou circulará por imprevistos leitores de impensados lugares? Nosso grande escritor Cúti me contou da resposta recebida à carta avermelhada e palpitante que enviou a um dengo, um ex-amor não tão antigo, separados pela Serra do Mar e por um divórcio doído. Pois a carta de retorno que ele recebeu com a garganta em chamas e o peito arregalado veio, enfim, assinada pelo então namorado da sua ex-companheira e o rapaz foi a única pessoa que realmente havia lido os derrames, confissões e carícias remetidas pelo escritor, antes de remeter de volta com seus comentários. Seu Claro, será que texto amoroso e lanhado oferecido para o mundo pode se tornar aquela água fresca oferecida à boca de quem já se empapuça de suco? Livro publicado será como uma carta mandada em

desespero saudoso e íntimo para ex-companheira (a da saudade que ainda criva o peito…) e acolhida, aberta, decodificada e devolvida pelo atual chamego dela? Talvez assim, aberto novamente um leque, ainda haveria um auspicioso gérmen de encontro nessa escrita capturada fora do seu primeiro circuito desejado? Encontro de horizontes, escambo de ideias, trança de tempos pessoais, aumento da amplitude de discernimento do mundo através de um texto… é tanto o que pode renascer em uma vera leitura, feito um ancestral acionado pelas senhas e chamadas. Como se fosse esperma a tinta da escrita e em ato amoroso o papel se fizesse vagina acolhedora, a leitura é ação uterina? Texto é como a cria que zelamos em seu crescimento e espraiação pelo mundo?

Descobrimos que a escrita pode adentrar nas veias de nosso vivo museu, o acervo de memórias frequentemente controversas que marca nossos corpos e que balança em nossos vexames e orgulhos. Nos deparamos com as caligrafias que ressoam nas entrelinhas das locuções de rádio e nos escritos dos muros anunciando companhia, gozações ou levantes. Escritas aludem a critérios e regras que se incrustam no nosso cotidiano, inspirando anedotas e bonitezas. Os textos teclados e os seus avôs, os ancestrais riscados no lápis com seus enredos e escorregões, podem quebrar o pulso de uma manipulação, ridicularizar o dono empoado de um trono e criticar cada pétala das flores de plástico que nos empurram como troféus. Enquanto o pensamento satírico também aciona os ardidos, esgueirando-se em disfarces pelas sombras escorregadias das suas frases ou bradando o ridículo dos mandantes, a escrita pode desnudar o pomposo. Pode trazer até o punho cerrado e fanático de quem é esfrangalhado por bandeiras portentosas e preces fanáticas, como pode rachar qualquer construção maniqueísta da própria história e compor o lado B do vinil das lideranças insurgentes e das tradições que se fundamentam à margem de um centro dominador, para ainda gravar e contar em suas próprias faixas como surgiram os riscos no disco de uma linhagem. Escrita pode ser a contramemória, tanto sobre quem se posta como vigia na porta de um culto quanto na batuta de um maestro que assume sua primazia no quintal dos que mordem. Escrita cria mel e melodias, harmonizando nuances do psicológico mais íntimo. Escrever talvez seja o episódio tímido que se guarda sob o travesseiro ou o sal das páginas que anseiam buscar quem foi cuspido para distante e que, com seu faro avariado pelas pancadas do abandono, perdeu-se do percurso de ida precisado de

inventar sua própria volta. Escrita, com seus toques finos e tontos ao assumir lidar com as confusões, possibilita com a finória ironia ser gaiatamente compreendida quando range a sério. E despertar a gravidade quando equilibra sílabas como se fossem pratos, imitando truques patéticos e capengas, traduzindo a pequenez de alguém que se observa parrudo, oferecendo-lhe um surpreendente espelho. Como a escrita envolve, altera e revela noções encobertas dos tempos pessoais formados por traumas, memórias, distorções, projeções e reversões, ela permite a cada nova fábula ou a antigos golpes da caneta atrasarem e confundirem o relógio de qualquer proclamado e premeditado fim da história, florescendo ilusões e realidades de uma comunidade para além das que são emolduradas em apenas um só foco, protagonizadas por um só naipe de personagem ou interessadas em ratificar uma exclusiva leitura.

Penso no aparelho vocálico, na garganta e a língua, no encovado céu da boca e nas teclas dos dentes, Seu Claro. Todo o papo e a lábia em amores com o grafite. A saliva na ponta da pena. E do ar se fazer um caderno, reverberar e engatar conexão com a intimidade e a infinidade da outra pessoa, a leitora de suas cadências e surfista de seus garranchos, esses tombos e arranhões da expressão. Cismo com a letra preta em humildade e pretensão de dominar as passagens da existência, de abrir as conchas das mãos do prazer e da felicidade sem deixar cair o lápis necessário, ali no momento imediato em que se respira o acontecimento da escrita, da leitura ou da carta ditada. Água de beber e águas da tinta escoando, rio em linha sinuosa no leito da folha branca. O momento da escrita ditada por Theodora para ti, aquele instante do texto da esperança praticada mesmo que ingênua, já que as cartas que ela mandou não encontrariam nem uma vez sequer o destinatário, seriam realização de um pedaço fundamental da caminhada pela liberdade e de afirmação da própria humanização? Sinto o encontro suculento do paladar e da fome, da gana de reencontro e da paz, ali na palavra falada, transcrita e sonhada para os olhos de uma outra e terceira pessoa. E no texto proferido por Theodora, marcado pela pujança de se nomear rainha e também pela fragilidade de frisar seu abandono e sua condição de “escrava arrematada”, talvez urgia mesmo uma forma de gozo, no instante efêmero mas cultivador que combinava dois projetos de vida, Seu Claro. Projetos rasgados e ladinos.

O senhor reparou na respiração de Theodora, nas pausas da escolha das frases, na marra e na fraqueza expostas? Penso nos intervalos entre a voz que rege o texto e os volteios da tua orelha e de tua mão; penso nos poros daquela voz dependente da caneta que gravaria o que a outra palma, a destinatária, deveria acolher para as íris conferentes. E em como vibrariam no papel os sentidos para que as ênfases e o sotaque fossem de novo intimamente reconhecidos e consentidos na leitura, oferecendo feição e trejeito ao que a carta intencionava e desfiava; ao que ela consolidaria de encontro e de decisão no proceder do marido então tocado nos olhos e na própria temperatura pela letra para que se decidisse a voltar, reconduzindo-se à fonte de sua família trincada, como se arrebatado por uma enchente ou colhido por uma jangada. Penso no vento e nas gotículas do hálito balançando nos intervalos das letras caligrafadas. O que se nutria ao se crer que essas brisas angustiadas das palavras de Theodora contaminariam a carta? O que se firmava na convicção que o tom deveria até desmanchar o papel, por tanta potência despontada e desejo de socorro? Talvez mais do que otimismo ou pessimismo, emanava-se uma felicidade agoniada ou até mesmo pairava um devaneio estimulante. Feito uma mexerica descascada, cheirosa e com vários gomos secos, criava-se a vida já no aspirar, nos atos de ditar e de enxergar a palavra tomando matéria e cor no papel, confiando, ou seja, fiando junto. Imagino que neste acontecimento da fala e da escrita, os seus quatro olhos se encontravam para nunca mais se apartarem, quando davam forma e substância às mensagens urgentes.

De um lado, Theodora na persistente busca por seu esposo separado pela voracidade e frieza do tráfico interno de escravaria. Noutra banda, noutra casa da mesma roleta, o senhor na empatia e também, talvez, em tuas tramas por estrada aberta e por estabelecer contatos que colaborassem na aquisição da liberdade ou até mesmo tramando a expropriação de bens na casa dos donos brancos. Seria a tinta um sangue que compactuavam em um percurso incisivo entre vossas memórias e que varava a ambição por um futuro livre? Seria o ato dessa escrita um entrelace de família acontecendo em si? Na tinta a água, na página uma pia batismal que irmanava padrinho e afilhada, madrinha e batizado, mais velha e mais novo? Assim considero vocês se reconhecendo e equiparando fortalezas e autonomias em mútua responsabilidade e partilha, cada qual com seu poder para que diante da realidade adversa se obstinassem a não perder objetivos de rumo e de chegada. Cismo se,

como uma linha esgarçada empinando pipa pesada, despontava em ti alguma penúria ou até mesmo a ira ao assinar nos papéis o “escrava Theodora”, ainda que ela dependesse de uma terceira mão, a tua, para que a palavra se estabelecesse?

Seja como for, com tudo isso não se assegurou que o verbo se consumasse nas mãos e na cabeça do esposo sumido, já que a carta nunca chegou, como ocorreu com todas as outras ditadas e até nem mandadas, exceto a dirigida ao próprio senhor de Theodora, sabia? Que autoria desgraçada é essa que além de se chancelar como “escrava”, encorpa seus parágrafos declarando-se “arrematada” e clamando por alforria, mesmo que recheie suas reivindicações e clamores com uma atribuição de “rainha” para si mesma? Que lástimas, a mulher intimando seu homem quase sem pistas seguras e no anseio de vencer a distância geográfica que ergueu um abismo desmedido entre a família, em uma ignorância quase completa sobre paradeiro e condição. O marido vivia fugido, apartado, quebrado, aleijado com vergonha de surgir esfacelado? Era homem que economizaria vinténs para recompor a família via alforria? Era preto revoltado ou encostado em situação mais vantajosa (ou menos drástica), onde equilibraria silêncio e astúcia para continuar com as benesses de viver separado de Theodora? Improvável, já que o trabalho nos interiores, sertões e confins era em geral muito mais árduo do que as condições matreiras de sobrevivência na cidade.

Imagino as cartas. Papel seguro por ti e talvez tocado e esfregado por Theodora em suas mãos, sua fronte, seu busto... Carta alongando a voz como um canto sintonizado pelo rádio e captado pelas antenas de algum lugar, chegando à cabeça e ao colo que o tráfico interprovincial de escravizados separou. E separar seria também estagnar. As relações com o esposo, o vínculo de fortalecimento e de solidariedade, assim como o esgarçamento desses elos pelo abandono e pelo sumiço orquestrado pelas condições estruturais do país, não poderiam ser saciadas, suprimidas e nem substituídas por ti, o escriba Claro, mas uma outra relação vital se estabeleceu e gravou também o chão dos movimentos de cada integrante da teia. Digo desse próprio ato da escrita como um abismo que brota em irrupção montanhosa e que se sobrevoa, que flori e que é beijado por borboletas e sugado por abelhas. Fascinante esse acontecimento de escrever trançado ao afã de outra pessoa.

Te escrever é um dedilhado e um acorde na sanfona dos tempos, Seu Claro. É voltar em mim, gotejar em minha garganta e na de outros homens pretos a tinta da noite, que abriga forças e atravessou séculos, guardando mistérios e memórias de medos e revides. Te escrever é perguntar ao amanhã como ele nos lerá. Falecido, o senhor pode então receber minha missiva. Pois nessa língua escrita que tomamos emprestada e que já foi desdobrada em tantas cartas de presídio e livros de biblioteca, idioma que já concretizou derrames de desespero e arquiteturas de planos contrários aos projetos e estatísticas de nossos tombos precoces, viaja no tempo a minha letra para mudar algo. Essa mudança está em mim que letro e quiçá, decisiva e sutilmente, está no que se (des)qualifica como passado. Se adiantar pudesse, como eu te escreveria antes de tua detenção para te vislumbrar caminhos que evitassem a masmorra? Eis uma carta de precaução para quem escreveu cartas como ofício imprevisto. Pois um dilema há de persistir por muitos anos: o letramento te serviria para evitar cadeia ou justamente foi alavanca para tua ida ao cárcere?

Muito mais que meramente se alfabetizando, no cultivo das letras o senhor germinou a se nutrir de ares do mundo, tornando-se então um periculoso excêntrico. Letras teriam aberto apetites por liberdade que se congraçavam a segredos de grutas habitadas por foragidos e a incursões de quilombolas que vinham à cidade e aos paióis negociar mercadorias com quem, após diplomáticas e espinhosas reuniões, soltaria os cães raivosos atrás dos calcanhares mocambolas. Com o hábito das letras refrescando nos olhos ou brotando horizontes nas mãos, o senhor teria salivado mais por independência, trotando em lombos de tropeiros pelas veredas dos sertões sudestinos? Teria se integrado a redes incendiárias que cruzavam praias e cordilheiras, compostas por informantes clandestinos, atrevidos jornalistas abolicionistas e embaixadores garbosos que aportaram por aqui vindos de reinos como o do Dongo e do Congo? Com as leituras ou por elas calculou pontes e se reconheceu em outros colos, coxas e cicatrizes? Com as imagens dos textos desferiu projéteis escritos com luzes e seus estampidos ou roçou em outros prazeres úmidos e singelos? Porém, caso não tenha sido orquestrada tua educação nas irmandades religiosas de preto, caso tenha sido um aprendiz doméstico em casario de proprietários brancos, para exercer teus estudos o senhor antes serviu como companhia de luxo emparelhado a alguém de fraque e cartola? Estendeu a mão calejada para enxadas de outros pretos nas hortas que enchiam balaios e economias

de sonhos de alforrias? Passou de recolher e despejar dejetos para a função de acendedor do fogão e daí a acompanhante de pequenos herdeiros em aulas particulares? Ou, bem desenvolvido os teus rudimentos nas letras e galgado a pedagogo, teria o senhor sido exibido como mascote, como as porções de escravizados que rodeavam seus “donos” nas fotografias que enfeitavam aos brancos um pretenso poderio e luxo? Se respeitado como instrutor, como te chegara o teu caderno, Seu Claro? Ousou pleitear uma brochura virgem ou ganhou calhamaços de folhas já usadas em um lado? Soletrava, com malícia oculta nos olhos pedintes em disfarce, a rogação por um espírito de benfeitoria da sinhazinha? Pajem de guri rico que iniciava na leitura, folheando cartilha o senhor tomou pancada e levou pito antes de disfarçar e limpar o camisão e retocar a dignidade, organizando no rosto um falseado sorriso enquanto a boca do estômago latejava? Homem feito, recebeu o escarro de ser chamado de garoto? O que o senhor despertava diante dos pretos da casa, dos entregadores da cidade e dos africanos vindos da roça? O senhor, quase um alienígena que riscava e decifrava garatujas no caderno (ah, o caro e raro caderno), como será que transitou entre a compreensão, o espanto ou a inveja vinda de tua gente… e entre a piedade e o asco de quem te municiaria de alfabetos?

Penso nessa resistência diária mapeando delírios e raiva, devaneios e esquinas. Resistência: essa palavra inteira queimando instigas no corpo, desafiando arriar e estourar. Nessa canseira contínua e constante a peleja às vezes sutil por espaços de autonomia, arriscados e fáceis de desabar e esfarelar. A hipótese da humilhação e do desmoronamento nunca era totalmente evitada ou anulada, sim, Seu Claro? Atentei para as éticas próprias da turma preta (forra ou ainda cativa) na criação dos respiros da vida, na faísca necessária e improvável da alegria nesse jogo, na invenção de trabalhos como a feitura das sangrias de barbeiro, a venda de quitutes ou o aluguel dos ombros para carregar barris e gente. Penso em dedilhados de éticas e de moralidades muito distintas das que borbulhavam hipócritas nos discursos arrimos da aberração da escravidão. Penso nas concepções de vida, de lugar, de justiça e de energia espiritual geradas pelas matrizes africanas e renascentes nos deslizamentos brasileiros, com a junção de culturas ancestrais e na urgência de sobreviver à aurora de uma modernidade incipiente como a deste país aqui, para assim se manter no prumo dentro de uma urbanidade requenguela, recheada de garras arcaicas e coloniais, intensamente precária para a imensa

maioria de suas populações, vistas como antagônicas ao que se decretou como humanidade. Matuto também sobre os faros pretos, vivaços, detectando os choques entre as definições e os padrões de universalidade e igualdade que assegurariam legitimidade e fundamentam ainda o discurso das leis modernas. Gente negra pressionando o funcionamento desses princípios e lidando com as esquivas dos senhores que as validava apenas se lhes fosse vantajoso ou então, de acordo com seus interesses e forças de articulação, manipulava e desrespeitava abertamente essas leis. Por exemplo, se em 1866 foi promulgada a proibição de castigos físicos no lombo preto escravizado, porque em 1886 se institui a abolição dos açoites, retomando essa chancela? Como o senhor recebia a notícia desses decretos? Com sorriso fino e certo escárnio ou como se recebesse uma concha fresca para a zanga e o medo? Talvez até escutando o sarcasmo brusco de alguém que enquanto te ameaçava ou surrava enumerava artigos e penalidades desta lei que te protegia...

Das cartas de Theodora e de tua condição detenta, ainda há tantas outras pontes traçadas. O pavor da separação familiar ou do esfacelamento dos mais íntimos elos de convívio, consumado por vendas dos escravizados tratados como reses, sufocava tantas mulheres e homens que foi uma das principais razões para crimes cometidos contra proprietários ou mercadores de escravizados, sim? Na cidade o temor da venda e da transferência ao interior era também o da perda da relativa autonomia de escravizados no ambiente urbano, do fim da circulação que angariava e organizava o próprio trabalho, em geral muito diferente da rude lida no eito rural. Saber ler poderia também significar o acesso às minúcias de leis como a do Ventre Livre, por exemplo, e garantir a união da família. O senhor talvez tenha chegado a ler os apelos de mães que se viam apartadas do plantel de escravizados pela iminência de uma venda que as separasse de seus filhos, que ficariam ainda mais desguarnecidos, também porque as crianças (como muitos adultos iletrados) geralmente não compreendiam nem mesmo os direitos tidos como corriqueiros que passaram a rechear leis que visavam regular as relações entre escravos, libertos e proprietários. Ler também poderia dotar as condições para decifrar documentos de registros de nascimento, venda, dívidas ou viagens, ajudando a encontrar ali ilegalidades em atos de tráfico, de exploração descarada ou de anulações de pequenas conquistas econômicas, jurídicas ou de circulação pessoal. Já sobre a própria permissão legal para se juntar pecúlios e para a compra da alforria, penso

em como isso rodaria no trato diário entre o senhor e teu proprietário. Imagino o sentimento de quem encontrava um fiapo de amparo e de dentro da cadeia reivindicava benefícios legais, escrevendo súplicas cambaias e pungentes aos chefes de fóruns e às delegacias, buscando um ganho nessa proximidade com as instituições públicas, característica das relações da escravidão em âmbito urbano. Proximidade achacada e repleta de desalento, mas uma possibilidade de batalhar mais perto por alguns desafogos.

Quantas táticas pessoais o senhor deve ter presenciado ou escutado em sussurros, importantes como os movimentos grupais e comunitários? E quanto pode ter testemunhado de pedidos de clemência ao Estado, instância mediadora a se recorrer conforme a necessidade e as conquistas legais, lentas mas significativas apresentando frestas possíveis, mesmo que entupidas, entre a violência e a descrença.

Seu Claro, como se retocar de vaidade e exalar água de cheiro em plena pedreira? A escrita poderia ser para ti um imã de vaidades por demonstrar tua capacidade, habilidade e conhecimento atrelado a esse fazer de difícil alcance. Ou ainda pela autonomia que ajudava a estabelecer, que faria diferença sobre agenciar os próprios trabalhos e também para as frestas de liberdade como, por exemplo, conseguir morar só e talvez facilitar ter amantes. Cismo a escrita como água de cheiro que se passe nos pulsos e se lambisque no colo, do jeito como se registra um vapor sublime, sutil e poderoso. Matéria volátil de orgulho entre alforriados e escravizados, força que se mostrava como uma arma ou como dinheiro, o ato de ler e escrever. O senhor sentia esse aroma na gola, essa elevação de ostentar? Serias humilde no ato de aprender e arrogante na função de propagar? Mesmo sem empáfia, eu erro se imagino a tua possível soberba, que podia se espatifar a qualquer instante, e também o honrado orgulho que se alastrava nos momentos comunitários ou nos instantes de solitude? Vaidade e generosidade que entre pretos se sopraria na magia da letra, nas horas de leitura em voz alta na roda.

Te vejo num círculo, pinçando dos jornais ou cartazes as notícias que chegavam pelas ferrovias ou pelas cangaias, ligando cenas das cidades e dos litorais e do interior, apresentando façanhas e abrindo apreensões das realidades aos ouvintes que silvavam, estacavam, ralhavam ou comentavam serenamente o que se

escutava e se imaginava. Fazendo também a colheita e a organização das vitaminas mentais que cartas e jornais poderiam trazer, em uma atmosfera diferente da que predominava até então com as oratórias de pregões em coretos e determinadas praças, logradouros controlados para evitar o que recebia sem dificuldade a pecha de antro de arruaças de pretos. Em um intervalo do trabalho ou em uma pausa da gozação, em volta das foices ou da fogueira, em um beco ou na beirada de um chafariz, no pátio de uma igreja ou após mastigar a merenda em uma senda suburbana, vibrava a leitura em garganta forte na narração em roda entre pretos, firmando grupos antigos ou porosa à chegada de nova gente antes rival. Momento que desenhava hierarquias, afetos e orgulho. Hora que mesclava ofício, lazer, mocambagem e o feitiço de extrair da página o tição e o sereno que abriam visões. Manipular e extrair paisagens e climas do papel, esse objeto que guardaria imagens, promessas e vivências, entrelaçando lugares que o tato e os olhos não alcançavam, mas que os pelos eriçados, o peito e a visão, sim. Objeto tantas vezes chegado do universo dos brancos, adquirido como se fosse um fruto ou mesmo um cofre, uma ponte com outro dia, que decodificada tornava-se centro de um cerimonial, matéria de um ritual e também uma praia acessível, tudo ao mesmo instante no ato que significaria ainda passagem e feitura. Pois se a majestosa alavanca para entendimentos do mundo ou a recordação pedagógica dos obstáculos e graças do que aprendemos também são o que sonhamos e imaginamos, e não o que meramente calculamos sem paixão, eis a leitura como um adubo. Talvez o fato imaginado seja mesmo mais decisivo do que qualquer outro, pois acaricia o ser humano enquanto lhe coça para que transponha sua condição. E notável é a imaginação que se tece enquanto mergulhamos, organizamos e extrapolamos o que chamamos de realidade. Na temperatura e na densidade de suas próprias águas de desafiar e de amorar.

Recordo quando menino fui pescar pitu num pontilhão da Baixada Santista. Furávamos o fundo de grandes latas quadradas, ali com arame prendíamos mortadela ou qualquer isca, jogávamos as latonas no rio e esperávamos os pitus virem das grotas das pedras para puxarmos o peso que ia diminuindo conforme a lata ia chuveirando por seus buracos. Assim, água escoada, ficavam apenas os timidamente saltitantes pitus. Lembro quando do alto da ponte, observando os tetos dos caminhões que passavam, um adolescente disse que se engolisse um

lambarizinho ele virava peixe. Entre nossas dúvidas e provocações, retirou um filhote do bolso ou da orelha e de pronto comeu numa bocada. Dentro da sua careta pudemos ver um movimento sinuoso pela pele das bochechas e pelo túnel da garganta. O rapazinho então pulou da altura grande, afundou no rio e não mais voltou. Está em mim essa passagem e sempre a revivo quando transito à beira-rio em uma avenida de Mongaguá, Itanhaém ou Peruíbe.

Seu Claro, sei que a magia do verbo escrito podia caminhar agasalhada em um amuleto levado no corpo, assim como se transportavam benzeções, orações aos santos e citações corânicas, e que muitos escravizados também chegavam a fitar na ansiada carta de alforria essa magia incomparável da liberdade e da defesa do corpo guardado ao aberto do mundo. Talvez na mesma esfera sagrada da palavra das lições escritas nas pequenas tábuas das classes muçulmanas, verbos escritos com tinta bem líquida vertidos ao fim da aula para bocas bem abertas, bebidos para que o conhecimento vivo na língua regalasse as entranhas dos estudantes. Letras sacras porém também mundanas e vencendo as máculas e violências dos caminhos, embrulhadas no grudado do corpo, pois não se consideraria a abstração algo mais nobre do que as energias do que é tangível.

Bendita a carta de alforria casada à fibra que se pressente no ar e ao namoro do desespero com a esperança que se toca na pele, pareada ao que aparece no vermelho dos olhos e se umedece no suor esgotado, na matéria das solas esfoladas e nas graças e venenos que se serve nas gamelas. Carta de alforria que se veste com farrapos e com indumentárias nobres, que se trança aos conluios e mistérios das esquinas, à penumbra dos becos, à respiração suspensa atrás dos arbustos e às tosses das escadarias das igrejas. Ali, tangível entre as unhas e pendurada no pescoço essa palavra escrita, símbolo de força, defesa e inteireza, por vezes manchada pelas memórias da luta por sua aquisição. No papel, banzeiro e pontiagudo o movimento das águas da tinta, aí irmã das mandingas riscadas no couro da carne, nas escaras, no barro e na areia lunda, como os *Sona.*

Das pessoas que te leram notícias ou te ouviram labiando letras de um papel, das que sonhavam em possuir a admirável carta de manumissão e para quem tu recitarias figuras borbulhantes retiradas de um impresso, quantas seriam vindas do nordeste de Angola, dali do fronteiriço com o oeste da hoje nomeada Zâmbia? Quantos seriam filhos, sobrinhos ou netos de sequestrados da região dos tchokwe e

dos lunda? Quantas haviam decifrado os *sona*, os desenhos na areia que contavam histórias ancestrais e que nos gráficos riscados com os dedos ensinavam sistemas de pensamento, teias da ficção, histórias de origem dos tempos e da divisão dos papéis sociais protagonizadas por animais, pessoas, sentimentos e deuses? Sona que é há séculos, talvez milênios, o jogo em que não se pode tirar o dedo da areia nem passar duas vezes no mesmo traço ao escrever o alinhavo sinuoso e de cruzas no chão. Quantos tinham intimidade com os seus enigmas, com os diagramas das adivinhas onde cada pedacinho de curva e cada intersecção é passagem e aspecto do drama? Quantos conheciam os segredos, fundamentos e truques no desenho das silhuetas e no preenchimento dos pontinhos que preenchem os círculos delineados nos encontros entre os personagens fabulosos e suas mancadas e vitórias? Quanta matemática e poesia nas histórias das três aves que voam em fila, do homem que não acatava conselhos, do mascarado ou dos cinco filhos do leopardo o senhor teria testemunhado brotar ao redor dos lusona, aqueles desenhos na areia?

Se voz é vibração de som e a acústica é oriente, e se letra é luz e a palavra escrita é calor óptico, quantos participantes aprendizes da literatura e da geometria dos sona o senhor teria visto aprumar a quina da orelha, esticar o pescoço e se acomodar no melhor prisma, definindo ângulos que contemplassem bem um sistema de conhecimento com componentes tanto visuais quanto orais? Afinal, uma língua como as tantas africanas que aqui aportaram e se desenrolaram em lábia e escuta ladina, com detalhes tonais que fazem a diferença no entendimento das palavras, não permite desatenção na audição para se tecer uma apreensão da realidade, assim como um traço em um diagrama visual explica um abismo aos galopantes ou uma fogueira aos congelados. Penso quantos seriam analfabetos na língua portuguesa entre esses praticantes de sona ou seus herdeiros, mesmo que familiarizados aos murmúrios das charadas e aos esquemas traçados na mesa que é o chão, acompanhados por tons, trejeitos e pausas essenciais para a expressão e a incorporação da sapiência a divertir ou comover. Quantos dos iletrados na língua oficial do Brasil (não necessariamente a mais falada em São Paulo por aqueles anos, mesclada e encharcada de nheengatu) adentraram noites ou iniciaram manhãzinhas entregues à arte dos sona, no manifesto equilíbrio de voz, gesto e grafia? Muito possível pela frequência de gente tchokwe embarcados para cá em tua época,

pergunto: o senhor, escriba em papel, vivente de letra que te bordou destinos, sabia fazer lusona na areia?

Há um caderno imaginado pelo senhor, Seu Claro, com relatos picados dos outros e enterrado em alguma bica ou desmanchado pelas épocas, entre a poeira do que foi pilar ou laje de algum edifício paulistano? Ou no teu caderno haveriam fragmentos gaguejados de raiva, de cheiura de amores, de relatos de vitórias fictícias ou de outros dilemas inflamados, escritos também num próprio dia em que colheste o eventual ditado de Theodora? Teu caderno receberia testamentos singulares e mesmo depoimentos cifrados que nem mesmo o sujeito que falava poderia desatar? Teria conhecido o cristal dos olhos de pretos que contavam reviravoltas e descreviam funerais de parentes? Teria em teu caderno o senhor mesmo completado histórias interrompidas de confissões e desejos, interrompidas pela vergonha, pela polícia ou pelo desabar cardíaco de quem te contava desgraças e sangrias? E histórias de fetiches de brancos, contadas pela boca negra, o senhor grafou? Houve feitos que necessitaram ser contados duas ou três vezes e mesmo ter as cicatrizes arreganhadas e escancaradas para que o senhor acreditasse? Registrou cantorias, brincadeiras, apelidos de bichos de estimação e percursos de viajantes? Houve algo que em teus papiros floresceu apenas aumentado, cortado ou que com as passagens ambíguas ressaltadas? Como o senhor escreveria descrições de castigos e violências que pouco antes de redigir teriam rasgado mesmo a tua própria epiderme e entortado teus ossos? Como teu estado psicológico se enrijeceria ou se desmanchava perante as lágrimas de quem te ditava úlceras ou juras de vingança ensopadas de requintes de crueldade? Talvez cristianizado em graus de menor entrega, sem cultivo de culpa, sentiria prazer em declamar histórias caprichosas de vingança? Do senhor brotou vergonha e coceira na goela, ameaçado por alguma íris que te confessava ternuras, vexames e surtos? Escreveu cartas de ternura a quem não sabia ler mas que lacrimejou por receber a tua grafia requebrada? Houve sempre amor e quentura no teu escrever ou chegou a se tornar mero ofício burocrático e frio? Inocêncio do Nascimento e Gertrudes Jesus Maria da Conceição, que receberam tuas missivas enviadas da detenção, além das frases que o senhor sentiu que poderia apresentar dali da jaula, leriam quais textos se o senhor sentisse liberdade para escorrer teu rio na folha?

Te pergunto de novo, escriba, e peço paciência à minha insistência: o que desejava e devaneava escrever e ser lido, do que não poderia se preservar para se dividir oralmente? Isso seria satírico e de timbre humorista, em um artifício que permitisse elaborar qualquer despedaçamento de si, ou viria como um texto dramático afiado? O que o senhor engoliria em silencioso e doloroso segredo garganta abaixo, enquanto não procriasse da grafia de tua mão o caminho consumado de uma leitura que consagrasse teu querer? Como seria a pessoa que o senhor idealizaria como leitora do que traduzisse tuas veias?

***

Dos documentos escravistas que te disse que precisamos aranhar e enovelar novamente, fazendo do chumbo uma seda, são densos os registros de testemunhos e depoimentos colhidos sob a chancela policial. Arquivos que elucidavam casos e condenações e diziam precaver razões de suspeição, como ameaças espinhosas de pretos a outros escravizados e aos seus senhores ou intenções de fuga ornamentadas por detalhes sobre a própria coragem e as ambições de seus rancores. Registros que chegavam a descrever aviltantes destratos senhoris, homicídios de honra lavada e receitas do uso de alparcatas para fugas pelo mato de serpentes, além do porte preventivo de garruchas que enxotasse onças ou tombasse inimigos, como o "*deixe estar o meu compadre Vieira, que se anoitecê hoje não há de amanhacê amanhã*". Sei que quando te interrogaram respondeste que sim, que sabia mesmo escrever, mas mal. Será que afirmaste isso gracejando ou amuado? Não sei. Pois preparados na cozinha das aflições e salpicados de desprezo, esses documentos hoje nos pedem crivo cirúrgico, nos exigem que sejam segurados na ponta dos dedos, ao mesmo tempo que reclamam por um inevitável lambuzo e pelas ganas que encontrem pedrinhas de cristal na sua gosma. No entanto, além dessas bacias ácidas do arquivo escrito, dessas estacas cravadas diretamente pelos maestros da catástrofe e seus zeladores, há outras escritas pretas de épocas escravistas que são chuvas e enchentes.

Em tempo de borbulhas haitianas, hora bem próxima da lua em que lá na ilha de Santo Domingo foi conjurada a revolução dos negros, aqui em Ilhéus, em calores de plena rebelião no sul da Bahia, um time de gente escravizada notificou um tratado

ao seu sinhô. Era 1789, em um momento de levante, porém uma carta propondo paz foi enviada com termos que se fossem aceitos trariam a paz ao Engenho de Santana. Será que o senhor leu, Seu Claro? Esse tratado elaborado com minúcias mescla reivindicações próprias às condições de trabalho do pessoal escravizado e às aspirações de gozo e de autonomia alargada, além de expor nítidos desacertos entre os pretos nascidos no Brasil e os negros mina recém-chegados da travessia atlântica, pois pelo escrito eram a estes que deveria pesar a lida ingrata de mariscar. As mãos dos que assinavam o tratado exigiam tarrafas, canoas, gibões de baeta para vestir, diminuição das tarefas de mandioca (principalmente para as mulheres), controle integral das ferramentas, mais dias livres para o trabalho autônomo e o resguardo de dias santos, liberdade para lavrar arroz e colher madeira de jacarandá, além do glorioso direito de “brincar, folgar e cantar” sem precisarem de licença prévia. Simples e nítidas, as pedidas. Se respeitadas pelo dono do engenho, haveria a paz que os pretos disseram ser de seus interesses também.

Nas entrelinhas desse tratado eu noto a maturação, a elaboração e as reflexões sobre o ambiente, razões elementares da vida e as relações de trabalho inclusive em sua divisão sexual. A alforria talvez fosse demais para se postular aí, politicamente se tratando, mas os suspiros e sorrisos, além dos xingamentos mais gozosos, consigo filtrar no tratado por sua sofisticada consciência do tempo, da saúde, da estética comungada e do uso das diferenciações de condição étnica e seus interesses econômicos. Foi uma carta, como as que o senhor conhece bem, e ressoa a sagacidade do uso desse gênero de escrita, certeiro e diplomático, de tom contundente e demonstrando quereres de xeque-mate em assinatura coletiva. Teria havido uma cabeça ou uma mão que se despontou como redatora? De onde teriam vindo os preparos na gama letrada e como foi sua transposição desde a classe de estudos até as toneladas de trabalho, indignadas, que firmaram essa revolta e o caldo de seu texto?

Ainda séculos depois, essa carta foi lida das maneiras mais embusteiras, como se atestasse um escravismo nacional repleto de aberturas para diálogos e baseado numa suposta horizontalidade entre as partes de um engenho colonial, porém o mais fértil em relação ao texto me parece mesmo ser o exemplo de uma vera compreensão dos escravizados, por seu próprio prisma, sobre as possibilidades de vivência ainda sob o jugo senhoril, mas já cobrando outros patamares de

dignidade. Isso além de demonstrar relações de força em jogo, não ditadas apenas por um centro inconteste e inatingível, e expor como as rivalidades entre negros brasileiros e africanos poderiam ser uma coceira raspada por todos os cantos.

E a carta de Esperança Garcia, o senhor leu? É de 1770, um século antes de ti e ainda anterior ao tratado assinado em Ilhéus. O senhor soube por notícias e leu a alguém sobre a petição dessa mulher no Piauí? Em uma carta mordida e clamorosa como as de Theodora, ela pleiteava ao governador da província a volta ao interior, relatando as “trovoadas de pancadas” (sim, trovoadas) recebidas por seu filho, brutalidade que extraía sangue da pequena boca e até manchava as mãos do capitão que a escolheu como cozinheira. Esperança Garcia reclamava não ser “colchão de pancadas” do homem que a retirou do convívio com o marido deixado na Fazenda dos Algodões. Caligrafou como foi forçada a ser apartada da família e trabalhar na casa de onde caiu do teto “por baixo de peiadas”. Esse era o primeiro argumento de seu pedido, complementado por outra razão que expunha em sua letra: já eram três anos em falta de se confessar e uma criança pequerrucha com necessidade de batismo. Pois qual das premissas o senhor sente que teria mais sensibilizado o governador?

Pelos surpreendentes caminhos negros nas Américas e pelas distâncias e barreiras dos ventos na corrente marítima entre o Grão-Pará-e-Maranhão e o restante do hoje Nordeste brasileiro, capaz que fosse da mesma dificuldade a chegada litorânea para ti de uma carta vinda dali ou do Caribe e dos Estados Unidos. Cópias poderiam passar pelo mesmo grau de obstáculos para pousarem em tuas palmas ou chegarem em um salão da irmandade em que o senhor pudesse ter iniciado teu letramento (talvez tenha sido a mesma Irmandade do Rosário vinculada mais tarde ao primeiro jornal da chamada Imprensa Negra paulista, *“O Progresso”*). Então, faziam diferença as expedições de notícias alastradas por terra, enfiadas nos trens e assuntadas no boca-a-boca trazido pelo intenso tráfico interno, principalmente o que encaminhava gentes negras do Nordeste e de Minas Gerais para São Paulo e Rio de Janeiro.

Será que esvoaçou ou fincou força em tuas palmas alguma folha escrita por outro preto escravizado? Será que um vento ou um passo imprevisto poderia ter te trazido um caderno escrito em inglês ou francês? Foram tantos diários suados

espraiados por essas correntes atlânticas e paragens caribenhas, parágrafos embalados pelo balanço do mar e salgados de sonhos redigidos por marinheiros e navegantes. Foram tantas sílabas de ira, estupor, rancor e até de zombaria escritas por agricultores, mascates, cozinheiras e pastores. Caldo grosso dos gêneros autobiográficos, que talvez tenham sido a mais forte e recorrente espécie de escrita dos pretos que passaram pelos cativeiros modernos, com as pinceladas de ficção que a memória ou o gosto pela glória propiciam e com planos e vislumbres de detalhes que transbordavam o que depoimentos colhidos nas masmorras e transcritos por escrivães não alcançavam. Estudiosas garantem que esse naipe de texto foi o pioneiro entre os gêneros da prosa escrita por negros que mastigaram a pedra da escravidão nas Américas. Norte ou sul, lá ou cá, demonstravam uma orgulhosa autonomia dos pretos bem cientes que saber ler e escrever colaborava para arranjar serviços, aumentar salários e soldos, galgar posições em irmandades religiosas, confrarias e até mesmo falsificar cartas de alforria. Mas nessa intenção às vezes desesperada de burlar papéis escorregavam mancadas portentosas, sim? Será que passou em tuas palmas algum desses documentos velhacos, resvalado no patético e embrenhado na aflição? Alguma daquelas fraudes muito mal manipuladas por quem ignorava o padrão das cartas de alforria que identificavam os proprietários de escravizados ou o próprio liberto pela idade, origem e matiz de pele ou, às vezes, por fim, pela ocupação do alforriado.

O senhor deve saber de dentro o que falo e daqui pressinto o teu sorriso no canto da boca. Mas, além de funcionar assim, descortinando agonias e abrindo caminhos menos tortuosos, além de derramar álcool na fogueira de regiões revoltosas com seus relatos indignados e suas chamadas de insurgências, as letras também foram bálsamo em diários que relatavam superações, revides, viagens e amores. Foram oferenda ao futuro e umidade ao ressecado da solidão, ao quebradiço inflamado dos tantos traumas do cativeiro. Nesses textos então como ficavam os vexames? Eram assumidos ou bem escondidinhos? Não digo das humilhações que compunham a história da dor e da vitória, mas dos vexames, aqueles que surpreendem quem brinda a taça da segurança, aqueles que nos enlameiam as vestes como titicas de pombo na gola quando desatentamos por empolgação, marra ou vaidade. Talvez com humor isso se aguente narrar, com a chacota virada para o próprio nariz, assumindo o ridículo e o patético que por vezes se trança ao brutal.

Essas escritas como contragolpe e como ninho tinham seus padrões. Traçavam a forma do próprio nascimento (ocorrido às vezes ainda em África) e apresentavam a caminhada do escriba desde sua infância, relatando desde os grilhões que lhe oprimiram os pulsos até o aprendizado do alfabeto e sua autonomia. Mantinham sigilos e borrões para não prejudicar amizades nem as tornar cúmplices de casos escabrosos quando relembravam fugas, assassinatos de barões e incêndios em casas-grandes. Geralmente, esmiuçavam memórias de penitências e gemidos de refinadas torturas, descrevendo personalidades de feitores vis e de amigos arrebentados. As narrações femininas abundavam de violações e estupros, além dos ardis tramados pelas sinhás ciumentas. E todas consolidavam a autoria como afirmação de humanidade que animava a caneta e como negação da morte social, pretendida e despejada de cima a baixo no tabuleiro escravista. O senhor sabe que nesse bocado de cadernos que depois foi vitamina nos coretos abolicionistas por escancarar a crueldade e o horror, muitas vezes os títulos traziam o destaque “Escritos por ele mesmo”? Rocha para firmar que eram verídicas as passagens, mas sinto que também por zelo para se encher o peito e se declarar que é gente e não peça nem rebanho, já que assinadas por mãos alforriadas, amocambadas, navegantes ou em fuga. Aí o fato da autoria ser afirmado como viga e oriente da resposta ao desprezo, rejeitando que a devastação mental se incrustasse nos músculos e organizando os valores de suas próprias experiências. Recordando as surpresas em si com a resistência, a desobediência, o confrontamento e a tremura daqueles que esperavam apenas passividade. Lapidando a consciência e dedilhando a subjetividade quando os cartazes e correias proclamavam haver ali naquele corpo apenas um toco para receber marretadas, apenas um fruto a ser chupado e esbagaçado. Autoria escrevendo, tematizando a liberdade por todos os ângulos sangrados, encharcando a reflexão sobre si e a sociedade com o amargor de um chá abominável, o salobro do conquistado e a doçura do sonhado.

Foram feitos de porção cursos e cursos de filosofia enfatizando as ideias de liberdade para pessoas negras e os limites dos conceitos europeus para os ardores dessas vivências, assim como se construíram muitos romances e novelas com dados e fascínio vindos das formas, passagens e densidades dessas narrativas de escravizados, com suas insólitas histórias utilizadas e recriadas. A linha que mais me

sensibilizou veio da seara da obra de Toni Morrison, escritora que me relampeia. Seu Claro, penso formas do texto como penso os desenhos, as coreografias e os traçados das arquiteturas e melodias. E admiro como essa senhora admirável compôs os romances para expressar nas suas estruturas o que nos banhasse das tradições negras de seus Estados Unidos, por vezes quase espelhando sutilezas e gestos cotidianos que vibravam africanias e encontravam creolices semelhantes no Caribe e na América do Sul coloniais. Por exemplo, mas já sobre o século 20 e suas condições e tentações citadinas crescentes, em um livro de ficção chamado *"Jazz"* ela brasou no cerne desse gênero musical e dos contextos de migração, de urbanidades, de sedução e de improviso que ele desabrochou. Fez isso na própria forma de espaçar, distribuir e questionar os prismas das personagens, apresentando picos dos seus dilemas e solturas de seus prazeres, deixando lacunas férteis como propósito. De Toni Morrison me veio também um ensinamento sobre o lápis e a caneta. Mesmo soberana em sua arte, sempre algo insatisfeita com o que escrevia, ela nunca redigia diretamente à caneta, e sim sempre com o lápis em papel pautado amarelo, porque pequenina aprendeu que a tinta soaria arrogante e que o lápis demonstraria a sapiência sobre o que se fazia, com a abertura à disposição de melhoria e a boa vontade em apagar e refazer. Isso não seria o propalado excesso de humildade, nem a cobrança exagerada de si mesmo, emplastrada em um real grande medo de errar tão atribuído às pessoas negras, mas se trataria do respeito à feitura do ofício, de levar os fundamentos aprendidos consigo e da deferência à tinta e seus rastros permanentes.

Te imagino engenhando um objeto para escrever. Sem lápis, caneta nem tôco de carvão, fazendo com um canudo de tinta encaixado em um bambu a tua pluma, a tua pena. E compreendendo com ela, orgulho de simples feitura, que as águas da tinta a narrar penúrias podem ser repugnantes, tão pestilentas como águas expelidas por intestinos contaminados, como o pus dos pruridos que marcam tecidos e até as lapas do chão… mas ainda um sumo frutífero. E escrever assim, como se na carga da tua pluma de bambu cintilassem os caldos das bolhas que antecedem as cascas grossas; as seivas e viscos que são o vinho das tuberculoses e diarreias; os estouros dos coágulos de exaustão e de pancadas; o que se rabisca no passo dos mutilados que se arrastam entre pedras e degraus a esmolar, amputadas suas pernas também pelos efeitos da interdição aos escravizados do direito do uso de sapatos em cidades

muito pouco salutares. E dessa excreção coada, latejando a mirada sobre os próprios passos e as lajes e lameiras do caminho, aprumar a escrita e teimar a autoria improvável.

Para os bakongo, ser é fundamentalmente integrar uma comunidade. Sinto que para isso não se carece aniquilar a subjetividade e não se destroçam nem se apagam as impressões digitais e as nuances pessoais das expressões. Ao contrário, entre a comunidade e a individualidade, há o florescer da pessoalidade, essa fronteira em movimento nos mundos, viva e porosa, profunda. A que pode escrever memórias e romances que gotejam os conflitos e invenções de seu povo, a que entrelaça ficções, cicatrizes e banhos de saliva dançando nos dilemas entre representar uma turma e ao mesmo tempo criar o aparentemente ainda impensado ou inédito. Renovar o entalhe e roçar nas contradições de sua gente. Autoria portanto seria esse rio com salinidade, temperatura e ondulação próprias, integrado a uma bacia hidrográfica específica. Pergunto se eram elos robustos ou laços frouxos o que o senhor mantinha, diante das fragmentações e das separações forçadas, mas também do esforço de permanecer coesa a coletividade negra em seus contextos. E apesar de tudo te imagino assim, Seu Claro: como a arquitetura de uma ponte, sem os tijolos trincados e com vigas firmes, ponte entre a saliva e a tinta. Te penso autor de teus próprios passos onde o chão teve bocarras e escarrava em teus pés, o senhor compositor de enredos, até brincante com a baliza do lápis. Autor de histórias quando a pena foi um imã e as formas seriam encruzilhadas. Te penso assim, apesar de saber dos desmoronamentos de teus pilares.

Mais que teu inventário de pertences, no papel listado e encaminhado aos amigos de confiança para resguardar tuas poucas posses teu legado maior foi o ato de escrita. De ti grande herança foi esse apetite de figura imprevista, curvado sobre um caderno no passeio público e volteando nele tuas mãos negras calejadas. O que o senhor soprou como pólen foi essa presença como oriente de cultivo em terra árida. Eis a fecundidade das águas de tua tinta. E por essa germinação o senhor se destacou como o prego que ao mostrar sua cabeça recebe a martelada. Te carimbaram uma pecha, te sufocaram na carapuça de mentor de crime e, se foi real tua intenção de roubo, não sei. Se pretendia angariar informações e brechas da residência do proprietário de Theodora e jogar malicioso no contrapé, ignoro. Se sugeriu o bote ou se pensou a expropriação enquanto manuseava a vida em plena

lida com as madeiras de assoalhar ou grafitando folhas, desconheço. Porém, o teu vacilo descoberto teria sido demonstrar o discernimento da escrita, o exercício intelectual que então coube bem na chancela que desejavam te referendar, a de pensador de roubo. Em plena sociedade paulistana começando a cravar seu poderio cafeeiro e racista de estigmatizar, coisificar e coagir, o senhor como preto escriba seria saliente e chamativo demais. Será que te faltou o cuidado e a precaução de quem entra a primeira vez em um lago? Será que aparecer nitidamente escrevendo era massagem forte demais em tua vaidade para se evitar? Produção de espaço urbano é o que fazias, o que alastrava com tua escrita aberta na calçada, semeando no imaginário o despertar de ninhos e de revides, concebendo a potência das ideias do corpo, essa letra na página da cidade, essa água tracejando na pedra feito finura e ameaça de jorro. Assim, concorria com outra produção de espaço, que era a governamental construção de presídios e a apuração de técnicas que iam além mesmo da cadeia para controlar comportamentos, tempo e espaço, alargando trechos e levantando arquiteturas para observar, cercear, segregar e castigar.

Te imagino e sinto a aspereza das tuas palmas carpinteiras e das solas interditadas de sapatos, como se impunha aos pretos. Em tuas íris consigo conjeturar o sentimento de desencaixe nos tempos e de desajuste no lugar. Me pergunto se o senhor seria filho direto e sanguíneo de africano sequestrado que atravessou o mar na galé apodrecida, se seria migrado das Minas Gerais e da derrocada da garimpagem dali para a ascensão cafeeira paulista ou se ainda teria cruzado paragens mais largas e distantes, vindo do nordeste ou do Rio de Janeiro, que foi tão Congo, tão Angola em seu percentual populacional e em seus traquejos de pisar e de reunir, gema dos portos que recebiam pretos nesse momento, aqueles que desciam para quarentena de seus azedumes no Cais e nos casarões do Valongo ou para serem atirados e mal empilhados às centenas no cemitério do mesmo nome, do aroma pestilento e catinguento que se espraiava pelos quarteirões e morros vizinhos do porto. Talvez o senhor ainda criança tenha vindo do Vale do Ribeira de tua intimidade ou de um interior paulista mais próximo da capital, tão africanizado em teu tempo também pelas roças e pequenos casarios onde proprietários de gente, quase pobres, dividiam perigosamente enxadas, mesetas e cômodos de dormir com seus escravizados “de nação”, pessoas negras nascidas fora do Brasil que compunham pequenos plantéis e ainda se emaranhavam e trocavam ciências, receitas, afetos e

produtos em um universo de caipiragem e de roça malunga, bem menos impessoal que as ruas urbanas da capital.

Então, haveria para ti um território de peito, Seu Claro? Povos africanos e seus descendentes brasis com seu fundamento de criar e cultivar espaço, territorializantes por necessidade e gosto, recriadores de autonomias pelo movimento nos seus cazuás, ilês, zungus e mocambos nutriram e nutrem a nobreza e a fome de um território com mínimo poder para viver sem peias. O senhor devaneava estradas abertas, sonhava Áfricas ou uma chacarazinha? Mano Brown, menestrel inigualável de minha época, versando firmou que “Ás vezes eu acho que todo preto como eu/ Só quer um terreno no mato, só seu/ Sem luxo, descalço, nadar no riacho/ Sem fome, pegando as fruta no cacho”.. Será que imaginavas um canto assim também ou essa vontade de ter algo “só teu” é tanto mais nossa aqui, que já mastigamos e engolimos desde pequeticos o horizonte de sonhos individuais da propriedade, tão macerados pelos apartes e propagandas dos séculos 20 e 21? Pessoal de minha geração, pelos apertos e limites da coletividade, se esbarrou e se atritou muito em vielas e becos, já um pouco distintos das noções de famílias extensas e talvez com a memória esgarçada da cooperação e das nossas histórias de propriedade comunitária. E também de fundamentos que ensinam que a regência espiritual de cada pedaço a quem se cumpre reverências não é necessariamente gente, apesar de já poder ter sido, pois ancestral. Enfim o que nos equipararia a todos, Seu Claro, nos poros e na razão que ultrapassa o cérebro e contempla a paz que a sensibilidade reconhece elementar, talvez seria mesmo o frescor do riacho no pé, o ser cristalino e plácido, farto, sem medo e sem mando.

Diferente do pensamento que tacha o abstrato como camada superior de ser e de compreensão, que privilegia a ideia absoluta diante da matéria e que desqualifica o tangível diante do etéreo, para ti também percebo que a aparência e o que meu tempo se pôs a chamar de “estilo” era questão séria. Nem melhor nem menor do que a valorosa abstração, e sim fundamental na apreciação e nos orientes da vida. O senhor se sabia exposto escrevendo às vistas dos passantes e no inventário de tuas humildes posses, na lista de teus pertences, vi que constavam as “camisas de baeta encarnada e calças de riscado”, mais o “colete branco”. Em teu pedacinho de moradia, encaixotados como de costume, tuas poucas e consideradas peças compunham o que te ornava para o passeio pela rua. Sem pompa, sem

opulência, mas com a dignidade de quem não se apresentasse em farrapos, mesmo que só devesse passar publicamente sem calçados. De tuas peças, de tuas vestes, ainda detento insistiu que não deveriam ser tocadas por ninguém desautorizado, já que o tato indevido impregnaria a tua energia primordial, pulsante na pele e envolvida pelos tecidos, num modo de compreender o Ser tão característico dos bakongos e ambundos. Malefícios do toque repleto de desprezo das pessoas brancas em tuas coisas conspurcariam tua superfície, o que significaria poluir também teus recônditos, sim? Forma, acontecimento e substância: água ensina que sua verdadeira presença está tanto na fundura abissal quanto em sua cútis, em cada ínfima trisquinha onde se procriam vidas e em cada metro em que uma pessoa se amorna ou se afoga. Lição de saúde plena, harmonia de epiderme e intestinos, de intuir e de olhar, de cantar e vibrar os órgãos quentes de dentro, como frisou Fu Kiau, que cavucou em poços de filosofia banta e como tantos *Tatas* e tantas *Kotas* ainda destacam por aqui. O que por si, em um sistema de pensamento que tem a encruzilhada como fundamento, nunca excluiria a metáfora elementar da profundidade, majestosa e soberana, talvez acolhedora e talvez repelente aos despreparados. A profundidade como cheiura quase inconcebível de uma história farta de linhagens. A profundidade inclusive alçada ao futuro pelos povos que cultuam a ancestralidade, a Arkhé, o arcaico que não se resseca nem se encarquilha e é sapiência especialmente cuidada africanamente pelas Américas. A profundidade do desafio da liberdade desbravando matas como quem explora cavernas em mergulhos e sensações e ideias em seu cotidiano. Eis a vastidão da grota funda, o labirinto de sentimentos e de decisões que nos engrandecem a própria história. Feita com o corpo.

Seu Claro, conferi que os mesmos amigos que autorizaste a lidar com teus pertences, os dois únicos homens pretos escolhidos e chamados por ti em tuas cartas enviadas já como presidiário, foram os que você confiaria para prosear frente a frente, de voz e de orelha, de olhos e de respiro. Inocêncio e Benedito de Assis, ali de Jundiaí, os camaradas. E, como um capoeira, o senhor desconfiava da inspeção dos brancos à tua letra. Guardava segredos firmados em tua dinâmica de cumplicidade e na partilha de experiências de sobrevivência e de ofícios de escravizado urbano. Entendi sem dificuldade por que a tua carta apenas acenaria, talvez deixando uma sugestão cifrada, mas convocando a necessidade de chegarem para te auxiliar em

arranjos que talvez tramassem fugas, buscas de defesas ou apenas o resguardo das tuas poucas e tão valorosas posses, mas nada que fosse escancarado revelando amigos, rumos, métodos. Ah, os segredos: essa atmosfera de pacto preto tão recorrente neste país, disfarçados ou assumidos nitidamente que nos vêm como porteiras ou como boias de salvação. Segredos passados em linhagens sofisticadas ou após acidentes pelos barrancos, seduzindo pela forma, pela cor ou pelo momento, são muito mais do que acessórios dispensáveis e tantas vezes por si mesmos firmam o próprio fundamento de uma relação. Segredos como princípio para a revolta, o cultivo, a iniciação, a economia, o sabor, o jogo e como própria dinâmica de uma comunicação. Escuta-se em benzimentos que a Água por seu fluxo contínuo, variedade de formas e ampla presença conhece e resolve todos os segredos, sim?

Traquejado, o senhor sabia que havia bastante traição em acordos esfarelados e descumpridos. Havia alforrias que em semanas eram confiscadas ou mesmo assinadas borradas de interdições, papéis que só valeriam em certos raios de quilômetros ou de jurisdição, submissões que se descobria que deveriam vigorar apenas depois do ex-proprietário morrer e, ainda assim, frequentemente dependentes de uma liberação final a critério de seus herdeiros. Se havia um estado de trairagem repugnante e aceito na atmosfera, então como confiar em acordos com contratantes e policiais? Como estar seguro com tua carta escoando pelos trâmites da paróquia rastreada pelos procuradores? Assim, imagino tua letra para o amigo Inocêncio que por sua vez deveria convocar Benedito, mais distante, a vir te visitar. Sem abrir os naipes todos do carteado, fazer entender que era urgente a presença e que havia plano de fuga e de cuidado com teus bens, parcos bens, que seriam passados por procuração a Benedito, como chegaste a fazer antes que fossem confiscados oficialmente ou tomados na mão grande e ilícita pelos guardas. Mas nessa mescla e nutrição recíproca entre escrita chamativa e oralidade de pé do ouvido, complementares, adensava no ar a percepção nítida que nem tudo poderia ser escrito se não fosse bem cifrado. Problema para uma turma como a tua, em que pouca gente dominava o entendimento da letra, que ainda passava pelo crivo dos que regulamentavam a maioria dos papéis.

Segredo, força, estratégia. A confiança e o abismo. Penso em como o senhor aprendeu a ler. Possível, mas difícil, que tenha sido em uma casa de brancos, como os servos domésticos que ainda muito jovens aprenderam junto com quem pajeavam

ou mesmo sendo os próprios letradores das crias de seus proprietários. Talvez o senhor, depois de alfabetizado, possa ter sido aquele que na roda de negros lia histórias e abastecia de informações sobre o que acontecia com parentes em outros cantos ou o que se decidia nas cúpulas do poder. Mas provavelmente aprendeste o beabá nas irmandades de homens pretos, nas confrarias que ministravam saberes de ofícios braçais e também do que ajudasse a cumprir essa lida, como básicas matemáticas e leituras. Talvez te integraste a uma igreja que apresentasse preocupação sobre tua ordenação religiosa e fizesse apologias à organização familiar e profissional em círculos urbanos de mercados já competitivos. Foi nesses recintos que uma parcelinha pouca mas considerável de escravizados começou a decifrar riscos e rabiscos, a mentar operações de somar e subtrair. E essas irmandades se sustentavam porque o elã do seu segredo era a missão da solidariedade com os irmãos, mesmo entre tantas desavenças com outras irmandades e entre tantas discórdias étnicas ditando com pulso forte as regras a seguir para alguém poder fazer parte da casa, regulamentando por dentro os modos de assinar, de contribuir e de se garantir em tombos e sustos do caminho. Sabemos que aí o segredo entre os componentes vogava como elo vital para os encontros e no cuidado dos bens da firma.

A letra e o segredo, ó dueto tão antigo e tão próspero. Concebendo em pleno sistema adverso os sigilos como orientes de legítima comunhão e de fortaleza, como seria a irmandade em que terias aprendido as artimanhas da marcenaria e o chão da escrita, esses ofícios dedicados ao esmeril? Como terias cultivado esses conhecimentos irmanados pelo senso da carpintaria, como a que modela o texto e a que aprimora a madeira, oferecidos a quem combinasse com os ditos da casa? Se fosse como as gerais, seria uma instituição muito atenta ao limite no quadro associado, que cobraria enérgica os mesários sobre qualquer tipo de desfalque, que multaria forte e sem piedade em uns 320 réis os faltosos nos encontros mensais e, principalmente, que taxaria como expressamente proibida a revelação de qualquer vírgula tratada nas reuniões para amigos ou parentes. Seria uma ordem de iniciados, zelosa com as repressões da cidade e inserida nas rivalidades étnicas entre pretos, crioulos, africanos de “nações” e mulatos, assim como nas distinções impeditivas entre livres e escravizados, fosse pela arrogância, pelas leis segregando cativos ou até pelas condições deploráveis de suas vidas que impossibilitavam algumas

maneiras institucionais de se juntar. O senhor notava que eram muitas patotas montando a sua confraria e barrando a outra, observados por cima pelas irmandades religiosas de brancos. Fico cogitando como seria o trato de confiança e também se haveria desejos em circular pelas outras casas, sondar segredos e formas, trocar receitas… ou se a repulsa se incrustava em ti ensinada como o abecê. Ou ainda quanto dessas divergências se descontava nos resvalos e trombadas pelas ruas afora, pelas esquinas e chafarizes, e como entre asperezas as graças e os suores da vida aflorariam juntos sob a garoa paulistana. Como o senhor lidaria com o pessoal da cidade e com o fato de ser escolarizado em um lugar e um tempo em que líderes editoriais e de coreto bradavam, sem melindres, que escravo que frequentasse escola e se tornasse consciente de direitos não aceitaria seguir como escravo, tornado periculoso pelas letras?

Se as irmandades comandadas por brancos e muradas para pretos possuíam bens milionários e acervos suntuosos, o esplendor não deixou de cintilar nas irmandades de preto, sim? O senhor talvez até tenha presenciado altas posses, quantias ou dotes do tipo, requisitados como entrada na associação. Digo também das joias que angariavam os montantes que garantiam empréstimo aos enfermos, socorro aos órfãos, hospitalidade e visitas com presentes aos indigentes, além de empréstimos para as alforrias. E principalmente valiam um enterro decente e às vezes um funeral pomposo e missas em capelas enfeitadas. Bens que asseguravam até a produção de festas mascaradas e coroações reais da comunidade, lastreada em representações de reis e rainhas africanas nas datas de celebrações de padroeiros das igrejas que se surpreendiam com essa ginga e ocupação das frestas, mesclada a outras religiosidades que não constavam permitidas nem talvez pretendidas no roteiro inicial, mas apareciam em estratégias que se delineavam e se avolumavam conforme o giro dos encontros, a força distribuída e o ressoar das partituras no salão.

O regime senhorial que emprestou um pedaço de seu quinhão, consentindo com a formação das irmandades em seus pátios, já se contrariava de suas próprias autorizações, assustado ao saber que longe de olhos brancos, portões adentro, atividades confidenciais ecoavam mesmo que em sussurros. Talvez o senhor tenha presenciado algo disso ou apenas escutava passagens em cochichos enquanto esperava as aulas começarem, fomentando teu apetite por um livre percurso. E

nessa contradição entre a manutenção, a invenção e também um certo filtro de negação (às vezes tática) de algumas heranças fortes africanas no quadro-negro que roçava no latim e que pisava na língua portuguesa escrita, talvez durante as aulas tenham improvavelmente te passado um provérbio em kikongo absorvido por algum padre gramático ou um sábio africano teimoso, empenhado em cultivar erudição: *"mu kanda, babo longa ye longa"*, que frisa que "dentro da comunidade, todos tem direito de ensinar e serem ensinados", firmando o recíproco da educação e o cerne do conhecimento real pulsante no compartilhamento.

Te imagino sonhando em ocupar funções de escriba numa irmandade, Seu Claro. Será que quis? Ou solto evitava envolvimento nesse tom, nessa responsabilidade? Te miro caligrafando entre o juiz fundador e o tesoureiro, tantas vezes também marceneiros e pedreiros, donos dos segredos da mobília e da arquitetura da casa. Daqueles casos em que o cofre só se abriria se as três chaves da diretoria, aquelas que moravam nos cordões que emolduravam o pescoço de cada um, estivessem na fechadura girando no mesmo instante. Segurança férrea e confiança maciça. Imagino se testemunhaste confrarias em que brancos buscavam chegar, flanando entre a devoção honesta ao padroeiro da linhagem e o faro de possibilidades de mando, de controle e de manuseio das benesses. Brancos recebidos também por interesses variáveis, pelas fartas doações que poderiam trazer ou pela habilidade que tivessem com a caneta antes que se formassem os escribas pretos na casa. Aliás, várias irmandades depois que provavam já ter gente alfabetizada, pediram para a Coroa a permissão para destituírem os brancos das funções de assinatura ou de tesouraria, rogando e justificando em cartas escritas (que também destacavam terem sido feitas pelo próprio punho) que "a iluminação do século tornava os membros inteligentes da escrituração e da contadoria" e ganhavam um não bem carimbado e exclamado, demonstrando que para a alta nobreza imperial e seus bispados eles continuavam considerados incapazes e suspeitos. O senhor sabendo disso mais mascava a raiva ou até fungava zombaria? E como escutava que se passavam meses e as mesmas irmandades em tantas províncias insistiam e insistiam nos pedidos, preocupados como o senhor em deixar testamentos e atas escritas por mãos alheias? Ah, essa aflição de ter as águas chupadas por uma esponja desconfiável.

Teria tido o senhor momentos de prosa com muçulmanos ou pretos islamizados, vindos de África ou de outras províncias onde eram tantos, como o Rio de Janeiro e a Bahia? Gente de caligrafia precisa e magnífica, de gramática impecável que pasmavam cidadãos engomados porque dominavam línguas que estudavam ocultos e por planejarem levantes em idiomas que brancos não compreendiam e tanto temiam. Será que trocou saberes, já que vários islâmicos sabiam o árabe aprendido em porões daqui ou em mesquitas de outros países, mas não ainda a língua portuguesa em que o senhor se enveredava? Será que ouvia impropérios dirigidos por eles às irmandades que brotavam no seio católico e por isso fortaleceu intimidade ou desfez amizade? Ou foi sentado com medo que aprendeu a ligar as letras em alguma das poucas escolas, as dos salários de professores que vinham do “subsídio literário”, aqueles impostos sobre açougues e alambiques pelas vendas de aguardente da terra e de arrobas retalhadas? Escolas que eram frequentemente arrombadas de surpresa pelo exército para recrutamento à força e envio de soldados para campanhas letais e longínquas. Pergunto, mas é difícil que tenha sido assim, porque moleques que rodavam e dormiam pelas praças e becos da cidade eram recolhidos e selecionados pelo matiz da pele, e pretos eram preteridos até pela Casa Pia, que proclamava abertamente esse critério de seleção. Eis aí de novo a imagem da maquinação do filtro e da água a se limpar, sempre latejando e explícito no caminho.

Penso em tua competência sistemática, tua aptidão desenvolvida fluindo, bem ensinada fora das escolas. Penso no momento da batalha sem testemunhas, o do desafio de dominar o que se soletra e o que se conjumina, pegando jeito de deslizar a técnica aos poucos vencendo pedregulhos do percurso. Contrariando também a lógica de ser metido para dentro de batalhões, esses onde pretos encontraram penúrias, humilhação, morte e até veredas decisivas de autoconhecimento, inflamados em uma bravura logo esquecida, lutando por um país e por uma ordem que os queriam esfarrapados. Sei das tropas também como um lugar para exercer pequenos poderes, morder quem parecesse mais fraco ou mais perigoso ao alcance da baioneta, exibir-se fardado e até sugar em extorsão quem já pouco tinha para si. Isso ocorreu demais, vide a Guerra do Paraguai, os Lanceiros Negros no Rio Grande do Sul, a Legião Negra de 1932 em São Paulo e até os cabos e tenentes pretos da ROTA, passando pelas escolas musicais fardadas de tantos recônditos do país e

pelos sambistas que galopavam mulas de batalhão, como o manso Nelson Cavaquinho, ou os que não amenizavam para camaradas de roda de partido-alto quando estavam enquadrando em serviço, como o voraz Candeia, antes renomado pelos seus como “Careca”, o temível policial.

Aqui eu e meus camaradinhas quando meninos tanto brincávamos de polícia-e-ladrão em meu bairro, desguiando entre terrenos baldios e vielas, favelas e becos. Despistávamos os adversários com correrias, esconderijos e indícios falsos deixados minuciosamente nos caminhos mais óbvios. Encurralávamos os inimigos na margem pegada ao córrego. Havia opções: alguém se entregava, tentava passar rasgando o ar no pinote pelos braços da lei ou caía para dentro do rio transformado em esgoto. Ninguém queria ser polícia, mesmo quem noutras brincadeiras demonstrava o prazer do mando e da pancada. Isso talvez acontecesse pelas interrupções e baques que a corporação havia nos trazido brutal, amarga e abruptamente para dentro de várias moradias. E o senhor, Seu Claro, como alimentaria o desejo de reverter a situação e exercer tuas perversões de domínio, teus prazeres agressivos e instigas de ordem? Secreto ou desbragado? De acordo com a história contada pelas forças armadas em nosso chão, com suas estrelas nos distintivos que abertamente se referem às comunidades e mocambos abatidos como casos de limpeza e extirpação, houve exercícios de hombridade e dignidade militar louváveis em cada destroçar e abater. Mas penso que nessas escolas invadidas por milícias sequestrando rapazes serias arrebatado e o teu caderno ficaria pisoteado no chão, na medida do descartável. Até 1881, já sete anos antes da abolição da escravatura oficial que tão pouco tirou os espinhos da nossa esteira, a escravaria não podia oficialmente se matricular em escolas provinciais, como todos os que seriam negados se não levassem a guia do pai, do tutor ou do protetor ou se portassem doença contagiosa. Escravos eram 99,9% analfabetos em 1872. Penso nos interesses de quem mexia na casca das estruturas para que as vigas e os eixos não mudassem com sustança e arranhassem os altos poderes, e faço elos com a proibição ao voto dos analfabetos, que durou mais cem anos após essa hora.

Sei de nagôs libertos e velhos que declaravam orgulhosos, com voz graúda solta às janelas e aos botequins, que se mandavam um filho para a carpina o outro eles colocavam na escola. Mas já sei que escola era essa, Seu Claro. A das irmandades ou a que alternava obrigações e castigos com o aprendizado do abecê

na casa dos senhores, que alguns conseguiam abandonar na arriscada ação da fuga e que rendia chibatadas, separações de famílias e outros horrores se esse plano naufragasse em captura. Te imagino folheando jornais ou fitando em postes e muros os anúncios de escravos fugidos, farejados e que garantiam recompensas aos pés-de-chinelos e passa-fomes, brancos ou pretos, que se empenhassem na “profissão” de caçadores de fujões. Como o senhor observava as menções à rara distinção dos escravizados que sabiam ler e escrever? Detalhe raro no cartaz, entremeado às descrições da barba e da testa, da dentadura ou do nariz afilado, da compleição da musculatura e dos dotes de cozinha ou de ferraria. Informação especial junto aos gostos musicais dos procurados e destacada entre as propostas de gratificações a quem trouxesse amarrados os rebeldes. Te imagino conjeturando os motivos de uma mucama de quarto ou de um cozinheiro antigo fugirem, eles que eram mais “nobres” dentro de um sobrado do que um desprezado carregador de dejetos. Te figuro observando as notícias desses ladinos que como água atrevida transbordavam as bordas da gamela, vazavam da bacia e se arriscavam a se espalhar num chão que parecia sedento por seus tornozelos.

Tua época teve canais interditados e lagos fervilhantes. Cada correia, cada lei, cada humilhação engenhada e gerenciada, cada imposição de separar famílias como a que afastou Theodora do próprio esposo e fendeu tanta companheiragem e tantas proles, cada bocado dessa história é um pedaço de barragem. E ao mesmo tempo, porque apenas poderia ser ao mesmo tempo, foram anos de fervura no tacho da onda negra e do medo branco, como ficaram notórias essas décadas de tua São Paulo, Seu Claro, com as tochas e foices empunhadas pelo apetite de vingança nem sempre calculada. O senhor teria presenciado revoltas dilapidando casarões e salivando por devolver com cadáveres as afrontas tidas como normais por quem as fazia havia séculos? Pressão forte em querenças bem maiores do que simplesmente um decreto de abolição, em plenas mostras de solidariedade singela mas potente, e, também, de rivalidades étnicas muitas vezes cortantes ou letais entre pretos. Pois como se movimentar, Seu Claro? Cismo como o senhor sentia a atmosfera mesclada ao cozimento de rancores, em convívios onde pretos sussurravam suas pragas, organizavam coletivos revoltosos nos interiores, frentes políticas amplas e até, no miúdo, calavam-se em varandas e porões por pequeninas conquistas, a muito custo e forçosamente até chamadas de vantagens. Sei que teu escrever é também apenas

uma gota desafiante aos caldeirões de água proibida do Brasil imperial, da elite e da guarda paulista, pelo inusitado e ousado do teu gesto quando se fazia corrente a percepção, medrosa e talvez pertinente, que “escravos” letrados não aceitariam cativeiro.

**Da fluidez de nadar e das águas estagnadas**

Assim como a braçada sagaz do nadador sulca o seu caminho, o teu movimento em teimar escrever aflorava no cerne de uma luta em águas bravias e pestilentas, impetuoso como o nado que se desenha com técnica, vontade e desfrute. Nadar. O brio e a serenidade combinados em vencer a adversidade propiciada pela água que é também um ninho periculoso, elemento que apresenta à vitalidade humana e aos nervos dos sentidos uma realidade que lega a desistência e a derrota ou consuma a vitória sobre o ambiente e sobre si. Que lega o orgulho do vencedor e a humildade de quem se sabe grande nos feitos, mas pequeno diante da fundura e da largura que afoga ou chacoalha. Penso no ser dinâmico do nadador contra a corrente**,** Seu Claro, como aquele que arrojado e combativo corre contra o vento. E na calma que se conquista em plena tormenta, a que remansa após o turbilhão descamado, dominado e superado. Até que se queira emergir ou que se pratique o boiar de costas, o nado em deleite pacífico das piruetas ou da flutuação soberana. Beatriz Nascimento, grande historiadora que renovou formas de pensar africanias neste país Brasil, já dizia do seu desejo e da precisão de estudarmos a fundo o que ela chamou de “A Paz dos Quilombos”. Ela apontava a brisa da maresia cultivada e conquistada, mas sempre em beirada de risco agudo no contexto de vagalhões e redemoinhos. A tua ação de escrever é natação, Seu Claro. É da família dos atos intrépidos que provocam, atravessam e rompem; é da laia do que se concentra em aprendizado e se oferece ao mundo em energia de desafio e criação, em técnica sensível e pessoal. A caneta feito o remo, a quilha que abre caminho, a enxada que escava e a faca que corta. Caneta, prima do cutelo dos magarefes e da acutilada, golpe conhecido pelo ensino capoeira de Mestre Bimba, dado com a lâmina externa da mão no pescoço de quem ameaça de frente. Letra marcando na goela, maculando ou embelezando a página como a braçada marca a água, fere efêmera sua pele e

traça caminhos. Feita na mescla entre o pedido de licença e a afronta, diante da majestade da Água, como quem ao letrar se propõe súdito e desafiante no reinado da Palavra.

O que se colheria do desenho na água se as gerações esquecessem as anteriores e se engrossasse um novelo de memória que ao mesmo tempo se desfaz, como os sulcos do nado que a Água assimila, remodela e apaga? Sinto que tua escrita não foi ato provisório ou efêmero, mas sim marcante. Tal qual o teu texto, revela-se crucial o teu cultivo do aprendizado e o teu gesto notável de escrever figurando na cidade. Mesmo as frases que desconheceram testemunhas e as que registraram as cartas ditadas por Theodora, as que o destinatário não recebeu. Não foi o esforço do nado em vão, que não deixa mais que a prega efêmera na pele da água, mas sim a vitamina de esperança e a teimosia da musculatura que equilibra a respiração e firma um rumo. Porém penso no inverso, além da carne que rasga a superfície da lagoa: a água marcada na pele. Em uma ocasião, provavelmente recorrente, para Itamar Assumpção foram dez dias de silêncio humilhado após uma abordagem policial truculenta, um enquadro policial que praticamente lhe retirou de dentro do braço dado à sua esposa branca, com quem caminhava nas ruas da Penha paulistana. Sua caçula ressaltou anos depois os dois fios esbranquiçados e ressecados que se marcaram por semanas na face paterna, tatuada pela água que descia em linhas dos olhos para as bochechas, na pele retinta. Como as gravuras da água na pedra à beira mar, como o rio desenhando com seu leito no chão na cidade. Como a saliva do beijo terno deixando o brilho no lábio e a grafia da baba. Como a marca da enchente no sopé da cozinha, linha um palmo acima do chão, e a mancha do vapor queimador, da inalação de água com hortelã ordenada aos pequenotes do nariz entupido e da cabeça envolvida pela toalha dentro da névoa quente. Tais marcas d’água somem ou tornam-se indeléveis pelas passagens dos tempos?

Sabes que me comunico contigo sentindo a Água como metáfora vivida para o pensamento poroso e vigoroso, fonte de conhecimento por imagens, por ser fonte e método de razão sensível. Ela, que pode simbolizar tantas das mais ocultas e das mais escancaradas potências humanas, das nossas fraquezas e desfrutes, pode me auxiliar a compreender como seria para ti se deslocar pela cidade. Ainda escravizado e no ganho, coletando parcos réis e patacas em trabalhos de empreitadas, solto de porteiras, feitores, pelourinhos de chácaras e provavelmente de corriqueiros castigos

domésticos, mas ainda um negro em uma cidade escravista brasileira. Vazando pelas frestas, desenvolvendo percepção atilada da possibilidade controlada de se mover na cidade, talvez invejável para vários de seus camaradas, mas uma condição que também poderia ser tão facilmente confiscada. Será que poderias se sentir como o cão que vive preso em casa e que ao passear encoleirado tem nisso a ilusão de ser livre? Consciência da mobilidade, a da água e da gente, que contempla uma espécie de destino, de traço elementar que transforma sem cessar nossa substância e nossas ideias, abrindo voltas também na natureza da vertigem do sumidouro. Sugerindo um destino elementar de caminhos e de fluência diante das borbulhas da revolta, da poça do abandono, da gota da solidão e do vapor dos prazeres em êxtase. Em teu corpo pensante, Seu Claro, o transitório das águas em escoamento e vazão, em corredeira entre a terra e o céu, em linhas deixando no caminho marcas que se carregam também no percurso.

Pois o rio fluindo, a água entornada dos cântaros e torneiras, o mar em seus voleios como uma cabeleira indomável que repousa quando quer, em tudo me parece contrário à água parada, empoçada do alagado. Mesmo o regato que conduz e demonstra a pequenez aparentemente insignificante de um corpo qualquer em seu trajeto, assim como o fio de córrego que apresenta a nitidez da fragilidade e do efêmero que passa, são o reverso da água interrompida de seu percurso, a que trava sua viagem, a que se emperra e se estagna. Penso em tuas façanhas e arranhões, Seu Claro. Em teu querer que no estado de cativeiro se abrissem fendas para o senhor deslizar, por mais maciças e portentosas que as muralhas parecessem e realmente fossem. Penso em teus disfarces e fintas em um lugar de brutalidade tão cruenta quanto sofisticada, e na disposição para que tua condição chegasse a ser passageira, vencida, mesmo que tatuada de sequelas. Pondero sobre tua busca de protagonismo possível derivando pelas fissuras dos paredões e zanzando descalço pelo áspero calçamento rijo, para depois ser trancafiado e na gaiola sentir nos poros a obstrução, apta ao bolor e à deterioração. Ser água estagnada, infeliz usina de vermes, mas que mesmo estacionária derrete tijolos.

Se a infelicidade pode encontrar reflexo, ritmo e substância também na água que escorre melancólica e lerda; e se nessa natureza atina-se um jeito triste de ser e de conhecer a vida, traduzindo horrores ou desilusões como um fio longo de saxofone lento que nos toca e abarca, é também nesse timbre taciturno e nessa

fluência tímida que podem se dissolver pedreiras que parecem intransponíveis. Pois a calmaria pode ser tétrica e até o horror pode surgir vagaroso, como em um porão purulento de navio negreiro entre as tormentas da viagem demorada. E até a tua solidão de detento, mesmo em uma cela abarrotada, poderia ser compreendida pelos tons dos murmúrios e lamentos que confundem e que plantam a dúvida quanto mais emplastram a tristeza ou a diluem, como se os tumores esponjosos ali se tornassem maciços. Recordo estilingado as notórias cascatas de John Coltrane, velozes repiques ondulados, mas comovido me vêm também as compassadas e lentas baladas tocadas por seu sax tenor, tangidas igualmente em minhas veias e morosas, em remanso. Aliás, sente-se nessas águas paradas ou tão sutilmente movidas até mesmo o espírito de um sono do qual não se deseja despertar. Repouso e reparo para as lanças do dia. Tristeza, mas que ameniza o desespero e talvez desanuvia a névoa pesada do banzo mais desolador.

Encarcerado, acusado de tramar assalto na casa de “gente de bem”, de proprietário de escravos, em quais águas poderias te fiar? Qual lento escoadouro no relógio traiçoeiro e atordoante da prisão poderia embeber o tijolo rijo de tua passagem obstruída? Como a melancolia das águas dormentes e o asco das paradas águas fétidas conflitavam em ti com o sentido da água que escoa, leve ou estrondosa, e com nossa inerência em compreendermos na pele, no pensamento e nos intestinos tudo que abre caminhos, margeia e escorre, sumo do horizontal sem peias? O senhor conseguiria, ainda que sem a tua limitada e anterior mobilidade, a que se ressabiava por ser negro em uma terra de mil senzalas e correias, tramar com calma e vagareza uma fuga e sonhar tranquilo com os encontros de amparo que acontecem em campos abertos?

Água estagnada, o teu ciclo detido, Seu Claro? Com ganas de escoar latejando nas veias mas represado, casado com o bolor. Se teu corpo nas ruas já seria mais um corpo preto tachado de disforme e de grotesco para justificar purgações, intervenções clínicas e penitências, e se os jeitos de conviver dos povos pretos escravizados, classificados como atrasados, já recebiam dos barões e bispos o carimbo da repugnância, de cá avalio essas condições somadas à de te tornares um homem recluso no presídio asqueroso. Desde as galés que flutuavam agonia nas costas litorâneas, segue até hoje o plano de detenção referendado já com força em tua época, Seu Claro. Desde os arrepios pelas influências que chegassem do Haiti

independente e das tremedeiras dos grandes fazendeiros diante das revoltas do começo do século 19 em várias capitais brasileiras, mandando para a tranca e para o degredo centenas de rebeldes, de suspeitos e ainda enchendo penitenciárias desde os anos que anteciparam o Treze de Maio, os enquadros e cárceres só se consolidaram mais por aqui. Daqui de minha época testemunho o cavalar crescimento das pessoas jogadas nas detenções. Muito mais da metade de presidiários de meu tempo estão enjaulados sem sequer receberem julgamento oficial ou decisões sumárias sobre seus processos, encalacrados em penitenciárias com altas guaritas ou em corrós entupidos no subsolo das delegacias. Maioria explícita de homens pretos entre os moradores ao relento das ruas e maioria negra entre detentos, contando apenados e retidos. Estagnados?

Com a sofisticação bélica voga também uma fartura de tornozeleiras eletrônicas, bloqueios por raio laser, radares monitorando telefones, confinamentos parciais noturnos e uma abundância de manicômios e hospícios aos diagnosticados como loucos (loucura… “a última e desastrosa fronteira da liberdade”, segundo o admirável Frantz Fanon). Transbordam sanatórios e “comunidades terapêuticas” com seus presumidos pátios de regeneração gerenciados por quem se diz religioso, supostamente curando viciados em drogadição com porretes e preces obrigatórias, as que garantem a concessão do remédio e da sopa ao internado. Nada tão diferente assim do que tua carne presenciou bem instituído já nos teus fins de século 19, apenas ainda mais pontiagudo e abrangente. Na maioria dos países colonizados que fincaram suas vigas na escravização, na servidão e no genocídio sistemático, hoje percentual e absolutamente vivem muito mais pessoas cativas do que nas épocas assumidamente coloniais. O encarceramento é alastrado e arraigado, expande suas farpas para dentro dos bairros, das casas e das famílias dos detentos.

Filho caçula de um homem tantas primaveras detido, ainda me coçam humilhações, ausências, estigmas e carestias que só aumentaram desde minha infância e adolescência e que já transbordavam nos gráficos de décadas atrás. Antigas estatísticas e tumores que já pareciam brabos, não comportariam o que atualmente sufoca comunidades e guia diretrizes e discursos eleitorais, planilhas financeiras e projéteis de aço escancaradamente apontados para as costas negras, vampiras do medo que paira grosso como nuvem nos cílios de nossa sociedade. Para a água densa desse medo que se esparrama veloz, para as borbulhas e a

ruminação da raiva que se encharcam na bacia do desejo de proteção ou de vingança, há a água estagnada do encarcerado, sintonizada com as imagens reversas da nojeira e da higienização, do torpe e do límpido. Casam-se às pulsões e programas de retificar o que seja sinuoso e de represar em comportas o rio que somos. Para essa gula de claustros, melhormente é fixar para catalogar e controlar. Mesmo que o frutuoso se torne uma sórdida poça.

Ressalto que hoje esse é dos planos maiores. Do que fosse permeável na parede maciça da ideia de justiça, revirada em punição isso já nos empapa a casa, alaga e afoga. Além do impedimento da circulação, ele realiza a tortura sistemática, pois mais do que a pecha de natureza poluente do mundo higienizado a imundície também deve carregar (ou expiar) culpas. Perdemos a conta dos casos de marmitas servidas com vidro moído, dos enforcamentos, da administração calculada de flagelos, dos suicídios forjados, dos minguados copos d'água, das mortes por sarna, dos queixos dormindo sobre latrinas, de dezenas de corpos entulhados em celas tropicais arribadas para dez infelizes e de mofo enjaulado mesmo após a pena já ter se acabado por falta de mínima assistência jurídica. Aliás, por estas, há visitas que tentam entrar com as proibidas ou inacessíveis atas de processos e descrições de garantias legais escritas nas costas inteiras, até que assim descobertas passam a empapuçar elas também a massa encarcerada, inchando a imensidão de gente detenta sem escolaridade básica, afinal letramento é chave. Eis que aqui em minha época atualizam teu fardo, Seu Claro. Centenas de milhares de pessoas a receber as cusparadas de ódio, essas águas espumosas que estimulam e rendem volumosas ações no mercado trilionário bélico e sustentam a chamada dos contratos de cargas de abastecimento de penitenciárias. Cada detalhe do que em nosso tempo se entrose à pretensão de que tudo seja mercadoria e vigiado. O senhor sabe que entre 2004 e 2018 aumentou em mais de 200% as centenas de milhares de pretos cadeeiros e em quase 500% as mulheres negras presas no Brasil? Que brutal linhagem é essa, traçada desde os trancos policiais que te arremessaram à cela?

Quem institui a caça e assina o julgamento? Entre as histórias dos códigos de defesa da vida humana e de proteção aos patrimônios, quem define o crime se a jurisdição é parcial e ainda espirra seus perdigotos escravistas? Fu Kiau afirma que, para os bakongo, o crime é soma de estados psicológicos angariados desde a infância relacionados aos padrões sociais de seu lugar e que o indivíduo que o

comete, ou melhor, que o carrega, seria um “furúnculo sintomático das radiações acumuladas dentro da sociedade”. Se ele diz que *“nata n´kanu”* (“não se comete um crime mas, sim, o carrega”), me pergunto quem o carregou em teu caso: o senhor, a população negra, a cidade cada vez mais complexa, o país? Te imagino sendo abordado, achacado e enfiado dentro da tranca. Recordo também os cinco anos mais que pelejaste pela liberdade, amparado pelos advogados da rede de Luiz Gama e de José Rubino de Oliveira, homem escuro que depois foi docente na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Vislumbro até um possível retorno teu ao estado trancafiado, pelas reincidências de prisões tão recorrentes também na época em que como marceneiro esquadrinhavas a cidade.

A repulsa pelo rio sujo se borda também por uma atração, mesmo que na convicção de recolhê-lo em cápsulas para expor como troféu a suposta vitória contra a nojeira. Para a noção de Mal pulular, a impureza precisa ser demonstrada como algo abundante. Uma nostalgia de água cristalina ou um projeto de assepsia direcionam o arremate da limpa e, mesmo que detectada apenas uma gota, é necessário que seu potencial infeccioso e contagiante seja destacado, afinal as águas do mal são polivalentes como embalagem, como receptáculo ou como a própria substância do pernicioso e da moléstia. Porém, quem se encouraça para que se evite o derrame e quem se aniquila para exterminar o contágio? De tanta perseguição proposta como filtragem, quem passa até a devanear consigo mesmo como doença para se incrustar no sistema e derrubá-lo por dentro? Quais águas saudáveis passam a nojentas após serem interrompidas e estagnadas? De tuas corredeiras, já submetidas às margens que o delineavam forçosas, quais passaram do estado de água turva à condição de fossa e daí ao estado de poça podre? Também por isso te escrevo, pois entendi em teus movimentos no cárcere um conflito visceral contra a devastação. Compreendi a luta pela saúde nos teus apelos às visitas dos pretos amigos que te auxiliassem e na persistência da peleja jurídica, área de tão recorrentes derrotas aos pretos nos tribunais, mas de vitórias sagazes conduzidas pelos advogados pactuados com a liberdade dos escravizados. Penso também na tua batalha mental sem testemunhas e na obstinação em não se deixar entorpecer pela detenção, mantendo-te em movimento e contrariando a estagnação, quando reflito sobre tua fuga e teu rumo tomado para o Vale do Ribeira. Como, preso,

destilar paciência, crer no gotejar da esperança, purificar a gangrena e condensar os sonhos?

Diante dos burburinhos e agitações de escravizados que viviam no ganho diário, naquele trabalho em que se coletava o que deveria ser entregue ao “dono” quando voltassem para “casa”, horas ou dias depois da saída dos cativos, a ordem dos cidadãos se atiçava e se precavia. Com gente negra na lida medicinal botânica, lavadeira, vendeira ou carregadora, com a pretada farejando serviços de reparos em casarões ou nos caldeirões das cozinhas, entre dezenas de outras lidas urbanas, o senhor decerto presenciou as desavenças entre proprietários de escravizados e polícias na capital, querelas pontudas entre a zanga do sinhô e o cassetete da guarda nacional, por causa dos castigos dos policiais na cangaia dos escravizados que bagunçavam as esquinas. O senhor testemunhou ou recebeu pancadas de soldados trincando dentes e braços, deitando porradas que danificavam os corpos que deveriam, aos olhos dos proprietários, servir apenas para a produção? Para vários destes, eram apenas estragos e avarias comparadas a defeitos de máquinas e quebra das peças. Sei que acompanhou na pele o direito à propriedade como tema espinhoso e rancoroso para o debate entre barões influentes, tenentes broncos e proprietários miúdos quase inexpressivos nas câmaras e altas cúpulas. Épocas de cobranças de indenizações por prejuízo versus o sadismo e o pretexto da ordem. Entranhados nas quedas de braço das elites e das castas dominantes em era de legalidade da violência desbragada, como gingavam nessa fresta os andantes pretos na cidade em desalinhos e algazarras? Como liam os conflitos do mundo senhorial aqueles relutantes que jogavam, musicavam, brigavam e subvertiam o mandonismo dos cartolas?

No mesmo tabuleiro político existiam a tapona dos proprietários de pequenos plantéis, a chibata dos senhores maiorais, os cassetetes das forças de repressão pública e os palanques graúdos bradando por disciplina e controle dos comportamentos. Então, como confiar no freio da paulada e escolher o que transgredir? Como se sentias e onde no cotidiano os pretos encontravam brechas na medida das suas ambições e nas frestas da trincada onipotência das autoridades, que exigia subordinação férrea mas reclamava cuidado com suas peças caras, seus equipamentos que suavam, lacrimejavam e sangravam? Assim, as águas que ameaçassem se remexer, ressoar e jorrar deviam ser contidas, mas sem propiciar o

que fossem considerados prejuízos indecentes, sim? Senhores e proprietários exigiam recursos jurídicos para desafogar peões que ansiavam pela redenção, pela emersão, no sufoco da cela onde experimentavam a pedagogia do terror. Tua prisão nesse contexto de pavor e de arranjos delicados e conflitantes entre os mais poderosos para conterem o fervo que borbulha era tão fogo quanto a brasa, e todos se mantinham mascarados para proteger ao máximo a própria pele do bafo das queimaduras. Porém, como prender o vapor? Como esfriar o ímpeto e estagnar até que se germinem apenas vermes e larvas na poça gélida?

Cadeia. Sua fragilidade e seu ecossistema. Sua pretensão de segurança e seu manto de desespero. Além dos ovos da nojeira, o que mais pode crescer e zunir entre os venenos e peçonhas da água estagnada? Há outro escritor que me seduz e arrebata, chamado James Baldwin. O senhor já trançou tuas letras com as dele em algum lugar? Magnetizado por sua inteligência e estilo, mais ainda em seus ensaios do que em sua ficção, aprendo sobre os tempos e desdobras de cada pessoa em seus textos pensados no miolo do Harlem paupérrimo, nos Alpes suíços ou nas bordas de Paris. Em seu livro “Se a rua Beale falasse” um jovem artista plástico é mandado para o presídio injustamente, enredado em um plano de vingança puxado pelo policial que ele desancou na rua, protegendo sua namorada do assédio do fardado que se assusta com a petulância do rapaz. A cadeia que desaba na vida das famílias negras, principalmente da jovem que grávida se empenha na luta pela soltura de seu companheiro, apresenta como se sustentam e se desenvolvem os tempos de cada pessoa do romance. Além das mães e irmãs que alternam vergonha e digno brio espetando-se em rancores do jogo de aparências, os homens das casas do jovem casal oscilam entre fortaleza e decepção. Há o protagonista olhando à frente do calendário, emaranhado entre a revolta, o pânico e a paz de quem sente que exerceu a justiça. Há os pais: um que oferece acalanto e aninha a filha machucada e o outro que, desiludido, desmancha como fruta escangalhada em fim de feira e se suicida. E há mais um jovem que sai da cadeia traumatizado e sequelado para sempre. Algumas dúvidas coçam e se adensam na atmosfera da obra: quem não desacredita do acusado e quem questiona a multidão? Quem ainda ama o que tende a estagnar e quem recorre a ele apenas na carência? Ao fim, emerge com clareza a notícia tão indesejada da permanência do rapaz nas celas por mais anos. Porém, ao se revelar a novidade tão malquista quanto previsível, surpreendentemente nele

aflora a resignação altiva. Ao limpar sua face das ilusões de vitória em um jogo emporcalhado e roubado desde o princípio, o rapaz abre a porteira do peito. Baldwin escreveu assim: “Aconteceu com ele uma coisa muito estranha e totalmente maravilhosa. Não é que tenha abandonado a esperança, mas deixou de se agarrar a ela”. Penso em ti, penso em meu pai, penso em camaradas entrelaçados à minha história e também em pessoas que nunca encontrei, mas que moram nos medos das minhas costelas, na raiva de minha garganta e ainda nos olhares que espicham a mim cismas e sentenças. Penso nos tantos pretos que sumiam de seus bairros por meses e anos e de quem nas malocas se ouvia que estavam “na Alemanha”, essa referência estranha que pairou por tempos e gerações como sinônimo de guerra e de campo de concentração.

A São Paulo que te envolvia já era uma estrutura hostil, remodelando suas gargantilhas espinhosas e seus pelourinhos para lidar com o que se anunciava como moderno, apesar de tão simplória com seus casarões incipientes que começavam a brotar em raros calçamentos e com uma rede banqueira insossa se comparada ao que viria em breve. Pondero então sobre a promulgação das leis que visavam assegurar a suga e a tutela exploratória dos pés-descalços em algumas décadas que combinavam lucros avantajados, novas tecnologias portentosas e também movimentos sociais que intimidavam. Leis florescendo no jardim das letras e colorindo no buquê dos porretes. Leis de sexagenários, de chamados ventres livres, leis de vadiagem e leis de terras impondo lógicas de propriedade individual nos campos e subúrbios, sedentas de destituir o que fosse regência comunitária, interditando oportunidades e chancelando a agonia, conjuminando filtros inacessíveis aos pretos. Leis frequentemente disfarçadas de generosidade ou anunciadas como dadivosas benesses, enviadas do Rio de Janeiro para a federação ou decretadas nos códigos municipais. Leis escritas, teses assinadas… mundo da letra arregaçando corpos ameaçadores e considerados ladinos demais para o medo e o desprezo fincados desde o talo no escravismo que fechava respiros e controlava canais. Mundo das letras formulando contratos e impondo pisadas, dívidas, horários, reclusões, calabouços e masmorras. Eis a batuta dos maestros das finanças orientando códigos penais mesclados a pretensas verdades científicas. E nos vãos entre uma página e outra de normas e prescrições, arriscando hortas e pescoços,

despontavam a malícia e a solidariedade ou o desespero e o escangalho de quem já considerava ter muito pouco a perder.

No reino das letras que conjumina cartórios, certificados, testamentos, vereditos carimbados e que ratifica “escrituras” comprovando posses de terrenos, o teu corpo tão tido como sujo e defeituoso para a Branquitude ainda pareceria pior se flagrado escrevendo, porque ameaçava adentrar em um domínio vedado e ali surgia ladino como um felino ou uma raposa que trama. Em uma inusitada equação, o senhor ainda somava ao temor da arruaça dos que intimidam com suas presenças a figura do engenhoso crânio que deve ser interditado, porque já sabedor dos venenos e atalhos das páginas. Relevante é que, muitas décadas depois, intelectuais herdeiros dos barões letrados ou até mesmo dos que vieram para São Paulo como migrantes despossuídos mas favorecidos pela ânsia dos mandantes locais em branquearem a população, ao analisarem os movimentos de pretos continuaram postulando que as dinâmicas de resistência e de anunciação de alforriados e escravizados estariam mais para faíscas rápidas do que para fogueiras de aninhar e iluminar.

Predominou por longo tempo uma linhagem escolar de sociologia que notava as garras e as sequelas da máquina que moeu relações humanas, adoentou e esfacelou tantos de tua turma. Mas ao analisar escapes e horizontes de cidadãos, de cativos e de libertos nessa engrenagem, essa linhagem ainda mantinha sob seus pretensos frescores teóricos a quentura das pinças antigas, as que retiravam dos pretos a virtude de compreensões profundas e de experiências férteis. Pareceriam assim pouco significativos politicamente os movimentos e tramas de quem, como o senhor e tantas parcerias de teus caminhos, buscava com todas as forças aprender e disseminar novas técnicas que empoderavam e organizavam rodas, famílias, congregações e patotas com fundamento de amparo, de liberdade e de transformação dos ambientes racistas. Movimentos que por vezes poderiam até ser compreendidos como prenúncio e como práticas de liberdade crescentes, abertas e ameaçadoras, ou que em noutros momentos poderiam desejar o oculto, o clandestino, além das várias giras que sequer eram entendidas como perspicácia diante do sistema graúdo pois já eram lidas de primeira como superstição, tolice ou mera confusão. Como se aí não houvessem sofisticadas e afiadas formas de se compreender o sistema a partir dos seus prismas e de conceber outros jeitos de

funcionamento para as engrenagens que diferiam dos esquemas que outros, tidos como libertários esclarecidos, portariam e distribuiriam heroicamente. Essa subestimação da potência e do entendimento amplo do funcionamento do sistema escravista e de suas miudezas pelos movimentos negros, tachou como anomia o que se alinhava e se montava pretamente, principalmente após o Treze de Maio, que foi mal compreendido e definido como frouxura de vínculos sociais.

Apesar de inúmeras formas de violência pesada e de imposição de secura, fascinado e apertando os dentes noto que vários olhos d'água conseguiram continuar brotando, minando e não estancaram de vez, como ocorreu com incomensuráveis fontes e rios que fomos e somos. Me surpreende e me encanta, me chacoalha e me comove, saber que diante de tamanha conspurcação não aceitaste a despersonalização, como tanto tentaram ensinar algumas lentes e cartilhas que afirmavam que a extrema repressão apenas secou, enlouqueceu ou lidou com espocos pretos que seriam meros rebuliços estéreis e incapazes de abalar alicerces, inábeis para criar alternativas de umidade e fertilidade. Percebo que, onde previam apenas vazio e postularam o vácuo estarrecido pelos desenraizamentos e arrancamentos, foram também coloridos e ocupados os sulcos e as hortas. Observo as invenções de veredas e as recomposições de elos fragilizados perseverando em se unir e manter laços comunitários e ações relutantes, até mesmo se imiscuindo no que parecia permitido apenas aos salões dos galardões, apesar das regras e punições do jogo deporem contra esse ímpeto. Essas invenções mostraram que, se na cumbuca tantas caldas azedaram ou derramaram, ainda houve imenso balanço e sereno, muito dengo hidratante e vasto nascedouro de fontes teimosas. Talvez o caldeirão da fervura seja sem fundo, como cantam os caxambus. E olhares pálidos esquematizados não alcançam seus cristais.

E quais as águas para esses que organizam bacias e mantêm antigas fossas que estagnam as caldas vivas? Quais as águas para quem há tempos, ao empinar seu queixo na andada, por arrogância tropeça e se chafurda no charco? Lhes oferecer as mãos ensinando a pular a poça ou contemplar o recorrente lambuzo desse pé que se empapa no lodo? E quem é que se traqueja evitando o vacilo de pisar o brejo urbano, o esverdeado-amarronzado de detritos que compõe o rastro de vexame e de pesar, além dos xingamentos e esperneios que marcam a caminhada? Te escrever e pensar teus itinerários, apertos e utopias não é apenas conhecer de

mim ao te conhecer, Seu Claro, como havia te dito. É mais, é saber da história grande de uma sociedade inteira, é conjeturar sobre suas cargas de revoltas e seus acúmulos de quietudes, seus jorros e a mansidão que ensina e que engana. Saber de sabores e azedumes ainda na colher que mexe redondo todo nosso tacho fumegante e peguento, para pensar até sobre seu cabo e sua alça. É saber das gaiolas pegajosas ao nosso voo e dos anzóis costumeiros à pesca na imundície. Estudos negros vêm para contemplar várias esquinas do labirinto e todas as casas do tabuleiro, não apenas as pretas. Podem revigorar toda a arquitetura e a mobília, o que areja e ilumina entre o empesteado, não apenas nossos quartinhos.

Do que fissura as panelas e derrama venenos na história; do que cavuca e alarga buracos no chão das teorias de formação nacional, inevitável não sentir em teu pulso toda a forca dos termômetros referentes ao patamar jurídico-econômico da diferença racial, sumariada como referencial político. Isso constato como um encharque que pesava na manta levada a cada instante pelo senhor na cacunda, mesmo enquanto roncasse e sonhasse. O empapado e o maciço dos padrões jurídicos-econômicos que definiam e orquestraram Raça como fundamento e que, por ela e seus avessos, produziriam um homem que fosse fruto da razão europeia mais desamarrada das igrejas, humana equivalência da grandeza divina, razão com suas febres, ácidos e delírios que sugava e revirava interesseira o que lhe coubesse no que chegou a se alastrar como princípio da seleção natural de Darwin. Imaginemos isso na sociedade escravista, os mecanismos e aparelhos dessa razão passando-se por água fresca, por água de fazer cimento e por água de fervura civilizatória, utilizando a ideia de Raça para naturalizar as relações entre si como brancos e enclausurar quem não fosse qualificado também como branco na chapa da batelada colonial. Penso o senhor se esgueirando e se afrontando nessa fieira, ofuscado pelos discursos e pelas pancadas dos jatos d’água institucionalizados do lado de cá do Atlântico, pelas Américas e Caribes. O senhor compreendendo bem que Raça para esses gabinetes, coretos e laboratórios (e principalmente para teu pescoço) poderia ser um parâmetro pontiagudo e ao mesmo tempo uma guia flutuante entre o sobrenatural, o destinado e mesmo o divino, posicionada para constar nas tabelas que combinassem o pensamento secular-produtivo e o religioso-punitivo.

Seu Claro, aqui as noções de civilização e de cidadania entrançadas às conjunturas econômicas e produtivas a gente já percebeu sem muitas cascas como se desenvolveram. Porém, alguns discursos que ainda controlam as cordas e que até chegam a admitir o grande equívoco da definição científica de Raça como coadora de oportunidades, algo vergonhoso no passado das ideias e coalhado de falsas concepções explicativas para os gestos humanos, ainda relutam em suas varandas para compreender como isso se encrava na matéria, na consciência e na própria libido, que é pilar e usina de fantasias. Assim, corrigindo um erro e cometendo outro, tais discursos chegam a afirmar que essa ideia de Raça e suas consequências na matéria da pele, na fome da barriga e na ordenação do espaço nas cidades já seria algo superado ou a se abandonar, como se as relações entalhadas no equívoco por séculos fossem agora apenas mais um emblema sem força ou um degrau passageiro que não se relaciona decisivamente com o oco dos bolsos, o rachado dos barracos, as oportunidades nas escolas, as lágrimas nos cemitérios e a lógica da composição dos territórios. Ou seja, algo apenas para descrever o mapa, mas não para entender como matéria que compôs e ainda compõe a formação dos espaços, das cartografias e dos ataques e anseios de ainda hoje, com suas securas e farturas.

Seu Claro, compreendo que essa regência racista dos instrumentos desafinou demais nossa orquestra e quebrou baquetas e bocais. Desmembrou pela cintura, embaraçou as pernas e zuniu enlouquecedora pelas cabeças do que fossem projetos de gentes pretas para si, suas comunidades e para o país. Sanatórios e sarrafos não foram simplória coincidência, favelas e inspetores-gerais também não. Sistematicamente, o país gorou o que poderia vir após um Treze de Maio azedando a gema no próprio ovo, rachado e pisado, apesar de tanta frutificação mas que não alcançou cernes dos eixos de poder para a refeitura da arquitetura e da mobília dessa casa municipal, estadual ou nacional, e ainda menos para reordenar o baú das patacas e a autorização para a circulação livre pelas dependências do recinto. Talvez isso ainda vogue por implantar uma ampla e profunda condição de morto social a cada negro por aqui desde antes de teus passos, Seu Claro. A mesma ordem que enfrentaste e que permanece à população ainda em minha época. Seja a pessoa negra rica ou pobre, engravatada ou mendiga, há um ponto comum que nos atravessa e fulmina, quando não simplesmente atordoa e anestesia. Isso se consolida numa gama que conjumina o econômico-jurídico, mas os ultrapassa,

aliando-se ao psicológico (ou psicótico) e ao erótico-sexual, garibando patamares de mofo para uns e de ânimo para outros, nesse jogo cintilante mas às vezes mórbido de se apresentar e se representar. Talvez o senhor e quem conseguisse se movimentar, juntar, planejar caminhos improváveis tão suspeitos e contrariar as estatísticas pudessem se tocar menos emporcalhados, mas não seguir exatamente limpos e sem crostas, já que esses poderes não estão apenas sobre nós e ao nosso redor, pois pipocam e se acomodam dentro de nós. Quando lemos o cabra chamado Fanon colhemos as muitas formas como esse feixe de poderes atua.

Há um prazer de meter o pânico, preservá-lo e de se sentir cuidado e guardado pela violência, mesmo que para conferir a ela um papel terapêutico e pedagógico; assim como há o gozo complementar, o prazer da tutela e o desfrute da pseudocompaixão. Dos prazeres específicos inclusive ligados à endorfina (a sanha que anestesia, momentânea) e à dopamina (que euforiza como uma dose, como um trago), isso atua sobremaneira na saúde mental porque cobre de tranquilidade, mesmo que essa calmaria venha vestida por uma indumentária puída ou larga demais, que aquece o arrepio do medo e adestra, que deforma e planta paranoias. Mesmo em suas oscilações históricas mantendo psicologicamente os ciclos do terror escancarado e seus escudos incrustados no peito. Se números e lamentos servirem para orientar, vão azedar qualquer manjar e nos fazem realçar o ainda maior grau contemporâneo de letalidade e cárcere aos alvos pretos, se comparado ao tempo do escravismo oficial.

**Água e óleo - relações insolúveis, mesclas tétricas?**

Há os envenenamentos esquivos, notórios nas fontes de comunidades quilombolas e indígenas para apropriação de território, prática que se alonga para outros movimentos peçonhentos nas mentes urbanas. E conto os afogamentos escancarados, parentes dos arremessos de gente nos sumidouros ou nas valas, demarcados por outros estrangulamentos e impedimentos da voz, além dos tradicionais tiros no pulmão. Há essa estagnação do encarceramento à espreita e que condiciona a vivência da soltura. Cismo que não estaríamos mais no estágio predominante do canavial, da garimpagem e do cafezal, substituídos pelas penitenciárias em alguns aspectos que transcendem ou reajustam seu viés

econômico, mas talvez estivéssemos algo mais próximos da impressão de relativa liberdade que a escravidão urbana já difundia e principalmente das técnicas de arrebento e controle que o Estado em tua época começava a reinventar, ainda mais elaborados e requintados nos últimos quase 150 anos, Seu Claro. A repressão não se afrouxou e suas babas se infiltram em nós, em toda gente da sociedade e nessas imagens, figuras e movimentos que acostumamos a chamar também de representações da realidade, que podem ser uma forma de vivermos essa tal realidade se não consideramos o imaginário como algo alheio à nossa respiração, pouso, alimentação e a tudo que é vivido no corpo.

Que intensa luta de ser gente em contexto e engenho escancaradamente desumanizador, Seu Claro. Que teimosia e necessidade de ser água em gamela de azeite e de ser óleo que se apresente como água cristalina de mina. Eis um antagonismo elementar que chega mesmo a nem mais instituir perdas, mas a apenas gerenciar a manutenção da morte em vida e a negação ao preto do estatuto de ser gente. Um antagonismo que supera a nossa noção de conflito, pois de princípio prega o que é rio e o que é óleo, soprando por séculos o que permanece dos suprassumos do escravismo, latejando em nossa sociedade civil ainda tão colada à época do teu cativeiro, tão contígua ao eito, mesmo que faísque neon e microtecnologias. Eis um país que parece se esforçar em manter um crivo racial que gera incapacidades e que busca engaiolar, esterilizar ou emudecer qualquer movimento palpitante que pretenda bordar o espaço negando esse mofo mortífero como centro. País que afia a sua habilidade estrutural em preservar a violência gratuita sobre a pele suspeita e o CEP carregado ainda como um boletim de ocorrência. A violência transborda em casos incontáveis e corriqueiros que nem sequer brotam como repressão a uma transgressão, mas que se engatilham gratuitos e são assunto básico da formação que damos à nossa filharada, cobrando precauções que amenizem o medo de uma ida sem volta para a rua. Importante reconhecermos que é mais do que brutalidade policial e precariedade financeira o que se abate e que a paúra preta que se mastiga pastosa fica sólida nas nossas gengivas não por “alienação”, como tanto se descreveu por décadas, e nem por inconsciência, mas justamente por uma hiperconsciência das atrocidades, o que nos abarrota mentalmente.

Que nó no pescoço, Seu Claro: saber-se pessoa cheia de veredas e notar-se como um potencial morto ou considerado como algo quase não-vivo que ocupa um

espaço lastimável entre os vivos e os mortos. Essa condição se monta sob as sistemáticas atitudes de demarcar pessoas como meros acessórios de fala ou de caridade. Trata-se de uma persistência histórica, ancestral, que angaria forças e imagens para que se modele ininterrupta no inconsciente coletivo da Branquitude a continuidade de nítidas distinções entre categorias de humanidade, cuja medida abarca pessoas brancas, e das outras estirpes que seriam suas próteses, as que até imitam e remanejam o que seja considerado padrão branco buscando amenizar sofrimentos. Quando poderia até pairar a ilusão ou o projeto de uma real relação equilibrada, sendo arquitetada e construída sobre os patamares da Branquitude e seus trampolins de impulso, que gera um encontro como o da água com o óleo, que se misturam mas não se dissolvem.

Cismo que a libido na instiga pelo prazer da violência empapa essa mentalidade que retocou coturnos, escrituras de terra, orçamentos nacionais e importações de populações em massa. Libido que também enrijece e umedece em seus impulsos a imagem do corpo negro como uma massa de carne, um lugar de ausência, um toque de tempo desentrosado à sincronia do mundo ou atrasado numa suposta linha evolutiva, um animal pronto ao bote, um robô ou algo a se dispor para a Branquitude concretizar seu recreio, contemplado também pela agressividade. Assim, a violência dos chicotes, atoleiros, obstruções e asfixias desse antagonismo se revela um método e uma concha muito grande de energia psíquica na caldeira desse enredo, um tacho da força erótica com sua economia própria nessa leva de táticas que assegurariam para si o estatuto cabal de Humanidade. Haveria aí espaço e fomento, estímulo nos nervos para a subjetividade dos “humanos” em seus trajetos por liberdade e fraternidade, enquanto aos pretos seria forçada uma repetitiva e objetiva corrida, sempre atrasada, na tentativa alpinista diante de um paredão que se escancara mas que por vezes é anunciado como ponte.

Esse contato, fundamentado desde o estabelecimento de uma razão colonial escravista que arranha e estoura fartamente os nossos dias, seria mais do que uma contenda pesada, mais do que um conflito comovente. Me pergunto se chegaria a poder ser definido como o antagonismo irreversível entre água e óleo. Se poderia ser ainda mais acachapante do que o conflito essencial de um rio com a urbanidade que o confundiu com lixeira e o carimbou como bueiro, ao mesmo tempo em que esse projeto urbano idealizava o desejo de águas frescas e cristalinas como eventual

respiro bucólico e inóspito, selvagem domado ou como natureza acariciante adequada a um bel-prazer turístico e consumidor. Caberia em nós, pensando nessas águas de córrego e no quadro de touceiras espinhosas em que a Branquitude nos enfiou, a pergunta fundamental de Frank Wilderson, filósofo da linhagem assumida como Afropessimista? Dele vem a questão: “Como as estacas políticas da análise e da estética são levantadas e alteradas se teorizamos a relação estrutural entre os negros e a humanidade como um antagonismo (um encontro irreconciliável) em oposição a um conflito (reconciliável)?” E eu te perguntaria, Seu Claro, se isso seria mesmo um maniqueísmo e se não devo me esquecer de tantas vertentes de pessoas pretas que fluíram dentro dessa draga, absolutamente humanas e ressoando suas lâminas, desastres e frutos para outras pessoas pretas, brancas, mestiças ou de qualquer outro naipe. Seria mesmo um impossível adentramento entre água e óleo o que prevalece neste tacho de 520 anos? E haveria mescla sem diluição ou sempre o esforço de um escoamento dirigido, aquele da retificação que estabelece diâmetro e curso ao corpo d’água, impõe sentidos e funções até que se lhe controle totalmente, como se mata um rio? Mesmo quando impera a capa de congelamento, sob suas camadas duras haveria movimento e dissolução? Pois esse antagonismo entre os estatutos de humanidade e de pretitude, essa oposição instituída na experiência entre água e óleo, permitiram até mesmo a hábil sanção para discursos de harmoniosa integração e de mistura pacífica, ainda que persistissem em manter os arames farpados dentro dos calçados quando enfim passaram a anunciar a permissão dos abrigos para os pés. Penso como consta nesse redemoinho o espaço para demandas de gentes pretas não domadas nem conduzidas pelas neuroses dos discursos oficiais ou controladas por quem nos configura como água a estagnar ou como óleo na cachoeira.

Essas demandas precisam de uma linguagem à altura do problema vivido para que seja compreendido e se estabeleçam pontes entre ideias e sentidos de humanidades, questionando mesmo o que conforma e caracteriza *A* humanidade tida como irrefutável pelas épocas modernas, sinônima de Branquitude. Caso contrário, o preto pode passar a ser apenas um objeto de fobia que suscita um problema, sequer traduzido plenamente em alguma linguagem de contestação à altura de sua história e daí perdermos o lápis e a borracha sobre o que somos, o que podemos ser e como somos tratados. Qual linguagem seria adequada para apresentar essas

demandas em uma escavação tão pedregosa e delicada que realmente adentre na aberração costumeira do racismo em que existimos? Qual linguagem entraria na rinha para ser atendida por uma psicologia que se fortaleceu e se deliciou alvamente com as auditorias constantes no que chamou de mente? Seu Claro, imagine a extensão e a espessura do tapete de uma psicologia tão amealhada em uma estrutura de desejo concebida, desenvolvida e apreciada de acordo com uma noção de comunidade humana que é oposta ao ser negro. Nesse caldeirão, a sopa daquela hiperconsciência que citei e seus ingredientes de extrema violência e dor, de raiva e de muitos transparentes motivos para o desespero e para a descrença nas regras dessa cozinha, fornece a nutrição para o auto-ódio entre pretos.

Do racismo na base das psicoses, já muito bem nos demonstraram os pontos e as terapêuticas do psiquiatra Fanon. Com ele aprendemos o quanto o trauma inicial de muitas pessoas negras não é o Complexo de Édipo e sim a teia da exclusão racista desde a infância, com o fomentado desprezo e vergonha de si instaurando boicotes ao próprio passo, desejo e espelho, com bloqueios abrangendo a própria linguagem e firmando o afã de mascarar tudo o que pareça deturpado, ridículo, ameaçador e sub-humano à sociedade e a noção de humanidade ditada pelas regras da Branquitude.

Diante e adentro dessa morte social que agarra os calcanhares e o queixo preto, lidando com cadáveres de todo tipo encavalados no caminho ou dentro das costelas debatendo-se, gemendo e inchando; lidando com o abate constante e a desqualificação como pessoa vivente, podemos conferir muitas estratégias. Uma delas, recorrente, chega a ser a dessensibilização, negação a se deslindar as motivações de tantas perdas e a se entregar a um luto, já que a rapidez e a pilha de mortes que acometem famílias e comunidades são imensas, mostradas na esquina, no álbum de família ou por onde pipoquem notícias defuntas e ausências súbitas. Dessensibilizar seria uma tentativa de não se ferir justamente pela necessidade de se aprumar, esquivar e firmar escudos quando se percebe que há alta probabilidade de enlouquecimento na angústia cavalar e contínua vinda de uma reflexão contida sobre a morte e o escalpo mental ditados pelo racismo cotidiano.

Cismo com o que se amassa entre a hiperconsciência da voracidade racista e essa tentativa de se impermeabilizar, gradualmente se dessensibilizando com a tempestade. Penso como essa busca balizou teus movimentos e ainda voga na

insistência de cada ritual de luto e de despacho, de cada autoria de história, de cada corrente que alfabetiza e letra, afins de encontrar uma forma que dê conta de resistir e principalmente de anunciar. Por isso, diante das extremas condições psíquicas que o escravismo instaura, é vero, pesado e delicado o dilema sobre qual linguagem alcança seus limites e se ela atravessa, enviesa ou contempla realmente esta era da catástrofe ao soar e ressoar. Assim, como banhos de esperança, ancestrais palavras pretas tentaram contemplar a perplexidade de nossas dúvidas, sutis ou arregaçadoras. Mas também me pergunto se, pelos horizontes que tocaste e desenhaste com tua letra e teus passos, puderam mesmo ser traduzidos e convertidos na palavra o terror, o banzo maior e a intensidade das perdas vitais. Conseguimos dar conta do abismo? A pergunta não se baseia naquela petulância que dizia haver anomia nos movimentos pretos pois estes não compreenderiam o funcionamento do sistema complexo da escravidão em suas organizações políticas e mentais. É mais também do que formular linhas sobre a possível redenção do lodaçal e refere-se à própria percepção de si que o óleo tem perante a água e essa panela, talvez sem fundo como a cantada no caxambu. A questão já é se o terror da desumanização nos mais abrangentes aspectos do viver pode ser contemplado por alguma linguagem ou, especificamente, por alguma arte da palavra que em seu balaio trouxesse a força de uma estrutura política condizente à nossa história e todo seu contexto de cataclismos e gêneses, mesmo os mais corriqueiros. Uma linguagem que conjuminasse os legados, tanto o ainda não pensado mas sondável, quanto aquele que pareça mesmo impensável diante do fim de um mundo estruturado sobre nossa morte social. Uma linguagem guiada pelas questões do que firma e atravessa realmente um mundo tecido e desfiado pela escravidão, do que seja habitar em tal mundo e do que seja esfacelá-lo pelo que emerge e pelo que ele crê paralisar, sem que dele sobrasse nenhum fiapo, nem mesmo o angariado nas lutas pretas frutificadas historicamente e que trouxesse ainda algum resquício de suas motivações e pragas. É do fim do mundo que se trata, Seu Claro? Teríamos sensibilidade, discernimento e aprumo para suportarmos tal forma e imaginação? Penso nas caldas daquilo que a linguagem ancestral já alcançou e deslindou, como também no que permanece abafado, nem mesmo por negação às nojeiras, mas pelo nosso entranhamento confuso nos bueiros desse mundo, o que tanto dificultaria a nitidez da nossa leitura e de nossa pronúncia.

Desta luta com a linguagem e suas insuficiências e devaneios, deste namoro entre precipícios e deste inventário palavreado em tantas paragens por onde retine o escravismo e o seu banzo, mais a resistência e a anunciação que te afrontaram, penso em várias tecelagens do corpo, da voz e da caneta do corpo preto. Como poderia surgir em cartas escritas e ditadas por outras pessoas para ti uma linguagem que se equiparasse à tradução do terror ou à organização das projeções dos tempos, despetalando o caos? Seria de teu querer representar a escravidão não como anomalia, já que dos labirintos e esgotos do ser humano a total indignidade e a própria desqualificação do próprio estatuto de ser pessoa enfim não pareceriam assim serem elementos tão estranhos? De tantas ancestrais cartas, ficções, verbos em melodias e abecês em couros de tambor ou mesmo com a imaginação e a expressão que prescinde dos verbos, diante da morte social impetrada e que foi confrontada por fugas, revides e espasmos, cismo como teríamos ido além da anunciação imprescindível da nossa própria boniteza e do sublime, que são emplastros de bálsamo, mas também como foram anunciados os decifres da vala e da nervura de nossas estratégias para que assim compreendêssemos até as texturas mínimas do nosso desentendimento. Se concebemos como das nossas maiores realizações os frutos de nossa cultura estética, talvez doesse muito meramente uma pergunta que soaria herege, como por exemplo a lançada pela filosofia afropessimista: com nossas linguagens fomos mesmo capazes de traduzir o bestial, quase tornado trivial, e a história costurada na cheiura de sustos?

Há o terror como redemoinho ou estagnação, como pancada de vagalhão em tonelada e como afogamento, como secura absoluta, como consciência exausta de perceber nitidamente a moenda cotidiana ou como corpo que já evita se sensibilizar com a draga, buscando se encrostar também por sobrevivência e por saúde mental. E há as águas da nossa tinta e da nossa saliva com as qualidades de orientar, de umedecer, de lavar, de nutrir, de ferver. Orientação na roleta de perdições, umidade no que tanto se ressecou e regenerou ou drenagem do que se empapou saturado, lavagem do que na obsessão de limpar arregaçou feito bucha de pedra. Pois que desafio imenso, Seu Claro, compenetrar e distinguir, criar espaços de análise sensível e organizar horizontes à altura (ou à fundura) das vivências encharcadas no pântano colonizador. Desafio ainda mais agudo quando as correias disciplinadoras firmam a condição de pessoas negras como algo ainda mais aterrador do que o

medíocre e o atordoado: o plano da própria não-humanidade, arquitetada por legados que têm como objetivo impedir a audição mais fina de um horizonte maior e mais sonoro afora e adentro da gente. Pois essas correias afirmam seus vergões também enquanto planejam saídas e escalas supostamente universais e estralam na mesa, decretando que aos excessos cabem controles, legando a normalidade que permite inclusive acionar um policial negro, esse símbolo pitoresco da cefaleia histórica, para rugir e espancar demonstrando força e poder pontual, figura cambaia de uma paródia sarcástica do que seja autonomia.

Represar e estagnar seria uma maneira de controle da água a apodrecer, mas também uma forma de os donos das bacias e das chaves conceberem a si mesmos como naturais dominadores, costumeiros higienizadores, água corrente da história, e gozarem a percepção da própria soltura do lado de fora da cocheira fechada. Um estofo fundamental material, psicológico e discursivo para a situação de “hibridez de regime de casta e de classe” que marcaria as relações sociais e raciais paulistanas, como bem conceituou Florestan Fernandes (um dos que se equivocavam ao carimbar nos movimentos negros a tal anomia). Estagnar as águas de ser gente, além de embarreirar até a deterioração completa ou eliminar o viço das águas que se esboçassem ou se encorpassem como uma estrutura política antagônica à Branquitude, seria um outro modo de exercer domínio. Daí, possíveis respostas seriam infectar e feder nas brechas e cantinhos evitados do casarão, segregados, já considerados tumores. Ou seja, ali aceitar ser a doença e banzar. Como ainda seria uma outra resposta arrefecer as muralhas ou minar por dentro, além de desmoronar pilastras e infiltrar-se no sistema como por vezes se mostrou possível, porém roçando na recorrente subestimação de a capacidade do paredão se recompor e seus esquemas se regenerarem, madeira engolindo o cupim. Ou então, ainda, a resposta de transbordar para arrastar como enchente e extravasar no enfrentamento, o que por sua vez também é previsto pelos projetos de aniquilamento que encontrariam ainda mais uma justificativa para a higienização que elimina o que chama de vírus e de verminoses ou para a canalização que pavimenta, entuba e controla a fluência dessa água corrente, até que exploda em temporais, mesmo os debaixo para cima, senão se empoçar estagnada. Essa vertente de revide pode apresentar e pleitear um fim do mundo, um jorro descomunal que reinicie o mapa, talvez equivalente em força

à catástrofe escravista que podemos cismar se realmente já teria sido traduzida em alguma linguagem.

Seu Claro, deveríamos então celebrar certeiros a negritude como uma grandiosa identidade cultural de resistência sublime, cortante e fértil? Quiçá de potência avassaladora e infalível? É para isso enfim que te escrevo? Deveria eu te amaciar em elogios para enfim apresentar um plano empresarial de negócios para tua imagem ou ainda uma cartilha de procedimentos psiquiátricos com teu nome? Sei que isso até viria em harmonia com a história do país, ao fundir à tua pessoa uma arraigada percepção que define gentes pretas por uma suposta condição de serem peças a se acumular feito chuteiras, gravatas, vinhos ou como qualquer algo a mais que se coleciona e se gasta até que se substitua e se renove. Há um nome bem pomposo para tal condição: *fungibilidade*. Atento que isso iria ainda além do que se define para a chamada classe trabalhadora de quem se explora a força de trabalho, já que ainda beiram na boca dos canos de revólver, nas vitrines e nas sequelas cotidianas do inconsciente nacional os termos que entre os séculos 16 e 19 qualificavam pretos nas constituições escravistas: *bens semoventes*. Algo entre imóveis e móveis, entre edifícios e automóveis, similar às reses caprinas e bovinas.

A pancada e a vala, a opressão a se controlar hoje aqui, talvez não viessem motivadas por uma luta de classes contra a mais-valia, o lucro de quem domina os meios de produção de qualquer mercadoria sanguessugando proletários e agudos precariados pelo menos considerados humanos. Talvez nem mesmo viessem necessariamente para se garantir tomada de terras. A violência usual anti-preta seria assim um procedimento tanto para adestrar e controlar brutalmente os que podem conspurcar uma ideia de humanidade que não os contempla quanto para servir à energia psíquica de quem se formou como pessoa a partir dessa negação.

A habilidade ancestral encruzilheira de considerar as contradições das histórias é nossa herança e território. Como ela baila, estropiada pelo escabroso arranjo/desarranjo escravista e impregnada pelos mucos históricos em nossas orelhas, trazendo frescor e veneno para que nossas noções de cultura talvez possam assim ser renovadas com fundamento? Como não cairmos nas tocaias da mesmice que se afirma como novidade mas que preserva a sangria com seus gastos carimbos, apenas remodelados? E o que modelar do antagonismo que transpassa cada

movimento de linguagem negra, seja explícito ou obscuro, solene ou sarcástico? Como ir além com este movimento que lateja e demonstra que a narrativa que impõe tal antagonismo entre humanidade e negritude é tão frágil quanto parece ser inquebrantável? Sabemos que essa base dotou de energia e de rumo inúmeras questões e instituições do mundo, como as pertinentes à educação e ao direito, entre tantas outras balizadas na dita modernidade que se organizou também por tua presença preta entendida como um degrau a se superar ou a se limpar, Seu Claro. E que decretava como espelho primordial maldito e vergonhoso cada jeito da negrada, marcada como avesso do humano ou como defeito perpétuo a se mal consertar, referência maior do ruim que o progresso a se preservar deveria dar cabo ou segregar. Dita modernidade que, como pretexto para suas foices ou para um travesseiro mais fofo que garantisse um sono tranquilo, orquestrou muita enxada para o comércio transatlântico no jardim dos pretos velhos e ali encontrou esconderijos entre daninhas e colheu muitos chás para sua cura e desfrute.

Ainda continuando com a valorosa blasfêmia de perguntar se já chegamos a tratar a chamada cultura negra como um objeto e não como uma encruzilhada de relações pessoais e ambientais, a gama da filosofia afropessimista questiona se precisaríamos de um colapso ou de uma atenta desguiada em nossas linguagens para podermos conceber alicerces políticos e mentais que resolvessem esse antagonismo água/óleo. Não aceitando a morte social, mesmo que enredados nela, caberia questionar se haveria uma carga excessiva de expectativa ou de júbilo que se deposita em nossa Cultura e Arte? Em tempos de guilhotinas, seria melhor para seus pescoços ficarem na quietude e calarem perguntas desconfortáveis, mas sinto que é uma indagação válida, ainda que incômoda para nós que temos a ancestralidade como eixo fundamental.

Após tua passagem por São Paulo, ali pela virada do século 19 para o 20, vogou muto forte a tese que a música, por exemplo, seria o maior índice e tradução da experiência negra nas Américas, o que meu histórico pessoal lacrimejado e bem nutrido pelas filosofias cantadas não contestaria facilmente. Pois conjeturando, afropessimistas cismaram se daí de tão estimadas representações, sensibilidades e convívios ou mesmo do conforto e da ponta de lança que versos e estados humanos musicados ofereceram para reivindicações políticas prenhes de sustança advinda dos poderes da arte, corresponderiam também limites para as noções fortes do que

qualificamos como Cultura Negra, tida como reflexo e como campo maior de resistência e de anunciação de um povo. Continuando com o questionamento que já parece um sacrilégio, perguntaram também se isso incluiria a possibilidade de traduzir esteticamente o holocausto em seu conjunto e em seus detalhes. E também trouxeram à voga os limites sobre traduzir e anunciar os modos como tecermos os horizontes de renovação ou mesmo de destruição desse mesmo holocausto. Focaram no que parece já ter se delineado e assimilado socialmente nas instâncias de alto poder, incluindo a da educação, em relação ao que chamamos de nossa cultura.

Esse pessoal afropessimista é chato mesmo… vem pinicar até pedaços da manta tão fofa, demorada de tecer, onde garantimos um pouco de conforto. Porém é assumida ali a proposta de estender a negatividade até o talo e nessa tensão (palavra que vem de *tendere*, a mesma fonte da palavra *ternura*) encontrar o raro ou o que está por vir, o que seria o fim do mundo como o conhecemos, fincado no escravismo e na colonização. Anunciam a intenção de reinventar a existência, questionar o que seja referencial de humanidade antinegritude, desvencilhar-se das pestilentas hierarquias raciais, compreender as alucinações do véu de brancura e oferecer vitaminas que desafiem a complexidade opressora desse sistema derrubando-o, mesmo que não sobrem nem pequenas porções que domesticamos e usufruímos. Eis as suas setas. Questionam o quanto de fato se poderia crer em um papel restaurador e recriador de nossa arte e de nossa cultura para que, minimamente, encarássemos as condições que nos apontam como “mortos sociais” ambulantes. Seu Claro, será que essa definição seria exagerada, em especial diante de inúmeras notórias formas políticas desenvolvidas como ninhos e revides frutíferos por pessoas e comunidades negras mesmo no seio do terror racial? O jamaicano Orlando Patterson apresentou esse termo, o “morto social”, e após quatro décadas dos tremores que abriu, já não o abraça com o mesmo fervor. Ele diz que nos países de formação escravista das Américas já haveria uma considerável presença negra reconhecida como membros integrais na comunidade cívica, na esfera pública, em instituições como as forças armadas e em várias camadas sociais que a democracia utiliza para se tornar a língua franca global de uma política que possa ser aceita como legítima, e que isso já não permitiria cravar a condição de “morto social” como algo real e geral ao preto além da esfera privada. Assim, uma pergunta é se essas

presenças imiscuídas já não se manteriam isoladas como água e óleo, mesmo que agregadas ou misturadas, e, pela forma como elas acontecem no espaço, o quanto diluiriam, escudariam, remodelariam ou escanteariam esta condição. Patterson também continua frisando que essa vitória da democracia é ambígua porque onde foi institucionalizada nas Américas continua havendo crateras gigantes entre as experiências de pretos e o ideal que se apresenta como democrático. Seria nessas valas que permaneceriam as relações parasitárias que basearam sua ideia de “morte social”?

Na turma dessa filosofia afropessimista, renomeada assim por negarem qualquer pingo de esperança ou positividade ao que chamam de mundo estrutural e visceralmente antinegro, Jared Sexton ressalta o exagero, a hipérbole, como tática para romper com o esperado e confundir o que nos confunde. Refletindo sobre formas de vencer a diferença de densidade que tornam água e óleo imiscíveis, ele questionou o que passou a ser solicitado como cultura negra mesmo por quem segue a extrair a força vital de pessoas negras e passa a requisitar imagens do que antes era combatido. Compreendeu que uma forma negra de revide e de desmascaramento dentro dos próprios pontilhados dessa teia da linguagem e das imagens, já em uma época que visa assimilar, congelar e tutelar o que antes surgia como afrontoso e constrangedor, é a que acentua e distorce sem comedimento e pudor as figuras solicitadas pelas vitrines do supermercado político das ideias, que não mais apenas absorvem o que se propõe como resistência, mas que já convidam para o chá lucrativo ou encaixam no seu bem-estar psicológico o que teriam sido incômodas sementes de transformação e dissolução dos rochedos. Sexton mostrou como várias personagens já do século 21 borraram e satirizaram vingativamente o que passou a ser atribuído como representações clássicas de negritude, Seu Claro. Apresentou personagens que, distorcendo ou desfigurando expectativas e demandas, extrapolaram estereótipos e símbolos de resistência carimbados como comportamentos tradicionais de preto, apresentados agora no seu cúmulo como máquinas incansáveis de relações sexuais ainda mais espantosas do que as que marcaram coadjuvantes de romances e filmes, protagonistas de pesadelos e fetiches. Esse exagero se fez presente também em personagens aninhados com estarrecedoras posturas de auto-ódio e de desejo insaciável de serem brancos, em caricaturas de ultra-militantes políticos e em mães negras que engordam poupanças

orquestrando acidentes graves e relações sexuais de suas filhas adolescentes nos supermercados e escritórios de advocacia onde concretizam planos de extorsão, como nas ficções escritas por Dany Leferriére, Lesley Nneka Arimah e Paul Beaty. A retribuição à demanda por representatividade aí pinta caras pretas com tinta alva, pede socorro a supremacistas brancos para que se aniquilem negros infames ou enclausura seus filhos em casa como cobaias de choques elétricos e humilhações fecais para que se possa concluir empiricamente qual o limite de sofrimento psíquico e físico de um guri preto, preparando-o para a guerra urbana. Eis algumas respostas dadas à solicitação pseudopolitizada e antirracista por uma “autenticidade negra” combativa, penetrando ácida e questionando até ideias tidas como totens nas nossas histórias de lutas e cultivos e que em alguns momentos já boiaram como certezas inabaláveis no mar do aquilombamento.

Sim, te imagino perguntando o que há de girar se e quando essas estratégias também passarem a ser solicitadas em vez de incômodas. E quais porteiras elas abrem, quais frestas laceiam ou entopem e quais os alcances dessas gingas e soladas.

Parece navalhante cada pergunta sobre nossas artes e culturas que arranha ou tira do pedestal o que diga respeito à nossa ancestralidade, Seu Claro. Porém, é o que combina com o que se cultiva há muitas luas, bem antes de tabus ou certezas intocáveis que também foram consolidadas quando a cultura de massas preparou roupas e carapuças pertinentes e sedutoras aos nossos quereres de transgressão ou de conforto. E é necessário repetir que, enquanto abrimos essas questões honestamente para nos nutrirmos e por necessidade, e não pelo gosto abestado de azedar o salgado da janta ou o doce da sobremesa, precisamos tomar muito cuidado e discernir sobre o quanto poderíamos estar nos assemelhando com aquelas outras análises que te citei, feitas aqui no Brasil por quem desconsiderava a profundidade da compreensão dos pretos sobre o sistema escravista e sobre os jeitos e horizontes de suas próprias lutas, coletivas ou solitárias, principalmente em tempo de escravidão urbana. Digo daquelas análises que estampavam como anomia os movimentos que não miravam derrubar de vez os castelos ou que não seguiram a gramática considerada correta pela parcela da Branquitude que se afirmava socialista e que se indispôs com barões, clérigos e magnatas que davam as cartas na mesa. Portanto,

uma questão é como apresentarmos as questões sobre nossos passos e tropeços sem pisar em alçapão desgastado, feito aquele que propôs que os escravizados estariam imersos em uma fragmentação desorientada e teriam organizado apenas movimentos superficiais e sem compreensão profunda e perspicaz do sistema econômico e psicológico que os espremia.

Penso em ti com Theodora, cismo com teu caminho pelo Vale do Ribeira, imagino tua presença em confrarias, tuas emoções e tramas. Muitos elos sociais entre pessoas pretas foram tão improváveis quanto vigorosos, construídos com gana e graça, sapientes das estruturas sociais do lugar, dos seus limites de raio de ação e de suas possibilidades de estrada aberta. Não cabe aí a premissa de uma incapacidade em traduzirem o seu espaço para o ninho e para a luta, formando lugares, construindo territórios, congregando forças e desenhando constelações. O senhor bem conheceu e se integrou à potência de frutificar acontecimentos duradouros plantados no seio mais podre da história, forjando mesmo nas terras escravistas parentescos que rejeitaram o que deveria ser um alheamento total. A atinada reflexão dos afropessimistas sobre as bases do racismo no que se anuncia como a própria integração multirracial ou multicultural aos tabuleiros econômicos, jurídicos e psicológicos me parece supimpa, excelente e atenta. Mesmo que nos pinique a gola da camisa, ela mantém a atenção ao esgarçamento entre o entusiasmo e confortáveis idealismos, otimismos deslumbrados e também compensações psicológicas escoradas em uma autoexaltação da própria resistência, menos interessadas em pensar a complexidade dos rios da história e de seus meandros cheinhos de reentrâncias e de beiradas lameiras. Em um diálogo traçado com as clínicas e terapêuticas que atuam visando a cura de pesares psicológicos, isso se relaciona com o que vá mesmo além da imprescindível compreensão das dragas racistas e suas tantas teias, porque a meta seria contemplar as dimensões da vida que exigem autonomia e responsabilização das próprias escolhas na jangada de si. Como dizíamos, há tantas frustrações, alegrias e desafios para se cuidar na nossa caminhada e essas cortinas e carapaças racistas, gulosas, parecem querer tomar todo o espaço. O que me atiça pela incompletude e pela dimensão do problema é o cuidado e o ânimo em não reabrir vários leques que não dão mais vento. Assim posso com minha gente de cá balancear a apreciação de argumentos de sustança,

cuidadosamente tocados com os legados políticos e linguageiros que inclusive me apresentaram a tua pessoa.

Vou terminar esta prosa, por enquanto, Seu Claro. Cismo qual seria daqui a falta que me faz te buscar. Ou seria justamente algum excesso que se abriu das portas do sonho e pôs a vazar minha letra para ti, pois a calda já não cabe mais no tacho? Talvez minha época precise que te busque para refletirmos sobre tuas condições e relações com Theodora, sobre irmandades, letramento, detenção, fuga e mistérios de futuros. Então, que esta carta seja como um chafariz, daqueles que eram lugares de encontro entre pretos paulistanos. Ponto de jogo, de abastecimento, de amizade e do prazer de mostrar íntima sensibilidade. Quem será que estaria para chegar aqui na fonte e formar trio conosco trazendo o balde de seus amores, sonhos e defeitos? Quem viria com o pano encharcado de suas brincanças e cuspindo as lágrimas de seus monstros? Quem vem partilhar a taça, mesmo que seja para o começo de uma briga, daquelas que muitas vezes iniciam uma camaradagem que se derrama pelos anos sem fim…

Uma vez ouvi que um bom bocado de pessoal africano, gente antepassada no contato com os portugueses, notando as drásticas mudanças que os escritos no papel ativaram em sua cidade, desatou a cultuar mais uma ancestral. E, especial entre as regências do fogo e da terra, da justiça e das aves, a Escrita tornou-se *bisimbi.* Será verdade? Então te vai a água de minha letra, meio reza e meio caça. Um louvor de sabor, como cafezinho oferecido na janela. Um salve dengoso. Em teu rastro farejei o passo e confiante te escrevi. Intrometido com perguntas, confessor com meus vislumbres, pequeno com teorias talvez insossas diante de tantas faíscas que tua garganta carrega. E se destinatário és tu e quem te invoca sou eu, quem será que habilita e determina o caminho para a entrega que te envio? Talvez esta carta chegue e ocupe o cantinho de alguma outra mensagem para ti, antiga que se escoou em alguma bica d’água onde o senhor se deitou livre. Ou se entoque junto a outra palavra que te endereçaram e que se desmanchou de luz molhada em tua travessia. Porém, ainda que essa carta que te sopro possa nunca aí chegar, se apenas imaginada já é uma gravura em tua pedra. Talvez também o senhor me escreva e guarde teu texto junto com outros que não remeteu, para gozar lamber sempre os motivos e datas da origem da palavra. Saberei ler nos sinais da chuva se o senhor recebeu, leu e me retornou? Será que virão enigmas que minha mente conseguirá

compreender nessa comunicação entre mundos? A poesia ensina que milagres acontecem a cada instante, nós aqui é que estamos desatentos e não percebemos... Enfim, talvez minha letra venha a ser apenas mais uma entre as tantas que te falaram, mas especial por ser exclusivamente destinada para ti.

Um toque te deixo, Seu Claro. De lábios nas costas da mão. De nota ressoada em teclado de mbira.

Obrigado por teu caminho, tua atenção e tua presença.

Allan da Rosa

Sobre referências fundamentais na carta para Claro:

Dos encantados e *bisimbi* do Vale do Ribeira, a belíssima pesquisa *"Ventura e desventura no Rio Ribeira de Iguape"*, de Gabriela Segarra Martins Paes, sobre sensibilidade e pensamento africano no Brasil. Apresentada a mim e conversada, entre outras grandezas, pelo pesquisador Rafael Galante.

Da gênese e desenvolvimento das noções de humanidade e seu antagonismo diante das pessoas negras, o leque da linhagem filosófica dos afropessimistas é uma base rasgante, incômoda e fecunda, principalmente as obras de Frank Wilderson e Jared Sexton. Juntas nesse cacho estão ainda as cestas de Silvia Winter, Denise Ferreira da Silva e Orlando Patterson. Das obras contemporâneas em que Sexton capta o exagero como estratégia expressiva, eu ressalto as ficções dos contos da anglo-nigeriana Lesley Nneka Arimah e os romances do Dany Leferrierè e do estadunidense Paul Beaty. Desse manancial vêm questões sobre forças e limites da linguagem e sobre o que seria um desejável fim do mundo (racista).

Dos lugares e das formações de letramento no século 19 foram fundamentais as pesquisas atinadas de Wissembach, que trouxe a história de Claro à tona, detalhada. E também os escritos de Bergamini e Marialva Barbosa.

Do encarceramento que estagna e suas lógicas raciais e globais continuadas desde a era da catástrofe escravista, a base é a tríade dos livros de Juliana Borges, Rafael Godoi e Michelle Alexander.

Do que foi qualificado como anomia e sobre o modo híbrido sobre as relações de casta e de classe, tais debates nas obras de Petrônio Domingues, Virginia Bicudo e Florestan Fernandes são referências para se atentar.

Já sobre formas de desobediência, resistência e anunciação política negra, as obras de Célia Azevedo e Wilson Mattos alumiaram e afiaram.

Da tradição dos s*ona* do nordeste de Angola, as obras de Gerdes e de Fontinha são manancial valoroso à altura do encanto dessa arte.

## 3 - CARTA PARA MARIANO GAMA

*Letra ao sagaz deslibertado.*

publica.

S. Paulo, 16 de Outubro de 1872.

MAXIMIANO NESTOR DA SILVA ABREU.

### Uma festa de liberdade em S. José dos Campos

Deu-se no dia 9 do corrente nesta cidade uma daquellas festas que por si mesmo se torna memoravel, e que pelo seu nome se torna sublime—uma festa de liberdade.

Sim, este dia será sempre lembrado por todos que sabem dar o apreço devido ao acto praticado por um coração generoso, por uma alma grandiosa á bem do infeliz escravo, que outra culpa não tem—de ser captivo senão o seu nascimento.

Neste dia foi arrancado dos ferros da escravidão o restituido a sociedade livre—dous entes, que hontem eram—cousas—e hoje são pessoas.

—

Temos a felicidade de existir residindo nesta cidade o habil medico dr. John Neave. Este medico tinha á seu serviço um escravo creoulo, de 20 annos de edade, pertencente ao rvd. padre José de Godoy Moreira e Costa. De commum accordo entre estes dous srs. passou o rvd. padre carta de liberdade á seu escravo, recebendo do dr. Neave a quantia de 1.600$ rs.

A' primeira vista parecerá que nenhum beneficio fez o rvd. padre Godoy á seu escravo; porém nós que sabemos—ter elle recusado vender o escravo por 2.000$, e preferir libertar por 1.600$, reconhecemos que elle fez presente ao escravo, da quantia de 400$, para sua liberdade. E o que diremos da generosidade do dr. Neave?

Só pela amisade que tem a esse escravo que o servia á poucos mezes—deu 1.600$, para dar-lhe a liberdade.

—

Na noute deste feliz dia, reuniam-se em casa do dr. Neave e a convite deste, varias pessoas desta cidade e ahi expontaneamente se apresentou a banda de musica para festejar ao libertado.

O illm. sr. dr. J. Manoel Freire Junior, muito digno promotor publico desta comarca foi o encarregado da entrega da carta de liberdade á Mariano, e em um brilhante discurso, com o enthusiasmo que inspira tal motivo, patenteou as excellentes qualidades que adornam a pessoa do dr. Neave e sua generosa acção, finalisando seu discurso dando vivas ao dr. Neave e fazendo entrega da carta ao liberto Mariano, de hoje em deante conhecido por Mariano Gama, nome que adoptou em memoria do protector dos captivos, o benemerito cidadão Luiz Gama.

Em seguida, a pessoa que escreve estas linhas, pedindo a attenção do enthusiasmado auditorio, manifestou o que sentia á respeito do rvd. padre Godoy (que tambem se achava presente), que creando á Mariano mais como filho do que escravo, não haveria dinheiro algum capaz de compral-o, só para sua liberdade cederia, como com o maior praser cedeu apartar-se desse amigo.

Commemorando as differentes épochas da historia do Brazil, concluiu dizendo—que a Cruz de Jesus Christo plantada em 1500 na terra virgem da America, esse symbolo da liberdade—trazia de dia em dia os seus sasonados fructos, e chegaria o mais feliz dos dias, aquelle em que—para sempre fosse riscada do Brazil essa palavra vergonhosa—a escravidão—e dando vivas ao rvd. padre Godoy, abraçou ao liberto Mariano, o que foi seguido pelas pessoas presentes.

O rvd. padre Godoy disse—que suas intenções tinham sido fielmente interpretadas pelo orador que lhe precedeu, que jámais cederia seu escravo para continuar a ser captivo, que com todo o gosto cedeu para ser livre etc. Disse outras muitas cousas e concluiu aconselhando á Mariano como devia se portar em seu novo estado—livre.

O sr. professor Sebastião Hummel, esse joven que alimenta em seu coração só puros sentimentos, esse moço democrata—que encara a escravidão com horror e abraça a liberdade com praser, esse moço dizemos, ao auge de enthusiasmo, fez um bonito discurso sobre a liberdade, chegando sua bondade a tal ponto que exaggerou os serviços prestados pelo seu amigo (o que escreve estas linhas) á causa da liberdade.

Houveram outros muitos discursos, muitas saudes—cantadas e tocadas—ás pessoas presentes e algumas ausentes.

Foi servida uma improvisada mesa de doces e um chá acompanhado—finalisando a festa por um agradecimento feito pelo sr. tabellião Gaia, em nome do liberto Mariano Gama, á seus bemfeitores dr. Neave e padre Godoy, e a todos que tomaram parte em favor de sua liberdade.

Esta festa que principiou ás 8 horas da tarde, durou até á meia noute, que todos nos retiramos penhorados pelos obsequios do sr. dr. Neave.

A corporação de musica desta cidade, composta de jovens esperançosos, muito ajudou ao brilhantismo da festa.

Esta corporação de musica sob a direcção do sr. Manoel de Brito, como não é composta de pessoas que fazem della um meio de vida, não se poupa a tocar gratuitamente em tudo que é necessario, e quando se presta por paga, é por um tal preço que vem a ser o mesmo que gratis.

Neste feliz dia, tambem a illma. sra. d. Maria da Conceição Neves, libertou uma sua escrava.

S. José dos Campos, 12 de Outubro de 1872.

F. DE ESCOBAR.

Correio Paulistano, 17 de outubro de 1872

*“Ê maldita liberdade*

*De colher nos campos, de secar os prantos*

*E não ter o que comer*

*Ê aflita liberdade*

*De chorar nos cantos, com vontade de gritar*

*Ê que estrada tão comprida*

*Os meus pés descalços nem podem caminhar*

*Saber que somos irmãos*

*Nas mãos, nas ruas e nas construções*

*Saber que somos homens, calados*

*Por todos lados, por todos nãos*

*Ê bendita liberdade*

*Libertai ainda que tarde*

*Esse povo sem felicidade”*

“Ainda que tarde” - (Zorba Devagar e Paulo George, na voz de Roberto Ribeiro)

***

*“Pra me esquivar de todo mal / Refletir nesse inferno e tal*

*Fazer a minha parte bem / Ser um espelho também*

*Pra quem está chegando / Poder contar com alguém ”*

“H.Aço” (LF – DMN)

*“Iguarias na baixela*

*Vinhos finos nesse odre*

*E nessa dor que me pela*

*Só meu ódio não é podre*

*Tenho séculos de esperança*

*Nas contas das minhas costelas*

*Tenho nos olhos quimeras*

*Com brilho de trinta velas*

*E daí?”*

“E daí (A queda)” – (Milton Nascimento e Ruy Guerra)

***

*“Um dia desses um PM negro veio embaçar/ Me disse pra eu me por no meu lugar*

*Eu vejo um mano nessas condições, não dá/ Será assim que eu deveria estar?”*

“Capítulo 4, Versículo 3”  (Mano Brown – Racionais MC´s)

**A excelsa benevolência**

Ô de casa! Licença, Mariano!

Será que te encontra em hora comedida a minha carta? Em repouso tranquilo, propício para mascarmos nossas melhores lembranças e perceber já na ponta dos lábios o repuxo de sorriso que brota? Na certa teu festejo de alforria te lambeu de leve uma toada de alegria. Se esse agrado se esvaneceu, brevezinho em um outro naipe de estiro na cara, magoado ou estalado em um muxoxo ressabiado, é que não sei.

Pois que festa sublime em São José dos Campos, Mariano! Uma “festa da liberdade” patrocinada por “um coração generoso, uma alma grandiosa” para teu bem que era apenas “um infeliz escravo” marcado pela negra nascença, como dizia a *Gazeta de Notícias*. Tu, que em tuas vinte primaveras de idade trabalhava para um “hábil médico” mas pertencia a um reverendo padre, o benfeitor senhor padre Godoy que se divulgava como teu amigo do peito e que recebeu 1.600 réis pela tua alforria. Confesso: até estou tocado e sinto as narinas arderem, Seu Mariano. Ahhhh, quantas imponentes virtudes o fausto jornal destacou. Que imensa generosidade a dos dois libertadores: a do padre por ter recusado proposta de 2.000 réis e ter te presenteado com a diferença dos 400 réis da negociata, para você recomeçar a vida. E a do médico por dispor seu dinheiro para ti, comprovando ser de tão boa índole como o jornal anunciava comovido. Afinal, reuniram uma porção de pessoas e até a Banda da Cidade para demonstrarem a galhardia dos seus espíritos iluminados. Entre as doces melodias e animadores compassos, talvez de uma fanfarra pintada por músicos pretos como convinha à montagem, a elite do Vale do Paraíba ainda ouviu o magno discurso do promotor público ressaltando com ímpeto a nobreza de espírito do dr. Neave, que te bancou a manumissão.

Como será que estavam tuas mãos enquanto ouvia, Mariano? Estralavam, coçavam, guardavam-se nos bolsos ou mesmo seguravam copos? Pois o hábito costura-se às ordens e a gratidão forma cascas. Óbvio que em tua mão o polegar não roçava o indicador como se acariciasse uma navalha, não, não. Nem deverias tu naquela noite servir os convivas para carimbar a passagem (mas disso também não desacredito, visse?). Beber junto às madames e figurões também não aposto, afinal

te deixaram nítido que toda liberdade tem suas responsabilidades e limites, sim? Imagino aquele momento final do discurso do promotor, quando ele “dava vivas ao doutor” e te entregava o papel poderoso. E bem naquela hora vir a tua declaração cabulosa, de escolher e assumir por absoluta vontade para ti o sobrenome de Luiz Gama. De hoje em diante, sou Mariano Gama! Renascença! Vestir-se do destino e conduzir-se pelos ares que o nome sopra. Em tempo de tanto corporativismo, quando o brasão e a proveniência familiar faziam diferença no cartão de apresentação ou nas prosas fortuitas de passeio, tu já dirias mais do que simplesmente “Mariano”.

Em becos, largos e praças:

- “Mas você é Mariano de quem?”

- “Ora, Mariano de Luiz”

- “Qual Luiz?”

- “Sou da família de Gama!”

Percebi que não teve muito tempo para se expressar na celebração de tua independência, Mariano. Alguns segundos breves na cata da carta tão almejada, ocupando o intervalo antes da voz no salão ser tomada pelo jornalista da *Gazeta* que pediu a palavra no auditório, repórter eufórico para todos louvarem a presença do magnânimo reverendo padre. Diante de tanto acato e despojamento, creio que insistiram bravamente para que o sacerdote fosse ao convescote exalar sua compaixão e sua sacrossanta benevolência. Conjurar sua singela deferência aos patrões, com certeza flechados de luz por alguma santidade das mercês. E o padre se aconchegando no centro da constelação, ressaltando não ter te criado como escravo, mas sim como filho. Nesse momento, imagino tua bravura para não se desmanchar em amores e assisto em minha mente à comoção da plateia a se abraçar. Um pronunciamento desses apenas um ano após a lei do Ventre Livre, de 1871, até me destranca a imaginação do que seja celibato eclesiástico, parir e criar… Respiro, me concentro e percebo nas nuvens que pairam através dos tempos a humildade de quem se propalou teu amigo, muito mais do que teu dono, cruzando séculos e contaminando o teor altruísta dos ricos e bem servidos de nosso país.

Me desculpe se minha carta chegar molhada. Lágrimas me escapam pois a caridade desinteressada sempre me formigou o peito. É árduo não me enternecer com o reverendo citando a cruz que apontou ser o “symbolo de liberdade”, desde o ano de 1500 plantado na “virginal America” e que trazia de “dia em dia os seus

sasonados frutos”. Me concentro e meus pelos do braço esvoaçam. Em minhas orelhas ressoa o timbre elevado do reverendo. Chego a escutar o seu clamor ao responder se então aceitava “apartar-se desse amigo”, tu e tua estima transcendente que o padre afirmava que dinheiro nenhum seria capaz de comprar. Ah, Mariano… até eu inspiro a higiene de minha pecadora presença carnal com tal discurso do reverendo padre, desvelada a sua grandeza, talvez mesmo constrangido pelo jornalista ter percebido suas intenções, descritas com tanta fidelidade. Coroada com fulgor a fala misericordiosa do teu venerável ex-pai e amigo porque, ainda nessa hora, já que tua passagem foi tão curta pelo centro dedicado aos oradores, o padre ainda se dedicou a te prover o que pode ter sido o grandioso momento da noite: te ditar as orientações sobre como tu então deverias agir, “aconselhando-o como deveria se portar em seu novo estado”. Estremeço, Mariano. Imagino tua fronte, tua testa, tua curvatura da coluna. Tua presença entusiasmada recebendo os ensinamentos e as regras de como deverias te portar sendo um homem enfim livre.

Depois ainda chegou para a direção do fraseado o professor Sebastião Hummel, provavelmente uma santidade disfarçada de humano comum, para captar melhor as imperfeições e reparos a serem feitos em nosso percurso. Eu talvez flutuaria compungido pela aura que deve ter exalado desse homem imaculado, descrito como “moço democrata que alimenta em seu coração só os puros sentimentos” e que “encara a escravidão com horror e a liberdade como prazer”. E o autor da matéria, provavelmente a contragosto, ainda escreveu em seu próprio texto ter recebido do professor Sebastião as parabenizações “exageradas por seus serviços prestados à causa da (adivinhe, Mariano…) liberdade”. Entre muitos salves e vivas, foi então servida uma mesa de doces e essa também lastimo ter perdido. O senhor, já com os dentes de homem livre, foi autorizado a provar? Ornava com a etiqueta prescrita ao teu comportamento? Aliás, teriam sido camaradas teus os que serviam as bandejas e retiravam os casacos dos distintos senhores presentes? Mas me sacio diante dessa salivosa menção apenas por saber que logo estreou em cena o tabelião Góis, que realizou um ato realmente fascinante. Finalizando a festa do verbo, ele discursou em teu nome o texto de agradecimento às galhardas figuras dos “benfeitores que tomaram parte em favor da liberdade”! Como eu poderia resistir e não salgar minhas pálpebras, Mariano? Ele ter preparado e proclamado o teu discurso de homem livre!

Não te surpreende meu abalo, sinto, pois assim devem ter se derretido toda gente sublime presente, comovidos inclusive madrugada afora após o festejo que se estendeu das “oito da tarde” até a meia-noite, quando saíram “penhorados pelos obséquios do sr. dr. Neave”. Ea, salve a hora grande! Ainda há até uma linha apertadinha no final da matéria dizendo que neste dia a ilustríssima dona Maria da Conceição Neves também libertou uma escrava. Decerto mais uma contagiada pelo gérmen da brandura e da misericórdia. Tamanha abnegação nem deve ter ficado enciumada por não ganhar espaço na gazeta, isso seria próprio da vaidade que me pica os calcanhares. São mesmo todos dignos faróis ancestrais da nação. Tiremos o chapéu e até os sapatos do ombro e louvemos um minuto de silêncio em honra e gratidão a essa diretoria tão prezada. Aliás, os sapatos... o senhor conseguiu calçá-los nos pés desacostumados por vinte anos às alparcatas ou, como a geral negrada de tua época, os amarrou em uma vara para ostentar como página dois da carta de alforria?

Não engate a soberba no peito e por favor aceite minha missiva, Mariano. Comparada ao garbo que te iniciou e enredou nos percursos da autonomia, parece um mero recadinho amarrotado, eu sei, mas não empine o nariz de frequentador de câmaras chiques e recebe com apreço minha letra. É maloqueira mas limpinha e dedicada, na humildade. Não vá desdenhar de meus pés-de-chinelo, mal acostumados a glamourosos saltos e cartolas de salão. Te detalhei a matéria por não saber se você a leu ainda fresquinha na semana de publicação ou depois empoeirada em algum acervo, nem mesmo se embrulhou peixe com tão excelso jornal. Tomara que não tenha sido gentilmente empurrado a decorar e recitar pelos recintos, tu, então homem de liberdade extasiante em cada palmo do teu corpo preto circulando por uma província tão afável como a de São Paulo. Nem coagido com ternura a levar a folha do jornal colada à tua carta de manumissão para saraus de improviso convocados pela polícia nas esquinas de teu passo. Vê que minha mente abalada pelo trovoar de tal ato, diante do ápice dessa exímia emancipação, se perde em tolas hipóteses. Te peço perdão. E nada é mais glorioso do que poder pedir perdão a um homem que aprendeu a valorizar com grandeza o perdoar, como tu. É que o cinema entre minhas frontes desenha mais do que uma cena. Por isso te escrevo perguntando. Me desculpe o bedelho fuçando palhas já queimadas.

A princípio, desde que li e ouvi sobre essa passagem de tua e de nossa história, sussurrei para mim a habilidade de teu tapa com finesse, a rasteira fina e elegante que deixou quadrado nas gargantas cada bocadinho dos manjares levados das bandejas à boca por mãos tão lapidadas em etiquetas, mesmo que emaranhadas no cotidiano e no ambiente dos cafezais onde a enxada descia e a foice subia nas calejadas e rachadas mãos pretas. Se tu, altaneiro e agradecido, não portou a notícia da gazeta em tuas veredas ou a pendurou no mais glorioso canto de tua morada, como legítima irmã gêmea de tua carta de alforria, é capaz que os vultosos elementos da alta sociedade isso tenham feito. Para de frente ao recibo da negociata, feito um espelho, poderem diariamente empoar o nariz, retocando a indiscutível alvura e fitando um beneplácito verniz do próprio caráter. A tua magnética é um prodígio, Mariano. Atraiu um quinteto dos sonhos apenas por tua causa: um médico, um tabelião, um professor, um jornalista e um padre. A saúde dos organismos, o equilíbrio das leis, a propagação da luz das ideias, o magistério cultivador e a envergadura espiritual religiosa. Nem precisava haver doces na festa. Todos agraciados pela música em plena solenidade, música que emanava já dos próprios cílios tão gloriosos de alta reputação.

Mariano, você sabe do giro daquele tabuleiro que te envolvia? O que se lapidava, como era serrado e o que rachava naquela madeira em que o cupim se disfarçava de petalazinha? Sabe o que abria florescença nas fendas aproveitadas pelo sobrenome do homem que tu celebrou em si mesmo? Fui até à prosa de Achille Mbembe, um pensador de nascença camaronesa que questiona por dentro, pelas beiradas e pelas reentrâncias do Atlântico as mazelas que fizeram do mar um cemitério sem funerais e da racialização a laje filosofal de muitas covardias lucrativas. Nos argumentos dele se desvelam a sangria baseada em fetiche e produtividade e a hipocrisia da piedade pelos escravizados. E do que foi bordado mais para a frente, das forças e limites do “ser Negro”, da sua idealização e da continuidade da mercantilização também no campo das artes e do entretenimento nomeado como “cultura”, até o rebote de um passado nostálgico mas humilhante, voraz e também tornado lírico. É claro que meu ressentimento cristaliza remelas e distorce a leitura, deixa embaçada a paisagem da harmonia desinteressada, mas ali na conversa de Mbembe tem umas coceiras que encontram com outras que me arranho. Ele fica futucando a paz da sala, interrogando essa projeção de um futuro de amizades e

sonhos sem que se limpe os coágulos da mesa de jantar, sabe? Essa que já servia os doces e degustava suas orquestras em tua época, Mariano.

Será que os pincéis da colonização e os grafites do escravismo ainda riscam os desenhos que borram minha mente? Digo a “minha” porque temo envolver a tua, provavelmente augusta e desprendida dessas gosmas ruins de tirar do pé. Pregaram em mim como grudei meu nariz nos textos desse senhor, esmiuçando grãos plantados nas costas pretas durante a tal fundação dessa modernidade “ocidental” e que ainda regem o grosso das pautas das rinhas cotidianas e pairam nas cartilhas e telas, palcos e tribunais. Esse autor impertinente ainda apresenta tim-tim por tim-tim a transição dos documentos de posse de gente para as pastas de contratos e acertos de trabalho. Ele tem a audácia de fincar nos inícios da escravidão, que combinou desdém pelo trabalho braçal e asco pelos pretos, a aceitação de uma reserva de indigentes contemporâneos, corroborada por suas marcas corporais e aceitos naturalmente após um choque ou outro nas sociedades que lhes deixam às vezes uma marmita fria para concorrer com os ratos. É fato que me pus a discordar dele quando diz que na época de moenda quase geral em que vivo toda gente explorada ou chutada por não consumir ou encontrar trabalho, escanteada ou punida por culturas que não casem a princípio com os mandos dos maestros das finanças, das leis e do terror, gente emigrada ou de morte regida pelos controles e coadores que transcendem fronteiras nacionais, serão os novos negros do mundo. É que essa curva deplorável e real, conforme a caneta dele, parece desconsiderar o racismo fustigado no peso histórico derrubado no corpo e na pele, no fenótipo, isso que é um peso ainda incontornável por aqui. Porém, ele é bamba. Soma com várias canetas que já há muito tempo publicaram, incomodaram alguns salões que não tinham a grandeza de coração de teus ex-proprietários e por isso ficaram de fora da bancada principal das bibliotecas daqui. São textos que demonstraram a continuidade dos pilares escorados em plena escravidão na adaptação para a sangria do que veio após o Treze de Maio, no uso da poupança nacional e nos jeitos de olhar e escutar movimentos como os teus e de Luiz Gama.

Você comemorou ou resmungou para a Princesa Isabel, Mariano? Aconteceram muitos festejos em paradas militares e em casa de preto para a Dona Redemptora ainda por muitos invernos, sim? Roçando nessa lixa de memória e de celebração da liberdade, Mbembe ainda cavuca mais contundente alguns detalhes

imprescindíveis. Por exemplo, questiona inclusive a estreiteza de muito do que se nomeou como resistência negra e como ela teria abraçado elementos racialistas e nacionalistas próprios dos chicotes da razão que estruturou o tráfico de escravos e a formação das mentalidades modernas, sabe? Vê só, me responde se ele não é mesmo o típico mal comportado que se vacilarmos desagrada todas as varandas. Aquele que na sobremesa deixa o doce salobro, apontando inconsistências da receita. Mas a chave de acompanhar seu pensamento é por ele tão bem detectar e dedilhar já no início vigoroso dessa formação de sociedade os debates primordiais que acompanharam muita gente no crescimento das capitais, com os modos urbanos das cidades que em décadas se tornaram metrópoles e espraiaram seus dilemas também para os interiores.

Mbembe, que deve ter sido aquele garoto insolente que levantava a mão para apontar as frouxuras dos acertos quando as brigas já pareciam resolvidas, argumenta sobre os fundamentos da tal razão moderna, as vigas das ideias de propriedade, democracia, escola, direito penal, nação, morte, família, trabalho, urbanidade, moral, razão, liberdade e raça. Se você chegou aos sessenta anos de corpo em vida por aqui, contrariando estatísticas, deve ter se cansado de ser usado como exemplo do avesso para cada um desses pilares, porque o que se atribuía aos jeitos dos pretos era o grande referencial negativo e o que devia ser desinfectado e superado. Esse filósofo também abriu linhas sobre a noção de ser gente em um fluxo guiado mais para a calha de indivíduo ímpar e soltinho-soltinho do que para a de pessoa que seja elo, considerada continuidade e comunidade. Mas Mbembe avalia como laços desse tipo, também meramente atados pelo entusiasmo da ideia de um povo forte e super unido, pipocaram em formas civis como as do fascismo, do nazismo, do populismo e dos nacionalismos que enrijecem suas hastes e elegem totens para endeusar e vírus para aniquilar, afim de garantirem sua própria continuidade no mando. Mesmo que você talvez não tenha pisado o mundo de cá na época em que essas borbulhas explodiram, elas já arrebanhavam seus soldados. Um exemplo foi a dos engajados na tendência de demarcar um quinhão de terra para um dono, como foi na composição dos países modernos da África para as forças mandantes europeias. África então retalhada e colonizada em um novo mapa para cobrir danos e perdas econômicas metropolitanas. Para garantir hortas, minas e braços, como os que eram decepados se não prestassem tributos, como fizeram muitos gerentes belgas no

Congo (Mas, pensa bem, Mariano: que atrevimento esse de se negar a pagar o rei civilizado que encaminharia os povos à luz da inteligência europeia, sim? Não seria caso de dormir um pouco menos, de se esforçar mais pelo benefício e aproveitar a chance? Desde essa época já pautavam aquele ditado que nos ensina: espertos transformam crises em oportunidades. Pois astúcia e dedicação movem colossos, vê só quanta fonte de aprendizado desdenhada).

Te falei que o Mbembe é camaronês. Não fica escancarado o ressentimento do sujeito? Desde pequeno estuda, aprende línguas, vai à metrópole, deslinda o saber iluminado europeu e põe na balança cada grama dessa filosofia que elegeu Grécia como ancestral dileta para depois, ressentido e dando aulas em vários países de quatro continentes, atacar os pormenores dessas poças e analisar seus redemoinhos sem a gratidão aos grandes. Mesmo sobre aqueles eixos que se articularam e se azeitaram na época daquela festa de alforria em tua homenagem, ele pensa os embates entre um afã coletivo que desperta mugidos e rosnados quase sempre amparados pela multidão, mas também os esquemas que empurram mais e mais cada ser humano como um papagaio para seu poleiro. Ele vai bem no olho d'água, ali nos primeiros borbotões do convívio e das relações políticas institucionais que se renovaram na seara moderna e que mesclaram rupturas e continuidades das matrizes coloniais. Analisa como essas relações foram recombinadas para manter as estruturas provincianas e redesenhar tratos do comércio internacional, lidando com os novos sustos e os medos ainda acesos com força na guia das angústias que se deparavam com cidades crescentes e um liberalismo que emergia após as eras oficiais da escravidão. Diz para mim, Mariano: você acha isso necessário? Ficar importunando o querer de cada um… Por exemplo, será que você desejava partilhar um pedaço de terra no interior, talvez nos subúrbios de São Paulo, ou um porãozinho para esticar tua privacidade? As canetas que assinam orçamentos governamentais e empresariais desde antes de tua nascença começaram a desconsiderar uma trança de espaço e ancestralidade comunal e predominantemente instituírem legalmente a Relação calcada entre espaço e utilidade lucrativa, beijando a lógica mercantil graúda. Onde antes comunidade, depois sociedade anônima. Isso também marcou na América Latina a transição de Estados imperiais para Estados republicanos, o que trouxe para a maioria dos países menos resguardo ainda às terras ancestrais indígenas e das populações negras. Mas o mundo gira e cabe a nós nos adaptarmos,

sim? Vai ficar ruminando no poste ou vai arregaçar as mangas? Vai atolar em morte de filho por desnutrição e falta de teto ou vai bater os cascos como um corcel decidido, um alazão negro formoso como aquele dos logotipos de automóvel, e arrancar rumo ao progresso?

As elites republicanas ou suas antecessoras ligadas à extração de mercadorias para exportação, seja o café, o cobre ou a prata, desfizeram leis de proteção fundiária que mesmo as monarquias coloniais tão sanguessugas haviam cuidado de manter. Mas isso foi provação divina, sim, Marianito? Lembra aquelas assinaturas no Brasil em 1850, com a notória Lei de Terras que aboliu as sesmarias e assegurou chão laaaaargo para os grandes fazendeiros, garantindo propriedade apenas mediante compra e venda de lotes ou autorização da Coroa, ainda em momento imperial, mas já engatando a fieira de leis e procedimentos que o Estado e a regência de sua elite orquestravam e prenunciavam ao que a República consolidaria. Isso impôs dificuldades e impediu muitas pessoas de fazerem a vida em suas terrinhas? Sim. Mas é das toras que se fazem mesas e marinheiro bom não se forma em marola, não é mesmo? Não foi só por aqui. Na Bolívia, por exemplo, após a instituição da república uma das mais marcantes formas de resistência e anunciação dentro dessa nova ordem renasceu com um grupo de líderes de comunidades tradicionais que advogaram pela continuidade legal da vida nas suas antigas terras, justamente questionando a afronta das novas elites econômicas consideradas modernas que arrasavam direitos ancestrais baseados em novos discursos de progresso contra o atraso, em prol de uma suposta nova ordem civilizatória que garantiria ao indivíduo as rédeas de seu caminho, preferencialmente um caminho pago com empréstimos polpudos pedidos em crediário aos bancos.

O que se colhe do pensamento minucioso de Mbembe é como uma porção desses novos parâmetros foram dedicados às vezes inteirinhos para nós. Assim, no corpo, nas origens das pessoas, nos hábitos e legados de matrizes africanas (além das nativas ameríndias), fincaram de cima abaixo referências consideradas etapas a segregar, expurgar ou superar. A responsabilidade da educação, por exemplo, com os seus procedimentos necessários para que não houvesse o risco da barbárie e vigorasse a selvageria tida como própria dos pretos. Não é mesmo um medo justo?

A nação, por sua vez, deveria aglutinar e purificar seus componentes atrasados ou diluí-los até que sumissem nas águas valorosas da história dos bons povos. Já as leis deveriam garantir a igualdade, mas com vigor defender a gente cidadã das castas naturalmente tendentes ao crime. A família deveria ser obediente e temente ao paizão, organizada pelas réguas que lhe salvaguardasse da promiscuidade característica das raças mais infelizes. Já o mundo do trabalho, para ensinar como a força humana rende dignidade e frutos, mas também como crivo de distinção racial e da confirmação que a natureza dota alguns mais do que aos outros, deveria dignificar e encaminhar também os atrasados e vadios oferecendo em suas peneiras diferenças de oportunidades, mas nunca esquecendo de afirmar que pela falta de aptidões naturais alguns dificilmente se enquadrariam nas novas condições industriais. Essa óptica garantiu aqui em São Paulo que milhares de pretos qualificados em experiências fabris e de manufaturas, inclusive regentes de linhagens e ofícios como sapataria, alfaiataria, ourivesaria e metalurgia, pudessem voltar algumas casas e aprender ainda mais a acender postes com tições, recolher excrementos da polícia montada e limpar trilhos nas ferrovias, onde alguns trens ainda ensinavam a manter o corpo apto para se esquivar das locomotivas desembestadas. Se centenas de pretos morreram nisso, conforme os editoriais e alguns laboratórios da época afirmavam ser inevitável, haveria ainda a afiação da raça (aquilo que uma versão incontestável da biologia garantia que era), e os sobreviventes a se diluir nas águas da Branquitude seriam os mais ágeis e adaptados. É tudo questão de arrumar os óculos e saber enxergar, sim, Marianito? O que poderia valer mais do que a compaixão evidenciada na abertura das vagas nas indústrias reservadas aos migrantes europeus, vindos de áreas rurais e que recebiam a chancela de serem mais aptos e preparados para os trabalhos que eram oferecidos por essa nova vida urbana?

Abrangendo os campos da saúde e do urbanismo, é de admirar como se prestou atenção na higiene, Mariano. Choveram discursos, leis, remoções e cassetetes para garantir a limpeza dos lugares em nome do crescimento da São Paulo que levou esse país para frente. Higiene foi palavra implacável, sempre um mote a dispor para evitar que raças propensas à demência, à desconcentração e ao crime se acomodassem e verminassem. E assim foi se ajustando a seda e o peso da teia com essas linhas todas, tocadas pela remontagem dos lugares intitulados

modernos, progressistas. Quanta gente abdicou do próprio tempo com a família e de seus recreios para pesquisar e legislar pela gente, sim, Mariano? E ainda compor os governos que buscavam fortalecer a amizade com empresários de porte avantajado, ajudando o mundo, exportando o que as terras daqui davam ou reservando favores e senhas bancárias para o progresso. Fazer o bem, sem olhar a quem. Ouvimos muito isso, mas tão poucos praticam. Por isso, viva esse pessoal bacana sem hipocrisia!

Veio tanta boa vontade em compreender essa passagem. É normal que essa sociedade e sua burguesia não tivessem tempo para esticar a vista e as orelhas mais um pouquinho. E, pelo bem, ainda soprou o que lhes fosse valoroso também para vários outros cantos onde levavam suas réguas. Não é simples organizar uma gramática universal que dê conta de todo o mundo e ainda amenizar e fazer cafuné em meio a tanta crise de despeito e de arrogância de quem inflou o peito como gerente. Nessa estrada da Vila Comunidade para o Jardim Nova Sociedade S.A, entre as sarjetas da racionalidade ocidental, até magoa cobrar que se percebessem ferrugens e fracassos nessa fieira de troféus. Seria uma indelicadeza que arranha e até traumatiza. Penso, por exemplo, naquela festa de teu júbilo. Diversas histórias e maneiras de viver o tempo, de fazer ninho e vastidão nos instantes. Tempo tão simultâneo e tão de se esvair, tão de se enevoar e de se desenvolver com permanências e mudanças, de envolver com presenças antigas e vibrar em ausências.

Imagino o reverendo, teu amigaço, lidando com o tempo mítico cristão, o tempo histórico da chegada dos portugueses por aqui, o tempo de vida afetiva dos convivas e o tempo político da província dialogando com abolicionistas de toda estirpe. O padre alinhando, encruzando o mundano com o divino e o milenar com o cotidiano, feito o Cristo já antigo em bênçãs da Etiópia e que depois chegou até o Vaticano e o Congo. Mas será que o sacerdote e seus parceiros desconfiavam sapientes de quantos projetos a tua cabeça já modelaria, Mariano de Gama? Compreenderiam que certeza e completude não são lições óbvias a todos os espelhos, muito menos os deles mesmos? Entenderiam que riscavam uma linha temporal e iam jogando dentro toda a vida enquanto a complexidade das outras pessoas, comunidades e sociedades que não lavavam as mãos em suas torneiras

eram por isso pintadas como se condenadas à secura e como se fossem naturais portadoras de um destino sombrio, categorizadas na gaveta dos sem-luz? Compreenderiam como outros calendários e jeitos de medir as etapas do dia favoreciam o convívio, o trabalho e dias sagrados da reza? Captavam que lacunas e ausências que não se encaixavam em seus moldes não eram pesos, mas podiam ser dádivas, como espaços para colorir? É necessário entendermos por que foram tão restritos a si mesmos com suas lousas de representar o mundo inteiro, oferecendo para negócio os espelhos que já vinham com suas imagens ilustradas na face, feito os brinquedos da feira do rolo nas calçadas aqui do meu Jabaquara.

Entre o conjunto de uma feira e a singularidade de cada tenda há essa tocaia que pisamos às vezes e onde quicamos sem parar, até mesmo quando, enganados, pensando que estamos voando. Há as armadilhas que evitamos, as gavetas que estampam como particularidades exóticas o que é jeito elementar de viver para tanta gente. Que trabalho contrariar isso suando em bicas para afirmar que preto é humano, Mariano Gama. Talvez por isso que você chamou o espelho de Luiz Gama para si, já que ele transcendeu cercados farpados que rasgam a pele e outros arames da espécie dos invisíveis que furam os dentros da cabeça. Luiz Gama que projetou políticas amplas para esse país sem perder o pé preto. O modo como ele combinou as águas atravessa e supera toda a insuficiência dos modos rasos de cozinhar os sujeitos apenas seguindo os pregões e aromas do mercado. Não seria suficiente para ele e talvez nem para ti o copo seco, os relógios de pulso e os placares de produção. Não caberia também engatarem cada caminhada na contação de uma única história, mesmo se aquela que desembocaria na liberdade alforriada. Seria valoroso constatarem que vários ângulos observavam a festa e que poderiam se posicionar um instante onde verificavam melhor a própria caridade fotografada, mas ainda superarem essa percepção inicial de tanto altruísmo sendo exercido em seus nomes.

Mandingueira a linhagem de Gama com suas imagens ancestrais. Espelhos que ao meio-dia não apenas refletiam a noite, mas muitas manhãs já passadas do lugar e outras tantas tardes de terras distantes, além da silhueta de outras mãos ancestrais que o espelho pressentisse em teus dedos. Ah, quantos mergulhos há em um espelho que mostra além do próprio avesso… Levam bem além da noção de que o tempo seja um carretel desenrolando a linha sempre para a frente ou uma mera sucessão de fatos em que cada momento borra ou extingue a pulsação anterior,

alternando focos e detendo a verdade. Como se cada momento não delineasse, cruzasse e se espiralasse por outros tantos entre tombos, rupturas, desenlaces harmoniosos e repentinos ou brutais empurrões, escapando de qualquer modelagem simplista para essa Argila do Tempo. Te escrevo atento para nossas oferendas, Mariano, para tudo que mostra que há na realidade suada e imaginada muitas formas de estabelecer períodos e que o Tempo é também reversível. A festa dos brancos terminou à meia-noite e a minha maior dúvida é para onde você foi nessa hora. Quantos preparos, preceitos e motivos uma festa pela liberdade, coordenada por gente africanas ou pelas crias de pretos minas e de bakongos, traria para que se começasse exatamente à meia-noite, a hora grande concebida como o momento do ápice para o encontro com os mortos, ancestrais e vindouros; para o cruzo com todas as temporais que podem cristalinar em uma gota de suor bailado com fundamento ou em orvalhos de cachaça aspergidos em uma esquina.

E aí: pensou sobre a propriedade da terra, Mariano? Não a de gente sobre ela, mas as propriedades dela para si mesma. É pensamento para milênios porque ela verdeja, porque abençoa remédios e ruge terremotos, porque é lama e enterra os esqueletos e insetos. Nela, como é que tu liberto se pegava sonhando habitação? Com tentação de um rio só para ti, uma cachoeira apenas para teu quengo, um copo de suco apenas para teu filho? Talvez fosse conveniente abraçar apenas a quentura? Murmurou sobre si mesmo, diante do espelho d'água doce, almoçando perpetuamente sozinho ou em um bosque, em um sítio, e cismou se um rival poderia sentar-se contigo para observarem-se entre o que fumega e perfuma o apetite? Capaz que desejou do fundo do pulso um papel de escritura de terra que afagaria a cabeça de toda gente que fosse também tua casa. Já viu caixa de palitos de fósforo? Difícil de quebrar, é mais fácil despedaçar um por um. Porém como dispensar a chama que brota espocando e só, mesmo que ela se recolha e se mantenha mais comedida após a combustão? Como pensou a terra em teus pés, a quentura da moradia, o abrigo para a chegada do sono, a família enquanto trabalhasse e o espaço para teus segredos enquanto se banhasse? Imaginou habitar em solitude na cidade ao sair alforriado da festa, preciso aos desafios cósmicos e aos tratos com os antepassados, os vindouros e os vizinhos, atento às águas da cozinha onde aprendemos que feijão não se ferve de grão em grão?

Me interessa aqui aprender contigo sobre a Relação entre as pessoas e os seus ambientes e histórias, porque ando encafifado com as guilhotinas e também com os escarros em nossos caixões e memórias, que proliferam até hoje. Nas sociedades como a brasileira, que organizou racialmente suas camadas, o jogo de forças e as relações assimétricas de poder deixaram de ser desmedidas com a antiga metrópole, mais ou menos distante ou substituída por outros chupins, e convivemos basicamente com as instituições da Branquitude nacional, a que financeiramente faz o meio de campo com os ditames econômicos internacionais. Aqui começou a se instalar (só depois do teu tempo de gente beneplácita e generosa, claro...) um colonialismo interno que varou o século 20 inteiro e que ainda prevalece. Aos donos de patrimônio largo cintilaram as prendas maiores, mas também às famílias brancas pobres continuaram desabrochando mais oportunidades materiais e financeiras, mesmo que ralas às vezes, porém somadas a desafogos simbólicos e compensações psicológicas que aliviam o tabuleiro cotidiano cunhado pelo racismo. Um pensador chamado W.E.B Du Bois chamou isso de salário psicológico, entrelaçado ao ideológico. Era o que o trabalhador branco pobretão receberia como contrapeso para sua canseira e penúria, uma espécie de indenização que garantiria alguma satisfação, algum degrau brevemente cintilante na escada puída da exploração. Além de uma inserção bem maior e melhor do que a dos ex-escravizados na cadeia produtiva capitalista, o que se comprova por níveis de renda e acesso a equipamentos básicos de cidadania, ainda haveria uma paga mental embebida na qualificação de si como humano, superior, mesmo que vivesse de sopa de sola de sapato. Uma dúvida é se essa gratificação seria um bônus ou uma parte intrínseca do combinado dessa própria organização social que se nomeou como democracia.

Lembro de vezes que aqui na quebrada mesmo a pessoa inflava a branca bochecha e soprava sua palavra esfaqueada entre os dentes: “Allan, seu preto!”, e depois entrava na viela abarrotada, esgueirando-se pelos estreitos até penetrar em sua residência. Ou desandava de fazer piada mangando superioridade enquanto minguava em seus farrapos, até nos encontrarmos no boteco de novo uns dias adiante e na mesa de dominó parecer que nada ocorreu, me oferecendo copo. Mesmo quando criança, se os meus colegas branquinhos perdiam uma partida de futebol de botão jogada no chão da favela, extravasavam no desconto: “É que esse macaco atrapalhou!”. “É que essa galinha do céu roubou!” Imagina se o filho de um

dos magnânimos de tua festa de alforria faria isso de te comparar com bicho, de subtrair humanidade de mim ou de ti? Pois fui pesquisar e descobri que até anarquistas imigrantes também costuravam nesse pano de racismo, Mariano Gama. Pois sim, até os anarquistas, pessoal por quem tenho vários motivos para sentir afinidade e consideração porque pegavam no pé de uns exageros dos industriais paulistas. (Dos magnatas, coisas pequenas de ganância, inchaço da ambição que engrandece um homem, exceções que borraram um pouco a bela história do empreendedorismo patronal brasileiro...). E você, livre inteiro alforriadinho, teria passado ainda isso em tua época? Se sim, o que duvido, ameaçou a boca ofensiva de contar para a Princesa Redemptora?

Você derretia em suores pernas abaixo ou abanava a nuca dos senhores, Mariano, nesse fogaréu danado dos debates pelo bem da nação? Testemunhou o afinco para que se recheassem páginas e páginas de enciclopédias sobre a liberdade, a tal que nomearam como tua madrasta no festejo? É verdade que ferviam argumentos em notas de rodapé na sala de chá enquanto lá fora corria vala, verminose e varíola em bairros negros e esquinas ocupadas por mutilados? Será que a entrada de pretos, mesmo que poucos, no tabuleiro intelectual que se enxergava vedado às raças infames também perturbou a farta digestão desses redatores, políticos e filósofos brancos? Será que houve comichão quando foram sendo detectadas as frestas barreadas e os vacilos da vigilância e quando se arranharam as pequenas aberturas crescentes para aqueles que não eram tão solícitos como o pessoal da tua solenidade? Digo da fresta da alfabetização, por exemplo, onde despontaram figuras como o Gama que você abraçou em parentesco de verbo e de oriente. Surpreenderia alguns ainda hoje saber disso, mas foi muito consistente a teia de letrados pretos que alcançou até cadeiras em departamentos de arquitetura, gabinetes judiciais, escolas de artes e palacetes. E por vezes, diante da pressão racista (repito que não falo dos benfeitores da tua cerimônia, logicamente), dessas redes de gente acostumada aos livros, vários foram trancafiados para o repouso ou enviados para a baba em manicômios. Segregados, cuspidos, intelectuais pretos dos miolos sovados que nos sanatórios laceavam seus nós e que entre pancadas corretivas, comprimidos cavalares e cantos urinados encontravam mendigos alucinados que vagavam nos morros.

Depois da escravidão oficial, na sangria neocolonial pela África e pela Ásia, remodelando seus traquejos aqui no pedaço nomeado inicialmente por franceses como “América Latina”, também na ganância para a melhor gerência econômica e psicológica de cada quinhão, as altas classes até admitiram que não éramos mais “coisa”. Que sintonia! Assumiram que pela assimilação podíamos galgar degraus rumo à qualidade de ser humano, mesmo que por um ou outro comportamento impeditivo não fosse possível chegar ao patamar considerado ideal. Na escravidão oficial, deixávamos de ser coisa quando era cometido um delito como a tentativa de se matar o sinhô, o que configurava motivo para ser jogado ao calabouço, ao pelourinho ou às galés. Aí era imperioso entoar um contraditório estatuto de gente para que se garantisse a punição. Veja quanta ternura e consideração! Mantinham um resquício acessível de humanidade para as boas horas. Assim, seríamos um tipo humano um pouco mais para a banda animalizada. Uma trança entre corpo, máquina e mercadoria com alguns deslizes já tatuados nas células. Marcados por heresias lendárias e hábitos primitivos, com o corpo sujo e a mente boiando entre a parvoíce e a astúcia vingativa. Sem história que merecesse esse nome e com baixa capacidade de discernimento, abraçados por uma pegajosa condescendência que nos beliscava entre o desprezo, a piedade e a crueldade sofisticada. Até hoje, às vezes esparsa e indireta, mas noutras vezes rude e pontiaguda, paira em jornais e tribunais a noção que formamos matilhas e pombais, não comunidades de pessoas. Salvos pelas leis impostas por uma capacidade racionalista que nos conduziria por marretas ao progresso e ao tal desenvolvimento, em flagrante altruísmo e civilidade, compondo a grandeza do que se possa chamar oficialmente de universal, mesmo que de segunda mão, mas sempre autorizados a comer uns docinhos da bandeja, pois sim. É que, quase inversa, há outra fieira de argumentos, Mano Mariano. A que chancela que não somos autores de caminhadas capazes de dialogar com tradições políticas, estéticas e espirituais que destoem do previsível e recriá-las. Como vê, algo deveras coerente com a baixíssima criatividade que pretos demonstraram para a sobrevivência em terras tão gentis por mais de cinco séculos.

Com um cacho de disciplinas fincados na festa e na doação da liberdade, e com tantas rochas limosas apresentadas como amparos e portos na subida do rio caudaloso da cidadania, qual sujeito se cria dentro de si, Mariano? Quem se tece assim, coalhado de radares nas esquinas de dentro, com esses marcapassos

transparentes embotados no peito, tão antigos na história de cada escravizado quanto as fraldas? Oras, disso só podia render nossa imensa Força! A gente não tomba nunca, não é mesmo? Resistência é nosso terceiro nome e impressão digital! Vocação incontestável de peito maciço e costas de rocha! Médicos, pais, patrões, professores: todos sabem que no parto, na seca, com o joelho nos grãos de milho ou com unhas no pescoço aguentamos muito mais. É histórico! É inato! Diz para mim, me envia de volta bem selada a resposta com desenhos de giz de cera no envelope: o que entranhava e guiava o teu farejar de si mesmo? O que vinham como dedos na argila úmida de si e o que oferecia condições de tempo e de temperatura por dentro da cabeça, com esses megafones e chicotes tatuados no buraco de tuas orelhas desde que nasceu?

Ha quem chame de subjetividade essa casa ajardinada entre entulhos, a que reformamos a cada manhã. Então em quais flores colhemos pedregulhos? Se o convívio das contradições, a penetração do que também sai perfurado quando entra e ainda a negociação das fragilidades e das fortalezas são logo de partida um peso cambaio na balança, como pensarmos em comunicação? Em comungar intimidades e pedaços da retina… Em comunicar escutando, oferecendo as unhas e os afagos, pedindo para recordar que as unhas quebram e que os afagos não fragilizam. Em uma disposição para abrir a própria terra aos caules do mundo e também ao que é próprio de si e que se encontra afora da própria pele. Que cenário de indefinições se revigora nos escambos de ser gente e quais atos de vera entrega às sátiras e às picardias podem se abrir nesse fazer de mundo? Pícaro me pareceu você, pousando pronto para o deguste em um romance já esquematizado. Como se chegado pronto e sem bordas incompletas, contrário dos romances que testemunham invenções de si mesmo e apresentam os nós e as crescenças das caminhadas dos seus personagens. Pícaro, sim, mas ainda não sei se matreiro. Te ofendo? É que observo na festa dos generosos magnânimos um enredo em que tua presença já surge fechada, sem história antecedente, quase um mero tipo à espera de ser substituído por uma cortina. Apenas mais um escravo... e se em vez de Mariano tu fosse Avelino, Efigênio ou Isidoro, não faria diferença.

Perdão. Ando magoado, Mariano, é por isso que penso naquela tua presença festeira visto como apenas uma alegoria brilhante e insossa, pano que pegue fogo

espetacular ou que esteja à mão como guardanapo, mas manuseado pelo roteiro fechado, sem a história de teus giros além dos já previsíveis que se encaixassem no molde entalhado para o desfrute dos convivas. Sem a profusão de vertentes que habita em nossos movimentos de fazer mundo, os de inventar, os que se espreitam e que abundam ao fora-de-si. Como é que sem o risco da vertigem, substituída pelas flutuações de balãozinho seguro por rédeas, tu poderia compartilhar ali o que seja mais íntimo? Que Relação é essa? Após a distância precavida marcada e vestindo armaduras que defendem do desassossego, sem choques além dos já maquinados e almofadados na hierarquia da tabela de pesos do racismo, não há solidariedade que se engenhe, apenas falsária caridade. Desde o começo quis te dizer isso, mas não sei se seria bem chegado. Como você assumiu o nome de Gama, talvez eu até te idealize e te eleve a uma categoria que você também se estabana para não frequentar e à qual nem deseja ser acorrentado.

Penso a brecha e o tom naquela festa de notícia. Penso o instante de abertura que se dissipa, hora das relações que em seus vapores perfumam o caminho e oferecem tons de compreensão. Como haveria a troca elementar, a do mínimo diálogo que fenderia a muralha, para que você se iluminasse entre as lâminas das luas do mundo e participasse do drama como estilingue ou como lápis? Como integrar a roda? Como participar sem interdições da cerimônia? Aliás, você desejou a equivalência entre os patrões ou a vontade que te cobria era evitar o entrelace, ausentar-se, esvanecer e zarpar com o documento que te interessava de pronto? Quis ser letra forte desse roteiro e expor a fala de teu lugar? Matuto de cá se você se quis entre abolicionistas espelhado em Luiz Gama ou ilustrado pelo álbum de Joaquim Nabuco, aquele homem que se tornou o emblema máximo da libertação de escravos no livro de figurinhas dos ministérios por mais de um século, aquele que da Europa interpelou José Veríssimo, o crítico de literatura conceituado da época, para que apagasse no obituário de Machado de Assis o adjetivo “mulato”, depreciativo e humilhante, e colocasse “o grego”, como enfim fez constar na homenagem.

Mariano, o que seria possível em uma real troca e discernimento da inteireza de teu ser que não considerasse o teu cativeiro e os grilhões de todo um país, de toda uma história? Seriam suficientes 401 alforrias e indenizações por noite? Seria necessário que dividisse com mãos brancas o ato de carregar panelas, servir

bandejas e lavar colarinhos ou partilhar a vala anônima fedorenta como projeto de Estado, até que isso fosse comunhão e não um troco em mixaria de cartaz resplandecente? Seria digno que partilhassem terras, armazéns, contas bancárias e frotas… e assim se equilibraria o céu torto da aberração escravista? Que dívida impagável é essa e o que poderia insistir em liquidá-la, torná-la escoadouro afora sem redemoinhos ou pedreiras além das que embargam nossas próprias artérias? Que Relação é possível e que águas compostas podem existir que não considerem a origem e o cotidiano de fluxos cristalinos tornados bueiros, pingados na gamela de um esgoto que se apresenta como pura mina?

Te imagino pensando se contracenou feito um bobo da corte, mudo e sem graça, ou se reluziu como uma ficha de cassino. Talvez decidiu encarnar o leão desdentado e manso que chicoteado aprende a rugir e a agradecer pelancas e ossos. Cogito sobre o papel que atribuiu a você mesmo na louvação dessa Relação, ainda tão à feição da salvação ensinada pelos jesuítas e que desconsidera as histórias que constroem e organizam o que a gente nomeia como realidade. Se você encarava ou se de soslaio bebia do filtro daqueles sorrisos e selecionava em prazer secreto o teatro onde era tu mesmo o cartaz e a bilheteria. Mariano, como qualificava essa companhia, esse grêmio cênico que premia os coadjuvantes que engolem o protagonista (o “diverso de si mesmos”) tantas vezes sem mastigar, até que pudessem se surpreender consigo mesmos e com a fiação infinita desse real, mexido maliciosamente por tuas ideias contidas? Como receberiam em uma profunda Relação tuas excreções e teu gozo ardendo nas orelhas e nos doces? Te vejo até milimetricamente pensando como frutificar algo digno de um ser aberto, vivo e criativo, bulindo entre a hipocrisia e a bomba de sucção que plantavam em ti. E cogito como se mantém a força que garante a esquiva às marteladas alheias da definição de si mesmo e às bateladas sutis que já são tachadas até antes de qualquer real encontro. Penso no murcho porém letal dessa Relação apresentada como arquipélago de belo feitio, como sortidão de ilhas abertas ao mundo, propícias ao movimento largo e constante das jangadas imprevistas da Relação com o mar aberto, mas que se demonstram embocadas por um lago parado. Ilhas em aquário propagando campanhas de mar aberto.

Luiz Gama foi traquino também. Mas sério e até grave se as antenas tinindo dissessem que era hora. Então você pode ter sido um sátiro, um burlesco diabo coxo

em pleno altar da gratidão. Talvez romântico, abrigado na confusão de mel, amorado e comovido desaguando no momento da coroação, mas lâmina de uma passada só. Fio traçando fino vermelho. Pois desde que li a notícia da celebração de tua alforria te pensei também como o ás da afronta elegante, o pé da rasteira mais leve e acachapante. O que no único instante de participação medida e consentida quebrou o equilíbrio do baile, escolhendo para o próprio nome o nome de quem fazia tremer toda a malha de fazendeiros escravistas e ruminar de ódio os condoídos barões de última hora, exigidos pela sociedade a se posicionar dignamente, o que disfarçaram fazer quando o caminho já estava desenlameado. Tive o teu movimento como o tapa de luva de pelica. O sutil que em uma gota infecta o tacho e proporciona a diarreia, essa água maldita, mas que no festejo se pintou como agradecido e beijador de mão. Mariano, então Mariano Gama, que configurou enfim um instantezinho de presença e deixou a fissura mais duradoura. Foi assim que eu contava tua façanha e tua malícia de flecheiro, portador de um só prego fino, de uma única agulha, tornada seta certeira no arremate.

Pois me vieram os dias e contemplei nas esquinas e vagões como os seres humanos remodelam os abrigos mais peçonhentos e os tornam ninhos perfumados. Então pensei se você teria também se remoído de medo, temendo que voltassem atrás sobre a alforria ainda durante o jantar, em uma silenciosa lição que não fosse propagada, em uma decisão que mentisse a causa da reversão e que concedesse a liberdade para outro escravo mais terno e idealmente grato. Mas ainda mais longe concebi que a encenação poderia ter muitos poros e atenderia inclusive ao sorriso encenado dos distintos ao te ouvirem decidir pelo sobrenome de Gama. Assim talvez até eles mesmos pudessem ter pingado um sorriso manhoso e, como sem intenção, arribado essa chancela que lhes daria ares mais condescendentes e a fama de aliados indignados com o destrato aos homens de cor. Talvez por essa artimanha contassem com mais favores da turma abolicionista e mais flertes com quem abraçou a onda das flores e dos votos exigindo o fim da escravidão, afligindo-se apenas com as balas e incêndios em seus paióis e cartórios. Talvez contigo tenham mastigado azedo e escarrado facas. Ou será que adoçaram o duro e o derreteram? É uma simetria móvel de uma possível Relação e suas frestas. Se louvamos nossa habilidade em detectá-las, esgarçá-las e tirar proveito delas, não há possível também

ali a verve de camaleão na maestria baronesa em manter apenas as gretas e maquiá-las?

**Reflexo, Águas que se esgueiram e Profusão de claridade**

Por teu proceder escolhendo novo sobrenome, notei que não havia nenhuma ânsia de embranquecer, aquilo que Luiz Gama ressaltava naqueles chamados de “bodes”, os envergonhados de quem ele zombava, mulatos de pele menos pigmentada que tentavam disfarçar alguma alvura. Não havia então, no movimento de tuas águas ao sobrenomear tua vida e exercer literalmente a autonomia, nenhuma sanha pela sublimação que evaporasse uma negrice envergonhada, nenhum filtro com algum estratégico esquecimento purificador na nova assinatura e nenhuma diluição pretensamente vagarosa e passiva. Ao contrário, evocando o nome de Gama você deixava nítido o gosto pela contundência na escolha de um caminho de libertação, a querença da fluência de uma enxurrada. E, principalmente, a regeneração das águas límpidas que lavam e brotam. Imagino tua escuta aos versos de Luiz Gama para a lindeza da Musa de Azeviche que ele poetizou, merecedora da melodia da marimba. Imagino tua coluna se alinhando, tocado pelo vasto legado da defesa altiva pelos direitos e aspirações dos pretos. Presumo alguns caminhos de teus sonhos, noticiado dos passos de Luiz pelo mundo, espraiado entre várias camadas sociais de São Paulo e do Brasil, afinando a habilidade da voz decisiva em recintos como a Maçonaria ou os tribunais onde ele era temido e admirado. Vencendo a perseguição de ser preto na Bahia, de ser criança oferecida como paga de dívida pelo próprio pai, peça que não conseguia ser vendida por ser de terra de insurgente. Trancafiado até aprender a ler com dezoito anos, após fascinar um estudante hospedado na casa de seu “dono”. Te imagino ouvindo sobre Luiz na São Paulo que o tripudiava e constantemente impunha para sua negritude um “defeito”, um “vício imperdoável de origem”, real “estigma de um crime” que propriamente sustentava baronatos, como ele escreveu flamejante. Penso em ti nos magmas do verso de Luiz, da mesma pele preta por onde irrompiam vulcões. E suponho como você reconheceu no teu espelho d’água esses passos e entendeu essas caldas que te limpassem e te regenerassem em batismo. Penso que essa hiperconsciência de ser negro,

escancarada que tanto adoece e sempre a recordar quem és tu dentre o mapa e as escadas da província.

Gama foi estopim e foi desate de represa. Tal palavra foi para ti o jorro de um novo nome que emenda novo destino, como foi o letramento para Luiz, desde a virada da sua alfabetização abrindo uma caminhada fascinante até se tornar um leitor voraz, advogado, abolicionista, jurista e orador. Ex-escravo revirado em um intelectual pelejador, protagonista de tantas defesas de escravizados que assumiu em tribunais. Observando e alargando os poros da cidade e das fronteiras amuralhadas de seu pensamento. Colhendo fundamentos para a burla de seus versos e das edições d'*"O Diabo Coxo"*, clássico do jornalismo brasileiro também pela sofisticação e inventividade na linguagem, puxada pelo cartunista Angelo Agostini, com quem dividia o leme da publicação antes mesmo dos muitos convites para escrever em vários tipos de imprensa, como os jornais da mídia liberal, republicana e até mesmo da imprensa oficial da corte sediada no Rio de Janeiro.

Mariano, em 1871, ano da Lei do Ventre Livre e um ano antes da festa de tua alforria, te imagino sabendo que Luiz Gama abalava casarios, redações, fóruns e gabinetes ao escrever um notório editorial entusiasmado sobre as insurreições negras tão temidas e declarar a grandeza elementar da legítima defesa, a justiça da resistência de um escravizado, que Luiz afirmou ser uma virtude cívica. Não sei se você soube que ele nunca escreveu o nome do pai, mas que informou ser filho de um membro de família fidalga portuguesa estabelecido no Brasil. Aliás, depois, quem pesquisou nunca encontrou a certidão de batismo que ele indicou estar nos registros da Igreja Matriz de Itaparica. Luiz Gama também pode ter reinventado o próprio nome, regenerando com as águas da saliva e das tintas e umedecendo a renascença com as palavras, rebatizando a si mesmo em uma terra que insistia que pretos fossem pouco mais do que coisas falhas e viciosas. Te pressuponho acompanhando o republicano que apontava as muitas mazelas do regime imperial em uma São Paulo pequena, mas de grande fermentação intelectual e debates sobre a tal nação brasileira. Lugar de letrados e de uma das duas academias de direito do país, cidade com proeminente cultura jurídica onde Luiz Gama despontou liderando uma rede, ativo em um momento dramático de duas fortes instituições: o escravismo e a monarquia. Sua rede de abolicionistas negros era ativa e trazia uma respeitável organização. Eram dramaturgos, jornalistas, professores e juristas disputando

espaços políticos. Indesejados frequentando inúmeros lugares considerados exclusivos da “elite”, despontando as cordas tão esgarçadas quanto maciças de uma sociedade fundada na escravidão e estruturada em termos raciais. Esses eram os amigos íntimos de Gama. Quem seriam teus companheiros mais próximos, Mariano?

Será que você, pelos chafarizes, corredores de avarandados ou entre as rezas dos terços, ouviu que Luiz Gama trabalhou com o Conselheiro Furtado de Mendonça, homem de cargos elevados na polícia, na escola de direito e ainda diretor da biblioteca da casa? Será que te diziam em porões e hortas, com orgulho na face, que Luiz era rábula tinhoso, proibido de cursar a faculdade de Direito mas que lendo as páginas e a realidade tornou-se mandingueiro centroavante no jogo do Direito e da Justiça, que ele sempre dizia não serem a mesma coisa. Ê Luiz constando nos salões apinhados de brancos proprietários, chegando carregado nos ombros que o levavam mesmo muito doente para as porfias nos fóruns. Será que você se encheu de ânimo e se prometeu novo nome quando Luiz ressuscitou um decreto do antigo novembro de 1831, lei que já declarava livre todo africano encontrado em território nacional, e que com seu grupo de advogados ressaltava essa cobrança da cidadania que já seria garantida desde a constituição de 1824? Que deboche da história: Luiz considerado um revolucionário simplesmente porque pleiteava que a lei fosse cumprida…

Mariano Gama, será que você brindou teu nome ou orou clamando saúde para o homem sapiente que aproveitou as nuances da lei e se tornou um chamado “advogado provisional”, função permitida na época desde que se provasse conhecimento da área em regiões com necessidade desse ofício? Será que você vibrava com mais camaradas ao acompanharem as causas, cujas raríssimas ele perdeu exercendo centenas de defesas gratuitas? Você e os malungos sabiam e até gozavam com os causos e as anedotas que contavam que ele, lapidado pela letra e pelo conhecimento, teria provado a própria condição de ser nascido livre e reconquistara judicialmente sua liberdade? E que dali em diante demonstrou sagacidade para transitar nos tribunais dominando por dentro o Direito Romano e afrontando sua chamada Jus Naturalista, muito forte na época e que afirmava uma suposta justiça do escravismo pela dita inferioridade inata do ser escravizado, com Luiz encontrando chaves abolicionistas na teoria liberal do Direito, de fonte iluminista e ‘universalista’. E que assim, operando pelos fóruns paulistas da capital e do interior,

conseguiu advogar a alforria de mais de quinhentos escravizados e por isso foi odiado e por várias vezes passou risco eminente de assassinato. Será que conversavam admirados que Luiz Gama foi primeiramente do Partido Liberal, depois um liberal radical e mais tarde integrou o Partido Republicano, que chegou a se coalhar de escravocratas, quando já passara a ser apenas mais um grupo sem afinada distinção ideológica? Onde será que já liberto você soube do discurso enérgico de Luiz Gama na famosa Convenção de Itu em 1873, quando ele bradou a indignação em dividir aquele espaço com oportunistas que enfim se opunham à monarquia? Onde você estaria quando soube que ele se retirou da notória convenção pela hipócrita presença daqueles fazendeiros ricaços, que orquestraram desde antes e até depois da morte de Luiz a transição política mais tranquila para suas posses e camisolões não se rasgarem?

Enfim, como será que faiscou em ti a ideia de colocar o nome de Luiz? Como irrompeu essa torrente? Teria sido com peito retumbante ao saber que Luiz era maçom de uma loja chamada América, tida como progressista e nomeada assim porque ele, frequentador de ambientes de pompa deslumbrada perante as ideias e tradições europeias, considerava como um oriente para questões brasis e pioneiras as liberdades em luta nos Estados Unidos da América, inflamadas na Guerra de Secessão de lá? Ou com gana e louvor você se imaginou assistindo às aulas e classes clandestinas e decidiu implantar em si o sobrenome de Luiz, ao saber que ele propôs a criação de cursos noturnos e a arrecadação e dotação de fundos para esses estudos? Com tudo isso, como você observaria os salvadores compradores de tua liberdade? Será que decorou o poema clássico “Quem sou eu?”, aquele conhecido como a Bodarrada? Tu sabes, ali Luiz ironiza a pureza racial da elite brasileira ao mesmo tempo que não oferece agrados e nem se devota à mestiçagem brasileira como algo idílico, harmonioso ou bravio que compusesse uma nação diferenciada. O poema passava longe de ser mote à ideologia que depois tanto frisou que as oportunidades sempre seriam as mesmas para qualquer pessoa no país.

Mas se o Brasil foi o último país a oficialmente abolir a escravidão, já era também no começo do século 19 o país com a maior população negra livre do mundo. Em 1872, ano de tua alforria, para cada dez pessoas pretas de São Paulo, seis eram livres ou libertas. Nos territórios pretos da capital paulista se aboletavam os cantos e

as rodas, os botequins e porões, as casas de angu, chafarizes, lojinhas de ervas, cavalariças a se limpar, porteiras e algumas encruzilheiras, pontos escolhidos por sua confluência de forças em uma geografia cabreira que ainda permitisse debandadas e confundisse perseguidores. O que fosse território mais homogêneo, que tinha mais liga no interior das roças e tratos familiares, ampliava-se para o sortido da capital aonde chegavam e de onde ainda mais partiam pessoas, com seus calos e bolhas arranhando muitas estradas afora. E um corpo preto no leque do ambiente urbano na capital já se bateria com diferenças de comportamento, de linguagem e com as variações consideráveis na circulação de materiais e de ideias. Lugar de gente visível oferecendo trabalhos pelas ruas por onde também se esgueiravam e sumiam, festando e brigando, tramando e barulhando em seus encontros acesos, mas ainda sob a regência de valores e condições sociais que tentavam não os deixar despercebidos em uma avassaladora configuração racista.

Sobre as posturas e os acordos entre pretos, eram muitas as tentativas de harmonia, as uniões frutíferas conseguidas, as dissidências e desavenças fatais, os empurrões para abismos e também as alegrias vindas do rescaldo de rivalidades, rixas resolvidas que até se tornavam braçadas conjuntas de um nado sincronizado. Dada a complexidade das relações desde as razias no continente africano e também pelos arranjos nas colônias americanas que se incutiram em nossos próprios medos, responsabilidades, anseios e cansaços, podemos considerar normais tantos conflitos, sim? Somos pessoas, labirintos, água que nasce na pedra. Contraditórias ou mesmo contrapostas, vogaram alternativas construindo os lugares pisados sob a verga da escravidão e também na luta pelo passo livre, dentro de fronteiras de municípios, províncias e países ao mesmo tempo em que a negrada observava-se como integrantes de um espaço que abrange mais do que as fronteiras ratificadas por Estados nacionais. Diáspora, Mariano Gama?

Nesse grande balaio, há tanto os limites rígidos, algumas formas fixas e potências dos discursos afrocentrados e do nacionalismo negro, baseadas no enfrentamento direto dos pilares realmente maciços do racismo, quanto a eficácia e também as fragilidades e esgarçamentos do que parece ser o seu oposto, que é o discurso que atribui a uma fluidez e pluralidade a maior valoração que as culturas e presenças negras possam apresentar para se inserirem nos âmbitos de poder e

influenciarem os ambientes em que vivem a opressão. É um caldeirão espaçoso, Mariano, esse em que cozinhamos e queremos ser o fogo, o mocotó e a concha. Por um lado, volta-se recorrentemente para exclamações convictas da possibilidade de o sujeito preto realizar uma completa identificação a uma suposta vida africana "tradicional", um passado tantas vezes mais urdido pelas suas próprias doutrinas do que realmente acontecido, portador de uma "ancestralidade" quase intocada e idealizada em conformidade às ideologias puritanas da "autenticidade", tentando praticá-la em meios tão distintos e adversos. Por outro lado, há a prática e o discurso caracterizados como um elogio propício ao multicultural, com um protagonismo diluído na modernidade e nas épocas contemporâneas, descentrado de uma ideia fixa de negritude e esquivo à anunciação contundente de uma diferença negra, que no máximo seria ativada expondo seus elementos quando se garantissem alguns ganhos que facilmente se encaixam em tábuas rasas ou que se ofuscam por outros elementos que lhe roubariam a cena, e por vezes até mesmo oscilam entre usar a chancela do exotismo ou assumir estereótipos a seu favor, com uma esperteza constrangida e brevemente descartada conforme os sabores, filtros e ventos mercantis da ocasião.

Mariano, penso em teus radares, teus movimentos maliciosos e temerosos e me concentro nas redes de Luiz Gama. Cismo com o caldo deste impasse entre uma identidade restrita e uma diferença mal orquestrada. Cismo com essa calha por onde desemboca uma dualidade pintada como inescapável. Assim impregnada, paira uma resignação a um descascamento constante de si mesmo, rumo a um futuro tido como de libertação. Esses limites e esse dilema efusivo giram em torno de uma mutilação que também se espelha, inversamente, na castração que a Branquitude propôs também para si quando elegeu uma determinada forma de razão como guia e procedimento, esforçando-se para excluir de suas pegadas e do seu time o que sendo considerado menos "humano", não coubesse nesse tacho, empurrado e colado então às figuras dos pretos e dos povos originários das Américas. Aceitar essa outra dualidade, sequela do que a Branquitude elaborou para si, carimba nas pessoas negras uma própria noção de si mesmas tão contraída que diminui a amplitude do espelho, entre molduras que tendem a minguar as possibilidades de reflexo e de direção.

Além disso, para complicar ou deslindar, Mbembe vem e desnuda a fraqueza de qualquer pensamento político preto que desconsidere as cordas do capital graúdo no trato com as instâncias governamentais, em relações baseadas há tempos na supremacia da branquitude que rendem lucros sobre vexames e desesperos enfileirados na favela daqui e de qualquer canto. Ele lamenta os questionamentos que parecem não mais atrelar às suas leituras potentes e minuciosas da arquitetura racista a velha questão de classe. Alerta para o equívoco em pensarmos que o fato real de meramente ocupar uma determinada situação oprimida e violentada no campo social, mesmo que flutuante, negociada ou entrecruzada por outras marcas sociais, ofereceria por si mesma a elaboração lúcida a respeito do funcionamento dessas engrenagens psicológicas, econômicas e políticas do sistema e de nosso enquadramento pobre e precarizado nelas. Essa postulação de uma consciência quase natural que emergeria da desgraça ou dos apertos das algemas que nos incham pulsos e dedos; esse prisma que atribui aos vampirizados, marginalizados ou chutados por tal sistema a formação espontânea ou complexa de uma minuciosa autoconsciência de seus próprios posicionamentos e de seus papéis nos jogos regionais e nos tabuleiros globais do poder, não deixa de ser populista e idealista, aliás chega a acariciar nossas emoções, mas atrasa nosso passo. Mantém um espírito de tutela e atribui seus resíduos de esperança a alguma sonhada reviravolta básica iluminada apenas pela experiência em si dos povos desfavorecidos ou, melhor dizendo, espoliados e escorraçados que aqui sabemos são de imensa maioria de pretos. Pois é, Mariano Gama, ninguém precisa aportar aqui para professar o que é pobreza e nenhum professor francês te ensinaria o que é o escravismo nas tuas juntas, mas a precariedade cotidiana e o racismo voraz não ensinam por si o que são as engrenagens intrincadas e oportunistas de um sistema que começou sua moenda racializando suas vigas e segue se aproveitando disso mundialmente, inclusive reciclando seus modos de extração.

Certamente, daqui do cotidiano à beira do córrego farejando o miserê, o ódio e a solidariedade que ainda nos agracia, podemos ter certeiros entendimentos do que sentimos cotidianamente no olfato, no ronco do estômago ou nas têmporas sobre a Relação pessoal direta com as forças econômicas e mentais da cidade, mas essa vivência por si não nos assegura necessariamente a percepção das várias vigas, minúcias e armadilhas do sistema, nem de nossos papéis no campo ancho das

conjunturas que garantem o sub-emprego, a escola pública em ruínas, as penitenciárias abarrotadas e o hospital que mal opera vexames. Penso nos calos de Luiz Gama, mas também em seu apetite, sua formação e os arranjos de sua caminhada. E em Harriet Tubman, nascida nos Estados Unidos trinta anos de ti, escravizada que se libertou e foi grande líder de redes abolicionistas de fugas e abrigos. Ela disse: “Libertei mil escravos. Poderia ter libertado outros mil se eles soubessem que eram escravos”.

Ainda destrinçando o que se colhe de Mbembe, nota-se bem uma outra proposição no cesto sortido dos movimentos negros, Mariano. Ele ressalta como cada vez mais se centram discursos e perspectivas de lutas como absolutas questões de representatividade e de linguagem; como se a ocupação de alguns lugares, incluindo os estrategicamente permitidos pelos barões na mesa dos doces, revirasse a estrutura da casa, desde as funções da limpeza no banheiro até a distribuição das migalhas dispensadas pela cozinha ou o exposto nas vidraças e fachadas. Penso como foram praticadas aí a Transparência e a Opacidade, ideias que Edouard Glissant, nascido na Martinica e criado em intimidade com a cultura francesa e a sensibilidade antilhana, deslindou sobre as lógicas de poder, comunicação e linguagem entre escravistas e escravizados.

A Transparência desejaria pela ordem autoritária dispor tudo claramente para poder vigiar e legitimar suas regras, balizada em uma ideia de conhecimento e de poder própria da observação total e controlada de estatísticas, probabilidades e do que voga entre a racionalidade fria e a manipulação da efervescência da comoção, orquestrando libido e economia. Esse engenho também comportaria uma previsão do futuro a se compor, reger e esquadrinhar. O afã pela cumbuca larga de uma realidade medida com a maior exatidão e clareza possíveis, que primaria pelo clamor ao absolutamente visível e registrável, até chegou a englobar os próprios vexames e expor os próprios desmandos senhoriais, mas não se tolheu com seus aspectos e impulsos irracionais, pois não se constrangeu em expor castigos vis que mesclavam prazeres psíquicos com o viés moralista das pancadas que deveriam servir como exemplo e anestesia às insurgências. Isso tudo por si nunca foi uma realidade absoluta já que o terror das cacetadas e homicídios também fomentava mais fugas, envenenamentos, revoltas e quilombos. Memórias pedagógicas de patrões descreviam e publicavam abertamente casos como os das brigas promovidas entre

escravizados mais fortes que se esmurrariam até se esfacelar e tombar ou ainda punições como a de senhores que enchiam as bocas de cativos com fezes de seus filhos e funcionários, bocas que ficavam assim vedadas por horas ou dias. Esse princípio regulatório da visibilidade e da transparência seria um fundamento das cartilhas da época, orientando a governança ou a concepção de tempo e de lugar a serem vigiados e conquistados. Eis um dos arrimos do primado da exposição e da clareza no domínio do prazer e das linguagens da violência. Águas sempre claras.

Já a Opacidade, praticada em sobrevivência e na adaptação à terra hostil pelos povos pretos, dando linha a fundamentos milenares de lógicas e compreensões de mundo que não visavam esgotar nem aniquilar o que não fosse nitidamente visível ou inteligível, por necessidade e gosto contaminaria a luminosidade do espetáculo com jogos de sombras, desaparecimentos, artes das adivinhas, ambiguidades e meneios que tanto atraíam quanto iludiam a captura e a repressão, utilizando o recurso de confundir a nitidez e a claridade para ludibriar e sumir mesmo estando presente. Em princípios e estado de Opacidade, há a presença pulsante do que se faz ausente, do que se trama no subterrâneo ou nas sombras, como a vingança ou a abertura de caminhos limpos desviando da nojeira do domínio de quem tudo quer expor. Cismo que isso vem de longe, de sistemas de pensamento e de viver que sorriem para o inacabado e para o que não se exaure buscando ressecar os enigmas e extirpar o duvidoso. Como as Águas que por vezes se fazem turvas ou as vistas que não desgraçam a condição do que flui.

Porém, é fascinante a dinâmica da história, Mariano. Girando, atraindo e supostamente contemplando o gosto de mostrar (gosto real como o seu oposto, o agrado em esconder) fez até com que uma pauta marcante de movimentos negros pela vida daqui de minha época viesse a ser, muitas vezes, absolutamente a reivindicação de mais visibilidade e representatividade em espaços de poder e de entretenimento. Isso também é uma continuidade diante de movimentos emancipatórios e de lutas por direitos que nasceram dentro de sociedades tidas como democracias liberais. Estas oferecem e regram seus típicos engenhos de combate. As mesmas instâncias ditas democráticas que não contemplam promessas e pilares de seus discursos, principalmente em relação ao povo preto excluído do que seriam os bens desse sistema, adaptam-se para desqualificar, ratificar ou assimilar em seu seio o que surja como perigoso. Hoje, Mariano, daqui de 2021 a extrema visibilidade,

supostamente contemplando a ausência de representatividade em âmbitos de poder, torna-se um valor supremo gotejando ou bombardeando recompensas psicológicas aos viventes cada mais alijados do próprio Estado de bem-estar social que desmorona.

Aprendi também com Mbembe que, em minha época, movimentos e análises perspicazes que demonstraram a insuficiência de pensar as sociedades apenas considerando suas questões econômicas e de classe, parecem ter dado vazante a reflexões que praticamente destituem a consideração aos papéis das grandes máquinas de moer giradas pelos financistas e empresários multinacionais, entranhados no Estado e com suas batutas patrimoniais compondo, impregnando e remexendo as próprias orquestras governamentais (mas já até possivelmente ultrapassando os limites e antigas funções destas como, por exemplo, no uso particular e miliciano da força com mercenários e brigadistas jagunçando e estabelecendo territórios privados, superando fronteiras nacionais mundo afora). Cá nesta época tão ancorada na produção incessante e distribuição alastrada de imagens de si mesmo, as ideias focalizadas em representatividade e linguagem seguem capitais no que tange principalmente a ganhos no plano psicológico dos estímulos e da libido. Presenciamos como imagens de dito empoderamento são penhoradas no varal das recompensas, funcionando também como indenizações que amenizam pelo menos psicologicamente a mordida de alguns dentes pontudos da bocarra histórica e diária do racismo. Isso lembra, a seu modo e considerando limites, aquilo que Du Bois dizia do salário ideológico recebido por brancos pés-rapados que, imersos em uma sociedade racializada antinegra, mesmo convivendo com a miséria poderiam se sentir psicologicamente ressarcidos.

(Te cito os nomes e provocações desses pensadores como cito jardins, ventos praieiros, compositores, parentes, festas, cozinhas e temporadas, pois são mananciais e referências de horizontes e de costuras para os dias. Passear em suas ponderações é experiência e vivência como pisar em chapadas e vielas, como o que se comunica entre pessoas que indicam adubos, pousos e pratos, como chupar mangas e comparar o sabor de cada uma e o jeito de escalar cada mangueira.)

Cismo se planos centrados em imagens de representatividade, mesmo quando anunciados como projetos futuros e de revirada, tendem a se esgotar nas

poucas mas gritantes moedas simbólicas de um câmbio controlado, Mariano. Vogam insuficientes e distantes da imensa maioria absoluta do povo que se vê representado e já são há tempos também joguetes de vitrine, assimilados e transformados facilmente em lucro ou anestesia pelos manda-chuvas que tendem a aparar ou esvaziar sentidos de movimentos como os que Luiz Gama traçou em conjunto na sua época paulistana, mesmo que utilizem a sua face em cartazes e programas, buscando manipular com astúcia as emoções aí despertadas. Veja que essa ciranda, apesar das diferenças angariadas nas mudanças dos séculos, parece que ainda traz muitas das mesmas brasas em que Luiz Gama e você já queimaram os pés e entortaram os passos. Daqui, entre os pés de arruda e alecrim, entre os barracos miseráveis e a alegria da criançada esfiapada ao redor de meu quintalzinho à beira-córrego na periferia de São Paulo, protegendo da gataria os filhotes de passarão caídos dos altos ninhos e compreendendo os fascinantes instintos felinos busco a apreciação desses movimentos de pensamento também refletindo sobre suas lacunas, para além do verdejante entusiasmo garantido na raiva, na frustração ou nos estímulos da contenteza. Cismo com o fundamental que é também insuficiente.

**Águas de regenerar, águas de se espraiar**

As estampas gravadas no osso desses chamados tempos modernos, se admitíssemos uma linearidade que se projeta sempre para adiante da história do Ocidente, como essa própria modernidade mesma se embandeira, já não estariam estaladas na canga preta desde sua fundação, Mariano? Veja o que se propagou como marcas desta era, consideradas próprias do que acometeu as populações brancas que geralmente são o termômetro e o índice geral de humanidade, centro das contações oficiais da história, mesmo que em suas chamadas vanguardas políticas ou artísticas: a sensação de deslocamento, como o do transbordamento forçado a alturas insuportáveis e da água retirada de seu curso; a noção de uma existência absolutamente vulnerável e descartável, como a secura do bagaço do escravizado substituído incessantemente pelo tráfico; o alheamento, como o filete d’água descarrilhado de sua calha natural para uma superfície de plástico ou o cubo de gelo redondo enfiado na forma quadrada; a fluidez direcionada a contragosto para uma alienação na relação entre o trabalho, a existência e o próprio usufruto desse

trabalho, como a da água que duvida dos porquês de sua liquidez e segue girando no moinho adverso à sua elevação e queda; a incompreensão desesperadora do esvair da própria vida, feito a água do mar entre os dedos, mesclada ao nítido entendimento da monstruosidade que arrebata os dias, feito a certeza do afogado. Absorvido um mal-estar na esponja de ser pessoa e uma percepção da distância entre o eu e seus próprios movimentos perante as altas instâncias decisórias da sociedade, as mesmas que propagam a grandeza do poder de decisão individual, eis que o aquário rachado da cabeça não para de receber o jato de alguma mangueira exigindo atividade e produção, reprovando a pausa que também compõe o que seja movimento.

Pois, Mariano, gente preta não prenunciou e se entranhou desde o princípio dessa ordem como força motriz e veio daí a trinca que destrói pelo banzo? Cada ponto desses que firmaram como marca de modernidade sabemos ter sido faísca destrinchada e incêndio nas solas e na garganta de pessoas negras em territórios declaradamente hostis. Sinto que a escolha do sobrenome de Gama, novo em ti, convocou a regeneração que possibilita novamente refrescar, evaporar, perfumar e nutrir sentidos que recomponham o que se sentiu devastado.

Regenerar-se para romper o represamento que faz cativeiro do rio que transborda, pois nessa cartografia de um mundo que arrebenta e que pretende impor a ideia de Tempo como fluxo ininterrupto de momentos passageiros também ocorre a vontade da tomada de si mesmo e a concepção de se fazer uma pessoa construída com autonomia através das maneiras mais duras e dos contextos que mais fragmentam, como foi contigo. Te imagino engatado nessas formas de entendimento de si e concebendo o próprio respiro, comendo a dúvida e a gana diárias ao se perceber exigindo a própria emancipação. Penso no teu medo e na tua confiança para exercer a destreza de começar a desembaraçar o mínimo do enrosco e compor um espelho que fosse farol potente e travesseiro macio. Como será que decidiu que essa era uma tarefa possível diante de tantas cascas pontiagudas enfiadas nos calcanhares? Você criou e seguiu a regra de se limpar para desanuviar e de se purificar para pisar decidido e empreender decisões. Você vislumbrou a chance de vitória individual e o ato radical do sobrenome de Gama também significava ardentemente a inserção em uma comunidade que era esperança e dignidade. Com

a reabilitação do destino, você direcionava teu rio de vez a uma bacia hidrográfica que alimentou o teu ato consciente de desmontar e mesmo desmantelar as máquinas também invisíveis que maceravam a força vital.

Renascimento, limpidez e força. Identificar com o frescor dos inícios as potências do próprio movimento no espaço, instaurando um tempo que reencontra seus cursos onde a poluição ainda não grassa. Recriar e remodelar o que te faz e o que te contém. Renascer e recuperar a concha e o cálice para que mereçam o melhor feijão e o mais digno vinho, fazer valer a cuia e a gamela por sua presença essencial nutritiva, devolver o propósito à panela que cozinha o alimento e à cuia que o fumega e deliciosamente transborda. Assim como felicitar o corpo que banha e recomeça é felicitar a água que o abençoa. Harmonia. Com o nome de Gama, além da postura de afrontamento, você chamou também o sereno da água que desembaça e acolhe, sabedor das caldas da cachoeira que batiza, ali onde se restabelece o ímpeto. Lavou com o nome e depurou o próprio caminho do barco que não mais esbarrasse em cadáveres boiando nem dentro de si. Ofereceu remanso após o rebuliço do rodamoinho para a jangada que acolhe viajantes e pode levemente balançar e singrar após enfrentar as reviravoltas. Em água nova a flutuação calma, boiando no azul que ensina dimensões íntimas como a claridade dos entendimentos.

Com o nome que é nova gota doce na garganta também se recupera o ímpeto e se recomeça a disposição para a luta. Tratado o cansaço, resolvido o maculado, arrematado o sujo que escorre pelo ralo, a arrancada abre caminhos já liberta dos pesos da suspeição e das gosmas lambrecadas na pele. Assim revivem-se tradições que não morreram, mas além de rejuvenescê-las também há o desafio renovado ao que permanece. Como você teria sentido essa integração que reiniciava uma caminhada maior e mesmo anterior a ti, Mariano Gama? Percebeu-se alinhando teu passo a um percurso como fosse a primeira pisada pela manhã em uma vereda já havia muitas épocas cultivada?

Será que você pinçou que em tua trama o novo nome, feito água de batismo, poderia começar a limpar o passo até o arraial e a província tanto quanto lavar a si mesmo? Com a gota retumbante do nome de Gama incorporada a ti, será que pretendia desencardir também o próprio salão da festa da alforria, lavar a desfaçatez, recompor e talvez até dilatar canais entupidos de uma sociedade inteira? Como as

histórias da fonte que nasce de um raio, no átimo de teu ato você teria desejado iluminar e enverdecer aquelas gargantas impregnadas de morte? Houve em ti até alguma esperança de refazer o extenuante modo da vida orquestrado pela Branquitude do salão, livrando-a de crostas asquerosas e por consequência despoluir a calha onde fluíam você e Luiz?

Sendo Luiz Gama a bença no chamado real de tua cabeça, pondero sobre a força presente em tua língua ao proferir o nome purificador. Te imagino sentindo-se como os olhos gotejados de água benta após presenciar o terrível. É por isso que uma mínima aspersão garantida pela força da mão mais velha, pelos dedos do mestre ou conduzida pela inocência infantil pode ser mais poderosa que o próprio banho torrencial que escalda. Ínfima, pingando em um grande volume, como a palavra miúda que decifra imensos segredos, como a lagoinha na palma da mão que representa todo o domínio conhecido de uma questão, como a água da xícara de benzer que representa todo um universo. Assim se firma o ancestral que guia a habilidade da destilação, para que em uma gota sutil caiba o mar arrebatador e então o benzimento traga a vastidão do mergulho. O borrifo torna-se uma onda gelada no peito, chuva que lava a alma. Na matéria espírito, na ideia carnosa de um nome que regenera, cabe toda uma família e uma comunidade abarcada, assim como vice-versa sentimos que um pingo impuro contamina todo um tacho e passagens de memórias imundas alcançam e chafurdam linhagens em antigos tempos espirais. Se um nome que é um fardo pode conservar a coluna vergada pelo peso que agoniza os infelizes, ele permanece em nossa garganta e em nosso espelho feito água suja entalada que carece da higiene primeira, a que dentro brilha como o orvalho de um novo dia na ponta de uma folha de roseira.

Outro filósofo camaronês de nascença, Célestin Monga, escreveu sobre uma certa ética africana contemporânea que percebemos presente também em muitos cantos onde tenha se instalado gente preta pelas Américas, Mariano. Com bases ancestrais mas impulsionada pelas condições coloniais, seria uma ética que tenta fazer da vida uma obra de arte e que não desqualifica o desejo, a volúpia e a carne por serem berços, pontes e arremates de encontros e prazeres, desdenhando do que se julga superior por ser abstrato e proclamar um tom superior idealista. Essa forma que Monga apresenta é niilista, não se submete cegamente a um determinado código moral tido como elevado, sendo também uma escolha pessoal estética e filosófica.

Distante da máxima comum que conceitua o niilismo como “acreditar em nada”, a obra de Monga ensina sobre um específico niilismo africano que abraça o trágico e o instante, brindando o utilitário e o pragmático, pondo outras taças na prateleira da ética do convívio. É o niilismo que abre as janelas da boniteza e do desfrute, atento às reviravoltas da vida que desmoronam abrigos sem aviso precedente e às estruturas sociais e econômicas que mantém o aperto como regra. Eu diria que um clássico verso de Mano Brown respira junto com essas posições: “Viver pouco como um rei ou muito como um Zé?”. Mas como a poesia é escola que nos hidrata fertilizando dúvidas, ainda vem no galope como rebote a essa pergunta o título de um livro do escritor Fábio Mandingo, contista de histórias problemáticas das quebradas de Salvador, autor que deixa a palavra no chão ensolarada após o banho de pretices espoletas e degoladas da Bahia, palavra que não se macera para explicar a turistas de qual horta ela nasceu. Pois esse escritor lançou um livro de ficções chamado *“Muito como um Rei”*, parodiando por dentro o poeta que é seu oriente forte. É essa a frase de capa da obra em que, entre muitas encruzilhadas do peito e da resistência a um genocídio, o gosto de mel é resvalado, desfrutado e parece impossível de segurar no paladar. Isso se afina com os jeitos de viver que Célestin Monga apresenta. E daqui cismo o quanto disso se acendeu em teus movimentos, Mariano. Se muito, se um pouco, se nada.

O niilismo africano postulado por Monga seria o que decide que a vida só é suportável sem pensar muito nos meandros intrincados do caminhar. Aparece na soltura diante das bulas de moralidades prescritivas e em não se vergar, entre apertos e derrocadas, às análises e previsões de durezas futuras para cada vivente e às buscas em um passado devastador, já que a lucidez total levaria à garantia do desânimo, a eleição do nada e até ao abate da vontade. Assim, entre paisagens da avidez e da míngua se abraça o hedonismo, desatrelado da carga de buscar compreender estruturas políticas e sociais de outras patentes que não as que o corpo dita ao momento. É desse niilismo a solidariedade do instante, mas também a baliza que pode até encharcar de sangue e justifica a violência deliberada como pedagogia, oferecendo um corpo espancado por sua desobediência como ilustração da utilidade do mando e como estética. É também o niilismo que respinga da corrupção sorridente enquanto exerce poderes de fastio, como pode ser o que se refresca com a amizade aventureira e goza o que se partilhe efêmero. Essas duas instâncias podem até não

projetar amanhãs, mas sim o usufruto do que se pode ter à boca em algum momento a se celebrar, algum instante de quentura que se sinta solto do encadeamento do calendário que empareda. Assim, para o ser humano fazer presença entre a secura corriqueira e a fartura salivante, entre a fogueira que aquece mas torra e os fogos de artifícios que animam e logo se esvaem, Monga diz de duas identidades que assumimos em terras de evidenciada opressão e carestia: a leve e a pesada.

A identidade pesada seria a que paira como se fosse inescapável, ditada de cima para baixo, mas enquadrando pelas laterais, marcando o passo e a vivência de quem lida com os ferros institucionais diariamente, seja recebendo os arreios ou até mesmo limitando-se às máscaras que se acoplam ao mando. É a que figura na parede, nos protocolos e nos grandes cartazes, muito difíceis de escapar e que, para concordância ou discordância, entram pelos olhos dos passantes e guia seus óculos e pautas. É como a identidade negra grudada nos ombros de Luiz Gama, de ti e dos pretos em geral. É um vagalhão e pode ser congelada, como também assumida, mesmo que lastimada ou glorificada. É uma imensa queda d'água incansável, aparentemente perene em sua rebentação. É um rio imundo cujas margens o encarqueram e seu contorno é barreirado, não o livrando de receber visitantes bem-intencionados nem a tormenta de detritos expelidos por cada cano precário em sua borda. Mas é também um espelho paralisado que por vezes reflete glórias passadas, além de estereótipos cozidos ainda em cumbuca quente. No imaginário é às vezes um assassinado que insiste em vagar e até doutrinar, aparentemente maciço mas crivado de furos. Noutros momentos é a realeza de uma coroa sem reino, mas polida a cada aurora, agenciando respostas grudadas nessa estampa, seja esmolando ou espancando quem ela carimba.

Já a identidade leve abre contornos menos exatos e baila em outra pista, também partilhada por interesses comunitários. Está no prato da mesa e na fila furada das oportunidades, aliás está na própria panela que se posiciona para tentar utilizar as goteiras que caem dos tetos da identidade pesada. A identidade leve é inclusiva e até mesmo incerta, permitindo que lições e frutos das feridas e das cicatrizes comungadas se adaptem às margens maleáveis de seus rios. Remodela traços e abre-se estrategicamente a compor com outros elementos, tentando surpreender, corroer e até furar a chapa fria da identidade pesada. Esse dilema, muitas vezes no cotidiano de uma pessoa solta pela cidade e nos horizontes políticos

comunitários, abre complementaridades, mas também conflitos rentes. Está por exemplo no dilema entre as identidades pesadas de um nacionalismo negro ou de uma afrocentricidade rígida e a forma como a identidade leve atribui papéis para si nas lutas, não priorizando abertamente a negritude, mas usando elementos da quilombagem e das estéticas e estilos marcados por uma origem atribuída aos pretos. Um problema é a vulnerabilidade e o adoecimento recorrentes na tentativa das forjas de uma identidade leve quando a tonelada da identidade pesada pipoca repentina em qualquer esquina, abordagem policial ou elevador emplacado como “de serviço”. Tornou-se comum a identidade leve ser ressaltada pelas bandeiras que tentam minimizar o espancamento dos conflitos, pois quem a pratica nem sempre se interessa em se expor como jogador que também é determinado por esses tabuleiros espinhosos, frisando sua habilidade de deslizamento. Pode inclusive ganhar posições e partidas pela estratégia das beiradas, acionada quando o exército adversário ruge ou se assenta soberano, mas também pode ser descaída para fora do tabuleiro justamente quando tenta relativizar a força das casas marcadas e se passar por uma peça nitidamente distinta do que traz em sua aparência, já que a visualidade ainda é regra entranhada do jogo violento. Você já se tocou em situações assim, Mariano?

A identidade leve te permitiu ar no abafado, te ofereceu respirar fundo, Mariano? Abriu frescor sem as rachaduras do engessamento, mas arriscando-se a se dissolver na rinha disfarçada pelas migalhas da mesa, as que podem fazer diferença de banquete? Entre muralhas, essa é uma possibilidade de brecha entre as raquetadas, sim? Entendo, segundo Monga, que na identidade leve há uma busca de circulação que também consegue se aprumar dentro de uma história que aferra. Seria um jogo atento para se desviar do bote dos estereótipos, das declarações de moral inflexíveis, dos manuais de procedimento ideal, das definições que já afloram pegantes em pleno movimento solto e também das armadilhas tentadas a oferecer respostas que parecem ser firmes e desnorteadoras, mas que são justa e às vezes até disfarçadamente o solicitado por quem controla os alçapões e as vitrines, por mais que pareçam o contrário.

A camuflagem e a fabulação livre de si, mesmo que efêmera e com intenção de confundir a boca da espingarda, o dedo do gatilho ou o enquadro da câmera, é uma tentativa que tanto pode trazer gozo, pequenas vitórias e fugas significativas

como acarretar a exposição à manipulação que logo cospe longe seus bagaços ou ser infrutífera e pesadamente frustrante dentro de esquemas estruturados com suas grandes moendas. Transexuais negras desde pelo menos os anos da década de 1970 cultivam esse risco diante do machismo de pretos, da voracidade da mídia graúda e da desumanização e discriminação letal geral. Fazem isso tramando e confundindo ao combinar imagens festivas, rebeldes e ambíguas embaralhando solicitações a princípio estereotipantes. As histórias trazem êxitos com lastros políticos aos seus territórios, como também trazem experiências de baques hediondos e de retornos esbagaçados e irrecuperáveis após temporadas no castelo onde se tentou criar casulos e implosões.

A tocaia da chamada identidade pesada responde agressiva e contundente às marcas pretas no jogo hediondo das relações sociais baseadas no escravismo e no genocídio. Por sua vez então, a identidade pesada (que com esse nome já parece depor contra si como se fosse paquidérmica) no tabuleiro do niilismo e diante de marcas que são as chaves de porta emperrada, ou perante os chapéus de pedra depositados compulsoriamente nos seus crânios, poderia relutar em abdicar da enunciação do problema para jogar com suposta leveza e sem riscos? Pode insistir em não retirar as pechas mais volumosas do cerne da questão e em mantê-las como centro das relações, ciente de que o racismo e as sequelas coloniais criam um novo horizonte de humanidades, desumanidades e de história, para que nessa seara se proponha também negociações árduas e contundentes, além de arrebentos?

Luiz Gama buscava bailar autônomo entre essas identidades, a que bordou em sua ginga fundamentada e a que carreou carimbada pelos estigmas e perspectivas de anulação, como as que declarou que a Branquitude da sociedade ferrava em sua testa. No tabuleiro da cultura política, foi leve o suficiente para delinear para si caminhos imprevistos em áreas de lacre compacto, dominando instrumentos, mantendo fundamentos rasgados da diáspora africana e, criativo, refazendo a si, aos que considerava seus pares e também a sociedade ampla. Ainda assim, mergulhou publicamente de cabeça ao assumir a sua identidade pesada para o teor de sua palavra e de sua presença. Por esse espelho, o que você elegeu e selecionou para ser teu próprio nome, como você considerava usinar e utilizar sua identidade leve na São Paulo guiada por categorias excludentes de raça e aplicando febres e calafrios pelo termômetro das marcas étnicas, Mariano?

Monga deitou suas reflexões em Douala, Iaoundé e outras cidades de Camarões, pensando regras ancestrais, emergentes aberturas e novas penúrias após seu país se descolonizar oficialmente da França. Lá, em um país quase absolutamente composto por pessoas negras, em geral pulsam diferenciações sociais de várias camadas além das de classe econômica, inclusive de marcas étnicas, biológicas ou culturais, como ocorre em qualquer sociedade estratificada por discursos e pela utilização de símbolos que mantenham modos de diferenciação social. Porém, pelos mil meandros atlânticos de 1550 d.C em diante, lá não ocorre o mesmo racismo encastelado em São Paulo e no Brasil como régua primordial no convívio, gerado e lapidado na fabricação de uma suposta humanidade, branca, que se diferencie por cima historicamente de outras pessoas, pretas, vistas como nem tão pessoas assim. Então, Mariano Gama, como você resplandeceria a tua identidade mais pesada, a destinada e marcada para pretos no escravismo brasileiro? Desejou bater de frente?

Talvez em tua (tua?) festa você tenha tentado usar a esquiva da cintura com os pés bem plantados no chão, tão plantados que até poderiam ter se agarrado em ervas daninhas. E, se tiver chegado à cidade, isso não te impediria de configurar tua presença entre outras metragens e varandas, como a de tua condição de ser brasileiro em vez de africano, homem em vez de mulher, adulto (nem moleque nem ancião) ou de talvez mulato em vez de negro retinto, cabra ou qualquer outra das várias definições a sua pretitude. Cada qual dessas casas no tabuleiro te provinham, dificultavam ou obstruíam situações e horizontes, mas no seio racista do escravismo o grande chão para teus passos e o ar para teu respiro era a condição inescapável e elementar de ser negro. Ou seja, a grande delimitação e os detalhes estruturais de teu despertar e de tuas buscas por trabalho, feituras de amizades ou eventuais negações do amor, não se dariam mesmo na relação com o universo ultra-violento da Branquitude? Apesar de outras importantes minúcias entre a gente negra rechearem o bojo de teu comportamento e instigarem as possibilidades de construção de si, não seria essa a grande régua?

Luiz Gama pressentia obstáculos, agregava pessoas quebradas e aprumadas pela luta contra o escravismo. Compôs o imprevisível também em sua caneta e em seu sono sonhado à espera das próximas manhãs. Penso como sua intenção poética, criadora, te elucidou e também a mim sobre as chances da concepção de si

mesmo no trato com os outros, nesse conjunto voraz da Relação com o mundo total ao redor e com cada minúcia do quadro geral de uma sociedade baseada nos nossos pilares históricos. Luiz transformando-se e permanecendo, sem negar-se, sem diluir-se até a dissolução total e também esculpindo no gelo. Cozinhando com o que se derrete. Que façanha a exercida por Luiz Gama a partir de certo momento de sua vida, com intensa projeção de futuro, com movimentos de previsão estratégica e diretamente transformadora. Talvez seja ainda mais significativo esse proceder porque como um fio d'água adentrou e ganhou volume no jarro que era tão filtrado, até que se fez enchendo cântaros. Luiz Gama congregou a força de suas performances como a gota que arde e abala quando pinga na ferida inflamada e supera o que seria apenas um evento passageiro tornando-se um acontecimento duradouro, pela potência de seus atos que não visavam encerrarem-se em si mesmos. Cismo que Luiz Gama, pela estrutura e abrangência de seus movimentos, mesclou com vigor as instâncias de identidade pesada e identidade leve, Mariano.

Projetista de uma república a vir após a abolição da escravidão, pensador atuante e assumido como preto, como brasileiro e como tão cidadão quanto qualquer outro cartola, Luiz Gama não se sentiu menos africano, também pela hipótese quente mas não comprovada de ser filho de Luiza Mahin, uma líder do maior levante urbano de escravizados das Américas, comandado por africanos de maioria islâmica, como você sabe. Foi o mesmo Luiz Gama que exortava os mulatos esbranquiçados a não se esquecerem da África, a que ele versou como "vovó mina", e que não se eximia de desempenhar intensamente o papel da construção política no país do Brasil, na cidade e estado de São Paulo. Talvez, com a assunção de sua negritude como linha forte, tramou uma fonte e um modo de visão de sua ascendência africana em que soube beber quando tudo a anunciava empesteada, e aí encontrou bicas, ou melhor, inventou bicas, no mundo da primazia e da supremacia da Branquitude. Luiz Gama assim foi regente dos encantos e poderes da palavra escrita, engenheiro do verbo falado, imenso orador, enxadrista em editoriais e defesas jurídicas, sátiro que enaltecia e destroçava. Feiticeiro. Ladino-amefricano. Entrançado pretamente nas instituições e entranhado na luta árdua de libertação de escravizados que faleceu antes da abolição da escravatura e da proclamação da República, ratificadas de um jeito que ele reprovaria. Não se sentiu nem se afirmou menos negro por ser mestiço, porque isso não o livrou das torturantes condições que passou, marcado por sua

identidade pesada. A flexibilidade do bambu não se contrapôs ao maciço da jaqueira, mesmo onde era provável a imbaúba que, para muitos, é a árvore de tronco imprestável.

Para ti e para quem teve famílias e lugares esfacelados nos sequestros e arranques dos tráficos atlânticos e das travessias internas que atravessaram o país e o continente, criar filiações guarnecidas em um nome ou uma iniciação, fortalecidas em um batismo ou em uma origem confirmada por uma variedade de assinaturas possíveis foi mesmo uma necessidade feita estratégia, Mariano? Cismo com a filiação que necessariamente não estabelece a superioridade de um nicho, de uma genealogia ou um desprezo à bastardia, como a que é obstáculo para que se defina quais são as exatas linhagens sanguíneas e familiares que cada preto brasileiro traz em si. Um outro dedo dessa mesma mão, por sua vez demonstraria que mais do que apenas exaltar raiz que sustenta um tronco de árvore, fixa num pedaço de chão, seria precioso imaginar rizomas feito os gengibres que se desenham e redesenham enquanto se espalham subterrâneos. Conexões saudáveis que se propagam plena de meandros entre estas mesmas raízes e outros liames mais.

A Relação entre uma pessoa e suas histórias, que compreende as pessoas de si, do seu redor em movimento e as histórias dos lugares de seus pés e de sua cabeça, mais do que a mera relação entre dois polos fixos, é como encruzilhada que se expande por sete vertentes: as quatro laterais, o acima, o abaixo e o adentro. Compreende estreitezas, calores e forças. Aberta ao tamanho do mundo e ao eco dos tempos, acaricia farpas e come sonhos. Luiz Gama, sob a conjuntura que achatava, para crescer às alturas também criou afiliação pelos lados e compôs novelos comunitários e companheiragens de batalhas, lidando com ameaças de coturnos no queixo e de tiros no cérebro, constrangimentos e projetos poderosos de coerção que até por vezes acoplou camaleônico em seus movimentos. Gama afiliou-se em linhagens e teceu teias dentro de trilhas que a princípio e ainda ao seu fim o escancaravam como persona non grata. Nesse contexto, além de subir e espraiar-se aos lados ainda soube se fazer chão e fundamento, raiz e rizoma, mergulhando dentro de si e concebendo em luta o próprio lugar.

Já de ti, Mariano, apenas tenho certeza de que teve um homem juridicamente imposto como teu dono, homem que se apresentou como teu pai mas de quem você

não puxou nome até que feito um bastardo brindado tu enfim elegeu uma nova casa. Sei que você buscou e criou uma filiação, ao mesmo tempo talvez abrindo-se a uma família já extensa que se demarca pelo sobrenome Gama e pelo que essa alcunha orientava e alicerçava como princípios. Por aí onde esteja, você conheceu o pensamento de Edouard Glissant? Ele é autor de várias ideias sobre a Poética da Relação. Martiniquenho de nascimento, ou seja, integrado ao domínio francês no Caribe tão preto, através de reflexões sobre a sensibilidade das línguas como parâmetro firme e deslizante para o encontro de pessoas e culturas, ele postula que mais do que uma raiz que limite o conhecimento do chão do mundo, é uma teia de rizomas que caracteriza as escolhas tomadas pela africania nas Américas, concebida como diáspora pela origem comum de dispersão a princípio forçada, esmagadora, e pelo movimento criativo e espacial que conecta a amplidão da presença negra e que transcende limites nacionais, compondo uma real comunidade de destino afro-atlântica. Subterrâneos ou oceânicos, ele apresenta rizomas como sustentáculos que se alastram por outras paragens, estabelecendo e ampliando o que não se restringiria a apenas uma viga ou raiz, para compreender a marca maior da cultura dessa diáspora entendida a partir do arquipélago das Antilhas, natural e forçosamente aberto à vastidão do mar. Para isso utilizava como seu material de composição os duetos “rastro-resíduo”, “caos-mundo” e “identidade-relação”.

O discurso antilhano para Glissant seria a arte do Rodeio. Nele primaria a ausência de moralismo, as alternâncias de tom como um valor estético, as constantes quebras nas contações das histórias, o prazer e a fineza de repetir assuntos e situações sem a obrigatoriedade de soluções exemplares. Desfruta-se o trato da desmedida, evitando a paralisia e as molduras esquemáticas supostamente didáticas. Com o apetite pelas variações estimulado e cultivado, haveria a base da acumulação intencional e ancestral de relatos sobre o mesmo mote. Dar voltas ao redor de um tema como jongueiros e partideiros fazem com sua circunlocução, rimando sobre um mote madrugadas inteiras sem repetir palavra e sem explicitar do que se trata, ao *mesmo tempo* que detalham imagens que abrem compreensão mas não engaiolam a contação ou a poesia em explicações. Esse Rodeio seria fundamento daquela proposta de Opacidade, Mariano, voltando à origem e roçando as possibilidades da realidade, varando o entendimento do que são as tranças temporais e do que seja o espaço, ambientando Áfricas em cada roda e cada

palavreado de história contada. Dar voltas para encontrar a si ali na encruzilhada, lá na ilha do caminho, dentro ou na beirada de uma cumbuca modelada por mãos antigas ou que ainda virão. Camuflar e semear nas imagens, não propriamente na visibilidade, o que os holofotes que exigem Transparência não devem captar, para que nada seja encarcerado. Rodear não seria evitar ou negar um centro, mas manter o movimento do entendimento e do inacabado, talvez arrematar mesmo que não se veja de onde zarpou o sopro da zarabatana.

Em seu contexto político e suas relações com a intelectualidade francesa, Glissant sempre sublinhou que seria francês (trazendo desejada confusão para o significado desse termo), mas não apenas isto, sendo um martiniquenho, um caribenho, um americano e alguém que reivindicava ser um crioulo em expansão contínua. Dizia isso para se diferenciar dos movimentos políticos e estéticos da Negritude e da Creolitude, que emergiram em Paris ou no próprio Caribe e que ele afirmava que eram fundamentais, mas que erravam por frisar uma identidade completa para cada pessoa em si mesma e porque seus princípios seriam “um impulso para a *definição* de um ser”, o que ele refutava e dizia ser negativo para qualquer alguém. Por isso a alternativa de destacar a “creolização”, que ele nomeou como “um movimento de interpenetrabilidade”, em vez da “creolitude”, que segundo ele firmaria uma filiação, bem propícia às formas de relação linear que pretendem impor supostas legitimidades, enraizadas e conquistadas. A Negritude e a Creolitude, para Glissant, seriam bem compassadas aos modos equivocados da supremacia da colonização europeia que reafirmaram e generalizaram seu predomínio através da imposição de uma ascendência cultural e sanguínea que se afirmava superior, deixando a bastardia aos pretos do lado de cá do Atlântico, que se subestimariam porque além de todos os baques nem mesmo se sentiriam africanos, o que Glissant frisava que não deveria ser um pesar.

Ele persistiu em apresentar os elementos que considerava fundamentais para as culturas africanas e as linguagens desabrochadas pelos frutos do aterrador tráfico escravista. Estudando os discursos e poéticas antilhanas, anunciou que essas linguagens de marcada expressão de matriz africana não deviam em profundidade e inventividade para nenhuma outra expressão e forma de conceber a vida. Utilizando acervos e histórias que acionava, qualificando-os continuamente também como algo

que já faria até parte do cabedal francês, ele destacava e garantia que as culturas africanas ancestrais teriam alguns fundamentos em comum, angariados em sua valorização da errância e pela característica geral de, diferentemente dos povos europeus, não serem civilizações de projetos para o futuro, isso que para Glissant seria uma instância de controle e de redução de possibilidades de convívio própria dos regimes colonizadores.

Mariano, quanto a esses dois últimos fatores que ressaltam a aversão a uma territorialidade fixa e a ausência de projeção civilizatória por parte das estruturas políticas de matriz africana, sinto que são equívocos de Glissant. O movimento não exclui o apreço à base do território, arrodear não significa desprezo a um centro, pelo contrário, e as histórias africanas anteriores e posteriores à catástrofe escravista não depreciaram o ninho em prol do voo, nem abandonavam o miolo a favor da beirada, além de terem projetado inúmeros planos e civilizações em cada canto de seu continente e mesmo nos quilombos e comunidades daqui que cultivaram e cultivam futuros com fundamento e sem o culto ao efêmero por si. Os atos que trincam o presente não necessariamente se esvaziam em si. Sinto também que essas escolhas e filtros de compreensão poderiam ser tão errôneas e limitadas como relativizar e ratificar como fundamento para as condições da Relação a existência de uma presumida equivalência de poderes entre escravistas e escravizados, seja no Caribe ou pelo geral das Américas escravistas.

Quando recordo a assimetria entre você e os benfeitores de tua alforria, quando penso em todos os cachos podres do racismo brasileiro estourando em muitos quintais de nossa experiência, recordo também Glissant. Ele diz nitidamente que somente pode se dar a Relação quando há uma equivalência entre as partes e não existe a fixidez ideológica de qualquer uma delas. No entanto, Mariano, cismo que a disparidade de poderes e as encrencas e espinheiros subjetivos do escravismo encontram seus equivalentes na matéria, nas coisas, e erguem seus pilares nas relações objetivas com essa mesma tamanha força, vide a espessura do que é engessado e arvorado, justamente como a fixidez ideológica da própria Branquitude.

O que poderíamos dizer do princípio da territorialidade das culturas ancestrais negras, comparado à vivência em mobilidade que Glissant garante ser a constante e a prevalência do modo de ser africano e afrodescendente? A errância apresentaria

segundo ele as condições férteis e mais adequadas para o afloramento e alongamento da percepção de si e da elaboração de si como sujeito. É verdade que a errância abre-se em veredas e horizontes abertos, oportuniza o imprevisto e o improviso que enriquecem as experiências. Além disso, caracteriza rotinas de povos viajantes também, é fundamento a povos pastoris como os berberes e foi dínamo de outros povos e instituições bélicas, como a que se fez semente dos quilombos ainda na Angola ancestral, plantada no movimento que atribuiu aos jagas um caráter nômade enquanto se exilavam de Luanda tomando o rumo nordeste por disputas familiares de poder na corte do reinado. É real também que na mesma Angola os povos herero resistiram por séculos ao sequestro e à colonização portuguesa por serem populações que se locomovem continuamente pelo espaço. Porém, é marcante em inúmeros povos africanos a chamada territorialização que até mesmo se alterna ou se complementa à abençoada errância. Não se trata de diminuir o grande valor da errância, mas sim de não determiná-la como base inquestionável e geral da condição preta, sejam as ancestrais da tua época ou da minha. Como terão sido teus papos com os perenes viajantes pelas estradas de São Paulo, Mariano? As estradas são tão importantes que tem suas preces, entidades e encantados só para elas, sim? Penso em ti amigado com o pessoal que era alforriado urbano convicto, mas íntimo também de gente caseira plantadora, que desenvolvia à sua maneira as personalidades de arraigar e de cuidar de seu canto, em tratos ancestrais de conhecer o mundo dentro de seus cercados. Quilombo e lugar, ninho e cultivo, tempos e cultivo.

Cismo, aprendo e penso na firmeza e na graça de um território como uma propriedade e um princípio de geração de forças que encruzilha relações com dimensões ancestrais entre humanos, divindades e as energias consideradas encantadas. E as cidades e a urbanização africanas marcaram inúmeros sobados, reinos ou impérios de sul a norte do continente e de leste a oeste, assegurando condições para o planejamento e a presença de universidades e de sistemas de abastecimento hídrico e alimentício, por exemplo, muito mais antigos do que as igrejas e burgos europeus. Essa territorialização também foi chave na sobrevivência em campo hostil de contextos pelas Américas, como forma de resistir em conjunto, aglutinar forças e amparar fragilidades, mostrando-se tão potente ou até bem mais recorrente que a história ancestral de errâncias e propiciando plantar e sagrar seus

territórios como quilombos, maroons, cumbes, palenques, terreiros, roças, cazuás, escolas de samba, sedes de maracatus, etc, onde as composições de trocas também poderiam questionar sentidos absolutos de identidade, legando e regando horizontes férteis de realização e de invenção pessoal, mas em relações que apresentavam, pelo menos, uma equivalência entre a definição de serem todos viventes, considerando o lugar, os ritmos, as matérias de energia e os humanos, as pessoas não entuchadas em um estatuto que as definiria como coisas, como arremedos de gente.

Há uma questão chave que não pode passar despercebida, Mariano. Em *"A Poética da Relação"*, obra em que Glissant se concentra na questão das trocas culturais e na constituição de identidades abertas e não opressivas, ele ressalta algo que acena mas que quase não molha, algo que mal volta a ser abordado e desenvolvido como chão do caminho em seu texto. Ali, Mariano, o próprio Glissant diz que seu pensamento sobre a Relação entre pessoas ex-escravizadas, suas culturas e os bambambãs colonizadores com seus valores de linguagem e de compreensão do mundo, apenas não renderia adequadamente em contextos como o do apartheid, porque nesse tipo de conjuntura "só a força se lhe opõe". É acentuado, mas brevemente, que em um campo minado dessa dimensão não se bordariam horizontes de convívio apenas pelas reciprocidades abertas entre as linguagens e culturas.

Em um tabuleiro de aberrações, quando a humanidade negra é relegada à coisificação ou à bestialidade, até mesmo para Glissant não haveria instância possível para a simetria mínima, para a "definição de equidistâncias" básicas à Relação que se instaura e se multiplica nas possibilidades de trocas. Estas acontecem também no terreno mais objetivo, no canteiro material que é feito de símbolos e suores, do que se pega, do que se come e se pensa, do que se sente, sim, Mariano? Infelizmente, questionamos o quanto elementos exemplares como a Ku Klux Klan, o sistema Jim Crow de legalização da segregação nos Estados Unidos da América ou o regime de segregação estipulado pela ascendência bôer, na África do Sul, notórios como cumes do racismo mais brutal e declarado de nossas histórias contemporâneas, com seus bastiões e sequelas traduziriam ou se compararíam à brutalidade e à complexidade de nossas relações brasileiras por aqui, com nossos

deslizamentos e enigmas próprios. Há muitas diferenças a se ressaltar, assim como outros fatores, paradoxalmente, seriam espelhos perfeitos para muitas condições cruéis do racismo paulista que você viveu e com que lidamos por todo o século até este ano em que te escrevo. O mesmo que muda.

**Dilemas do espelho**

Te pouparei de uma montanha de gráficos e relatos que comprovem o que já conheceu tão bem e que a custo de muitas tentativas de silenciamento e de exclusões passou a ser reconhecido como verdade pontiaguda e desagradável, mesmo que tardiamente, por protocolos e instâncias governamentais, pedagógicas, sanitárias, habitacionais, carcerárias, habitacionais e necrológicas brasileiras. Não sei se comemoramos isso, mas muitas de nossas vozes e canetas durante os últimos séculos repetiram e mostraram, indesejadas e inconvenientes, pilhas de provas de um antagonismo recorrente e de uma sistemática e asfixiante supremacia de moldes raciais para que hoje isso fosse infelizmente incontestável, apesar de plasticamente volúvel e agasalhado em discursos que relativizam as valas, as vergonhas, os tantos modelos de pelourinhos e as enfermidades que compõem a atmosfera e os moedores de nossa sociedade. Eis um resultado da luta de movimentos negros que na década de 1970, em plena ditadura militar, trincaram o discurso oficial do país que frisava haver oportunidades e tratamentos iguais para toda gente no Brasil e que o problema racial grassaria em outras bandas, mas nunca por aqui.

Não abraçando inteiramente a lógica explícita de um apartheid sulafricano ou de um prisma birracial como o dos Estados Unidos, que apesar de traduzirem fatias do terror brasileiro trariam talvez comparações simplistas para as escamosas e complexas histórias de cá, há uma questão tão direta que parece pueril mas que seria uma baliza para pensarmos com Glissant e nos orientarmos sobre as águas da Relação que te impulsionaram na escolha de um espelho digno e na lavagem regeneradora de um novo sobrenome. Quanto e como haveria apartheid por aqui? Se detalharmos o sim, com um bocado de nãos em nossas veias diariamente, essa pergunta seria a secura que inviabiliza a equivalência em uma Relação, moldada aqui também como algo que prevaleceria diante da pujança de qualquer linguagem, como ela acontecesse em São Paulo sob uma suposta igualdade de condições, fossem

quais fossem. Aquele outro martiniquenho de nascença, Frantz Fanon, psiquiatra que refletia sobre o virulento racismo colonial e formas de derrotá-lo, mostrou que mais do que lambuzar nossa pele com venenos, há outros metais corrosivos também incrustados dentro de nossas bocas e mentes. Fanon escreveu sobre vários horrores, desde os cotidianos dos traumas psíquicos até os que espocavam na guerra, já que ele integrou como médico o exército de libertação nacional argelino na luta pela independência do jugo colonial francês. Pelas manhãs, na lida com enlouquecidos pelo sistema, ele atendia a pretos capados, e à tarde tratava os colonos ou soldados que endoidavam capando. Eu gostaria da certeza de apontar isso como penúria impossível por aqui em São Paulo...

Fanon detalhou os complexos de Brancura e de Negrura que precisariam ser dissolvidos, Mariano. Chamou isso de Duplo Narcisismo a partir daquela história grega de Narciso, o que se apaixonou pela própria imagem no espelho d'água, sabe? Ela já estava presente em miradas psiquiátricas sobre as estruturas da histeria e sintomas de esquizofrenia, mas ainda não tinha sido considerada em uma abordagem profunda sobre o racismo. Com Fanon, já poderíamos afirmar que a resolução desses problemas de imaginário e psicose não poderia ser buscada apenas nas boas intenções discursivas pela diversidade ou exaltando a força estética e o manancial simbólico encantador de nossas culturas em um contato leve, aprazível e enriquecedor para todas as partes envolvidas nos terrores mentais. Ele sustentava a partir de seus estudos, atendimentos clínicos e vivências de guerras de independências anticoloniais que essa vala ocupava as dimensões psíquicas em reciprocidade com qualquer detalhe objetivo das coisas e do mundo. Tal era o desequilíbrio na Relação, que sua resolução e o encaminhamento para as condições de uma agradável e enriquecedora troca nas relações humanas requisitava lutas objetivas. De seu pensamento sobre o ódio, a violência e seus usos, o que rendeu muita polêmica e interpretações de todo gênero, vou escrever noutra carta para meu pai e de acordo com o retorno dele logo te envio uma missiva, está bem? Mas você reconheceria essas tempestades em teus dentros e arredores, como é deploravelmente fácil reconhecer e relembrar nas histórias de meu avô e de meu pai, nas minhas e de meus conterrâneos.

A família na Martinica após a colonização nas Américas foi primeiro uma “antifamília”, como aqui, pela ação de despedaçamento e de desintegração de comunidades de africanias que tiveram que combinar táticas para se agrupar de novo, minimamente ou em extensões largas. É o que o próprio Glissant diz. Os cenários e figuras são muito parecidos nas memórias e relatos sobre os pretos ladinos e nas legislações coloniais escravistas. No Brasil, havia as perseguições e a proibição de quartetos de pretos conversando nas esquinas por suspeição, além de mocambos camuflados em estado bélico cobrindo montanhas. Os dois casos eram considerados ilegais e combatidos com torturas, chicotes, trancas, arcabuzes e galés, você sabe. A história de qualquer organização de família negra que umedecesse o caminho se estruturou na pedreira seca dessa recusa imposta ao encontro. É a História de um enorme corte no talo primordial que embola a palavra na garganta e pede mais do que o balbucio, exige a assimilação e a recriação de linguagens, às vezes silenciadas como estratégias de sobrevivência, às vezes gritada ou cantada como meio de conquista de espaços, mesmo que sejam espaços luminosos apenas dentro de si. Esse estado de antagonismo se funda aqui desde a chegada de um navio escravista em algum porto, mas firma seus murmúrios de empatias e revoltas na umidade do amor praticado em uma madrugada, em uma rega de canteiro partilhando o abano da brasa de fogueira, no suicídio banzeiro cometido nos poços, no grito pulado de um alto desfiladeiro ou no mergulho gargalhado em um balanço de ondas marinhas.

A Relação conspurcada que você desejou enfrentar banhado e regenerado por outro nome, por outra inscrição de destino, está nos redemoinhos das revoltas, na aspiração morna das mãos dadas e na vontade de placidez, da calma, para que outros desafios e desafinos possam alinhar o que seja ser gente, tentando frestas nos paredões e arranjando desafogos em terríveis espirais. Devo recordar ainda, Mariano, senão fáceis tocaias voltam a nos seduzir com facilidade e obedecemos suas badaladas, que a noção de família ganhou com os séculos vários outros cartazes, desde os humanismos que ofereciam a bacia fresca de um discurso “universal” porém excludente e que precisaram encobrir as diferenças de outras gentes para compor o estatuto da sua família ideal. Tentativas de desconsiderar os desníveis definidos como próprios dos mandos de pai, dos cuidados de mãe, da subordinação de filhos e também dos ganidos de quem for considerado o cachorro

da casinha do quintal nessa Relação, aquele que se chama pelo assobio para que ganhe ração e um afago no cucuruto, mas de quem se deve manter a sapiente distância porque pode em um impulso descontrolado morder quem ameace a sua janta. O Cão em seus bons momentos é divulgado como quase uma pessoa da família, amigo fiel e grato.

Admirei quando você escolheu regenerar, renovar o caminho e instaurar para si novo espelho, através do banho primordial de teu sobrenomear, Mariano. Tu brotou na história como se aflorasse de uma placenta e cruzasse nova porteira com as águas do batismo. Por isso não posso abraçar fácil as versões pessimistas sobre as dragas e pragas do canteiro, mas absolutamente descrentes e até mudas sobre o suadouro da criação de momentos e de jardins onde pudesse haver cultivo junto, com mãos pretas mexendo barro úmido e carregando toras, partilhando o apoio dos ombros, fazendo da fogueira a flor que não ganhou relevância na observação, na análise e nos sonetos de românticos viajantes europeus pela São Paulo que também você pisou. Os olhos desses naturalistas, artistas e poetas se comoviam líricos para as pétalas e buquês, mas ignoravam o valor do fogo como cultivo para quem vem de Congo e Angola, por suas brasas e chamas que enquanto estiverem protegidas mantêm acesa a ancestralidade da quentura, da casa, a cor, a linhagem e a envergadura das asas familiares. Se a imposição de um estatuto de morto social aos pretos era e é uma gangrena, persistir em formar parentesco para também se entender como parte de uma genealogia e de uma estirpe foi vital, mesmo na cabeça de uma pessoa que decidisse viver solta entre estradas e caminhos de canoas, mas que então pudesse também se referir a alguma procedência bem delineada, a algum cantil firme que pudesse lhe suprir quando a aridez assobiasse desoladora.

Os laços de compadrio, por exemplo, eram fundamentais para resolver contendas da Relação entre pretos mesmo, você sabe. Escrevi isso para outro homem há pouco, ele se chama Claro, era marceneiro e às vezes caligrafava pelo passeio paulistano entre uma empreitada e outra. Costumava escrever cartas ditadas por outras pessoas. Você o conheceu? Ele também pisou a província de São Paulo na época em que você era cativo na casa do médico e foi premiado na festa. Época de fronteiras muito porosas e maleáveis entre o rural e o urbano, com escravizados escasseando na capital, levados para as lidas do café nas grandes roças. Época de municipal Curadoria de Africanos, responsável pela condução e tutela destes quando

chegassem na cidade, geralmente enviados para a Casa de Correção à espera interminável de uma solução, que significaria a entrega para algum proprietário, mesmo com a escravidão oficial se reduzindo. Mariano, onde tu estaria às vésperas do Treze de Maio? Matutando sobre como desviar de ser mais um alvo dos recorrentes códigos de posturas municipais? Talvez nesses dilemas você recordava do que os excelsos benevolentes que te alforriaram disseram que deveria ser então a postura de um homem realmente livre...

Em 1886, na cidade de São Paulo eram apenas 493 escravos em uma população de pardos e negros de 10.275 habitantes, que compunham um quinto da população urbana total. Mas era um pessoal que barulhava e aparecia, sim? Pessoal que desafiava e aturdia com sua presença. Sorrio solto, um esgar imediato, e logo te imagino contrariando o fluxo, talvez encaminhado para a cidade e confundido-te com libertos, fugidos e escravizados, aquela gente em estados distintos que se esbarrava e que poderia expor sua condição em uma prosa ou em uma encarada de olhar caprichado. Talvez você tenha acolhido um mais novo em teu bangalô, talvez tenha sido abrigado, mesmo que família de preto não fosse sinônimo absoluto de pessoas dividindo o mesmo teto, o que poderia acontecer até em uma residência com um “dono” que não fosse rico mas que exercesse bem a sua Branquitude nas relações que estabelecia com os abonados e com os pretos, conduzindo hierarquias delicadas e que roçavam na intimidade, mesmo a inevitável e que não desejasse expor.

Tu deve ter sabido com os próprios cílios e calos o quanto as festas foram encontro de fugidos e momentos de apaziguar e de direcionar relações, de atualizar histórias e trançar detalhes celebrando a lasca de liberdade saborosa e a autonomia roída. Afinal existe hora para sussurrar e momento de cantar em vez de chorar. Te imagino batizando molecadas, procurado para ser padrinho por roceiros miúdos ou pequenos sitiantes que abasteciam a capital do trabalho colhido na enxada sem feitores. Gente vinda de chácaras e casebres ou de pequenas hortas, povo que te conheceu na cidade e com quem jogou, chorou, bailou e tropeçou. Imagino teu lábio comendo, cantando e bebendo, talvez atravessado por gemidos de lágrimas ou sussurros de namoros, lidando com essa africania que bordou muito o que se chamou de cultura caipira. Vocês em gestos de malandreada humildade, comedida esperteza ou carinhosa composição de famílias improváveis, relacionando-se com as brechas de alegrias sutis entre o cotidiano de suadouro e a violência que

prevaleceu por décadas e décadas, acesa e queimando em memórias de jongos e versos de tambús, na segregação de bairros como são os territórios de preto ainda hoje em Suzano, Santo André, Jundiaí, Piracicaba, Ribeirão Preto, Guaratinguetá, Tietê e muitas outras cidades paulistas.

Será que você participou de outros batismos, regendo compadrios que na comunidade eram hora festeira, momentos que na fartura ou na carestia ofereciam frescor e onda de reinício, das águas que enchiam conchas ou eram sorvidas em colherzinhas? Imagino você em alguns domingos chegando, acenando e tirando o chapéu para visitar a cambada na periferia nem tão urbanizada da cidade, pedaço onde se buscava a autonomia e a defesa perante os olhos fardados e as cartolas patroas e proprietárias. Você aportando onde a parentada se escondia fugida ou opaca entre as matas dos arrabaldes suburbanos, onde a diferenciação entre pretos livres e escravizados nem sempre era tão fácil para os radares brancos como ocorria na urbe. Periferias ancestrais onde já se pinçavam outros tratos, diferentes também das relações pessoais muito mais próximas (e delicadas entre afetos e desafetos) do interior tão africanizado, ambos lugares distantes da São Paulo central, onde a visibilidade da rapaziada preta parecia ser até desproporcional à sua real composição na população da capital, porque chamavam mesmo a atenção e afrontavam desejos e medos dos cidadãos com seus meneios e confrontos. Você deve ter se amigado com aquele pessoal que por um tempo encontrava no interior a presença menos ruidosa e escancarada para a acolhida em refúgio, além do alarde visível e sonoro que soava em seus corpos, trabalhos e brinquedos, persistindo em criar laços mesmo que alvos de tantas tentativas de apagamento. Ou justamente por isso.

Diferente do niilismo que Monga tão bem examina e de uma ausência de projetos, sobretudo os de autonomia e base territorial, ausência que Glissant chega a apontar como característica das culturas negras da diáspora africana, você sabe que na festa também se forma um juízo sobre a existência e seus legados, e que ali se trama um arbítrio sobre as regras e contextos escravistas a se combater. Se há, como Monga ensina, um senso prático na busca pelo útil no encontro que propõe solução harmoniosa às rivalidades e há o caráter funcional da manutenção da umidade da aliança comunitária, isso também planteia a alegria no instante do convívio sem cansaço, confirmando o encontro momentâneo que contempla o

mistério pelas forças simbólicas da água e adentra o sagrado, esse que nunca se revela por completo e nem deixa de sussurrar seu mínimo fio.

O encontro festeiro que ajuda a suportar espezinhações da vida pode questionar a moralidade que costuma envolver o tema do amor, mas não o arranca da sua dimensão afetiva. Pode até mesmo relativizar noções de bem e de mal e exultar a intensidade de um instante pleno, sem que execre nesse mesmo ato a engenharia de um amanhã. Porque a felicidade do instante não repele o plantio da felicidade que sonha o fruto rebentando no futuro. E isso difere daquele niilismo utilitarista que não quer mais do que gozar a existência em um ato que se esvazie em si, porque há esperança e há horizontes abertos nesse encontro, junto à presença ancestral de muitas energias intimadas e o desenho do movimento pela travessia dos tempos. É como a estratégia esforçada em manter acesa a brasa do Cumbe, que nas línguas de matriz kikongo significa o sol, a luz, o calor e dá nome aos quilombos da Venezuela a Patagônia, pois é a fogueira que não se pode deixar apagar. Nos batizados que falamos, na regeneração, a chama é a água que abençoa, refresca e que pela saliva nomeia. Isso até antes ou pareada com o tambu que também fala se for bem acarinhado e servido em seu couro com a cachaça, matéria que é água e é fogo.

No projeto consumado da festa há territorialização. A celebração conjumina a renovação do tempo e há mais do que isso. A instauração que recompõe a ancestralidade trata de mortos, encantados, divinos, viventes e vindouros. Ela é da ordem do que chamamos de destino, que delineia mas não impõe o colorido, que o ser humano recheia e se descobre enquanto pinta. Penso salivoso na manga quando dá no pé, destinada. Ciclicamente aparece, cresce, forma sua polpa e sua cor na mangueira até que é recolhida (senão despencar crivada de bicadas) e sua casca é novamente tirada para seu sabor nos alimentar e regozijar, mas seu lambuzo escorrendo pelo queixo e os beijos trocados com essa calda ou os tiros desferidos em quem pulou a cerca para roubar os frutos, são acontecimentos inéditos para a pele que os sente e causam ações que exigem novos procedimentos, por sua vez também contemplados na espiral ancestral. Diferente do círculo cíclico da noção de eterno retorno, o tempo dedilhado pelo ser humano aí é uma espiral que traz o novo e o inédito também em seu giro que dá voltas em torno de um mesmo pilar. É como a mesma canção acompanhada pelo mesmo toque de berimbau que instaura de novo

o ancestral, já que a chula vertida pela garganta rouca no gesto ritualizado também apresenta ao jogo das pernadas a possibilidade de acontecimentos inéditos, como até o calcanhar no queixo que quebra ou que mata. Assim é a revitalização do banho da cabeça, seja na cachoeira, na lagoa, na pia batismal ou em um conta-gotas verdejado. Ele recicla e inicia, mas pode engasgar ou abrir olhos que até então estavam fechados. Te vejo nessa calda, Mariano, em um batizado em algum quintal na beirada entre roça e cidade. Festa de preto.

Porém, o que regenera e jorra também pode secar até se calcificar, como algumas imagens que passaram a nortear e fixar o que seja uma identidade negra ideal e chegam inclusive a ser solicitadas em vez de temidas pela mão que assina empréstimos e chicoteia orçamentos. Será que elas te ofuscaram ou se esticaram nos sorrisos senhoriais que te botaram a carta de alforria e um troco na mão, naquela noite de festa inesquecível, quando você suscitou a imagem de Luiz Gama? Requisitadas como “guerreiras”, manipuladas, algumas figuras podem ser encaixadas em personalismos individuais e raras vezes na ótica da Branquitude elas ganham sumo coletivo. Podem surgir como figuras de líderes ou de talentos extraordinários, mas também facilmente ser assimiladas a escalas e territórios que passam a encaixá-las. Apesar do brilho, podem ser descoradas. Laranjas a se chupar pela benevolência ou pela habilidade da Branquitude em reger frestas e satisfazer com o suculento sua libido até que logo desponte a hora de cuspir o bagaço e trocá-la por uma nova que lhe chega à mão, de preferência vinda já descascada. Eis o revertério e um contragolpe astuto na peleja pelo que realmente se frutifique na fresta. Assim voga a persistência nos movimentos de Luiz Gama para manter o viço da fonte, a quentura mais que os fogos de artifício, para que após o esplendor consentido a luz não se mingue; para não ser engavetado e arriscado ao mofo quando surge a próxima novidade, catalogado ou enquadrado como cubo de gelo que no quintal derrete aos poucos. Por isso, mais que um vulto ou um fenômeno, Luiz Gama manteve fervor e vitaminas da água. Em suas veredas abriu estradas significativas e reais aos pretos como ele. Manteve hidratada, fértil e afrontosa a comunidade que defendia.

Diferente da proposta de abertura total da Relação que Glissant propõe, que desconsidera as forças cavalares, subjetivas e materiais que limitam a expansão da mirada ampla sobre si mesmo, há também a alternativa da encolha, infeliz, que

restringe a pessoa negra ao que uma suposta feitura e nitidez do espelho lhe dita de antemão como reflexo possível à sua figura. Nessa pedraria, te agracio por não corroborar com o teu congelamento nem com tua diluição, Mariano. Assim, fundamentado também nas pás de moinho de tal Relação, apta a estourar ossos ou a traficar espelhos prontos, Luiz Gama ressaltou as vigas podres da casa grande e seus venenos fatais. Frisando a desigualdade das condições necessárias para uma real troca de linguagens e de conhecimentos, ele inventou caminhos práticos de liberdade e se tornou linhagem em ti. Luiz Gama não simplesmente ofereceu o que surgisse de preto como pedaço de respiro ao teatro dos bonecos, nem se meteu a frisar algo a ser encaixado como exótico no cardápio dos condes, algo colocado na mesa como diferença salivosa para o apetite voraz da economia da moeda e da libido escravista que não era apenas uma relação de patrão-e-empregado, mas de proprietário-e-propriedade, em que sadismo e gozo seriam fundamentais. Não. Ele conseguiu bailar e soprar plenamente sua fortaleza no miolo da orquestra dos espaços de Branquitude e por isso muitas vezes pisou na beiradinha do abismo e resvalou no próprio caixão, jurado e com funeral pedido por figurões paulistas.

Categórico, Luiz Gama formava redes e territórios pretos na cabeça de São Paulo, demarcava famílias ampliadas, infeccionava o poderio letrado e germinava pragas aos vereditos de meritíssimos. Destrancava fechaduras e algemas que pareciam farejar sua pele e resistia e anunciava caminhos, subvertendo o que visasse estabelecer um modelo para ele na produção de espelhos. Luiz Gama especialmente abriu um carteado com naipes de espanto, quase sempre forçoso e lidando com espinhos e projéteis mirados no seu peito ao ousar demonstrar e orientar ações para suas águas pretas na composição de um Estado e de uma Nação. Águas que não aceitariam ser diluídas sem que se prestasse atenção aos seus gostos, cores e composições específicas, mas simultaneamente amplas, muito mais do que pudesse caber em um tacho apertado, ao se tornar objeto do medo ou do desejo que também vibram na libido da Branquitude. O espanto florescia no jogo em campos duplos em que Luiz Gama ressaltava a barreira psicótica e homicida desse “diálogo”, enquanto o destrinchava e tecia novamente. Parece um pouco a caminhada de Itamar Assumpção, Luiz Melodia e Marku Ribas, enigmas de nossa arte musical, na Relação que cada um traçou gemendo iras com o mercado do disco e da rádio que os aceitariam de bom grado se topassem vestir as pechas de “negão do samba” que

os contratantes atribuíam como adequadas, comercial e musicalmente. Pois foi infeccionando a sopa para curá-la, ou para que pelo menos ela não ardesse insuportável nas goelas pretas, que Luiz Gama traçou o que foi espelho para ti, Mariano. Trazendo para a colherada a densidade de ingredientes agridoces.

Mariano, você também sabe que, muito diferente do que Glissant apontou como característica restrita das chamadas culturas ocidentais, que ele dizia serem fundamentalmente diferente das africanas e afro-descendentes porque *"sempre tenderam para a previsão"*, Luiz Gama confirmou sim sua mirada e seus braços para "construir castelos de areia – ou seja, projetos sociais, projetos políticos", como escreveu o martiniquenho. Daí podemos repensar o que seja areia e o que seria barro de arquitetura, atentos para a matéria-prima da construção de tantas casas e templos, como as mesquitas de Djenné, no Mali, com seus quarenta metros de altura inabaláveis, há centenas de anos firmes na massa de areal. Aliás, não houvesse projetos não existiria a concretude de cidades e sedes de imensa sofisticação e longevidade como as dos grandes reinos do Gana e Songhai, entre tantos outros, nem a fluidez fundamentada de ideias e mentalidades arregaçadas pelo tráfico escravista. Se Glissant garante que projetar é próprio de colonizar e organizar supremacias, Luiz Gama e inúmeras perguntas e respostas de ex-escravizados toparam a demanda de fortalecer ninhos e revides, não se esquivando ao que se quiser chamar de projeto, aquilo que Glissant até nomeou como "talvez algo que perturbe o pensamento", abraçando a tonalidade dominante que atribuía o efêmero como marca cultural dominante da matriz africana e de certa forma quase justificando as vilezas escravistas por algum desequilíbrio mental ou espiritual cruel, que seria próprio de qualquer planejamento social. Que jeito de relegar ao preto uma espécie de estado contrário a tudo que seja civilizatório, hein, Marí?

Mesmo na Martinica, em Guadalupe e por todo o Caribe considerando lutas haitianas e os cumbes, como o organizado pela ancestral Nanny na Jamaica, ou mesmo nas tradições do pensamento e da arte verbal, não primou o que Glissant apontou como preto, ou seja "Renunciar à capacidade de 'mudar o mundo' mesmo que talvez isso seja algo que enlouqueça. Porque mudar o mundo significa dar ao mundo um devir, ou seja, prever". É pertinente considerar a demência que inclusive pode resultar tristemente do engajamento em lutas pela liberdade, engajamento que rendeu tantos abismos e cárceres, derretimentos e congelamentos ao que poderia

ter sido tão viçoso, mas tentar se deixar levar pela insanidade da opressão sem propor resistência e anunciação além da que escoa pela confluência espontânea da creolização de linguagens verbais não parece ser uma escolha equilibrada nessa balança voraz. Glissant, abraçando uma perspectiva mais rasa de compreensão do niilismo, chega a propor uma pergunta básica rastreada no que qualificou como diferença entre as heranças de matriz francesa e legados de comunidades pretas: “Para que estar no mundo e nele viver se não podemos pelo menos prever que ele vá funcionar?”. Coisas que a barriga, as costas lanhadas e a orelha respondem.

A obra e os projetos de Luiz Gama te mostrariam isso bem. Negando o pueril e sequer abraçando a ideia de Relação que diminui o peso das pancadas e o próprio chão que se cobre de brasas para uns e de pétalas para outros, chão onde vogam os bailados, cada linha de Luiz Gama e de tantas outras gentes que plantaram e cultivaram para vencer esse engavetamento em um eterno campo do efêmero e do solto, parece negar sentenças como essas de Glissant: “Penso que a previsão teve os seus excessos. Assim, a bela fórmula “mudar o mundo” transformou-se aos poucos em “inserir o mundo no mapa, no sistema”. Bem, me diga o que acha você, envolvido até a medula com essa questão: Luiz Gama pretendia inserir em que aquelas centenas de pessoas libertas juridicamente perante disputas com magistrados? Penso nas legítimas defesas e insurgências que ele mencionava como atos próprios da libertação, mas imagino também as irmandades tramando conquistas de espaços nas cidades. Recordo quilombagens cultivando seus mundos, entocados na guarda, ocultos no isolamento, treinando escondidos seus revides e também seus contatos e negociações com algozes, bolando vendas e escambos na descida dos rebeldes que vinham dos retiros para a mercancia nas cidades, tratando com quem sabiam que na hora ou no dia seguinte acionaria os cães na sua perseguição. E então penso nesses mapas que Glissant diz. O que vibraram e como se dedilharam esses tais sistemas. Como combinaram a *Paz dos Quilombos* vivida entreguerras e a agressividade em riste diante das bandeiras da cruz.

Apostar na graça do instante fundamentado quando o cadeado trancado é quase um irmão gêmeo do corpo preto, quando os pulsos estão sendo cortados e os lombos chicoteados, é também um projeto de amanhã, um planejamento de novas veredas e novas cidades, musculando a continuidade e a renovação dos laços que não se aceitam exterminados e mantendo a organização e o desejo coletivo de

autonomia. Instante não é antagonismo de Duração. Dentro de um projeto colonizador que prima pela Transparência, a que determina que tudo esteja explícito para ser muito bem vigiado e esgotado pelo que se instituiu como racionalidade, pode se praticar no instante cotidiano ou ritual o fundamento da Opacidade, que para Glissant é própria daquilo que “renuncia ao absoluto”. Mariano, eu capoeira encontro a Opacidade na rasteira de teu movimento em escolher Gama como teu nome. Com a Opacidade, você, mandingueiro como Luiz que gingou nas fendas da roda grande, ressaltou sutilmente que não se pode empobrecer a realidade com a pretensão de se aniquilar o mistério nem nada que não se possa definir facilmente. Você me mostrou pela oferenda na linguagem, surpreendendo o embate, que o ladino gira em suas formas e princípios simples, confundindo a vontade governante da Transparência e sua pretensão de significados exatos e irredutíveis.

A Opacidade baila no fundamento que pode até revelar segredos, mas não mata o mistério. Confunde quem impõe espelhos que obrigam ao reflexo de sua própria imagem porque guerrilha e ziquizira utilizando o que se oculta. Não se abstém de desafiar a Relação estabelecida em condições tão desiguais e as normas impositivas que necessitam ininterruptamente justificar suas regras e legitimar violências. Aposta no Instante, tecendo a lonjura. Feito o infinito que mora no palmo entre um objeto e seu reflexo no espelho, brincando a vida seriamente na duplicação e no opaco que se enamora à luz, mas que nela não se esgota. Malícia desviando de milícia, na chave da simulação tão verdadeira de quem não pode sempre bater de frente com os sabres. Será que isso combina necessidade e gosto, Mariano? Qual a pulsação dessa técnica para inventar espelho e reflexo em meio à lameira? E se o truque faltar tombamos de vez, engessamos ou endoidamos? Me diz como aquele que tem seus tornozelos decepados e é obrigado ao arrasto e ao voo ainda consegue fintar? E tolice maior ainda seria conceber que, brisa de encruzilhada, a Opacidade também não seja da família da faca contundente, do salto da onça e que abriga em suas nuances até mesmo o murro mais declarado.

Vejo você, da alforria determinada e concedida também em uma festa, aparecendo entre aquela gente africana e seus filhos e netos, vários que seguravam o cabo da enxada e que dormiam bem próximos aos seus “proprietários” no interior de São Paulo, onde eram muitos, planejando a comida e o que beber no domingo de batismo de suas crias, dando nome e firmando madrinhas e padrinhos que entravam

na sua confiança. Compondo sustança e família. Relação. Mesmo distinguindo os libertos e cativos, traçando desvios e plantios no mundo da regra de Branquitude. Fortificando o território onde acontecia o escaldo da criança chorona, lugar abençoado dali em diante como o caldeirão onde guardavam a água e a concha que a derramava, abençoado como a reza e as piadas contadas no momento santo, reiniciando e acessando épocas antigas, futuras e atravessadas dos tempos de cada pessoa na folia, incluindo quem ganhou bença e nome. Agraciando o corpo mergulhado e emerso no banho, dando gana para os territórios do quintal ou da igrejinha, ocupados no batismo e para os objetos do brinde e da entorna, como a xícara ou a garrafa. Tudo em harmonia com um Espaço que, mesmo encarnado nesse suor e nesses sorrisos enrugados de eito ou no pranto da pele lisa recém-nascida, firmava e transcendia o Local buscando se traquejar em quaisquer paragens onde o escravismo tivesse fundado suas ordens, desbeirando o além-fronteiras de municípios ou de país. Espaço de pisada de gente preta espalhada após captura e travessia, celebrando com excitação e serenidade a Relação humana. Partilhando, além da luta contra a podridão de ser considerado algo entre um objeto e uma rês, o mesmo nível de conhecimentos, saberes e também a infinitude de vontades e memórias, de sonhos e de diferentes medos que os tornavam muito mais do que indivíduos escangalhados pelo racismo. E isso considerava demais a estrutura de amassar suas colunas vertebrais que rugia a cada dia, mas a que se opunham com graça, teimosia e malícia. Fincando e tratando as raízes, mas desenovelando horizontes, esparramando as luzes roxas de cada pessoa, as do crepúsculo e da aurora que somos, encontro misterioso do dia e da noite. Forças e pessoas se encruzilhando pelas águas de regenerar, trançando as estradas, mares e cultivos das histórias de cada uma, seja no passo de um amanhã fugido, nos sonhos e traumas de um liberto, nas mortes e projetos que desabrochavam em cada cabeça ali brindando, banhando e espalhando seus tempos. Assim eu compreendo o que cisma Glissant, ressaltando que um lugar é o que se luta para manter *mesmo quando fora dele,* pois é também o que fica e o que se preserva de resíduo em um movimento.

Por isso também é que me pergunto se o teu batismo, Mariano, quando conclamou e recebeu o sobrenome de Gama, terá sido um copo na festa de alforria oficial do salão e ali se encerrou. Ou se na madrugada iluminou e se derramou em um batuque, vertendo suores escondidos e goles quentes para pendular o aprumo

na comunhão festeira. Te confesso que imagino a tua presença em um quintal desses, chegando já homem feito, anos depois da solenidade orquestrada por seus senhorios, repetindo o teu renascer pela linguagem, essa que reverte tanto a morte como a vida. E você em uma festa de benzeção recebendo o nome Gama proferido da boca do próprio Luiz Gama, tu escaldado na nuca por águas vertidas pela moringa da mão desse Nganga, o convidado ilustre em uma cerimônia de pretos, teus iguais em perigo e nojo para as leis econômicas e psíquicas da cidade. Imagino ali, você e Luiz, na função de limpeza das porteiras de tua cabeça e o hálito dele redesenhando tua linhagem, entre a fumaça de um assado na brasa e o saravá de uma folha verde percorrendo teu corpo rezado.

Esses laços fortes e mesmo rígidos sumariados com o batismo que rendia regras e responsabilidades, pendengas e amores, solidariedade e decepções, com as iniciações que enfrentavam separações e funerais repentinos, também eram maleáveis o suficiente para permitirem outras composições da matéria de família. A bastardia que ultrapassava o fato de ter pai, mãe ou tio distantes esticava aí o seu faro e suas necessidades, própria de arranques e perdas. Com as décadas passando, com os elos sanguíneos ou regionais às vezes se esgarçando, com a zanzada nas cidades e a distribuição em bairros ou em apartamentos, o sentimento de bastardia pode ter aumentado, nutrido ainda pela imensa realidade de meninos pretos abandonados desde o nascimento por seus pais (e disso devo trocar ideia com o meu próprio pai de sangue, em uma carta que preciso lhe escrever, como já acenei que na próxima te conto, caro Marí). Mas até da bastardia lastimável também se inventaram rumos. Aqui, sim, Glissant até firmou qualidade e acalanto nisso, sabia? Apresentou criativo que a ausência de uma referência determinada pela filiação soprava a possibilidade de se agregar pelo menos simbolicamente à uma linhagem que se escolhe para ser acolhimento ou farol. E assim se leva na camisa ou no jeito de corpo, no modo de construir uma casa ou de fazer a janta, mas sobretudo no nome, essa marca que passa a exibir uma origem em que se beija e se conclama a si mesmo, uma fonte em que se bebe um começo louvável e uma responsabilidade de prosseguimento. Você aprendeu e ensinou com os próprios poros que essa escolha não vinga em um cotidiano de liberdade total, mas sim na desobediência criativa que consegue se desvencilhar da asfixia do racismo.

Sobre essa bastardia histórica, isso que lamentamos e que Glissant apresenta como uma vantagem, você conhece Molefi Asante, o percursor do movimento da Afrocentricidade? Ele também elege sua ancestralidade, seu mito, como fazemos tantas vezes na vida e especialmente em alguns poucos momentos que tatuam o caminho. Em seu sobrenome, ele lá de New York evoca como ancestralidade direta uma matriz advinda do antigo Império do Gana, que aninha e espraia o milenar povo ashanti. Ao mesmo tempo, se diz descendente de iorubás e recorre ao legado kemético, o que nem seria implausível ou equivocado se pensarmos nas muitas relações próprias e reais entre o Egito e os nagô da Nigéria e as várias direções dos movimentos pensantes e espirituais ancestrais na difusão milenar das migrações norte-africanas. Essa afiliação se torna matéria de calendários, ventos e quartinhas aqui no Maranhão, por exemplo, chão de uma singular ancestralidade negra que evoca tambores de mina vindos de matrizes jeje-dahomey, apresenta adufes de origem árabe e tambores tocados “a cavalo”, montados como se toca na Martinica e no Congo, além de tambores tocados com os aquidavi, como os dos nagô-iorubá.

Apesar de equívocos evidentes, Glissant escreve reflexões importantes e nutritivas demais, Mariano. Talvez não devam ser integradas aqui com empolgação deslumbrada, sem passar pelo crivo vagaroso, mas são viçosas. Sobre a Relação, que não se dá apenas com brancos, a partir de pensar o Caribe, o Mississípi e a diáspora de martiniquenhos pisando em Paris, ele fala que a principal característica de força para a negritude seria justamente partir do pressuposto de que todos os negros diaspóricos seriam “mistos”. Diz que o correto seria saudar a Identidade relacional, em vez de Identidade de raiz. Estou de acordo e imagino que você também, pelo teu gesto de chamar nome como fez. Glissant serve a gamela de um conceito cuja tradução literal seria “creolização” (sim, a gente sabe as controvérsias dessa palavra “criolo” no Brasil por seus outros significados até pejorativos), mas creolização para ele, em suma, se refere às relações pessoais e culturais iniciadas e desenvolvidas por nascidos nas ex-colônias escravistas, em porteira sempre aberta e avessa à definição determinante de uma identidade para uma pessoa.

Apesar de historicamente na América de colonização espanhola o termo “criolo” se referir a pessoas brancas da elite nascidas fora da Europa, o sentido da palavra “crioulo” aqui e em contextos caribenhos ou oeste-africanos se direciona às pessoas pretas. Bem, ele aponta ainda a importância de qualificar a Relação no plano

da infinda e aberta criolização, essa que quando passasse para a esfera da “creolitude” perderia sua potência de abertura. A palavra com o sufixo “-tude” é o que seus parceiros de geração na Martinica, romancistas e intelectuais como ele, apresentaram diante de outro movimento puxado décadas antes de Glissant assinar seus livros, o movimento chamado Negritude, que afrontou a Branquitude com pretos estudantes saídos das colônias francesas e se encontrando a princípio em Paris, em um momento prolífero de tomada de posição vigorosa e qualitativa sobre as suas próprias culturas e presenças, aproveitando para iniciar críticas às formas que a colonização implantava. Esse “-tude” dos dois termos e movimentos, para Glissant, porém, indicaria o estágio evitável em que as identidades passam a ser definidas, fechando possibilidades de aberturas imprevistas. Já a dinâmica da creoliz“ação” manteria sem fechamento o plano das trocas. “Eu posso mudar em função da minha relação com o outro sem que eu perca minha identidade ou me destrua”, ele asseverou, e eu considero bonito e efetivo, Mariano, um sonho que também sopra os calcanhares e oferece ganas às mãos, desde que a Relação tenha um mínimo de simetria em vez de ser primada pela extrema violência.

Lá e cá, o racismo clássico operado pela Branquitude colonizadora possuiria temor dessa hipótese da abertura que pediria penetração mútua de um ser no outro, sobretudo pelo nível em que o racismo torna-se medo e negativização de quem é chamado de diferente pelos regentes do padrão que vigore, como você foi. Porém, mais do que subordinação política, o que modela o escravismo e a chamada colonialidade (a espinha dorsal das relações coloniais ainda vigentes) ultrapassa uma diferenciação entre classes ou os conflitos dessa alçada, pois é uma Relação que demarca a negação frontal de um ser preto como sujeito. O teu Si mesmo não chegaria nem a ser gente. No Brasil, o estatuto de “bem semovente” atribuído aos escravizados e toda a esfera de exclusões sistemáticas, estigmas e abates continuados na brutalidade racista firmaram uma estrutura recorrente de desprazer, humilhação, mutilação e privação. Essas coleiras se fincam tanto no pescoço quanto no pensamento, gargantilhas de espeto tanto nos campos psicológicos quanto nos materiais, nas pinças mais tangíveis da chamada realidade objetiva e também, simultaneamente, em todos os referenciais do tabuleiro subjetivo. Vasilha seca ou pote envenenado, entrega à la carte, mas também tostada no improviso.

Segundo Fanon, aquele outro martiniquenho porreta, a Relação assim consolidada acorrenta os seres na Brancura e na Negrura, ideias que retiram a possível caminhada ou completude possível de Ser, para alguém em movimento. Essas duas obsessões exercidas diante de um espelho seriam fixações que reduzem os sujeitos a condições determinadas a ferro e cruz por uma dita modernidade que decretou uma ideia de Razão e a vinculou ao ser branco, excluindo deste também o leque ancho das possibilidades pessoais e desqualificando e colando na canga preta o que seriam pesos e atrasos próprios da corporalidade, da emotividade, da fervura sexual, das relações “primitivas” com a Natureza e do exercício de outras pulsões tornadas inconfessáveis, negadas e tidas como de mau tom a um bom ser pensante modernoso. Fanon nomeou essa touceira espinhosa como base de um Duplo Narcisismo, mote de espelho. Talvez, para encontrar um respiro entre a rotina de seu gesso, a pessoa relegada e conformada àquela ideia de racionalidade fria e analítica passa até a exercer recreativamente esses pedaços de si, mas descompromissadamente em espaços considerados como de cultura do outro, aquele desqualificado porém apto a propiciar condições de extração vital. Tais espaços podem mesmo inclusive ser uma raia de terapêutica ancestral e de lida comunitária antiga, mas aí não há nada de exótico ou leviano, ao contrário, pois nesse afazer se firmam regras de fundamento que receberam constante e sistematicamente bombas e coturnos das forças vigilantes da Razão e conseguiram perseverar ou se renovar.

No caso da Negrura, o custo desse Duplo Narcisismo característico por mutilações psíquicas graves em uma pessoa formada pelos valores, figuras e consciência próprias da Branquitude, seria o desprezo clamoroso pelo mundo branco, após tanto desejo não correspondido e frustrado por não conseguir plenamente fazer parte dele. Nesse momento elementar de dor e de consciência, pode se desmoronar o eu, pode se pulsar o ódio e se aflorar a agressividade, assim como pode ocorrer a radicalização em si e no que se apresente como a própria cultura, seja ela a dinâmica e contraditória ou a catalogada ao modo de museu, conforme foi historicamente pautada, recolhida e exposta pela Branquitude. Emerge aí um poderoso narcisismo, que se agarra ao que defina como essencial, geralmente fechado, modo negro de ser. Se não houver um distanciamento mínimo desse poste, se não se descolar uns dois ou três palmos o nariz dessa parede com sensibilidade

crítica para observá-la e compreender suas dimensões, ou seja, se não se realizar a Negação da Negação, há a retirada de um porão asfixiante para a possível entrada em um outro cômodo fixo e trancado que impede também as condições de conhecimento da casa e o desenvolvimento de sua humanidade plena. Será que você arejou, Mariano? Luiz Gama, pelas janelas que abriu e pelas águas que bebeu e transformou em vigoroso suco, sabemos que sim.

Pois é, Mariano, o que chamamos de capitalismo, iniciado com estruturas racializadas e expandido mundialmente através de bases bélicas e econômicas, também requisitou e operou esses quartéis psicológicos com a mesma força, erigindo vigas e eixos dessa casa onde a Relação assim delineada não pode ser colorida e exercida com a mesma disposição e liberdade por todas as pessoas se não for pensada na assimetria de suas lajes e muros. Por isso esse assunto ainda é tão delicado e facilmente classificado como inversão de rancores, o que é compreensível dada a futucança agonizante da sua unha encravada no pé de nossos passos diários.

A *Maafa*, palavra kiswahili selecionada pela psicóloga Marimba Ani, traduz a era da catástrofe escravista que impôs a absoluta desagregação de sistemas familiares. Significa a interrupção e o alvejamento extrema e absurdamente violento de vários modos de compreensão da vida que a princípio não se adequariam às maneiras timbradas pela colonização exercida pela Branquitude. Falamos de pessoas, falamos de comunidades. As sequelas psíquicas sociais vigorosas e seus eixos e enfermidades não podem ser resolvidas se iniciarmos uma Poética da Relação considerando equivalência entre as partes enquanto prospera a supremacia que também se remodela para escancarar seu domínio ou para abafar e embaçar a mortandade pontiaguda. Essa morte, no entanto, não é a que entrosa ao corpo da própria vida, a que se faz na naturalidade do percurso dos corpos, morrida e até mesmo celebrada. Ela é a necrópsia, a orquestra da matança matada, da vampirização, da extração até a secura, do desejo de aniquilamento que é suporte de um espelho voraz.

Uma das camadas mais ásperas da Maafa é a impossibilidade de que pessoas pretas possam viver as suas frustrações, comuns dos trajetos da vida, além do que bombardeia o racismo. É a barreira que impede experienciar as derrotas, empates e vitórias do campo imenso da existência humana que se estenderiam para além da subordinação geral a essa angústia acachapante e estrutural que encaixa cada passo

e possibilidade de troca. É a interrupção manipulada pelo racismo e a colonização virulenta, mesmo quando se pinta de simpatia e fraternidade. Como esse sistema de Relação não se dá no vazio, e sim se arraiga e se expressa no tablado material, simbólico, ele impede que passemos da posição de um mero indivíduo escravizado, que ganharia a bem-fadada liberdade da mãos de generosos e nobres homens, para o lugar da concepção de nós mesmos como pessoas singulares, que não se repetem e não podem ser representadas por nenhuma outra cara ou número.

Luiz Gama, que te comoveu e instigou, emaranhou-se em folhagens e galharias de muitas árvores. Cavando encontrou e tornou-se raiz e rizoma em expansão. De uma linhagem paterna que afirmou ser lusitana e fidalga, e de uma linhagem materna que teria se destacado na presença em rebeliões africanas na Bahia, ele se traquejou em cativeiros, estudou como rábula e se marcou como advogado em salões solenes, revelando-se dono de uma orelha e de uma caneta que dominaram a língua portuguesa. Escreveu braseiro que sua sociedade tinha o crivo da cor e da raça como filtro decisivo e, compondo agridoce esse caldeirão, assumiu sonhos e responsabilidades com a formação de um sistema político e social brasileiro, ressaltando a africania também como fonte e como leme. Mais do que pleitear ser visto como branco ou vangloriar-se de uma mestiçagem, o que nem seria possível em sua lógica, em seu espelho e em suas cicatrizes, fez de si um negro brasileiro entrançado às demandas sangradas de seu chão e das pessoas que recebiam as patadas da Relação traçada entre eles e este país.

Não se amordaçando ou se amuando por ser “menos africano”, como Glissant dizia que os crioulos se ressentiam, e sem se refugiar também em alguma clausura de África ideal, no trajeto de Luiz salienta-se que os ingredientes da formação cultural ampla, latina e europeia não foram desdenhados, mas, ao contrário, foram absorvidos e instrumentalizados para a conquista da sua liberdade possível, a que segundo ele não seria integral enquanto uma gota daquele sistema prevalecesse. Inclusive por isso ele ratificava a razão ao escravizado que matasse em legítima defesa, que fugisse por integridade física ou que se insurgisse em levante pela igualdade de condições de vida. Para Luiz Gama, a Relação se confirmou no ninho a se encontrar e inventar, na esquiva a proteger e a oferecer novos movimentos, e no revide fundamentado que por si consolidaria outras condições de Relação, réplica

tecida na composição de projetos políticos pretos, ou seja, o que germinasse e concretizasse a emancipação da população e das comunidades negras.

Mariano, há um livro que é daqueles a que sempre retorno. Fui ali beber um pouco em suas páginas e, como sempre, me encanto e me coçam as dúvidas mais férteis, as que não permitem abraçar maniqueísmo nem berreiro fácil. Está ali nas linhas e na matéria analisada a fluidez da identidade, nem por isso esgarçada, e sim fundamentada. A subjetividade bailando e assim se fazendo. A luta pelo lugar na Relação com a Branquitude urbanista e sua vassoura financista. Dilemas e necessidades de espaço. Conflitos e proceder. O livro se chama *"No Território da Linha Cruzada"* e seu autor é o professor José Carlos Gomes dos Anjos. A Relação do livro não se baseia na farsa das águas diluídas, contada pelo ideário da democracia racial brasileira, discurso oficial que embandeira uma história de ternura mesclada à bravura na formação de um povo e de um território. Aliás, é sobre um lugar em disputa que ele analisa um despejo em Porto Alegre para a construção de uma avenida, constatando que em certa rua o lado da calçada de moradores brancos, tido como nobre na composição de forças da região, conseguiria ficar intacto e ainda ter seus terrenos mais valorizados no projeto urbanístico municipal responsável pela remoção de uma comunidade estabelecida por moradores do outro lado da rua. Pois ao examinar o lado da favela e dos terreiros de religiões de matrizes africanas que não deveria permanecer no lugar, descartado pelas forças de remoção, ele verificou que nos cadastros, autodeclarações e conversações da comunidade havia mais de cem autoclassificações cotidianas, raciais e de cor (“burro-quando-foge”, “mel queimado”, “misturado”, etc.), mas que também, na hora que o chicote repicou e as ameaças forçavam a ação, aflorou o que ele chamou de “identidade contrastiva”, ou seja, estralou o oriente preto no branco para essa população que poderia mesmo apontar muitas veredas para o espelho de si, mas que se uniu em torno de suas pretices, já que nunca sua maioria ali poderia declarar-se branca e arcar com vantagens que esse crivo firmaria.

É que existe na Relação a força extremamente desigual, sim, Mariano? A que estipula em quais casas do tabuleiro as peças são dispostas e como podem se mover nessa luta que envolve os corpos humanos e os símbolos que carregam. Isso pesa para os olhos, fardas, cartilhas e marretas do Estado e para os movimentos

cotidianos de quem está na alçada do abate. E isso também expõe, abarca e enfrenta várias diferenças internas de poder, de moeda, de gênero e de tempo de casa, ao mesmo tempo que define tanto as decisões governamentais quanto o proceder dos moradores e suas alternativas de afiliação e de luta pelo território a não se perder. Essa rinha em luta contra despejo e remodelação arbitrária urbanística ali se adentrou no campo do Direito, encampada pelo Movimento Negro gaúcho, mantendo a acesa a motivação da fervura de Luiz Gama.

Se há relações na diáspora entre pessoas africanas e suas descendentes que carregaram suas marcas e legados pelo além-mar, por montanhas e becos, logicamente há relações com brancos e com uma cultura institucional da Branquitude, que também influi nos nados das pessoas pretas por entre corredeiras e poças estagnadas. Para lidar com essa cultura e seus enredos, esquivando ou se inflamando em seus castigos, surpreendendo-se ou perscrutando suas dúvidas, requisitando ou desprezando compensações, as comunidades negras reagiram e costuraram diferentes teias. Foram traçadas alianças efêmeras ou duradouras, praticadas estratégias distintas para frequentar canais ou patamares a princípio interditados e também houve o cuidado com o cultivo de seus próprios canteiros, às vezes abertos à sociedade para o trabalho ou a visitação como forma de sobrevivência ou de angariar segurança. As comunidades negras habituaram-se a lidar com propostas que englobam anseios gerais e a lutar para garantir respostas ao que é pintado como específico do próprio negro. Há níveis e desdobramentos que às vezes se emaranham: lutar por ser reconhecido como gente, lutar por direitos, lutar por cidadania plena. (Lutar com quem, Mariano Gama?). Nessas relações há tombos, há conquistas e há pactos que abrangem a dimensão pública, “universal”, que abarca a população negra e que poderiam proporcionar acesso a bens e equipamentos básicos em âmbito geral. Infelizmente é preciso recordar que ainda vige um grosso desnível na disponibilidade, no uso e na manutenção de possibilidades entre pretos e brancos para qualquer arco no Brasil e em outros países de formação escravista que englobe saúde, educação, habitação, transporte e segurança.

Como você conferiu na carne, na Relação quando se aplica de cima para baixo uma noção de “universalidade” (por exemplo, para a concepção do que seja a

liberdade) sem se considerar o singular das motivações históricas, das maneiras delicadas, das linguagens e a coragem necessária para contemplar suas lacunas, ainda é credenciada a falta de equidade no trato. Isso traz à tona, no âmbito da população negra e dos seus movimentos organizados que pleiteiam a atenção aos seus problemas tidos como específicos, tanto a falta do olhar da Branquitude sobre si quanto o questionamento recorrente nos projetos políticos de matriz negra sobre a valia de uma tamanha entrega de energias forjando alianças políticas em que negros raramente alcançam a equidade, a liderança, a primazia ou mesmo recebem a escuta adequada sobre a condução de problemas drásticos, práticos e comuns às suas vivências. Isso oferece uma crítica calejada ao próprio destrato encravado no trato e que tende à recorrência, ao mais do mesmo e à manutenção da distância entre as camadas sociais estratificadas racialmente, com as vantagens e rombos que denota.

Vem desse mote, dessa fonte agitada, várias sentenças comuns entre nós, faladas baixo principalmente entre as pessoas mais velhas. Talvez você já ouvia. Elas surgem em frases como “é melhor não entrar, porque se estourar vai sobrar para você”, “deixa de ser metido que aquilo não é lugar para você”, “protege o seu cantinho porque é a única coisa que você tem” ou “ali você só vai ser degrau”, entre outros ditos de defesa e de medição de atrevimento, talvez sintetizados no temor do “cada macaco no seu galho”, mas que fazem coçar quando pensamos na árvore em que somos seiva, casca, fruto e sombra. Imagino que em teus espelhos o senhor viu e escutou imagens de rebeldes, de suicidas, de traidores, de conformados e de muita gente maturada, acolhida ou injuriada na Relação. Deve ter sido elogiado, ofendido, questionado e até abençoado por muitas pessoas escravizadas, alforriadas ou fugidas por ter escolhido o sobrenome de Gama. Afinal a “boca da mata é grande, a boca da noite é grande, mas a boca do povo é maior ainda”, como pronuncia o sopro entre cachimbos.

De novo me pego lembrando da obra de uma psicóloga de origem judia, brasileira, que toca em pontos nevrálgicos da Branquitude de cá. Ela se chama Lia Vainer Schucman, é uma mulher branca e sua obra apresenta com clareza como mesmo a Relação íntima em famílias inter-raciais pode ser cravejada pelo peso e pelos estereótipos do racismo, extremamente brutais, que desalinham perversões surpreendentes a quem esperava partilha e uma Relação horizontal ou pelo menos não tão traumática. A utilização de um espelho branco para se desvencilhar de uma

Negrura pode violentar mesmo no colo e no seio familiar, poluindo pesadamente a vontade da mescla de águas por afinidade de conhecimentos, projetos e sensibilidades. O racismo pode se abrigar na própria morada e sua crueldade estocar com coices sofisticados, deixando grogues quem imaginou formar ambientes de afeto e de ninho ou desconjuntando filhos saraivados pela Brancura que acomoda a mente de cônjuges, pais, mães e irmãos. Assim como a comunidade pode ser veneno e mel, o lar pode ser flutuação ou afogamento.

Mariano, antes da figura de Luiz Gama ser eleita por ti o espelho para se refletir no caminho, te penso compondo tua imagem em outros espelhos e neles vislumbrando um aspecto esfarrapado de teu destino. Imagino devaneios desmanchando-se em algum chafariz onde você conceberia um espelho que te agraciasse. Conjecturo estilhaços antes da limpidez decidida. Se na superfície resplandecente da imagem de Gama você encontrou quem ainda não conhecia ao olhar para si, cismo como se tornou cristalino em tua mirada e em tua palavra que o nosso rosto é também o reflexo de outros olhares. Talvez eu mesmo estaria no espelho que pressentiu de alguma forma e que agora esta carta te confirma. Talvez você concebia no espelho de teu nome o movimento e a quebra que a refração nos traz, aquela da lança atravessando as águas das pescas, e ali viu a potência e a efetividade de uma arma que mesmo aparentemente partida, meio lascada, ainda seria a ponteira fatal da provisão, a seta que colhe o sorriso da caça. Como foram o corte e o polimento desse espelho, a salvaguarda dessa pele d’água reluzente onde se conseguisse e se gozasse enxergar tua própria face?

Compreendendo como Luiz Gama, aquele homem preto, seria um espelho do mundo, você teria cultivado quantos tempos até decidir ratificar em teu próprio nome o espelho que medisse a si? Tua decisão aconteceu como num rompante de bolha que estoura, foi matutada com o orvalho dos dias ou veio desenvolvida com o cozimento das noites, vencendo o temor das ilusões que a vista artimanha? Antes, diante de padres e médicos, diante de pretos nos cafezais e cozinhas, te penso bordando molduras e encerando imagens que para ti não se adequavam. Penso em você encarando-se no espelho da fonte e encontrando um reflexo avesso, ele a princípio te convocando, mais para frente te expelindo e ao fim te saturando. Que efeitos diferentes a fervura e a borbulha te trouxeram ao se desmancharem imagens

plácidas que você tivesse recebido pelos outros espelhos, os que teve como portos seguros de partida? Quando depois dessas lições da explosão e da queima tu decidiu optar por outras batalhas?

Penso se Luiz Gama, o espelho que você elegeu e levou como flor em tua fronte, também te vidrou ao te fitar. Quais meneios ele te apresentaria? Você o percebeu contemplando-se em ti, coroando a sede humana de aparecer, de ver e de parecer-se, para então querer desfrutar o destaque de se distinguir? Compreendeu pelo espelho o que um olhar desatinado pode deixar escorrer, Mariano, quando absorveu que beleza é força e que também a fortaleza é boniteza de muitas texturas, justamente aí apresentando a sedução e o risco do ser humano trepidar em uma manada ou ribombar em uma patada solitária exercendo sua vontade de revide, de vingança ou de domínio? Teria percebido isso no espelho embaçado oferecido para ti desde teus primeiros passos escravizado?

O espelho: essa fronteira misteriosa como os sonhos, irmão da família em que a nitidez e a incerteza escorregam de mãos dadas. Antes de teu novo nome, como permitia-se sonhar, Mariano? Que você sonhava eu pressuponho, pois escolheu um nome, uma porteira recomposta, um pé novo que não esqueceria as tantas topadas e saltos, os atoleiros e chutes que deu, pressentiu e presenciou, formando para si a dimensão de caminho. Talvez o reflexo de Luiz Gama parecesse mais real do que o próprio Luiz em músculos, pelos e hálito, do que o próprio Luiz que vai ao banheiro, que tosse e que descalça os sapatos conquistados. Luiz Gama feito mais puro nas águas regeneradas por ti, Mariano, porque reflexo absoluto imaculado. Sonho, matéria intangível e primordial fonte de compreensão, véu translúcido que soprado na vigília nos permite ver mais dentro. Antes de se declarar com novo nome, tu sonhou antes de contemplar? Há tantas paisagens oníricas, irmãs do espelho, reconhecidas pelo silencioso sotaque de sonho.

No espelho te imagino guardando tantas aspirações, os ares que não se respira, mas que conduzem a busca do faro, porque aspirar parece ser mais do que utilizar o ar e sim conjuminar-se com ele em elevação e sem peso, como em um reflexo de espelho amado. O reflexo de Luiz Gama poderia ter ares ainda mais puros que seu corpo porque a água assemelha-se a um céu invertido. Assim vai nos ganhando até que por gosto e necessidade passamos da idealização suprema da

imagem para o flagrante de suas minúcias e possíveis defeitos. E entramos a especular e confrontar os sonhos com o que já venha a parecer um arremedo ou uma caricatura do sublime. E nisso descobrimos temperos, encontramos sujeitos como novos ingredientes e politizamos a nossa colher de pau no tacho da vida. Desenvolvemos o filtro para algo como uma dupla consciência, aquela que se forma entre disfarces e constrangimentos na Relação do preto com o mundo regido por regras da Branquitude, como as da esfera paulista brasileira. Captamos nas manchas.

Mariano, o embaço pode acontecer também pelo vapor que se eleva do excesso de confiança em si? Empáfia da visão limitada, iludida em sua altura e que se infla de orgulho ao destacar um aspecto que agrade a própria expectativa de seu olhar e que pode compor alteradas percepções de distância e de solidez do que se vê? Essa que tantas vezes antecede a frustração... Pois tudo flui, o tido como estático pula nos tempos, descasca nas paredes e zomba de nós por acreditarmos em sua peça, até que dos seus vapores se junta uma nuvem que desaba no quengo de quem firmou sonhos para uma imagem que determinava como fixa, enquanto ela mesma se movimentava a olhá-lo.

Também no espelho você encontrou marcas que supunha apagadas? Qual a troca que se estabelece com o reflexo se Relação é também partilha de conhecimento e assunção de memórias que sobem à superfície, mesmo que segredadas em algum pacto? Na tela d´água em que a visão se conforma pacífica ou se anseia bélica, como podemos considerar as histórias, pujanças e ascos de cada caminhada complexa que um ser humano traz em sua Relação com outras vidas? Quantas feições e formas se fundiram na paisagem que és, Mariano, tocado com os olhos agraciados e alimentados de beleza por uma imagem nítida, a que nos abre o apetite para colhermos com as íris enquanto se fita? A imagem que aguça o desejo da boca que se encanta pelos olhos. A imagem do nariz que quer acariciar ou das mãos que querem lamber e escutar.

Será que você aprendeu sobre seu peso com as imagens densas e nubladas dos espelhos que negou? Será que em tua luta na negação do cativeiro se formou no reflexo a presunção de uma matéria que se apossa de tudo, uma matéria que espessa não nos permite ver centímetros à frente e que queremos dissipar, uma imagem turva lutando com a vontade de nitidez e de ordenação, de manutenção e

controle sobre a própria vida? Me pergunto sobre os graus de teu desejo de vistoriar a ti mesmo e supervisionar as próprias piscadas, bocejos e mastigações, de olhar-te diante da garoa que embaça o reflexo ou da tempestade que te confunde. Me pergunto de teu medo diante das forças indesejadas que se irmanam para bagunçar teu espelho, despejando-se sobre tua placidez e cancelando tua contemplação sossegada. E te penso gente nesse aprendizado líquido de tempos, forças e conjunturas. Até que os cílios tornam-se flechas e as pálpebras se revelam escudos conclamados à defesa dos ataques que se pintam como incontornáveis e indestrutíveis.

Quando sinto que expor o que é aterrador já não dá mais conta do respiro e que isso é até assimilado pelo cotidiano das aberrações, te recordo. Te presumo descobrindo como poderia gerar descrições diferentes e concepções originais para um buraco, como preenchê-lo com água límpida e como encontrar os reflexos na penumbra ou no breu. Te penso no olho de raio, no átimo de intuição que decifra a possibilidade magnética de um espelho onde havia a ilusão de um poço. Como um faminto pela imagem de si, você passava carestia? Enganava o apetite comendo outros vidros? Talvez não fosse na levemente balançante imagem do espelho que você encontraria o mistério, mas na profundidade que contemplou e que descobriu em teu próprio olhar, no fio das íris refletidas. Mas a imagem invertida te traduziu mesmo e correspondeu ao que buscava, Mariano Gama? Talvez você tenha aguçado a tua busca faminta por carinho pareado à sanha de um murro que estilhaçasse toda necessidade de espelho. Será que antes de amar e glorificar Luiz e seu nome, você socou a imagem dessa água até que se encharcou com ela que espirrou, novamente retiniu e te aperreou, voltando irônica e vagarosa para a composição de sua superfície lisa, mole que você não foi capaz de destruir?

Para algumas vistas que respiram coligadas ao peito, a água pode ser também a matéria do desespero, a prima da lágrima que afoga, a mãe da estagnação. A claridade pode se entorpecer e o espelho pode borrar a nitidez em seu embaço, trazendo o que o disforme empesteia, machucando como o corte do cristal afiado. Da saúde e da limpidez do espelho na concha da mão, refletidas a quem se absorve, pode surgir o sombrio e o pavor. A água como espelho pode apresentar um gosto de morte entranhado no brotar da vida sereno. E pode também encontrar nisso até mesmo a graça, a força dos antepassados que percebemos habitando nas águas e

nas artérias que ligam nossa cabeça ao nosso peito. A morte refletida no espelho então não soa maldita, mas sim um rio nos desanuviando e nos conduzindo por caminhos imprevistos mas pressentidos, rio que nos apresenta ondas, murmúrios e grotas das águas ancestrais. Reflexo e consistência a inspirar que uma vida singular mereça a celebração da morte notável ou a intimidade da morte tranquila. Mariano, por favor, ao me responder vivamente me diga como você morreu.

Será que tua morte foi rompimento de um vidro firme onde o reflexo de tua luz encontrou teus pés de caminhos e tuas mãos calejadas de afagos? Talvez mergulhou banzeiro, talvez saltou feliz e quiçá você encontrou um Luiz que não conhecia; que aliás ele mesmo, experimentado e tatuado de lanhos e de carícias não conhecesse e que só poderia surgir na Relação contigo. E tu se flagrou assim na água tranquila de um reflexo, com um duplo de si que te surpreendeu. E então, na teia de tempos e reflexos. viu que um preto se mirando em um espelho plácido é uma teia de histórias que se miram, teia que resplandece nos raios de sol e ensina enredos. Talvez você captou que o oceano Atlântico possibilita em sua vasta e profunda superfície o reflexo de tempos futuros em muitos rostos. Que o espelho contemplado é uma cidade furada à bala que então pode se mirar sem cicatriz, pois regenerada. Um caminho despedaçado que então se revê e se nota aprazível, recomposto e convidativo porque admirado em seu renascimento, rebatizado e visto novamente sem rachaduras nem sujeiras. Pois, sem espelho, mesmo que venha a sensibilidade crítica após o fascínio com a transferência de si para outra imagem positiva, é difícil até respirar e caminhar.

A vontade de contemplar pode instigar e arribar, Mariano. Tu provas. E pode também anestesiar e delimitar um teco pequenino do mundo que passe a ser considerado como todo o céu. Aí a tristeza e suas próprias borbulhas, ou ainda a melancolia de águas paradas amargosas, talvez sejam amenizadas com o instante da contemplação. A placidez acalma nossa fome de atividade, talvez necessária e quantas vezes agoniada. Pois há dinâmica no enxergar e perscrutar e há ainda um outro prazer que nos constrói como pessoas, um deleite que nos lapida e nos faz cozinheiro e cozido: é o prazer do que vê em oposição, sabor de quem conquista a calma questionadora em seu olhar e que aprende a apreciar e analisar também o que desagrade sua visão e seu peito. Esse olhar desafia a deformação que é ressaltada, a imagem que apenas evidencia o peso e que é sufoco, vexame ou

ausência de qualquer bem querer. É o olhar que nota, como a mão de ternura nas texturas, mas com a firmeza do entalhe. É a visão de zagueiro que lê os ataques adversários e os atalhos para brecá-los, após se deslumbrar com o talento dos dribles dos craques. É o olhar de quando nos entendemos conseguindo criticar uma imagem sem destruí-la. É o que passa mesmo a reger um sentimento que já não deseja o fim do filme nem a trinca da tela, mas até a continuidade do que permita considerar então como patético o que parecia soberano. Talvez esse movimento tenha habitado em tua escolha, Mariano. Luiz Gama inspirando inteligência.

Talvez, quando uma fonte é aberta, assim como a imaginação pode ser desprendida e animada por um sonho que se faz guia, ela precise ser concluída, vivida antes que se faça bolha e estoure com nossa imagem dentro. Beber, mergulhar, banhar… é preciso participar da imagem e viver seu mito, seu símbolo, sua sensibilidade, assim como você se engajou em acompanhar e inventar movimentos da linhagem de Gama que incorporou e fez em tua cabeça. Assim como viveu a realidade da carne e da ideia, pois nem sempre é neurotizante o narcisismo que passa a existir porque o rosto passa a se amar, Mariano.

Daqui de longe e de tão dentro de ti, eu intrometido diria que a água tranquila te mostrava Luiz sendo olhado por ti e que assim o guardava, protegia suas forças e seu legado. Diria que a água tranquila era também o que possibilitava discernir o que são águas de redemoinhos, de enchentes e das lutas nas braçadas e na sobrevivência aos afogamentos. A água que te regenerou com o nome novo devolve um respiro regenerado e até uma inocência de reinício, uma naturalidade de origem, reencontrada limpa e mesclada ao orgulho da mais íntima contemplação de um estado de si, esquecido ou escanteado pelas lâminas do hábito, essas facas que parecem cegas mas cortam continuamente, como demonstram tantos fiapos e fatias passadas que insistem em acompanhar um vivente. Ou será que o reflexo no espelho ao te encontrar no meio de uma profusão de mundos coroou alguma intenção antiga? É que a vitrine também nos engana, nos limita ou nos agarra pelos atrativos à vista que saltitam em febres muito pessoais, sim? Será que assim durou em ti o porte desse espelho e Luiz chegou a se tornar um estorvo? Talvez os tempos tenham dotado tua imagem também para outra pessoa, Mariano. A tua imagem já delineada e nítida refletindo teu rosto criança e teu rosto ancião. Talvez minha carta seja um papel d’água luzente, um espelho de linhas.

Na tua eleição do reflexo de Luiz Gama como guia, sinto que a concepção de Ser buscada por ti foi a da consciência de despertar, a que se distingue do que se percebe estagnado e se amofina, a que nos revela do mundo em nós e da gente nos mundos. Como o que mina e brota, como a água que em nós reanima e revitaliza, vejo a imagem refletida no espelho que você olhava como aquilo que reinicia nossa forma de ver, despertando a consciência sobre outras impressões arrebatadoras. Saiba que aqui nos anos de onde te escrevo, a canseira dos bombardeios de estímulos e de figuras visuais talvez nos embote, nos deixe dopados pela sucessão velocíssima de imagens e eu não contemple o que cada qual nos propiciaria, nem como seria nos olharmos nelas movimentando mais do que os tantos reflexos previsíveis e aguardados pela indústria de slogans.

Contemplar é fazer o templo em si, no próprio corpo do olhar e do que se olha. Compor no reflexo a profundidade e o encontro. Por isso mesmo talvez seja também uma escola de desmoronamentos, justamente pela calma e soberania encontrada no que contemplamos ou no que queremos ali, reconhecendo o que há de paz ameaçada em meio às instabilidades que conhecemos nas veias e nas vielas estreitas do peito. No espelho, lidamos com nossas fissuras e com as quebras nas linhas dos estilhaços, onde sonhamos colher mais do que valas de maus auspícios. Compreendemos a tensão e a explosão pelos ensinamentos que nos dá o espelho trincado, mas também podemos nos enganar e nos entregar a preencher essas fendas como se pudéssemos reconstituir impecavelmente o espelho. Fendas cortantes, que à menor trepidação espatifam e distorcem o que se queira fixo e seguro.

Espero também que nos deslizes em que percebeu que não poderia ser Luiz Gama, mas sim existir como Mariano Gama, com tua personalidade, teus tombos e tuas vitórias, não tenha se picotado de vermelho as mãos em reformas de vidro.

Imagina, Mariano, se esta carta é publicada solta e quem lê a missiva, agora, mastiga unha em um sorriso maroto por se reconhecer em tua astúcia e em teu movimento único e certeiro. Imagina quem, antes de saber teu gesto de desfecho no baile, já curtia seus prazeres em punho cerrado, reconhecendo algo de sua fome de liberdade no ato de caridade que te brindou. Imagine quem leu a notícia do festejo já dedicando sua ladainha ao padre e que, estralando os dedos, criticou o atrevimento

de quem supôs calhordamente que o sacrossanto se prazerou em vaidades com os elogios da imprensa. Imagine também quem, prenhe de ganas em destronar racistas, embala sua raiva no colo cálido de uma companhia amante e ali desliza a orelha e sussurra no fofo, te mentalizando e se irmanando no sonho da tua coragem. Pois como seria essa pessoa contigo se soubesse de outras passagens de tua vida, nada gloriosas e não tão desobedientes? Reinaria a decepção, a que é escola, ou a compreensão que pessoa é encruzilhada e não se atulha em gaveta de sonho alheio?

Vou parar esse naco de páginas por enquanto, para quem lê e que flutua e adentra aqui em nossa comunicação, oferecer as umidades ao seu dengo, aliviar-se no banheiro ou conferir a quantas anda o cozimento de sua refeição, a que emana seu aroma apetitoso. Ou ainda, mirar a chuva adivinhando pelas águas o céu do firmamento ou o cosmos de si, matutando sobre as funduras de ti, Mariano. Que essa pessoa vá agora, então, viver as águas...

Devo partir. Mas antes de te enviar meu beijo e insistir para que me responda, vou te contar uma história. É sobre um homem que viveu no casarão onde você recebeu o papel, o troco e declarou o sobrenome. Ele te antecedeu e essa história pode ter ocorrido com moradores mais antigos dali do que a família do dr. Neave. Será que você teria escutado esse caso enquanto arrumava a manta do sono do reverendo e lhe soprava a vela para um pernoite abençoado? Ou será que ouviu sobre esse homem enquanto carregava toras na residência do médico Neave? É a história de um pedreiro, o responsável pelas construções e reformas dos casarões. Ali sua Relação com os pretos, os brancos e com seu filho. Não sei o nome dele, mas já vi seu reflexo em muitos no Jabaquara. No espelho de uma dose de rabo-de-galo, ali onde o balcão acaricia o cotovelo e o copo segura o homem. Vi no espelho de dois olhos vidrados ofegando no alto do escadão, em dengo com os netos que busca da escola. Vi no espelho do suor reluzindo no peito lindo de um preto altivo levando a fornada de pão para seu amor. Atente se reconhece e se relembra, por favor, Mariano.

***

*“Eu sou arquiteto. Alguns chamam de pedreiro.*

*Faço casa. Já fiz tapera, choupana e casarão. Levanto viga, finco fundação, marco janela. Prenso e coloco tijolinho por tijolinho, martelo o corrimão e meço as portas.*

*…*

*Ah, as portas... Um passo pra dentro e você está no fresco, guardado. Porta é labirinto, tem a força de um raio de lua. Já vi muita gente se encontrar e se perder na porteira. Sem a graça de compreender o beijo do dentro no fora. Vi homem que ficou mastigando a tramela, preso no cadeado. Porta é tabuleiro, pra estar ali tem que saber do jogo.*

*Eu media batente de porta. Obra dentro de casarão era muita... Eu entrava no salão, e olha que era muito salão... Salão de jogo, salão de jantar, salão de visita, salão de baile…*

*E ali os bacanas repousando de cartola e gravata. Quantos nem imaginavam que eu vinha decepar seus pés. Os pés dos duques relaxados para cima, na folga, só mandando bater, mandando plantar, mandando carregar. Descendo ferro quente, quebrando dente. Ali meu serrote certeiro chegava e ... Arranque!*

*Preto não podia usar sapato. Eles dizem "escravo". Escravo é a zorra! Eles dizem "escravo" não pode calçar! Escravo é coisa, sapato é coisa e coisa não pode ser dona de coisa. E eu sou pedreiro do meu castelo da vingança. Arranco. Decepo na canela.*

*Veja. Com os pés não tenho nada. O pé mesmo não me dá chama nenhuma, nem me atento nele. Fica só a trilha das gotas vermelhas no tapete francês. Eu levo é o sapato.*

*Escravo não pode ter sapato? Ninguém vai se calçar então!*

*...*

*Aquela de salto girando na valsa enquanto a negrada trazia bandeja com docinho, aquela com lenço. Vupt! Arranquei. Tropeçou na dança e ficou grudada no chão do baile.*

*Aquele outro de bota chutando bunda de velho preto. Puxei no colete, deitei na paulada e cortei. Saiu a canela, a meia e a bota. Mas não quero carne, não quero pano. Mandei correr de volta pisando no cotoco, só descia a plastra coagulando no capim. Não consegue chegar vivo na cidade. Tomba, sem os pés.*

*Teve vez que eu tava aprumando teto de casarão e vi um romance. O bigodudo tinha chegado da rua e eu vi descendo a corda na bunda de Bastiana, depois passando a corda no vão da saia dela. As meninas de Bastiana carregando lenha e panela também viam tudo. Depois na varanda o bigodudo acarinhando sua sinhá com o dedão do pé saindo pela sandália. Romance de dedinho subindo pro joelho, roçando na coxa... Ah, dei-lhe meu serrote afiado!*

*Desse do bigode ainda deixei um pedacinho de calcanhar, ali não tinha tira nem fivela. Era sandália. Deu sorte?*

*Paraliso e fico admirando a casa que montei. Que monto todo dia ainda.*

*Agora a sandália vai ser beiral de janela na casa. Ou cumeeira?*

*Cada sapato um tijolinho.*

*Lembro a casa onde meteram meu filho dentro da parede. Me obrigaram a atravessar as taipas de pilão com ele dentro, botar barro e viga com ele ali. Meu menino. Me acusavam de tramar levante, armar sequestro. E eu nem nada, porque nem me envolvia com mocambo... Até já tinha antes delatado um. Caguetei mesmo. Contei a hora, a cara e a porção. Aqueles safados que queriam levar meu filho pra quilombo no mato. Aqueles que vinham e eu escondido dava frutas, dava munição, dava mandioca. Depois dali nunca mais eu soube nada. Dois morreram, dois fugiram. Eu amaldiçoado pelos revoltados.*

*Meu filho… encalacrado dentro da parede arreganhava a boca buscando ar. Inchava na asfixia. Diziam que preto era forte, aguentava. Um gargalhava, outro berrava exigindo que eu dissesse quando os quilombolas viriam com as tochas. Outro ainda assoviava cheio de escárnio, dizia que o menino ia dar sustança pra parede. "Ê que casa forte! Essa não vai cair nunca!". "Vai passar a madrugada aí!" Dizia que de manhã eu já podia tirar o menino, era só pra dar fortaleza pra aquela casinha, parede maciça nunca guardar bicho. Se meu filho estivesse vivo, saía. Senão podia*

*deixar, já estava enterrado no meio dos tijolinhos de terra mesmo. Deixasse ali, osso ia virar pau, taipa de pilão.*

*Foi essa a primeira vez que eu arranquei sapatilha de barão. Decepei na canela, peguei aquela de bico fino reluzente que meu menino tinha engraxado.*

*Pá de pedreiro, faca de manteiga.*

*Eles diziam que escravo era coisa. Coisa não tem coisa! Pra mostrar quem manda, escravo não tem sapato!*

*Escravo é a zorra!*

*Vai ter sapato pra todo mundo que quiser se a minha casa cair!*

***

Ando confuso, Mariano Gama. Desculpa. Já não tenho certeza onde ouvi essa história. Uma imagem embaçada me paira. Não sei nem se foi aqui no bairro... Se quem me disse era um homem preto contando que havia protegido seu filho de dois policiais pretos. Eu criança, e ele caminhava para o poço com uma toalha nos ombros. Ou eram chuteiras?

Mariano Gama, aqui vou seguindo, precisado de entender a Relação. Ela está no cheiro da loucura ou do café? Do córrego ou do chamego? Do medo ou do dinheiro?

Que esta carta te encontre bem, te deixe bem. Obrigado por tua inteligência. Um beijo nas costas de tuas mãos, um abraço daqueles de pescoços nos ombros. Um belisquinho na bochecha.

Até a próxima.

Allan da Rosa

Breves indicações dos mananciais fundamentais desta Carta a Mariano:

O acontecimento da festa no salão e a decisão de Mariano me foram ditos pela generosa e arguta Lígia Ferreira, que é um grande presente para nossa época. Sua pesquisa e sua escrita sobre Luiz Gama são monumentos à altura dele, o que não é fácil. Está a dispor em seu livro *"Com a palavra, Luiz Gama".*

Das redes de pensadores abolicionistas do fim do século 19, a obra *"Escritos de Liberdade"* de Ana Flávia Magalhães Pinto é indispensável, assim como sobre funções do batismo em comunidades de pretos, o livro *"Memórias do Cativeiro"*, de Ana Lugão Rios e Hebe Mattos, é chave com sua pesquisa e análise de documentos históricos registrados em cartórios e paróquias, mais a escuta de várias filhas e netas de escravos de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas.

Os conceitos envolvidos nas reflexões sobre Relação, como "Fixidez Ideológica", "Equivalência", "Opacidade", "Transparência", "Errância" e

“Filiação/Afiliação” vêm principalmente no livro *“A Poética da Relação”*, de Glissant, mas também nas palestras e entrevistas de *“Introdução a Poética da Diversidade”.*

Célestin Monga, em “Niilismo e Negritude” foi a fonte que ofereceu as ideias sobre identidades leve e pesada, pulsões inconfessáveis e as considerações sobre um niilismo africano, repensado principalmente em comparações com as culturas festeiras pretas do lado de cá do Atlântico. Sobre a camuflagem e as estratégias de transexuais negras, a base vem de “Afro Fabulations”, obra de Tavia N’Yongo.

Mbembe favoreceu o meu alinhavo com suas argumentações sobre a modernidade e pensamentos políticos negros desenvolvidas nos livros *“A Crítica da Razão Negra”, “Necropolitica” e “África Insubmissa”*. Com suas reflexões à contemporânea focalização quase absoluta em questões de linguagem e de representação como luta política, em detrimento das já tradicionais e também incompletas miradas restritas ao econômico e às lutas de classe, matutei com o que W.E.B Du Bois qualificou em *“Black Reconstruction”* como salário ideológico recebido por trabalhadores brancos pobres, compensação psicológica em uma sociedade categorizada racialmente.

## 4 - CARTA A SEU DITINHO

*Uma missiva ao craque do São Geraldo*

## liminatória

1923
ça do Norte 0xW São Geraldo

ranco 1x2 Colombo

lica 0x3 Liberdade

bara 0x1 Estrela da Saúde

a Militar 1x4 Ordem e Progresso

ng 1x2 São Caetano

o Belém 0x0 Estrela de Ouro

érica 3x3 Atlético Concórdia

## Jogos Desempate

25/02/1923
Atlético Concórdia 0x3 Sul América

Flor do Belém 1x1 Estrela de Ouro

04/03/1923
Flor do Belém 1x0 Estrela de Ouro

**Paulistana W.O.**

## a Eliminatória

/02/1923
lombo 1x3 São Geraldo

o Caetano 0x1 Ordem e Progresso

berdade 2x1 Estrela da Saúde

ulistana W.O.

## 3ª Eliminatória

04/03/1923
Sul América 1x2 Ordem e Progresso

11/03/1923
Flor do Belém 1x1 Paulistana

**Jogo Desempate**
18/03/1923
Paulistana 0x3 Flor do Belém

## 4ª Eliminatória

25/03/1923
Liberdade 2x3 Flor do Belém

São Geraldo 3x0 Ordem e Progresso

## Final

01/04/1923
São Geraldo 3x2 Flor do Belém

## Campeão

SÃO GERALDO

## Vice

FLOR DO BELÉM

DISPUTADO DE
18 de fevereiro de 1923 a
01 de abril de 1923

*“O ser preto é índice seguro de altas qualidades no manejo da bola de couro. Nos arrabaldes, pelo menos, o futebolista negro é olhado sempre com respeito e sympathia. [...] O característico das agremiações negras é a disciplina. Haja vista os conjunctos que jogam por ai a fora. Entusiasmo transbordante sob uma alma ternamente compassiva, incapaz de quebrar pernas ou de “dar trabalho à policia”* (O PROGRESSO, fev. 1931, p.4)

*“O São Geraldo suspendeu brilhantemente, o titulo de campeão de 1929, e foi um dos mais fortes concorrentes desse torneio; sustentando com galhardia o decorrer do anno, sem uma derrota para o seu quadro; os jogadores não soffreram a menor pena ou censura, em se tratando de disciplina. E isto para nós, é motivo de jubilo, pois, o S. Geraldo, é uma associação essencialmente de nossa classe; entre todos os jogos, apenas uma meta vazou o goal S. Geraldense; no mais, tudo foi levado de vencida, portanto, esse campeonato foi um anno de orgulho para os esportistas negros desta capital, e, a diretoria que conduziu o invicto S. Geraldo, no ano findo, está de parabéns, pela conquista deste alto troféu que irá enriquecer a sede deste nosso acatado grêmio esportivo”.* (O CLARIM DA ALVORADA, 25/01/1930, p.2).

*“Chegou ao nosso conhecimento a existência de uma exemplar agremiação esportiva, composta de rapazes negros ordeiros e disciplinados, verdadeiros cavalheiros, tanto no campo, como fóra dele”.* (A VOZ DA RAÇA, abr.1937, p.2)

***

*“Tenta me catar se for possível. Tô invisível, tô invencível*

*…*

*Eu vou versando no tempo. Garoa fina, o sereno, continuando invisível*

*…*

*Aqui, rapá, é outra dimensão*

*Se esticou, tentou catar, engoliu vapor, se intoxicou, não conseguiu, c…ão”*

“Tenta me Catar” (Rap de Ba Kimbuta)

***

*“Com dinheiro, pode se comprar até um picolé no inferno”*

Nêgo Júnior, saudoso parceiro de juventude. Favela do Calipal

Iê! Saudações, Seu Ditinho. Dá licença, ô Cumba. Aqui é Allan da Rosa, teclando esse fraseado desde 2020. Sou da malta que gosta de suar, torcer e pensar futebol. E muitos malungos aqui das pelejas contra o racismo nem conhecem o time preto do São Geraldo da Barra Funda, o Campeão do “Torneio Centenário” em São Paulo de 1922, sabia?

Escrevo intuindo teu humor. Cismando se pintava costumeiro tua presença no mapa da ironia ou se tendia mais para espinho tinhoso; se teu coração calejado em abismos criou casca grossa ou se tu era espoleta e traquinas; se o senhor provava mais do silêncio matreiro, do pranto solto ou da mudez magoada. Se mais apaziguava fuzuê ou se colecionava gosto pela porrada. Talvez cantasse batucando em latinhas de graxa aquela chula: “Vamos jogar capoeira/ enquanto a polícia não vem/ E quando a polícia chegar/ Nóis joga com ela também”. Ou será que entoava essa malícia acompanhado de teus cumbas, descarregando cargas no cangote e utilizando a musicália também para marcar o ritmo da função pesada? Pela pernada é certo que sim, que você se deleitava na marra e na lisura do sapateado fatal das rodas da Barra Funda, derrubador, tanto como vivia as fintas nos vários campos de beira de rio e de fábrica, além dos arremates que aplicava na cancha do teu Alvinegro São Geraldo, ali na Rua Tupy, no Pacaembu, hoje um bairro tão distinto e que no mesmo ano em que teu time de bambas se findou recebeu o charmoso estádio onde vi poesia, cantei e xinguei. Primeiro eu acompanhava meu pai e depois ia só, moleque e adolescente, naquela trança maloqueira entre solidão e coletividade das arquibancadas, traquejado em solicitar para algum adulto escolhido na hora que declarasse ser meu tio, abrindo passagem entre os guardas do portão. Sabe, de treze anos para cá voltei ali algumas vezes com meu menino, enquanto o preço dos ingressos cada vez mais elitizados ainda não conseguia me expulsar de vez. Também por isso voltei a frequentar mais forte a várzea, aquela em que joguei e que ainda tem o tom do São Geraldo pairando em cada vestiário barrento, em cada risco de cal, repinique de bateria e troféu levado para o boteco da sede na quebrada. Mas que também se comercializa de leve e até garante sustento humilde a alguns craques desconhecidos da cidade e famosos em suas vilas. É um oceano vasto a várzea, o senhor imagina. E quem sou eu para falar?

O senhor também foi craque em teu time por anos, artilheiro reinando aos domingos, desenhando golaços. Tenho ganas de assistir a uma partida do teu

alvinegro, talvez em algum momento noutra esfera isso me aconteça. Sinto o São Geraldo como uma fonte que refrescava os teus passos e cada jogo de bola como um reinício para a percepção da própria presença no mundo. Me sonho presenciando a final do torneio centenário de 1922, que foi celebrado e exaltado por tantos anos. Aquela virada espantosa de entrar no segundo tempo perdendo por 2x0 e terminar a peleja em 3x2 contra o Flor do Belém. Aqui até me comovo com a humanidade em jogo e as relações entre o desânimo e a superação. Mesclando intuição, pesquisa e experiência eu cismo, ou seja, dedilho o que se emaranha entre o possível e o potencial, esse vão que há muitas épocas é encruzilheiro, fundamental e imprescindível para os povos pretos justamente por ser um jeito fértil de delinear, compreender e também de se camuflar e se esquivar do que nos suga e resseca nas marcações de tempo dirigidas para a acumulação e para o que se reproduza mecanicamente. É assim fabulando e com a respiração escolada pelo que ensina a bola, que vejo o primeiro gol do teu time diminuindo a desvantagem, incorporando o arranque, como no primeiro pingo de uma gota de regeneração sobre algo que começa a se desinfectar. Observo então o gol do empate feito um jorro que sobe o nível da maré e então se nivela ao horizonte desejado. Até que por fim sinto trepidando nas costelas, arrepiando nos braços e ressoando nas gargantas o terceiro gol, o que reverte, transborda e alaga.

Cogito a concepção de si mesmo acontecendo enquanto se integra e se tece uma teia que se mexe e remexe com a bola, o tambor, os instrumentos que se sopram, os pés em uma travessia e tantas outras esferas por excelência que respiramos e usamos para organizar o que seja a realidade. E as guias dos símbolos me fazem perguntar o que seja o real aí, Seu Ditinho, em tua sapiência. Penso nos corpos que compõem o trajeto que sozinha, compartimentada, nenhuma matéria de colégio pode decifrar. E em um time alinhando sofisticadas maneiras de resistir e de se anunciar vivo, criativos e repelindo o que é capenga. É também espantoso essa pretice ter persistido após tantos pelourinhos, tantos placares adversos. Não fosse pela reciprocidade do amparo, como seria possível a capacidade de recomposição após ter tomado dois gols logo no primeiro tempo em plena finalíssima? Como enfrentar placar assim contrário, um time bom do outro lado, lidar com escárnio de torcida e possivelmente árbitros tidos como mancomunados e trapaceiros, como era de praxe nos casos que desembocavam até em linchamentos, para ainda os

senhores se preservarem de pé, com o pensamento vitaminado, e voltarem ao recomeço do jogo e virarem marcando três gols no segundo tempo? É disso a realidade, Seu Ditinho? Quantas gotas disso nutrem a concha da realidade? Ou a realidade é a gamela que contém esse caldo e é vencida por esses transbordes? O que me arrepia agora, me acende a boca do estômago imaginando na espinha a eletricidade do momento do segundo gol, o de empate, que arrebatou de ímpeto a busca da virada duvidosa, é mais ou é menos realidade do que o concreto dos prédios construídos sobre os campos em que jogaram bola?

Te escrevo. É provável que o senhor não soubesse ler, pelo menos não a língua portuguesa do Brasil cheia de muralhas e de tocaias para dominar no peito. Mas lia e decifrava campos de terra, cabeceios e as sacas de algodão e caixas de frutas que os pretos da Barra Funda descarregavam diariamente no Largo da Banana. Me atento e vejo teus lábios que se apertam e até aprendem a sorrir falsamente ao ler as esquinas e as rodas pela sola, pelo som e pelo faro. Talvez o senhor tenha sentado em uma das salas de aula clandestinas que as associações culturais negras bolaram para letramento, como aquelas da Frente Negra Brasileira, na Sé. Sei que depois do conquistado, despetalado e esbagaçado Treze de Maio foram várias assim. Mas agora, pelo que compreendo, creio e vivo das leituras da encruzilhada, imagem carnosa e misteriosa do que temos de mais interno, o senhor entende qualquer língua e livro pois já cruzou a Kalunga, vida maior que vem de outras vidas e que cria novas vidas, linha de equilíbrio das múltiplas dimensões da existência e dos mundos visíveis e invisíveis em movimento. Bailando no entendimento pleno das mãos que tocam cordas e couros ou das bocas que sopram os metais e as tintas frescas dos mapas, sabe traduzir cisco de cílios de crianças, gemidos e sussurros de amantes e prantos de desespero nas notas da partitura da vida, como aquelas dos clarins tão presentes no samba antigo daqui. Já és um ancestral glorioso e pela lógica de uma educação antiga africana, o senhor assimila e floresce em qualquer frase, seja melodia, seja rima. Verbo de Brasil, de Angola ou da China. Escrita no muro, no livro, no corpo ou na vala.

Pesquisei as sofridas publicações daquela época em que o senhor ainda pisava aqui na terra pelos dias (e não apenas à noite entre as seis da tarde e as seis da matina, horas em que a porteira para os *bakulu* se abrem e se fecham conforme as posições do sol, o *Cumbe* nascente ou poente no horizonte, segundo os antigos

bakongo). Conferi o que vogava nas folhas do *“A Voz da Raça”, do “Auriverde”* e d’*O “Progresso”*, imprensa negra feita com resmas de sobra dos jornais graúdos e única mídia que noticiava as partidas do São Geraldo ou dos times de pretos. Que contradição pulsante ali nas páginas, no movimento que buscava lacear frestas e consolidar pilares mais favoráveis nas relações com a hostil capital paulista! Esses jornais ressaltavam que na bola do São Geraldo despontava o orgulho e o talento ao vencer times de brancos que proibiam a entrada de vocês em alguns campos e, sumários, interditavam a participação de pretos em seus times. As notícias sobre o time diziam do “entusiasmo em alma compassiva” e de negros serem “incapazes de darem trabalho à polícia”. Eu gostaria de ver o canto dos teus lábios quando segurava o jornal com essas notícias, talvez lidas por algum amigo. Enalteciam o São Geraldo e publicavam mais no apetite de frisar o quanto eram civilizados e ordeiros do que de assuntar os próprios lances do jogo e jeitos do corpo com suas técnicas, forças e manhas. Hoje, daqui de minha época, vejo a fértil contradição daquelas matérias, imersas na guerra não declarada entre o banzo mais rasgado, a diplomacia mais astuciosa e a quilombagem mais convicta. Resvalavam e até mergulhavam em um balaio perigoso de abordagens ao corpo negro que prenunciava ou aceitava estereótipos, assumindo que futebol, boxe, atletismo e demais esportes eram decididamente a coisa nossa, nos reservando então lugares apenas contemplados se correndo e pulando com ginga, molejo ou uma ultra resistência física. Pois sim, contraditória que é essa demanda, pondero a necessidade desses discursos em tempo de tanta vergonha e racismo escancarado em São Paulo. Estratégias diante de uma draga que faria inveja ao Mississípi, à Louisiana e a Soweto.

O São Geraldo não nasceu sem lastro, eu aprendi. Compõe o novelo de uma rede de associações negras que frutificou também nas terras paulistanas, solo árido onde verdejaram equipes ancestrais ensinando pretos a ler e já na tua época também puxando protestos na Luz, exigindo presença de negros na Guarda Civil e até editando jornais na delicada labuta de escrever para um povo de maioria que não dominava o beabá. Dessas casas e mocambos, sinto para o caminhante exausto e inseguro o frescor de uma pausa para organizar seu passo. Contemplo o pouso de descanso e o ânimo que se vislumbra nos goles serenos, nos panos úmidos na testa de quem repousa sob copas frondosas em uma estrada de sol causticante, partilhando oásis e olhos d’água. Nesta seara espinhosa, haveria de se encontrar um

conforto para os que se coçavam na cidade tão desfavorável. Desfrutar de uma brisa que atraía gente esfolada ou robusta, arriada ou vigorosa, e manter agremiações pequenas na metragem de sua sede mas gigantes no propósito, turmas e congregações que formaram times de futebol e atletas. Até bola-ao-cesto tinha naquela época em que rebote de basquete era raridade na mão preta, muito antes da NBA estadunidense a que assistimos hoje e que foi referência pra juventude negra das quebradas nos anos de 1990. Arremessou bola a tua mão lanhada de carregar madeira e sacas de café? Quando penso nos pés negros calçando chuteiras e desenhando nobreza no campo, nunca esqueço que pessoas escravizadas não puderam durante séculos usar sapatos. E que, pesando a sola sem proteção na pisada pedregosa, tanta gente rodou cidades descalço ou transportou serra abaixo por dias e dias essas sacas de café até o porto. Que alforriadas ou fugidas muitas pessoas negras compravam pisantes apenas para expor o símbolo de uma liberdade tão afirmada quanto duvidosa, levando os sapatos amarrados nos ombros, porque sola grossa e calos de toda uma vida pisando no chão não suportavam a prisão do couro. E minha mente viaja no apetite que a molecada daqui da vila tem por tênis caro. Pode não comer para ter, pode até tramar riscos ilícitos, mas o tênis não pode ser afunhanhado. Sem determinismos, sapiente do que a indústria do entretenimento e as bateladas de propagandas para consumo firmaram nas últimas décadas, traço caminhos históricos marcados por linhas cruzadas e por espirais ancestrais que giram com suas espessuras e seus ritmos variáveis em torno da coluna da vida.

Desse trancelim de saberes corporais e letrados, com suas expectativas e táticas diferentes de penetração e de combate, são equivocadas as interpretações que por muitos anos afirmaram que o embate declarado perante o racismo em São Paulo vinha apenas da parcela chamada de classe média negra em tua época, muitas vezes nomeada assim porque conseguiria comer três vezes ao dia, atendendo profissionais liberais ou atuando como raros funcionários públicos, ao contrário da maioria nos trabalhos degradantes. O São Geraldo, assim como outros times de futebol de pretos, entre os tantos sentidos que abriu, deixou marcado por seus modos de discursar e por seus movimentos dentro e fora de campo que a ralé à sua maneira se posicionou frontalmente perante a exclusão e a desumanização, combinando o bem viver e a luta com as lógicas próprias do jogo, no caso, o jogo de futebol e seus textos e contextos. Isso difere muito da conclusão de investigações sobre atitudes de

pretos e mulatos em São Paulo que apontaram que a chamada “classe inferior” não ressaltava consciência racial nem a afirmava positivamente a fim de se esquivar de problemas e conflitos com os brancos, fossem estes pobres, remediados, ascendentes economicamente ou enricados.

Falando em conflitos: quantas vezes os onze do teu time, chamado de “os valentes da Barra Funda”, foram seguranças em festas na sede do cordão Camisa Verde, semente da gloriosa e fundamental Escola de Samba Camisa Verde e Branco? Quantas noites os senhores fizeram a proteção das porteiras de salão no bairro barra-pesada em troca de ali, no mesmo cazuá, fazerem bailes para angariar verba e o time jogar bem trajado no seu campo ou na cancha onde hoje está o Mercado da Lapa, seu Ditinho? Passando a madrugada de sábado em pé para contemplar a responsabilidade diurna e domingueira das pernas boleiras. E para conseguir pagar a costureira do calção e da bola, o alfaiate da jaqueta ou, quem sabe, importar o caro material de jogo, como era de praxe. Imagino as tensões entre a própria negrada na porta do salão e como isso foi pedagógico na lida com brigões, com penetras, com alegres e entusiasmados, nas funções da manha, do respeito e talvez da força.

Seu Ditinho, quantas tabelinhas, desarmes e chutaços espocaram naquele campo em que hoje está a estação Marechal Deodoro... ou ainda naquele atrás da estação Água Branca, ali na Santa Marina? Imagino a resenha entre os jogadores e nessa prosa os comentários sobre sustos e estratégias, catimbas e firulas, mas ciente que nos jornais pretos após as grandes vitórias previsivelmente seriam exaltados pelo “recato” e “civilidade”. Nítida resposta impressa ao que vogava como nervo da ideologia racista da época, a que negava empregos propagando uma natural propensão dos negros para a desconcentração, a indolência, a irresponsabilidade, a confusão e a displicência.

Cavucando, vislumbro que as reportagens da imprensa negra diziam também que o São Geraldo tinha “um mestre em cada posição” e era o mais forte entre todos os times formados por jogadores não aceitos em outros times pela cor da pele. Que vontade aqui, Seu Ditinho, de assistir a um clássico entre teu esquadrão e o “Cravos Vermelhos”, o “Onze Gallos Pretos”, o “Marujos Paulistas’, o “Caveiras de Ouro” ou o “Áurea Football Clube”. Que nomes! O senhor sabe que Porto Alegre também teve um grande São Geraldo e que lá, pelos mesmos motivos de segregação daqui,

fundaram a Liga da Canela Preta? Os patrícios e seus desafios, me recordando o jeito negro do gaúcho enveredado pela Argentina e pelo Uruguai, africanizado frequentemente nos versos e milongas de *payadores* como Gabino Ezeiza, cantador reconhecido pelos pampas e pelos arrabaldes da velha Montevidéu por sua elegância, habilidade na guitarra e galhardia na cantoria de desafios. Mãos parentes de tangos e candombes, será que teus pés e canelas eram também parentes de boleiros que organizaram sua Liga no Sul? Ali os descendentes da gente traída e assassinada aos bocados na Batalha de Porongos, marco da história das pelejas gaúchas que ainda berra por seus silêncios.

Sei que aqui além de rivalidade na bola vogava a rinha bairrista entre pretos, como a clássica entre Barra Funda e Bexiga ou a das contendas do século 19 entre capoeiras da Liberdade e do Brás pongando para dominar os chafarizes, territórios chave para o abastecimento de água do município e para mostrar ao pessoal da rua, entre lavadeiras e camelôs, quem mandava no clássico ponto de encontro negro ao redor da fonte. Contemplando o respeito à água que também vem de matriz bakongo, assim como também voga forte o respeito ao fogo, ao *Cumbe,* que pode nomear tudo que seja pedaço e inteireza de sol e é como chamam Quilombo em vários países da América do Sul por causa das fogueiras da comunidade, com suas brasas e línguas de chama que só se pode apagar quando falece um *Nganga*, um grande, como foi o senhor e foram *Tatas* e *Sobas,* nobrezas orientes da comunidade. Esses são tratos mocambolas em coisas cotidianas, sentimentos de casa e de esquina, de travessia e de arrepio, linhagens que as escolas e a inteligência oficial daqui ainda demoram para captar. Tem até aquela palavra que é mina e é horizonte, quadrada de tão feia, mas braseira e formosa no sentido: epistemologia, a que pensa elementos fundamentais dos conhecimentos, bases dos saberes. O senhor sabe... hoje sabe, mesmo que ela não tenha voado de teus dentes, mas sim praticada nos poros de teu corpo e pensada na concepção de cada dia. És como um oráculo e podes compreender várias sentenças, posições e passes.

Seu Ditinho, quando te abro o que imagino e pergunto daquilo que talvez escorreu como o fio líquido por fora de um copo com água gelada, não se trata de eleger a mentira como realidade ou de idealizar deslumbrado a frequência de teus movimentos, pois isso seria mesmo tripudiar de tua caminhada, em vez de a contemplar. Quando cismo com fundamento, me cabe apresentar a larga e porosa

relação entre as supostas verdades dos fatos, tão propagadas, e a mentira, presente também nas estacadas explicações absolutas. Tocamos detalhes e conjuntos, compreendemos penumbras viçosas nas diferenças entre épocas, histórias e enredos das nossas aspirações. Posso até distinguir bem os momentos cultivados como afronta escancarada e o que tenha sido camuflagem no São Geraldo, fora de campo e dentro da partida, compondo e inventando jeitos de jogar no tempo combinado e medido para uma disputa de trave a trave. Assim, nas frinchas dos atos simbólicos, do encantamento que seduz e do que desliza entre as gavetas dos documentos e as varandas imaginárias, podemos colher alternativas. Aí se cristalizam caminhos onde se cruzam nossas subjetividades, isso que nos faz da maneira mais elementar e complexa em plena matéria, pujança e miséria da vida. Matutar assim se faz necessário para que eu possa perscrutar entre pétalas, couros e escombros. A cisma então é pilar do pensamento, essa casa que dança e que lapida seu ninho onde for que se firme convívio, onde a carne dos corpos porejar. Nessa cisma, irmã do falseio capoeira tão real que pode derrubar ou tirar dentes, mora o ato de observar o que ainda não está no campo da visão e talvez nem venha a surgir concretamente, mas que em sua razão sensível oferece fabulações e enredos, orienta a intuição, absorve e organiza as intenções e tensões do lugar. Na encruzilhada dos tempos que adentram décadas e séculos, sonhos e traumas ancestrais e viventes, ritos e cotidianos, isso é algo que também desembaraça e desenlaça histórias e memórias, para que se cruzem de novo e de novo. Tal maneira que, liberta da volumosa carga da Verdade, busca captar até os timbres da malícia e os tons do silêncio, atinando possibilidades da presença e da existência, decerto é tida como ofensa pelas doutrinas de um Verídico que se limita ao que nomeia como objetivo, ainda assim recortado.

Seu Ditinho, como seria tua coluna, como equilibrava teu prumo enquanto pisava? Cabreiro, brincante, irado…? Tua cangaia arqueada ou tua espinha em riste? Balançava entre a postura da resignação e da honra? Alinhava-se orgulhoso ou até calculava fingimentos de submissão em momentos do dia, fingimentos perigosos pois acostumavam a coluna? Sendo o centroavante goleador, posso crer que pisava altivo mas, se curvado, poderia ser também pelo peso de anos das caixas nas costas diárias e não por subserviência que se tatuava nas íris. Mas talvez assim eu descarte

a tonelada dos arreios que se abatem não nos ombros e sim no pensamento, diante de cartolas e carestias, desmandos e humilhações. Talvez teu orgulho cobrisse a timidez, vencesse o acanhamento ou um medo submisso apenas mesmo quando adentrava com os parceiros no campo de futebol. Sei do porto seco que era o Largo da Banana e dos cumbas camaradas com quem o senhor trabalhava e jogava. E que estralava em São Paulo um apartheid declarado em áreas como a Rua Direita, o Parque da Luz, o Largo São Francisco e em uma renca de empregos, escolas, teatros e salões. Manchetes e cassetetes bradavam que a cidade tinha uma nação para fazer e puxar. Nessa missão comandada pelas finanças, branquear era a ordem. Se ainda hoje tantas vezes é entre raiva e desilusão que a gente amanhece, imagino na tua época. Quanto aviltamento, mas também quanto revide. Sobre corpos e histórias aquela pecha de serem “incapazes de se concentrar e se organizar”, propagada como uma desbragada vergonha e uma suposta doença social a arrancar do corpo da nação e purificar o futuro do país. Falácias assassinas apoiadas pelo que se dizia científico e bombava nas leis, nas reformas sangrentas da cidade, na fome e na bússola da migração. No futebol também, sim, Seu Ditinho? Mesmo depois, quando iniciando suas pegadas profissionais os jogadores pretos foram aceitos nos times mas não podiam ser sócios dos clubes.

Desde o século 19 na Inglaterra o futebol estrelava como esporte, louvável adequação a um cristianismo atlético que modelava a altivez moral dos homens de uma elite. Havia décadas, a habilidade em responder com brevidade ou imediatamente aos estímulos e problemas do jogo estampava o “mens sana in corpore sana”, que o senhor deve ter visto e ouvido muitas vezes na cidade que também fedia, purulenta. A virilidade, a cooperação e a disciplina bebiam na fonte do críquete e rúgbi. Para os cavaleiros, cavalheiros, ao contrário do corpo dos trabalhadores que seria moldado na produção fabril e na operação exaustiva entre maquinário e galpões de fábricas, a musculatura e saúde dessa que se via como alta estirpe iria se compor aí também, para além das cavalgadas, já com chuteiras e antecipando a resenha do jogo suscitado no chá dos lordes. Ainda que no risco dos arranhões entre o caos e a ordem de cada jogo, a empáfia vogou por aqui em clubes como o Germania ou o Athletico Paulistano que por anos recusaram-se mesmo a desenvolver em seus recintos o futebol, tido como esporte já praticado demais pelo populacho, barrado em vários círculos de matiz europeia que resguardavam seus

ambientes para mantê-los mais propícios aos acertos de negócios e de matrimônios. Nesse balaio, imagino o preparo e a consolidação física dos senhores do São Geraldo levantando diariamente o pesado fora das indústrias que os repeliam, lapidando a agilidade treinada nos jogos de pernadas e batuques, dividindo no mesmo corpo a graça da ginástica mais maliciosa e a força do músculo talhado pelas caixas que encurvavam os cangotes e destroçavam colunas. Cismo de cá com a combinação brutal e pitoresca do vigor e da extrema insalubridade que alquebrava e definhava rapidamente para a vida os corpos de carga.

E teus manos de ataque: Caetano, Vaca Braba, Bode e Hilário? Sei que em 1940 o São Geraldo arriou e parou de vez porque não conseguia mais se aguentar forte diante do profissionalismo que se encorpava. Me corta o peito feito papel imaginar a tristeza desse momento de guardar as chuteiras no baú e anunciar que não haveria mais jogo. Seu Deonísio Barbosa, maior nome da história do Camisa Verde e Branco desde que a escola era cordão, e também Seu Alcides Hortêncio, da A. A. Palmares e da Confederação Esportiva dos Homens Pretos do Brasil, diziam que o Corinthians firmou de ir buscar na Barra Funda jogadores do São Geraldo e isso desmanchava o time. Será que Vaca Braba e Bode foram para o outro alvinegro, o de meu coração? Será que ali mudaram de nome e largaram apelido? Será que continuaram levantando caixa de banana e encarando sorridentes a demanda nas rodas com Inocêncio, Negro Zimba, Negro Louco, Negro Café, Guardinha Boca Larga, Oliveira e Mineiro do Rádio, os bambas da pernada, nos jogos de tiririca no Largo ao entardecer de um cotidiano exaustivo? Treinando para o futebol corintiano ali, desviando dos golpes rasteiros animados pelo toque das escovas dos engraxates coladinhos que brasavam a ritmia, e como craques diferenciando o “cair”, que significava se machucar sangrado, do “ir ao chão”, que é deixar na malandragem a gravidade chamar o peso e descer ao solo para fazer graça, rolar e subir para chamar a vez de aplicar a perna. Pois é, para a vida quantas lições cabem no saber cair, Seu Ditinho, quantas… Que faculdade de imaginário...

Quais motivos para sorrir teriam além do domingo? No campo, os senhores eram de romper na garra, de bolar combinação ou de satirizar o adversário, atacando na psicologia até desequilibrar? Imagino se seriam de intimidade com a bola na coxa ou de pique inalcançável, lépidos, sabonetes ruins de agarrar. Sei que em tantas

ocasiões, mesmo com o jogador preto fintando e conduzindo a bola, se o marcador do outro time resvalasse em jogadores pretos era apitada falta para ele e até linchamentos aconteciam, com aval e apoio do muque do árbitro. Aqui o pessoal mal sabe dessas tristes origens da finta ou mesmo das forcas nas árvores e das “strange fruits” que Billie Holiday e Nina Simone cantaram lamentando o sul dos Estados Unidos, mas sabe o que é o camburão rondando e escalpelando a cada dia até com transmissão via satélite. E sabe também das tiradinhas e anedotas infames que nos corroem nos colégios.

Seu Ditinho, o senhor teve que correr de campo? Aqui nas beiradas de várzea paulistana, já presenciei até tiro na bola para se manter a invencibilidade do time mandante, já vi a capoeira de meião e chuteira acertando cabeça e costela, e já assisti a muito futebol virar murro e tijolada, além de também presenciar, como em real escola de diplomacia, horas de acerto na pala das diretorias para ninguém ter que levar cadáver na caminhonete de volta para a sede. Mas em tua época, que além das desavenças entre times de pretos contemplou também muita irmandade, o senhor teve que abrir vereda acelerada fugindo de campo para não ser espancado por brancos por ser preto? Boleiros antigos citaram essas covardias, entre eles o majestoso Domingos da Guia, apelidado “O Bailarino”, que as testemunhou no Rio de Janeiro e por isso contou do seu medo de entrar para o futebol. Dessas paúras ele disse que veio a fonte para o seu passo miudinho fintado ao sair jogando da zaga para a meiuca. Daí uma fonte decisiva para sua elegância no conduzir simulado, no pontear na terra os passos de iludir e no saber guardar a pelota para assim não deixar oponente branco lhe encostar nem triscar. Dibrar não porque se tem isso na alma ou nos genes, como decreta o argumento limitado, recheio de estereótipos, mas pela situação escabrosa do próprio tabuleiro racista e pela necessidade de recriar, mesclada ao gosto de inventar no jogo, o que gera e gira linhagens. Eu chamo de Dibrar porque as regras caladas podem ditar e espetar mais do que as escritas. É, Seu Ditinho, o dibre pode até vir da palavra inglesa, “dribble”, mas aqui encontra colorido e reconhecimento no *Dibo,* que em kikongo significa “dançar” e está também na origem etimológica dos sentidos de “discursar”. Desde que guri deixei tampões do meu dedão nos asfaltos e ralei meu joelho nos campinhos de terra daqui de Americanópolis, Jabaquara, Jardim Miriam e da Divisa Diadema, sinto que nossa presença sempre foi mais a dibrinha do que o drible. A nascente vem daí, do rastro

que tua patota alastrou e que teve urgência, sobrevivência, desfrute e brinquedo. Capa, página e linha. Próprio de quem não pode bater sempre de frente. Troca de eixo e balanço no peso, marca da gente e da nossa cultura de fresta e entrelugar. Manta de imaginário bordada com a lã que a História cofiou.

Zelão, Tita, Africano, Filipão, Olavo, Caçarola, Pé, Buiú, Alfredo, Goiabada, Bizerrão. Bambas e brigadores nas ruas da Barra Funda, teus manos da responsabilidade no gol, na zaga e na meia cancha do São Geraldo. Como foram paridos? Chegaram dos trens do interior após dias de arreio e de febre, com a bunda quadrada e a esperança rachada? Como morreram? De cachaça, facada, enfarte, tuberculose ou de doença de chagas, como não era incomum? Com feridas largas nas pernas, com sequelas de doença venérea frequentes à gente madrugueira do teu tempo, Seu Ditinho? Será que teus companheiros de equipe teimaram em não largar as casas que a prefeitura demolia à vontade em territórios negros e morreram soterrados, quebrados em desmoronamentos que crivavam a higienização da cidade e garantiam espaço às chácaras de famílias como a dos Prado e dos Matarazzo? Será que se finaram largados num gelo de fundo de cela lembrando gols e defesas ou seus dias derradeiros cá neste planalto foram rodeados de netos no quintal, tomando sopinha quente enquanto brincavam no formão serrando tábuas e cercas para viveiros, brinquedos e tramelas? Talvez um dos teus malungos futebolistas partiu alegre em pleno cortejo de bumbos ou suado, contente e fustigado pelos repiques das latinhas de graxa na roda de pernada. E, como tantos negros ainda poucas décadas após o Treze de Maio, talvez no enterro tenha havido batuque e gurufim, carteado e copos entornados. E quanto a ti, Seu Ditinho, tuas pernas tão cantadas se esticaram em caixão ou se despediram benzendo ruas cantadas em um batuque, abauladas em uma rede levada nos cangotes do povo que louvava a partida de um grande, de um *Nganga*? Teu corpo defunto descansou em uma tipoia amarrada entre as pontas de uma vara, como em tantos funerais ritmados e zombeteiros daqui, tidos como exemplos de “selvageria” e “incivilização” pelos legisladores e delegados? Penso se o senhor tinha família de sangue e ela conseguiu um enterro digno sem recorrer a uma Confraria, como a da Nossa Senhora dos Remédios na Praça João Mendes, ou a uma das Irmandades do Rosário como as da Penha, do Paissandu ou do Lausanne, daquelas associações que vinham de séculos passados e que ainda em tua década organizavam consórcios e recolhiam moedas

para o funeral daqueles que nem a igreja queria velar. Será que tua família te evitava pelo convívio com os malacos devotos dos jogos de corpo ou, briosa e festeira, te aplaudia pelos gols? Será que criança, já reluzia saracoteando pelos terrenos da Barra Funda ou era como tantos pretinhos encarregados de levar e trazer marmitas e roupas quaradas, passadas no ferro de brasa? Como tantos guris, será que teve o batizado negado pelas igrejas da capital?

Imagino a profusão de movimentos do São Geraldo, os corpos emanando seus discursos. Imagino esses traços encontrando outros movimentos e acendendo vestígios, essas trilhas brotando entre caldas sonoras. Rastros das excreções e do pus, rastros do mel suado pelos amantes, rastros de lugares onde foram levantadas, paralisadas e abandonadas glórias que o patrimônio histórico oficial não conseguiu enquadrar, nem farejou ou evitou considerar grandeza. Rastros da cidade que fedem a urina e que sob a barba cerrada guardam memórias de vitórias e de torcidas inteiras gritando seus nomes e saltando com seus desarmes. Rastros vigorosos e palpitantes que concatenam histórias passadas, tão vivas, e conciliam forças finas em mapas mentais que encontram seus reflexos em comunidades pretas alastradas por onde a escravidão e suas vertentes pintaram.

**Pé de terreiro, balanço e frescor**

Aqui admiro muito um escritor, é Muniz Sodré, o senhor conhece? Em um livro chamado *"O Terreiro e a Cidade"*, colocando matrizes da filosofia dita "ocidental" para comer na mão, ele reflete e discorre sobre as regras afrobrasileiras apresentadas nos terreiros, lugares de cultivo da ancestralidade trançada a lógicas do corpo, de iniciação e de segredo, pautadas em uma consciência de interação entre o visível e o invisível. Nessa categoria de terreiros agrupo também nas áreas citadinas as sedes benzidas dos congados, das irmandades do rosário e das confrarias conduzidas por pretos, assim como as muitas associações comunitárias, cazuás de maltas de capoeiras, quilombos urbanos, zungus preservados para a turma junta comer angu, salões de bailes e teatros auto-afirmados como negros. Lugares que adubavam histórias e combinavam desejos secretos, responsabilidades comunitárias e o que

aflorasse nos corpos que se embrenhavam nas vielas e flutuavam pelas ruas no cotidiano, desafiando as brechas das datas especiais como os feriados católicos e cultivando a presença nas esquinas, essas áreas de poder e de surpresa. Pessoal levando e gotejando a seiva de terreiros em pedaços de chão na cidade onde se derrama o suor, o sangue, a saliva, o esperma ou a lágrima, esses veios de humores.

Cismo com esse balanço, esse equilíbrio em movimento que desenha aquilo que chamamos de jeito pessoal, que é essa ponte de muitas pontas projetada e zanzada entre a imensidão mais íntima de cada cabeça e os tabuleiros que a sociedade e a comunidade oferecem para um vivente a cada dia. Pessoal: o aninhado em lugares que são abrigos e canais com outros mundos que se cultiva mas não se vê, lugares que também são iniciados (como as pessoas) em condições de graça, de luta e de convívio. Nessa vereda é que Mestre Manézinho, nobreza do Cordão Barra Funda, da Unidos do Peruche e tão respeitado baliza e mestre-sala em muitas escolas de samba paulistanas mesmo para além da Zona Norte, talvez neto de algum companheiro teu de time, ensina que antigamente para o integrante firmar sua presença na casa e na linhagem tinha que assinar com o pé seu próprio nome no chão do terreiro, na roda em plena intensa batucada. Imaginemos gente transbordando saberes, mas sem escolaridade. Gente batizada Custódio, Avelino, Prisciliana, Sebastiana ou com seus apelidos às vezes ganhos na hora por um jeito afiado do destino. Gente firmando a responsabilidade ancestral com o seu pé bailarino, assinando com o corpo o caderno do solo, mantendo e expandindo o vigor do chão, banhado na cachoeira sonora refinada e estralante gerada pela sua comunidade. Desconheço grau mais sublime de mescla entre corpo e escrita do que esse, Seu Ditinho.

Compreendo que importa é isso: o *Axé* plantado, o *Ngunzu* partilhado e esparramado, a Força Vital comunicando tempos e reverberando técnicas e enigmas, revigorando o elo comunitário cultivado em um espaço dentro de uma metrópole tão adversa. Em muitas ocasiões, tal assinatura ocorre também fora desse lugar primeiro, seja ele um galpão, uma beira de rio, uma casa ou um quintal que foi feito território iniciado. Daí vai rolar sua pedra em outras dimensões e condições de espaço, como, por exemplo, em um cantinho da praça central, iniciada também, ritmada pelas latinhas sujas e cintilantes dos engraxates, melodiada no lamento brincante ou na gargalhada rente que machuca como um voleio da roda semanal de

pernada, enquanto a patota brinca e assim permanece de campana com os capitães que vêm para acabar com a função da Tiririca. Firmada e maleável, essa vibração pode ir para o cortejo que toma as ruas ou chega para a feira sujeita aos improvisos e surpresas, magnetizando gente que pode não ser do cordão nem do terreiro mas que comparece para aprender e ensinar, para Ser. Jogo de contatos, mapa gingado espalhando pretice, convite sedutor de entradas e passagens e pleno de regras para a presença e a permanência. Como será que tua cabeça e teu peito sentiam cada campo, Seu Ditinho? Se na teia do espaço se faz a ciência das distâncias, e se na graça do movimento, essa categoria de presença, também o asfalto e até um piso azulejado poderiam ser também terreiro, percebo os sentidos de um campo de futebol onde os corpos pisam, transpiram, disputam e marcam posições móveis. Por aí, oferecendo a afronta e a boniteza à cidade, nessa gama do jogo e lidando com inimigos declarados, como tocavam na tua compreensão o namoro e o desacordo entre essas noções de regra e de lugar? Fico cismando como imaginava e inventava a potência simbólica de uma bola e seu jogo.

Os terreiros e estes campos, irmãos de sintonia e de proposta para ocupação e novos desenhos da cidade, destoando da lógica dos espaços capitalizados, não seriam então lugares de produtividade, de repetição robótica e de impessoalidade, mas sim de troca e de afirmação das múltiplas dimensões de Ser. Ainda sobre valor e apreço, fundamento e poder, vale ressaltar uma diferença crucial para entender as relações entre o que é vivo. Um ebó, uma bença ou um dibre, por exemplo, não produzem mais-valia nem excedente que gere lucro, pois se encerram em si mesmo, nos movimentos do jogo. O lastro é a saúde e a alegria da experiência, a tradição cultivada e recriada. Um cortejo congadeiro cumprindo sua obrigação comunitária enquanto palmilha a cidade, pleno de símbolos de ladino-amefricanidade, quase sempre mal interpretados pelos sistemas de pensamento das elites econômicas, não produz nada, apenas realiza corporal e coletivamente a sua demanda, cumpre a sua obrigação diante do que considera destino e tradição. Poetizando, fintando, defendendo e encenando passagens dramáticas e épicas com a profusão de símbolos levados no corpo enquanto toca a bola, a caixa ou o trompete, faz a atmosfera e a concretude da cidade, reverenciando, celebrando e reinaugurando o momento primordial da comunidade. Colore o cerne da luta antiescravista e mantém a continuidade da linhagem e dessa improvável e imprescindível alegria.

Porém, Seu Ditinho, que a gente não perca de vista o que era e o que é, na história da cidade, o lastro dessas convivências e dessas manifestações de força de realização antes e depois dos tempos de indústria cultural e de voracidade na máquina de produzir entretenimento. E o que se esgarçou encaixando essas feituras até como marca nacional de exportação e de jogatina eleitoreira, desde que cada vez mais desafricanizada, alvejada e manipulável, gerando lucro financeiro ou político entre a exaltação e a anestesia. Hoje, se o São Geraldo tivesse se tornado uma estampa cheia de medalhas e uma quadra com áreas VIP, talvez o senhor em chinelas ou em camisa de gola perfumada ainda seria barrado na porta da sede, como acontece com tantos anciãos que amassaram o barro onde depois despontaram palacetes com camarotes.

É preciso atentar às sapiências da sola africano-brasileira em terra dura que deve se fazer ninho. Atentar à demografia do tráfico negreiro; aos pilares das formas de decifrar ou de interagir com o mundo; às migrações internas de cativos ou alforriados no Brasil pelos séculos 18 e 19; à singularidade da escravidão de ganho que toma as ruas com singulares ofícios, negócios e significados de se locomover; aos territórios negros nas fronteiras difusas entre campo e cidade; à política interna das hierarquias comunitárias de casas de preto e à sacralidade das roças, baldios, beiras de rio e de pontos dos asfaltos paulistanos na história da metrópole após o famigerado e assinado dia Treze de Maio. Assim posso me sensibilizar ao que pode parecer pouco para as miradas utilitárias, pragmáticas, mas que abre vulcões no cotidiano e sustenta sonhos com seus jogos e detalhes.

Por sobrevivência, por necessidade de encontro e pelo gosto de viver, vogou a fundação de lugares de afirmação de negritude e que são até abertos ao diferente, à pessoa que chegue e ofereça sua ideia, sua voz, seu passo e sua força. Aqui a musicália e sua política, formando núcleos em pedaços estratégicos urbanos e afirmando o corpo que antes foi considerado negativo, abrindo horizontes pedagógicos e espirituais, foram práticas comuns para a população negra desde a escravidão urbana em cidades distintas como Recife, Rio de Janeiro, Salvador, Belém, Campinas e Porto Alegre, assim como em várias outras de países americanos que se estruturaram no escravismo. O que haveria de comum entre esses movimentos e a Congo Square em New Orleans e o Callejón de Hamel em Havana? Como Muniz Sodré ensina, partindo da memória ancestral e da marca coletiva que

não elimina a marca pessoal, mas que a conclama, as razões do corpo e as aparências são fundamentais onde a força simbólica é viga estabelecendo razões de jogo, inventando lugar, criando nas medidas com as réguas das regras. Combina seriedade e tato zombeteiro de forma meticulosa mas atenta ao superficial e ao que aparece magnético e farto de sentidos, sem destronar a grandeza do que se oculta. Sinto que cada jogo do São Geraldo, representante da Barra Funda e suas africanias, estava prenhe desses elementos e que os senhores viviam no movimento o que não se esvaía no território físico de um barracão, mas que dele não abria mão, pois o time seria também uma embaixada atuante em uma época repleta de baixas e batalhas atrozes. Assim o campo de futebol feito um terreiro. Preservando seus segredos, mas prevalecendo como anunciação. Apresentando seu refresco, animando para a invenção e a jogatina, recompondo a calma que acolhe feito a brisa do jardim que guarda doçuras e venenos. Orvalho e viscos.

Ê Barra Funda, território também palmilhado por Geraldo Filme, o menino que entregava marmitas, o veterano do panteão do samba. Bairro da primeira linha de bonde elétrico e de pequenas indústrias agregando trabalho para geral dos pretos que não conseguiam um “serviço bom”, ou seja, os renegados pelas fábricas que contratavam majoritariamente homens europeus da mesma nacionalidade que seus chefes e patrões, negros que viviam de acender luz dos postes e limpar trilho de trem, respirando a desconfiança de serem atropelados pela locomotiva paulistana como os muitos que sangraram a ferrugem das bitelas. Gente que chegava a sonhar com uma difícil vaga de entregador ou de carimbador no funcionalismo público. Ali na Barra Funda, entre matriarcas negras que vendiam o que pelas ruas fumegava de doce e de sustança para os rapazes do muque e da patola, chegava a leva de gente para ensacar café nos enormes armazéns ou auxiliar nos carroções. Gente escanteada pela cidade que se envergonhava de nós, Seu Ditinho, o senhor sabe. Pois ali, em 1917, em qual praça entre os ventos dos Campos Elísios ou em qual bar colado à linha férrea entre copos fundou-se o São Geraldo por Silvério Pereira, Rufino dos Santos, Felisbino Barbosa, Horácio da Cunha, Benedito Costa e Benedito Prestes? Quem dali sabia ler? Cismo em quais cantinhos de porões sem janela e sem luz da alameda Glete, da Nothmann ou das ruas Lopes Chaves e Barra Funda, ou das ruas Marquês de Itu e General Jardim, já lá pra depois do Largo do Arouche, habitavam os jogadores que chutaram a majestosa e venerada bola, bem cara e difícil de se ter

naquele tempo. Penso entre quais objetos, ainda latejando os carinhos recebidos nos muitos terrenos baldios dali, ficava a gorducha na sede da rua Vitoriano Camillo. Como saía organizada a torcida? A turma pisava junto no caminho da garoa ou cada malungo vinha palmilhando sozinho pelos mistérios da noite? Imagino de cá essa saída, com os namoros que surgiam entre os xingamentos irônicos carinhosos e os elogios pudicos e doces, com as rimas ácidas gargalhando e apresentando características cômicas e até vexames de cada integrante da leva, com as garrafas rodando pelos dedos inchados e lábios trincados, com as rezas solenes e as serelepes, com a notícia miúda às vezes cantada, espraiando-se pelo cordão avisando de um funeral, de uma barreira fardada, de alguém saudoso que ali participava retornado ou de um indesejado que chegava para atear a vontade dos valentes se mostrarem e expulsarem dali o mal-quisto, entre os incentivos à força e os pedidos de calma. Tudo isso em percurso, modelando, recuperando e certificando humanidade, refrescando caminho com o que realiza uma comunidade e o que a diferencia de um mero amontoado de gente.

Talvez, ao modo de muitas africanias, águas fossem jogadas no chão do abre-rumos da turma. Eis o que surge revigorando a base antiga. Grande tradição é a invenção, a criatividade, não a que alimenta a sanha por moda nova para a estação, logo descartável, mas a que cultiva seus pilares e reinicia as origens com o fundamento estético e ancestral do frescor, retomando aos caminhos novos a esperança e agradecendo sapiente a força do chão, que é capaz de fúrias e de acolhidas serenas. Palavra feito Água que agracia a terra com seu frescor, pelo benefício dos caminhos e das bases firmes. Essa sensibilidade está no *fresh* tão cantado no soul e no funk, que traduz a celebração ou o desejo de um desfrute estético encontrado quando se nota uma hábil novidade em uma forma musical ou dançante já consolidada. Está também nos Dagara, povo burkinabé, que ressaltam o frescor como um elemento da consciência da água vertida nos corpos que se reúnem, por sua leve e potente direção aos princípios da memória e da união da comunidade e seu destino, recordando assim as mazelas da secura e do que se solidifica nos tratos e nas relações entre as pessoas. Está também no costume antigo que é conceito e imagem central da estética do povo Mende, na Serra Leoa, que dá o nome de *Neku* para a qualidade do frescor, virtude existente em uma força silenciosa e sem antecedentes que se movimenta ao redor de um estilo, energia

serena e potente que sensibiliza e aperfeiçoa nossos sentidos pelo tom da novidade que pode envolver algo que já reconheceríamos, mas que renasce pelo aprimoramento da experiência de contemplar. É com o povo Mende também que o símbolo da esperança vibra viçoso ao se despejar água fresca sobre as primeiras pegadas dos filhos que emigram desafiando pedreiras, desertos e mares rumo à Europa. Assim como candomblecistas brasileiros, lucumís e palomonteros cubanos oferecem água, Ómí Tutú, à terra quando deixam suas moradas para que ela propicie paz aos caminhos ou quando chegam aos terreiros, agradecendo a tranquilidade de um percurso realizado.

Será que os senhores também derramavam água ao chão na saída da Barra Funda? Jogavam água bem oferecida nas marcas dos passos de quem entraria em campo? Pois o São Geraldo em si, com seu suor e seus copos, já considero um frescor para a cabeça e o cotidiano da gente preta da cidade, por sua faculdade de recordar os sentidos principais dos encontros e da jornada de viver. Um gol marcado em um jogo, seja quando a derrota ainda estampa o placar ou quando a vitória está ameaçada, é um ânimo refrescado.

Eis o que se chama de ladino-amefricanidade, Seu Ditinho. Como outros abrigos e movimentos criativos cultivados pelas veias das diásporas africanas, pelas beiradas e miolos das Américas, compreendo o São Geraldo feito uma lagoa que conforta e um caldo que vitamina o que seria visto apenas como derrota e fragmentos de estouro na dispersão de pessoas capturadas, subalternizadas e seus descendentes. Como a água que persiste minando e refrescando entre os pedregulhos na garganta de seus descendentes. O canal que é liga e mantém continuidades e reencontros, renovando e questionando elos comunitários que aquecem, oferecendo bases e orientes para que pessoas aflorem a si mesmas como sujeitas do próprio passo. Os tempos das experiências desse rio, dessa Kalunga que não é apenas morte, mas também o reviver e o reencontrar, são águas de mesclas, de deltas, de afluentes e até de bifurcações e vapores que se destacam e se desgarram, desaguando em outros cantos e latitudes, seguindo ventos históricos, políticos, tecnológicos ou o que mais abrir derrames ao lutar por transformar muros das fronteiras em tecidos que se molham, se empapam, se atravessam e até mesmo se desmancham. A prosa aqui é sobre outras modernagens, Seu Ditinho. Gente e frescor gotejando na cidade mecânica. Nesse cultivo conjunto e em seus detalhes de

ver, cheirar, escutar, arranhar, cair e calombar, capto a humanidade de pessoas pretas organizando de forma mais profunda os seus sentidos de vida, presenciando e tocando o invisível. E, nesse balaio, como foi apurada a linha do São Geraldo, Seu Ditinho! Não me chancelo nessa fase da história que foi definida como moderna e expandiu um projeto de burocracias, forças e técnicas europeias pelo globo. Porém, se um termômetro para isso é também o índice de novidade e ousadia, de mudança e conflitos dramáticos, se é de refazer continuamente a própria noção de si e os jeitos de ser sujeito, o que haveria de mais moderno que esse lastro do time do São Geraldo?

Quis sentar contigo e calmamente perguntar como foi ser campeão do torneio que teve como mote o centenário da independência de um país em que a política de Estado era abertamente segregacionista. Nem tinham se completado quatro décadas de abolição oficial da escravatura e imperavam muitos gérmens de ideias de nação que ainda hoje nos lambem de hipocrisia, ocultando conflitos e bandeirando uma harmonia que não contempla nosso cotidiano. Desde o século 19, apesar de toda a catástrofe e evidente sangria que amassava os séculos, já se divulgava uma peculiar ideia de nação e solidariedade, um cimento que colasse toda gente do país em um mesmo tacho afetivo e político, mas foi pela década 1930 do século 20 que se firmou de uma varanda em Pernambuco a argamassa teórica que, mirando da Casa-Grande para as Senzalas de sua fazenda, inverteu o prisma e afirmou que a vergonha de antes deveria então ser qualificada justamente como a singularidade positiva da nação. Argumentando sobre espontaneidade, simpatia e malemolência, linhas que foram tão bem usadas para se manter mais do mesmo, veio a estaca-mestra da ideia de que questionar relações raciais no Brasil seria depor contra a unidade nacional. O pacto de inauguração da nação apresentado pelas elites lá em 1822, que firmava a escravidão como base para o seu futuro, arranjava aí suas camuflagens. Os pilares e as sequelas perduravam bem nos teus calcanhares e costelas, mesmo que trocassem os seus cartazes oficiais tentando impedir que quaisquer movimentos que destacassem o abismo entre pretos e brancos em todas as dimensões públicas e privadas se tornassem um fator e um critério de mobilização política. O São Geraldo jogava nessas beiradas do campo e atacava pelo meio. Haja discernimento, vitalidade, tática e estratégia. Parabéns e obrigado, Seu Ditinho.

Diante e dentro do racismo que primeiro baseou suas justificativas em pressupostos de doutrinas cristãs, depois ganhou garantias por uma presunçosa convicção de ciência e então se amparava nas balizas de uma ideia de progresso que filtrava os candidatos considerados inaptos, ganhar de 3x0 na semifinal do time do *"Ordem e Progresso"* não deixava de ser uma ironia cortante, sendo que isso era barganhado até pelos patrícios da redação negra do jornal *"O Progresso"*, sim? Será que o senhor quando comemorava um gol pensava naqueles que carimbavam nos quatro ventos que a negrada era incapaz de operar no crescente mundo industrial paulistano, por sermos menos gente do que as propaladas noções de individualidade e de razão da tal modernidade exigiam? Meio segundo após a bola cruzar a linha entre as traves, no êxtase da celebração ou com a frieza magoada, em tua mente surgia os que carimbavam que pretos eram sujeitos esgarçados e desconfiáveis, sem condições de dominar o dentro e o centro de si? Pois que mote espinhoso esse de ser pessoa, entre o que é chamado de indivíduo e o que pulsa em coletivo. Quantos dilemas há entre os mapas da solidão, de se atinar em grupo e de ferver ou perder-se na multidão... É nessa horta do que se plantou africanamente nos peitos pretos daqui, nessa coletividade, que em nós vivem os mortos. E até hoje esse cultivo não coube redondo na História dos protocolos, relógios e gabinetes por aqui, mestre. Questão de filosofia de ser. Aí há tanta miudeza e detalhe no prisma e na finalidade de cada movimento, nas concepções do que são a cabeça, a inteligência e os bordados políticos. Por exemplo, poucos consideram a política pensada e suada nos consórcios, nas táticas e nas negociações dos agrupamentos e das cambadas de carregadores de pianos, batatas, pessoas e tinas cheias d'água que, nutridos por formas coletivas africanas, antecederam sindicatos. Penso no ritmo e nas lógicas das lideranças, na negociação com forças econômicas e referências ancestrais que regiam as decisões da casa e da esquina.

**Águas que amolecem – matéria para suavizar dureza e esculpir gente**

São Geraldo. Equipe formada para lidar com o bruto. Abrandar o áspero enquanto a turma se organiza lapidando a técnica em movimento conjunto. Consumar o ânimo que delineia o que é aconchego para os giros e para a ciência do repouso. Algo de conforto diante de uma rocha, do beque rude do adversário, da

zaga brava que marca o passo preto a cada bairro da cidade. No time molhar-se, amolecer a rigidez e possibilitar o amparo e a criatividade dentro do próprio coração e no mapa urbano. Entendo o São Geraldo como essa liquidez que laceou no peito encrostado os apertos de muitos pretos; como time que segurou o tijolo maciço no cotidiano e banhou com habilidade, ímpeto e perseverança a barra, feito a mão que realiza o desafio da escultura. Com o futebol, suavizou o acre como um molho salobro e feito água modelou como pôde as pedreiras que a cidade de São Paulo lascava em suas costas e seus mapas. Como se faz com a argila, a princípio espessa e invulnerável, que se abranda com a água que permite a penetração e a carícia dos dedos que abrem cavidades na massa que será entalhada para render boniteza. São Geraldo como essa água que envolve a densidade robusta, possibilitando que tantas presenças agudamente depreciadas se realizassem como pessoas, encontrando na massa e na calda do futebol a matéria que amolecia a dureza do racismo drástico.

Por favor, me responde como foi aderir à Liga de Amadores de Futebol, a LAF, que o Club Atlético Paulistano fundou em 1925 injuriado com a Associação Paulista de Esportes Atléticos, a APEA? Como era jogar contra o Sport Club Germania já pelejando na nova divisão intermediária que teve até o Corinthians por três anos a disputando, até acabar em 1929, porque era dureza manter jogadores sem salário e sem vínculo formal diante de times e clubes que começavam a acenar com moedas e contratos, já prenunciando o que viria ao São Geraldo uns dez anos depois? Como foi perceber a astúcia de quem começava a afirmar que nossa mestiçagem era uma glória, uma dádiva e uma harmonia em si nos brados que mal ocultavam uma direção pitoresca porque também eugenista, ditada por um projeto grande de controle, purgação e aniquilação? O senhor captou a derrocada daquele racismo que se arrogava ser ciência? Como conversaram os senhores, boleiros, sobre as tentadoras propostas de ascensão e integração que no futebol já se bordavam ao abrirem espaço para os craques pretos no campo de jogo mas não no clube? Imagino vocês versando sátiros em uma roda calangueira ou murmurando pasmos nas manhãzinhas de trabalho pesado o tema dos times que até alteravam seus estatutos de proibição à “entrada de homens de cor”, como feito em 1933 com Mateus Marcondes, “O Másculo”, contratado pelo Clube Esperia, porém não mudavam o proceder proibitivo nos portões das suas áreas sociais. Pondero que já vogava ali o desejo dessa fresta que o futebol põe para sonhar, o vão de adentrar em um conforto

e reconhecimento que as oportunidades da bola, tão afuniladas e cada vez mais com emplastradas cartas marcadas, ainda propagam que oferecem aos sofredores. Seu Ditinho, com a boca seca de raiva ou cheia do cuspe do desprezo, os senhores proseavam sobre poderem ser jogadores mas não sócios e sobre poderem correr e chutar mas não terem autorização para nadar nas piscinas? Sobre serem apreciados os pés que corressem de chuteira no gramado das canchas de jogo, mas não pisassem na grama restrita a associados? Foto de face preta na carteirinha ainda interditada era só devaneio, Seu Ditinho? O senhor tinha esse afã?

Perscruto os olhares e o respiro de teus parceiros. Imagino sonhos e mágoas. Cismo que a criação e a manutenção do São Geraldo, comemorando e bebemorando vitórias, firmando o orgulho vitorioso e também o brio com a frustração das derrotas, comportaram um abrigo que aconchegou e propiciaram a sedução de modelar a matéria sabidamente tão sólida, desvelando o que já se conhece de si, do contexto e também do que se sonha, pois anuncia seus movimentos enquanto partilha confiança. Cismo que esse ardido nos olhos quando a equipe se juntava minou água que amolece as crostas sólidas do racismo. Águas em caldas herdadas das formas antigas de lutas das comunidades negras que se atualizam a cada giro dos tempos.

Compreendo o São Geraldo também como a cumbuca que se enche de água, ali onde se coloca o feijão duro para madrugar, facilitando o cozimento e a mordida. Time do São Geraldo e toda sua função como a própria gamela que recolhe as gotas, fios e poças d'água que foram cada integrante do grupo e que lida com o maciço pesado que compõe o conteúdo do pote. São Geraldo como a água que ameniza o rígido. Água que infla o grão e é também nutriente, mas que apenas age com o tempo, tornando apto a ser mastigado e desfrutado o que antes quebraria dentes.

Encontrei dia desses um bocado de depoimentos do pessoal que nasceu aqui depois de ti e antes de mim. O senhor os viu talvez crianças, mas eu lhes assisti apenas em filme ou oss ouvi de tabela, cantados em rodas danadas das periferias paulistanas. Olha este trecho aqui de Seu Zezinho da Casa Verde, aquele do cabelo grande e preso que participa da peça e do vídeo *"Nas quebradas do Mundaréu"*, com Toniquinho Batuqueiro, Zeca da Casa Verde, Geraldo Filme, Silvio Modesto e Talismã, dirigidos por Plínio Marcos: "Na Barra Funda jogava aqui no São Geraldo. Negro não passava [para a primeira divisão do campeonato]. Então nóis desafiêmo tudo quanto era time de São Paulo. Tudo, Paulistano, nós desafiava todo mundo.

Ninguém queria jogá com nóis. Sabe quem foi que um dia descobriu o São Geraldo? O Corínthians, o Corínthians começou a passá a mão nos negro devagarinho, tirô um, tirô outro e destruiu o São Geraldo. Mas o São Geraldo era prá sê um time de primeira categoria. No campeonato era…"

Sabe, Seu Ditinho, imagino que tornar-se pessoa é modelar a existência nessa fresta cada vez mais ornada e combinada entre a presença dita individual e a coletividade feita comunidade. Penso nos senhores e tudo isso em contexto de violência pavorosa. Em encontrar no time a potência e o poder de ser, própria da água que afofa o que parece invulnerável e ali encontra deslizes e mesmo orifícios férteis. Vocês nas gamas da oralidade, que é mais do que voz e orelha, é mais do que saliva pois é corpo pleno que engloba o silêncio, os rodopios e o braço lento. Sei que nessa teia se firmaram, formaram, desenvolveram e garantiram sobrevivência e reinvenção muitas gerações, século após século. Por isso muito te agradeço. Para não amuar, recordo dos senhores quando volto ao meu bairro na alta noite e vejo as desgramas daqui. Ou quando sou abordado pelos seguranças das faculdades da USP, universidade onde curso meu doutorado ("-Vai onde? Posso ajudar, mocinho? Uai, como eu poderia saber que você é estudante?"). É impossível não lembrar dos projetos de limpeza étnica, tão nítidos na época em que teus gols marcavam o calendário em São Paulo. Tanto passou e tanto permanece. Assim voga a resistência e a anunciação ancestral perante a lógica genocida que aflige Mães de Maio a Abril, todo ano, por aqui e no Brasil todo. Assim também eu entendo as lutas e contradições da imprensa negra, dos jornais *A Voz da Raça* (que teve até circulação em outros estados), d´*O Clarim da Alvorada*, d´O *Kosmos*, d´*O Alviverde*, d´*O Progresso*, d´*O Baluarte*, d´*O Menelik*, do *A Rua*, d´O Xanter, d´*O Alfinete*, do *A Liberdade*, do *A Sentinela*, do *Getulino*, do *A Elite*, d´ *O Patrocínio*, alguns com divergência, agregando de monarquistas a socialistas e passando pelas rotatórias e mãos negras por décadas, até chegar o mando de exterminar essas associações que depunham contra a tal unidade brasileira.

Com a forma em primazia, com o jeito de fazer sendo levado em conta bendita, com a íris acesa aos detalhes e as escolhas do estilo, nota-se que não é apenas para um contexto político fora das quatro linhas o que os senhores jogavam. Consigo imaginar na feição dos jogadores um prazer no tom de propor o jogo, um bem querer

no alinhavo dos lances e um gozo no voleio dos giros. Com a gana em graça cismo também. Com a criatividade que o craque caligrafa entre a regra do jogo e a sua reinvenção, para se notar o teor de sua marca. O próprio texto no corpo que flerta com a bola já é um cosmos em si, Seu Ditinho. Contexto, pela própria existência, não extrai suprassumo se não atentar para o frescor da menta e o ardido do alho emanando ali no jeito de tocar e de ensinar um modo de jogar. Muitos deixaram isso totalmente de fora quando refletiram sobre o bailado da bola, sabe? Chegaram até com seriedade, rastreando origens e bastante cabreiros com as apreciações saturadas de outros tantos analistas que pouco consideram os contextos, o envoltório, e talvez isso até tenha sido bom. Aportaram desconfiados, tanto guardando o verbo afiado nos dentes quanto flamejando a boca em riste, diante dos críticos que há tempos assinam rodapés como se fossem detentores de um tal bastão iluminado que classifica, destitui e enquadra, mas que pouco conhecem dos jeitos pretos de fazer. Fragilmente dominam por válidas leituras as histórias dos pilares, mas entre o esnobismo e o temor deslumbrado, temperado com alguma síndrome de jesuíta viciada em propor a salvação dos considerados desorientados ou por uma vontade de parecer ter a amizade íntima dos mordidos que dizem compreender plenamente, empostam ansiosos a caneta para catalogar e encaixar os dribles e os versados nas gavetas que medem, serram e dominam, ali onde com o passar dos anos se arrogam em pinçar e determinar o que seja cultura.

Nas latitudes onde o jazz fascinava e enojava, algo semelhante acontecia enquanto aqui o São Geraldo chutava bola. Há um poeta e professor atrevido, Amiri Baraka, que escrevia sobre a atitude dos músicos de **be bop** nos Estados Unidos e a verve que considerava elementar para a imaginação do movimento e sua reação à esterilidade das convenções ocas e solenes de um jazz que já vinha sendo domesticado e oficializado. Ele dizia de críticos de revistas e analistas culturais, brancos, que haviam conhecido aquela música havia poucos anos e já a destrinchavam com ares de propriedade, categorizando bibelôs. Nesse momento, Baraka diz que estes estetas encapavam a rebeldia das experiências do *be bop* e seus improvisos com critérios de valor e de excelência bem alheios aos dos músicos e seus ambientes, demonstrando avidez em forjar um tom de “surpresa cuidadosamente documentada” e ansiedade em “formalizar e institucionalizar o que o Ocidente chama de Cultura, essa pilha de lixo e de objetos admiráveis”. Isso

acontecia enquanto a classe média negra de lá ainda carregava estigmas que tentava repelir evitando se aproximar dos modos de viver da maioria jazzeira, tentando demonstrar familiaridade com modas e produtos avalizados por aqueles críticos ou então se resguardando dos ruídos que Baraka dizia “não permitirem silenciar sua miséria nem o ódio por si mesmos”. Esse rapaz afiado, colecionando problemas em ambos os lados, talvez estivesse com a mão em uma cumbuca que vogou por tantas décadas também aqui, mesmo em uma realidade bem menos endinheirada: uma classe média negra e seu caráter assustado, acuado mesmo que desfilando seus brados, fingindo uma distância da ralé e angariando frustrações pela ausência das recompensas esperadas no andar de cima. Ardendo no impasse de perceber suas novas posições na prancheta dos gerentes e buscar viver de uma maneira desejável e agradável aos brancos bambambãs e magnatas do seu percurso.

Me coço recordando o que Seu Toniquinho Batuqueiro, baluarte do samba paulistano, dizia sobre os carnavais. Ele citava como a bateria é que acompanhava os cantos e as letras que comoviam o povo dos bairros, até que os papéis se inverteram e o canto passou a ser regido pela bateria que a voz nitidamente começou a se esforçar para acompanhar, passando assim tão veloz no desfile cronometrado das avenidas que as pessoas já mal podem entender o que se canta nas letras assinadas por oito ou dez pessoas. Ele ironizava que foi nesse novo patamar que o samba, antes rejeitado e coibido, passou a ser chamado de cultura. Assim também Mestre Manezinho, ácido, diz da atual abundância de chamados mestres e diretores de harmonia, que já lidam com atmosferas assépticas e reluzem no que passou a ser intitulado “cultura popular”. Ele diz que “Não tem passista, não tem pastora, não tem rumbeira, virou cultura”, e recorda de navalhas ocultas em chapéus na roda de pernada, batalhas de confetes, conhaques para esquentar os couros e manhas para não sangrar em encontros de bambas nem escorregar desfilando nas passagens garoentas por paralelepípedos, além de lembrar da repulsa que recebiam, chamados de maloqueiros e marginais, ao verem talheres sendo amarrados na mesa quando começaram a cantar em recepções a artistas estrangeiros. Pessoas que ele chama de “gente de família” saíam de perto e se benziam de medo no cruz-credo, enquanto outras, “pessoal de repartição”, recomendava atenção no escritório e olho vivo em quem fosse de escola de samba. Imagino o que rendia a passagem do teu time de boleiros, Seu Ditinho, brotados da nascente da Barra Funda ainda antes. E os

constrangimentos de quem tentava se afastar de qualquer ligação imaginária com os senhores.

Nas apreciações de análises culturais ou em exaltações estéticas tantas vezes murchas, deslumbradas ou interesseiras, é costume louvar no movimento do corpo e em suas muitas variantes uma suposta transcendência a se decifrar, algo que se marque como uma elevação da condição humana. Pois eis aí um recorrente vacilo crítico de quem não preza o valor da imanência, do que é corpóreo e que se manifesta, do que não carece pagar tributo às alturas do espírito para ser pleno, Seu Ditinho. Vem dali uma fonte que desqualifica ou que ignora a vibração das minúcias e assim descarta a boniteza do voleio por valorar mais o que seria o “útil” no placar pela marcação do gol. É dali também que se marca uma separação entre o que chamam de funcional e o capricho nos adornos e nos detalhes do brincar, como se fossem necessariamente separados na realidade da linha que retesa o jogo. Como se um golaço com o domínio de bola que não a deixa encostar no chão e arremata com leveza desenhando um lençol da esférica sobre o goleiro, ou ainda um tento marcado ralado lutado com joelho rasgando na terra, lances com suas habilidades nobres, sua técnica encantadora ou com seus tons explosivos e garridos, fossem a mesma coisa que um gol de rebatida oportunista ou um gol de trombada, com seus malhos de perseverança. Onde a porosidade para a intuição, as estrepolias e as surpresas inexplicáveis que beiram o trágico? Como se o acaso de um gol feito sem querer, de costas quando a bola estrala em quem se encolhia para se defender de uma bicuda do zagueiro oponente, não ensinasse sobre o imprevisível e tudo se pesasse na mesma balança, entoado com os mesmos agudos no gramofone, pois valeriam cada qual apenas um número a mais no placar e isso fosse o que objetivamente valesse. E a humanidade, essa que o São Geraldo, por exemplo lutou para afirmar com criatividade, não fosse marcada nesses caprichosos detalhes que diferenciam cada pessoa de um robô ou de uma peça de encomenda. E como se a história e a identidade de um time não fossem atinadas assim, por essa trança entre regra e invenção, coincidências e jornadas, jeitos e humores que ressoam nos detalhes.

A prosa bebida devagar quando se detalha a beleza do movimento dos futebolistas do São Geraldo não deve se calar nem arriar, Seu Ditinho. Para a

continuidade da sanha do encontro dos boleiros, havia de se manter o apetite no desfrute, na vitamina e nas surpresas do texto do corpo, por necessidade e gosto, contemplando os passes e arremates que demonstram a nobreza, a molecagem e a volúpia quando o corpo no jogo é a chave. É quando a quentura da dimensão material prevalece e, sem dispensar a forma, ela enuncia o jeito da finta e permite entrever os seus porquês. É o que se comenta com entusiasmo quando recordamos a inteligência inesperada no detalhe de uma linha, como o dibre aplicado no centímetro do limite de uma beirada de campo. É quando, mais do que descrever e inventariar, mais do que registrar ou exaltar, desenvolve-se o encanto e filosofamos o fascínio, sem pretensão de esgotá-lo ou de consumar uma interpretação final que só caiba às excelências. É quando se coroa na semente a nuance do artista, a fortaleza e a manha da expressão, o capricho de seu verniz. É o que não descarta o processo da construção da orquestra e da afinação de cada timbre, é o que não se diminui em prol de elogios exclamativos que veneram o óbvio e o esperado, aqueles que preenchem panfletos e levantam a praça para que gritem o que já se previa e se cobrava de antemão. Ou seja, é esse jogo que desguia de ser catalogado por quem vive para pregar aos convertidos.

Ah, esse jogo de corpo atinado, organizado em conjunto, mas vivendo a experiência com a responsabilidade do toque próprio e pessoal. Isso é muito mais do que se coleta na prateleira quando apenas o “ideológico” domina a atenção em pencas de análises do discurso. Nesse futebol, é a carne do pensamento a sustança que acalora e magnetiza. Jeito buscado de bem viver, na semana de preparo bebido e de espera sambada, na grama ou entre navalhas. Quando tenta se entuchar em uma categoria um discurso apenas pelo seu conteúdo ideológico e pelo que o contexto exalte e ilumine, quando se enaltece o que se tacha como “estritamente político” ou se manipula para que cada movimento caiba em uma gaveta adequada ou em um vão premeditado, descartamos a dibrinha, ela que foi a pegada, o imã. Nessa cubeira, vai para o banco de reservas a forma enovelada na matéria, a matéria acariciada e raiada pela forma. É como a poesia que coloca em primeiro e talvez único plano a sua “opinião”, sua ideologia, e em segundo plano suas imagens e sonoridade, que entrançadas são o teor da própria ideologia na feitura da linguagem e na recepção da palavra. Nesse funil é substituída a camisa 10, dedicada à porosidade, ao inflamável e ao traço das saliências na textura por uma volança, de

meio de campo que não seduz nem sabe encorpar a ligação da defesa com o ataque, disposta apenas ao desarme ou ao chutão para a frente, a fim de que centroavantes resolvam o que até a própria bola deve lamentar. Cogito teu jogo de corpo, Seu Ditinho. Pensamento afiado com o ambiente. Artilheiro, o senhor sabe que não se dispensa e nem se minimiza o texto em nome das razões do contexto. Um craque compreende isso.

Há o ritmo da construção de uma jogada quando se envolve o time adversário costurando percursos no campo pela sapiência da disposição tática dos jogadores, os que se aproximam para tabelas rápidas ou que se distanciam para se esquivar da marcação e revivem a generosidade do mundo, ao oferecerem ao armador com a bola nos pés o maior leque possível de ângulos de passe. Há o baile de quem gira e se oculta nas costas do marcador antes de saltar à frente em um átimo suado, arrancar em um pique e não ser mais alcançado enquanto dispara. Há a simulação com meneios que dizem não ir, quando já se foi. Há as escalas no olhar que avisa que um lançamento será feito e há a intimidade do ponta canhoto, que sabe que justamente ao encarar enganador a direita o cruzamento do maestro será para a esquerda. Há o peso e a curva da bola voando no ar como uma linha melódica para se aconchegar na coxa, que não lhe permite quicar na terra. E a intensidade medida da força do arremate final, quando ele é a explosão em um petardo ou um levíssimo empurrão para que ela deslize vagarosa escapando do goleiro que se estica até triscar a ponta dos dedos na pelota, a que rola até o limite exato de um espaço demarcado dentro do território, que é a trave em seu cantinho ainda de gol. E há o momento em que isso acontece dentro da lógica temporal de cada jogo: seja no fim de sua duração minutada programada, quando o tento perseverante arrefece o derrotado, aquele adversário que já comemorava, dramatizando o clímax ou, inversamente, há o gol acontecido no começo, no primeiro lance alguns segundos após o apito inicial do árbitro, abrindo o salão com a surpresa de uma temperatura fervosa já no primeiro contato da água com a panela, sem o tempo esperado da quentura que leva às bolhas e à evaporação que queima. Além dessa fieira, há as defesas miraculosas dos goleiros em reflexos e alongamentos tarimbados que arrancam clamores, agonias e suspiros, também nos ensinando o valor incomensurável do quase... e o manifesto do cardíaco que salta de emoção e se retorce inteiro nas mãos. E há ainda o que brota de cada jogador em uma partida: o

gelado, o esbaforido, o brioso, o rústico, essas características que se alternam ou se reforçam, se dominam e se lapidam com a experiência. Muito mais do que cabe em uma descrição mecânica e do que se exclame em um *slogan* de panfleto. Tanto mais do que um contexto determinista possa roçar. Medida porosa humana.

Admiro também essa semente vibrando no corpo, esse mapa. Ciência de reger o próprio peso e a gravidade na carne, com o que se fixa equilibrado em um pique ou o que se mobiliza em uma disputa de esbarrão. Razão sensível de variar a respiração pausada com a elasticidade da perna e o impulso de um salto, dominando a densidade do próprio reinado enquanto observa o campo e pensa no passe seguinte. Percepção das imagens e das ideias na leitura do outro time se espalhando e se crescendo em vontades, atento aos vacilos da sua equipe. Respostas atiladas aos labirintos insondáveis da emoção. Aprumo nos jeitos de ordenar as partes da beleza no corpo se propagando nas pessoas que a cada minuto da semana eram julgadas como o lacre da feiura e da distorção.

Há grandeza de razão nesse gráfico palpitante e poroso que é o corpo restabelecendo no jogo de bola a intensidade e a tradução da vida, ensinando o que é compreensão elementar do mundo e autonomia na tecelagem conjunta com as coisas, com os seres e com o que venha a se descobrir dentro de si em estado de caça e de desfrute. Há saberes e gravuras que a intuição dispõe na mesa, chamando o destino que se revigora sutil e que confronta a suposta grandiosidade de uma história. Seu Ditinho, cismo nessa instiga o destino e sua complexidade flutuante, deslizante pela nitidez do corpo que organizava os reencontros consigo e seu ninho, a sua comunidade que se renovava a cada voo, a cada gol ou bola percutindo na trave. Que fundamento de lucidez esse que não pode desdenhar de outros mundos, pois se mede também no trato com eles, enquanto reverbera e celebra o instante entre a repetição do jogo e os apertos e laceios de cada vez que se joga. Zeladores os senhores, Seu Ditinho, umedecendo e modelando na argila do lugar o mais candente épico, o mais reluzente drama e lambendo o trágico, aquele que não se evita mas com quem se joga.

**Traçada a preto ancestral: a modelagem das pessoas na pessoa.**

Seu Ditinho, com o São Geraldo aprendo que a percepção de si mesmo do jogador não diz amém para o princípio de identidade que tanto orquestrou uma concepção de indivíduo no pensamento oficial de cá, o que se quer “ocidental”. Concepção tão marcada pela negação das contradições de si e pela defesa de uma suposta inteireza indivisível na natureza da gente. No campo, com os jogadores se complementando, já não ocorre o encontro entre idênticos, iguais, mas sim a conexão de diferenças, de intensidades e vibrações que não têm uma essência fixa e que apresentam seus timbres de acordo com as situações do jogo, marcando posições mas principalmente movendo-se entre elas e recriando a si mesmos e ao próprio espaço de acordo com as regras do encontro. Nesse lugar, a potência política e poética não paga tributos a uma identidade rígida, fixação mecânica ou burocracia que sufoque as camadas do time. Também não há garantia de resultado definido antes de a partida começar por ser quem se anuncia previamente que se é ou por vestir a camisa que se veste. Ao se apresentarem como pretos antes, durante e depois da partida não fincaram um comportamento delimitado e robótico, mas alinharam uma resposta original e volante aos constrangimentos de uma sociedade estruturada em termos raciais. Original porque reencontra os princípios, as origens cultivadas. Dessa resposta, ou melhor, dessa proposta, as muitas vertentes possíveis de uma estrada permaneceram abertas para as técnicas férteis ao improviso, ao que se entrose em movimento coletivo e ao mistério dos destinos de cada um.

No São Geraldo imagino a solidariedade que desponta no afazer pesado, como aquele movimento que no jogo de bola aproxima e junta o jogador para a tabela lépida ou que articula a marcação entrosada em equipe que pressiona a saída de bola adversária, tática que apenas funciona se feita em conjunto, mitigando as lacunas e apertando quem assim precisa se desfazer da pelota antes que a perca, próxima da meta defendida pelo próprio goleiro. É desse azeite diante da espessura que eu digo, modelando o ser pessoa na lida com adversidades, repentes e harmonias. Apresentando o leque de jeitos, mesmo que guardando algumas de suas figuras.

Como jogadores, a identidade que nomearam por contraste frente a um parâmetro de brancura definido escancarada ou silenciosamente como norma ou

como índice de superioridade na cidade, não os acorrentou em um pelourinho comportamental nem impôs ao barco de cada um dos senhores um reto caminho obrigatório. Lutando a seu modo, fazendo da bola um ninho, uma ponte e uma flecha, vejo que negavam um princípio de *síntese das contradições* que ainda é régua tão corrente para definir um sujeito e uma malta, porque essas contradições foram mantidas abertas por vocês nas táticas, rebuliços, tentativas repetidas e imprevistos de cada partida. Jogando, sustentaram uma real blasfêmia à cartilha da identidade nacional baseada em imagens de unidade racial e cultural. Entendo que, de várias formas, a presença pulsante do São Geraldo era uma heresia para a cartilha geral de brasilidade, que mantinha e alargava o que a ideia de consciência e de identidade "ocidental" ditava sobre o que classifica como indivíduo e de personalidade. Assim, pulsava duplamente herege a resposta dos senhores, negando a pregação hipócrita de uma sociedade que apesar de todos os calabouços, correias e inchaços cada vez mais se dizia igualitária. E refutando a própria métrica básica da tal modernidade que limaria o campo das contradições ao definir a composição do que seja uma pessoa, entendida como se fosse um sujeito transparente, absolutamente autônomo em si mesmo e dono de uma única voz, indivisível indivíduo.

Nomear-se como preto e como time de pretos diante de equipes e torneios que não os aceitavam em suas disputas, em uma cidade que fixava fronteiras adoecedoras, humilhantes e por tantas vezes fatais, não se tornou uma resposta menor nem prendeu ou congelou os corpos, mas manteve o viço e a sustança possíveis nas muitas variações de um jogo. Baseou o elo consistente dessa postura que se nutria do convívio cotidiano na Barra Funda e alimentado pelas relações na lida dura durante a semana, nos desafios entre seus próprios pares e na vida noturna. E as percepções de si e da comunidade em cada qual de vocês não deveriam nem poderiam se esgotar também no que acontecia dentro do campo de futebol, um tabuleiro cheio de regras, pactos e contradições que reflete e se cruza com os mundos amplos da cidade e da vida, mas que não é mera representação de nada e sim um acontecimento com suas próprias infindas ressonâncias.

Me entusiasmo imaginando os senhores também empolgados com a oportunidade excepcional de um torneio que englobava vários times, inclusive a maioria de equipes de brancos que negavam a presença de pretos em suas fileiras. Eis uma fresta simbólica que podia *até significar também* um vão crescente na luta

por condições justas de vivência e por autonomia. As redações da imprensa negra eram compostas em sua maioria por um leque de pessoas que preferiam manter certa distância do que trouxesse à vista corpos suados de tambu, de bola ou do que se entendia como movimentos ainda muito próximos de africanias, tidas como atrasadas ou espalhafatosas para as medidas do progresso e da civilidade paulista. Mas até essas redações colheram nessa brecha o que pudesse significar conquistas e aspirações de toda população preta da cidade. Destacavam o que lhes convinha, justamente porque as possibilidades de leituras desses movimentos simbólicos oriundos do futebol são vastas como as variantes da criatividade no próprio jogo. As memórias ancestrais, longínquas ou recentes que oferecem profundidade e força, com seus fundamentos são também porosas e flexíveis. Trazem a umidade sutil, as ondulações que pedem novos portos e as correntezas que realinham o caminho. Mar de caminhos.

Capto a subversão na postura de cada jogador do São Geraldo que confrontava as normas fixadas como determinantes para a composição do mais íntimo de cada pessoa. Percebo que na abertura criativa para si mesmo no campo de jogo, pareada às lições da memória preta antiga que fornece jeitos de organizar a vida, a própria formação de si como pessoa é semelhante ao campo de futebol que se ocupa taticamente em posições bem marcadas e também provisórias que incentivam ao movimento. E isso valeria para toda gente, inclusive as pessoas brancas. Aprendo contigo e com teus malungos do São Geraldo a pensar uma personalidade não como o tacho fechado de uma individualidade inteira e sólida em si mesma, mas como o traçado das linhas que se bordam e até mesmo se repetem em movimentos singulares, como os que se incorporaram e se expressaram em momentos especiais como o da jogada para o gol ou do bambeio em uma tiririca e da vigia em uma porteira de baile. Ou ainda nos árduos momentos da suspensão de uma caixa de frutas no Largo da Banana.

Penso também como resolveriam seus conflitos entre vocês, jogadores do mesmo time. Aquelas tensões que tostavam no forno da cabeça, custosas no peito, servidas nas gamelas cotidianas entre duas mesas, a de bem-querença e a das gasturas e atritos do convívio. Imagino como a união no instante da tomada de uma bola ou na armação e comemoração de um gol fortaleciam a medicina no trato das feridas e abrandavam asperezas, bem como entendo que escorregões, passes tortos

e derrotas podiam funcionar como mote para desafetos aflorarem e se acirrarem entre os senhores. Assim percebo o São Geraldo como umidade que diluiu solidez e que fecundou plantios, que arejou e tracejou minhoqueiro a terra que não se secasse. Cada encontro como o gotejar que se pinga no próprio espelho d´água que ameaça se congelar, espalhando seus círculos com marcas fortes e ao mesmo tempo maleáveis. Seiva que desliza na chapa maciça e que na variedade de seus ritmos talha e detalha antigos códigos e novas matrizes, inventando moldes de traços finos no metal, no mineral, assim como na carne. São Geraldo amolecendo a rigidez, modelando condições para que a rigidez não domine os espelhos mais secretos, sulcando a grafia de ser pessoa.

Quantas pessoas diversas vibram em um alguém? Em um corpo conforme a sua razão sensível que reflete, simboliza e fertiliza essas pessoas da pessoa nos encontros consigo e com o mundo, com as forças ancestrais e com as linguagens que despertam e desatam acontecimentos na caminhada, desenhando e colorindo com lápis afiados também pelos antepassados. Em ti, quantos rios subterrâneos surgiram na gota que mina em cada situação de jogo, no chorro que nos momentos de desate murmura nos orifícios da terra de viver? Quantos lençóis freáticos, correntezas e lagoas em teu mapa, Seu Ditinho? Muito mais do que “apenas mais um preto” passível de caber em qualquer definição estática. Imagino o São Geraldo uma bacia hídrica, como um elo de tempo e espaço firme e espraiado, lugar móvel privilegiado para fazer brotar e modelar pessoas. Um canto que acolheu e impulsionou sonhos grandes, miúdos e devaneios de simplicidade, escorrendo glórias e gozos perceptíveis na gama das aparências, isso que os antigos do Kongo-Ngola chamam de *Nseke*, o mundo tangível e material que se relaciona com os outros mundos, trançado às forças que olhos não veem e às sensibilidades intangíveis. Casa de jeitos de ser. E quantas pessoas o senhor descobriu em ti, Seu Ditinho, vibrante com teu proceder artilheiro? Talvez o senhor vivia o tom estilista de um tecelão, arrematador como um flecheiro, macio como um gato, mas não sei se isso daria conta de tua marca ou de tuas maneiras de atuar na cidade. Quantos bocados de personalidade mais aflorariam em ti, silenciosos por fora, em brados ou gagueiras por dentro, em oscilações de temperamento e jeitos de chegar e de vazar de si nas

porteiras da vida, que capoeiramente se adentra quando se sai, e em jarros de afetos que se enchem enquanto se esvai e se renova?

Quando cismo com os ventos do São Geraldo, essas frequências que ainda nos tocam e nos vergam, trazendo aromas sem que possamos vê-los, penso na sintonia e na frequência que os senhores buscavam afinar entre si, com a Barra Funda e com a cidade. Penso no conjunto que estabeleciam para um modo de entendimento da *Kanda,* a comunidade que integra inúmeras esferas como o sangue vital, a natureza (nada apartada da vibração humana) e as energias dos mundos dos mortos, dos que ainda não chegaram por aqui e do que por sua vez tenha sempre existido. Por isso, escrevo te reverenciando como és: um *Mukulu*, ancestral que fez história, que me influencia e que forjou legados que me orientam e referenciam jeitos para a coluna e para a língua da nossa gente. Essa herança, essa régua-e-compasso que prevalece além dos limites dos calendários, é forte porque seus fundamentos vigorosos contam e mesmo clamam pelo aberto e pelo circunstancial, valorizam o incompleto e o imprevisível das relações, aquilo que na teia que balança e que enreda se relaciona com o que seja insondável. Cismo que por esses horizontes o senhor poderia se perceber como um *ndoki*, o feiticeiro bakongo, aquele que realiza o *kindoki*, o feitiço, o que deve ser feito para transformar as dimensões que envolvem e adentram os mundos da matéria e de tudo que se pressente, que se intui mas que não se pode definir. Matuto de cá sobre os saberes, as sensibilidades e as oferendas do senhor, calejado de lugares que são autônomos em si e que também são entrelugares, espaços de intervalos entre os espaços, como o campo de futebol na cidade, a porteira do baile entre a rua e o salão, e a roda de batuque e de pernada que delimitava uma africania  em largos, esquinas e praças, lugares de trabalho árduo e da abençoada vadiagem. E cogito sobre o senhor produzindo a si mesmo, regendo e arriscando seus labirintos nessas fendas, nesses pontos tatuados pela troca. No senhor como artilheiro, experimentando com a ética de cada lugar especial como os que tanto frequentava e influenciava com teus movimentos, a cada instante lidando com estéticas viçosas e potentes o suficiente para tecer com novas e antigas memórias e com desejos de tanta gente, modelando as pessoas de cada pessoa, lidando também com os ritmos da locomotiva da metrópole e com a brisa calma e a ressaca suave dos momentos após cada jogo. Será que nesses instantes as coisas

ficavam mais límpidas para ti, como aquele espanto estarrecedor ou tão suave que nos trazem a morte, a poesia e o ápice do amor?

Compreender as muitas dimensões desses tempos com que teus poros e tua sensibilidade lidavam é fascinante como os muitos ritmos de uma congada. É do mesmo cosmos que a polirritmia de um reisado com sua guarda ou de uma irmandade que caminha levando sua embaixada, tornando-se um lugar próprio que se firma e se acompanha pelas ladeiras e ruas. Fonte e vertente destacada também pelos seus tantos jeitos simultâneos de marcar e de ressoar o tempo, como o que se expressa de seus corpos, indumentárias e instrumentos, de seus gungas, reco-recos, patangomes e caixas. Matriz em movimento, repleta de sons que tocam tempos e medidas distintas dentro do próprio cortejo e que, andante e bailarina, entoando suas obrigações ainda encontra à sua frente outra guarda, outro reisado, que por sua vez já traz consigo também outra multiplicidade de ritmos orquestrados. Até que então esses congados atravessam suas fileiras por dentro das fileiras da outra irmandade, aliada e rival, em ondulações e passos para a frente, para os lados e para atrás, para que muitas medidas sonoras encantem e desafiem a concentração e as linhas daquela que também saúda, devota e realiza camadas temporais. Pois é assim como esse trançado de reisados, entre contenda e louvação e camaradagem, que compreendo os tantos sabores dessa mesma água que varia entre serenidade e vagalhão e que compõe a teia que é uma pessoa e um time. Isso que o chamado indivíduo não dá conta de ser, se computado e tido como uma régua dividida em pequeninos milímetros sempre em evolução para a frente, marcando sempre a mesma medida para as distâncias, ideias e feituras de si, Seu Ditinho.

Um time ou uma guarda em território hostil, atuando como caldas umedecendo a argila da vida para a escultura dos dias, escultura que dança. E a gente como uma batalha ou um namoro entre reisados, feitos pela atenção, pela concentração e abertos aos enlaces e desenlaces entre os mundos, esse manancial de situações e de trocas, para que a existência seja reinventada por dentro e por fora nessas terras de escravidão e de luta. Buscando a feitura daquilo que, livre de grilhões, seja o lugar que somos, em pleno cruzamento de vibrações que não podem caber inteiras em nenhum lugar, nem mesmo o que se chama de passado, seja o mais terrível ou o mais idealizado.

Na tua presença de boleiro, pressinto um trânsito entre dois planos. Um passo ágil e tenaz entre veredas que bordavam a estrada comum a todos do São Geraldo, um apetite entre a força de domínio de teu corpo e todos os sentidos que floresceram por séculos em sua cor pela cidade. Em tua pisada no campo, tua vivência nos momentos em que deixava de ser mero indivíduo com “número de identidade”, se é que tivesse um, e que desabrochava e confundia as réguas cidadãs com a tensão e a leveza incorporadas à responsabilidade de tua posição no time e em campo.

Na gota desse instante de um dibre que cristalizava tantos tempos mais, nesse momento de lugar instaurado, quanto transbordava das molduras do calendário da semana e do ano? Cismo em como o senhor se apresentava para o mundo a cada dia, escolado nesse instante e em ser canal de uma experiência ancestral, construída com uma lógica que pinçava o viço e os lamentos do ontem e que tecia amanhãs na cidade adversária, a São Paulo ninho de espetos. Em campo, no momento de um voleio que era um relâmpago, sinto que vogava a fronteira entre quem tu eras fora e dentro do jogo, fronteira cruzada com o pessoal de teu time e mais os antepassados das linguagens que na cidade hostil se maturavam e se modelavam firmando territórios. Espaços que continuariam por décadas balizados mesmo em outros campos, bairros e pés.

Considero que em teus gestos de goleador pulsava mesmo a ancestralidade que afluiu em tantas cabeças mesmo depois de teu enterro e ainda antes de tuas fraldas. Essas cabeças reconheceriam tua presença e legado como jogador? Ou, ainda, reconheceriam a si mesmas em tua musculatura e em tuas buscas? Que ancestralidade se encruzilhava nessa experiência tão tua de traduzir anseios de outras pessoas que formam a comunidade, a que justamente te permite ser pessoa? Tu mediando os mundos pela linguagem de teu corpo e pela parelha com teus camarás, compreendendo e cultivando ambientes e dimensões que compõem o espaço e o jogo dos tempos.

Sei da trabalheira encharcando a malha na lida pela semana, quando se carregava nos costados os fardos do porto seco do Largo da Banana. E sei que pretos recebiam outras tarrachas nos ombros também, as que se crivavam em uma estranha expectativa que idealizava nos senhores uma potência, uma arma sideral, pura e isenta das desilusões da vida moderna. As que lambuzavam nas comunidades negras uma calda espessa que, vinda de alguma caldeira miraculosa, purgaria o que

a civilização tivesse de crosta. Mas sei que dessas mesmas pechas, a princípio mascaradas de empatia, vinham também outras concepções, as que afirmavam que provavelmente fumegaria no tacho de tua cabeça uma alegre histeria, uma frouxura primitiva e uma tolice sempre em prontidão nas veias, que venceriam os supostos impulsos que você deveria aprender a conter para ser qualificado mesmo como humano, pleno humano. Assim, teu corpo carimbado como um ser dominado principalmente por isso que chamaram de “natural alegria”, mais parente da parvoíce do que da inteligência, mais própria dos perdidos do que dos afinados à sintonia dos lugares, “natural alegria” que a cada passo teu seria um conta-gotas de espasmos previstos à tua presença, em teu ser calcado a rastejar, a saltitar e talvez até mesmo a grunhir e atacar se fossem despertas tuas sombras mais vingativas. Te imagino contando os passos, as horas, as moedas e os dias, refletindo como utilizar esse corpo escarnecido e tido como um recipiente a comprovar uma maldição efusiva de cor e de odor, algo como uma antessala ou um adorno da loucura. Uma carcaça, às vezes brilhosa e que supostamente trazia em si o estilingue das pedras do pavor, desentrosada do espaço entre teus ímpetos, tua aparência e a realidade da cidade, mesmo que o senhor pisasse altivo como um atacante do São Geraldo campeão.

Aqui em São Paulo se engolia com finesse e se arrotava com muita marra o que chegasse envelopado da França, o que respingava quente nos movimentos artísticos de lá, que acentuavam uma imensa vitalidade do corpo negro, tida como uma real fronteira respirante e sublime entre o mágico e o religioso. Isso talvez até parecesse ameno diante do que foi ditado antes pelo militarismo que te qualificava como voraz e infantil, sim, Seu Ditinho? Pois sobre o teu corpo e sobre as rodas e jeitos do povaréu preto pairou o que presenciei ainda décadas depois, impresso nas minhas cartilhas escolares. Naquelas páginas se atribuía ao teu corpo um vetor sempre instintivo, feito um cocho das pulsões irracionais e uma bandeira da sensualidade exuberante. Teus caminhos eram o do faro que não diferenciaria o que fosse o maravilhoso, o fantástico e o histórico. Penso em ti, driblador, homem de arremate com o legado que deixou, e te imagino tentando ocupar os vãos entre esses caibros e talvez até vestindo alguns deles às vezes, nas enigmáticas fintas que entram como se saíssem, nos riscos de assumir a fantasia imposta e nela tentar bordar disfarces imprevistos, até que ela grude na carne. Como também sinto os esforços da imprensa negra que bordavam suas matérias para não se atolarem

nessa esparrela que definia aos pretos uma incapacidade de adaptação às realidades urbanas de paralelepípedos e de vagas interditadas nos teatros e nas indústrias fumaceiras. É nesse paliteiro que detecto a mais delicada função que em ti e em teu time deveria palpitar: não negar as quenturas nem evitar a frieza, não explodir a ira soltando o que adoece de tão preso, nem congelar ou ressecar em um arremedo de si mesmos, encalacrados em etiquetas e posturas de quem tenta provar estar apto para garantir seus quinhões e perseverar na cidade, mesmo que esfiapados e abocanhados, mesmo que robotizados e sempre por um fio de terem reconhecida essa humanidade cambaia duvidada.

Pois que encruzilhada escamosa e que sutileza áspera essa exigida ao teu movimento, hein, Seu Ditinho? Eta que sucção forte vinda de dragas distintas. Uma bocarra te exigia uma pose de salão, polidez e palidez, frieza impassível e corpo contido em pisos encerados como resposta aos coretos que te destacavam como o portador de um aleijamento natural e de deficiências provavelmente incuráveis. E uma outra bocarra atribuía à tua presença o fulgor dos infantes e os instintos que salvariam a humanidade de uma consciência polida demais, castrada com as europeíces e com o tom androide e autômato que parecia despontar e se alastrar nas cidades. E ainda nesse salseiro, testemunhar por dentro uma burocracia se escorando e se erguendo, por vezes bambeando, mas em tantos momentos maciça, tendo como estrutura primordial a diretriz biológica de Raça como carimbo ostensivo ou como marca d’água menos escancarada, para definir o que fossem direitos e leis que valessem aos civilizados brancos e o que fosse passível e permissível ao outro lado da cerca, como nas épocas de metrópole-e-colônia que legaram diferenças perseverantes no trato para cada lugar, pela sua longitude no globo, seu CEP ou pela cor da pele do povo do bairro. Para ti sobrava a lida com essa burocracia e essas figuras que personificavam em teu povo o nebuloso, talvez até requisitado quando necessário para purgação de fantasmas, mas que se acostumasse ao devastado e arrasado.

Em que cumbuca de brasas foram enfiados, Seu Ditinho... Lidar com esquemas e discursos que exaltavam o que parecia inalcançável ou, mesmo que o senhor adentrasse e ali permanecesse em dolorosa presença assimilada, sentir-se sempre apto a alguma cobrança atribuída a um pecado original, deslize ou tropeço vistos como inerentes à tua penúria histórica e corporal. Esquemas que se defendiam

da presença e do protagonismo negro decretando-se como os caminhos mais valorosos de acesso ao que fosse realmente civilizado e digno, abertos apenas de modo bem instável, deficiente e vigiado às presenças de pessoas pretas, até aceitas desde que em flagrante subalternidade. Desse arco pode-se se detectar vários constrangimentos e eles ainda pairam aqui como superiores, pois assim como a ciência e o cristianismo já foram tidos como absolutos faróis, em minha época a economia de mercado, o consumismo como prova de acesso à cidadania, a escola com suas normas ainda colonizadas e a própria noção de democracia representativa (pilotada pelos grandes cifrões) reocupam seus lugares e representam cartilhas praticamente incontestáveis para a entrada de pessoas negras no que se qualifica como patamar superior da história.

Sei que os senhores enfrentaram um momento em que de tão densa até se pegava no ar a atmosfera de competição. Tua época paulistana de São Geraldo vogou nesse período em que esgoelavam nos palanques e bradavam nas manchetes as chamadas de imperiosa luta pela vida e de peleja pela seleção dos mais aptos como um crivo determinante para cada manhã. E que se irradiava forte o clima de eliminação, segregação e purificação da sociedade, de esquemas que determinavam e exigiam essa norma da luta letal pela sobrevivência como um valor a se destacar nos ditos vencedores. Tua demanda foi pesada: tratar com essas empreitadas que se diziam civilizatórias, tão dedicadas em seus esforços avassaladores em um estado republicano e urbano que tomava forma em plena São Paulo, cidade que recebia um fluxo cavalar de gente, duplicando, triplicando e quintuplicando sua população ano após ano, década após década. Cidade se consolidando com tantos pés-de-chinelo e orquestrada pela batuta dos homens de negócio, de engenheiros urbanistas e de militares, medida pela visão dos cientistas e representada pela leva crescente da comunicação que se popularizava em revistas ilustradas, programas de rádios, marcas de produtos e suas propagandas que deixavam claro o que consideravam digno no comportamento citadino e o que era medonho e tacanho. Manda-chuvas moralizando costumes e vociferando nos seus calcanhares, proibindo o que fosse uma infecta presença negra nos campos de futebol, cartolando que ali o porte de inglesia deveria se exibir. Eminências tropicais vasculhando e erigindo compensações para as vergonhas e pedinças que lhes aperreavam na terra brasileira em relação ao poderio estrangeiro, mas que inflavam o peito e garganteavam em alto

volume perante as ralés daqui. Pois imagino teu time tratando com essas buscas de compensação que garantissem aos magnatas o troco para tantos traumas e derrocadas na história de cá e para as vexações no trato com os maiores de fora. Ah, esses líderes da província… atribuíam a si o que deveria guiar a redenção nacional, geralmente anunciados por seus pares como exemplos de gloriosa virilidade e solidez confirmadas a quem conduzisse a manada e o carrilhão, próceres que sopravam e definiam para as turmas pretas a contraparte de idiotia e de vícios congênitos dessa flâmula.

Falando em compensação, penso na que os senhores organizaram. Situação de pretos em um país com a história do Brasil é ser água salgada e doce. Ser salobro, equilibrando na linha para não endoidar com a estabilidade precária que se conhece apenas na borda do precipício, no bambolear que desafia a gravidade e confronta um camará na finta de corpo que quase cai mas não cai e faz que vai não indo e já voltando, ali entre o vertical e o tombo, conhecendo a finura dos dois em seus limites. Condição assim salobra, em mescla problemática de ser sal e ser doçura, ser frescor e ser veneno, ser idealizada solução e ser praga a exterminar, para nesse estudo da própria composição encontrar o próprio peso e firmar ao mesmo tempo uma continuidade de africanias e uma contestação na face da ideologia que se carimba como “ocidental", de onde também se colhem pétalas para se propor novos arranjos. Ser centro e ser margem, cotidianamente. E criar formas elementares de diferença, como nos jeitos de cultuar os mortos e os mais velhos, nos modos de se iniciarem pessoas e lugares, na geração e partilha de energia, na apreciação das vibrações vencendo o que seja asco e nos cultivos próprios da busca por sobrevivência e pela recriação de si e das comunidades, arquitetando casas autônomas e também em jogo com as arcadas dos graúdos mandantes.

Essa estrutura dupla gera deslocamentos e força negociação, mas também mete fissuras de alto risco na própria preservação física e mental, Seu Ditinho, sabemos. Uma dessas trincas é aquela que ficou notória como conceito de “dupla consciência”, o senhor ouviu dizer? Ela pode se referir a táticas de simulação que pessoas pretas realizam em ambientes constrangidos pelo racismo, na intenção de galgar espaços e garantir sobrevivência básica ou conforto em contextos violentos escancarados. Também marca situações de extrema resistência a pancadas e pode fornecer um jeito maleável de caminhar entre espinheiros. Essa dupla consciência

também é frequentemente um beco de enfermidade, são as têmporas explodindo e as pernas bambeando, a boca seca amarga e o peito ansiando agasalho, aspirando nervoso por um ponto de respiro que acalme esse ser em pêndulo constante, essa canseira de disfarces entre o jardim e o lodaçal, essa fome e tentação de enfim poder se declarar participante integralmente de duas casas, mas muitas vezes ser mal quisto até nas duas.

Imagino os senhores enrodilhados nesse dilema que tanto aguça e afia como empena e murcha. Provocados a organizar, construir e lapidar a própria cabeça e o próprio movimento percebendo-se em uma engrenagem de humilhar e de encoleirar, sentindo-se como roupas torcidas em um varal de violências e enganos. Pois com a memória portando escudos diante dessas farpas, arrumando seus eixos cotidianos na lida com modelos que salivam por bagaços e sangrias, vem o jeito de jogar em vários campos, alguns cheios de barreiras aparentemente intransponíveis e outros com estratégicos atalhos, abertos com as fintas no futebol da vida. Os senhores negando ser escanteados, mas pleiteando ter seus pedaços específicos nessa várzea. Negando receber o chute no traseiro, mas desafiando a patada para demonstrar como ali na esquiva acontece a fundamental metáfora de se desvencilhar das rajadas e botes venenosos.

Pressinto teus ladinos movimentos de quem apreendeu técnicas dos mandantes e encaixou ali novos sentidos, esse vai-e-volta de quem não pode ficar fixo tornando-se alvo fácil e que em várias ocasiões deseja se fazer digno de um convite, para que enfim ao recebê-lo possa negá-lo, anunciando que nada deve aos patamares que o desprezam ou o engolem. Mas daí vem quantas tensões, Seu Ditinho? Quantas provas que arrombam têm que ser vencidas? Isso é para deixar a escassez e adentrar nos campeonatos que definem os maiores troféus e controlam o alarde e o patrocínio, ou para diante do próprio espelho enfim se dizer respeitado porque conta com o crivo da diretoria da cidade e do país? Quão bacana seria ressaltar a superação desse estado de dupla consciência, Seu Ditinho? Viver destacando e celebrando que resiste à peçonha... habituar-se a esperar a recompensa por um comportamento, aquela que frustra se não vem...

Jogar com essa tal de “dupla consciência” de ser preto em mundo de mando da Branquitude exige uma extrema disciplina mental, sim? É vivência ávida e estrategista de brechas de respiro, como a do ponta de lança em frente a uma zaga

sólida e desleal, conluiada com o juiz. Essa posição dupla tende a ser dolorosa pelas piadas, pelas exclusões em ambientes que falsamente salientam sua boa receptividade, simpatia e amizade, pelos traumas da desumanização e da chacota, normalizados e revividos sem cuidado ou acolhimento. São recorrentes os estragos ao preto que necessita ou que busca se estabelecer em distintas varandas e praças. Nada lhe resta a não ser ressurgir em novas possibilidades de falas, de aprumo da coluna e de jeitos de pisar? Porque saber flutuar da maré cheia à rasante, oscilar da fundura à secura, conseguir manter o equilíbrio, respirar e caçar nas fronteiras anfíbias, nunca foram tarefas fáceis e nos corpos essa capacidade de adaptação constante rende também pencas de doenças, mesmo que seja tão exaltada. Além de fardos nos ombros, o senhor testemunhou coleções de humilhações e toneladas cardíacas tombando a malungada? Viu nos achincalhados os pés inchados pelo afogamento na aguardente? Presenciou nos cortiços, nas esquinas e nos conflitos entre pessoas pretas ridicularizadas também o destrato, a enxurrada de veneno, o murro e o desprezo? Encontrou sob viadutos e toldos quem fugiu do ambiente familiar e ancorou sua tristeza e miséria na calçada sem guarida? Faz tempo que se tornou mais fácil e recorrente por aqui romantizar a figura dos malandros de tua época, sabe? Digo dos que balançavam nas situações precárias e que rejeitados em empregos que lhes garantissem uma mínima proteção ou uma abertura para mais canais sociais, desagrupados do que fossem sindicatos ou alianças de amparo, encontravam-se em coletividades com rala segurança institucional e gastavam a sua seiva rapidamente até o talo, até desmoronarem nas sarjetas e manicômios.

Mas seria possível ressaltar a superação do estado da dupla consciência? Em um livro chamado *“Pensar Nagô”*, Muniz Sodré matuta sobre as rodas de jazz e a potência consumada da alegria e da criatividade entre os músicos, escolados em uma sociedade segregadora que tanto distribuía forcas quanto permitia condições para formações criativas propiciadas pelos próprios grupos negros em suas viagens e garagens. Muniz Sodré firma que ali em plena musicália não haveria a “dupla consciência”, dada a autonomia da soberania jazzeira. Porém, minha questão é também sobre o que ocorria com esses músicos antes ou depois nas ruas afora, nos hotéis proibitivos, nas cidades além da hora e da vez da *jam*. E se as próprias vigas que garantiam a segregação também não eram o que faziam os músicos negros se juntarem e terem essa atitude sonora e mental, concebendo a vida em plena fortaleza

fluida da obra profunda e saborosa. Como uma caneta preta à vontade em papel e chão preto, os sopros para orelhas irmãs desenhando as melodias baseadas no fundamento do ritmo, da troca e da invenção, antes ou depois dos espetáculos para as plateias que lhes proibiam circular na cidade ou mesmo usar os banheiros. Estética fundamental com suas flutuações, ardências, devaneios, revides e sobretudo a alegria. Já os senhores, jogando bola em um campo que seria envolvido pelos poderes da cidade mas que também, por sua vez, assegurava um vão de possibilidades criativas e autônomas, talvez tornassem a esquiva e a solução para a dupla consciência ainda mais aguçadas, pois essa nutrição ocorria no encontro do jogo com pretos rivais ou com adversários brancos e não no isolamento.

Penso as batucadas nas rodas e nas beiras de campo. Atino sobre melodia soprando, cortejos atravessando encruzas com seus bastões e estandartes, e a potência consumada da alegria e da criatividade entre os músicos, traquejados em uma sociedade racista que distribuía murros enquanto o São Geraldo e sua gente vicejavam a empatia entre campos, galpões, terreiros e porões. Ali, em plena musicália e em pleno jogo de bola, talvez houvesse a resolução daquele comichão da dupla consciência, dada a autonomia da soberania dessa presença erótica, a que busca compensar com plenitude expressiva a secura, a carência e a penúria. Ainda avanço minha questão matutando sobre o que ocorreria com esses músicos que garantiam a força da Vibração, que é fundamento bakongo de funcionamento do mundo. Cismo sobre esses jogadores do ritmo e da melodia compondo e fintando com as regras das métricas e escalas, além da vez do improviso ou até antes da função sonora. Gente entre a ameaça cotidiana das jaulas enveredando-se pelas ruas afora da Barra Funda e da Bela Vista, passando pelos lugares proibitivos, pelos bairros e paragens mais repelentes, pelas mal ventiladas saletas e porteiras da negação. Experimentada em receber o aceno simpático e as frutas agradecidas de famílias italianas nos seus portões, entusiasmadas com o cortejo, as mesmas que antes e depois da folia mantinham com mão de ferro os porões onde muita negrada morava de aluguel e padecia de graves males pelo mofo e falta de luz. Também penso no desafio entre os jogadores de bola, aliados e rivais no mesmo desafio, no encontro das chancas de couro macias ou apertando unhas e joanetes, comparando as disputas dos senhores aos encontros de congados, de guardas maçambiqueiras, de tamborins e de sessões de improviso jazzeiro. Compreendo a vitamina tão

nutritiva dessa fortaleza fluida na criatividade saborosa e também na técnica que se cultiva e se depura. Atinando o que é construir um território de expressão plena à inteligência, um bálsamo ao mapa da gastura que rege os dias.

Penso nessa estética elementar que sabe o lugar em que pisa, ciente que cada território é uma atmosfera com suas flutuações, ardências, devaneios e revides. Modulando a alegria, essa prova decisiva do viver, que é cerne e também fundamento do encontro e do respirar. Imprescindível Alegria que é para matrizes africanas remodeladas no Brasil o que é o Pecado para outros ninhos: a própria espinha dorsal da sensibilidade para o mundo. E se reflito sobre o que se mescla dessas duas, Alegria e Pecado, como voga nas quermesses e reisados de um cristianismo festeiro que louva o que se padece, o que se lamenta e o que se goza, penso também na raiva que faz de seu ímpeto e de sua sanha a alegria, essa que é a inteira afinação com o mundo e sintonia com o jogo, porque em seu colo um se entrelaça no outro. Alegria que é o uso das asas, das alas, em voo com os pés conscientes da temperatura e da textura do chão, em harmonia perfeita com o movimento do ambiente e do pensamento. Alegria que é a força sem peso do alado, aquele que como o urubu não bate asas e plana enamorado íntimo do vento, leve na vivência de seu peso. Álacre. Quais alegrias os pés com teus joanetes e as mãos com tuas rachaduras cultivavam com a garganta na cidade hostil, afinados com pessoas e tempos?

Te escrevo e penso também em jazz. Penso em ritmos que baseiam a capacidade de transformação. Pontes orgânicas, habilidades que afinam estilo e conhecimento, cifras vibrantes de princípios. Matéria invisível e intangível que estrutura fraseados e sopros, cadências e engenhos de corpo e de campo. Ritmo de amores e corpos se adentrando, da alternância do dia e da noite, do sangue se enveredando pelas veias do corpo nutridos pela percussão cardíaca, das marés em vazantes e inchaços. Ritmo de trompetes e saxofones regendo o ar que toca os tímpanos e os poros, que penetra e se expande pela atmosfera do baile, ar obstruído nos estrangulamentos, embarreirado por joelhos ou chaves-de-braço no pescoço. Ritmo jazzeiro nos ventos de bocas escuras ressoando em metais e orelhas patrícias, antes ou depois daqueles muitos espetáculos em que as plateias que aplaudiam eram as mesmas que recorriam ao xerife diante da ameaça de dividir com pretos as suas capelas, seus clubes, restaurantes e hotéis. Penso em maracatuzeiros,

jongueiros e rumbeiras que em alguma ocasião antiga, contrariado o nojo geralmente recebido nas esquinas, após um surpreendente convite de demonstração de habilidade (ou categorizados como folclórico exotismo para óculos gelados) fossem constrangidos a não adentrar tanto nos casarões e merendar do lado de fora. E quanto disso se responde com a hospitalidade do café oferecido aos parentes que foliam reis com a sanfona, celebrando com simplicidade e orgulho os pares eleitos padrinho-e-madrinha a cada ano. Assim como penso nos banheirinhos de quintal e de fundos das casas onde, após a labuta, a mão preta chamada para a manutenção dos sobrados se limpava, já que não era autorizada a abrir para sua própria higiene as maçanetas e torneiras dos cômodos internos. E assim volto a recordar dos jogadores do São Geraldo, do Onze Gallos Pretos, do Caveiras de Ouro e os seus ponteiros, goleiros e médios-volantes que não resistiram à oferta da paga de times que não puderam mais evitar a presença de pretos nas suas equipes, após tantas aulas de habilidade, e que os convidaram para compor o escrete quando o amadorismo sucumbia diante do profissionalismo. Jogadores que puderam carregar a carteirinha de jogador, mas não a que permitisse restaurantes e piscinas do clube. Algum dos teus parceiros de ataque passou essa angústia, Seu Ditinho? Como seriam as águas que desceriam pela garganta, na hora em que se ostentava o crachá de boleiro aos amigos nos arredores do cortiço? Doçura, amargor ou azedume? Pausas, gaguejos ou lisura soberba no volume da voz, contando histórias do novo time e seus percursos até os campos? Como nesse terreno duplo se entoava e se afinava a alegria?

Eis o São Geraldo, água de abrandar a dureza e os dentes da rocha. Possibilitando equilíbrio para essa presença que pode se esgarçar no trato ingrato com ambientes venenosos, ambientes que exigem posturas opostas ao jogo onde alguém se reconhece e que possibilita lapidar as contradições e variações de si. Nem todos conseguem segurar a rocha cortante com calma após desperdiçar pênaltis decisivos ou ter tranquilidade quando o goleiro adversário fecha todos os ângulos na oportunidade do último minuto para o chute do artilheiro. Se perder esses lances em um time que é ninho camarada já é lenha pesada, imaginemos se o chute furado acontece escalado nas equipes de quem apenas te tolera como um incômodo necessário que pode render alguma vantagem.

**Águas que nutrem – a sustança do sublime**

Uma nobreza do São Geraldo foi instigar a cavucarem desafiando profundidades e encontrando nutrição. Extraírem a expressão pessoal mantendo a terra fértil para a rega do próprio jardim, repleto de flores e frutos diferentes. Como isso poderia acontecer se cada integrante estivesse sozinho? Sinto a nutrição desse oásis em paragens desérticas, assegurando a energia de cada jogador para que encontrasse a própria assinatura de corpo no caderno do campo. Filtrando águas pestilentas ou continuando a busca até que supere a secura e o próprio jeito seja nutriente. Cavucações no seio da cidade, em suas brechas entre os maciços e os cristalinos nos cantos e penumbras pouco frequentados de si mesmos, resolvendo a sede de criar. Essa descoberta da própria água límpida no futebol é então similar ao que traz o jazz, a oratória majestosa, a capoeira, a kumina, a rumba e os frutos de tantas rodas. Atitude e sensibilidade que mesclam o trágico ao gracioso, o solitário à comunhão e assim permite a miraculosa descoberta da própria voz e suas variantes. Dá vazante ao azeite que flui em conjunto, mesmo que entranhado em um desafio dentro do próprio conjunto, mesmo que provado no áspero, chamado com força e tantas vezes sem delicadeza em pleno jogo. É. Pois xinga-se também quem é querido e quem te acompanha, quem joga bola sabe. Voz violeira.

Feito o improviso do jazz, o dibre é possível porque desenhado na levada da banda, na troca de passes e posições do time. Cada improviso pessoal, nas escolhas de movimentos entre as alternativas de jogo do coletivo enérgico, liberta quanto do olhar desdenhoso ou letal escarrado pelas regras da cidade? O lance com a bola, os deslocamentos nos atalhos do jogo e a concepção de si já não se medem pela métrica de quem te escalpela. Voga intensidade gerando *Ngunzu*, a força vital, em celebração da realidade renovada na repetição de cada jogo no corpo que é alegria, sintonia, harmonia. Uma proposta entusiasmada e lúcida alimenta, muito diferente de um descontrole desbeirado ou de um deslumbramento que espera recompensas em meio adverso, onde se vicia o cangote nos gestos que agradem as pálidas expectativas.

A imaginação da jogada floresce onde caminha a alegria, é assim que meu pensamento folheia as páginas que crio para te enviar e é assim que enxergo tua criatividade em campo, dibrando e ágil no bambeio. Alegria imersa em uma

profundidade de ternura, bebendo na fonte de resistência que nutre quem se nega a tombar, jorrando no instante que traz a ancestralidade cintilante em novo fruto. Alegria me massageia como a calma, a decepção e a raiva também sabem me vestir, Seu Ditinho. Ela me vem ao pensar teus movimentos, as tuas graças e sátiras de corpo tabelando em passes curtos com a boniteza, raiando em um jogo onde se supera o medo e se encontra estradas para a agressividade não nos entupir. A alegria, essa frequência de sintonia com o mundo, que lacrimeja ou nina quem se despista do medo e consegue utilizá-lo como radar ou como aperitivo para a entrada apetitosa na mesa do jogo. Mais do que congelar, usa-se esse medo inevitável e próprio do convívio na cidade que te elege como praga ou como monstro, assim como a vaia pode trazer fervor e alimentar a coragem para que esta se fortaleça e o jogador atue dedicado e decisivo, medindo as pedidas dos momentos, entre a delicadeza e o ímpeto aguerrido. Imagino a alegria no átimo e no infindo reconhecimento de si na própria comunidade, comparando o que nela se modela e o que fornece a elementar compreensão do que é ser pessoa. A alegria boleira tecendo passes e voleios entre o arremate na meta e o que se brinca solto no meio de campo. Alegria do jogo persistente do Destino versus a Jornada, capaz de goleadas épicas ou de empates recheados de golaços, sem vitórias ou derrotas na peleja consigo mesmo, no estádio do peito. Alegria do técnico que na beirada da cancha se anima com o desenho tático do time que se desvencilha das travas das chuteiras adversárias, travas de ódio, travas da morte social da escravidão, da morte cívica de cidadanias mutiladas, da morte psicológica de odiar a si mesmo e da morte no meio do coração que impele a desistir, a arrefecer. Todos esses zagueiros, brutos ou refinados, ali dibrados pela memória subversiva e pelo movimento corajoso da luta gingada e comunitária e sua refeitura do que seja considerado humanidade.

Cada encontro do São Geraldo ponteava essa força que trança o cotidiano a um instante ritual, inaugurando um ambiente próprio e expandindo os significados de um lugar como o campo de futebol, repetindo situações regradas e tradicionais, mas desvelando sentidos que bailam no improviso e que até abrem mão do sagrado por caminharem independentes das suas prescrições, mas que não rejeitam nem eliminam seu surgimento e sua valência na teia das linguagens de corpo em comunidade.

Penso nas formas de tantas gentes negras que lidaram com o escravismo e suas sequelas, Seu Ditinho. Cogito o sublime dessas formas que se firmaram como um princípio de reencontro, resistência e anunciação mesclando heranças africanas, apreendendo e assimilando esquemas impostos pelos barões e reinventando ladinas as lábias da vida nos tabuleiros espinhosos do lado de cá do Atlântico. Sublime porque suas águas elaboram cura, estabilizam vertigens e entrelaçam matéria e espírito. Germinam a beleza que não apenas aninha, agracia e alimenta, comove e eleva, mas também eletriza e navalha, arrasta como enchente e trepida como maremoto. Sublime por apresentar ainda esperança, ternura e doçura mesmo sendo linguagens de quem conheceu o sal derramado nas feridas, o ápice da amargura e presenciou em terra o que foi nomeado como características do inferno. Sublime por converter em nutrição o purulento mortífero que encheu tachos das diásporas africanas pelas cidades e beiradas das Américas.

Se penso em sublime, pergunto como a cada intervalo florescia nos dentes (ou nas banguelas) o sentimento de revolta; como o jogo alimentava a dúvida sobre o que se decretava fixo nos ambientes fora do campo e como concebiam da realidade de uma troca de passes a união e o que mais valesse afirmar e negar nessa vida. Me pergunto como contemplavam o sereno na manhã seguinte de uma partida em que o peito espocou na hora do gol, quando se transparecia sem nenhuma hesitação que não poderia haver ninguém que se arrogasse ser dono de outra pessoa nem sujeito do conhecimento inteiro e absoluto. Me pergunto qual pedagogia de liberdade o sentir poderia sentir possível, que não alcançasse aquele momento em que se imagina nos poros a inteireza de sentir. Defeso de qualquer vista estagnada que ainda tentasse prender teu corpo à outra teia ou à precisão de ser obrigatoriamente duplo, aferroado e lancinante duplo, controlado pela lente alheia. Conjeturo de cá como é a noite e o dia seguintes a essa viagem da alegria que peleja e que serena, que prepara, goza e descansa após o tento. Imagino o paladar desse movimento futebolista que não esquecia as interdições espinhosas dos dias, que renascia e desaparecia e que mantém sua herança, legado que nenhuma racionalidade gelada pode captar se não trocar o analítico absoluto por um instante do entendimento do músculo e do riso que são letra, e do suor e do calor que não copiam nem representam realidades maiores do que suas próprias vibrações, que em si são o originário e o frutuoso pareando um golaço.

Seu Ditinho, reverencio as formas criativas, improváveis e consistentes de pensamento que os senhores desenvolveram. São como as águas, também por sua plasticidade. Teimando em criar e manter o time como conseguiram no ambiente em que atuaram, contemplaram o que seja fé, essa atitude de quem não tem motivos para acreditar mas que ainda assim age, mesmo quando a dúvida mais aguda encontra justificativas e a colher vazia, levada à boca, na língua derrama seus caldos. Encontro na história do São Geraldo também o que devotos negros avivaram em seus templos: a prática de um serviço à comunidade e a existência de risco, mas emaranhadas à experimentação. Porém, me parece também que os senhores combinaram com uma linha de devoção o espírito da cabreiragem. Harmonizaram os papéis do sacrifício, que exige renúncia, e do desgarramento, próprio da espontaneidade que agracia o jogo, junto à desconfiança malandra de quem sabe que tôco velho tem cobra dentro, como ensina a poesia ancestral. Matuto assim o São Geraldo: uma comunidade que dá sustança vitaminada por suas caldas, agraciada pelos atos do cozimento, pelo sublime da transformação do cru no saboroso que seduz e do rude no que conjumina a celebração do suprassumo, mas esperta com o veneno letal das mandiocas bravas e a acidez dos temperos. Gamela de alegria que alimenta e não dispersa, na invenção no jogo que fortificava aquilo que a princípio poderia até parecer ter se desfeito.

Nos campos de futebol o senhor preservou tua coreografia rezando murmurado antes de passar da linha, Seu Ditinho? Não sou atrevido de perguntar quais banhos perfumaram tua proteção antes de uma partida, nem se o senhor se resguardou de namorar na madrugada antes do jogo decisivo. Penso nessa economia da pisada, do corpo exposto e da troca mandingueira, a que trata segredos. Tu observado e cuidado pelas íris mais velhas, calejado de tombos e marcado por joelhadas. Te imagino nessa primeira pisada entrando na cancha, economizando o peso ou soltando toda a força no reconhecimento do terreno, com a sola sensível e investigadora de pedreiras, lameiros e buracos, enquanto exibe ao outro time e para tua turma a postura galante e maloqueira que o corpo exala. Eis o preparo do discurso, a concentração para a ênfase e o sotaque de teu argumento. Teu corpo virado em cena, trançando linhagens e renascendo tradições, vibrando o músculo em contextos amigos ou em rinhas opressivas, tecendo teu estilo onde a rixa declarada afia o raciocínio ou pelos terrenos baldios da malungagem, encontrando

fendas nos espaços contraditórios em que amizade carinhosa de uma mão é tapa da outra e uma canela camarada pode render calombo e lasca no joelho do parceiro.

Até poderia sentir a bola sorridente, quicando para quem lhe oferecia ternura e inteligência enquanto tecia a molecagem criativa na altivez de homem feito. E também a bola reconhecendo nos pés de estourão a rudeza de quem descontava mágoas cotidianas sem caprichar na elegância, aliás, ali desprezando-a. Homens da Barra Funda concebendo-se como pessoas também enquanto transbordavam o porte bélico, a brabeza que atropela e calculando sem nenhuma vontade de exatidão o bico na coxa adversária, o ponto exato de cravar a trava da chuteira. Mirando a virilha com a sola sem se esmerar em acertar milimetricamente o alvo. Não sou tão ingênuo ou idealista de devanear que os senhores apenas gozavam e já instituíam o futebol-arte, estilizando com maestria suave uma reversão do racismo truculento apenas com fintas finas e ciência tática. Daqui conjeturo também pancadas, esbarrões, olhos vermelhos ameaçando rivais, bafos sem brandura e flechas sonoras bordando a guerra chacoalhada nas frestas da ética boleira, da regra do jogo e da dimensão do campo. Na peleja, os arranques e joelhadas assinadas pelos atletas enérgicos nas disputas da pelota não seriam menos tatuados na cancha e na memória do que o pênalti arranjado no disfarce de uma queda malaca, nem do que os jeitos de burlar a mirada do árbitro para conduzir com uma levada de mão a bola ao contra-ataque. E como o prazer e os perigos da regra infringida refletiam e revertiam as normas paulistanas no decorrer dos dias, futebol afora? Como o São Geraldo trançava para si a figura de ser um time ordeiro ou um time raçudo, assumir e se propagar um time técnico ou um time da virada? Como os senhores se emaranhavam e se desanuviavam nessas roupagens dadas por si mesmos, pela própria comunidade e pelos adversários da cidade, aproveitando-se ou até variando suas posturas entre tantas pechas dadas para cada um dos jogadores do escrete? Como assumiam e devolviam os carimbos que cada um recebia, entre a marca de jogador brigão e apaixonado ou a pinta de cerebral e comportado? Como se adentrariam conciliação de diferenças e competição? Qual o elástico da fronteira entre jogo, brincadeira, guerra e quanto de pancada estralava no espetáculo? Quantos hematomas brotavam, lascas gritavam e dentaduras se fariam de molares e caninos pisados no campo da boniteza esplendorosa que testemunhava belíssimos passes do craque armador e lençóis humilhantes de gênio? Feitura de humanidade

refinada entrelaçada de gala e graça e também de agressividade e veemência, colorida em finuras resplandecentes ou trovejada em trepidares. Nutrindo-se de fios serenos e de águas bravias, enchendo as conchas com gotas cristalinas e com caldas espessas e ferventes.

**Lugar: cumbuca forte, tecido molhado, fronteira porosa**

Os senhores produziram a si mesmos, ao seu time e a história da diáspora africana dentro do campo e da história do futebol, além de produzir o lugar de um campo de jogo nas mentes e firmar territórios de luta e de graça nos bairros e dentros da cidade. Compondo figuras em várzeas, planícies mateiras e em afamadas canchas como a do Floresta Aurora, modelaram também dobras da cidade com tuas pernas entre as garras e porretes. Escreveram com seu bailado na história até que me colhe como destinatário de suas linhas desenhadas com os pés, feita da bola também um lápis, para agora te remeter outro lançamento, uma devolução. Pois essa obra que legaram, que organiza as travessias e se deixa flutuar pela Kalunga, agora permite que eu te envie não apenas uma carta que te sopra perguntas, mas uma resposta ao que você postou quando selou tua linguagem nesse chão (Eis que agora, madrugueiro, no instante em que te escrevo isso me encho de êxtase e de claridade, porque ergo os olhos e encontro a lua cheia de outubro, a bola acesa que também te cobriu, te alumiou e que me remete à luz de teus chutes. E nesse instante meu filho Daruê surge de pijamas e me acaricia os pés enquanto me pergunta em que parte estou de meu trabalho e se tudo vai bem. Confere daí se está feito mais um elo no balanço misterioso das espirais, das confluentes águas dos tempos, Seu Ditinho).

Penso na autonomia de tua dibrinha, teu discurso. Conjeturo contigo nessa transfusão filtrada que atribuo à letra que se renova e se refaz no corpo e em cada memória. Vai muito além do reacionário, do que prima em reagir, isso também que marcaria a penúria das ideias de muitas comunidades pretas quando apenas à beira de se desmoronarem revidavam pesado, como dizia o *black panther* Stokely Carmichael, depois renomeado Kwame Touré, no Gana independente com Nkrumah.

Por isso admiro esse caráter da transgressão que cultiva, do movimento que inicia e mantém horizonte aberto. Que não apenas reage, mas cria e preserva.

Tanto conhecimento nos deixou teu jogo de corpo, tua dança a contrapé. E tanto procedimento nos legou essa teimosia saborosa e doída de ser time de pretos proibidos de jogar nas equipes do programa oficial, as que se demarcavam apenas em uma linha de cronologia que se restringia ao mundo dos esportes pelo calendário de marca inglesa, chegado havia algumas décadas na cidade, primeiro como requinte de lorde, depois alastrado aos populares, mas ainda de cadeado cerrado para homens pretos. Nesse contexto o nascente São Geraldo com vocês se enovelava a outras lãs, mocambagens e partilhas. E sabia-se assim para no mesmo traço de esporte ser campeão do torneio do centenário. Era centro e era margem, era miolo e era beirada. Repleto de ondas e travessias.

O campo do Floresta, quando os senhores ganharam em abril de1923 o prestigiado torneio do centenário de 1922, com as vistas de muita gente da cidade atentas à final que representava um pedaço mental considerável de São Paulo, seria mais uma área de conflitos de energias e figuras em combate e sintonia, tornado território onde comungaram historicamente. Mapa colorido de preto. Será que quem vibrava com as vitórias do chamado futebol brasileiro se deleitaria com as peripécias e galhardias do São Geraldo? Como iriam atinar no castelo ou nas vilas industriais os torcedores da pelota brasileira sobre esses sentimentos, condições e atitudes levantadas por vocês? Em 1919, Lima Barreto escreveu “A Nação Envergonhada”, e com sua verve nesta crônica destrinchava a imprensa carioca que esbravejou contra a seleção nacional enviada para um jogo na Argentina, pelo vexame da presença de jogadores negros no esquadrão enviado para representar o país. Assim, se me ponho a pensar em fronteiras, cismo como será que em guetos e hortas do Caribe, em escolas e *currulaos* do pacífico colombiano, em *palenques* peruanos e estreitos corredores de conjuntos habitacionais do Sul estadunidense, em tantos barros e pedras pisados por gente negra de norte a sul dessas Américas, as notícias dessas bolas e águas do São Geraldo da Barra Funda iriam correr, evaporar e tornarem-se cascatas, encontrando outras memórias e desejos kalungueiros. Que fronteiras poderiam determinar o fim ou chancelar os limites do território vigente para a comemoração de seus gols e aos lamentos pelas furadas da zaga e frangos clamorosos do arqueiro? A nacional não dá conta, porque nas ideias e nos

movimentos há ventania e há nuvem cheia, que forma relâmpagos e desconhece cercas. Porque o escambo de referências entre escravizados, quilombolas, diplomacias e viajantes pretos acompanhou os anos e séculos de colonização, reconhecendo e transpassando fronteiras e sertões, o que as antenas no século 20 fortaleceram ainda mais. Porém, o jogo não abre mão de sua base, seu território, sua área e sua compreensão do sangue de bairro. Percebo que essa razão sensível que se identifica pretamente transborda fronteiras nacionais, mas também se acopla a elas e aos seus miolos históricos. Firma-se no território, planta-se e se espraia no que é lugar defendido nas linguagens e se reconhece no que é aberto e móvel no espaço, circulante e na sua tensão com os mapas políticos e afetivos. Assim, supera controvérsias esquemáticas e limitadas sobre a presença negra como as das questões “Território x Nação” ou “País x Diáspora”. Aprendi com filósofos caribenhos, educados pela vastidão de abertura para o mundo soprada pelos arquipélagos, que o Lugar é aquilo pelo que se peleja para que não se desnature irreversível. Como a base para os pés do corpo que voa, base presente na cabeça e nas histórias de uma finta, nas origens cultivadas e que pedem contatos e aberturas para ainda mais florescer.

Essa trilha de travessia é desenhada na água também pelos remos das palavras. Será que se desvanece ou há algo que permanece no sulco, em memória na carne do rio? Ah, os sentidos do que se conta e suas picadilhas alinhadas com os vagalhões que lhes cortam dentro, abrindo novos sentidos como quem abre um melão d’água. Cismo com os atalhos dos percursos, o resguardo das barcas e os passos ariscos em períodos nublados, abertos pela sonda do jogo de corpo e pelo bico de casco da intuição. Os faróis e constelações ancestrais oferecidos para orientação dos viajantes são também confeccionados com dibres, indumentárias, cortes de cabelo e melodias, corpo em profusão e guias sonoras. Correio que arrepia, movimentos que não se confinam no que seja um país. Assim se sustentam rumos e porteiras, assim se tocam irmãos em lonjuras que ainda não tocamos os pés: entre o desejo do perene, a fortaleza da repetição e a chave do improviso, naquilo que se inventa garantindo a sanha de fazer mais uma e uma vez. De visitar um cazuá onde sabem tua história, cultivam tua memória e realizam teu gesto, o mesmo, todo diferente.

Daí me sopra quando puder, sem pressa, se o senhor já certificou. Quantos eixos tem essa traquitana de história preta no Brasil? Eixos tinindo, eixos trincados, eixos fragmentados… Quantas senhas tem essa chave, girada no dilema fundamental entre escravidão e liberdade, em tantas fechaduras emperradas e porteiras de bem-querer confiadas a zeladores misteriosos e acachapantes? Quando falamos em memória, quantas pessoas jogaram na história desse time para que ela pudesse se contemplar em uma só narração desse rádio que se transmite pelos tempos? Aliás, quantos programas e locuções, temas e sonoplastias, dariam conta da programação dessa rádio da história de gente preta nos Brasis, nas Ladino-Améfricas? Tem metragem esse campo? Até onde chega o sinal? Te pergunto: para além deste placar ainda contrário e tão persistente, apesar de golaços e pequenas grandes vitórias, e para além dos rasgos e galhardias no uniforme, é possível conceber o tamanho e a miudeza da coragem e do desespero? Guardar e oferecer a medida do aturdimento e da gozação, do desprendimento e do cansaço que atravessaram diferentes os jogadores diferentes em uma mesma partida, antiga e vasta?

Pelas fronteiras que adentra, atravessa e se desbeira, a água nutritiva é imagem, é som de sentimento, bendita em movimentos manhosos e maestria maloqueira. Água feito a bola do gol que vence em seu giro uma linha, a defendida pelo goleiro, seja a traçada pela cal no chão ou a imaginada e viva no ar entre as traves e a terra. Ímpeto, irradiação, cruzo. Movimento que simultaneamente demarca e sobrepassa fronteiras, que repleta o vazio em um instante. Instaura a força do lugar, prenhe do questionamento da linha fronteiriça que atravessada impõe reinício. Meta de jogo ela impede, ela instila, ela acolhe?

Teu jogo de corpo, pensamento se deslocando, ocupando posições no amplo campo da partida e também se esquivando no miúdo, evitando trombadas e o encontro de pesos na chapoletada do zagueiro que chuta bola, joelho, virilha... o que aparecer ao alcance para afastar o perigo de teu ataque. Tua curva estratégica, teu tático desguiar frutificando outras valias no corpo-a-corpo, é aquilo que a violência da produção não segura. É troca de lugar e invisibilidade que em si não produz lucro. Móveis, os jogadores do São Geraldo no tabuleiro e móvel também o próprio tabuleiro da roda, dos campos que abrigavam as partidas de sábado e domingo ritmando outros orientes na marcação da semana. Por imaginar, por parodiar, inventar a

presença mandingueira na variedade de lugares possíveis, mesmo os vedados. Gingar, ocupar provisoriamente lugares, levar a maestria e a devoção ao espaço de roda. Marcar a ginga é tomar pé no meio da barriga; deixar previsível é prenunciar o desabe na rasteira. Esse provisório é um sonho ou é uma realização do possível e nisso traz uma ironia que abarca frustração e alegria?

Desmanchou-se o São Geraldo quando o assédio dos times mais organizados e monetarizados capturou seus craques, promovidos a esportistas em clubes onde não podiam entrar pela porta da frente e nadar nas piscinas. Não é fácil sumariar se essa assimilação foi golaço, empate, falta roubada e não apitada pelo juiz ou se foi gol contra. Que questão dolorosa é essa da luta que sempre se assume miúda e beiradeira, que chega ao centro para contaminar, que por vezes louva não ser o caquético esqueleto que mofa no mando, nem o corpo enrijecido que vive a esmurrar e a ameaçar para legitimar sua governança. Que contraditória cintilância precária pode ser essa estratégia de ser o deslize e a escorrência, a gota que infecta rebelde e o jorro de saúde que ameniza a praga duradoura. Ser a sedução que musica e embebe de esperança, mas que arca com o cansaço de ser improviso, de celebrar instantes e desmanches nas bordas, enquanto agoniza seu longínquo genocídio e seu abandono nas horas derradeiras. Será que é a consciência da envergadura do gigante enfrentado que nos permite celebrar arranhões?

Movimentando como água, abrindo direções terra adentro ou margem afora, descendo feito chuvarada em solo seco e previsível, entendo que feitiço vogou como princípio para descobrir e manter mundos que não se arregaçassem de vez no vagão da locomotiva paulista que levava na testa o anúncio do Progresso. Chamo de feitiço aquele rodamoinho lento que gira e seduz verdades maciças, que germina sentidos flutuantes e sem escancarar a ordem interna de sua fonte mina as muralhas consolidadas da física, pois desmancha ou evapora imposições. Feitiço que não cabe em uma definição pejorativa ou supersticiosa, que traça formas em que o poder simbólico vigora, como nos benzimentos e nas fintas de um centroavante. Feitiço que liso como sabão, está no segredo que se acende e mesmo ao se revelar não se esgota. Feitiço no movimento que arrodeia e contorna para passar por rochedos e que dissolve pretensões de monopólio de conteúdo e de marcações de tempo. Nesse círculo latejam as charadas, as rimas, as paródias e abundam sentidos próprios dos

jogos que nos magnetizam, felicitam ou angustiam em estádios, rodas, palcos, tabuleiros e também em histórias nas folhas de papel. Feitiço de transformar o amargor em alimento sentido nas veias, agraciar o paladar e a vontade de mais colheradas.

São águas. Moram no frescor e nas enxurradas de meus sonhos os teus companheiros, por onde eles estejam. E as vontades de limpar curvas barreiradas, de alongar leitos e alargar margens para que águas de homens pretos perfaçam um rio, um mar... e que, terminada esta leitura, essa fluência sendo onda ou sendo canoa permaneça viçosa e fértil. Uma praia de rio urbano que retoma sua beleza e propõe a solidariedade, onde a subjugação já não é uma marreta nem uma sirene, mas uma lembrança que ensina. Um gole na taça que brinda e comemora a origem, ciente das lástimas do azedume fatal e das alegrias de ponte transposta. Uma água que aromatiza o portão e firma compromissos sem que se feche a entrada com cartazes de ódio e de pureza. Um torvelinho suave e um rio como o Pinheiros antigo, vasto e que mudava de posição com as cheias, quebrando sequências fáceis de identificação, rompendo as explicações que delimitam corpos e consciências em lugares fixos, mas concebendo territórios como possibilidades de semeia e de fortaleza. Águas confluindo, confundindo e laceando determinações de pertença, mesclando-se pelo espaço diaspórico das africanias em bairros, rodas, cidades, nações, continentes e até do que se diz país, para que fronteiras institucionalizadas possam não ser apenas pelourinhos ou rígidas alfândegas, assim como qualquer atribuição ao que seja a origem de uma pessoa ou de uma comunidade também não seja engessada aos giros do mundo, aos ventos dos tempos e aos roçados da história. O que sonho na horta que cultivaram não é impermeável, Seu Ditinho. Imaginário é pele e é alimento.

Sabe aquela batida do surdão? Aquele que o menino Geraldo das Marmitas, o Geraldo Filme dizia que era instrumento de oito em cada oito candidatos às baterias. Aquele que imagino conduzindo a tua estrondosa torcida no caminho do jogo e que os senhores conheceram o peso e o trato nas festas em que foram leões de chácara na portaria do Camisa Verde, seguindo os comandos do Nganga Inocêncio “Mulata” Tobias. Pois naqueles bumbos e surdões já morava e ressoava a

batida converseira de um grave de primeira para um grave de segunda, às vezes cortado pelo de terceira, justamente por isso chamado de surdo de corte, sim? Nesse intervalo de tempo a síncopa espaçando, na marcação prima dos ritmos cardíacos, soltando os corpanzis e suas musculaturas, descontraindo gazeteira mas com responsabilidade as nhacas da pele e do pensamento cansado de tanta trabalheira e subjugação, de tanta repressão em nome da moralidade. Esse entretempo, tempo cheio, entre as épocas que nos separaram e se juntam nessa carta é também uma síncopa, Seu Ditinho? Como balançamos neste espaço entre nossos calendários de parede que pisamos e respiramos? Quanto é possibilidade viçosa de compreensão e de feitura de vida ao continuarmos colorindo essas batidas, esse ritmo (ou essa polirritmia) chamado ano, essa melodia chamada século, cortando-os com harmonia ao repicar com outras metragens e vapores ancestrais os conta-gotas e as enchentes da cabeça que sonha, que teme, que goza e que se acalma no cantinho, que benze e que aguarda brotarem novos sentidos das cicatrizes? Nesse tempo de intervalos, tempo cheio ele também, ditando as batidas graves das pontas rítmicas por seus estofos, acontece uma síncopa do pensamento? Cismo que é nesse vão que se materializa e se mantém o que é ao mesmo tempo tão tangível quanto etéreo, a solicitação para um movimento mensurado entre os baques de trovoada das marcações fortes (de épocas marcadas nos calendários dos ritos) e as batidas leves agudas (as do cotidiano) até mesmo ressoando melódicas? Em qual intervalo frutifica nosso encontro por uma fenda entre nossas idades e épocas físicas, grafada na história das diásporas africanas, da cidade e também de uma propalada nação brasileira? Mas… é intervalo, seu Ditinho? Ou água fluindo… ou saliva minando da mesma boca... ou ondas circulares ativadas por uma pedrinha na lagoa, expandido-se…

Me ajudaste a entender que há mais do que essa linha histórica traçada em calendários e divisões por meses e anos, a que garante uma seta que só voa para a frente e que, como outras formas de medir as temporais, possibilita também que nos percebamos distantes e trançados. Dadivosa, ela, se controlar sua gulodice, sua vontade de solar exclusiva no palco dos tempos da gente e dos mundos. O meu escrito de cá então não seja apenas uma batida seca e contemple o grave que ressoa e continua pelos poros da reflexão, propiciando o desenho do corpo do pensamento. Faça valer as linhagens sofisticadas de ritmos africanos que compõem camadas,

alturas, timbres, frequências, durações e então se tornam ninhos também aos sopros melódicos. Esta minha carta para ti também intencionou cismarmos ser homem preto, ser tempos e movimentos na encruzilhada, na fenda, no abismo entre suas margens móveis. Ser pessoa. Este escrito pretensioso talvez torne-se mapa e roda por um instante, fazendo-se carne de tempo também noutra categoria kalungueira. Partitura e ponteio, som e dança, coberto desse vazio que chama o corpo para que o preencha. Pois, a letra chama o renascimento do movimento de quem a ler. Renasceste?

Ói vocês aí, veja os senhores aqui, arquitetos de uma comunidade ainda a se fazer mas já respirada por quem se achega um pouquinho nestas palavras, intencionalmente extraviadas. Violo minha correspondência e nessa fieira coletiva um elo se traça. Que o senhor jogue em momentos mais tranquilos e justos também, Seu Ditinho.

Com reverência, leve e sorrindo eu aguardo tua resposta. Tua mensagem pode vir e me encontrar. Vou levando sem deixar a bola cair, uma embaixadinha de dez ou quinze toques com a cabeça, observando o azul vasto do céu, as rubras lajes precárias da Zona Sul e os sabiás que passam zombando desse pássaro belo, gordo e de couro que quica no meu cocuruto de brincadeiras de campinho e de calçada. Com seus peitos de laranjeiras, eles assoviam e cortam suaves o ar para pousar nas cascas de mamão que lhes deixo na mureta do córrego aqui. Talvez um gesto que o senhor também coloriu.

Sente um abraço apertado, nossos peitos se amassando, coração ouvindo o outro coração. E te beijo a mão.

Fica forte, em movimento, redivivo.

Allan da Rosa

Fontes e horizontes essenciais para o que emanou dessa carta:

Pesquisar arquivos e arquivos da Imprensa Negra Paulista foi gérmen insubstituível e aguçou o apetite por compreender as várias camadas e ideologias dessa rede de

mídias que se equilibrava entre os seus petardos e o ácido despejado pela elite econômica ou por muitos brancos pobres da cidade. Mergulhei na política e na subjetividade deslindadas em *"E Disse o Velho Militante"*, com as fartas memórias de José Correia Leite coligidas por Cuti, e em *"O Protagonismo Negro em São Paulo"*, de Petrônio Domingues, e seu estudo minucioso da Frente Negra Brasileira.

Elementar e delicioso foi cursar plenamente a disciplina "História Social do Futebol", ministrada por Flávio de Campos no Departamento de História da USP. Ali nasceu a ideia de escrever para Seu Ditinho.

Amailton Azevedo melodiou o pensamento destrinchando bem as fieiras da Barra Funda da primeira metade do século 20. Expõe a atmosfera de competição e a ideologia de progresso atoladas em um racismo que se escancarava cruel, mesmo quando por aqui começavam a prevalecer as ideias de democracia racial. Nessa seara, *"Nem Tudo era Italiano"*, livro de Casé Angatu, é uma obra-prima que teimou em pinçar beiradas de fotos e reportagens da época, demonstrando como se impôs abertamente o branqueamento orquestrado aqui como política de estado, encarnado em decretos oficiais e na rejeição aos pretos nas fábricas e comércios de proprietários e chefes europeus ou árabes, que empregavam quase que totalmente apenas os seus compatriotas. Angatu ainda analisa detalhes e contextos das estratégias de sobrevivência e da criatividade dos marginalizados da urbe. Tanto Azevedo quanto Angatu contemplam o tom e o conjunto do discurso da locomotiva paulista, mais os movimentos que subvertiam ditames de ordem e progresso, persistindo com suas africanias.

Fundamentais, na maior acepção do termo, são as entrevistas do clássico *"Um batuque memorável no Samba Paulistano"*, livro concebido por Carlos Antonio Moreira Gomes com sua profunda escuta dos anseios, alegrias, decepções e ganas de mestrias da velha guarda das escolas de samba de São Paulo. Ali demonstra-se como as noções de marginalidade passaram a ser consideradas "cultura" quando puderam ser desfrutadas e controladas pelas elites paulistanas. Assemelha-se, em certo modo, à navalha textual de Amiri Baraka, que espeta e desfia qualquer superficialidade anódina, interesseira ou deslumbrada sobre jazz, cultura e crítica musical. Em suas letras sobre os Estados Unidos estão mágoas e orientes similares às dos pretos brasileiros sobre as viradas de alçapão que entre holofotes

anestesiaram o que era convívio e reinvenção de si pelas gentes que aqui praticavam o samba, o futebol e os jogos de pernada. Baraka, aliás, além das críticas mais porosas e instigantes à estética do jazz, colabora ao deslindar impiedoso também os constrangimentos da classe média negra em sociedades liberais.

Cornel West encanta e baseia também a sensibilidade ao futebol ao refletir sobre as camadas de improviso que alcançam o mágico e notar o teor tragicômico do blues e do jazz, entendido como a capacidade de quem viveu as mais tétricas situações ainda humanizar a si e aos seus ouvintes com suas estéticas.

As concepções de **Pessoa** balizadas por José Carlos Gomes dos Anjos em *"No Território da Linha Cruzada: a Cosmopolítica Afro-brasileira*" são viga e fonte das reflexões ontológicas que diferem dos princípios de matrizes cristãs e do referencial moderno europeu sobre a concepção do "eu" e da "nação". São real seiva reflexiva que desvenda mas não desossa nem esgota o que Leda Maria Martins também forja magistral sobre Pessoa e Tempo(s) em *"Afrografias da Memória"*.

Os escritos de Muniz Sodré são um brinde e um horizonte sem igual para o pensamento que saboreia as noções de lugar que se abrem com os terreiros nas cidades do Brasil. É em "*Pensar Nagô"*, em trecho eletrizado e afofado pelo jazz, questiona e afia vertentes, limites e atitudes perante a porteira do conceito da Dupla Consciência, levantado por W.E.B Du Bois, que apresenta a Alegria e a alacridade como cernes da presença cultural de matriz africana. E com seu livro *"A Verdade Seduzida"* aprendi sobre os limites da noção de transcendência para a compreensão da presença e da sensibilidade negra nas Américas. Pareei essa porosa e pulsante sapiência com as chamadas de Victoria Santa Cruz para o Ritmo, como fundamento de corporeidade e de vida, e a Vibração, conceito e imagem basilar da cultura afro-peruana e dos fundamentos bakongo também apresentados com maestria por Fu Kiau e contemplados por dentro com Mogobe Ramose sobre a filosofia *ubuntu* em africanidade que regenera, nutre e modela o viver.

Renato Noguera ofereceu a senha para atentarmos ao *drible* mas também abraçarmos o *dibre*, esse movimento que brota aqui da invenção em plena violência, com seu jeito de corpo para evitar linchamentos, movimento que refaz ancestral linguagem e vitaliza o bailado com a bola. Assim pude desenvolver a compreensão do corpo que finta como linguagem em discurso.

A noção de terreiro e território, de espaço e circulação, de limites e grandezas do beco, do bairro, do país e das diásporas afro-atlânticas que não se prendem a fronteiras nacionais tecemos entre as trocas e diferenças dos legados de Muniz Sodré em *"O Terreiro e a Cidade",* de Stuart Hall em *"Sobre a Diáspora"* e ainda dos pensamentos caribenhos de Glissant sobre a abertura para o mundo firmada no que seja um cultivo amplo do Lugar.

Por fim, Sobunfu Somé com sua obra *"O Espírito da Intimidade"* sugeriu o frescor como qualidade estética fundamental, o que alinhei novamente em colorido com várias dimensões negras do lado de cá do Atlântico. Com Sobunfu Somé aprende-se das águas como elemento fundamental das relações entre os Dagara e sobre a intimidade a partir de um prisma africano que se espraiou pelas bordas várias do Atlântico, firmando ninhos que cultivam a ancestralidade e o elã comunitário como princípio. bel hooks, além de esmiuçar jogos de força entre sentidos das culturas negras nos universos midiáticos e nas políticas contemporâneas, em *"Black Looks"* também orienta sobre os teores estéticos e simbólicos do Frescor.

## 5 – CARTA A JOÃO CARLOS DA ROSA, MEU PAI

*Ao terno e bruto sobre as Águas da Violência*

### Mágoas de Março

*É pau, é treta, é lodo no caminho*
*E no gesto o sufoco, É a gente sem ninho*
*É a casa arriando, o vexame em janeiro*
*É sirene, é resgate, reza e desespero*
*É o soro, a vacina, a lamparina na mão*
*É na face um bueiro, entupida a razão*
*É enchente de choro, melando o medo*
*É o desconsolo, cachaça, o fogo tão cedo*
*É o deslize previsto, é no chão o mocó*
*É a foice na sorte, na cacunda a dó*
*É o esgoto vazando, é quentar na fogueira*
*É a maldita sirene, a luz na nojeira*
*É defunto é entulho, Me desculpe o Jobim*
*A gaiola atolada e duro o canarin*
*É isopor, é garrafa, é tábua de passar*
*Armário boiando, a viela um mar*
*A parede rachada, o muro esfarela*
*A praia de esgoto, a tifo, a sequela*
*Arco-íris de vala, lixaiada brilhante*
*Criança dormindo e o berço na avalanche*
*É a miséria negreira em nova travessia*
*Oceano tumbeiro do chicote à bacia*
*É não ter documento, um barreiro a cozinha*
*Se alojar na vergonha, enterrar a vizinha*
*É perder certidão e brinquedo e fogão*
*É deslize, é desmanche e não ter quem dá mão*
*É o rodo que estoura e não guenta a lameira*
*É o balde rompendo, é friagem, é bicheira*
*São as mágoas de março fechando o verão*

*É a promessa devida da outra eleição*
*Arregaço na cerca, no peito e no mato*
*É a fossa, é o prego, a urina de rato*
*São as mágoas de março, é a merda no pão*
*Sem manta, sem copo, sem teto e sem chão*
*É cabeça abaixada, buscando quietar*
*É marmita ganhada, é a vida na pá*
*É o berro, o pavor, o enfarte, o despejo*
*A criança assustando e correndo pro beijo*
*A mudez do latido, a sobra da ração*
*Flutuando enforcada a nossa criação*
*É a trisca de vento, trazendo o terror*
*É o fedor no tempo, cobrindo o calor*
*É o povo espremido, o guarda-chuva virado*
*De podre o beliche, dormir no estrado*
*É enxada sem cabo, é cinco num colchão*
*E ainda louvar, agradecer na oração*
*É marreta, é olheira, é tosse, palafita*
*A enxurrada é tempero lavando a marmita*
*É sonhar ser alado e vencer temporal*
*É no espelho do medo, estrelar o jornal*
*É a chuva tão bela, que germina a terra*
*No reino do pneu, o automóvel que impera*
*É a vingança do rio pela manta do asfalto*
*Rasgando avenida e jorrando pro alto*
*É o canal cinco chegando, o treze, os barão*
*Entrevista, holofote, o lucro na locução*
*É a cifra banqueira levando a nação*
*É mangueira, é lanterna, tombo na alagação*
*Pirituba, Brasilândia, Mauá, Diadema, Jabaquara*
*Cidade Ademar Capão, Taboão, Embu*
*Tucuruvi, Jaçanã, Guarulhos, Tiradentes, Perus*
*Taipas, Grajaú, Sapopemba*

*Cano, fé, graxa, terço, guia, capa, breja*
*Gorro, quadra, fio, beco, poça, bota, febre*

*São as mágoas de março, é a merda no pão*
*Sem manta, sem copo, sem teto e sem chão*
*São as mágoas de março fechando o verão*
*É a promessa devida da outra eleição*

(Allan da Rosa)

*"Eles endireitaram o rio Mississípi em alguns lugares, para abrir espaço para casas e áreas habitáveis. Ocasionalmente, o rio inunda esses lugares (…)*

*É lembrar. Lembrando de onde costumava ser. Toda a água tem uma memória perfeita e está sempre tentando voltar para onde estava. Escritores são assim "*

(Toni Morrison)

**O vapor dos laços: dadivoso, peguento e perfumado**

Oi, pai. Sinto saudades. Cismo como estaria ao meu lado, escutaria meus dilemas e riria comigo, como manteria tua presença ao redor e também como eu lidaria com teus sumiços. Lembranças me brotam por todo o dia, especialmente pelas manhãs na cozinha.

O senhor insistiu em me escolar para o desjejum matutino. Ensinou com ovos quentes e abacates que o hábito do café da manhã é imprescindível. Há alguns anos, em um cortiço trêmulo dos Campos Elíseos, me disse que isso garantiu teu aprumo entre tantas tropicadas, o que teu médico também firmou. O senhor já era um ancião e ainda usuário contumaz das várias substâncias ilícitas ou botequeiras que consumiu por toda a vida, mas praticava convicto o desjejum, mesmo que garantido em dívidas. Será que te fazia mais diferença do que os maços de ervas para chá, como aqueles que me presenteou quando te visitei em outro treme-treme, o do Brás, naquele cubículo em que me surpreendi? Ficava praticamente em cima do púlpito da igreja, anexo à cúpula sacra por dentro. Subi quatro andares e passei pelos corredores estreitos e perfumados por tuas amigas, velhas prostitutas que há décadas vinham de Osasco, de Itaquaquecetuba e Mauá para seus pontos de trabalho ali. Nesse ambiente profissional e de repouso, ninho espetado de luta, fadiga e venenos, pelas janelas lascadas as hosanas penetravam as alturas e os vapores do turíbulo lambiam lençóis puídos.

Lembro tua vergonha ao despertar e me flagrar velando teu sono. Entrei e permaneci horas lendo tuas pálpebras baixadas e teus livretos de faroeste, decifrando os túneis das traças nas páginas enquanto o crepúsculo raiava pelos vitrais da igreja que eu via do alto, quase de dentro, no quartinho de três metros quadrados com pia e sem vaso. Teu acanhamento vinha por demonstrar o vacilo de um cochilo desguarnecido. Me disse que qualquer um poderia se esgueirar sem ranger a porta, com faca para te furar ou larápio para furtar a caixinha de papelão com teus pertences, restos da vida inteira. Ou levar as ervas que me deu pregando instruções, as que assegurava que ainda te faziam ali “homem, em riste, com as amigas”.

No desjejum que capricho com teu neto, conto nuances dos livrinhos que o senhor adorava. Coleção *“Oeste, Beijo e Bala”*. Cito passagens de índios traiçoeiros, pretos bobos conformados e damas devotas aos *cowboys* pistoleiros que galopavam entre flertes e ricochetes de balas. Sou cismado, me pergunto como brotará a saliva de leitor no pessoal que bem acochado nas suas varandas almofadadas e palacetes folheia nossas histórias corticeiras, faveladas e de beira-rio estrategicamente dispostas nas baias livreiras, quase sempre esfaqueadas ou baleadas. Sim, o faroeste se recicla em quebradas tropicais.

Me pergunto se o tesão, que até morde os próprios dentes, dali vem ao saber de nossas cáries, farrapos e marasmos ou se mais irrompe ao presenciarem imagens de cangotes que ainda recebem carinhos de cassetetes nos “romances de protesto e denúncia”. Se excitam-se ao flagrar a violência humilhante do enquadro e testemunhar na página o projétil perfurando a carne preta ou se gozam na torcida por um revide armado dos personagens marginais, bandoleiros, gangueiros. E se devaneiam visitar um romantizado quartinho das armas, onde também encontrarão pretos com caninos escancarados, pele lustrosa e genitálias imensas. Ou se acendem o apetite com dramas que apresentem pés úmidos, escuros e inchados que angariam a pneumonia no decorrer dos anos. Aqui, acarinhando os cabelos de teu neto, me pego cozinhando a pergunta sobre esses breves êxtases condoídos. E se reforçariam nas leituras a constatação da inabalável condição de ser humano, levemente comovidos em um abrigo di(st)ante da tremura de tuas mãos, de tua testa na grade ou do ronco ali no quartinho do prostíbulo anexo à igreja, Seu João.

E, enfim, o que rendem a piedade e a consternação? Nutrem entendimento, desmancham a moldura da animalização ou mais preenchem, taticamente, frestas resguardadas à anestesia e à lamúria das próprias consciências? E a raiva, se acesa conduz a quais movimentos? A tua, diante da demagogia, me pergunto se decifro. Por vezes alternava-se entre a ternura e a rispidez, exigente de princípios malandreados, visando nos calejar para os tombos e ensinar a proteger a jugular nas esquinas. Te escrevo esta carta justamente na intenção de compreender um pouco melhor a tua raiva, tua violência, teu zelo, teus desajustes e trajetos.

Recordo aquela visita ao senhor na CDP 1 de Osasco. Casa de Detenção Provisória… mas ficaste um bocado de tempo ali em tua penúltima pena. Água estagnada. O senhor era o “véinho” e ralhava com os jovens presidiários: “Só querem saber de ouvir Rap. Mais nada”. Aos domingos, em nossos passeios ensolarados batendo e voltando entre as amuradas ou esparramados nos colchões de papelão estendidos no chão onde o senhor apreciava o frescor da sombra, me dizia dos favores que a experiência proporciona. De teu traquejo manual em tirar papéis dos maços de celofane para fazer cigarrilhas ou das técnicas para transformar sobras em bebidas e utensílios de defesa, abonava uma pedra para se deitar sozinho nas madrugadas. A idade te permitindo até mesmo ficar à parte nas contendas fatais entre as maltas. Me sussurrava que “se eu afrouxar a medida, mijam na minha boca”. E também por esse plano de relacionamento cobrava troco a cada favor prestado à “molecada folgada”. Recebendo mil acenos durante a caminhada emparedada (“nunca confie em ninguém, meu filho. Não dá as costas pra quem não conhece... e principalmente pra quem você acha que conhece”), me recitava um poema teu sobre pássaros doentes e asas podadas que sonhavam sobrevoar as guaritas, até caírem alvejados por estilingues de aço ou depenados pelo próprio medo que explodia seus bicos. Pois sim, a idade pode envelopar muita mediocridade e maledicência, mas com teu proceder afinado rendeu respeito. Talvez isso ainda prevaleça entre nossa gente, pai, mesmo tão esfacelada.

O senhor tinha fé e a rezava em voz baixa. Nesse quesito não aparecia tua comum ironia nem gracejo, apenas respeito solene. Chegava a pisar decidido em buraqueiras pois acreditava haver pedras seguras no lodaçal e faróis no nevoeiro. Mas repetia o quanto relutava seguir onde havia conhecido charlatães. Penso se viveu alguma experiência escabrosa e inesquecível, se foi depelado em casas que se anunciavam como ninho da fé, para sempre retomar convicto tal ceticismo com líderes espirituais e desconfiar profundamente de seus rebanhos.

Sinto que o senhor não se contemplou em coletividade nenhuma. Não foram bola, bateria, time, terreiro nem família de sangue e tampouco a praça aberta que te aninharam ou te apaziguariam. E, claramente, nem o crime poderia te dotar esse conforto. Seria uma tentação fácil manter o bálsamo de uma ideia qualquer de

salvação, pai? Crer que alguma comunidade, algum abrigo ou transcendência, por especial que fosse, poderia dar conta perene de algo que sempre te avexou? Um negro nascido quase três décadas antes do senhor, Ralph Elisson, em um romance ainda inigualável chamado "*O Homem Invisível*", lançou esta finca: para os dilemas braseiros e os retalhos do racismo em suas épocas, não haveria conforto heroico nem acalanto de ninho sustentado por qualquer comunidade que se idealize. Seria ilusório esperar que alguma força etérea servisse plumas aos peitos moídos ou que alguma essência de transcendência, como um bastião comunitário histórico ou qualquer imagem invencível de justiça, pudesse originar um sereno duradouro para as forcas do pensamento.

Pois é. Sinto que o senhor praticou tua persistente solitude entre as aflições e as comédias, às vezes tétricas, que levamos nas vielas do peito e nos becos do crânio. Talvez a amizade soberana com teu irmão, o Tio Betão, até tenha desenhado um traço de casulo possível. Talvez ela tenha te oferecido um ombro infalível e também a condição de se perceber criativo, desvencilhando-se de angústias e lapidando o fio da tua personalidade, para além do que parece evaporar tão rápido após nutrirmos o nosso apetite por façanhas. Penso o quanto cada rasgo a dois contemplava tua luta por subsistência, o desejo do teu paladar por novas degustações e premiava as estranhas fomes que nos conduzem ou confundem. Emparelhados os dois desde as fraldas e da cama dividida, partilhadas as gavetas, as sombras e os cheiros, seria essa amizade com teu irmão um porto confiável e também um estímulo perpétuo para teus movimentos? E saber que essa aliança tão inquebrável, mítica por ser tão verdadeira, na tua última década de vida se tornou traição, decepção e ira... Uma maldição se escancarava com nojo em tua face crispada quando alguém te perguntava do mano, pai. Recordo como o senhor mascava o chumbo do rancor ao citar teu antigo e inigualável irmão de sangue, de lida, de estrada, de detenção e de fé. Parearam precipícios, trapaças, gols, carros, porres, murros, natais, segredos, esporros, vitórias, vergonhas... e ao fim o elo vital se dissolveu na malquerença e se encruou em uma aversão irreversível.

Será que o senhor guardava devaneios de vingança violenta em um sonho de troco para a deslealdade que recordavas com a língua amarga? Haveria alguma delícia curtida em teus olhos fechados a projetar um revide sem piedade? Gozava

recolhido em tua mente um cinema de torturas e vexames com a figura de Tio Beto? Ou se esforçava para abrandar tua zanga e cobrir os inflamados escombros do teu fel, concentrado em se maneirar no consolinho de uma paz cambaia, já cansado e receando encontrar a si mesmo nesse espelho espatifado?

Não foi um conflito qualquer, daqueles corriqueiros em que pretos não deixam brecha para uma segunda chance. Não faltaram pelas décadas as demonstrações da importância de cada um na vida do outro. Não houve a fachada entranhada de sub-estima, recorrente entre nós, que considera que demonstrar um apreço fundamental diminuiria a postura de rigidez e de autonomia, a marra que nos habituamos a tentar firmar, aprimorar e manter. Na história entre vocês não houve descartes efêmeros e os dois formavam uma parelha em que os desacordos nunca pareciam irremediáveis, assim como a notória franqueza solidificava a confiança. Não havia o constante receio que reconsiderar algo grave, assumir vergonhas e ceder para um acerto positivo fosse um arrego vexatório. Não vogava na dupla o medo comum de que ser condescendente comprovaria uma suposta fraqueza e uma falta de soberania sobre si. No quintal, na praia ou no banco traseiro de um fusquinha, testemunhei seus momentos de sinceridade em que admitir a responsabilidade por erros crassos antecedia um abraço fiel ou um choro altivo, limpo. Então, o que será que varou a fronteira da dignidade e da pilantragem que desenharam com seus íntimos códigos e protocolos secretos por mais de sete décadas? É… eis que de novo e enfim despontou a tua solitude, regendo o rancor e anunciando uma tal safadeza imperdoável, a que nenhum de vocês nunca declarou para ninguém, apenas mascada na feição agoniada.

Pai, um erro grande ao te escrever pode ser escarafunchar as decepções e fuçar as frinchas da memória apenas para comover quem leia e glorificar tua pessoa, ocupando espaços de louvores que nos acostumamos a pensar como indispensáveis. Cismo de cá se exaltar paisagens de ti que nos adoçam com força de espírito e bem-querença não seria um modo e um risco de te prender em uma moldura e, lastimavelmente, limitar a compreensão possível de tua pessoa. Te compor apenas em um foco, diminuindo a envergadura vasta dos teus anos de saltos, tombos e peripécias. Te empedrando em forminhas de gelo, contendo o leque de

fervos que o senhor foi e é, apesar de toda uma fumaceira que eu fabricasse. Ficaria até bonito, eu ganharia o atestado de homem sensível e filho compreensivo, emocionaria... sem cavar um palmo a mais no previsível em que a mesmice lacrimogênea se acomoda.

Penso em ti e me esforço também para não me atolar construindo memórias recheadas como aquelas que agradam um tipo de boa consciência que lê dramas negros nos romances vendidos como *representatividade, protesto* ou *denúncia*. Pois o que foi uma navalha tão incômoda e fértil décadas atrás, hoje já se faz bastante solicitada por quem domina a muralha e controla o lacear de suas frestas, por gozo ou por astúcia. Observados por cima, há lucros possíveis no bolso e no cartaz, como há alívios no travesseiro ou no espelho. Então me pergunto se o lodo, o azeite e as lâminas de nossas histórias assim respaldariam até mais prestígio a quem ganha manha percebendo-se e afirmando-se como um leitor amigo, um aliado diante das agruras, um vero imperador da compaixão. Quiçá aí se forje até mesmo uma agulha de remorso que, no fim das contas, nada pinçaria das rachas de tua sola, Seu João.

Conjeturo que o senhor também sentiu o quanto a herança negra, apesar de toda boniteza e fortaleza, pode trazer de carga ácida atravessada pelos séculos de cativeiro. Te diria de laços que nos fundamentam e não permitem que se esgarcem linhas que nos sustentam. Laços férteis e nutritivos que pela história de sua textura e pelos nós de sua complexidade podem até se tornar elos peguentos e pesados. Quantas setas se entranharam em nossa coluna pelos quinhentos anos de combate e de cansaço, de esquiva e de resignação, de frutificação e de estrago? Foi tanta sapiência, muitas senhas e disfarces a lidar com a bocarra à nossa espreita em todas as cenas, com o rasgão frequente dos figurinos e com o apagão súbito da luz, conforme as atmosferas e regulamentos do teatro da Branquitude. Sei de nossos memoriais de nutrição comunitária, de tecelagens firmes, de medicinas mentais e do mel colhido nas colmeias cheias de ferrões. E nesse balaio, nos dedos trançados das mãos encadeadas também ao desespero, quantos fios haverá que não se pode deslindar nem se dispensar do novelo, abundantes em nossas paranoias, voracidades, correias e ilusões consentidas? Haverá números suficientes para contar? Quanto moralismo mutilante sobe ao coreto de dedo em riste ou estrala

castigos nos nossos próprios porões em nome de uma ética, uma guerra ou um legado, pai? Com o bailado que se esquiva ou com a coluna enrijecida, também podemos apurar a habilidade de empunhar com maestria aquilo que nos feriu. E as razões do espelho são tão misteriosas e cortantes que contêm até mesmo os seus estilhaços como meta.

Lembra quando me ensinou a pelar o porco criado no porão para engorda? Ainda em fim de outubro chamaram cá no portão e largaram um leitão com instruções para alimentá-lo bem, até que tua chegada no Natal pingaria a traquinas teimosia de celebrar a vida. Na tua saidinha do presídio, na temporária presença com a família, havia o desejo de fartura e de marcar lembranças para o ano seguinte. Pois sem saber matar o bicho com o aguilhão que segurava, recorreu a uma desengonçada marretada na cabeça dele e levantamos o graúdo para a rampa onde despejamos água fervente e limpamos todo o suíno que pesava mais do que eu. Mais difícil foi desinfectar o cantinho debaixo do tanque, o cafofo do porco. Após tua volta à detenção, janeiro ainda exalava chiqueiro pelos ares e a marreta fatal seguiu no porão intocada e portentosa. Realmente, o senhor conseguiu prevalecer bastante na memória e nos sentidos do ano vindouro, principalmente no nariz da casa. Carimbado em nosso orgulho o vigor da matança, o capricho na limpeza e até o desajeito que selou o desafio. Mais a provisão abundante que atraiu vizinhanças no festejo.

Uma contradição tua que até hoje matuto é o quanto me cobrava de honestidade, respeito e retidão enquanto se emaranhava em graves falhas, prazeres escamosos e estripulias clandestinas. Ameaçava e cumpriria me decepar um dedo se soubesse que eu acompanhava os furtos da patota nas bancas de jornal e docerias. Porém, se contradição é também o gérmen de uma harmonia e do conflito entre as muitas partes que a compõem, eis que posso compreender mais solto o mapa de teu ser, pai. Contemplar tua mescla de embandeirar decência, cobrar exemplos de honra e ainda maliciar matreiro pelas beiradas da lei e da noite. Cismo nisso em ti uma conjunção: a consciência das teias sociais que te enfronhavam e uma resignação criativa que redefinisse tua figura para si mesmo. Era também uma tentativa de guarnecer teus pivetes e encaminhá-los para outros rumos. Me diga: o senhor, em rebelde desajuste com as bulas dos códigos penais e também com os

moldes de defesa e de controle que a negrada criou, enfiado na carreira de armadilhas e temores que mordiam o couro preto, acreditava nesse encaminhamento que nos ditava?

Como será que pensava as sobrinhas vindas de Diadema com convites de casamento? Elas conseguiam selecionar uma hora de tua ausência, espertas com o que indicasse tua chegada, e acarinhavam minha mãe que chamavam para madrinhar. Não demoravam no café e enfim chegavam ao ápice da visita: o constrangimento de pedir com jeitinho para Dona Ana que garantisse a ausência do senhor no casório, temerosas de porres e confusões. Ainda imagino os malabares do verbo de minha mãe às vésperas da festa, preparando vestidos e tiaras e te avisando da celebração a que não deveria ir. Talvez o senhor até se aliviasse da obrigação de participar… ou demonstrasse desdém pelo casamento que então teria vontade de presenciar apenas para aporrinhar ou degustar sem peias uns chopes e drinques especiais, até tropeçar os calcanhares na língua da discórdia e da vergonha.

Antes de eu nascer, minha mãe saiu do emprego de costureira no Hospital da Beneficência Portuguesa por tua ciumeira, que se empombava exigente e mandante, sim? Nunca houve em tua mão a covarde agressão física contra a companheira, tão costumeira de tantos homens que nisso parecem pagar a si mesmos um salário psicológico, bônus execrável que talvez sintam que compense deploravelmente nas pulsões de agressão as castrações e prejuízos do viver, mas ainda assim a lastimável pressão do teu muxoxo, da tua chatice contrariada e do teu silêncio emburrado cobriram dias de insistência para que Dona Ana largasse o trabalho no hospital. Te imagino o alívio do ego, pai. Brindou vitória? Pois aborrecido ou conformado depois engoliu quadrado, já que repensada a dispensa, o rumo e o proceder, mãe voltou a trabalhar por décadas em hospitais, já na enfermagem até se aposentar neste ofício.

Se te evitavam nos matrimônios, te recordo como um prezado animador de velório. Heranças de gurufins? Lançava jogos, anedotas de descarregar ambiente e revelava aventuras de quem se finou, alegrando o pesar do lugar. Pensei nisso quando me pediram para falar em teu velório. Arrodeei. Valeu brevemente apenas recordar as contradições que o senhor era e pedir à pouca gente presente que considerasse também o positivo de teu convívio, para além das já notórias pechas e estorvos. Quem te conheceu *nêgo véio* sabe que teu corpo de 75 anos já estava

muito cansado de tanta cachaça, fumo, friagem, grades e pancada. Deixando rastro febril viveu vários extremos e o derrame final foi só mais um. Aliás, o vergão entre tua nuca e tua espinha ainda acende desconfianças sobre a causa de te encontrarem desmaiado no piso do quartinho corticeiro. Briga? O senhor foi terno e filósofo, ator por sobrevivência e também foi ziquizira de arrebentos. Água de enxurrada. Colecionou bordoadas e me dizia de algumas parcerias fortes que conheceu primeiro pelos punhos. No Hospital da Santa Casa, sei que o senhor entre os urros de dor e as sondas morreu ameaçando dar tiro em quem lhe segurava na cama das convulsões, para depois agradecer os mesmos enfermeiros, lhes *desculpar* e ensinar rezas e beberagens. Grudadas no bolso, ainda e sempre, lhes indicou as balinhas que trazia nos bolsos para oferecer às crianças, balinhas como aquelas que arremessei em tua cova. Disseram que o senhor perguntava das crias de cada um e recomendava afagos e linha firme na condução da pivetada, entre os perigos e vacilos do mundo sem fim.

De funerais familiares lembro esse teu respeitoso traquejo em manter as solenidades temperadas pela comédia nos causos sobre quem partia. Recordo as gargalhadas rebentando nas faces lagrimadas. Mas recordo também teu desabamento, teu choro copioso, testa na testa da Vó Sílvia quando ela já repousava finada no caixão florido. Até que pela pressão do peso de tua cabeça o sangue de tua mãe brotou das narinas e tua irmã caçula (sempre ela, a tia Sandra socorrendo e sendo escutada por ti) te convenceu a se despedir de vez. Retirar a tua moleira já pincelada de vermelho.

## O Banheirinho do Quintal

O senhor procurava quintal para carpir. Não era tua caminhada mais frequente porque praticou tantos outros ofícios e serviços, mas essa trama também vogava quando o aperto estava prestes a estrangular. A enxada era uma possibilidade, porém sair para “carpir um quintal” podia ser farejar qualquer trabalho de um dia ou de uma semana carregando, pintando, empilhando, consertando e suando provisório por algum dinheiro, o que incluía lidar com baldios, beiras de córrego, lajes, cercas e garagens. Hoje penso como o senhor cruzava e experimentava formas da

segregação espacial paulistana, não apenas a ampla e clássica que contrapõe o centro à periferia. Sabe o Banheirinho do Quintal?

Pois há esse irmão do quarto de despejo, talvez um espelho masculino daquele lugar reservado à trabalhadora doméstica na sua lida, bem marcado fisicamente e situado mentalmente entre o público e o privado. Falo daquela base de violências psíquicas e corporais nas capitais brasileiras que ganhou sustança e contornos próprios aqui nesta cidade que adorava se representar nos rádios e cartazes como locomotiva econômica e da civilização em progresso no Brasil. Em continuidade e conformidade às relações de trabalho encravadas no escravismo, desde o século 19 aqui criaram-se vagas e anúncios para a “empregada”, a serviçal doméstica que mantém no seu movimento a extração cavalar de suas forças e o convívio manietado. Ofício muito vinculado a uma vastidão de mulheres negras a quem se buscou nos casarões se impingir o domínio e a subserviência.

Pai, na anunciação e na manutenção desses espaços, me valeu refletir sobre o que além de estipular territórios na amplidão da rua e lugares no mapa solto da cidade sob o céu define lugares também pelas suas funções e seus tons dos portões pra dentro. É que vige entre os terrores de nossa história uma carícia hipócrita que delimita movimentos, pretende impor relações de vassalagem e ao mesmo tempo abrandar rancores. Um trato em desequilíbrio flagrante de forças que por vezes anuncia a si mesmo como simpático, mas que se conforma à antiga desconsideração a condições básicas de proteção e de saúde legalmente garantidas apenas no começo do século 21, com a tão atrasada regulamentação de direitos ao trabalho das empregadas domésticas (e a reclameira vinda de quem requisitam os seus serviços).

Dentre as bases da vampiragem que propõe essa geografia do privado, cujo quartinho da empregada e seu sufoco é uma das vigas, às vezes voga o disfarce ou a fantasia de uma relação de compadrio ou de comadres ponteada pela família que enaltece a si mesma por uma suposta confiança e generosidade à serviçal que encomenda. E mal reconhecem as raias do assédio e abuso sexual ainda tão gravados nas memórias entre cortinas, objetos de limpeza e equipamentos de cozinha. O eixo: desemboque corriqueiro do desejo para alguns, terror para outras. Este compadrio tutelado pelos endinheirados foi muito evitado por nossos ancestres

ainda escravizados em muitas cidades e fazendas no século 19. A maioria absoluta da população negra em São Paulo estabeleceu relações de apadrinhamento com outras pessoas pretas, como na histórica escolha preferencial de gente alforriada para batizar suas crianças, mesmo se as miúdas tivessem nascido no seio de pequenos plantéis de pessoas ainda escravizadas. Também havia a busca por parceiros cativos da mesma fazenda grande, caso a criança a ser banhada nas águas sagradas da pia nascesse em ambientes de plantéis graúdos de escravaria, aninhada pelo pessoal esforçado em formar e manter redes familiares. Isso surgia também como estratégia de resolução de antigos conflitos internos, como por exemplo as rivalidades entre africanos e crioulos brasileiros ou mesmo entre africanos vindos de povos diferentes e já aqui em busca de laços duradouros, firmados em festas ou em acontecimentos rituais que bordavam os rumos do cotidiano e a intimidade nos convívios.

Assim, entre o limite da autonomia e os nós vincados nas casas dos mandantes brancos, se o quarto de despejo da cidade é a favela, como a soberana e afiada Carolina de Jesus nomeou eternamente, o cômodo de empregada foi o que as “libertas entre sobrados” tanto ocuparam como habitantes fixas ou frequentadoras de lidas periódicas, pendulando na contradição entre a sensação de instável conforto, a mínima segurança de um teto, um serviço imprescindível e as constantes humilhações financeiras, psicológicas e sexuais provenientes desses vínculos com a elite paulista. A mão negra que tremia de desalento também sacudia de ira e a angústia feminina diante de arroubos e abusos dos patrões ia acontecendo enquanto no aberto campo urbano ardia a chaga e a penúria de homens pretos, abandonados pelo sistema econômico que dominou a metrópole após o fim da escravidão oficial, hostilizados por dentro em um país que propagava oficialmente no Hemisfério Norte o seu plano de branqueamento da nação. Esta ânsia de limpeza, diluição e sumiço dos pretos indesejáveis de dentro se amparou em uma pseudociência racista, encomendando e trazendo quem viria fazer dessa terra supostamente um país digno, enfim dominado de vez pela “raça branca”.

Então, Seu João, no casarão antigo ou ainda no apartamento moderno, dentro do lar da família que demandava a mão de obra da limpeza, prevaleceu o quarto da empregada. Já na área externa da casa, mas ainda dentro dos limites que separam

a residência e a rua, emergiu uma contraparte destinada ao corpo masculino. É neste ponto que eu queria chegar. Ali está o teu conhecido Banheirinho do Quintal, aquele canto sanitário para o poceiro, o pedreiro, o carpina, o encanador, o jardineiro e todo homem que flutua no bairro ou na cidade oferecendo seu braço pesado por alguns vinténs e que ao fim da tarde lava-se na torneira, no balde ou no tanque, fazendo de toalha até o pano de chão ou a própria roupa usada de trabalho e que, a depender de uma propalada compaixão (da que grava lembranças, estabelece hierarquias e deseja impor fidelidade) ainda poderá além da própria marmita talvez mastigar uma refeição da casa, alimento preparado e trazido por uma serviçal, possivelmente uniformizada.

O senhor se recorda? Um arranjo de meias-paredes ou de cortinas entre bambus, ao redor de uma latrina ou de uma bacia. O improviso ou a ocupação de um cômodo suplente, entre os descartes da casa. E ali umedecer as unhas encravadas de esperança ou as crostas de raiva cozida nas manhãs e embriagada nas noites. Banhando-se, a mente já projetava voltar àquela casa após algumas estações, sim? Perguntando no portão se novamente precisariam de alguma musculatura para desempilhar, cortar, carpir, aprumar ou carregar algum peso. E talvez reencontrar ali, já seco, o mesmo pão de sabão de pedra, reconhecer a torneira que geme e o balde que se disfarça de cachoeira. Rever pragas e filhotes crescidos ou o canteiro abandonado.

Nesse espaço se compõem e se enganam lembranças, pai? Laços são firmados (às vezes tão apertados que sufocam… ou tão frouxos que fácil se esgarçam) e na cidade dos abastados ou de uma classe média que hoje até se acopla em periferias urbanas, rastreia-se o que borbulha na fresta entre o espaço privado e o âmbito público. Ali te vejo como os homens que vão desenhando as percepções de si e uma compreensão calejada da economia citadina em lugares que seus corpos e vozes preenchem mas não dominam, ocupam mas mal integram, manuseiam mas não definem rumos. E também, quiçá, o senhor reencontrando quem ali já trabalhava e com quem cultivou afetos, pareando angústias de peitos pesados, conta-gotas de alegrias ou a doce febre de revoltas, tecendo amizades e romances, desabafando compreensão, escárnio e xingamentos sussurrados, florescendo carinho e apreço, chegando a se espalhar pelos bairros onde se cumpriam combinados de visitas,

festejos e até outros trabalhos, seja os profissionais ou os da solidariedade. Desses enlaces se pretejava a cidade com uma prole, uma amizade de fé ou um real compadrio, frutificando uma descendência concebida a partir dessas frestas do privado, transbordando o que a gamela das encomendas de serviços não previa ou então visava coibir.

Pois é, eis o Banheirinho de um quintal tão diferente dos quintais da comunidade negra. Lá se verte água apenas em seu canto permitido, derramada no quengo a canequinha de água fria ou evaporado o morno de um chuveiro quase emperrado ("Pode aproveitar e dar uma olhada nessa fiação, por favor, seu João?"). Espaço diminuto concretizado em alvenaria num corredor dos fundos ou num pedaço de porão, talvez ainda um repentino cubículo de tábuas, ajambrado sob um registro de torneira ou com espaço apenas para o balde e um buraco no muro que resguarda o sabão enquanto o corpo arenoso se enxágua. Um pedaço de um metro e meio com um ralo por onde o torvelinho barrento escoa ou com uma desaprumada quina de piso que empoça o caldo do dia de serviço. Ali onde se recoloca no corpo cansado a roupa despendurada no prego, por trás de uma cortina plástica ou de um arbusto, o Banheirinho do Quintal é uma gravura especial do espaço racializado paulistano. Mapeia onde o vivente afastado, que mal adentra a casa do patrão, exerce sua higiene e se regenera para o retorno árduo à sua morada, antes do pouso que antecede um novo ciclo de trabalho geralmente sem contrato. O Banheirinho do Quintal, cambaio, despacha quem recebe o carimbo estereotipado de "cheirar forte e fedorento", quem conclui seu banho no borrifo do desodorante e que pode até prever algumas paradas no caminho da volta ao lar, seduzidas pelos acenos camaradas ao atravessar botecos, encantos e tocaias da cidade.

Pois é, pai. O comportamento visível, o gestual e o trancelim das relações entre as pessoas me parecem estar ali antes mesmo das chegadas da gente, ainda que invisíveis mas já enroscadas no Banheirinho. Ali presente o leque de feições, silêncios, consentimentos, contrariedades e estopins já no arranjo material das torneiras, ralos e paredes rústicas que regem desejos, constrangimentos e horários do corpo. Compondo e brotando em sua arquitetura e em seus apetrechos o valor do trabalho, a necessidade do banho, os momentos dos encontros, os conflitos abafados e a demarcação dos caminhos e distâncias entre os usuários e as mandantes do

recinto. Tudo iminente em silêncio, assim como as regras de um jogo perfazem os espaços de um tabuleiro em que flagramos já nas linhas de sua superfície as imagens dos movimentos das peças, corriqueiros ou surpreendentes, modelados pelas condições do espaço a se fintar ou se ratificar. É talvez também como a bateria completa de uma escola de samba que presenciamos imaginada por trás do pulso de Jorge Ben, quando balança e espoca o seu violão em plena majestade rítmica. No visível desse engenho já orna bem configurada a dimensão do invisível que conduz seus termômetros e fundamenta procedimentos. O invisível que carimba o que é concreto, tangível e nos envolve. O imaginário chancelado na matéria que tocamos, ali no Banheirinho do Quintal, teu conhecido.

**Trombas d'Água: prazer, pedagogia e domínio**

De banhos eu temia demais os excepcionais, que o senhor decretava "pra tirar o cascão". Antes de entrar na água eu já suplicava para maneirar aquela esfrega de arder e lanhar a pele. Meu pesar já despontava antes de a bucha me tocar, mas meus pedidos desesperados encontravam tua surdez. Não havia nada de querer tirar o escuro de minha pele, nada de trauma branqueador, mas sim tua gana de me lixar com a bucha colhida no quintal em nome da limpeza. Minhas súplicas rogavam por um breque naquela raspagem agoniada, na força de teus arranhões. Me fica essa recordação, meio embaçada como os vapores daquele chuá, lição dolorosa no procedimento íntimo de limpar. O senhor insistindo que eu, barrento e brincante de ruas e baldios, não tivesse crosta no joelho nem mancha de sujeira no cotovelo. Como ardia, meu pai… Seria pelo prazer de exercer controle ou uma orientação de bem-querer, um aprendizado de se preservar? Oportunidade de firmar autoridade rígida ou salvaguarda para que na cidade eu não fosse um depreciado encardido? Na prática de cuidado em detalhes mesclada ao exercício da chefia e do domínio, talvez o asseio pudesse ser apenas um pretexto.

Estranho que na memória a brasa da água jorrando na pele esfolada é prima do calor da tua ternura. Cá herdei de ti o traquejo noturno em cobrir meu filho Daruê sem deixar fresta para friagem, enfiando a manta bem pegada e firme por baixo das costelas e pelos vãos das pernas, empacotando macio, sem brechas para o toque do ar gelado. E depois aquele afago apertando leve a orelha, o beijo na testa,

carinhos em resguardo que aprendi elementar no corpo contigo, corpo memorioso. É, na quentura de minhas recordações de pele há essa brandura em gestos fortes e há a rude limpeza pelando, como há o estralo e a queima das cintadas de fivelão que também arrancavam pedacinhos de pele. E há ainda o fumegante ovo quente, levado na casca para o meu desjejum na cama, me despertando com cantorias inéditas ou com gracejos imitando trombone. E depois o desenho animado na TV, contigo ao lado, gargalhante.

Por outros motes de limpeza me deitou a pisa também. Conheci tuas horas iradas e a palma pesada, uma especial me recordo com a cara retorcida pelo cheiro das nossas fezes. Do vaso sanitário havia dias entupido vazava umidade subterrânea quando puxávamos a descarga. Fomos conferir o que seria, o senhor desengatou a peça e encontramos montes de cascas de laranja barrando o cano. Eu havia chupado sozinho, de uma vez, dúzias vindas da feira e retraído pela gulodice escondi o fato. Despejei aquele tanto de cascas na privada, evitando encher o lixo que revelaria meu egoísmo. Depois, descoberto, recolhi uma a uma cada casca com o braço enfiado na tubulação asquerosa, lambuzado de fezes, testemunhando tua cólera e levando bordoadas. Não houve sabonete que arrancasse aquele fedor das unhas por semanas e semanas. De certa forma, um acontecimento similar e avesso ao inseto verde que mordi quando me empanturrava de amoras colhidas à mancheia na nossa cerca. Veio um gosto de chorar, saliva sofrível na boca, meio-sabão-meio-chorume, e o que poderia ser tido como uma frescura qualquer me trouxe teu abrigo risonho, brincadeiras com o roxo da amora no corpo e um chá de cidreira e mel para purgar o mais que azedo. Não resolveu o sabor intragável do bichinho por várias noites entre os dentes, mas me rendeu quentura nas mãos da xícara e doçura na memória.

Percebo o ímpeto da ideia de limpar. Que se não higieniza, propõe algo que compense a nhaca. Mas o impulso da purificação pareceria ser mais potente se vindo como vinagre, álcool ou esfregação violenta? O que limpar da história à base de aguarrás? Nos banhos de lixar a pele com bucha, me escangalhava ainda mais o peito lanhado no instante em que tua ironia tornava-se sarcasmo e o senhor me proferia, enquanto eu tocava choroso a carne ferida, que eu aproveitasse a pele então limpinha. Recordo fácil a minha lágrima infantil se mesclando à água quente do chuveiro. Assim, penso nas contradições dessa fronteira de cuidar e firmar

autoridade. Na porteira que filho fui para a passagem de tantas faces de ti. E como o mesmo mote traz martelo e traz espuma.

Teus movimentos me recordam as anciãs de *"Voltar para Casa"*, um romance de Toni Morrison, a ficcionista que mais admiro. No livro, idosas pretas aninham e cuidam de uma jovem arrebentada por experiências eugenistas de seu patrão, um cientista renomado que a emprega em seu casarão. As senhoras recuperam pacientemente a moça enquanto se excedem, arrogantes, lhe exigindo uma resistência resignada. Às ciências das receitas de legumes misturam a tarimba das propriedades dos óleos, pedras, pelos, luas e ventanias. Mesclam químicas de laboratório, xaropes de fogão, farmácias rezadas de galpões rurais, mezinhas de mato e bulas de almanaques. Guardam cicatrizes nas gavetas e muitos funerais na gola. Para a jovem que chega com a genitália estilhaçada há colo e há severidade. Impõem rispidez e brutalidade para demarcar o mando, manter a tutela na rédea curta e deixar nítido quem deve obedecer sem contestar, enquanto apontam fanfarronas a efetividade de seus feitos. As delicadezas são excepcionais e emolduram ordens rudes sobre o que deve ser feito com o jovem corpo nu, em jejum ou sob o sol em brasa. E há no ar um gozo miúdo, que é o de quem já não se obriga a prestar contas à paciência ou a qualquer cartilha que questione a hierarquia, o sofrimento pedagógico ou o martírio. Restauradoras exímias, de praxe recorrem a cobrar gratidão e reconhecimento inquestionável pelos árduos esforços para a cura e a restituição de quem ali pousou estourada. Assim medem a valia de si e do que baseie suas prescrições e arremate determinações sumárias. Pense daí, Seu João Carlos da Rosa: a crueza ou a sofisticada regência da linha dura lavariam crostas do cotidiano e de séculos racistas?

Disciplina implacável e lanhos na educação caseira. Famílias aprontam laços que defendem e abrigam, mas que podem até esganar. Violência lava honra? Fervura desinfeta? Raiva esteriliza? Em qual gérmen da chibatada se fomenta uma manutenção de segurança? Sangrias e pancadas vogam como soluções para o que se desqualifique como vexame ou abuso. Batizam-se correções com calombos, taponas, berreiros e castigos humilhantes. Ferra-se na pele a marca que perpetua a punição. No corpo atacado, por vezes como resposta a uma suposta ofensa recebida, esburaca-se com aço, entorta-se com vara, queima-se com brasa, corta-se com vidro

e arranca-se com alicate rendendo troféus como línguas, dedos e roupas encharcadas de sangue. Chega-se a espetar cabeças em paliçadas, mantendo espetáculos abertos que demonstrem a recuperação de uma dita honra afrontada e o exemplo do terror a quem desafiar moldes. Sim, pai, sabemos que a espécie humana há milênios é uma coleção de agressões sofisticadas e requintes de torturas, porém flagro especialmente a medida em que isso nos veste a pretidão. Principalmente a masculina, dada a normalidade da violência que se demarcou em nossas orelhas, calcanhares e cangotes pelos séculos de cativeiro e suas sequelas.

Penso a violência como uma régua, uma instância básica mediando nas sociedades a dominação, o condicionamento e a distinção social firmadas na escravidão e neste capitalismo racial. Controlar a língua e a produção de bens, coibir passos, despedaçar revoltas, regular caminhos e instituir o poder, o mando e o constrangimento. Em um país de galés e pelourinhos, de artesanias refinadas de instrumentos punitivos, de anúncios em jornal com descrições escancaradas de pretos fugidos identificados por suas deformações ganhas em castigos, as jaulas que conheceste tão bem e mais tantas outras dimensões da desvida já figuram como habituais desenhos no horizonte, como nuvens que pairam rentes à testa de milhões de rapazes pretos. O convívio cotidiano também nos pauta a violência desde as brincadeiras de molecada até as perseguições dos vigias de lojas e as bengalas de anciãs em riste. É corriqueiro respirar entre xingamentos e demonstrar a rudeza que ameace revides. Formação da leonagem na selva de concreto e aço, diria o poeta. E domésticas, preparando a defesa e esculpindo o ataque, gerações de pedagogias guarnecidas na correção truculenta, tão familiar. Se calejam para o terror das ruas e casas-grandes e se lapidam seus protegidos os espancando, regem uma antevisão que baila entre a paranoia e a precaução.

Intimidade e intimação. Nas formas pretas, a família que forma e apoia, que oferece suporte e proteção, também pode embaraçar e tolher, desabilitar e encaminhar para veredas angustiantes, cobrando tributos e trocos elevados pelo preparo para as rinhas. Varam e inflamam pelo pretexto dos rasgos dos espinhos. Pelo medo, famílias pretas podem educar com absoluto rigor propondo pedagogias e instrução política que sejam escudos para os horrores do portão afora. E as famílias inter-raciais em seu próprio seio também podem entortar e adoecer com suas

contradições, humilhações e expectativas do que seja tido como correto, ético, belo e o que se deseje dispensar ou “purificar”. O senhor soube disso desde as primeiras negativas que antecederam o teu casamento, vindas da minha família materna.

Para tantos, há séculos com os muques tão próximos do nariz e com a boca fustigando em nome do adestramento, tentando enquadrar suas crias por prevenção de danos, como filtrar o proceder dentre essas maneiras de afirmar-se em casa e confirmar-se na rua? Como lidar com os pesos e coações atrelados a ensinamentos domésticos básicos e a valores entranhados nas vilas, vagões e recreios de escola? Seu João, para além da arena de desejos em série nas vitrinas onde brilham heróis descartáveis do esporte e das artes espetaculares, o que se propõe como um problema especificamente masculino e preto é também algo que tange historicamente a toda coletividade negra, traçada à quente pelas regras da brancura nas nossas vigas e carcaças, seja na calha econômica ou nos abismos psicológicos. Era só teu, não.

As rajadas que um preto pode empenhar contra si mesmo também miram outro alguém igualmente crivado por seu corpo e sua procedência, alguém também racializado em um funil ácido como a nossa sociedade. E a violência de quem é castrado em gotas ou arrebentos diários também arrasta quem está mais próximo. Nessa moldura de se propor no mundo, não é difícil perceber os limites de um humanismo tido e propagado como régua de civilidade e que baseia o que se arraigou como moderno no mundo alicerçado por chacinas, laboratórios e cárceres.

Competição e camaradagem se entrelaçam entre nós disputando vagas nos salões e destaques pelos becos, o senhor soube bem disso. Por ascensão econômica ou dentre camadas coalhadas de fragilidades materiais e desalento, a precariedade que é tão romantizada como combustível de solidariedade ou de resistência por sua vez também acirra rixas fatais. Sentida por dentro, pode desmontar e escarrar longe o que se queira carimbar como celeiro de irmandades ideais. Há louvores que afirmam uma nobreza irretocável, um elã essencial de união que vigoraria entre nós por alguma força transcendental avivada pelo sofrimento, pela grandeza histórica ou por uma consciência supostamente inabalável às agruras de nossas relações pessoais. Nosso passado é repleto de mãos dadas e de coletividades tramando sustento, mas sabemos o quanto a sensação de salve-se-quem-puder também dificulta firmar e conservar estruturas de apoio mútuo e

solidariedade. Testemunhamos como viver frequentemente em disputa pelos mesmos crivos pode estabelecer uma solidão cheia de ferrões ou uma individualidade lacerada.

Se festamos legados ancestrais e cultivamos com saúde para gerações vindouras, também deslizamos por lugares em que as frustrações e as fragilidades, quando não são normalmente instadas a se esconder, são contraditoriamente cobradas para que sejam assumidas e expressas com nitidez. Porém, cumprir essas exigências em nome de uma humanidade mais leve e que deveria nos eximir de uma postura maciça e tão viril, em ambientes de desconfiança e de competição tende a se voltar com vigor contra quem expõe suas fraquezas, seja em público ou em seu ninho. Moralmente, assumir fragilidades, e enfim desfazer com dificuldade o escudo e o porrete percebidos como nocivos também para quem os carrega, afronta aqueles que passam a ser classificados como vulneráveis, mimados e frouxos. Desconsiderando a fundo os contextos que propiciaram essa fortaleza ilusória e as funduras que alcança e estrutura na organização da própria personalidade do preto, quem cobra para que a rigidez se desmanche é também quem acusa e deprecia aquele que ousa apresentar seus quebrantos.

Quais trombas d'água o senhor sentiu segurar por dentro? Será que em pleno transbordamento, com vagalhões em si, sentiu-se água parada? Imagino os momentos que foi preso em flagrante. O constrangimento maior e as derrotas ao ser arrastado. A boca do estômago explodindo, a humilhante algema e a chegada na detenção, isso a que nunca deveríamos nos acostumar. Imagino também a alternância dos sentimentos durante as épocas das saídas de casa, desde as primeiras separações com minha mãe e os acertos temporários até as seguintes oscilações e a consolidação do divórcio. Penso nos temores da fome, na distância dos filhos, nos tombos das traições, nas faltas de forças e de ar, no desmoronamento dos fracassos, nos buracos imprevistos em que se cai por viver e nas dores retorcendo a carne, as juntas e o pensamento com as debilidades de tua velhice. Me pergunto como o senhor poderia se segurar ao lidar com os turbilhões, mesmo aqueles que passam mascados como vagarosos venenos, e medito como teria explodido ou amenizado tuas tempestades. Quais trancas, rebaixamentos e transtornos experimentou e como essas ínguas se dissolveram ou ribombaram em seus gestos. Cismo como o senhor poderia ter apresentado teus limites e tuas

fraquezas ou, ainda, como teria vestido a armadura, mesmo que enferrujada e em desmantelo.

Meu nascimento e infância ocorreu nas décadas de ditadura civil-militar no Brasil, enquanto os camburões e os cemitérios clandestinos enchiam-se de pretos nas periferias da cidade que se espraiava imensa pelas beiradas da Zona Sul e Zona Leste. Lameiros e poeiras onde minha Vó Carmelina faleceu adiantada porque um táxi não aceitou entrar no terrão da beira do córrego para levá-la ao hospital. Mas outros pneus adentram, é chão de viaturas lentas e seus julgamentos sumários. Ainda há dois anos, o comandante da Polícia Militar de São Paulo declarou sem rodeios que as vistorias dos cidadãos em Moema e nos Jardins não podem ser iguais às abordagens dos moradores das periferias. E mais acachapante foi ouvir de vizinhos nossos, que também têm suas canelas experimentadas por bicudas de coturnos quando voltam do trabalho, do boteco ou do futebol e também já tiveram suas faces coladas ao muro enquanto ouviam ameaças e desprezo, que os guardas estão corretos em agir assim “porque se não demonstrar a autoridade aqui”…

Mesmo na quebrada ainda ocorrem as linhas de cor entre as pessoas. Essas linhas tendem a dividir quem ocupa o mesmo espaço físico nos torvelinhos e arrabaldes da cidade. Fundam barrancos psicológicos e destratos que reafirmam as diferenças da história da pele no país. Garantem inclusive a sobrevivência na madrugada. E, em campo de várzea ou em briga dentro do ônibus entulhado, às vezes um sobrenome italiano dito em uma boca favelada fornece a sensação de elevação plena à categoria de humanidade. De gente, sem dúvidas, gente.

Ah, as periferias paulistanas, geradas historicamente a definhar em suas próprias ruínas e sonhos carcomidos. Zanzo por aqui e reconheço o inchaço nos tornozelos, as fungadas de desprezo fingido, as máscaras que tentam disfarçar temores e as forjadas na coragem cotidiana, sem alarde e sem blefe. Reconheço as sátiras e o riso despretensioso que temperam a crueza, amaciam a secura e confundem o desespero por alguns instantes. Os falatórios para que o silêncio não mostre nuas as moendas que esmigalham. Décadas após tua partida de Americanópolis, ainda há quem pergunte de ti e em momentos repentinos escuto teu nome em um dedo apontado para mim. Aceno para olheiras e cabelos brancos, colunas encurvadas que me fitaram ainda pequerrucho. Gente que me escorraçou

de seus quintais, rasgou minha pipa e furou minha bola; gente que ajudei a carregar sacolas, me defendeu nos ônibus em que passei por baixo da catraca e que já brindou taças fortes comigo em viradas de ano e jogos de Copa do Mundo.

Pai, a década em que nasci, além de ser o tempo do miolo escancarado da ditadura, também foi hora de muita valorização da consciência negra, sim? Teimosia e coragem ao anunciar o avesso das cartilhas e câmeras oficiais, volta e meia tachado como ressentido ao expor as forcas, chamadas de exageros e alucinações. Contrária a uma noção de raça meramente biológica e bem mais do que uma vitrine de cultura, assentaram na política a categoria de negritude, um pólen no sopro que já fluía havia tempos por vários ares do mundo com vigor e fundamento. Não era fuga, belisco momentâneo nem balão de protesto que estoura, chama a atenção e logo se esvazia. E ainda cravava mais alicerces do que recuperar o amor por si lidando com a autoestima e a cabeça trincada, o que já seria de valia forte. Te imagino nessa levada também.

**A umidade da ironia**

Apesar de artifícios e fumacês, aqui ainda impera a debilidade que arrasta à guerra. Vogam os espaços e neuroses que este país conjuminou para o terror dos pretos. A cada instante o plano oficial desfila mortal para as íris atentas, mas espicaça o cotidiano de todos, cautelosos ou não. Mudou muito o teu bairro, pai, e mudou nada. Prevalece o ambiente pedregoso conduzido pelas políticas para que nos mordamos a nós mesmos, de preferência sob a parca iluminação suburbana, mas também no clarão do meio-dia. Assim me pergunto se a ironia aqui é uma pedagogia, uma anomalia, um anzol fatal ou um respiro. Talvez uma formulação de sanidade e até um instrumento saboroso na feitura de si e no reengenho do ambiente. Penso muito na estampa escorregadia de tua ironia para compreender como diariamente tuas peças abordavam a ti mesmo. Quando tua raiva não pocava alto nem a tristeza amarrava os dias, minhas maiores parcelas de recordação são as frequentes sátiras em que você era o teu próprio freguês. Piadas, mímicas e lábias ladinas sobre tuas

trapalhadas, carinhos e trabalhos fazendo do cotidiano e da própria cabeça a cena, o aplauso, a vaia e a crítica.

Seu João, aprendi que a ironia nasce na orelha de quem escuta e interpreta, mais do que na boca de quem a profere. E que é marca forte ancestral até pelas nossas condições no jogo de forças. O tom esquivo da ironia e seu centro bambeante a torna um alvo difícil, além de germinar diferentes sentidos em apenas um movimento, desfiando ou estraçalhando quando é certeira. E há também a sátira faceira e fulminante que corrói a pretensão das poses impenetráveis. Água que nasce onde se espera secura e que sabe trocar de gosto conforme o paladar em que escorre. Goteira pequenina que incomoda o todo-poderoso, pingando mordaz em sua narina, na ferida do pé ou na pálpebra desavisada. Na linguagem, é um espelho que aprende a se distorcer e que desanca a soberba. Pitada que coalha o leite e azeda o mingau. A ironia e a sátira tanto sofisticam a raiva quanto a despertam e abrem horizontes de luta. Porém, também podem ser usadas contra quem as cria, pai. O senhor sabe.

Em muitas esquinas e praças, acontece de o preto trocar o lamento pela ironia ou até mesmo combinar as duas caldas. No quintal diante dos familiares e convivas amados, na estação ou contando histórias enquanto trabalha, para colorir o tempo é de lei alinhar ironia sobre a violência que atingiu a si mesmo, contando os ocorridos de um jeito ácido ou ambíguo, sim? Talvez isso funcione para compreender melhor texto-e-contexto ou então para magnetizar as orelhas dos ouvintes e com a vitória da atenção conquistada amenizar ou superar por um instante o que é cortante por ser trágico ou vexatório porque nos rebaixa. Sei de Itamar Assumpção tripudiando sobre a própria doença grave e sua entrada nas semanas derradeiras. Ele compôs a canção “Meu Tumor” entre intervalos de pesada quimioterapia e a entoava ao público despertando gargalhadas lacrimosas enquanto enfatizava um mancar para disfarçar o próprio mancar, confundindo e fingindo ser real o real. Outro mestre meu, Oswaldo Faustino, ironiza traquinas ao contar dos sustos e das negociatas com meninos armados que cheiravam cocaína no capô de seu automóvel durante um tiroteio no ensaio da sua escola de samba. Daquele domingo veio a bala que décadas depois permanece alojada em seu braço. Ele pirraça ao lembrar a burla com o enfermeiro do hospital, diz que cobrava gozador que o rapaz respeitasse o sutiã de sua mãe,

usado como torniquete de emergência no cotovelo baleado. Pois é, pai: modular o impulso, modificar o impacto do tiro varador na linguagem, escrever patacoadas no gesso que estanca o braço, satirizar o remédio e torná-lo algo temperado com sentidos inusitados, digerindo a pedra com a pincelada da chacota, de leve. Cismo apenas com a fundura dessa sátira e com o quanto depurar assim ao mesmo tempo ameniza e revigora o aço, o pus e o berro.

Penso nos momentos em que teus alvos já traquejados aprenderam a lidar com tua ironia e te devolveram a galhofa ou assimilaram teu golpe. Quando burlaram tua mira e anestesiaram tuas ponteiras. Assim há séculos se faz por aqui com letras e trejeitos pretos, até que se refaçam as ironias entre as repulsas nem sempre disfarçadas e a espiral siga espinhosa, nas manhas. Imagino quando o senhor não podia declarar a guerra mas se esgueirava entre pancadas fatais, colhendo abalos, tropeçando porém seguindo e ainda assim mirabolando caminhos e revides truqueiros. Te penso na derrota, na cólera e no desalento que a ironia já reconhece e tenta amaciar. Mastigando a raiva nas esquinas, a amargura encarcerada e lidando com vagalhões e finuras dentro de ti. Entranhado no fracasso e equilibrando com dificuldade a sanha por arrebentos violentos, caprichando na composição de linguagens que te oferecessem saldos melhores no jogo e a costura serena e maliciosa de si para si.

O fracasso seria mesmo incontornável e irremediável do viver? Se sim, infelicidade plena poderia ser a incapacidade de pelo menos modelar a comédia nesse passo tosco. Deplorável seria não conseguir sequer satirizar a raiz do desconsolo, estourar feito minas um trajeto que por vezes pareceu existir apenas para se desviar do caixão. O sumo do terrível para figuras como o senhor talvez seria não conseguir nem se afirmar como um personagem pitoresco desse mapa de empecilhos. Não mangar de si nem zombar do lugar, não fazer chacota com o destino nem gracejar com os mandantes, seja os dos altos castelos ou das igrejinhas enfeitadas pela vaidade nos barracos vizinhos. Te senti equilibrar a distância perante o ridículo e frisar a própria ligação visceral com o patético, o dolorido e o purulento. Rindo como uma hiena ou domando a gargalhada dos outros enquanto se fazia de sereno. Vi na verve do teu humor uma textura que se diferencia da loucura e também da razão fria e instrumental. Talvez aí figure a percepção da tua contrariedade às

convenções e mesmo o teu desdém à impossibilidade de substituí-las por outras. Para além dos dramas já solicitados, comercializados e anestesiados dos cartazes de superação, compreendo tua esquiva à autocomiseração e à modelagem de si mesmo em qualquer naipe de herói. Entendo tua negação em tornar-se um paladino da dignidade. Cometer esse embuste te aproximaria demais dos discursos hipócritas que te usam como pretexto e miolo, que são mais dispositivos de controle do que realmente expressões de apreço às tuas condições de vida e de morte.

Um taxista preto zanzando na cidade que historicamente o controlou, confiscou, temeu e castigou a circulação. Como terá sido essa lida, a que mais o senhor se dedicou na vida, naqueles anos 1980 e 1990? Uma profissão que recebia muitos ex-detentos por exigir poucos protocolos até então. Como lidar com o passageiro negro e com a passageira branca de bairro de elite? Recordo a vantagem da andada para o escravo de ganho no século 19, solto das fazendas e dos casarões de seus proprietários legais, marcado pelo próprio corpo. Cismo o quanto possa se comparar ao ex-detento que arranja esse trabalho e assim readapta sua cabeça e sua presença à cidade, que por sua vez é tão hostil e o marca para sempre como um pária. Teus carros rodavam o estado buscando passageiros, conduzindo famílias, atendendo desconhecidos, juntando moedas. Do banco traseiro de teus Fuscas, Gols e Passats, senti aromas de fumos clandestinos, ervas que eram pesados tabus. Teu veículo de trabalho e marotagens agradava as crianças que montavam no “carro do Tio João”. No começo das noites o senhor surgia para a meninada arrelienta dar uma volta de cinco minutos pelas curvas das ladeiras próximas, até desembarcarem em nossa laje tilintando de rir e seguirem para os esculachos de quem já havia lhes proibido a diversão com o suspeito Seu João. E o senhor teve as Kombis em que trabalhava carretos e enchia de guris sabadeiros para jogar bola, praiar e campear em verdes pradarias. Foi perceptível o princípio de tua derrocada quando endividado e acidentado por dirigir encachaçado, sem carro próprio, precisou se afiliar a uma frota de táxis e deixar o automóvel a cada entardecer na garagem da firma, com metade do ganho da praça.

Eu me encafifava na cozinha algumas noites para fuçar em coisas tuas. Que atrevido. Até hoje não sei se me flagrou e fingiu não ver quando madrugueiro eu li o

*“Manual Prático do Satanismo”*, aquele extravagante livro que esqueceram em teu táxi, o mais esquisito entre todos objetos que apareceram. O medo de teu castigo foi maior que o das conjuras do livro, mas o senhor cambaleou de sono na ida e volta do banheiro, nem me considerando e isso fez o horror das páginas menos assustador. Eu preferia o adorado *“Guia das Ruas de SP”*, azulão maior que a bíblia; os cadernos de geometrias de Seu Estevam, teu cliente curandeiro polonês, e os gibis, almanaques e revistas de palavras cruzadas. Leitor contumaz, o senhor não viu nenhum livro de minha autoria, mas recordo teu orgulho do meu caderno e minhas notas. A altivez demonstrando a vizinhos e parentes como teu xodó sabia ler, fazer contas e tinha decorado as capitais do Brasil.

Havia teu revólver no alto do armário, fascinante e magnético na madrugada, lá no alto da cozinha vigiada por este olho de ferro. A atmosfera de ameaça latejando em sua presença. Maciço em seu peso, ágil em seu tamanho, talvez te correspondesse a uma genitália ereta, ainda tida como maior símbolo de Ser Homem por tantos de nós. O falo, lança em riste talvez sumariando castrações do peito e da voz, bancando bravatas e triunfos de fanfarrão. Arma contundente, apta a rasgar e adentrar com força, fincando território e desmandos, violando e derramando morte que se disfarça de vitalidade. Tombando, realizando pulsões de subjugação alheia. Consumando uma autoridade incontestável e impondo mudez aos ajuizados que engulam pavor e ódio. Cismo como tua arma nas mãos, entre uma detenção e outra, te desenharia a postura no porte de carregar e de guardar tendo em mente o dedo forte engatilhando pólvora e aço, contando com a queda queimada de um inimigo. Se não fosse por seu berro, não poderia falar? Tua ferramenta despertaria admiração, desprezo ou a paúra de outros brancos e pretos? Antes de tua velhice de estelionatos pé-de-chinelo, teu revólver te cederia força para se escudar, cobrar dívidas e calar os contrários? Sereno e sedutor a atrair e intimidar, metálica semente do pânico, no alto do armário ele dormia com seu olho aberto e a boca gelada de cuspe quente. Com ele na cinta o que o senhor colheu, perdeu e escambou?

O senhor nadava muito! Salvou afogamentos com o talento desenvolvido nas lagoas antigas do Jabaquara, marca imodesta de tua identidade. Quando te levei meu filho para conhecer após várias tentativas, pois o senhor mudava de casa como

um marimbondo, chegamos ao treme-treme dos Campos Elísios e tua primeira fala foi “Já pôs meu neto para aprender a nadar?”, antes da tradicional história de ter curado a bronquite de meu irmão com natação em uma temporada em Iguape (a controvérsia é minha mãe sempre dizer ter ficado à revelia, agoniada por luas e luas sem notícias por onde andavam). Fomos alegres nas praias, hein, Seu João? Pisando areia fofa, enveredando em matas por costas inóspitas, lambuzando de sorvete, comemorando golaços ou enterrando um ao outro na areia. Te sinto com verve caiçara. Nos ensinava tua leitura do tempo pela atenção aos ritmos e cheiuras das ondas. Contava façanhas de nadador exímio que desmaiou afogados no murro para poder trazê-los à praia ou que trouxe naufrágios acochados levemente no cangote. Já grande, escutei de ti da vez que passou a tarde boiando em alto-mar, entrado com braçadas bêbadas para flutuar bem distante da beirada e aliviar a cabeça de fogo. Com o céu já escurecido e curada a embriaguez, acolhido pelo oceano que te embalou tão macio que o senhor diz que até dormiu, ao despertar nadou de volta para a margem e percebeu ter sido carregado para outra praia. Já na outra borda do continente, distante quilômetros da praia original e apenas de sunga em matagais noturnos e frios, achou um guarda-chuva destrambelhado e lhe fez de capa até encontrar estrada e carona para voltar à roda onde camaradas ainda bebiam seus chistes, bravuras e rancores. Já te imagino chegando e virando um copo de aguardente para se recompor.

O alcoolismo talvez tenha te emaranhado por isso: pode ter te servido como boia, como porto, mas cismo que mais te ofereceu alguma percepção do sublime das coisas, te encantado em boemia e quentura, te clareado as ironias. Até te atolar os pés na gosma de um vício ciumento que não permite dois amores, aquele que interdita o Axé e impõe o estrago, a doença e o vexame. Dispor à tua explosão o fogo do pavio, acender teus coriscos, faiscar alegrias, sentir o incêndio rompendo bolos da garganta e se alojando no peito, atiçando pulsos e passos… até que o corpo se amorteça e as cinzas vençam a brasa. Até que a chama somente amorne breve e exija a combustão que dentro cada vez mais se aviva rala. E as frontes e a goela obriguem à dose, cobrando paranoias.

Os mistérios e poderes da cana são muitos. Em tantos desperta coragem e o miado se torna rugido. Mas em ti a brabeza e o cinturão punitivo, o ímpeto da pancada

e do castigo, o medo que se converte em fúria ou dano calculado, até pareciam diminuir com a cachaça. Diferente de quem se arroga valentia quando embriagado, o senhor podia até maldizer e bufar mas a pinga mais te abrandava. Em nosso penúltimo contato, eu escutei aventuras curtidas em aguardente vividas por ti junto a Laura, tua companheira nas últimas décadas com a cachaça. Vasculhas por garrafas nos campos santos paulistanos e quedas em buracos de Embu das Artes, quando uma despencava em valões e o outro, grogue de tantas talagadas, caía com o bastão que esticou para o resgate atarantado. Troçavam de si mesmos pela habilidade em cair e se esfolar mas não trincar a garrafa, salvando a estadia no fosso, porém nessa zombaria havia um fio de vergonha que em minha infância não conheci em tua língua.

Hoje te perguntaria sereno como a caninha te temperava prazeres e armadilhas da rua e se facilitava lidar com estorvos da morada. Não te vi bélico pelos copos e sim dengoso ou murcho. Conheceu a delícia do convívio nos brindes entornados, na palavra molhada, no tambu saravado, nas taças amorosas... e o reverso das mentes aniquiladas pela compulsão. Já mediei conflitos manchados pela pinga que mareja um olhar mortiço e instiga peixeiras torcidas no bucho. Já acudi família daquele que chega bêbado, bruto e depois de pratos espatifados, berreiros e prantos ronca de bruços na cama, babando ou até urinado. Aquele que sóbrio chora o arrependimento pela pancada embriagada, se depois não se vangloriar aos sete ventos ou na boca miúda se gabar da macheza encharcada na terebintina, brindando.

Irmão ou amante de tantos pretos, principalmente desde o fatídico Treze de Maio e seu legado de precariedade, o álcool descarnou e arriou até queixos garbosos. Grudou no chão pegajoso e arrancou brio de quem foi viga de sustança, como também inspirou levantes e ajudou na liga de turmas mocambolas. A abrideira, o aperitivo, a dose para o santo, o tim-tim, o remédio, o porre. Para muitos ainda engana a fome e barra recordações infelizes até que se turve o presente. Curativo e porteira de convívios, inicia pessoas em bailes e oratórios e é prova de uma virilidade escamosa quando a roda cobra que se entorne o copo sem gemedeira. É notório que o primeiro gole de uma cerveja gelada traduz o paraíso. Jogos de poesia e amor são salivados e celebrados com aguardente desde os bisavôs do samba, do tango, da kumina, do belé, do mambo e do blues. Cavalar, irmana a euforia e os destroços da mente. A cachaça das quizombas, encruzilhadas e vielas é oferenda de fortaleza à altura dos enigmas que toca. Desclassificada, recebe saraivadas também por

motivações e sequelas escravistas, decerto que porres de uísque escocês, vinho francês e saquê tem por aqui suas estampas menos repudiadas. Intrigante é que o senhor mesmo com frequência me lamentava quanta gente valorosa viu se perder na pinga. Talentos, inteligências, dignidade… me recordo da cor escura dessas faces dormindo na calçada. Como ser mais forte que o espírito da garrafa, que nessa soberania parece imitar o mar? Ciente do moralismo que condena e depois finge compaixão, que se empomba e incha proferindo em sua suposta superioridade moral o que seria o "caminho correto", a pergunta que nos ficaria talvez fosse: beber a cana ou ser sorvido por ela? Nesse oriente de bússola embaçada, outra cisma é se a cachaça, além de pesar pernas trocadas e afogar rumos, teria sido também uma afirmação de desajuste e rebeldia perante o escárnio e a hipocrisia de uma sociedade racista, avassaladora.

Pelos redemoinhos e espinheiros que o senhor sentia e pela asa que só pensava aberta, em casa, de tanto sumir e pela frequente falta de vestígios, muitas vezes não sabíamos se fugiu, se estava preso ou falecido... até que voltava ao ninho três dias ou três semanas depois com a mesma roupa amarfanhada, desabotoado das ideias e de teu bolso brotava um tolete de dinheiro colocado na mão da mãe ou jogado na mesa, feito um salvo-conduto... Coroava com uma pizza que espalhava vapores apetitosos para tuas crias ( na época que pizza era luxo em nossa vila). Retornava como se houvesse saído na hora da merenda vespertina, como se as notas enroladas no elástico fossem veredito final para qualquer contestação. E ganhava o apoio velado das crianças: "Ah mãe, vai brigar com o pai? Escolhe um pedaço, ó ele aí, tá tudo bem". Nessas ocasiões e principalmente nas recorrentes ausências mais longas, logo percebi que em alguns pontos em que me enfiei me preservavam por orientação vinda da penitenciária, a chamada Alemanha. Eram significativos os cuidados, porém mui poucos diante das mil vezes em que apenas Dona Ana me guardou ou Dona Rua Aberta me preparou.

Mesmo com a agressividade sem peias ou meticulosa que o senhor logrou, penso que também tentou refutar a selvageria que normalmente imputaram nesta cidade aos pretos. Negou o silenciamento com as linguagens da ironia, da violência e da subversão. Negou ser apenas coisa que trabalha, bicho que copula e treco que

se descarta. Viveu primaveras na clausura e se quis retornar à prateleira dos que considerou comedidos demais, esta já não mais te permitia a estadia. Te percebo ciente de muitos carimbos que te marcaram, pois maliciosamente até tentou os utilizar. Reforçou o que recebeu das pechas de primitivo e dos estereótipos de quentura, de indolente e de suspeito, tal qual comoveu esquinas com seus fulgores da paternidade e legou alicerces à família pelo trabalho e pelo que arrecadou ilícito. Fez de todos eles teu lápis também, mas não sei se dominava a folha e a gramática desse livro pesado. Aliás, não sei se dominamos, nenhum de nós. Se os estereótipos são projeções agudas que deslizam por nossos poros adentro, até que em nossa veia e em nossa língua os rebatemos para o mundo, sinto que o senhor também foi inoculado e perdeu o prumo. No balanço final do lameiro no terreiro, eu não sei o quanto fintou, bailou ou se chafurdou. Entre as barcas e as iscas sopradas para tua figura, cismo que o senhor não conseguiu desviar de ondas enormes, maiores que teu talento nadador.

Sinto que o cerne desse dilema deve ter estendido tua mente até o estouro: negar, trucar ou se entregar ao arrebento? Assumiu medos diante de perigos graúdos que causou e cutucou, como também se encolheu na vergonha de não assumir coceiras e rombos para não parecer frágil. Talvez fatal derrubou inimigos. Entorpeceu a mente e embaçou entendimentos. Claudicou e doía andar mas até a última noite peregrinou e palmilhou esquinas, cumprindo esse vírus hereditário que trazemos de meu avô e de meu bisavô. Não degenerou na loucura absoluta mas cismo com os tôcos da insanidade em que se escorou e amarrou tua rede. Sabe, pai? De vexames e fracassos, penso no filme que o ator Grande Othelo até o fim de sua vida declarou sonhar fazer, sobre a honradez do homem derrotado.

**Lógicas do vagalhão e da gota fervente**

Pai, bebi uns goles da xícara de um homem chamado Célestín Monga. Visitei, me servi de teu chá e me pus a pensar no que sorvi. A merenda dele é um livro chamado *“Niilismo e Negritude”* e te conto nomes e detalhes não para parecer pedante, petulante. Cito como citamos ideias e movimentos que encontramos em

nosso cotidiano e frutificam acontecimentos na gente. É como o jogo a que assistimos, a viela em que tomamos café, o camarada que nos trombou no caminho da padaria, o disco que escutamos e caprichamos na leitura do encarte, o assovio no ponto de ônibus que nos acende, a pipa que nos cortaram no estirante. Passagens que nos fazem pela cultura do mundo. E mais: sei que o senhor gostava de leitura e ia sorrir de me ver citando gente pensante preta assim. Talvez ficasse até metido, mas evitemos isso, que eu mesmo devo me precaver de não deixar a prosa empolada nem ficar de pose, entojado.

O Monga é um filósofo que argumenta sobre a violência. Ele a encontra também no viés prático do que chama de niilismo africano, comportamento que preza os sentidos corporais e se borda na fieira entre os afazeres mais utilitários e os momentos rituais, tendo o prazer e a objetividade como princípio. É algo vivaz no cotidiano e se apresenta também pelos casórios, funerais, jantares, formaturas e onde mais se colabore para a visibilidade dos corpos reunidos. Cultiva os movimentos pragmáticos para satisfazer o escape dos espinhos diários, consumando nos sentidos efêmeros a nata que dispensa os planos maiores de vida no longo prazo e evita o moroso das solenidades. Nesse balaio, Monga mede o uso exemplar da violência, que pode ser exercida como uma ética que legitima o gozo, os freios dominadores e as chancelas de poder em diversas camadas da sociedade. Pedagógica, essa violência além de gestar o prazer da dominação visa também impedir a ascendência psicológica, o ganho de confiança coletiva e o fortalecimento de relações estratégicas. Tal violência pode estralar tanto nos vergões da pele castigada quanto na propagação visual da carne lacerada e no verbo divulgando humilhações. Cultuando o prazer dos sentidos, o niilismo discutido por Monga pode se encontrar na gula, nas formas sublimes da música, na ostentação endinheirada e em várias vias do corpo pulsante, mas no caso que me interessa prosear contigo voga na violação de um adversário, no golpe em uma integridade a se expor, expressando o gozo e sugerindo a maestria da agressão que estoura o mais íntimo ou sagrado.

O que esse pensador firma como niilismo precisa ser diferenciado do que vem como cauda trincada de dilemas europeus fermentados na devoção a certas ideias de ciência e de razão muito distintas das formas como pensar é considerado por

cabeças africanas ancestrais. Esse niilismo contemporâneo que Monga analisou em Camarões, seu país de nascença, seria uma negação desiludida aos conceitos de humanismo, seja o propagado de modo hipócrita pelos cartazes europeus ou o tido como novo gérmen da terra, anunciado por sonhos de independências africanas a se fazer na época enfim libertada, mas que sem demora foi assimilado por várias elites nativas, conjuminadas com antigas forças dominadoras após liquidarem lideranças anticoloniais, afrouxando e vampirizando elos de unidade africana. O niilismo que Monga destaca, no gesto de quem já está emaranhado no descrédito a projetos políticos duradouros ou enredado na proteção de um espólio instável, seria crente na entrega sem peias aos sentidos, aos prazeres e ao questionamento de qualquer ética transcendental. E que pode abraçar o cinismo ao duvidar da realidade de qualquer metafísica para prestar culto a uma primazia exacerbada do corpo, legitimando inclusive a violência, seu gozo e sua objetividade.

Não se trata de anunciar nenhuma essência africana de desprezo à consciência, pai, isso não teria cabimento nem fundamento para um continente de tão complexas e refinadas filosofias que se espraiaram pelas pretices do mundo. Nem repetir a má-fé de uma suposta degeneração de pessoas negras fadadas à crueldade e eximir as mazelas torturantes e arraigadas, resultantes de séculos de colonização. A destruição de estruturas africanas (e ameríndias) pelas sangrias da governança europeia é uma evidência histórica, nítida e tétrica já comprovada com fartura. Assim predominou uma visão consensual de trogloditas pretos se digladiando entre si pela sobrevivência, apagando as formas como nossos ancestrais pelos dois lados do Atlântico cultivaram em várias dimensões do convívio também a partilha e o respeito, desde os inúmeros ritos de nascença até os funerais preparados com esmero para as travessias ao insondável. Ainda não é excessivo endossar isso e nem frisar que nas raízes da Europa, tão auto-propalada como civilizada, na Roma antiga soldados praticavam o escalpo com frequência e usavam os couros cabeludos como toalhas, barbárie de um naipe não muito diferente do praticado na Itália contemporânea de Mussolini ou observada nas guerras entre reinados e países vizinhos europeus, poucas décadas atrás. No leque infindo de humilhações e horrores internos à própria Europa, nas suas purgações do que desqualificou como inimigo a ser combatido ou demonice a se exorcizar principalmente nas Américas com povos nativos e com africanos e seus descendentes, não há pausa na

sofisticação da crueldade em seus usos políticos, psicológicos e econômicos. O estupro e a punição mutiladora, constantes, somam-se aos aviltamentos e ao leque de fantasias cravadas em quem deve ser submetido, linchado, escravizado e colonizado para que uma própria figura de ser humano superior possa ser traçada e se manter.

Porém, pai, o que entendo que Monga nos demonstra trinca qualquer idealização do ser humano, inclusive a pessoa preta, que justamente luta para afirmar a própria humanidade, isso que não pode nos liberar da complexidade de nojeiras e fascínios que nos compõem. Temos diversas razões presumidas para a violência entre os mistérios do comportamento humano. Com frieza ou com furor, motivações vêm da pobreza, da vaidade, do medo, da moralidade, da intimidade mais guardada, da ganância etc. Sofremos e cometemos violências bastante influenciados pelos processos escravistas e coloniais, talvez ainda delineando rotas urgentes de fuga. Então, frisar nobreza, afetividade e legados de ade não nos impede de refletirmos sobre os carregos complexos dos nossos ombros e os escarros que despejamos em nossos próprios pés. “Jogamos nosso lixo muito perto da porta”, um dia me disse um amigo, ator experimentado e injuriado com os ensaios, as esquinas e consigo mesmo. Não sinto que Monga declara nenhuma crueldade intrínseca a ninguém, mas com suas apreciações aprendo e penso em nós que resvalamos e até chafurdamos na violência, tecida entre tanta ternura e amargor, desagregação e carinho, desesperança e comédia.

O filósofo dá o exemplo do caso de um ancião, político renomado, ex-aliado de seu governo, que ao declarar-se veemente opositor é raptado e chicoteado nas nádegas. As fotografias dos lanhos no traseiro do velho vão para a mirada sedenta do povo, nas manchetes nacionais camaronesas. O castigo é exposto à rua e às telas, propagado em cartazes e fofocas, contado em chacotas e melodias. Seria uma didática, pai? Qual sociedade se concebe autorizar a truculência ao ponto de a manhã seguinte a essa violência nascer azulada e chiada em burburinhos, espantos e gracejos como outra qualquer? Os rasgos multicoloridos na carne idosa suscitaram discursos indignados dos parceiros do homem punido pela infidelidade. O presidente foi às câmeras pronunciar o dever cumprido pelas chibatadas aplicadas em nome da lealdade, da dissolução das picuinhas insurgentes e, claro, da segurança da nação.

Equilibravam-se no chicote e no seu pronunciamento o escárnio, a tenência e as lógicas do merecimento e da prevenção.

Segundo Monga, o entendimento niilista dissolve noções de culpa e de inocência, as define como fatos arbitrários e questiona ou manipula a suposta ética que lhes guia. Aponta que somos corpos destinados à ruína, salienta o uso da força ao bel-prazer ou para a manutenção do mando como um desfrute ou até um princípio de convívio. Desacreditando da solidariedade, trincado pelo ceticismo e desenganado com o que não seja união interesseira, sinaliza um ambiente cada vez mais individualista e voraz. Aí, o objetivo mordido na violência seria saciar fantasias de poder encarnado, rimando vida e combate, ou melhor, vida e subjugação, azeitando engenhos que protejam a continuidade do que garanta mais porrada. Ou seja, melhor ainda se a brutalidade proporcionar vantagens além do gozo do ato em si, mas ela por si se completaria. Nesse novelo, a pancada pode ser considerada didática, e a violência uma sublime boniteza, ao modo fascista. O seu gozo vibra soberano inclusive em quem se envolva com os humores hediondos mesmo como espectador.

Cismo então que as tempestades da violência poderiam ser rebuliços sacudidos sem método *e também* uma execução calculada, nem tão impulsiva mas tramada, pai. Por isso te perguntei o que me coça entender sobre teu cinturão. No mais agudo, isso me leva até a outra pergunta que talvez já tenha se feito: por que quem mais mata, mais admiradores têm? Às segundas-feiras, um dia após os combates fatais noticiados entre torcidas de futebol uniformizadas na Inglaterra, na Argentina ou no Brasil, era notório que pipocavam montes de pessoas procurando se associar às galeras, como diziam os diretores dessas associações. Pois é, Seu João. E ainda o niilismo que Monga reverbera, ressalta que o ser humano só segue quem lhe oferece ilusões...

(Nesse instante, teu neto varre o quintal e me chama para ver a peleja entre uma aranhazinha e uma mosca. A que tem asas é bem maior, está enredada na teia e zumbe tentando se desgarrar dos ferrões da aranha que bem fixa move suas patas. A mosca se vira, revira, empina, força para trás, saltita, fica de ponta-cabeça e não se liberta. Pegamos a contenda talvez no meio. Perguntei para Daruê se a aranha exercia violência. Daí ele me girou para pensar a possibilidade da violência que não

seja física. Chegamos à dúvida do quanto uma vingança sutil pode doer, esbagaçar e estrebuchar, como aquelas de enredo vagaroso, que explodem no gesto de um mero grãozinho constrangedor deixado na mesa de alguém para envergonhar, ou a de um apelido ácido e estudado mirando a pancada psicológica… E enfim a mosca se quedou imóvel.)

Recordo outra anciã que conheci subindo vagarosa o escadão da Rua do Céu, ali na Vila do Encontro, hoje já bisavó e nascida na antiga Minas Gerais, em Água de Ferro. Era difícil registrar criança na sua época infantil entre arraiais e paróquias. Seu pai havia sido escravo e arranhava sonhos de revide, dizia que não veria a época do troco aos barões que lhe roubaram e destruíram os maiores nacos da vida, mas sopraria ao futuro sua contribuição. Decidiu nomear a menina como Vingança, mas o cartório proibiu. Havia Piedade, Consolação etc. mas esse nome não. Batizou a pequenina então como Esperança, mas em casa até se finar chamou a filha pelo nome tramado. Vingança, a Dona Esperança dos muitos netos. Pai, na gota de uma palavra, no título primeiro de uma pessoa, quanto pode haver de núcleo de violência? Será um cristalzinho de agressividade guardada, uma titica de bomba atômica ou um legado graúdo como uma fazenda?

Um leque de éticas: a que reverencia a misericórdia, a que se devota ao prazer dos poros, a que arrebata por fome e a que preza o retruco entusiasmado que vinga e reverte a opressão. Nesse feixe cabe também a guerra, a resposta que penetra e mina, a varredura que aniquila e a conjuração que instaura uma nova condição frequentemente tida como a força original de uma turma conspurcada ou arrefecida. “Violento” é um termo que tem raiz no grego antigo e significa “anti-natural”, pai. Cabem vastas questões no que seria então o tal natural. A passividade, a resignação, a abnegação, a harmonia sem conflitos ou contratempos… nessa vereda de pensamento, esses seriam os elementos naturais? Então a força que contraria a gravidade elevando o que despenca sobre nossas cabeças, a que mete sua jangada na contramão dos ventos de uma borrasca, a que constrói guarda-chuva e casa para proteger dos temporais ou a que escava e move o tronco fixo para a feitura da canoa, todas seriam anti-naturais e violentas ao desobedecer a tendência da natureza. Violência, já nessa vereda, seria o princípio de uma nova contagem estabelecendo uma situação conseguida pela força durante o jogo de transformação com a

realidade, questionando e ultrapassando até o que foi instituído como natural. Quantas ideologias justificam a força (re)iniciadora que vara e fertiliza novos horizontes? Qual poesia se trança aos ímpetos da renovação e contempla os arrepios do corpo que pedem força? Ao romper as regras das matérias naturais e também a realidade construída que nos pareça natural, seria violenta a tecnologia que recria a vida ao imaginar e transformar a carne do mundo? Duas vibrações traduzíveis na mesma frequência e a perturbação da recepção de uma pela outra, na conjunção do que reinventa com vigor as energias vitais que atravessa, arrebata ou destrói. Eis a violência?

Além de um poder que agrade a imposição da mera autoridade e a volúpia por domínio e prestígio; além da tática que integra a potência para aplicar exemplos e gozar o mando, penso se a tempestade e o ar/rebento poderiam ser também um lápis que desenha nova qualidade de viver, contra o instituído e considerado natural. Como a força e a agressividade podem repelir a resignação ao que se conta como giro “natural” do mundo e que aperta os laços até arregaçar? Como compor a força, a astúcia e a serenidade para que não apenas de urros e de estralos prospere a vitalidade que dissipa a atrofia e vence a agonia e a miséria? Superar o apetite do ódio que se inflama e firma elos de ferro, que arregimenta e decepa tomado por um apetite infindável, até que decapita a si mesmo. Das ferramentas e de um tear digno de Nkosi, transformar com a força sem cegueira, deslumbramento ou autoritarismo. O que desse panorama se escalda nas gamelas da violência, meu pai?

Seria possível domar teu vagalhão na teimosia de sermos dignos e nos reencontrarmos em meio ao esfacelamento, para transgredirmos e construirmos alternativas aos fiapos de ser? Conjugando-se com malícia ou escorraçando princípios genocidas que colonizaram esse chão, o cotidiano preto se organizou para que o desabamento não viesse da implosão e não raie antes mesmo que os projéteis e chibatas nos alcancem. No último fio, esse é o cerne de uma história de Zeferina, grande líder quilombola, que degolou quem em plena invasão dos militares no seu mocambo das colinas do Cabula respondeu sim para o aceno que poderiam fugir se quisessem. Zeferina decidiu decapitar todos que aceitaram a opção de se desgarrar do bando e preferiram fugir em vez de lutar pela liberdade, mesmo a da morte altiva.

Medito sobre a ética e o princípio, a horta em plena ira e o que se extrai desse código partilhado. A fortaleza, o medo, a ancestralidade no movimento e no horizonte, as espirais da presença que não se encerra no baque nem no funeral.

Platão, da linhagem filosófica anunciada como matriz “ocidental” quando germânicos elegeram e decretaram os gregos como seus ancestrais do pensamento, dizia que a violência demonstra um ser tirânico, que governa com sadismo para demonstrar e pôr à prova sua superioridade. Já Freud, o cientista da mente, constatou como a violência é uma fraqueza humana decorrente de um sistema neurótico. Ela romperia como expressão da confusão, da obsessão com o medo, com as feridas que jorram cortantes dos nossos labirintos desde o berço e com as angústias encruadas. Qual uma droga que nos põe em furor, impregna e suporta os dias que passam atolados em traumas e neuroses. E Monga pensa a violência também como uma sutileza niilista e um escape diante da percepção da própria decadência, uma via por onde circula o desejo por uma ética que dissolva bem e mal. De minha parte, me sensibilizo com Luiz Melodia, pai. Em dois versos de “Ébano”, decifrou a dificuldade de um preto compor futuro em meio aos distúrbios mentais da Branquitude que lhe alveja traumas em série: “O couro que me cobre a carne não tem planos/ A sombra da neurose te persegue há quantos anos?”.

O quanto o revide violento seria apenas uma resposta ancestral ao que nos desumaniza ou uma projeção dos males incontestáveis da escravidão sobre nós? Talvez uma resposta baseada em outras éticas, mesmo de matriz africana, que não consideram a força transformadora como mero mal, mas a abertura para veredas de justiça e recomposição da dignidade. O quente é que encarnado em nossas tensões e ambientes presenciamos os riscos de caminhos calçados pelo autoritarismo e pelo fanatismo. E as varreduras e expurgos que se justificam agarradas na baliza de tradições ou de quaisquer elos étnicos.

Seu João, muito se aponta a arte como um oriente que desate a raiva com estéticas e técnicas para compreender, extravasar e direcionar as águas da revolta. Ela nos oferece ferramentas para organizar e expressar o que seja nosso voo no abismo de viver. Sabe aquele Rap que te irritava, constante na língua dos jovens encarcerados contigo? Pois é o horizonte em que atinei reflexões raivosas. E apesar de já haver toda uma demanda comercial por jorros boca-dura (que estão longe de

serem exames da realidade e geralmente são apenas sintomas), parece ainda prevalecer a pedida por uma arte purgada pela docilidade e que sopre plumas gentis. Há uma arte-educadora, Ana Mae Barbosa, que estranhou visitar uma escola situada em uma zona que chamou de “agressiva” porque só via desenhos de florzinhas e coisinhas meigas. Até uma professora camarada lhe desabafar sobre artes infantis que pintavam o redemoinho do lugar e seus temas duros, artes que a direção escolar exigiu que fossem ocultadas. As mãos pequerruchas continuavam criando para seu próprio olhar, talvez isso podemos celebrar, mas havia a atitude de encafuar os desenhos para conceber uma imagem escolar como ambiente pacífico, uma ilha que repele a violência. Por isso, ainda cismo com a fertilidade da violência irradiando na musculatura da poesia, arregaçando e recompondo, doendo e revitalizando a mesa de operações, pinçando tumores, a princípio indesejada na cirurgia até que se torna instrumento indispensável da linguagem e dos pontos de costura. Fogueira que é calor em si, força que assa e nutre, e farol que ilumina distâncias.

Há outra mulher que me incita o pensamento, pai. É a poeta Audre Lorde. Ela destacava como a raiva nas lutas políticas é fundamental. Emaranhada no racismo e no machismo que apertavam seu pescoço, dizia que a invenção de outras relações pessoais não deveria abrir mão da modelagem dedilhada com a argila da raiva, “um lago de lava dentro do seu ser” nascido das agressões, do menosprezo escancarado ou das miúdas e constantes injúrias vestidas de silêncio. Espezinhada a cada centímetro no cotidiano ditado pela Branquitude e pela violência que parecia ser naturalizada pelos homens pretos, Lorde argumentou que a concentração dessa raiva geraria um impulso para o transbordamento criativo e também um conhecimento que, mesmo incompleto, é indispensável para a compreensão de si mesma, das cascas que a cortavam, das frestas a se acender e das metas dos embates. Porém, ela diferenciava raiva e ódio considerando que os dois sentimentos se roçam mas não se igualam e que é preciso destrançar o que facilmente se atrela entre eles. A raiva seria a “emoção de desprazer que pode ser excessiva ou inapropriada, mas não necessariamente prejudicial”. Concebida pelo que esmigalha e pretende secar, está no reservatório de escorrências da angústia e da coação. Impõe-se primeiro como escudo e necessita ser extravasada e encaminhada com pertinência, para não se tornar apenas um rolo compressor sem tino nem filtro, adulterada a sua vitamina elementar na insurgência por dignidade. Já o ódio, para

Lorde seria avassalador e não contemplaria a criatividade, destruindo tudo o que toca por dentro e por fora, em um conluio entre as aversões e os desejos doentios que traçam nossos hábitos e comportamentos. O ódio arranjaria a mente para o extermínio do que a ideologia aponte como desgraça e exija que seja enxovalhada em nome da moral, da política ou da raça. Ao abominar o que se apresente como o Mal, propõe apenas a extinção. Assim, à esterilidade do ódio Audre Lorde discernia a fecundidade da raiva, imprescindível.

Cismo de cá como o senhor teria vivido tua raiva, pai. E me pergunto se o senhor a organizou, se fermentou, se frutificou… Quais vitórias de tuas perseveranças beberam na concha da raiva. E como teria enrugado o teu ódio na cara e se ele arregaçou teus próprios contornos e rachou tuas portas.

Sobre traçar o uso da raiva e da violência enquanto nelas caminhamos; sobre costurar o pano da ira enquanto o vestimos e suamos, compreendi que é no vivaz dos encontros, das linguagens e das lutas que antigos sentidos se firmam e se remodelam. Não se trata de conhecimento cifrado apenas a iniciados, pois apenas entre as surpresas e percalços da experiência vivida o senhor poderia testar a artesania da tua raiva, pai. Fanon, um mano que me fascina por suas análises e jornadas, pelejador nas guerras das independências africanas e pensante dos tabuleiros da mente, criticava as visões psiquiátricas ou místicas que categorizavam o aparecimento de um fuzil nos sonhos dos argelinos em guerra como um símbolo fálico em si, algo a ser decodificado pelos dotados das teorias psicológicas e eróticas. Pragmático, mas não desconsiderando o valor simbólico da arma na luta na descolonização argelina e na reorganização do mundo, Fanon ironizava que aquele fuzil sonhado em plena Batalha de Argel poderia significar apenas... um fuzil. Os condenados da terra ribombando na psique os objetos do seu giro, revidando a descomunal e impregnada brutalidade do sistema colonial. Lendo as letras ardidas de Fanon, entendi a violência por dois eixos: como chão que obriga a rendição cotidiana e que se ande de joelhos, um teto que aplastra e exige que se curve o quengo a cada instante. Mas também a violência como movimento fundamental de desgarro, desabotoando o paletó de espinhos que macera as costelas para queimá-lo. Rodamoinho que despeja para o bueiro a sujeirama que lambe as solas já infeccionadas. Sapiente da dificuldade diante de tantos desmazelos e torturas na

história do peito preto, Fanon também frisava a necessidade árdua de conseguirmos direcionar com qualidade a raiva e a violência para elaborarmos os sopros que atiçam a dignidade. Será que conseguimos concentrar e dedicar as golfadas sem nos deixarmos levar pelo gosto avassalador das enxurradas? Controlar o que rebenta e orientar o jorro, quando o fervo inflama e tanto a solidariedade quanto a hipocrisia encontram ainda mais terra fértil?

Egoísmo, consumo niilista e nossa vontade de fartura após tanta precariedade e dentre a escassez, com seus estímulos intensos ao apetite. A desilusão diante de discursos de emancipação furados ou traídos ainda abriria as orelhas para a ideia de um crescimento pessoal em compasso com a coletividade? Me pergunto como soaria piegas ou ilusório apenas perguntar (sem pregar) à rapaziada daqui da beira do córrego sobre como não se reduzir à razão do lucro e questionar o sumo dos prazeres e as didáticas da violência. No mesmo ato, me recordo que de certa forma o senhor me disse isto, através de formas ambíguas.

Observo na várzea de muitas cabeças o bate-bola de desejos cozidos por outras gentes. Pencas de quereres inalcançáveis que mal sabemos se nos prestam. Aplausos vêm quando agimos como brancos definem ser correto. E, quanto mais se apertem os pés nessas chuteiras de cimento, menos se consegue pisar e conceber táticas que nos revelem a nós mesmos. Desespero, frustração e melancolia dominam unhando raiva.

Te imagino sentindo-se desqualificado como uma amostra selvagem, solicitado a ser uma figura servil ou um ladino astucioso a se limar, eterno suspeito. Te imagino matutando diante dos discursos de harmonia, de perdão e de um cristianismo que deu as cartas por aqui equilibrando-se entre a cobrança de passividade, a gratidão pelo recebimento de uma dádiva pecadora de viver e o que mais se esprema nas garras de um Deus punitivo. Com tamanho rastro de estorvos em nossa história, me parece até um direito a opção pela doideira, pela ira, pela desobediência e pelo estouro. Porém, sou um preto cismado e sigo consciente e cabreiro que essas vias, nem sempre escolhidas mas sim forçadas, por vezes tão louvadas nos coretos brancos como sinal de vigor e esperança de reviravoltas, também trazem flores que após desabrochar perdem pétalas e mantêm espinhos de

seu caule nos crânios pretos. Sem glamour após a perda do viço das suas cores, nem orvalho cristalino após a extração de seus aromas, perdem a valia nas mãos dos donos de grandes floriculturas que logo buscam novas mercadorias e cartazes deslumbrantes. Me vale atinar como nossa raiva gerenciada fornece temas, vendas e até selos de legitimidade; como gera apelos e formas arejando as cortinas do castelo que nos manda flechas de sua janela e ergue barricadas ante nossas passagens. E após o conceito da raiva ser orquestrado, retocado e anestesiado, adoecemos ou curtimos o lanho durante o resto da vida, a partir do dia seguinte.

Pai, durante os anos corri de tiros mirados em minhas costas que vararam meu comparsa, presenciei linchamentos rendendo poças de sangue, tomei de ti pauladas de cabo de vassoura, recebi cassetetes e coturnadas calombando meus ossos na madrugada, deitei garrafas de vidro em cabeças de bar, te vi deixando o carro ligado atravessado na rua para descer e brigar, testemunhei justiçamentos de irmãos fazendo com facão o jogo-da-velha nas nádegas de um ladrão enterrado na areia (que havia sido o desenhista em uma mesma função, dias antes, no acampamento da mesma praia semi-deserta), voei soladas e recebi cruzados no queixo por disputas sérias, mas também por muitos assuntos pueris nos quais o que valia era demonstrar valentia. E em um momento decisivo e íntimo de tormenta e defesa, mesmo recebendo murro e berros na cara por quem me provocava para revidar, controlei o fervo e a idiotia, medi ato e consequências e não desferi nenhum golpe em meio à tempestade. Pai, apenas fui eu quem soube que isso me salvaria a vida e a de meu filho. Pois a história narrada a seguir, por todo o futuro, me encaixaria com gosto na esperada e normalizada gaveta de agressor. A vaga aberta rugindo à minha frente, me convocando na febre e a desgraça me oferecendo colo. Os testes não são suaves e há covardia para todos os gostos, o senhor sabe. Para a imagem de um preto por aqui, tão naturalizado quanto ser um cadáver abatido, apenas a feição de homem furioso. Tudo se encaixaria e o precipício desabaria inteiro sobre a cabeça socada e a mão melada de sangue.

Pois com essas agulhas enfiadas no vão das unhas, como ainda dedilhar a viola e traduzir ferrão, zumbido e mel? As consequências da adaptação a esse moinho podem ser o desenvolvimento da fluidez ou pencas de enfartes. Quantos séculos de raiva há entre a flexibilidade do improviso, a tão louvada resistência e as

graves sequelas do ódio? O terror ensina, carcomendo e decepando ensina. A infâmia, a invisibilidade, os julgamentos sumários e as valas formam escola básica e ensino fundamental. É fascinante e espantoso, pai, conceber como um senso de integridade prosperou nas fissuras do terror. A malícia desenhou muitas máscaras diante da brutalidade, tanto azeitou escapes e concebeu veredas quanto ergueu abrigos sólidos e encarnou dogmas rígidos. Observando agora o desafio de continuar a respirar e teimar dignidade, cismo que a agilidade necessária percebeu que, se nos ardidos e temores há a pulsão da agressão, moram aí também as pulsões da agregação e da invenção. O corpo reconhece na sola a ponta de um prego e nos dedos da mão a queima de uma chaleira fervente, assim como as costas reconhecem o ninho e os braços distinguem a cooperação e os abraços. Como o coração, a boca do estômago e as têmporas reconhecem dramas e paixões nas vocais cantadas em longos melismas e decifram no pulso os ritmos de guerra e de sereno, traduzindo na matéria da música no corpo e na intuição o que ressoa nos chamados à paz ou ao combate. Corpo-água que se sabe ser mais do que apenas um jorro. Corpo de tramas suadas. Em toda essa gama presenciamos também o cultivo e a devoção aos sentidos que não necessariamente se esgotam em si. Eis a fortaleza e o impacto de um murro, de um beijo e do silêncio.

Malcolm X, Zumbi, Tereza de Quariterê, Zeferina, Nanny na Jamaica, Manoel Congo em Vassouras, Luiz Gama e tantas mais foram as lideranças notórias que conduziram turmas raivosas, mas quantas anônimas assim não fizeram também com patotas e multidões que levavam dentro do próprio peito? Várias dessas pessoas sentiram a tormenta ainda mais inflamada porque vinham do arrefecimento, da crista derrubada, até que aprumaram a coluna já viciada em se curvar. Lidando com a ira e a organizando no tino por justiça, nos deixaram um legado delicado e vigoroso: mostraram que invalidar e banir a raiva, declarando sua inviabilidade na peleja por uma profunda humanidade, parece vir de quem está mais preocupado em agradar a Branquitude e conseguir seu aval do que em transformar a ira em vigas e jardins para as pessoas pretas.

Escutei uma mais velha chamada bell hooks, cuja escolha das minúsculas no nome é pelo desejo de frisar mais suas ideias do que sua alcunha. Ela estudou as diferenças da raiva negra entre os pretos. Os “bem-sucedidos” chocam-se após

ascenderem nas escalas sociais, tornarem-se bem remunerados e frequentarem ambientes de imensa maioria branca porque, quando acreditavam que já haviam digerido e expelido o racismo, deparam-se com seu bolo na garganta, cru em relances de gotas ácidas. São os que se surpreendem com os que consideravam colegas de mente aberta e parceiros cotidianos. Remoídos, percebem que ainda são os nunca promovidos, os que não recebem os mesmos salários e prêmios, e os que nunca representam a casa em eventos públicos a não ser em uma hora vantajosa para a empresa aparecer como “amiga da diversidade”. A raiva narcisista dos que se dizem surpresos por esse racismo espoca, murcha e se encrava nos estarrecidos que esperavam tratamentos justos, próprios do “patamar civilizado” que propagavam já ter alcançado.

A ira frustrada, tumor em quem considerou os pretos do porão como “eles” e não como “nós”, ainda se engrossa mais pelo temor de reagir e perder o que já se angariou entre vexames e conquistas. Como germina essa raiva de quem se considera mais merecedor e se depara com um fato que garantia superado? hooks mostra que esse amargor, água contaminada que se esperava cristalina, pode ser uma raiva mais intensa que a de pretos de baixa classe, que mal se esforçam para agradar brancos ou receber recompensas, sapientes do tamanho da estrutura adversa, da hipocrisia, da nojeira exposta e dos rombos do tabuleiro. Mas os “bem-sucedidos” permaneceriam ainda mais ansiosos em minimizar, satirizar ou calar a raiva negra que mira nos pilares econômicos ou psicológicos desse casarão. Por desilusão aguda, por contarem com uma zangada e cáustica recepção daqueles que já haviam desprezado, pelas fraturas do tombo, por contarem com moedas de palha farpada entre as cintilantes de seu orçamento ou pela simples sobrevivência, tendo desenvolvido o olhar do sapo, aquele camuflado que vê debaixo, que estica as vistas para o lado, para trás e que salta, cumprem o acordo velado com a Branquitude, que sabe de suas dívidas e teme largamente seus credores. E então engolem as moscas. bel hooks nos deixa a coceira: seria apenas dinheiro e prestígio a fina cortina d’água que separa essas duas estirpes? Cismo qual seria o cruzamento desses naipes de raiva, como tais águas se mesclariam e imagino o teu menosprezo, pai.

Quiçá as cicatrizes te ditavam que reservasse tua ira para vivê-la em casa, no espelho ou nas vias clandestinas. Desguiar as agruras da violência para represá-la

na raiva, encharcando as veias, guardada porque mesmo preparando paciente a tua dinamite, bolando descargas minuciosamente, pode ser suicida anunciar o seu estopim na praça pública. Nesta sociedade montada para a sangria contínua de pretos, a liberação pública de tuas forças revoltadas decerto se arriscaria hoje a ser apenas mais um motivo para a degola, transmitida em rede nacional ao meio-dia, enfiada no meio de propagandas de xampu para cabelos crespos. Será possível medir essas forças e deduzir se um desejo de tal violência seria reestruturar a cidade ou eliminar de vez este mundo-chicote? Tentam cada vez mais mobilizar e orquestrar a nossa ira, controlar o transborde e as gamelas, trocar de vasilhas e tampas para que a fervura mostre suas borbulhas e queime com seus vapores, mas se mantenha no fundo e não se alastre por rumos indomáveis.

O senhor conheceu Ailton Krenak, pensador e liderança indígena brasileira? Ele sustenta uma provocação dizendo assim: “Eu honestamente não entendo porque as pessoas adiam o fim do mundo. Se todos os sinais que temos já indicaram que nós não podemos prestar cuidados a este jardim; se todos as notícias recentes que ouvimos são sobre mau gerenciamento, por que postergar isso? Nós poderíamos, ao fim, ter a coragem de admitir o fim do mundo e ver se nós somos capazes de aprender algo; e, se nós tivermos outras oportunidades, ver como nós estamos indo para pertencer em um mundo novo, ou em um possível outro mundo”

Quem poderia desejar o fim do mundo, quem desejaria reformá-lo e quem se dedicaria a eliminá-lo? Penso quais fundamentos teríamos para cada escolha, Seu João. Se seria possível acabar com o mundo e manter o chão, os elos com nossos afetos e as hortas cultivadas com zelo no lodaçal regado por águas corrosivas.

Pai, o que parece haver de irrecuperável em nós e nas nuances soltas de nossa história coletiva? Digo da teimosia diante do que parece ser o rabo da capivara, a que se puxa e escorrega, a que se segura e escapa, a que agarro e se mete terra adentro borrada e faiscante em seus pedacinhos de nitidez. Digo daquilo que parece encoberto e vago até que se ilumina e desponta em nossas unhas, camas e talheres. Expressar o que pareça irrecuperável, apresentar seus entalhes e obsessões, é minuciar uma forma ***ancestral*** que delineia e preenche nosso cotidiano com seu faro, com seu tom tão íntimo e o que há de fugidio em seu vapor, que esvanece porém

permanece no ar e na carne. Talvez por isso a ***ancestralidade*** é anunciada como tribunal ou fuga e muitos a postulam como uma bandeira, um tacho que garante a fornada, um porto de salvação ou um brasão que sustente ditos de superioridade moral.

Pai, meu antepassado. Cismo com esta memória de ti em mim, penetrante e rasurada. Ancestral presença sem fim que aninha e transborda paixões, decepções, afagos, crimes, sussurros, derrotas e vigorosas afirmações de vida diante dos esmagamentos e precipícios do cotidiano. Nessa dobra, talvez ingovernável, assovia a nobreza e também a ética dos derrotados, a moral dos diariamente ameaçados pelo escalpo. Nestas beiradas antigas por aqui onde escrevo, tinem as regras de tabuleiros trincados e de quem preza o sossego perante as tormentas. Algo próximo d'"*A Paz dos Quilombos"*, como diria a admirável historiadora Beatriz Nascimento, mas quiçá ainda mais complexo pois não há garantia de coesão mocambola. Tecemos a realidade com o imaginário que uma pessoa ou comunidade assume como perfeitamente real, mesmo que para outras vilas e tribunais essas pedras fundamentais pareçam descabidas, ilusórias ou inconsequentes.

Na memória de ti, reconheço alívio em pleno rebuliço, dúvidas lacrimejantes e entre vagalhões e alegrias alguma tranquilidade que afaga os mistérios, porque não evita as contradições em nome de límpidos heroísmos e de um maniqueísmo que não dá conta de cinco minutos de uma cabeça. No fundo e à pele, Seu João Carlos da Rosa, seria apenas a teia de instantes que fica? O quanto o passageiro e encantador (ou o debulhador e lixento) nos marca e se impõe à moldura das lembranças e aos radares dos perigos presentes? Como nos contemplam as instigas da transgressão e também o imã do ninho, do sossego, do conforto? Pois, neste sentido cultivado entre o intencional e o mais espontâneo, no corporal e elementar de cada instante, neste jardim memorial que nos conduz as podas, rastro aceso ancestral que me ultrapassa e me mantém, é que te escrevo. Sinto que a ancestralidade baila e orienta também nossas contradições, vertigens e obsessões. Apresenta a fortaleza na leveza de nossas mãos dadas, alianças que podem até se tornar um cadeado enguiçado. E nos ensina a destrancá-lo.

“Irresponsável” foi a pecha que mais te vestiu a vida, quase um sobrenome para ti. Pergunto o que seria responsabilidade além da capacidade de dar respostas ajustadas aos quadrantes dessa sociedade que recebeu de ti o desprezo. E que te humilhou e dirigiu a ti também o seu desdém. Poderia eu dizer que “teve chances” (uma família, um carro, um caderno de capa aveludada, camisas de botão, estradas…) e que por instantes fez tudo “certinho”, mas ainda assim o atropelo foi esmagador. Algumas partes de ti destruídas de vez e outras avariadas que permaneceram teimando canseiras no passo já pesado.

Pinço no senhor um elo enigmático entre a criatividade maliciosa, a potência da ternura e o nervo da violência. Sinto que em ti essas cordas se estralavam, ora tensas, ora emboladas. Sinto que girou no desajuste e no desprezo mútuo entre a sociedade e o senhor. Eu nem diria que houve desentendimento, porque me parece que suas intenções entenderam-se muito bem e daí veio esse enlace escamoso. Recebeu e impôs disciplinas com força. Foi generoso e tirânico diante do comportamento e das ambições das pessoas e de si. Zombeteiro e zeloso aos movimentos de mando e de autoridade, as que apertava entre tuas falanges e as da grande maquinaria que te moeu.

Nas últimas décadas ponga com força por aqui a ideia de auto-ódio preto para definir a usina de boicotes que distribuímos a nós mesmos. Com o espelho e a mente maceradas, contrariar deliberadamente nossos próprios sonhos e forças. Jogar contra si mesmo seria mais do que desprezar o entorno onde se percebe a hipocrisia reinante e a cobrança de esforços cuja paga, mesmo a tida como vitoriosa, é um balde de vaidades. Então apresentar-se deplorável aos próprios olhos, calçar os sapatos apertados e espinhentos, servir-se do veneno que preparamos e destruir-se com convicção, provavelmente testemunhando o mesmo ato em muitos dos viventes mais próximos, seria tão recorrente. Violento consigo mesmo após tentativas fracassadas, tratos angustiantes e troféus enganosos. Sei que a alegria era veia tua e o sossego também. Conheci plenas, tua leveza e soltura. Talvez tenha enjoado do básico esteio que levantou e apostou mais alto, jogou por prendas mais do que as entediantes ou falsárias. Perdeu? Qual violência embutiu na própria costela? Vergonhoso de apresentar-se esfacelado ou por não fingir concordância com as lorotas e finuras na roda de debates, bateu e zarpou. Talvez jogou tuas fichas,

mesclando niilismo e esperança mordida, no que não se encaixasse em bem e mal, se os nomeados homens honestos te chutaram, te enojaram ou pareciam inalcançáveis.

Muitos ancestrais pagaram preços altos e duros por não se vergarem. Não aceitaram a morte nem se tornar máquinas, não aceitaram cravar no peito a pedra gelada. O senhor à sua maneira também pagou. Criou, mas no clandestino mais perseguido, de certa forma já previsto no *script*. Dissolveu na aguardente blocos do teu convívio. Chancelou para si uma identidade, como me disse no Brás, ancião: “Uns dizem que são pretos. Outros, que são viados. Eu sou o crime, filho. Essa é minha identidade. É isso que eu sou”. Um olho me fitava ladino. O outro, duro. Hoje, cismo como seria sentar ao teu lado o João de trinta anos de idade para que ele escutasse e te respondesse isso.

Cismo de cá se cultivou inclusive a alegria de perfurar e de quebrar ao tentar domar a realidade e remontar quebra-cabeças. A alegria da ira, do ataque, do transborde, da enxurrada. Não se conhece perfeitamente o mundo num conforto plácido, passivo ou quieto. Se o conhecimento da raiva é incompleto, o da placidez também é.

A violência em ti, sete décadas acolhendo, amaciando, purgando e oferecendo da brutal, da morosa ou da sofisticada violência. Talvez cozinhou a própria violência, entornando temperos ou mastigando o cru e comeu tudo, lambeu e engoliu até as bordas dentadas do prato. Tenho raiva agora ao escrever, raiva pegada à tristeza. Um oco na garganta latejando, mudo. Faço estas perguntas e me sinto impotente, no momento elas não me alentam. Não me magoa destilar tua violência nem a ausência de tua doçura, delas me resigno com o tempo da morte que nos compõe e nos leva. Mas confesso que algo me mói por não poder realmente desvendar como escolheu e brindou tuas penúrias e teus gozos, como tramou teus movimentos diante dos moinhos impiedosos. Puxo o rabo da capivara e ele vem sem a cabeça. Tenho satisfação em perguntar aos ancestrais, em cismar com vocês, cogitar aberto entre as hipóteses, molduras e fendas da história, esta bandeja de colírios, gangrenas e enigmas. Sim. Porém neste instante me raia um desagrado, uma saudade que coça. Confesso que lamento não contar com tua resposta em um toque em meus ombros ou em um gracejo, receber da tua boca a dica ou a bronca. Resta que esta incerteza

também ancestral e elementar, humana, perpasse a tranquilidade nos mistérios e me vitamine a desenhar, me abençoe a sensibilidade das dúvidas. Bebo um gole d'água por ti e pelo que regenere o pensamento e recomece o passo.

Fico por aqui, pai. Não te peço a bença porque mui maroto o senhor mesmo insistia para eu não beijar mão. Zombava se os mais velhos lavavam os dedos quando saíam do banheiro ou mexiam nas partes ocultas do corpo. Educação bem à tua feição. Outras mãos beijo com carinho, com respeito, e neste ato sempre me vem tua voz.

Sente meu abraço pegado. Te dou um beijo na face. Na minha boca ainda e sempre tua bochecha. Na minha cuca eternamente teu cafuné.

…

Ah… A primeira palavra que teu neto Daruê falou foi Água.

Agora ele está brincando, serelepe. Sua bolinha de borracha me beliscou o calcanhar e quicou no teclado do computador. E me junto a ele.

Tchau, Pai.

Até mais. Com Amor.

Alãzin

Referências para esta prosa com meu coroa.

Já correm sete anos que leio o que meu brilhante mano Deivison Nkosi Faustino reflete sobre sexualidade, virilidade, violência e hombridade em “O Pênis sem o Falo: Algumas Reflexões sobre Homens Negros, Masculinidades e Racismo”.

Com o Orfe(x)u de Edimilson de Almeida Pereira aprendi muito, inclusive sobre a loucura, a raiva, a transgressão e a violência serem talvez até como um direito, diante das guilhotinas históricas. E como este dilema se cristalizou de várias formas em nossas linguagens.

Com Audre Lorde, colhi sobre as tranças entre raiva, ódio e transbordamento principalmente em seu ensaio “Olho no Olho: Mulheres Negras, Ódio e Raiva”, escrito em 1980.

Frantz Fanon é sempre um oriente imprescindível que alimenta, distingue, nutre e incomoda. “Sobre a Violência” é o capítulo clássico para onde volto e revolto. Está em seu livro *“Os Condenados da Terra”*. Além das reflexões de Deivison Faustino, uma leitura afiada e fértil de Fanon que uso é a feita por Marcos Queiroz, pensante da violência, das insurgências, do luto e dos sentidos da morte.

Célestin Monga foi base para pensar feições e pulsões da violência, como expressões do que ele qualifica como *“Niilismo e Negritude”*, título de seu livro.

O “Duelo Viril: Confrontos entre Masculinidades no Brasil Mestiço”, de Henrique Restier, no livro *“Masculinidades Negras”*, que ele também co-organizou, é um texto pontiagudo, detalhista e fundamental para compreendermos como se carimbaram pechas sobre os ombros de homens pretos, diferenciando-os dos homens brancos, e as possibilidades perseverantes de negação aos estereótipos e de recriação de nós mesmos.

As reflexões de Lia Vainer Schucman, além de esmiuçar possíveis penúrias mentais em famílias interraciais, demonstram o medo que a Branquitude tem de ser considerada devedora e lidar com seus credores. Além da imunidade e impunidade naturalizada que cobre seus movimentos.

Os textos de bell hooks sobre a raiva e a frustração de pretos que alcançaram certa ascensão social é primoroso e arranha. Estão em *“Killing Rage”*, livro em que considera centralmente a fúria negra.

Ailton Krenak ofertou seus pensamentos citados na carta no seminário “Os Mil Nomes de Gaia”, em 2015. Suas reflexões sobre esta matéria estão publicadas em *“Ideias para Adiar o Fim do Mundo”*.

E Cornel West nos fortalece o pensamento ao demonstrar sem determinismos como as experiências de truculência e opressão podem gerar flexibilidade ou mais respostas truculentas. Isso percorre toda a sua obra quando desfia as estéticas negras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ABRAHÃO, Bruno O. de Lacerda & Antonio Jorge G. SOARES. A Imprensa Negra e o Futebol em São Paulo no Início do Século XX. .In *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.26, n.1, p.63-76, jan./mar. 2012.

ALCOFF, Linda. *The Future of Whiteness.* Cambridge: UK Press, 2015

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALEXANDER, Michelle. *A Nova Segregação: Racismo e Encarceramento em Massa*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANDRADE, Tânia (Org.). *Negros do Ribeira*: R*econhecimento Étnico e Conquista do Território*. 2. ed. São Paulo: Itesp: Páginas & Letras, 2000.

ANDREWS, G.R. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: EDUSC, 1998.

ANGATU, Casé (Carlos José Ferreira dos Santos). *Nem Tudo era Italiano: São Paulo e pobreza (1890 – 1915).* 4° edição. São Paulo: Annablume, 2017.

ANI, Marimba. *Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior***.** Nova Jersey: Africa World Press, 1994.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. *No Território da Linha Cruzada: A Cosmopolítica Afro-brasileira.* Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Fundação Cultural Palmares, 2006.

ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias Ancoradas em Corpos Negros*. São Paulo: EDUC, 2013.

ARANTES, Adlene Silva. *O Papel da Colônia Orfanológica Isabel na Educação e na Definição dos Destinos de Meninos Negros, Brancos e Índios na Província de Pernambuco (1874-1889).* Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

ARIMAH, Lesley Nneka. *O que Acontece quando um Homem Cai do Céu.* São Paulo: Kapulana, 2018.

ASSIS, Machado de. *O Alienista.* Porto Alegre: L&PM, 1998.

ASSUMPÇÃO, Itamar. Pretobrás. *Por que que eu não pensei nisso antes. O Livro de Canções e Histórias de Itamar Assumpção*. Org. Luiz Chagas e Mônica Talantino. São Paulo: Ediouro, 2006. 2 v.

_____*Cadernos inéditos* (Org: Anelis Assumpção). São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

AZEVEDO, Amailton Magno. *Sambas, Quintais e Arranha-céus: as Micro-Áfricas em São Paulo.* São Paulo: Olho d´Água, 2017.

_____ São Paulo Negra: Geraldo Filme e a Geografia do Samba Paulista. In *Revista da ABPN* • v. 6, n. 13 • mar. – jun. 2014 • p. 313-328

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: O Negro no Imaginário das Elites - Século XIX.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de Carapinha: A Trajetória de Luiz Gama na Imperial Cidade de São Paulo.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos.* São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *A Imaginação Simbólica.* São Paulo: Cultrix-Edusp, 1988.

BALDWIN, James. *The Fire Next Time*. New York: Dial Press, 1963.

_____ *Se a Rua Beale Falasse.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____ *The Last Interview: and Other Conversations.* Nova York: Melville House Publishing, 2014.

BAQUAQUA, Mahoummah Gardo. *Um Nativo de Zoogoo, no Interior da África*. São Paulo: Uirapuru, 2017.

BARAKA, Amiri. *Black Music: Free Jazz y Conciencia Negra-1959/1967*. Buenos Aires: Caja Negra, 2016.

BARBER S, DIEZ ROUX A. V, CARDOSO L, SANTOS S, TOSTE V, JAMES S et al.

At the intersection of place, race and health in Brazil: Residential segregation and

cardio-metabolic risk factors in the Brazilian Logitudinal Study of Adult Health (ELSA-Brasil). *Social Science and Medicine*, v. 199, pp. 67-76, 2018.

BARBOSA, Marialva Carlos. *Escravos e o Mundo da Comunicação: Oralidade, Leitura e Escrita no século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad, 2016

_____. Modos de comunicação e práticas de leitura dos escravos do século XIX. In: *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, V.14, N.39, JAN/ABR, 2017. pp 152-171

BARROS, José Flávio Pessoa; NAPOLEÃO, Eduardo. *Ewá Òrisà. Uso Litúrgico e Terapêutico dos Vegetais nas Casas de Candomblé Jejê-nagô.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BASTIDE, R. *Estudos Afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BÉCARES L. Ethnic density effects on psychological distress among Latino ethnic groups: an examination of hypothesized pathways. Health Place 2014; 30: 177-86. https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2014.09.010

BÉCARES L, SHAW R, NAZROO J, Stafford M, ALBOR C, ATKIN K, et al. Ethnic density effect on physical morbidity, mortality, and health behaviors; a systematic review of the literature. Am J Public Health 2012a; 102(12): e33-66. https://doi.org/10.2105/AJPH.2012.300832

BEATY, Paul. *O Vendido*. São Paulo: Todavia, 2017.

BENTO, Maria Aparecida & CARONE, Iray. *Psicologia Social do Racismo – Estudos sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil.* Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BERGAMINI, Atilio. Escravos: escrita, leitura e liberdade. In *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.35, n.71, 2017, p115-136

BERNARDO, Lusi (org). *Un Mundo Jamás Imaginado 1492-1992.* Bogotá: Editorial Santillana, 1992.

_____ *El Moderno Sistema Mundial.* Madrid: Siglo XXI, 1979.

BIDIMA, J. Philosophies, démocraties et pratiques: à la reserche d´un universel lateral. *Revue Critique.* Tomo “Philosopher en Afrique”, n.771-772, Paris: Editions les Minuit, 2011.

BONDE E. M. S. *Notas para uma reinterpretação crítica dos processos de determinação social das* iniquidades *étnico-raciais em saúde.* 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2014.

BORGES, Juliana. *Encarceramento em Massa*. São Paulo: Pólen, 2019.

BRITO, Iêda Marques. *Samba na Cidade de São Paulo (1900-1930): um Exercício de Resistência Cultural.* São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

CARRASCOSA, Denise (org.). *Traduzindo no Atlântico Negro*. Salvador: Ogum Toques, 2018.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar. Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil.* São Paulo: Contexto, 2000.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade, Uma História das Últimas Décadas da Escravidão na Corte*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CONRAD, Robert. *Os Últimos Anos da Escravatura no Brasil (1850-1888)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COSTA E SILVA, Alberto. *A Enxada e a Lança.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

COSTA, Sergio. *Dois Atlânticos: Teoria Social, Anti-Racismo e Cosmopolitismo.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COUCEIRO, Luiz Alberto. Acusações de feitiçaria e insurreições escravas no sudeste do Império do Brasil. In *Afro-Ásia*, 38, pp 211-244, 2008.

COUTO, Rosa. *Fela Kuti: Contracultura e (Con)tradição na Música Popular Africana*. São Paulo: Alameda Editorial, 2019.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. “*O Espelho do Mundo - Juquery, a História de um Asilo”.* Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

CUNHA, Pedro Figueiredo Alves da. *Capoeiras e valentões na história de São Paulo (1830-1930).* Dissertação de Mestrado em História Social, FFLCH/USP, 2011

D'ADESKY, J. *Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

DIEZ-ROUX A. V, Mair C. Neighborhoods and Health. Annals of the New York Academy of Sciences, v. 1186, p. 125-145, 2010.

DOMINGUES, P. 2005. *A Insurgência de Ébano: a História da Frente Negra Brasileira*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, p342.

_____. O "campeão do Centenário": raça e nação no futebol paulista. In *História Unisinos* 19(3):368-376, Setembro/Dezembro 2015.

_____. *Protagonismo Negro em São Paulo – História e Historiografia.* São Paulo: Edições Sesc, 2019.

DOUGLASS, Frederick. *A Narrativa de Vida de Frederick Douglass. Um Escravo Americano – Escrita por Ele Mesmo*. São Paulo: Aétia, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis Afrodescendente*. (3° edição) Rio de Janeiro: Malê, 2020.

DU BOIS, W.E.B. *As Almas da Gente Negra.* Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

_____*Black Reconstruction in America.* Oxford: Oxford University Press, 2014.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário.* São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELLISON, Ralph. *O homem Invisível.* Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2020.

FALCÃO DOS SANTOS, Inaicyra. *Corpo e Ancestralidade – Uma Proposta Pluricultural de Dança-Arte-Educação*. Salvador: EDUFBA, 2002.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____ *Studies in a Dying Colonialism.* Londres: Earthscan*, 1989.*

_____ *Pele negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____ *Racismo e Cultura* (Conferência apresentada no 1° Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Paris, Setembro de 1956. Publicado no número

especial de *Presence Africaine*, jun/nov de 1956. Disponível na *Revista "Consciência Crítica*". N° 13, 2018 – em https://periodicos.uff.br/convergenciacritica/article/view/38512

FAUSTINO, Deivison Mendes. *"Por que Fanon? Por que agora? : Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil".* Tese de doutorado em sociologia. UfSCar, 2015.

_____. *Frantz Fanon. Um Revolucionário Particularmente Negro*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018.

_____ O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo in: *Feminismos e Masculinidades: Novos Caminhos para Enfrentar a Violência Contra a Mulher* / organização Eva Alterman Blay. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Pp. 75.

https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/29392/21047

FAUSTINO, Oswaldo. *A Luz de Luiz – por uma Terra sem Reis e sem Escravos.* São Paulo: Editora Córrego, 2015.

FENG Z, Vlachantoni A, FALKINGHAM J, Evandrou M. Ethnic Differentials in Health: the Additional Effect of Ethnic Density. Popul. Space Place 2017; 23: e2030.

FERNANDES, Florestan. *O Negro no Mundo dos Brancos*. São Paulo: Global. 2007

FERREIRA, Lígia Fonseca (org). *Com a Palavra, Luiz Gama: Poemas, Artigos, Cartas, Máximas*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

FERREIRA SANTOS, Marcos. Novas mentalidades e atitudes: diálogos com a velha educação de sensibilidade. In *Jornal da Apase*, São Paulo, v.XII, n 92, pp 08-11, 2001.

_____. *Crepusculário*: C*onferências sobre Mitohermenêutica & Educação em Euskadi*. São Paulo: Zouk, 2004.

_____ Educação de sensibilidade: crepusculário & mitohermenêutica. Editora Zouk, Textos Complementares: www.editorazouk.com.br, 2004b

_____. Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação/ SECAD, 2005.

_____. Matrices de la persona afro-ameríndia: escritura como obra de vida. *In:* FLOREZ, C.M. (Org.). *Urdimbres*. Cali (Colombia): Editorial Buenaventuriana, p. 219-248. 2010.

_____. & ALMEIDA, Rogério. *Aproximações ao Imaginário: Bússola de Investigação Poética.* São Paulo: Képos. 2012.

FERREIRA da SILVA, Denise. *A Dívida Impagável*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

_____. Um fim para "este" mundo. Entrevista na revista Texte Zur Kunst. *Traduzida em Dossiê "Vibrações do Inaudível". Revista DR, julho de 2020.* Disponível em http://revistadr.com.br/posts/um-fim-para-este-mundo-entrevista-de-denise-ferreira-da-silva-na-revista-texte-zur-kunst/

FERRY E RENAUT. *Pensamento 68: Ensaio sobre o Anti-Humanismo Contemporâneo*. São Paulo, Ensaio, 1988.

FONTINHA, Mario. *Desenhos na Areia dos Quiocos do Nordeste de Angola*. Luanda: Instituto de Investigação Cientifica e Tropical, 1983

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. (3°edição) São Paulo: Kayrós, 1983

FRANÇA, D. S. N. Raça, Classe e Segregação Residencial no município de São Paulo. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de pós-graduação em sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

GERDES, P. *Geometria Sona de Angola. Matemática duma Tradição Africana*. Belo Horizonte, Boane, Moçambique: ISTEG, 2012.

GILMAN, Sander L. "Black Bodies, White Bodies: Toward an Iconography of Female Sexuality in Late Nineteenth-Century Art, Medicine, and Literature". In Gates, Henry

(Ed.) *Race, Writing and Difference* 223-261. Chicago, University of Chicago Press. 1985.

GILROY, Paul. *Introductíon to the HarperPerenníal Edition*. In Wright, Richard. *Eight Men* (Short stories). New York: HarperCollins Publishers, 1996.

_____ *O Atlântico Negro.* São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLISSANT, Edouard. *El Discurso Antillano*. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 2002.

_____*Introdução a uma Poética da Diversidade.* Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

_____ *Poética da Relação*. Lisboa: Sextante Editora, 2011.

GODOI, Rafael. *Fluxo em Cadeia. As Prisões em São Paulo na Virada dos Tempos.* São Paulo: Boitempo, 2017.

GOMES, Carlos Antonio Moreira. *Um batuque Memorável no Samba Paulistano*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2010.

GOMES, Flávio dos Santos & REIS, João José. *Liberdade por um Fio.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GOMES, Nilma Lino & GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. *Experiências Étnico-Culturais para a Formação de Professores.* Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GOMES, Nilma Lino & LABORNE, Ana Amélia Pereira. *Pedagogia da Crueldade: Racismo e Extermínio da Juventude Negra.* p.114 – 122. Educação em Revista: Belo Horizonte. 2018.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Assim se Benze em Minas Gerais - um Estudo sobre a Cura através da Palavra.* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira & GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. *O Jogo das Diferenças – o Multiculturalismo e seus Contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz (org.). *O Pensamento Negro em Educação no Brasil*. São Carlos, UFSCar: 1997.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as Rosas Negras*. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

GROSFOGUEL, Ramon. Decolonizing post-colonial studies and paradigms of political-economy: transmodernity, decolonial thinking, and global coloniality. In *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, Merced, CA, v. 1, n. 1, 2011.
Disponível em: <http://dialogoglobal.com/texts/grosfoguel/Grosfoguel-Decolonizing-Pol-Econ-and-Postcolonial.pdf>.

_____ *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril, pp 25-49, 2016.

GUEDES, Simoni. *O Brasil no Campo de Futebol*. Niterói: Editora da UFF, 1998.

_____. "Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis". In: GOMES, Laura; DRUMMOND, José (Org´s). *O Brasil não é para principiantes*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 126-42.

HALL, Stuart. *Da Diáspora.* (Org: Liv Sovik) Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

HARTMAN, Saidiya. *Venus in two acts*. Indianapolis: Indiana University Press, 2008

_____ *Wayward Lives, Beautiful Experiments: Intimate Histories of Social Upheaval.* New York: W.W. Norton & Company. 2019.

HOOKS, bell. *Olhares Negros. S*ão Paulo: Elefante, 2018.

_____ *Killing Rage. Ending Racism.* New York: Henry Holt and Company, Inc 1995.

_____ & West, Cornel. *Breaking Bread – Insurgent Black Intelectual Life.* Boston: South End Press, 1991.

HOUNTONDJI, Paulin J (Org.). *Conhecimento de África, Conhecimento de Africanos*. In: SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (Org.) Epistemologias do Sul. São Paulo, Cortez, 2010.

JACOBS, Harriet. *Incidents in the Life of a Slave Girl, Written by Herself* – London:Penguin Books, 2005.

JESUS, G.M. de. *O Futebol da Canela Preta: o Negro e a Modernidade em Porto Alegre*. Anos 90, In Porto Alegre, 11:144-161 – 1999.

LAFERRIÈRE, Dany. *Como Fazer Amor com um Negro sem se Cansar.* São Paulo: Editora 34, 2012.

LEITE, J.C. ...*E Disse o Velho Militante José Correia Leite: Depoimentos e Artigos*. Organizado por Cuti. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

LEVINE, R.M. *Esporte e Sociedade: o Caso do Futebol Brasileiro*. In: MEIHY, J.C.S. (Org.) *Futebol e cultura: coletânea de estudos.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.

KRENAK, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KIAU, Fu. *African cosmology of the Bântu-Kôngo: Tying the Spiritual Knot: Principles of Life & Living.* New York: Athelia Henrietta Press. 2001.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*. São Paulo: Cobogó, 2019.

KOGURUMA, Paulo. *Conflitos do Imaginário: a Reelaboração das Práticas e Crenças Afro-brasileiras na "Metrópole do Café" – 1890-1920*. São Paulo: Annablume, 2001.

LEITE LOPES, José S. "Fútbol y classes populares en Brasil. Color, clase e identidad a través del deporte". In: *Nueva Sociedad*. Venezuela, nº 154, mar-abr, 1998, p. 124-46.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider. Ensaios e Conferências*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

LUHNING, Angela. "Acabe com este santo, Pedrito vem aí…". In *Revista USP*. *Dossiê Povo Negro - 300 Anos*. São Paulo, n 28, 1996. pp 194-220

MACEDO, José Rivair (org.). *O Pensamento Africano no Século XX.* São Paulo: Outras Expressões, 2016

MACGAFFEY, Wyatt. Twins, Simbi Spirits, and Lwas in Kongo and Haiti. In: HEYWOOD, Linda M. (ed.). *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002

MACHADO, Maria Helena P. T Machado. *Crime e Escravidão: Trabalho, Luta e Resistência nas Lavouras Paulistas, 1830-1888.* São Paulo: Brasiliense, 1987

MACHADO, Vanda. *Ilê Axé: Vivências e iInvenção Pedagógica – Crianças do Afonjá.* Salvador: EDUFBA/SMEC, 2002

MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do Mundo.* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____ *Elogio da Razão Sensível.* Petrópolis: Vozes, 1998.

MALDONADO-TORRES, Nelson. On the coloniality of being: contributions to the development of a concept. *Cultural Studies,* EUA. v. 21, n. 2, p. 240-270, 2007.

MANDINGO, Fábio. *"Muito como um Rei"*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2015.

MARTINS, Leda Maria. *A Cena em Sombras.* São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____ *Afrografias da Memória.* São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MATTOS, Wilson Roberto. *Negros Contra a Ordem: Astúcias, Resistências e Liberdades Possíveis (Salvador, 1850-1888).* Salvador: Edufba, 2008.

MANZANO, Juan Francisco. *A Autobiografia do Poeta Escravo*. (Org: Alex Castro) São Paulo: Hedra, 2015.

MARX A. *Making Race and Nation: A Comparison of South Africa, the United States and Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

MBEMBE, Achille. O Tempo que se move ("Introduction. Le temps qui s'agite"). In: *De la Postcolonie. Essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine*. Paris: Karthala, 2000.

_____ *África Insubmissa. Cristianismo, Poder e Estado na Sociedade Pós-colonial.* Mangualde: Edições Pedago, 2005.

_____ *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

_____ *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições. 2018.

MELO, Rosa Maria Amélia João. A morte, os defuntos e os rituais de “limpeza” no pós-guerra angolano: Quais os caminhos para pôr termo ao luto? In *Afro-Ásia*, 37. pp 175-200, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Fenomenologia da Percepção.* São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MIGNOLO, Walter. Epistemic disobedience, independent thought and decolonial freedom. In *Theory, Culture & Society,* London, v. 26, n. 7-8, p. 159-181, 2009.

MILLER, Joseph C. *Poder político e Parentesco*: *os Antigos Estados Mbundu em Angola*. Trad. Maria da Conceição Neto. Luanda: Arquivo Nacional/Ministério da Cultura, 1995.

MONGA, Celestin. *Niilismo e Negritude*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MONSIVÁIS, Carlos. *Escribir, por ejemplo ( De los Escritores de la Tradición)*. Fondo de cultura Económica, México, D.F , 2008.

MORIN, Edgar. *Educação e Complexidade – os Sete Saberes e Outros Ensaios.* São Paulo-Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

MORRISON, Toni. *Voltar para Casa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MOURA, Clóvis. *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil.* São Paulo: EDUSP, 2004.

MUKUNA, Kazadi wa. *Contribuição Bantu na Música Popular Brasileira. Perspectivas Etnomusicológicas*. São Paulo, Terceira Margem: 2000.

MUNANGA, Kabengele. *Estratégias de Combate ao Racismo na Educação. Ministério da Educação e do Desporto*. (mimeo.), s/d

_____ *Negritude. Usos e Sentidos.* São Paulo: Ática, 1986.

_____ *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNIZ J. O, BASTOS J. L. Volatilidade classificatória e a (in)consistência da desigualdade racial. Cadernos de Saúde Pública, v. 33, Sup 1, p. 01-12, 2017.

NASCIMENTO, Beatriz. *Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos Dias da Destruição.* São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). *Sankofa I – a Matriz Africana no Mundo.* São Paulo: Selo Negro, 2008.

NÉRIS, Natália. *A Voz e a Palavra do Movimento Negro na Assembleia Nacional Constituinte (1987/1988): um Estudo das Demandas por Direitos*. Dissertação (Mestrado em Direito) – Escola de Direito de São Paulo/Faculdade Getúlio Vargas, 2015.

NOGUERA, Renato. O conceito de drible e o drible do conceito: analogias entre a história do negro no futebol brasileiro e do epistemicídio na filosofia. In *Revista Z Cultural.* Programa Avançado de Cultura Contemporânea. Letras/UFRJ, 2015. Disponível em http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-conceito-de-drible-e-o-drible-do-conceito-analogias-entre-a-historia-do-negro-no-futebol-brasileiro-e-do-epistemicidio-na-filosofia/

N´ YONGO, Tavia. *Afro-Fabulations. The Queer Drama of the BLack Life*. New York: New York Press, 2018.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Cosmovisão Africana no Brasil*: *Elementos para uma Filosofia* A*frodescendente*. Fortaleza: IBECA, 2003.

OLIVEIRA, Klebson. Textos de escravos no Brasil oitocentista: os tempos de uma edição filológica e de uma antologia comentada de alguns fatos linguísticos**.** In *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: USP, n 10-11, p 189-220, 2009.

QUEIROZ, Marcos. *Frantz Fanon à Luz de Nosso Tempo*. Entrevista ao Suplemento Pernambuco. Outubro/2020. Disponível em http://suplementopernambuco.com.br/entrevistas/2559-marcos-queiroz-frantz-fanon-%C3%A0-luz-de-nosso-tempo.html?fbclid=IwAR1iL8skhSSU_mG2EVSRPGB0PU3lqhaBMe3PpCOctSiz4OIo0ZizbfwLd5A

PAES, Gabriela Segarra Martins. *Ventura e Desventura no Rio Ribeira de Iguape*. Tese de Doutorado em História Social – FFLCH/USP, 2014.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre Voz e Letra: O Lugar da Ancestralidade na Ficção Angolana do Século XX.* Niterói:EDUFF, 1995.

PATTERSON, Orlando. *Slavery and Social Death. A Comparative Study*. Boston: Harvard University Press, 1982.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Entre Orfe(x)u e Exunoveau.* Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2017.

PEREIRA, João Baptista Borges. *Cor, Profissão e Mobilidade – O Negro e o Rádio de São Paulo.* (2° edição) São Paulo: EDUSP, 1981.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de Liberdade. Literatos Negros, Racismo e Cidadania no Brasil Oitocentista.* Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

RAMOSE, Mogobe. *African Philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books, 1999.

RATTS, Alex & RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez.* Coleção Retratos do Brasil Negro. São Paulo: Selo Negro, 2010.

RESTIER, Henrique & SOUZA, Rolf Malungo de. *Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades.* São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial. 2018.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: a História do Levante dos Malês (1835)*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____ & SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito – a Resistência Negra no Brasil Escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe. *Memórias do Cativeiro: Família, Trabalho e Cidadania no Pós-Abolição.* Rio de Janeiro: Record, 2005.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. La noción de "derecho" o las paradojas de la modernidad postcolonial: indígenas y mujeres en Bolivia. In *Revista Aportes Andinos Nº 11. Aportes sobre diversidad, diferencia e identidad.* Octubre 2004

_____ Chhixinakaxutxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores, In: YAPU, Mario. *Publicación Memoria Seminario Internacional: Modernidad y pensamiento descolonizador.* La Paz: PIEB/IFEA, 2006.

_____ Violencia e interculturalidad. Paradojas de la etnicidad en la Bolivia de hoy. In *Revista Telar* ISSN 1668-2963, [S.l.], n. 15, p. 49-70, july 2016. Disponible en: <http://revistatelar.ct.unt.edu.ar/index.php/revistatelar/article/view/18>.

ROCHA, Everardo. *O que é Etnocentrismo.* São Paulo: Brasiliense, 1984.

ROSA, Allan da. *Pedagoginga, Autonomia e Mocambagem*. 2° ed. São Paulo: Pólen. 2018.

RODNEY, Walter. *Como a Europa Subdesenvolveu a África*. Lisboa: Seara Nova, 1975.

ROSEMBERG, Fúlvia & PIZA, Edith. Analfabetismo, Gênero e Raça no Brasil. *in Revista USP*. *Dossiê Povo Negro - 300 Anos*. São Paulo, n 28, 1996. pp 110-121

RUGIU, Antonio Santonio. *Nostalgia do Mestre Artesão.* Campinas: Autores Associados, 1998.

SANTA CRUZ, Victoria. *Ritmo: el Eterno Organizador*. Lima: Peru. Seminario Afroperuano de Artes y Letras, 2019.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do Social: Como Podem os Intelectuais Trabalhar para os Pobres.* São Paulo: Global, 2004.

_____. *Carolina Maria de Jesus, uma Escritora Improvável.* Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a Morte.* Petrópolis: Vozes, 1976.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo: Raça, Hierarquia e Poder na Construção da Branquitude Paulistana.* São Paulo: Annablume, 2014.

_____. *Famílias Inter-Raciais: Tensões entre a Cor e o Amor*. Salvador:EDUFBA, 2018.

_____ e GONÇALVES, Mônica. *Resposta a Risério - O Discurso da mestiçagem a serviço da branquitude: Antônio Risério e as contradições de um racismo "anti"racialista.* In Site Geledés. Postado em 20/12/2017. Disponível em https://www.geledes.org.br/resposta-a-riserio/

SEXTON, Jared. *Amalgamation Schemes: Antiblackness and the Critique of Multiracialism.* Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

SILVA, Adriana Maria da P. *Aprender com Perfeição e sem Coação: uma Escola para Meninos Pretos na Corte.* Brasília: Plano, 2000.

SILVA, Erminia. *Circo-Teatro: Benjamim de Oliveira e a Teatralidade Circense no Brasil.* São Paulo: Altana, 2007.

SILVA, José Carlos. *Negros em São Paulo: Espaço Público Imagem e Cidadania*. In: Niemeyer, Ana Maria de; Godoi, Emília P. (Org.). Além dos Territórios. Para um Diálogo entre a Etnologia Indígena, os Estudos Rurais e Os Estudos Urbanos. Campinas: Mercado de Letras, 1998, v. 1, p. 65-96.

SILVA, Luciane Ramos. *Corpo em Diáspora – Colonialidade, Pedagogia de Dança e a Técnica Germaine-Acogny*. Tese de Doutorado em Artes da Cena. Instituto de Artes/UNICAMP, 2018.

SILVA, Salomão Jovino da. *Memórias Sonoras da Noite*. Tese de Doutorado em História - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____ *EM GOMA dos Pés a Cabeça, os Quintais que Sou* – Cia Capulanas de Arte Negra. 1. ed. São Paulo: Capulanas Cia de Arte Negra, 2011.

SLENES, Robert W. *Na Senzala, uma Flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
_____ Malungu, Ngoma vem: África coberta e descoberta do Brasil. In *Revista USP*, n 12, pp 48-67, 1992

SODRÉ, Muniz. *A Verdade Seduzida: Por um Conceito de Cultura no Brasil.* Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

_____. *O Terreiro e a Cidade. A Forma Social Negro-Brasileira.* Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Pensar Nagô.* São Paulo: Vozes, 2017

_____. *Samba. O Dono do Corpo*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

_____. Corporalidade e liturgia negra**.** In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.25*. Rio de Janeiro, 1997. pp 456-457

SOMÉ, Sobunfu. *O Espírito da Intimidade: Ensinamentos Ancestrais Africanos sobre Maneiras de se Relacionar*. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência: Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip-Hop.* São Paulo: Parábola, 2011.

SOYINKA, Wole. *Of África*. New Haven and London: Yale University Press, 2012.

STROTHER, Z.S. "Display of the Body Hottentot", in Lindfors, B., (Org.), *Africans on Stage: Studies in Ethnological Show Business*. Bloomington, Indiana, Indiana University Press: 1-55. 1999.

TAVARES, Julio Cesar de. *Diásporas Africanas na América do Sul: Uma Ponte sobre o Atlântico.* Brasília: MinC, 2007.

TELES, Lorena Féres da Silva. *Libertas entre Sobrados – Mulheres Negras e Trabalho Doméstico*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013.

TELLES, Edward. *Racismo à Brasileira.* São Paulo: Relume/Dumará, 2003.

THIONGO, Ngungi wa: *Decolonising the Mind: the Politics of Language in African Literature*. London: J. Currey, 1986.

THOMPSOM, Robert Farris. *Flash of the Spirit*. New York: Vintage Books, 1984.

VALVASSORI, Igor Santos. *Som de Valente – Bailes Negros em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana, FFLCH/USP, 2018.

VAZ, Toninho. *Meu Nome é Ébano. A Vida e a Obra de Luiz Melodia*. São Paulo: Tordesilhas, 2020.

WEST, Cornel. *Keeping Faith: Philosophy and Race in America.* Routledge, New York, 1993.

WILDERSON, Frank B. *Incognegro. A Memoir of Exile & Apartheid*. Boston: South End Press, 2008.

_____ *Afropessimism*. New York: Liveright Press, 2020.

WISSEMBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos Africanos, Vivências Ladinas: Escravos e Forros em São Paulo (1850-1888).* São Paulo, Hucitec/História Social, USP, 1998.

_____ Cultura escrita e escravidão: reflexões em torno das práticas e usos da escrita entre escravos no Brasil (GT 21). Reunião Anual da ANPED, 2002.

_____ Cartas, procurações, escapulários e patuás: os múltiplos significados da escrita entre escravos e forros na sociedade oitocentista. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n.4, jul-dez.2002, p.103-122

OUTRAS FONTES:

VÍDEOS (Músicas e documentários):

Geraldo Filme. Filme-documentário- *“Geraldo Filme - Criolo Cantando Samba Era Coisa Feia”*, de Carlos Cortez, 1998.

Geraldo Filme. *A Música Brasileira deste Século por seus Autores e Intérpretes*, São Paulo, Sesc, 2000.

Geraldo Filme - Acervo de Documentação do Museu da Imagem e do Som (MIS)

Itamar Assumpção: *“Daquele Instante em Diante”*, de Rogerio Velloso, 2011, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=be2n1tpJjf0

Luiz Melodia - *“Ébano”*.
Totonho - *“Seu rio, meu mar”*
Racionais – Álbuns: *“Raio X Brasil”, “Sobrevivendo no Inferno”* e *“Nada como um dia após o outro dia”*
DMN – *“H.Aço”*
Ba Kimbuta – *“Tenta me catar”*
Padeirinho – *“Se manda, mané”*

JORNAIS E REVISTAS:

A Voz da Raça. São Paulo, 28/04/1937, p. 4.

Correio de São Paulo. São Paulo, 30/04/1941, p. 9.

O Clarim d’Alvorada. São Paulo, 01/1930. p. 3.

Progresso. São Paulo, 02/1931

Cultura: Revista da Mocidade Negra. São Paulo, janeiro de 1934.

Evolução: Revista dos Homens Pretos de São Paulo. São Paulo, 13/05/1933, p. 8-14.